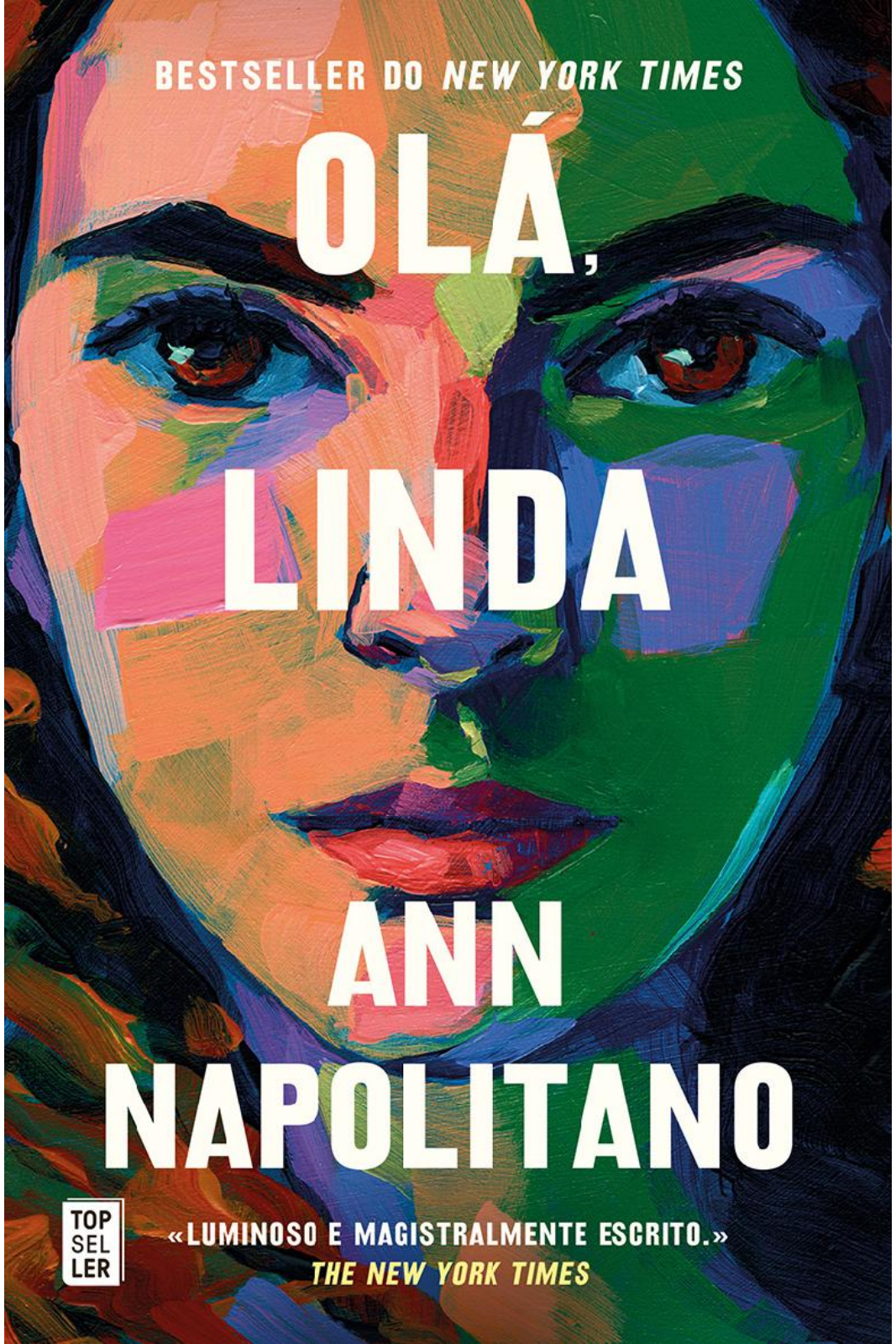




BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

**OLÁ,
LINDA
ANN
NAPOLITANO**

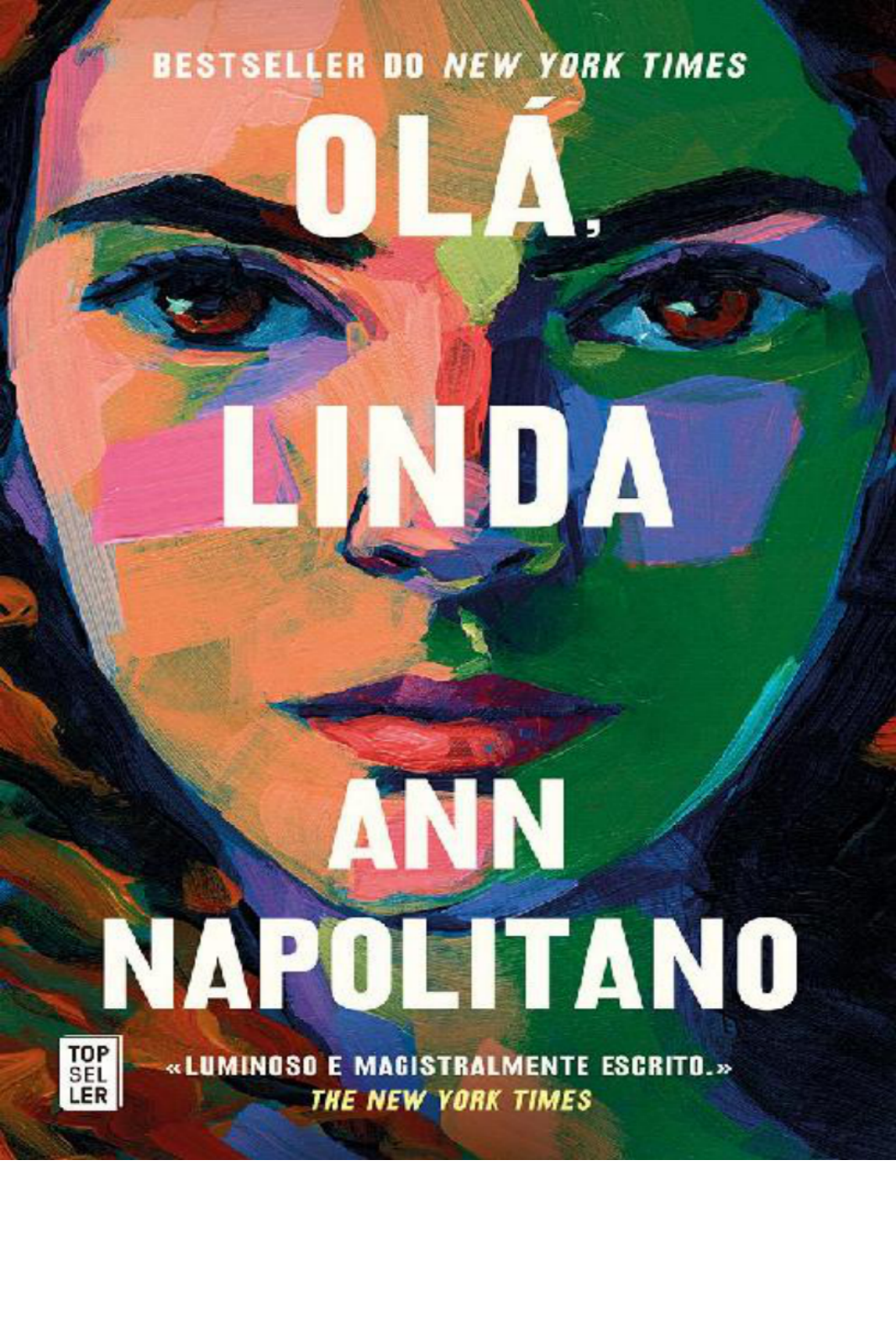
TOP
SEL
LER

«LUMINOSO E MAGISTRALMENTE ESCRITO.»

THE NEW YORK TIMES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

**OLÁ,
LINDA
ANN
NAPOLITANO**

TOP
SEL
LER

«LUMINOSO E MAGISTRALMENTE ESCRITO.»

THE NEW YORK TIMES

**ANN
NAPOLITANO**

**OLÁ,
LINDA**



os livros em primeiro lugar



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: outubro de 2023

OLÁ, LINDA

Título original: *Hello Beautiful*

© 2023, Ann Napolitano/ The Dial Press, uma chancela de Random House,
uma divisão de Penguin Random House LLC, Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Edição e coordenação editorial: Leonor Bragança

Tradução: Fernanda Semedo

Revisão: Manuela Duarte

Design de capa: Donna Cheng

Pintura da capa: Jessica Miller

Adaptação de capa: Wonder Studio

ISBN: 978-989-787-398-0

Composição digital: [leerendigital](#)

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.editora](https://facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

Olá, Linda

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Olá, Linda

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Ann Napolitano

Para Julie & Whit

*Alguém pensa que é sorte ter nascido?
Apresso-me a informar esse homem ou essa mulher
que é igual sorte viver ou morrer, eu sei.*

*Morro com aquele que vai morrer e nasço com aquele que está a nascer,
não estou contido entre o meu chapéu e as minhas botas,
E examino os mais variados objetos, nenhum igual ao outro e todos bons,
Boa a Terra e boas as estrelas e bons os seus complementos.*

Walt Whitman, *Canto de Mim Mesmo*, VI, 2.^a edição,
Assírio e Alvim, Lisboa, 1999

William

FEVEREIRO DE 1960 – DEZEMBRO DE 1978

Durante os primeiros seis dias da sua vida, William Waters não foi filho único. Tinha uma irmã com 3 anos, uma menina de cabelos ruivos chamada Caroline. Havia vídeos de Caroline, sem som, nos quais o pai parecia estar a rir, uma visão que William não voltaria a ter. O rosto do pai parecia iluminado, e a minúscula ruivinha, que, num dos vídeos, levantava o vestido para tapar a cara e corria em círculos, a rir-se, era aparentemente a razão. Caroline foi acometida de febre e tosse enquanto William e a mãe estavam no hospital, depois do nascimento dele. Quando voltaram para casa, a menina parecia estar a recuperar, mas a tosse ainda era muita, e quando os pais, uma manhã, foram buscá-la ao quarto, encontraram-na morta no berço.

Os pais de William nunca falaram de Caroline durante a infância dele. Havia uma fotografia dela na mesa da sala, fotografia essa que William visitava ocasionalmente para se convencer de que tivera realmente uma irmã. A família mudou-se para uma casa azul de madeira do outro lado de Newton — um subúrbio de Boston —, e nessa casa William foi filho único. O pai era contabilista e trabalhava longas horas na baixa. Com a morte da filha, o rosto do homem não voltou a iluminar-se. A mãe de William fumava e bebia *bourbon* na sala, por vezes sozinha, por vezes com uma vizinha. Tinha uma coleção de aventais com folhos que usava quando preparava as refeições e ficava agitada sempre que algum ficava com uma nódoa ou

se sujava.

— Se calhar não devias usar os aventais quando cozinhas — disse William certa vez, vendo a mãe à beira das lágrimas por causa de uma mancha escura de molho no tecido. — Podias antes prender um pano da loiça no cinto, como a Sra. Kornet.

A mãe fitou-o como se ele estivesse a falar grego.

— A Sra. Kornet, a vizinha do lado? O pano da loiça dela? — disse William.

A partir dos 5 anos, na maioria das tardes, William ia para o parque ao pé de casa com uma bola de basquetebol porque, ao contrário do basebol ou do futebol, era um jogo que podia praticar sozinho. Havia um campo ao ar livre praticamente abandonado que, regra geral, tinha um cesto vago, e William lançava bolas durante horas, fingindo ser um jogador dos Celtics. O seu favorito era o Bill Russell, mas para ser o Russell precisava de alguém para bloquear ou defender. O Sam Jones era o melhor lançador, por isso William era normalmente o Jones. Tentava imitar o lançamento perfeito do base e fingia que as árvores que rodeavam o campo eram fãs a aplaudir.

Certa tarde, tinha ele 10 anos, chegou ao campo e encontrou-o ocupado. Um grupo de rapazes — talvez uns seis, mais ou menos da idade de William — corria uns atrás dos outros, perseguindo uma bola entre os cestos. William começou a dar meia-volta para regressar a casa, mas um dos rapazes chamou-o.

— Ei, queres jogar? — E depois, sem esperar que William respondesse: — Ficas na equipa azul.

Numa questão de segundos, com o coração a palpar, William estava envolvido no jogo. Um miúdo passou-lhe a bola e ele devolveu-a imediatamente, com medo de lançar e falhar e de que lhe dissessem que era um péssimo jogador. Minutos depois, o jogo acabou abruptamente porque alguém precisava de ir para casa, e os rapazes dispersaram em direcções diferentes. William foi para casa com o coração ainda a matraquear dentro do peito. Depois disso, William encontrava, por vezes, os rapazes no campo quando aparecia com a sua bola. Não havia um horário concreto para a sua presença, mas chamavam-no sempre para jogar, como se fosse um deles. Isto nunca deixou de chocar William. Tanto crianças como adultos tinham sempre olhado através dele, como se fosse invisível. Os pais mal

olhavam para ele. William aceitara-o e sentia até que era compreensível: afinal de contas, era desinteressante e fácil de ignorar. A sua principal característica era a palidez: cabelo cor de areia, olhos azul-claros e a mesma pele branca partilhada por pessoas de ascendência inglesa e irlandesa. Por dentro, William sabia que era tão enfadonho e desengraçado quanto a sua aparência. Nunca falava com outras crianças na escola e ninguém brincava com ele. Os rapazes no campo de basquetebol, no entanto, ofereciam-lhe uma oportunidade de, pela primeira vez, fazer parte de algo sem precisar de falar.

No quinto ano, o professor de ginástica disse-lhe:

— Tu aí, costume ver-te a lançar bolas todas as tardes. Qual é a altura do teu pai?

William olhou-o com confusão.

— Não sei. A altura normal?

— OK, então, deves ser um base. Precisas de trabalhar o controlo da bola. Sabes quem é o Bill Bradley? Aquele tipo desengonçado dos Knicks? Quando era miúdo, colava cartão na parte de baixo dos óculos para não poder ver os pés. E depois driblava rua acima, rua abaixo. Parecia um maluco, é certo, mas o drible ficou quase perfeito. Tinha perfeita noção do ressaltado da bola e de como batê-la sem olhar.

Nessa tarde, William correu para casa com o corpo a vibrar de nervosismo. Fora a primeira vez que um adulto olhara diretamente para ele — que reparara nele, que reparara no que fazia —, e essa atenção perturbou-o. Teve um ataque de espirros enquanto procurava uns óculos de brincar no fundo da gaveta da secretária. Foi à casa de banho duas vezes antes de, com todo o cuidado, colar retângulos de cartão no fundo das lentes.

Sempre que William se sentia mal ou estranho, tinha medo de estar a morrer. Pelo menos uma vez por mês enfiava-se debaixo dos cobertores, convencido de estar fatalmente doente. Não dizia aos pais, porque a doença não era permitida em sua casa. Tossir, em particular, era visto como uma traição horrível. Quando William estava constipado, permitia-se tossir apenas dentro do roupeiro, com a porta fechada, abafando o rosto na fila de camisas penduradas que tinha de usar na escola. Tinha consciência da preocupação familiar a vibrar-lhe nos ombros e nuca enquanto corria para a rua com a bola e os óculos. Mas agora, William não tinha tempo para doenças, não

tinha tempo para o medo. Parecia sentir que a peça final da sua identidade se encaixava no lugar. Os rapazes no campo de basquete tinham-no reconhecido e o professor de ginástica também. William podia não fazer ideia de quem era, mas o mundo dissera-lho: era um jogador de basquetebol.

O professor de ginástica deu-lhe mais algumas sugestões que lhe permitiram desenvolver as suas capacidades.

— Para a defesa: empurra os miúdos com o ombro e o rabo. Os árbitros não consideram isso falta. Faz *sprints*: consegue um primeiro drible rápido e ganha ao teu defesa.

William trabalhou também os passes, para poder passar a bola aos melhores jogadores do parque. Queria manter o seu lugar no campo, e sabia que se tornasse o jogo dos outros rapazes melhor, teria valor. Aprendeu em que zonas correr para fornecer espaço para os lançadores entrarem. Fazia bloqueios, criando espaços para que fizessem os seus lançamentos favoritos. Os rapazes davam-lhe palmadinhas nas costas depois de uma jogada bem-sucedida e queriam-no sempre do seu lado. Esta aceitação acalmou alguns dos medos que William carregava dentro de si; no campo de basquetebol, sabia o que fazer. Quando entrou na secundária, tinha qualidade suficiente para começar na equipa principal da escola. Tinha 1,73 metros e jogava como base. As horas de prática com os óculos tinham compensado: era de longe o melhor driblador da equipa e tinha uma boa meia distância. Tinha trabalhado o ressalto, o que ajudava a diminuir as perdas de bola da sua equipa. O passe, no entanto, era o melhor talento de William, e os seus companheiros de equipa tinham noção de que os jogos lhes corriam melhor quando ele estava no alinhamento. Era o único caloiro na equipa principal, pelo que quando os colegas de equipa iam beber cerveja para a cave de casa de alguém cujos pais estavam dispostos a fazer vista grossa, nunca era convidado. Os colegas de equipa ficaram chocados — toda a gente ficou chocada — quando, no verão após o seu segundo ano, William cresceu mais de doze centímetros. Depois de começar a crescer, o seu corpo parecia não conseguir parar, e, no final da secundária, William media dois metros. Não conseguia comer o suficiente para acompanhar o crescimento e tornou-se extremamente magro. A mãe parecia assustada quando ele entrava na cozinha de manhã e dava-lhe um

snack sempre que ele passava perto. Parecia achar que a sua magreza lhe dava má reputação enquanto mãe, pois alimentá-lo era tarefa sua. Os pais iam, por vezes, aos jogos, mas apenas de vez em quando, sentando-se educadamente nas bancadas e parecendo não conhecer ninguém em campo.

Os pais não estavam presentes no jogo em que William, ao disputar um ressalto, foi atirado pelo ar. O seu corpo torceu-se ao cair e ele aterrou desastradamente em cima do joelho direito. A articulação absorveu todo o impacto e todo o seu peso. William ouviu o joelho fazer um barulho, e um nevoeiro desceu sobre ele. O treinador, que parecia ter apenas dois registos — gritar e murmurar —, gritava-lhe ao ouvido.

— Estás bem, Waters?

William geralmente respondia com perguntas, tanto aos gritos como aos murmúrios; nunca se sentia confiante o bastante para afirmar o que fosse. Pigarreou. O nevoeiro em redor e dentro de si era denso e misturava-se com a dor que irradiava do joelho.

— Não — disse.

Tinha fraturado a rótula, o que significava perder pelo menos sete semanas da sua época do 11.º ano. A perna foi imobilizada com gesso e William teve de andar de canadianas durante dois meses. O que isto significava era que, pela primeira vez desde que tinha 5 anos, não podia jogar basquetebol. William ficava sentado na cadeira da secretária e atirava papéis amarrotados para o cesto do lixo do outro lado do quarto. As nuvens que tinham descido com a lesão permaneciam; a sua pele estava húmida e quente. O médico tinha-lhe dito que recuperaria completamente e poderia jogar na época do 12.º ano, mas William sentia-se ligeiramente em pânico a cada minuto do dia. O tempo também se tornara estranho. Sentia que ia ficar preso àquele gesso, àquela cadeira, àquela casa para sempre. Começou a pensar que não conseguia fazer aquilo, ficar mais tempo dentro daquele corpo estragado. Pensou na irmã, na forma como Caroline tinha morrido. Pensava na sua ausência, que ele não compreendia, mas à medida que o ponteiro do relógio avançava de um minuto para o outro, desejava ter desaparecido também. Fora do campo de basquete, não tinha utilidade. Ninguém daria pela sua falta. Se desaparecesse, era como se nunca tivesse existido. Ninguém falava de

Caroline. Ninguém falaria dele. Só quando a perna finalmente se libertou do gesso e ele pôde voltar a correr e a fazer lançamentos é que o nevoeiro e os pensamentos acerca de desaparecer diminuíram.

Graças às suas notas decentes e à promessa que era enquanto jogador de basquete, William recebeu propostas de várias universidades que possuíam programas de basquetebol da primeira liga. William agradecia as bolsas, visto que os pais nunca tinham sugerido que lhe pagariam a universidade, e porque as via como uma garantia de basquetebol na sua vida. William queria sair de Boston — nunca estivera a mais de uma centena de quilómetros do centro da cidade —, mas o calor húmido do Sul punha-o nervoso, por isso aceitou uma bolsa para a Northwestern University, em Chicago. Em finais de agosto de 1978, na estação de comboios, William deu um beijo de despedida à mãe e apertou a mão ao pai. Com a mão premida de encontro à do pai, William teve o estranho pensamento de que talvez não os voltasse a ver — que eles só tinham tido um filho, e não era ele.

Na universidade, ao preencher o horário, William gravitou para as aulas de História. Tinha o que lhe pareciam ser lacunas a colmatar no seu conhecimento de como o mundo funcionava, e sentia que a História tinha as respostas. Agradava-lhe que a disciplina académica olhasse para eventos díspares e encontrasse um padrão. Se isto aconteceu, *então* aconteceu aquilo. Nada era totalmente arbitrário, podendo assim traçar-se uma linha desde o assassinato de um arquiduque austríaco até uma guerra mundial. A vida universitária era demasiado nova para ser previsível, e William esforçava-se por encontrar algum equilíbrio perante os alunos entusiasmados que lhe davam *high fives* enquanto ele percorria o corredor barulhento até à residência de estudantes. Dividia os dias entre o estudo na biblioteca, o treino no campo de basquetebol e as aulas. Em cada um desses locais, sabia o que fazer. Afundava-se nas cadeiras das salas de aulas, abria o caderno e sentia o corpo relaxar de alívio quando o professor começava a falar.

William raramente notava os outros alunos durante as aulas, mas, no seu seminário de História da Europa, Julia Padavano destacava-se,

pois o seu rosto tanto parecia iluminar-se de indignação, como, com as suas perguntas, conseguia enlouquecer o professor, um inglês já com alguma idade, que exibia um enorme lenço amarrotado na mão. Os seus cabelos compridos e encaracolados dançavam em torno do seu rosto vivo, à laia de cortinados, enquanto ela dizia coisas como «Professor, estou interessada no papel de Clementine nisto tudo. Não é verdade que ela era a principal conselheira de Churchill?» ou «Pode explicar o sistema de códigos da guerra? Quero dizer, os detalhes do seu funcionamento? Gostaria de ver um exemplo.»

William nunca falava nas aulas nem utilizava o horário de atendimento do professor. Acreditava que o papel dos alunos era ficar em silêncio e absorver o máximo de conhecimento possível. Partilhava a opinião do professor em relação à rapariga de cabelo encaracolado, ou seja, que as suas interrupções e perguntas frequentes, embora muitas vezes interessantes para William, eram rudes. A trama de uma sala de aula séria era criada por alunos que escutavam e por um professor que lhes fornecia sabedoria através de um tapete de palavras cuidadosamente desenrolado; esta rapariga abria buracos nessa trama, como se nem soubesse da sua existência.

William ficou muito surpreendido certa tarde, depois da aula, quando ela apareceu junto do seu ombro e lhe disse:

— Olá. Chamo-me Julia.

— William. Olá. — Viu-se forçado a pigarrear. Era provavelmente a primeira vez que falava nesse dia. A rapariga fitava-o com os seus olhos grandes e sérios. Ele reparou que, à luz do Sol, o seu cabelo castanho tinha reflexos da cor do mel. Ela parecia iluminada, por fora e por dentro.

— Porque é que és tão alto?

Não era invulgar as pessoas comentarem a altura de William; ele compreendia que o seu tamanho fosse uma surpresa sempre que entrava numa sala e que a maioria das pessoas se sentisse compelida a dizer alguma coisa. Sete vezes por semana ouvia coisas do género «Como é que está o tempo aí em cima?».

Julia, porém, parecia desconfiada ao fazer a pergunta, e a sua expressão fê-lo rir. Parou no caminho que atravessava o pátio, e ela também parou. William raramente se ria, e sentiu um formigueiro nas mãos, como se tivesse acabado de acordar de um sono privado de

oxigénio. A sensação geral era a de estar a receber cócegas agradáveis. Mais tarde, William olharia para este momento sabendo que fora aí que se apaixonara por ela. Mais exatamente, quando o seu corpo se apaixonara por ela. No meio do pátio, a atenção de uma rapariga específica arrancava risos dos cantos mais escondidos dentro de si. O corpo de William — cansado e entediado graças à sua mente hesitante — via-se forçado a lançar fogo de artifício nos seus nervos e músculos para o alertar de que algo de importante estava a acontecer.

— Estás a rir porquê? — perguntou Julia.

A custo, ele conseguiu conter o riso.

— Por favor, não fiques ofendida — pediu.

Ela assentiu impacientemente com a cabeça.

— Não fiquei.

— Não sei porque é que sou tão alto. — Contudo, secretamente, ele acreditava que tinha crescido tanto por causa da sua força de vontade. Um verdadeiro jogador de basquetebol precisava de medir, pelo menos, 1,90 metros, e William preocupara-se tanto com isso que, de alguma forma, desafiara a sua genética. — Estou na equipa de basquetebol da universidade.

— Pelo menos estás a transformar isso numa virtude — disse ela. — Talvez vá ver um dos teus jogos. Geralmente não me interessa por desporto. Só venho ao *campus* para as aulas. — Fez uma pausa, e depois disse rapidamente, como se isso a embaraçasse. — Vivo em casa dos meus pais, para poupar dinheiro.

Julia pediu-lhe que anotasse o seu número de telefone no caderno de História e, antes de ela se ir embora, ele concordou em telefonar-lhe na noite seguinte. De certa forma, era irrelevante que se tivesse apaixonado por ela ou não. No meio do pátio, aquela jovem parecia ter decidido que seriam namorados. Mais tarde, ela contar-lhe-ia que o tinha observado nas aulas durante semanas e que lhe agradara a sua atitude séria e atenta. «Sem tolices, ao contrário dos outros rapazes», explicou.

Mesmo depois de conhecer Julia, o basquetebol continuou a ocupar a maior parte do tempo e dos pensamentos de William. Tinha sido o melhor jogador na sua equipa do liceu; em Northwestern, sentia-se desanimado ao perceber que estava entre os mais fracos. Nesta equipa, a altura não bastava para se destacar, e os outros

rapazes eram mais fortes do que ele. A maioria levantava pesos há alguns anos. William sentia-se em pânico por não ter pensado em fazer o mesmo. Era facilmente empurrado e derrubado durante os treinos. Começou a ir à sala de pesos antes de ir treinar e ficava no campo até tarde para treinar lançamentos de diferentes ângulos. Como estava sempre com fome, guardava sandes nos bolsos do blusão. Percebeu que o seu papel na equipa seria provavelmente o de «cola». Era suficientemente bom nos passes, nos lances e na defesa para se tornar útil, apesar de não ser um atleta dotado. A sua capacidade mais valiosa era a de raramente cometer erros em campo. «Elevado QI de basquete, mas sem capacidade de salto», ouviu um dos treinadores dizer, sem saber que ele estava por perto.

A sua bolsa exigia que ele tivesse um trabalho no *campus* e, de uma lista de possibilidades, escolheu a que se realizava no edifício do ginásio, uma vez que era conveniente para o basquete. À hora marcada, compareceu na lavandaria, na subcave do enorme edifício, e foi confrontado com uma mulher de óculos, muito magra, com uma cabeleira afro altíssima. Esta abanou a cabeça:

— Estás no sítio errado. Disseram-te para vires aqui? Os rapazes brancos não trabalham na lavandaria. Tens de ir para a biblioteca ou para o centro recreativo dos estudantes. Vai lá.

William observou a extensão da sala comprida e estreita. Havia uma fila de trinta máquinas de lavar numa parede, e trinta máquinas de secar na outra. Era verdade que, pelo que via, mais ninguém era branco.

— O que é que isso importa? — disse. — Quero fazer este trabalho. Por favor.

Ela abanou novamente a cabeça e os óculos descaíram-lhe no nariz, mas, antes de conseguir falar, uma mão bateu nas costas de William e uma voz rouca disse o seu nome. Ele virou-se e viu um dos outros caloiros da equipa de basquete, um vigoroso extremo-poste chamado Kent. Este tinha as capacidades quase opostas às de William no basquete: era um atleta superior que afundava teatralmente, que se movia agressivamente nos ressaltos e corria todos os minutos em que estava no jogo, mas que lia mal as jogadas, causava inúmeras perdas de bola e nunca sabia onde se posicionar na defesa. O treinador levava sempre as mãos à cabeça quando via Kent correr pelo campo,

provavelmente tonto com a disparidade entre o potencial físico do jovem e o seu jogo errático de alta velocidade.

— Então, meu — disse Kent —, também vens trabalhar aqui? Posso mostrar-lhe como fazer as coisas, se quiser, minha senhora. — Kent dirigiu um sorriso encantador à mulher severa, e ela amoleceu.

— Pronto, está bem. Tira-o da minha frente e eu finjo que ele não está aqui.

Daí em diante, William e Kent organizaram os seus turnos na lavandaria de modo a trabalharem lado a lado. Lavavam centenas de toalhas e os equipamentos de todas as equipas. Os de futebol eram os piores, por causa do cheiro e das nódoas de relva que exigiam que se esfregasse o tecido com uma lixívia especial. William e Kent desenvolveram um ritmo para cada passo do processo de lavandaria; com o foco no *timing* e na eficiência, o trabalho parecia uma extensão do treino de basquetebol. Usavam o tempo para planear jogadas e perceber como a equipa podia melhorar.

Certa tarde, enquanto dobravam uma enorme pilha de toalhas, William explicou:

— É assim: começa com passe de base para base, o extremo vem do bloqueio na linha de fundo, e um base faz um bloqueio indireto ao poste.

Fez uma pausa, para se certificar de que Kent estava a segui-lo.

— Se o passe entra no poste, o extremo sai para o canto e o outro extremo sai do bloqueio, e então o base faz um bloqueio indireto no lado mais fraco.

— Bloquear o bloqueador.

— É isso. E se o poste passa para o extremo, então o movimento repete-se continuamente.

— Isso é demasiado previsível! O treinador quer que façamos sempre e sempre a mesma coisa...

— Mas se fizermos bem, não há muito que uma defesa possa fazer para nos parar. Mesmo que eles saibam o que vai acontecer. Sobretudo se nós...

— Rapazes — disse o homem junto à máquina de secar seguinte —, sabem que o que dizem não faz sentido nenhum? Quer dizer, eu vejo basquete, e não faço ideia do que estão a falar.

Kent e William sorriram-lhe. No final do turno, subiram para o

ginásio, onde a temperatura estava muito mais fria, e fizeram lançamentos.

Kent era de Detroit, tinha opiniões sonantes sobre todos os jogadores e equipas da NBA, e muitas vezes interrompia as frases a meio para se rir de uma das muitas piadas parvas que voavam como aviões de papel no balneário. Durante os treinos, o treinador ralhava-lhe repetidamente por se exhibir, e Kent pedia desculpa, mas era incapaz de não voltar a fazê-lo cinco minutos depois.

— Vamos aos básicos! — troava o treinador, vez após vez.

Kent dizia ser aparentado com Magic Johnson, um sénior da Michigan State vastamente considerado como primeira escolha no próximo recrutamento da NBA. Era tão fácil para Kent fazer amigos — toda a gente gostava dele —, que William não percebia porque escolhera passar tempo consigo. O que via, de facto, era que Kent parecia deleitar-se no silêncio de William como uma oportunidade de gerir a amizade entre ambos. Kent fazia a maior parte da conversa, e só aos poucos William percebeu que ele contava histórias pessoais para o levar a partilhar as suas. Depois de o ouvir falar sobre a leucemia da avó, a qual apanhara toda a família de surpresa — ao que parecia, ela afirmava que ia viver para sempre, e era uma força tão poderosa que todos tinham acreditado nisso —, William contou a Kent que trocara apenas uma carta com os pais até à data e que iria ficar na universidade durante as férias de Natal.

Após uma longa noite de treino, enquanto caminhavam lentamente pelo pátio, sentindo câibras por causa do esforço, Kent disse:

— Às vezes tenho de me lembrar que não importa se o treinador me põe no banco ou grita comigo por não gostar do meu lindo jogo. Vou para a faculdade de medicina. Ele não pode impedir que o meu futuro aconteça.

William ficou surpreendido.

— Vais ser médico?

— Cem por cento. Ainda não tenho tudo organizado, mas vou fazê-lo. E tu, o que vais fazer depois da universidade?

William teve consciência dos seus dedos frios. Estavam no princípio de novembro e, quando inspirava, sentia o ar gelado nos pulmões. William nunca considerara a vida depois da universidade;

tinha consciência de que mantinha propositadamente os olhos longe do futuro. Queria dizer «basquetebol», mas não era suficientemente bom para que essa se tornasse a sua carreira. O facto de Kent lhe fazer a pergunta confirmava que também não o achava bom o suficiente.

— Não sei — disse William.

— Então, vamos começar a pensar nisso — disse Kent. — Tu tens talentos. Temos tempo.

Tenho talentos?, pensou William. Não tinha noção de nenhum, fora do campo de basquetebol.

Julia assistiu a um jogo no princípio de dezembro, e quando William a avistou nas bancadas, a sua visão enevoou-se e passou a bola à outra equipa.

— Ei! — gritou Kent correndo junto dele. — Que estupidez foi essa?

Na meia quadra de defesa, William fez dois roubos de bola que transformaram a energia do jogo a favor dos Wildcats. No ataque, no topo do garrafão, fez um passe picado para um lançador liberto no canto. Kent gritou, mesmo antes do meio tempo: «Já percebi! Tens aqui uma rapariga! Onde é que ela está?»

Depois do jogo — com a vitória dos Wildcats e os melhores minutos do início da temporada de William —, subiu às bancadas para ir ter com Julia. Só ao aproximar-se percebeu que ela estava sentada com três raparigas parecidas com ela. Tinham todas os mesmos caracóis selvagens pelos ombros.

— Estas são as minhas irmãs — disse Julia. — Trouxe-as para serem as tuas olheiras. É a linguagem do basquete, não é?

William assentiu com a cabeça e — sob o escrutínio das quatro raparigas — teve de repente consciência de como os seus calções eram curtos e como a sua camisola de alças era transparente.

— Nós gostámos — disse uma das raparigas de aspeto mais jovem —, mas parece ter sido muito cansativo. Acho que nunca na minha vida inteira suei tanto como tu. Sou a Cecelia e esta é a Emeline, a minha gémea. Temos 14 anos.

Emeline e Cecelia dirigiram-lhe sorrisos amigáveis, e ele sorriu-lhes de volta. Julia e a outra irmã estavam a examiná-lo como se fossem joalheiras a avaliar uma pedra preciosa. Não ficaria surpreendido se uma delas tirasse uma lupa de relojoeiro da mala

e a encostasse ao olho.

Julia falou.

— Parecias tão poderoso... ali, no campo.

William corou e o cimo das bochechas de Julia também ficou rosado. Conseguia ver o desejo daquela rapariga bonita por ele, e não acreditava na sua sorte. Nunca o tinham desejado. Tinha vontade de a tomar nos braços, em frente das irmãs, em frente do pavilhão todo, mas esse género de ação arrojada não estava na natureza de William. Estava encharcado em suor, e Julia recomeçara a falar.

— Esta é a minha irmã Sylvie — apresentou. — Eu sou a mais velha, mas apenas dez meses.

— Prazer em conhecer-te — disse Sylvie.

O cabelo dela era um tom mais escuro do que o de Julia e era mais miudinha, menos curvilínea. Pôs-se a examinar William, enquanto Julia continuava radiosa como um pavão, com o leque de penas todo aberto. Sem se conseguir mexer, William notou um dos botões da blusa de Julia libertar-se da respetiva casa, demasiado pressionado pelo generoso peito da rapariga. Teve um vislumbre de um soutien cor-de-rosa antes de ela se aperceber e de voltar a compor-se.

— Quantos irmãos tens? — A pergunta partira de Emeline ou de Cecelia, enfim, de uma delas. Não eram idênticas, mas, para William, eram muito parecidas. A mesma pele morena, o mesmo cabelo castanho-claro.

— Irmãos? Nenhum — disse ele, embora, claro, tivesse pensado na fotografia emoldurada da criança ruiva na sala de estar dos pais.

Julia já sabia que ele era filho único — tinha sido uma das suas primeiras perguntas durante o primeiro telefonema —, mas as outras três raparigas pareciam comicamente chocadas.

— Isso é terrível — disse Emeline ou Cecelia.

— Devíamos convidá-lo para jantar lá em casa — sugeriu Sylvie, e as outras raparigas acenaram com as cabeças em concordância. — Parece sozinho.

E, dessa forma, ao fim de quatro meses na universidade, William deu por si com a primeira namorada e uma nova família.

Julia

DEZEMBRO DE 1978 – JULHO DE 1981

Julia estava no jardim das traseiras, um retângulo de cinco metros por quatro limitado por cercas de madeira, a ver a mãe apanhar as últimas batatas da estação, exatamente à hora a que William devia chegar. Sabia que ele seria pontual e que uma das irmãs lhe abriria a porta. William seria provavelmente envergonhado pelo pai, que lhe perguntaria se ele sabia algum poema de cor, e por Emeline e Cecelia, que não parariam quietas nem caladas. Sylvie estava a trabalhar na biblioteca, pelo que seria poupado ao seu olhar inquisidor. Alguns minutos sozinho com as irmãs e o pai ajudariam William a conhecê-los — Julia queria que ele visse como eram amorosos —, e, como bônus, ficaria ainda mais entusiasmado por vê-la quando ela entrasse. Julia era famosa na sua família por fazer grandes entradas, o que, na verdade, significava apenas que pensava no *timing*, enquanto mais ninguém da família o fazia. Quando era pequena, Julia rodopiava para dentro da cozinha ou da sala gritando *tcharan!*

Que pensaria William da sua casinha pequena, espremida entre as idênticas casas quadrangulares em 18th Place? Os Padavanos viviam em Pilsen, um bairro da classe operária cheio de imigrantes. As laterais dos edifícios estavam adornadas por murais coloridos, e no supermercado local era tão provável ouvir falar espanhol ou polaco como inglês. Julia temia que William achasse decrépitos, tanto o bairro, como o interior da casa da sua família. O sofá florido tapado

com plástico. O crucifixo de madeira na parede. A multidão de santas emolduradas ao lado da mesa de jantar. Quando a mãe de Julia estava frustrada, nomeava-as em voz alta, de olhos fixos nos rostos das mulheres, como que a implorar-lhes que a salvassem daquela família. *Adelaide, Inês de Roma, Catarina de Siena, Clara de Assis, Brígida da Irlanda, Maria Madalena, Filomena, Teresa de Ávila, Maria Goreti.* As quatro raparigas Padavano sabiam recitar aqueles nomes melhor do que o rosário. Era invulgar que um jantar de família terminasse sem o pai a recitar poesia ou a mãe, as suas santas.

Julia estremeceu de frio. Estava sem casaco; fazia quatro graus no exterior e a maioria dos habitantes de Chicago recusava-se a considerar que estava frio enquanto a temperatura não descesse abaixo de zero.

— Gosto dele — disse ela para as costas da mãe.

— É um bêbedo?

— Não. É jogador de basquetebol. E estudante do quadro de honra. Vai formar-se em História.

— É tão inteligente como tu?

Julia ponderou. William era claramente inteligente. O seu cérebro funcionava. Fazia perguntas que a deixavam perceber que estava interessado em compreendê-la. Contudo, a sua inteligência não se revelava sob a forma de opiniões fortes. Era interessado nas perguntas e incerto nas respostas; era moldável. William tinha estudado com Julia algumas vezes na Biblioteca Lozano, a qual ficava apenas a alguns quarteirões de distância da casa dos Padavanos. Sylvie trabalhava na biblioteca, que toda a gente do bairro usava como ponto de encontro, mas estudar ali implicava que William teria pela frente uma hora de viagem à noite, muito tarde, de regresso à residência de estudantes. Quando faziam planos para o fim de semana, ele dizia sempre: «Fazemos o que quiseres. Tens as melhores ideias.»

Julia nunca tinha considerado a ideia de inteligência física até assistir ao jogo de basquetebol de William. Ficou surpreendida por se ter sentido tão excitada ao ver William competir com a sua equipa. Tinha visto um lado dele mais voluntarioso do que o que mostrava fora do campo: gritando instruções aos companheiros de equipa, usando o seu corpo forte e alto para bloquear o acesso de um adversário ao cesto. Julia não tinha interesse em desporto e não

compreendia as regras, mas o seu bonito namorado correria e saltaria e giraria com uma fisicalidade tão pura e uma tal intensidade de foco, que ela dera por si a pensar: *sim*.

— Ele é uma pessoa séria — disse Julia. — Leva a vida a sério, tal como eu.

Rose pôs-se de pé. Um estranho poderia ter-se rido ao vê-la, mas Julia estava acostumada à indumentária da mãe. Quando jardinava, Rose usava um equipamento de recetor de basebol modificado, encimado por um *sombrero* azul-marinho. Achava tudo na rua. A sua parte do bairro era totalmente italiana, mas muitas das outras ruas estavam cheias de famílias mexicanas, e Rose tirara o chapéu do lixo de alguém após uma celebração do Cinco de Maio. Apanhara o equipamento de basebol quando Frank Ceccione, que morava duas portas abaixo, se metera na droga e abandonara a equipa da secundária. Rose usava as suas enormes proteções de pernas e cosera grandes bolsos para os utensílios de jardinagem no protetor de peito. Parecia preparada para uma espécie de jogo — só não era muito claro que jogo seria esse.

— Então, não é mais inteligente do que tu. — Rose levantou o *sombrero* e passou a mão pelo cabelo, encaracolado, como o das filhas, mas entremeado de brancos.

Não era, de longe, tão velha como parecia, mas, anos antes, Rose proibira qualquer celebração do seu aniversário, uma declaração de guerra pessoal contra a passagem do tempo. A mãe de Julia fixou os olhos nas filas de terra da sua horta. Batatas e cebolas era tudo o que restava para ser apanhado; a maior parte do trabalho de Rose era agora devotado a preparar a horta para o inverno. As únicas secções de terra não cultivada estavam reservadas para um caminho estreito entre as plantas e uma escultura branca da Virgem Maria, encostada ao canto esquerdo da cerca ao fundo da horta. Rose suspirou.

— Ainda bem, acho eu. Eu sou um milhão de vezes mais inteligente do que o teu pai.

Julia percebia perfeitamente que «inteligente» era um termo ambíguo — como é que se quantificava isso, quando nenhum dos seus pais tinha frequentado a universidade? —, mas a mãe tinha razão. Julia vira fotos de Rose, bonita e aprumada, sorrindo na sua pequena horta com Charlie, no início do seu casamento, mas a mãe acabara por

aceitar e envergar a decepção marital da mesma forma que envergava a sua ridícula indumentária de jardinagem. Todos os seus consideráveis esforços para incentivar o marido a algum género de estabilidade financeira e sucesso tinham sido em vão. Agora, a casa era o espaço de Charlie, e o refúgio de Rose era a horta.

O céu estava a escurecer e o ar arrefecia. Quando as temperaturas abaixo de zero viessem para ficar, o bairro silenciar-se-ia, mas, esta noite, tagarelava como se tentasse pronunciar as palavras finais: gargalhadas sonoras de crianças distantes; a velha Sra. Ceccione a gorjear no seu jardim; uma mota a tossir três vezes antes de pegar.

— Acho que está na hora de ir para dentro — disse Rose.
— Envergonha-te a forma como a tua velhota está vestida?

— Não — disse Julia.

Ela sabia que a atenção de William estaria voltada para si. Adorava o olhar cheio de esperança que William lhe dirigia, como se fosse um barco a olhar o porto almejado. William tinha crescido numa boa casa, com um pai que tinha uma profissão, um grande relvado e um quarto só para si. Claramente reconhecia o sucesso e a segurança, e o facto de ele ver essas possibilidades em Julia era imensamente agradável para ela.

Rose tentara construir uma vida sólida, mas Charlie desencaminhara ou derrubara cada pedra por ela lançada. Julia tinha decidido a meio da sua primeira conversa com William que ele era o homem para ela. Tinha tudo o que ela procurava e, tal como dissera à mãe, gostava mesmo dele. Vê-lo fazia-a sorrir e adorava encaixar a sua mão pequena na enorme mão dele. Formavam uma excelente equipa: William tinha experimentado o género de vida que Julia queria, por isso podia direccionar a infindável energia dela enquanto construíssem o seu futuro juntos. Quando ela e William estivessem casados e estabelecidos na sua própria casa, ela ajudaria a sua família. A sua sólida fundação alargar-se-ia para se tornar na deles.

Quase riu alto ao perceber o alívio na cara do namorado quando a viu entrar. William estava sentado ao lado do pai no sofá que rangia, e Charlie tinha o braço no ombro do jovem rapaz. Cecelia estava esparramada no velho cadeirão vermelho e Emeline olhava para o espelho pendurado ao lado da porta da rua, ajeitando o cabelo.

Com uma voz séria, Cecelia dizia:

— Tens um nariz magnífico, William.

— Oh — disse ele, claramente surpreso. — Obrigado?

Julia sorriu.

— Não liguês à Cecelia. Ela fala assim porque é artista.

Cecelia tinha acesso especial à sala de artes do liceu, e considerava tudo na sua linha de visão como fonte de material para futuras pinturas. Da última vez que Julia — intrigada pela expressão concentrada no rosto de Cecelia — perguntara à irmã em que pensava, ela respondera «púrpura».

— Tens mesmo um nariz bonito — disse Emeline educadamente, reparando no rubor de William e querendo fazê-lo sentir-se melhor. Emeline interpretava sempre o tom emocional das salas e queria que toda a gente se sentisse confortável e contente em todos os momentos.

— Ele não sabe uma palavra de Whitman — disse Charlie a Julia. — Consegues imaginar? O William chegou aqui mesmo a tempo. Deilhe alguns versos para o ajudar.

— Ninguém conhece Whitman tirando tu, papá — disse Cecelia.

O facto de William não conhecer nenhum dos poemas de Walt Whitman era uma validação adicional para Julia de que o namorado era diferente do pai. Percebia pela voz de Charlie que estivera a beber, mas ainda não estava bêbedo. Tinha um copo na mão, meio cheio, com cubos de gelo a derreter.

— Posso reservar o *Folhas de Erva* para ti na biblioteca, se quiseres — disse Sylvie a William. — Vale a pena lê-lo.

Julia não tinha reparado em Sylvie, que estava à porta da cozinha. Devia ter chegado a casa do seu turno na biblioteca, e os seus lábios ostentavam o género de vermelho-escuro que significava que tinha estado a beijar um dos seus rapazes nos corredores entre as estantes. Sylvie frequentava o 12.^o ano e passava as horas livres a fazer o máximo de turnos possíveis para poupar dinheiro para a universidade comunitária. Não conseguiria uma bolsa académica como Julia, porque não possuía a determinação da irmã para obter uma. Sylvie tinha nota máxima nas disciplinas que lhe interessavam, mas Suficiente ou Insuficiente em tudo o resto. Julia manobrava a sua determinação como se fosse um cortador de relva e cortara através da escola secundária com o passo seguinte sempre em vista.

— Obrigado — disse William. — Receio não ter lido muita poesia,

em geral.

Julia tinha a certeza de que William não notara os lábios da irmã, e mesmo que tivesse notado, não perceberia o que significavam. Sylvie era a irmã de que Julia era mais próxima, e era também a única pessoa que inibia Julia, que a deixava sem palavras. A irmã lera centenas de romances — tinha sido o único interesse e passatempo de Sylvie durante as suas vidas —, e, daqueles livros, arrancara um objetivo para a vida: viver uma grande história de amor, daquelas que acontecem uma vez num século. Embora fosse um sonho de infância, Sylvie ainda se agarrava a ele com ambas as mãos. Procurava-o — a sua alma gémea — todos os dias da sua vida. E curtia com rapazes durante os seus turnos na biblioteca para treinar para quando o encontrasse. «Não é correto praticar assim», declarara Julia quando estavam deitadas lado a lado no escuro do seu quarto, à noite. «E, seja como for, o género de amor que procuras é inventado. A ideia de amor nesses livros — *O Monte dos Vendavais*, *Jane Eyre*, *Anna Karenina* — é de que este é uma força que te oblitera. São sempre tragédias, Sylvie. Pensa nisso. Esses romances acabam todos em desespero ou morte.»

Sylvie tinha suspirado.

«A tragédia não é a questão», respondeu. «Lemos esses romances hoje em dia porque o amor é tão imenso e verdadeiro que não podemos desviar os olhos. Não é obliteração, é um género de expansão, acho eu. Se eu tiver a sorte de conhecer um amor assim...» Calou-se, incapaz de pôr em palavras o quanto isso seria significativo.

Julia abanou a cabeça à visão dos lábios vermelhos da irmã, porque este sonho era capaz de fazer ricochete. Sylvie preocupava-se demasiado e vivia demasiado na sua cabeça. Seria catalogada como galdéria e acabaria por casar com um falhado bem-parecido por este a olhar de uma forma que lhe lembrava Heathcliff.

Emeline estava a falar do seu professor da sala de estudo, que se encontrava em liberdade condicional por fumar marijuana.

— Ele é tão honesto — disse ela. — Contou-nos que tinha sido apanhado e tudo. Espero que não se meta em mais sarilhos por nos ter contado. Parece não compreender as regras dos adultos em relação ao que dizer e ao que guardar para si. Estou sempre com vontade de o mandar calar.

— Também lhe devias dizer para não fumar erva — aconselhou Cecelia.

— Vamos comer? — Rose viera do seu quarto, lavada e envergando um dos seus melhores vestidos de trazer por casa. — É muito bom conhecer-te, William. Gostas de vinho tinto?

Ele pôs-se de pé, desdobrando o seu corpo comprido do sofá baixo. Assentiu com a cabeça.

— Olá, minha senhora.

— Santa mãe de Maria. — Ela mal tinha metro e meio. — Não te lembraste de avisar que ele era um gigante, Julia?

— Mas é uma maravilha, não é? — disse Charlie. — Amoleceu a nossa Julia, o que eu não teria julgado possível. Olha para o sorriso dela.

— Pai — disse Julia.

— Em que posição jogas? — perguntou Charlie a William.

— Extremo.

— Ah! Se tu és o extremo, detestaria conhecer o poste.

— Pergunto-me qual será a explicação evolucionária para este género de altura — disse Sylvie. — Precisariámos de pessoas que pudessem espreitar por cima de muros, para ver se vinha lá o inimigo?

Toda a gente na sala se riu, incluindo William, e Julia achou que ele parecia um pouco comovido no centro da ação. Avançou para ele e sussurrou:

— Somos excessivos para ti?

Ele apertou-lhe a mão, um gesto que ela compreendeu que significava ao mesmo tempo sim e não.

O jantar não foi delicioso. Apesar de cultivar legumes lindos, Rose detestava cozinhar, por isso faziam turnos para tratar dos jantares. Os legumes, aliás, não eram para eles — eram vendidos pelas gémeas todos os fins de semana num mercado de agricultores num bairro rico vizinho. Era a vez de Emeline cozinhar, o que significava comida congelada. O convidado era o primeiro a escolher a sua; William escolheu peru, que vinha num tabuleiro com pequenos compartimentos para puré de batata, ervilhas e molho de arando. Os membros da família escolheram descuidadamente depois dele e começaram a comer. Emeline também tinha feito croissants, tirados da embalagem e cozidos no forno. Estes suscitaram mais entusiasmo e

desapareceram em dez minutos.

— A minha mãe fazia este género de jantar quando eu era pequeno — disse William. — É agradável comê-lo outra vez. Obrigado.

— Fico feliz por não estares consternado com a nossa receção — disse Rose. — Gostava de saber se foste educado como católico.

— Frequentei sempre a escola católica em Boston.

— Vais seguir a mesma profissão do teu pai? — perguntou Charlie.

A pergunta surpreendeu Julia, e ela percebeu que também sobressaltara as irmãs. Charlie nunca falava de trabalho, nunca perguntava sobre o emprego de ninguém. Detestava o seu emprego na fábrica de papel. A única razão para não ser despedido — segundo Rose — era o facto de o dono da fábrica ser seu amigo de infância. Charlie dizia regularmente às filhas que um emprego não fazia uma pessoa. «O que é que te faz, pai?», perguntara Emeline alguns anos antes em resposta a este comentário. Falara com toda a sua doçura de menina pequena; era do consenso comum que ela era a mais gentil e franca das quatro raparigas. «O teu sorriso», respondera Charlie. «O céu noturno. O cornizo a florir em frente à casa da Sra. Ceccione.»

Julia ouvira e pensara: *Só disparates. E sem utilidade para a mãe, que lava a roupa de estranhos todas as semanas para pagar as contas.*

Talvez Charlie estivesse a tentar fazer o mesmo tipo de perguntas que achava que os outros pais faziam aos namorados das filhas. Depois de as palavras lhe saírem da boca, terminou a sua bebida e estendeu a mão para a garrafa de vinho.

«O pai parecia assustado», notaria Sylvie mais tarde ao falar com Julia no escuro. «E ouviste a mãe usar a palavra “consternado”? Ela nunca fala assim. Estavam os dois a exhibir-se para o William.»

— Não, senhor — respondeu William. — O meu pai é contabilista. Eu... — Hesitou, e Julia pensou, *Isto é difícil para ele. Não tem a resposta. Tem falta de respostas.*

Um arrepio de prazer percorreu-lhe a espinha. Julia era especialista em respostas. Desde que começara a falar que dava ordens às irmãs, apontando os seus problemas e fornecendo soluções. Por vezes, as irmãs achavam isto irritante, mas também admitiam que ter uma «solucionadora de problemas encartada» na sua própria casa era

uma mais-valia. Uma a uma, iam ter com ela e diziam humildemente: «Julia, tenho um problema.» Podia ser por causa de um rapaz cruel, de um professor severo ou de um colar emprestado e perdido. E Julia delirava com o pedido, esfregava as mãos e descobria o que fazer.

— Se o basquete não resultar, talvez... — disse William. A sua voz deteve-se. Parecia tão perdido como Charlie um momento antes, suspenso no tempo, como se a sua única esperança fosse o fim da frase aparecer magicamente.

— Talvez se torne professor — disse Julia.

— Oh — disse Emeline, aprovando. — Há um professor bem parecido a dois quarteirões daqui, e as senhoras seguem-no por todo o lado. Usa casacos incríveis.

— Professor de quê? — perguntou Sylvie.

— Não faço ideia — disse Emeline. — Não importa, pois não?

— Claro que importa.

— Um *professor* — repetiu Charlie, como se Julia tivesse dito «astronauta» ou «presidente dos Estados Unidos». Rose estava sempre a falar da universidade, mas a sua instrução terminara depois do liceu, e Charlie desistira da universidade depois de Julia nascer. — Isso era qualquer coisa.

William lançou um olhar a Julia, em parte agradecimento, em parte algo mais, e a conversa à mesa prosseguiu.

Depois do jantar, enquanto passeavam pelo bairro, William disse:

— Que conversa foi aquela de eu ser professor?

Julia sentiu as bochechas ficarem vermelhas.

— Queria ajudar, e o Kent disse-me que estavas a escrever um livro acerca da história do basquetebol.

William largou-lhe a mão, sem parecer dar por isso.

— Disse? Não é um livro. Nesta altura, quase não passam de anotações. Não sei se alguma vez será um livro. Não sei o que vai ser.

— É impressionante — disse ela. — Não conheço mais nenhum universitário que esteja a escrever um livro no seu tempo livre. É muito ambicioso. A mim, dá-me ideia de um futuro professor.

Ele encolheu os ombros, mas ela percebeu que ele estava a considerar a hipótese.

William era alto e fazia sombra por cima dela. Um homem, mas jovem. Esta noite, Pilsen estava abafada sob um céu azul-marinho.

Eles estavam numa pequena rua lateral. Ela via o pináculo da igreja de St. Procopius, onde a sua família assistia à missa de domingo, alguns quarteirões à direita. Julia pensou em Sylvie a ser beijada de encontro a uma fila de romances de ficção científica sob as luzes brilhantes da biblioteca. Estendeu a mão e puxou o peito do casaco de William. *Chega aqui abaixo.*

Ele conhecia este sinal e baixou a cabeça. Os seus lábios encontraram os dela — gentis, quentes — e uniram-se no meio da rua, no meio do seu romance, no meio da sua vizinhança. Julia gostava de beijar William. Tinha beijado um ou dois rapazes antes dele, mas esses abordavam o beijo como se fosse o tiro de partida num *sprint*. Presumivelmente, a linha de meta era o sexo, mas nenhum dos rapazes esperava chegar tão longe; estavam apenas a tentar cobrir o máximo de terreno possível antes de Julia suspender a corrida. Um beijo na bochecha transformava-se num beijo nos lábios, que escalava rapidamente para um beijo com língua, e logo a seguir o rapaz estava a apalpar-lhe o peito como se tentasse calcular a sua medida. Julia nunca deixara ninguém ir além desse ponto, mas todo o empreendimento era tão enervante que ela só conseguira sentir os beijos como algo molhado e descuidado. William, contudo, era diferente. Os seus beijos eram lentos e não parte de uma corrida, o que permitia a Julia relaxar. Como se sentia segura, diferentes partes do seu corpo acenderam-se, e ela encostou o corpo macio ao dele. Com William, pela primeira vez, ela queria mais. Queria-o.

Quando finalmente se separaram, ela murmurou para o seu peito:

— Vou sair deste sítio.

— De que sítio? Da casa dos teus pais?

— Sim, e deste bairro. Depois da universidade. Quando... — Foi a vez de Julia hesitar. — Quando a minha vida real começar. Aqui, nada começa. Viste a minha família. As pessoas ficam encalhadas aqui. — Ela imaginou a terra na horta de Rose: rica, com pedrinhas, pegajosa ao toque. Esfregou a mão no casaco de William, como que para limpar a sujidade. — Há bairros muito mais agradáveis em Chicago. São um mundo diferente daqui. Gostavas de voltar a Boston?

— Eu gosto disto — disse ele. — Gosto da tua família.

Julia percebeu que tinha estado a sustentar a respiração, esperando a resposta dele. Tinha decidido que William era o seu futuro, mas não

tinha a certeza de ele sentir o mesmo, embora suspeitasse que sim.

— Eu também gosto deles — disse. — Só não quero *ser* eles.

Quando Julia entrou sorrateiramente em casa, mais tarde nessa noite, e chegou ao quarto minúsculo que partilhava com Sylvie, encontrou todas as irmãs à espera, com as suas camisas de dormir. Ofereceram-lhe sorrisos triunfantes.

— Que é? — sussurrou ela, incapaz de não devolver os sorrisos.

— Estás apaixonada! — sussurrou Emeline, e as raparigas puxaram Julia para a sua cama, numa celebração da primeira delas a dar esse passo, a primeira delas a entregar o seu coração a um rapaz. As gémeas e Sylvie tombaram na cama de solteiro com ela. Tinham feito isto inúmeras vezes; tornara-se mais difícil à medida que os seus corpos cresciam, mas elas sabiam como dobrar os membros e posicionar-se para o tornar possível.

Julia riu-se, tapando a boca com a mão, com o cuidado de não fazer barulho para não acordar os pais. Ficou surpreendida por encontrar lágrimas nos seus olhos, embrulhada nos braços das irmãs.

— É possível que esteja — disse.

— Nós aprovamos — disse Sylvie. — Ele olha para ti como se fosses a maior. E és.

— Gosto da cor dos olhos dele — disse Cecelia. — São de um tom invulgar de azul. Vou pintá-los.

— Não é o teu género de amor, Sylvie — disse Julia, desejando tornar aquilo claro. — É de um género sensato.

— Claro — disse Sylvie, e beijou-a na bochecha. — Tu és uma pessoa sensata. E estamos tão felizes por ti.

William pediu-a em casamento no terceiro ano de faculdade. Era esse o plano, o plano de Julia. Casariam logo depois de se licenciarem. Ela mudara a sua especialização de Humanidades para Economia, depois de fazer uma cadeira fascinante de Psicologia Organizacional. Aprendera sobre sistemas, sobre o modo como cada negócio era constituído por uma coleção de partes intrincadas, motivações e movimentos. Se uma parte não funcionasse ou estivesse desfasada, isso podia condenar toda a empresa. O seu professor era um consultor que aconselhava empresas sobre a forma de tornar o seu *workflow*

mais «eficiente» e «eficaz». Julia trabalhou para o Professor Cooper durante o verão entre o terceiro ano e o quarto, tomando notas e desenhando gráficos de operações negociais em papel de arquiteto. A sua família troçava dos seus sapatos azul-marinho e do fato de saia e casaco, mas ela adorava entrar no frio do ar condicionado dos edifícios de escritórios, adorava a forma como todos se vestiam, parecendo levar-se a sério, a si e ao seu trabalho; até adorava atravessar nuvens de fumo de cigarro no seu caminho para a casa de banho das mulheres. Os homens tinham a aparência que ela considerava ser a aparência que os homens deviam ter, e comprou a William uma camisa branca para o seu aniversário. Planeava acrescentar um blazer de bombazina no Natal. William decidira concretizar a sugestão de Julia de se tornar professor. Julia apreciava a elegância dos seus planos: noiva este verão, licenciatura e casamento no verão seguinte, e então William entraria num programa de doutoramento. Julia adorava viver neste momento, com a vida diretamente em frente dela e não à distância. Tinha passado a infância à espera de crescer para poder estar aqui, a ser bem-sucedida na vida adulta.

William estava a passar o seu último verão completo em Northwestern no campo de treino de basquetebol, e Julia ia muitas vezes ter com ele ao centro de atletismo ao fim do dia, para jantarem juntos. Por vezes, encontrava Kent no pátio, quando este saía do treino mais cedo para ir para o seu emprego de verão na enfermaria da universidade. Julia gostava de Kent, mas sentia-se sempre ligeiramente desconfortável perto dele. Parecia que o seu *timing* estava desfasado, porque falavam muitas vezes no mesmo momento. Quando estava com William e ele dizia alguma coisa, respondiam ambos e as suas palavras sobrepunham-se. Julia respeitava Kent — afinal, ele planeava entrar na faculdade de medicina — e achava que ele era uma boa influência para William. Parte do seu desconforto era um desejo de que Kent gostasse dela. Não tinha a certeza disso. Na sua presença, ela folheava mentalmente possíveis conversas, procurando uma que os pusesse em sintonia.

— Boa noite, General — disse Kent quando a viu nessa tarde. — Ouvi dizer que estás a dar cartas no mundo corporativo.

— Não me chames isso — pediu ela, mas sorriu. Era impensável

levar o que quer que Kent dissesse como um insulto; o seu tom e sorriso pronto não permitiam essa possibilidade. — Como vai o basquete?

— Alegre — disse ele, e a forma como proferiu a palavra fez Julia pensar no momento em que Cecelia respondera a uma pergunta com um excitado «púrpura». — O nosso rapaz estava a sentir-se ele próprio no treino de hoje — disse Kent. — Ele está a divertir-se este verão. É bom vê-lo assim.

Aos ouvidos de Julia, havia um toque de censura, mas não percebia em que medida merecia a censura de Kent. Julgaria ele que ela não queria que William se divertisse?

Quando Kent se despediu, ela sentou-se num banco à espera. Abanou a cabeça, irritada por ter deixado que o amigo de William a perturbasse. Tirou o espelho da bolsa e retocou o batom. Depois, quando avistou o seu lindo noivo a sair do ginásio no meio de um grupo de homens altos e desengonçados, levantou-se. Ela tinha encontrado recentemente uma conhecida sua da aula de Biologia do primeiro ano, que lhe dissera: «Ouvi dizer que estás noiva daquele rapaz alto com olhos bonitos. Ele é muito giro.» Julia apertou com força a mão de William enquanto se dirigiam a um café para jantar.

William movia-se lentamente e era incapaz de manter uma conversa até ter ingerido mil calorias e readquirido cor no rosto. Julia, pelo contrário, tagarelava com entusiasmo, incapaz de parar de falar acerca de cada momento do seu dia.

— O Professor Cooper diz que sou uma solucionadora de problemas nata — disse ela.

— E tem razão — William recortou a sua batata assada numa grelha e comeu um quadrado.

— Estava aqui a pensar... Tens trabalhado na tua escrita? — Ela aprendera a não lhe chamar «livro». — Podias usá-lo como a tua tese final.

— Está uma trapalhada — disse ele. — Não tenho tido muito tempo para ele ultimamente, e não consigo perceber como abordar o material.

— Adorava lê-lo.

Ele abanou a cabeça. Ela queria perguntar *O Kent leu-o?*, mas não queria ouvir William responder que sim. Ela queria ler o livro porque

estava interessada, para perceber se era bom. Se havia potencial para construir uma carreira com base nele.

— Este ano vou estar de início — disse ele. — O treinador disse que o meu jogo deu um salto.

— Estar de início?

— Começar todos os jogos. Farei parte dos melhores cinco. Quando vierem os olheiros da NBA, ver-me-ão jogar.

— Isso é ótimo — disse ela. — Vou gritar por ti.

Ele sorriu.

— Obrigado.

— Já contaste aos teus pais que estás noivo?

Ele abanou a cabeça.

— Não contei. Eu sei que devia, mas... — Hesitou. — Não acredito que eles estejam interessados.

Julia concedeu-lhe um sorriso que sabia ser demasiado tenso. Há semanas que ele evitava contar aos pais. Ela acreditava que a razão era sentir-se embaraçado por lhes dizer que pedira em casamento uma rapariga italiana de uma família pobre. Ele contara-lhe o suficiente sobre a sua educação para ela saber que o pai tinha um emprego impressionante e que a mãe não precisava de trabalhar. O mais provável era terem grandes expectativas para o seu único filho, mas William não queria admiti-lo, e ela não anunciaria francamente o seu medo. Então, com uma voz tensa que combinava com o sorriso, disse:

— Isso é ridículo. São teus pais.

— Ouve — disse ele —, sei que é estranho se não os convidar para o casamento, mas acho que não precisamos de o fazer. — Vendo a expressão dela, acrescentou: — Estou só a ser honesto. Eu sei que é estranho.

— Vais telefonar-lhes esta noite — disse ela —, e eu vou estar ao telefone contigo. Sou encantadora. Eles vão adorar-me.

William ficou calado por um momento, e as suas pálpebras descaíram de uma forma que indicava que tinha ido para muito longe dela. Quando ergueu os olhos, fitou-a como se ela fosse um problema que precisava de resolver.

— Tu amas-me — disse ela.

— Sim — confirmou William, e a palavra pareceu ter resolvido algo dentro dele. — OK, vamos a isso.

Uma hora mais tarde, partilhando o duro banco de madeira na antiquada cabina telefónica do corredor da residência dele, ligaram para Boston. A mãe de William atendeu e ele disse olá. A mulher parecia surpreendida por ouvir a sua voz, embora fosse educada. Então, Julia falou — a sua voz parecendo muito amplificada aos seus próprios ouvidos, como se falasse por um megafone — e a mãe de William pareceu distante. Disse que tinha qualquer coisa no forno e que era bom que eles se fossem casar, mas que tinha de desligar.

O telefonema terminou em menos de dez minutos.

Julia tentou respirar quando pousou o auscultador, exaurida pela tentativa de alcançar, de tocar a distante mulher do outro lado da linha. Quando conseguiu falar, disse:

— Tinhas razão. Ela não quer vir.

— Desculpa — disse ele. — Eu sei que é uma decepção para ti. A tua visão do casamento tinha toda a gente presente.

Julia estava encostada a William no banco minúsculo. A cabina no corredor estava quente. A temperatura, a decepção e a compaixão de Julia por este rapaz cresceram dentro dela — este rapaz merecia pais que lhe beijassem a bochecha como os seus pais beijavam a sua. Tinham combinado não ter sexo antes de casar, embora tivessem estado perto de quebrar essa resolução uma ou duas vezes. A mulher ao telefone entregara William a Julia de uma forma que parecia tão significativa como um voto de casamento. Ela precisava de cuidar dele; precisava de o amar, com cada parte de si. Tinha, aliás, de o fazer naquele preciso momento. Estava corada, tinha a saia torcida na cintura por causa da posição no banco e precisava de estar mais perto dele para que tudo ficasse bem.

— Podemos ter privacidade no teu quarto? — disse.

O companheiro de quarto dele tinha ido passar o verão fora.

William assentiu com a cabeça, com o rosto dominado pela interrogação.

Ela pegou-lhe na mão e conduziu-o pelo corredor, para dentro do quarto, e trancou a porta atrás deles.

Sylvie

AGOSTO DE 1981 – JUNHO DE 1982

A Biblioteca Lozano dava para um cruzamento de três vias no centro de Pilsen. Sylvie adorava cada centímetro da espaçosa biblioteca, especialmente a parede de janelas do chão ao teto que mostrava a luz e o clima que a cidade tinha para oferecer. Adorava a forma como a biblioteca acolhia toda a gente, e como os diligentes bibliotecários respondiam a todas as perguntas que lhes eram colocadas, por mais obscuras ou ridículas que pudessem ser. Sylvie trabalhava na biblioteca desde os 13 anos; começara por arrumar os livros nas prateleiras e agora, aos 20, ostentava o título de bibliotecária assistente.

Sylvie estava a arrumar exemplares do livro *De Que Cor É o Seu Pára-Quedas?* quando Ernie, um rapaz da sua idade com uma covinha no queixo, se dirigiu a sorrir ao corredor onde ela estava. Tinham frequentado juntos o liceu, e ele por vezes passava por ali após a sua aula da manhã no curso de eletricista. Depois de confirmar que não havia ninguém à vista, Sylvie avançou para os seus braços. Beijaram-se durante cerca de noventa segundos, percorrendo duas voltas lentas em torno do corredor com a mão dele ao fundo das costas dela. Depois, ela deu-lhe uma palmadinha no ombro e ele foi-se embora.

Sylvie dissera a Julia que beijava rapazes para praticar para o seu grande amor, e isso era verdade; mas também o fazia por ser divertido. Esperara durante toda a sua infância, examinando salas de

aula em busca da sua pessoa, a sua versão de Gilbert Blythe de *Ana dos Cabelos Ruivos*. Sylvie ainda não o encontrara, mas desfrutava do desafio que acompanhava um rapaz tomá-la nos braços. Sylvie era naturalmente tímida e livresca; corava quando Ernie a olhava nos olhos.

— Estou a ficar melhor a beijar — revelou a Julia quando voltaram ao assunto essa noite, nas suas camas. — É claramente uma capacidade que se aprende.

Julia abanou a cabeça.

— As pessoas andam a falar acerca do que andas a fazer com esses rapazes. Se a mãe ouvir alguma coisa...

Não havia necessidade de concluir a frase, porque ambas sabiam que Rose ficaria furiosa. E se Sylvie tentasse explicar que estava a treinar para o amor da sua vida, Rose ficaria completamente desconcertada e, muito provavelmente, trancaria Sylvie no seu quarto. Rose nunca pronunciara a palavra «amor» diante das raparigas; estas simplesmente sabiam que ela as amava devido à atenção furiosa que lhes dedicava. Também sabiam, da mesma forma não dita, que Rose amava Charlie. Era por amá-lo que ficara tão desapontada com o seu casamento, e era também por isso tão importante que as raparigas crescessem fortes e instruídas, capazes de se aguentarem sozinhas, sem se vergarem a algo tão enganador e inseguro como o amor.

Julia também costumava desdenhar da ideia do amor, mas agora estava apaixonada por William Waters. Sylvie achou fascinante ver a pessoa que ela melhor conhecia sucumbir ao romance. Julia passava os dias a sorrir, imperturbada pelas coisas que normalmente a irritavam: a visão de Charlie a servir-se de uma segunda ou terceira bebida; Cecelia a deslizar para a sua cadeira, atrasada para o jantar; Emeline a brincar lá fora com vizinhos mais pequenos, quando Julia a achava demasiado crescida para o fazer. O amor tornara Julia mais feliz e mais leve, mas ela via isso como parte de uma vida bem construída, e não, ao contrário de Sylvie, como uma razão para viver.

Julia acreditava em vários passos diretos: a educação levava a um casamento melhor, o que, por sua vez, levava a um número razoável de filhos, à segurança financeira e, depois, à propriedade imobiliária. Julia considerava o comportamento de Sylvie perturbador porque havia uma decadência implícita no facto de permitir que rapazes —

plural — lhe cobrissem o rosto de beijos, deslizassem a mão sobre a sua camisola e lhe segurassem o peito, apesar de a bibliotecária-chefe Elaine — insistia em que toda a gente se lhe dirigisse assim — estar apenas a dois corredores de distância.

— Pelo menos namora com algum deles durante algum tempo, como uma pessoa normal — pediu Julia a Sylvie. Queria que a irmã se comportasse de uma forma que fizesse sentido.

— Não tenho interesse em namorar — disse Sylvie. — Namorar é aperaltares-te e fingires que és uma rapariga bonita que não pensa em mais nada além de casamento e bebés. Eu não penso nessas coisas e entristece-me fingir que sou algo que não sou. Ah... — Soergueu-se apoiada no cotovelo, para poder ver a irmã sob a luz débil. — Hoje pensei numa metáfora enquanto estava a arrumar as prateleiras. Imagina que sou uma casa. Quando encontrar o meu grande amor, torno-me no mundo inteiro. O nosso amor permitir-me-á ver tanto mais do que sou capaz de ver sozinha!

— És ridícula — disse Julia, mas sorriu ao dizê-lo, porque estava embevecida dentro da sua própria história de amor e porque queria que Sylvie fosse feliz, embora achasse insensato o sonho da irmã.

Sylvie não era totalmente destituída de sentido prático. Completaria uma licenciatura em Literatura Inglesa, que lhe permitiria compreender algum do mistério, beleza e simetria dos romances que adorava e qualificar-se para um emprego no ensino ou em edição. Dava à mãe todo o dinheiro que conseguia pôr de parte, para tornar a vida de Rose mais fácil. Ela e a mãe não se davam bem; tinham pequenas brigas ao longo de todo o dia. Sylvie não gostava que Rose deixasse copos e pratos sujos por toda a casa; as gémeas faziam o mesmo, mas Sylvie desculpava-as porque eram as bebés da família. Rose queixava-se de que Sylvie não se importava com a sua horta, o que era verdade. Sylvie era a única filha que insistia em que todas as suas tarefas fossem realizadas dentro de casa; só ia às traseiras para pendurar a roupa no estendal. Quando Rose dava com Sylvie a ler um livro, fazia uma careta e soltava um suspiro sonoro. Isto confundia Sylvie — como é que a mãe podia reprovar a sua leitura, quando fora ela a exigir que as quatro raparigas frequentassem a universidade? Sylvie notara que a mãe e Julia partilhavam frequentemente um silêncio pacífico à mesa da cozinha, mas quando Sylvie e a mãe

estavam juntas, o ar estalava como se estivesse cheio de eletricidade estática.

Rose ajeitava o cabelo de Emeline e Cecelia e dava-lhes ordens como se ainda fossem pequenas, e as raparigas aceitavam-no. Eram elas quem arrancava a maior parte das ervas daninhas na horta e ajudavam Rose a dobrar a roupa lavada. As gémeas sempre tinham parecido precisar apenas uma da outra, dando a sensação de ficarem agradavelmente surpreendidas pela afeição que os pais e as irmãs mais velhas lhes devotavam. Emeline, em particular, mostrava-se sobressaltada quando outro membro da família se juntava a uma conversa que ela estivesse a ter com Cecelia, como se se tivesse esquecido de que viviam outras pessoas na casa. As gémeas tinham a sua própria língua inventada, a qual tinham falado até ao final da escola primária, e ainda usavam algum do vocabulário quando estavam sozinhas.

Sylvie fechou os olhos, com um livro nas mãos, para poder reviver o beijo de Ernie. As pessoas que lhe chamavam fácil ou galdéria eram pensadores preguiçosos. Ela nunca fizera mais do que trocar uns beijos com Ernie, Miles ou o homem de fato com sobranceiras carregadas. Esses jovens pareciam felizes por beijá-la, e o limite de noventa segundos significava que nada de sério podia desenvolver-se, o que servia perfeitamente a Sylvie. Se um namorado fixo ou a «rameirice» eram as duas portas disponíveis, ela encontrara e abrira uma terceira. O que a deixava mais entusiasmada com o futuro era a ideia de encontrar mais terceiras portas. A sua alma gémea qualificar-se-ia; seria mais do que um namorado ou um marido. *Veria* Sylvie como que através de um vidro claro, e não desejaria mudar nenhum aspeto dela. Sylvie observava a mãe a tentar mudar o pai todos os dias, e agora via Julia amorosamente a impelir William para a forma do seu futuro marido ideal. Sylvie amaria de uma forma diferente. Celebraria quem quer que o seu amado fosse; seria curiosa acerca das suas características distintivas e mergulharia num amor implacavelmente honesto.

O meu coração está aberto, pensou, e depois questionou-se acerca dessa frase. Seria um verso de um poema? Teria ouvido o pai recitar aquelas palavras em casa? Ela partilhava a afeição do pai por Whitman. Quando Charlie recitava os seus poemas, ela imaginava o

poeta barbudo na varanda traseira de um comboio a vapor — as palavras, a beleza que via no mundo, trazendo-lhe lágrimas aos olhos.

Quando Sylvie emergiu do corredor com o seu carrinho, viu Julia e William sentados à sua mesa favorita. Ficava parcialmente escondida da parte da frente da biblioteca por uma trave estrutural, por isso tinham alguma privacidade, embora Sylvie nunca os tivesse visto fazer mais do que darem as mãos. Inclínavam-se agora um para o outro, olhos nos olhos. Sylvie compreendia esse olhar tão firme da irmã. Sabia que Julia tinha ido até ao fim com William Waters; ele seria seu marido, a trave estrutural do seu futuro. Julia era obstinada, e o seu formidável motor estava a impulsioná-la, juntamente com William, para a frente. «Eu sei porque o amas tanto», fora a provocação que Cecelia dirigira à irmã mais velha. «Porque ele faz tudo o que tu mandas.»

Claro que Sylvie não conhecia William tão bem como conhecia a irmã, mas sentia uma espécie de medo nele, embora se apresentasse firme e calmo. Ele agarrava-se a Julia como a uma jangada, e Sylvie perguntava-se porquê. Não era dada a mexericos, mas gostava de compreender todo o arco de uma história, especialmente quando vinha na forma de um homem de dois metros que a sua amada irmã introduzira na família.

Empurrou o carrinho até à mesa e ambos a saudaram com um sorriso.

— Vocês são tão bons a estudar. — Sylvie mirou avidamente os livros espalhados que cobriam o tampo da mesa. Ela fora forçada a desistir da universidade comunitária quando Charlie tivera outro corte no salário. Agora, trabalhava todos os turnos que houvesse disponíveis na biblioteca, poupando dinheiro para poder voltar a matricular-se.

— Não sou tão inteligente como a tua irmã — disse William. — Tenho de estudar muito, caso contrário as minhas notas baixam e não posso jogar basquete.

— De certeza que voltas para a universidade em breve — garantiu Julia a Sylvie.

Sylvie encolheu os ombros e sentiu as bochechas aquecerem. Ela não queria discutir os seus problemas financeiros diante do futuro cunhado.

— Como vai o casamento? — perguntou. — Vai ser bom conhecer

a tua família, William.

Um olhar estranho perpassou-lhe pelo rosto e Sylvie sentiu que tinha dito algo de errado.

— Na verdade — disse Julia rapidamente —, os pais dele não vêm ao casamento. Não querem vir.

Sylvie inclinou a cabeça para o lado e tentou perceber o sentido daquilo. As pessoas *não querem* fazer exercício, comer saladas ou acordar cedo. Dizer que os teus próprios pais não querem ir ao teu casamento parecia um engano.

— Não compreendo — disse ela.

William parecia cansado; algo nele murchara, condizendo com os seus olhos azuis desvanecidos.

— Não acho que tu ou a tua irmã *possam* compreender — disse ele. — As pessoas da vossa família amam-se. — Pareceu surpreendido pelo que acabara de revelar, e Sylvie também ficou surpreendida.

Sentou-se no lugar vazio à mesa deles. Julia pôs a mão sobre a de William, dizendo com a sua voz mais determinada:

— O nosso casamento vai ser maravilhoso, mesmo sem eles.

— Claro que sim! — disse Sylvie. — Desculpa ter perguntado... Não sabia.

— Eles não são más pessoas — disse William —, mas vocês têm sorte por ter a Rose e o Charlie como pais.

— Sim — disse Sylvie.

A luz do Sol entrava na biblioteca pela extensão de janelas. Foram todos apanhados pelo seu brilho por um momento — pestanejaram, protegeram os olhos com as mãos — até que uma nuvem se moveu ou o Sol desceu um pouco e a cor normal voltou à sala. A bibliotecária-chefe Elaine emitiu um sonoro ruído de censura algures e Sylvie levantou-se.

— Estás a esconder algum rapaz num daqueles corredores? — perguntou Julia.

— Neste momento, não — disse Sylvie. — Sou só eu e um milhar de livros.

Um mês depois, Sylvie estava de volta à universidade, graças à irmã. Julia esteve uma tarde sentada na Biblioteca Lozano, prestando

grande atenção aos utentes regulares. Um homem mais velho, que chegou à hora de almoço e leu a Sylvie o seu horóscopo num jornal, por acaso trabalhava no banco do bairro. Julia foi direita a ele e explicou a situação em que Sylvie se encontrava, e ele disse que tinha todo o prazer em ajudar. Nessa mesma tarde, conseguiu um pequeno empréstimo de estudante para Sylvie.

— Uma luz como a tua não pode ficar escondida — disse ele ao entregar os documentos a Sylvie.

Esta generosidade — do homem e da sua irmã — deixou Sylvie em lágrimas, apesar de raramente chorar. A bibliotecária-chefe Elaine emitiu um som de censura ao ver o seu rosto vermelho e os olhos chorosos, e disse:

— Bom, imagino que queiras voltar a organizar o teu horário em torno das aulas.

— Sim, por favor, minha senhora.

As irmãs fizeram-lhe um bolo e Cecelia desenhou uma faixa que dizia «Parabéns, Sylvie!» Pendurou-a no quarto minúsculo de Sylvie e Julia, para não magoar os sentimentos de Charlie. Ele tinha estado a ignorar o facto de Sylvie ter saído da universidade — porque era culpa dele —, por isso preferia ignorar que ela tivesse de se reinscrever. As quatro raparigas comeram o bolo no chão do quarto, de pernas cruzadas, falando umas por cima das outras.

— Este bolo também é para ti. — Sylvie apontou para a irmã mais velha com a cabeça. — Não voltaria se não fosses tu.

Julia engoliu uma dentada e disse:

— Tu própria devias ter pensado nesta solução, sabes. Toda a gente naquela biblioteca te adora. Se soubessem que precisavas de ajuda, terias conseguido mais cedo.

Subitamente, irromperam vozes do outro lado da porta, vindas da sala, e as quatro raparigas fizeram silêncio para escutar. O tom de voz de Rose subiu, o que significava que estava chateada, e então Charlie respondeu e a voz de Rose acalmou. O que, de início, parecia uma briga conjugal abrandou para uma simples conversa, e as raparigas relaxaram.

— Eis o que vão fazer — disse Julia.

— Oh, céus — exclamou Cecelia, e Emeline pousou o garfo, cheia de antecipação. As gémeas tinham acabado de fazer 17 anos e

começado o 12.^o ano. Sylvie tinha 20 anos, e Julia, 21. Estavam a ficar velhas demais para este jogo, começado no princípio da infância, mas ainda não tinham conseguido abdicar dele. Julia dirigia o jogo e dizia a cada uma qual seria o seu futuro. Pegava numa bola de cristal invisível e abanava-a como se fosse um globo de neve, para encontrar respostas diferentes para cada uma das raparigas. Quando estavam na escola primária, ela atravessara uma fase de amor aos animais em que seria veterinária, e Sylvie, sua assistente. Julia não conseguia dar injeções aos animais, pelo que precisava de uma assistente que assumisse essa responsabilidade. Nessa visão futura, Emeline e Cecelia seriam tratadoras no jardim zoológico. Tinha havido uma miríade de profissões e maridos desde então, uma visão caleidoscópica dos anos vindouros.

— A Sylvie irá conhecer um homem alto e de olhos negros chamado Balthazar, num comboio, e começar o grande caso de amor da sua vida. Também irá escrever o grande romance americano e receber o Pulitzer antes dos 30. — Sylvie encostou os pés nus afetuosamente à coxa da irmã, com a boca cheia de cobertura de açúcar. — Eu irei casar-me com o William no próximo verão e teremos duas crianças perfeitas. Viveremos numa vivenda distinta, com um pátio bem arranjado, provavelmente em Forest Glen, e vocês as três irão lá pelo menos todos os domingos, para jantar. E eu serei presidente da assembleia escolar na escola dos meus filhos e também a esposa universitária perfeita.

— E se ele entrar para a liga de basquetebol? — perguntou Emeline. — Não é isso que ele quer mesmo fazer?

Julia afastou os caracóis da cara.

— Ser atleta não é uma carreira, é uma coisa que se faz enquanto se anda na escola.

— Então, tu vais gerir tudo — disse Cecelia, desejando que Julia continuasse.

— Sim. E tu, Emmie, irás casar com um médico escocês e ter três pares de gémeos. Viverão numa quinta junto de uma charneca.

Um dos futuros incluía sempre uma charneca — as raparigas eram coletivamente fascinadas pela ideia dessa paisagem misteriosa, que aparecia em quase todos os romances ingleses que elas amavam.

— Oh — disse Emeline, e tombou de costas na cama, deleitada. O

seu maior desejo era ser mãe, um papel para o qual praticara toda a vida. Desde bebê que carregava *snacks* e pensos rápidos numa bolsinha, para ministrar às irmãs quando estivessem com fome ou caso se magoassem. As crianças mais pequenas do seu quartoirão seguiam Emeline como patinhos, deleitando-se com a atenção que ela lhes dava. Era a babysitter mais requisitada daquele lado de Pilsen e, como resultado, tinha um impressionante maço de notas debaixo do colchão.

— Três rapazes e três raparigas — disse Julia antes de Emeline poder perguntar. A irmã assentiu com a cabeça, satisfeita.

— É a minha vez — disse Cecelia.

— Tu irás para a faculdade de belas-artes e tornar-te-ás uma pintora famosa. Não podes estar longe da Emeline demasiado tempo...

— Ou morreremos — interrompeu Emeline.

— ... por isso terás um apartamento em Paris e outro na Escócia, perto da quinta dela, o que faz sentido, porque adoras a chuva.

— Sim — disse Cecelia. — Gosto de pintar a chuva da mesma forma que Van Gogh pintava o céu noturno.

Emeline assentiu com a cabeça.

— Vou pendurar os teus quadros em toda a minha casa na quinta.

Sylvie teve de se forçar a engolir mais um pedaço de bolo porque, de repente, o sabor estava ornamentado com amargura. Quase disse algo de desagradável, do género, *Nada disto irá acontecer*, mas conteve-se. O jogo já não era divertido para ela, e percebia que Julia também tinha de simular entusiasmo. Sylvie nunca admitira, nem mesmo para si própria, que escrever um romance era um sonho; mas a irmã arrancara-lhe a verdade e repetira-a diante de toda a gente, e — apesar de Sylvie saber que Julia tinha boas intenções — a sensação era de dor; estranhamente, como uma perda. O sonho estava agora ao ar, sob o risco dos elementos, fora do seu alcance.

No dia do casamento de Julia, Rose acordou as quatro raparigas de madrugada.

— Que se passa, mamã? — disse Emeline, em resposta à expressão frenética de Rose.

As raparigas esfregaram os olhos e bocejaram, caindo lentamente

num silêncio de pânico, à espera do pior. William tinha morrido, tinha fugido, a igreja tinha ardido, Charlie estava demasiado bêbedo para ir ao casamento. Ou talvez tivesse acontecido alguma coisa terrível à horta: uma inundação súbita ou um exército de formigas assassinas.

— Há. Tanto. Para fazer — disse Rose, aborrecida por ter de dizer as palavras. — Levantem-se!

Julia já estava de pé, alisando o cabelo. Seguiu a mãe para a cozinha, enumerando em voz alta a sua própria lista de afazeres.

— Temos de garantir que há uma cadeira para o William, separada das cadeiras para os mais velhos. Ele não pode ficar muito tempo de pé por causa do joelho. A Sylvie vai buscar as flores ao Sr. Luis. As bolachas?

— Estão prontas para irem para os fornos.

As quatro casas ao lado da sua, para cima e para baixo na rua, tinham oferecido as suas cozinhas a Rose e estavam a postos para cozinhar a sua parte das quinhentas bolachas necessárias para a receção. Às dez em ponto, Emeline devia correr de casa em casa e gritar: «Agora!» As bolachas seriam introduzidas nos fornos, simultaneamente.

O casamento seria em St. Procopius ao meio-dia, e depois seria realizado um pequeno copo-d'água, com vinho e bolachas, no pátio lateral da igreja. O vestido de Julia tinha sido feito por uma costureira italiana, a duas ruas de distância. Há meses que Rose lavava os vestidos e os tecidos da costureira em troca do vestido de noiva. Rose era uma negociante de topo. No canto esquerdo, ao fundo da sua horta, plantara uma variedade específica de abóbora, tudo porque o açougueiro local tinha muitas saudades de a comer, dada a sua infância na Grécia; todos os anos, Rose dava-lhe toda a colheita em troca de frango e carne de vaca. Arranjara dessa forma tudo o que precisavam para o casamento, exceto o vinho. Charlie era companheiro de copos dos proprietários de quatro lojas de bebidas muito próximas, e Rose insistira que, depois de todo o negócio que ele já lhes proporcionara, o mínimo que podiam fazer era cada um doar uma caixa de vinho para o casamento da sua filha mais velha.

— Sylvie, tu não vais casar-te e deixar-me, pois não? — Charlie estava no seu cadeirão na sala, envergando uma velha t-shirt branca. Segurava uma chávena de café com ambas as mãos.

— Oh, pai — Sylvie atravessou a sala e beijou-lhe o cimo da cabeça. — Aconteça o que acontecer, não te deixarei.

— Emmie? Cece?

— Não sejas tolo, pai — gritou uma das raparigas do seu quarto. — Claro que nos vamos casar. Um dia.

Charlie recostou-se na cadeira. Parecia mais velho do que Sylvie alguma vez o vira. Virou-se para a janela, que começava a mostrar a primeira luz do dia, e assentiu com a cabeça.

— Vão todas voar do ninho, como é suposto, e deixar-me a mim e à vossa mãe aqui. É uma história tão antiga como o mundo.

Depois do pequeno-almoço, Sylvie foi a pé à florista, a seis quarteirões de distância. O Sr. Luis, um equatoriano pequenino, fungou para ela por trás do balcão e disse-lhe que as flores seriam entregues na igreja a tempo. Sentia-se insultado por ela ter vindo verificar.

— Deve ter mais que fazer num dia como hoje. Arranje o cabelo, ponha batom. Faça alguma coisa para parecer especial, rapariga.

Sylvie franziu a testa. Estava assim com tão mau aspeto? Era a madrinha, o que significava que ia estar na parte da frente da igreja durante a cerimónia, ao lado da irmã. Queria estar com bom aspeto por causa de Julia, mas isso exigia um daqueles dias mágicos em que o seu cabelo estava bem, e ela nunca fora capaz de o convencer a mostrar-se apresentável. Esta manhã não se tinha visto ao espelho, mas o Sr. Luis parecia insinuar que não era um dia bom. Sylvie agradeceu-lhe e saiu da loja. Contou quantos passos teve de dar para longe da loja até deixar de sentir o cheiro a rosas: treze.

Passou diante da biblioteca, que estava prestes a abrir, e acenou pela janela às raparigas atrás do balcão. Sentiu vontade de entrar e fazer um turno. De passar aquele dia entre as estantes frescas da biblioteca. O casamento, a luz do Sol, o sorriso obrigatório — tudo lhe parecia esgotante. Sabia que era estranho mas, apesar do seu interesse no amor, os casamentos deixavam-na desconfortável. Eram demasiado ostensivos, demasiado públicos. O amor profundo entre duas pessoas era um assunto privado e sem palavras, e colocar os amantes dentro de roupas elegantes diante de uma multidão parecia contradizer a natureza da coisa. Ninguém podia ver o amor — pelo menos, era nisto que Sylvie acreditava. Era um estado interior. Parecia-lhe errado,

quase blasfemo, observar esse momento entre dois amantes.

Sylvie estava feliz por Julia e William mas, mesmo assim, teria de fingir o género de alegria que sabia ser aquele que, supostamente, os casamentos deviam provocar. Seria beijada por todas as velhas da vizinhança. «És a próxima», dir-lhe-iam repetidamente, e isso fá-la-ia também sentir-se melancólica, pois o seu verdadeiro amor ainda não aparecera — e quais eram as probabilidades de aparecer na Biblioteca Lozano, onde passava a maior parte do tempo? E se nunca o encontrasse?

Sylvie quase tropeçou em Cecelia, que estava sentada no passeio mesmo depois da biblioteca.

— Que estás aqui a fazer? — perguntou, surpreendida. Será que Rose tinha criado um espaço no horário para se estar sentada num passeio a olhar para o nada?

— Oh — disse Cecelia —, estou à espera da Emeline. Foi à farmácia.

Sylvie sentou-se ao lado da irmã. Se havia tempo para isto, ela queria fazer parte. Dava-lhe jeito um momento de sossego antes de reentrar na energia maníaca da casa.

— Hoje sou a Beth — disse Cecelia.

Sylvie anuiu. Isto fazia parte de uma conversa antiga entre as quatro irmãs Padavano. Quando Julia leu as *Mulherzinhas* pela primeira vez, falou às irmãs sobre as quatro irmãs ficcionais, e começaram as quatro a discutir sobre qual delas seria cada uma das raparigas March. Julia e Sylvie viam-se ambas como a intrépida Jo, e ambas tinham razão, pensava Sylvie. Dividiram Jo entre as duas. Julia tinha a paixão e exuberância de Jo March, e Sylvie tinha a sua independência e inclinação literária. Emeline e Cecelia partilhavam entre si as identidades de Meg e Amy, mas sempre que alguma das irmãs estava doente ou desamparada, declarava-se Beth. «Uma de nós será a primeira a morrer», diziam à vez umas às outras, e todas as quatro estremeciam perante essa ideia.

— O que é que se passa? Não te sentes bem?

— Tenho um segredo — disse Cecelia. — Não podes contar à Julia. Eu digo-lhe depois da lua de mel. Talvez.

Sylvie aguardou. O bairro fluía em redor delas. Adolescentes barulhentos a empurrarem-se enquanto caminhavam; um miúdo a

bater uma bola de basquete enquanto esperava para atravessar a estrada; uma fila de judeus chassídicos a virar a esquina; pessoas com antepassados em todas as partes do mundo a seguirem em todas as direções. Era sábado e uma linda manhã de junho, por isso, toda a gente parecia um pouco mais feliz do que o normal, um pouco mais livre.

— Estou grávida.

A respiração prendeu-se na garganta de Sylvie, e ela tossiu. Pensou, *Mas eu ainda nem tive sexo*.

— Não, não podes estar — afirmou. — Tens 17 anos. Estás enganada.

Cecelia encolheu os ombros. Ela e Emeline tinham acabado o liceu, um evento ofuscado pela licenciatura e o casamento de Julia. Charlie parecera mais velho esta manhã. Cecelia, agora, também parecia.

— Foi um rapaz da minha turma de quem sempre gostei. Bebi demasiado na festa da Laurie Genovese. Ele não sabe. Não sei bem o que vou fazer.

A segunda reação de Sylvie foi de raiva. Ela tinha sido tão *cuidadosa*, limitando-se a beijar os rapazes, apenas se permitindo momentos de prazer sem risco. Julia tinha vindo a planear e a executar a sua vida com precisão militar desde o ciclo. Nenhuma delas tinha deixado espaço para surpresas. Sylvie percebia agora que tinham acreditado que o seu exemplo bastaria para manter Emeline e Cecelia seguras, que elas as seguiriam diretamente no caminho para a vida adulta. Mantendo-se cuidadosas. Mas isso fora preguiçoso da parte de Sylvie. Ela sabia das terceiras portas. Se ela e Julia tinham andado a entrar e a sair pela mesma porta, claro que havia uma possibilidade de que Emeline e Cecelia encontrassem outra saída. Cecelia era adorável: pequenina e curvilínea. Tinha um riso generoso e desenhava retratos dos seus muitos amigos para os seus aniversários. Os rapazes não a largavam, e as irmãs mais velhas não lhe tinham dito como e porquê mantê-los à distância. Como Charlie dissera nessa manhã, era uma história tão antiga como o mundo.

Sylvie sentia-se fundida com o passeio. Mesmo quando se levantou, quando foi para casa com as duas irmãs mais novas, quando deixou Rose enfiá-la no seu vestido cor-de-rosa de madrinha de

casamento e tentou compor o seu cabelo indomável, sentia que ainda estava naquele passeio, vendo a vida passar por si. Com a biblioteca nas suas costas, Cecelia tornada uma bomba-relógio ambulante, Julia tão feliz que parecia soltar faíscas, William prestes a juntar-se a uma nova família, Rose e Charlie sem saberem que uma nova geração já vinha a caminho. Já o Sol ia bem alto e Sylvie estava de pé no altar — com um sorriso afivelado no rosto —, e ainda se sentia sentada naquele passeio, tentando perceber se era demasiado tarde para puxar toda a gente para trás.

William

MARÇO DE 1982 – JUNHO DE 1982

A ação — desde os ângulos dos corpos dos jogadores até ao seu próprio salto no ar — parecia tão familiar que, quando William se ergueu para o bloqueio, pensou: *Tem cuidado*. Estas palavras ainda ecoavam na sua mente quando um pivô enorme, com rastas e óculos de proteção, embateu contra o seu peito. William estava mais forte do que antes, por isso empurrou-o ainda no ar, mas foi impelido para trás. Colidiu com outro jogador e ficou de lado. Quando atingiu o solo, aterrou com força sobre o joelho direito.

Kent inclinou-se sobre William e ofereceu-lhe a mão para o ajudar a levantar.

— Estás bem? — perguntou Kent.

William mal ouvia o amigo. O seu joelho latejava. Estava invulgarmente consciente da parte *interna* do joelho, que parecia um castelo de areia a ser derrubado por uma onda traiçoeira. Olhou para a articulação enquanto o árbitro apitava e os homens traziam uma maca para o campo. William reconheceu a jogada e agora reconhecia o nevoeiro que a acompanhava, assim como a dor.

Precisou de duas cirurgias porque o joelho teve de ser reconstruído. Sempre que o cirurgião ou o médico assistente entravam no quarto do hospital, William escutava-os atentamente, tentando compreender. O joelho era o único assunto a que conseguia prestar atenção; todas as outras informações pareciam viajar de uma distância

impossível. Captava palavras, fragmentos, mas não o sentido.

Teve a sorte de ter um quarto só para ele. Normalmente, um paciente seria enviado para casa nas duas semanas que separavam as cirurgias, mas como William precisava de manter a perna imóvel e elevada, e o seu quarto na residência ficava no cimo de três lanços de escadas, mantiveram-no no hospital. As enfermeiras diziam que, a qualquer momento, podia chegar outra pessoa para o quarto, mas isso nunca chegou a acontecer. Kent visitava-o quando podia, mas entre o trabalho escolar, o basquetebol e o emprego na lavandaria, não dispunha de muito tempo. Julia visitava-o pelo menos uma vez por dia, por vezes, duas. Tentava fazer William rir-se, dramatizando a sua entrada: rodopiava como uma bailarina a entrar em palco ou caminhava com passadas firmes e queixo empinado, assumindo o papel de uma enfermeira severa. De uma das vezes, entrou com vários livros equilibrados na cabeça; conseguiu chegar a meio do quarto antes de caírem. William gostava destas entradas, mas não precisava delas. Ficava simplesmente feliz por ela estar ali.

Julia trouxe os livros escolares de William para ele tentar acompanhar o curso. Faltavam menos de dois meses para os exames finais e depois vinha a licenciatura.

— Recordaremos junho de 1982 como o melhor mês das nossas vidas — disse Julia. — Licenciatura e um casamento. — Nomeou os dois eventos com prazer, saboreando a solidez dos marcos de referência. William gostava quando a noiva falava assim; admirava a forma como a vida para Julia era um sistema de autoestradas a percorrer com perícia, e sentia-se grato por viajar no carro dela.

Contudo, quando ela saía do quarto, William ficava normalmente sozinho durante horas. Ignorava os livros de estudo e ia mudando os canais da televisão no canto. Via jogos dos Bulls sem som. Kent trouxera-lhe o correio na última visita, e William reconhecera a caligrafia difícil num dos envelopes. Quando tocou na carta pela primeira vez, um suor frio cobriu-lhe a pele. William julgava ter perdido totalmente a esperança nos pais, mas com o aparecimento da carta a emoção disparara, indesejada, através dele. Enfiou o envelope debaixo da almofada enquanto expulsava a esperança de dentro de si, como se afugentasse um pássaro por uma janela. William aceitara sempre o facto de os pais não o quererem nas suas vidas. Sentira-se

sobretudo calmo quando ele e Julia tinham telefonado à mãe para anunciar o casamento, porque sabia qual seria o resultado; a sua única preocupação nessa noite fora com Julia e o seu desapontamento. Mas os pais teriam tido tempo de pensar melhor, na sequência do telefonema, e agora tinham-se dado ao trabalho de lhe escrever uma carta. Não podiam saber que ele estava no hospital — como teriam sabido? A universidade pagava as suas despesas médicas, e quando o cirurgião se oferecera para falar com os pais de William, ele tinha dito que não era necessário. William pensou que era *possível* que a mãe e o pai lhe tivessem escrito por sentirem remorsos. Agora que ele era um homem e ia casar-se, talvez percebessem quanto da sua vida tinham perdido. Talvez quisessem fazer parte da sua vida adulta. Ele esperava — mais uma vez, a esperança apresentou-se com um suor gelado — que tivessem escrito uma longa carta que incluísse um pedido de desculpas por terem tido tão pouco interesse nele durante tanto tempo. Era possível que a carta contivesse um pedido de perdão e da oportunidade de assistirem ao seu casamento.

William desligou a televisão e abriu o envelope. Percebeu imediatamente que não havia qualquer carta lá dentro. Apenas um cheque. No descritivo, dizia: *Parabéns pelo casamento/licenciatura*. O cheque era de dez mil dólares. William olhou para os zeros e pensou, *Agora acabou mesmo*. Não iria depositar o cheque — soube-o imediatamente. Não tocaria no dinheiro deles. O coração de William abrandou até se tornar um murmúrio no seu peito, e ele teve de respirar de maneira estranha para se impedir de chorar. Ficou surpreso por estar tão perturbado; parecia que algo se quebrara dentro de si.

A equipa e o treinador visitaram-no entre as duas cirurgias. Os colegas, muitos dos quais tinham de baixar a cabeça ao atravessar a porta, usavam as camisolas da equipa. Tudo dentro de William se encolheu quando o grupo se reuniu em torno da sua cama. Parecia que as suas entranhas — o seu eu — tinham estreitado até ao diâmetro de um lápis. Todas as suas cores e traços se desvaneceram. Todos os visitantes ostentavam um sorriso cuidadoso, destinado a animá-lo.

— Tu estás bem — disse Kent. Era quem estava mais perto de William. Bateu-lhe duas vezes no ombro, como que para introduzir uma espécie de certeza nas palavras. *Tu estás bem.*

Não me parece, pensou William.

O treinador pigarreou e disse:

— Tens sorte por ter acontecido quando aconteceu, miúdo. Chegaste ao torneio e tiveste essa experiência. Prestaste-nos um bom serviço durante a parte mais importante da época. E ouvi dizer que te vais casar, não é?

— Sim, senhor.

— Excelente notícia. Isso é que é importante. Vês? Está tudo a correr bem.

Não está a falar a sério, pensou William. *Sabe que não vou poder jogar mais. Sabe que estou acabado.*

Gus, o base, entregou-lhe um cartão de rápidas melhoras assinado por todos, alguns dos rapazes fizeram brincadeiras acerca da comida de hospital e depois, por fim, foram-se embora.

O fisioterapeuta — um homem de barba chamado Arash — ficou para trás, e aproximou-se da cama. Franziu a testa e disse:

— Qual era a história desse joelho?

William acenou com apreço; o joelho tinha uma história. A ponta de lápis dentro dele amoleceu, e ele conseguiu reunir ar suficiente para respirar.

— Parti a rótula no 11.º ano. Durante uma jogada muito semelhante, na verdade.

— Foi o que eu pensei. Então, a rótula estilhaçou desta maneira devido a uma fragilidade anterior. — Arash tinha a radiografia na mão. Olhou para a imagem. A rótula branca estava traçada por múltiplas linhas. — Parece um mosaico.

— Um ponto final na carreira — disse William.

— Isso também. Escuta, eu sei que tu adoras o jogo — disse Arash. — Consigo vê-lo, assim como vi o teu joelho fraco. Podes continuar no basquetebol, sabes? Podes ser assistente ou treinador ou desempenhar outro papel. Dá uma olhadela em todas as funções de apoio e vê o que te atrai. O basquete é uma grande máquina, com muitas peças.

William inclinou-se para a frente.

— Como assim, viu o meu joelho fraco?

Arash era um homem robusto, com antebraços de aparência poderosa.

— Protegeste-o uma ou duas vezes. Também percebi que usavas o teu outro lado para girar e saltar. É o que acontece quando uma lesão ocorre em tenra idade. O joelho não funciona sozinho. A anca e o tornozelo começam a ser usados de maneira diferente, e o teu equilíbrio geral é abalado. Há interligação entre as várias articulações, e ninguém te disse para trabalhares a perna fraca até à sua força total. Aposto que tiraste o gesso e voltaste imediatamente ao campo sem mudar nada, não foi? — William assentiu. — Foi o que pensei.

Julia chegou alguns minutos depois de Arash partir. Examinou o rosto de William e percebeu imediatamente que ele estava perturbado com alguma coisa.

— Aconteceu alguma coisa?

— O joelho está a dar cabo de mim.

— Pobrezinho. Tenta pensar noutra coisa. Pensa no casamento. Tens algo maravilhoso por que ansiar, não é verdade?

— Foi o que o treinador me disse.

O rosto dela iluminou-se.

— Que simpático!

Entregou-lhe o seu bloco, com páginas e páginas de planos: a lista de convidados, os arranjos florais, com fotografias de diferentes flores coladas, um plano horário minuto a minuto. Uma lista de coisas para fazer e a data em que deviam estar feitas. Uma folha de cálculo para mostrar quem era responsável pelo quê. Quase todos os itens tinham ao lado o nome de Julia ou de Rose.

William folheou as páginas. Faltavam nove semanas para o casamento. Era um evento concreto que ele conseguia compreender, como a realidade do seu joelho. Precisava de comparecer num e ter cuidado com o outro.

Julia afagou-lhe o cabelo. O toque dela soube-lhe bem.

Ela estava a falar, por isso ele tentou concentrar-se.

— Quando fui ao departamento de História para recolher o teu trabalho, andei a perguntar sobre vagas para professores assistentes. E por acaso há uma vaga para o próximo outono que ainda não foi preenchida. Queres que vá lá entregar o teu currículo?

William ia começar o programa de graduação em História na

Northwestern em setembro. Ficara surpreso e aliviado quando o programa o aceitara. Via-se como um aluno medíocre, mas a verdade era que estudar com Kent e Julia nos quatro anos anteriores mudara isso. O amigo e a namorada tinham sido um modelo de trabalho árduo e tinham-no ensinado a estudar com eficácia. Esses talentos, combinados com o seu medo constante de que uma média baixa o deixasse fora da equipa de basquete, tinham-no lançado para a lista do reitor.

A candidatura ao doutoramento exigira-lhe que elegeisse um período histórico em que se concentraria, e ele tinha dificuldade na escolha. Aquilo de que mais gostava na História era a sua amplitude, as vastas conexões entre eventos e figuras. Como Lev Tolstói inspirara Mahatma Gandhi, o qual, por sua vez, inspirara Martin Luther King, Jr. William não via como poderia, com confiança, firmar os pés num século, continente ou guerra em particular. Quando discutiu este dilema com Kent, o amigo abanou a cabeça e disse: «Tu já tens uma área em que te concentrar mais, seu palerma. Estás a escrever um livro sobre a história do basquetebol.» Isto surpreendeu William — não lhe tinha ocorrido —, que respondeu: «Não posso estudar o basquetebol. Isso não seria visto como um tema académico sério.» Mas candidatara-se para estudar História Americana de 1890 a 1969, uma moldura temporal que permitiria que o seu interesse privado e o seu trabalho legítimo, pelo menos, coexistissem.

William precisaria de trabalhos como o de professor assistente para que ele e Julia tivessem algum rendimento durante o longo período de doutoramento. Assumiu uma expressão que mostrava estar a prestar atenção à sua noiva e aos seus planos, mas algures dentro dele havia um sussurro repetido: *casamento, joelho*.

— De certeza? — disse ele. — Não tenho a certeza de que o meu currículo esteja pronto.

— Posso dar-lhe uma volta; sou boa nisso. Fartei-me de ler currículos para o Professor Cooper no verão passado, lembra-te? Precisas de um corte de cabelo quando saíres daqui. — Julia tocou-lhe no braço. Deteve-se e depois disse em voz baixa: — Quem me dera poder entrar na cama contigo.

William imaginou as curvas dela encaixadas no seu flanco. Imaginou o que aconteceria quando puxasse o lençol por cima das

suas cabeças.

— Beijas-me a mão? — pediu ele.

Ela inclinou-se e pegou-lhe na mão. Beijou-lhe o lado de fora, o ponto mole entre o polegar e o indicador. Depois virou-lhe a mão e beijou-lhe a palma. Suavemente, muitas vezes. *Casamento. Joelho.*

Rose e Julia presidiram a uma reunião de ensaio à mesa de jantar dos Padavanos, alguns dias antes do casamento. Charlie não estava presente, mas a sua ausência não foi mencionada. William perguntou-se se a reunião teria sido marcada propositadamente para um momento em que ele não estivesse. Sylvie sentou-se no lugar mais afastado da mãe e lia um livro que segurava no colo. Prestava atenção apenas quando se lhe dirigiam. Tinham mandado Emeline anotar as decisões que fossem tomadas, pelo que ela estava a postos com um bloco e um lápis. Cecelia estava encostada ao braço da irmã. Parecia aborrecida ou ensonada.

William demorara algum tempo a perceber as diferenças entre as gémeas, mas agora não tinha dificuldade em distingui-las. Cecelia tinha sempre manchas de tinta nas mãos e na roupa, e ia de bem-disposta a chateada a uma velocidade assustadora. Gostava de experimentar olhares severos nas pessoas, algo que fazia William lembrar-se de Julia. Emeline era mais plácida, mais lenta a reagir do que a sua gémea. Era a mais sossegada das quatro irmãs, mas quando o telefone tocava na pequena casa, era normalmente um pedido para Emeline tomar conta de crianças. William teve certa vez a sensação de que a sua noiva andava pelo mundo com uma batuta de maestro, enquanto Sylvie empunhava um livro, e Cecelia, um pincel; Emeline, contudo, mantinha as mãos livres para poder ser útil ou pegar ao colo e confortar uma criança da vizinhança. De todas as vezes que Emeline tinha visto William desde a sua lesão, perguntara-lhe se ele precisava que ela carregasse alguma coisa ou abrisse-lhe qualquer porta que estivesse no seu caminho.

William ouvia enquanto Julia e a mãe recitavam à vez o horário e a atribuição de tarefas. Quando Rose declarou que Charlie iria buscar William a Northwestern na manhã do casamento, ele respondeu:

— Não é preciso. Consigo chegar à igreja sozinho.

— Estás lesionado — disse Rose, num tom que sugeria que a rótula partida era culpa dele. — E como pretendes, ao certo, chegar à igreja com o fato de noivo, de muletas... no autocarro? O Charlie vai pedir emprestado o carro do vizinho e leva-te. Está decidido.

Emeline sorriu.

— A mãe só quer ter a certeza de que chegas à igreja a horas.

— Se isso é verdade, não devia ter nomeado o pai como motorista — disse Cecelia.

Rose abanou a cabeça, fazendo o seu cabelo grisalho esvoaçar.

— Estejam caladas, meninas. O William e o Charlie vão olhar um pelo outro e vão chegar a horas.

— Oh — exclamou Emeline, batendo na mesa com a palma da mão aberta —, isso faz sentido. Estás a dar uma responsabilidade ao pai e a tornar o pai responsabilidade do William. És um génio do mal, mãe. — Estendeu a mão diante da cara da mãe para um *high five*, que esta ignorou.

— Deste todas as instruções ao padrinho? — perguntou Rose.

— O Kent sabe onde tem de estar, e a que horas.

— Vai estar bêbedo?

William olhou-a, surpreendido.

— Não?

— Não lhe liguês — disse Julia. — Ela parte sempre do princípio de que os homens bebem demais.

— Só até prova em contrário — disse Rose. — Cecelia, porque é que estás deitada na mesa durante uma reunião? Senta-te direita, por favor.

— Acho que está tudo decidido — disse Sylvie. — Este casamento vai ser como um relógio bem afinado. Tenho de ir trabalhar não tarda, lembram-se?

Rose virou-se para William.

— Depois de estarem casados podes chamar-me «mãe» ou «mamã». Acabou-se o «Sra. Padavano».

Fitou-o intensamente ao dizê-lo, mas ele sentia outra mensagem a ser transmitida com os seus olhos. Ela lamentava que os pais dele não fossem ao casamento, e lamentava que os pais não o amassem. Ela amá-lo-ia, preencheria a ausência deles.

Julia apertou-lhe o joelho bom por baixo da mesa. Ele levou um momento a recuperar a voz.

— Obrigado — disse.

— Que disparate. — Rose já tinha voltado à sua lista.

Mas ele agradeceu-lhe outra vez e tapou a mão de Julia com a sua.

Mais tarde, ocorreu a William que Rose tinha convocado a reunião para lhe dizer aquilo. Ela não precisava de rever os planos. Era a comandante e dirigiria os seus soldados quando o dia chegasse. Ela não delegava — dava ordens. Simplesmente, queria fazer-lhe aquela declaração, diante de testemunhas.

A cerimónia de graduação teve lugar uma semana antes do casamento e, visto que o evento incluía as suas próprias celebrações, os dias começaram a ser pontuados por William a vestir ou a despir roupas bonitas. Na noite antes do casamento, ele e Kent saíram para comer *burritos* e brindaram com demasiadas cervejas. Na segunda-feira, Kent ia mudar-se para Milwaukee, para a faculdade de medicina.

— É a menos de duas horas de distância — disse ele. — Sei que vais sentir a minha falta, mas podemos visitar-nos. Lavamos a roupa juntos, em nome dos velhos tempos.

Sareka, a chefe da lavandaria que tentara mandar William embora da primeira vez que ele aparecera na cave, assistiu à cerimónia e aplaudiu freneticamente quando os nomes de William e Kent foram anunciados. Oficialmente, nunca alterou o seu tom; sempre demonstrou desconfiar de William e gostar de Kent, mas, no terceiro ano dele, era claro que estava a fingir, e William aceitou a sua afeição como um grande elogio. Tinha-a convidado para o casamento mas ela recusara, sem hesitar. «Prefiro não estar perto de tanta gente branca.»

— Vais ser um grande médico — disse William.

Kent fitou-o.

— Tens mesmo vontade de ser professor?

— Conte-te que o Arash reparou que o meu joelho direito tinha uma fragilidade antes da lesão? Disse-mo no hospital.

— A sério? Isso é interessante. Bom, mas não estou surpreendido. Esse tipo tem um talento. Disse ao Butler que os tornozelos dele

estavam a mover-se de maneira rígida, e poucos dias depois ele partiu um numa escaramuça. Lembras-te?

— Se eu soubesse, podia ter fortalecido o joelho e evitado esta fratura.

— Ná!

— *Ná* o quê?

Kent abanou a cabeça.

— Para de falar assim. Somos licenciados. Recupera esse joelho e podemos lançar umas bolas, mas agora está na altura de sermos adultos. — Levantou a garrafa de cerveja. — Um brinde a ti e à Generala, e a mim e a um milhão de horas de estudo.

Charlie chegou a horas. William aguardava no passeio. Demorara muito tempo a vestir-se nessa manhã. Tomara dois duches gelados, porque se sentia sobreaquecido e tinha medo de suar dentro do seu fato bom. Depois de vestir o fato, fixara e retirara o aparelho do joelho várias vezes, tentando assegurar-se de que as calças caíam naturalmente em torno do suporte de metal e não ficavam arrepanhadas.

William enfiou as muletas no banco traseiro do carro azul que Charlie pedira emprestado e sentou-se no banco da frente depois de o ajustar ao comprimento máximo de pernas.

— Grande dia. — Charlie estava de fato. Parecia pequeno e desconfortável atrás do volante. — Normalmente só uso este fato para funerais — disse, voltando a entrar no trânsito.

William observou os edifícios e as casas pela janela. Sentia que estava num filme: um homem jovem com o seu quase sogro à beira do casamento. Queria desempenhar o seu papel o melhor possível.

— Vais ser bom para a Julia. — Charlie declarou-o como se fosse um facto.

— Sim, senhor. Serei.

Charlie fez uma curva suavemente, depois olhou pelo espelho e mudou de faixa. Um camião apareceu diante do carro e ele abrandou para permitir distância suficiente entre os veículos. Era um bom condutor, o que surpreendeu William. O pai de Julia apresentava-se sempre como o homem distraído e ligeiramente incompetente que as

filhas e a mulher acreditavam que ele era. Era interessante vê-lo a ser competente, e William perguntou-se, pela primeira vez, quanto do comportamento habitual de Charlie seria uma atuação.

— Sabes que eu e a Rose fugimos? Não tivemos um casamento. Acho que é por isso que ela está tão frenética em relação a este. É por ela e pela Julia.

William abanou a cabeça.

— Não sabia.

— Ela estava grávida da Julia, e as nossas mães não gostavam uma da outra. Uma quezília qualquer do país natal. Fomos de carro para Las Vegas.

William sorriu à ideia de Rose e Charlie em Las Vegas Strip. Saber que Julia que tinha sido concebida antes do casamento dos pais?

Como se lhe tivesse ouvido o pensamento, Charlie disse:

— A Julia sabe. É uma tradição de família: nunca escondemos a verdade. Mas a Rose odiou Las Vegas. Disse que estava desiludida com a quantidade de gente que ia lá todos os anos. Nunca recuperou do pavor que Las Vegas lhe causou.

Isto era suposto ser uma piada, mas a disposição geral de Charlie era demasiado sombria para fazer efeito. William sentiu-se mal por ele. Charlie estava prestes a entregar a filha mais velha, e estava completamente sóbrio, o que era um acontecimento raro. O álcool tornava-o mais leve.

— Nunca fui bom a dar à Rose o que ela queria, tirando as raparigas — disse ele. — Tenta dar à Julia o que ela quer, sempre que puderes. A Julia é forte e determinada, como a mãe. Vai dar uma espinha dorsal à tua vida. A Rose mantém-me à tona, de uma série de maneiras, e sou um felizardo. Tu também o és.

William sentiu aquela verdade: era um felizardo. Julia já lhe tinha dado muito. Tudo o que parecia desejar dele era o seu amor e o seu entusiasmo pelos planos dela. Ele poderia continuar, facilmente, a dar-lhe essas duas coisas, e esperava que fosse suficiente. Visto de fora, o casamento de Charlie e Rose parecia complicado, como um relógio com mecanismos internos que rodavam, mas que não estavam totalmente em sintonia.

Charlie inclinou-se para a frente e espreitou através do grande para-brisas.

— A igreja é ali. Vê se encontras um lugar onde eu possa estacionar.

Nas seis horas seguintes, com a exceção do tempo passado no altar, William sentiu que estava no sítio errado. Julia, Rose ou Charlie não paravam de o chamar. Pediam-lhe para falar com um primo distante, abraçar a professora da primeira classe das raparigas, falar de basquetebol com um fã dos Bulls, ou de Boston com um tio que tinha estado lá uma vez. O joelho doía-lhe, fosse qual fosse a posição em que se encontrava. Julia ficava chateada por ele não estar sentado e arrastava-o através do relvado para apertar a mão ao homem que fizera os arranjos de flores. Kent, que tinha a capacidade mágica de se pôr à vontade em qualquer situação, apertava mãos como se estivesse a concorrer a *mayor*. William reparou que era sempre seguido por um bando de jovens bonitas. Sylvie, Emeline e Cecelia giravam em torno de William e Julia como constelações cor-de-rosa. «Tantos sorrisos», comentou Sylvie numa das vezes em que passou por ele. Ao entardecer, Cecelia entregou a William os seus sapatos de salto alto e afastou-se pelo relvado. Charlie, com os cabelos em pé e uma bebida na mão, dava uma palmada nas costas de William sempre que se aproximavam um do outro.

Porém, tudo isso era ofuscado pela luminescência de Julia. O seu vestido estava coberto por pequenas contas brancas que restolhavam quando ela andava. A sua figura de ampolheta era abraçada pelo tecido; o cabelo estava preso com ganchos no topo da cabeça; os seus olhos brilhavam. Parecia ter sido ligada a uma fonte de energia a que o resto das pessoas não tinha acesso. A gratidão de William renovava-se sempre que ela lhe pegava no braço ou lhe beijava a bochecha.

— A minha mulher — sussurrava.

Rose foi procurá-los quando a limusina chegou.

— Está na hora de se irem embora. Tenham uns dias maravilhosos, que eu vou dormir durante três.

Julia abraçou a mãe e as duas mulheres apertaram-se durante um longo momento. Quando Rose se soltou, disse:

— William?

William absorveu toda a cena: a igreja de pedra, a multidão de pessoas sorridentes e um pouco inebriadas, os seus colegas de equipa, mais altos do que todas as outras pessoas, de pernas vacilantes com a

bebida. As grinaldas brancas que ligavam os ramos das árvores por cima deles. As suas novas cunhadas orientando o fim da festa, dando beijos de despedida aos convidados mais idosos.

— Obrigado por tudo, mãe — disse ele. A palavra «mãe» arranhou-lhe a garganta ao sair. Raramente a usava, pois a sua própria mãe parecia preferir que ele não lhe chamasse nada, e era isso que ele fazia. A palavra estava adormecida há muito tempo, coberta de ferrugem dentro dele.

Rose assentiu com a cabeça, satisfeita, e virou-se para lhes abrir caminho até ao carro que esperava, até ao que quer que acontecesse depois do *casamento*, *joelho*, e no resto das suas vidas.

Julia

JUNHO DE 1982 – OUTUBRO DE 1982

Julia deu por si estranhamente despreparada para a lua de mel, a qual foi passada numa estância balnear na margem do lago Michigan. Gastara tanto tempo e energia a planejar o casamento que não pensara muito na viagem com William. Nos momentos em que sonhava acordada, imaginava-os deitados em espreguiçadeiras, de mãos dadas. Na realidade, houve ventos fortes nos primeiros cinco dias em que estiveram no hotel à beira do lago, sufocando a praia com chuvas de areia, e era difícil para William caminhar em terrenos irregulares com as muletas. De facto, era-lhe difícil caminhar seja onde for. Depois de andar cerca de trinta metros, a sua testa franzia-se e ele empalidecia. Os passos que dava eram tão lentos que Julia tinha dificuldade em se refrear para o acompanhar. Desenvolveu o hábito de caminhar à frente e depois voltar para trás. Estavam ambos exaustos graças ao fim do ano letivo e pelo casamento, e assim que Julia deixou de sentir que tinham de fazer alguma coisa — explorar a cidade, ver as lojas de antiguidades que davam fama à área —, conseguiram desfrutar do último dia e meio, em que mal saíram do quarto.

De volta a Chicago, foram diretamente para o seu novo apartamento, no edifício para casais no *campus* da Northwestern. Tinham direito ao alojamento porque William começaria ali o doutoramento no outono e arranjava um emprego de verão no *campus*, no gabinete de admissões, ajudando a reorganizar o sistema

de arquivo. Julia adorou imediatamente o sítio. Era um apartamento com um quarto e uma janela na sala de estar que dava para um pátio. Entrava muita luz. Ela nunca vivera noutra sítio que não a pequena casa no 18th Place, com os pais e as irmãs. O apartamento era incrivelmente pacífico, só com ela e William. Tinham a sua própria cozinha, casa de banho e uma pequena mesa redonda, amarela, para tomarem as refeições juntos.

Ela acompanhou William ao médico, para o seu *check-up*. O homem examinou o rendado de cicatrizes em volta e através da sua rótula e disse que a recuperação fora excelente.

— Está na altura de largar as muletas, jovem. Também precisa de trabalhar o caminhar — disse o médico. — Esses músculos precisam de movimento, caso contrário, não se fortalecerão. Você é um basquetebolista, por isso sugiro um longo passeio todos os dias, a driblar uma bola.

— Eu *era* basquetebolista — disse William.

— Driblar é para se distrair e recuperar o equilíbrio — explicou o médico. — A sua mulher, pelo menos, está a prestar atenção.

— Eu estou a prestar atenção. — William parecia ofendido.

O médico olhou para Julia.

— Arranje maneira de o seu marido andar. Se ele for sedentário, o joelho será sempre um problema. Não o deixe desrespeitar o meu trabalho.

Na segunda-feira seguinte, William apresentou-se no gabinete de admissões da Northwestern e Julia foi à mercearia. Isso também foi maravilhoso. Pôde comprar bananas — Rose odiava o cheiro e recusava-se a tê-las em casa. Emeline era alérgica a amendoins, por isso nunca compravam manteiga de amendoim, mas Julia podia agora colocar um frasco no seu cesto. Comprou carnes frias, pão e uma mostarda especial para os almoços de William. Demorou mais tempo do que era necessário, percorrendo os corredores, para trás e para a frente. Ao regressar ao apartamento, encontrou as três irmãs à porta. O seu coração disparou ao vê-las.

— Tinha saudades vossas! — disse. — Mas o que fazem aqui? Nós vamos lá a casa jantar esta noite.

— Queríamos ver a tua casa — disse Sylvie.

Julia tentou franzir a testa, mas o seu rosto não parava de sorrir.

Estava feliz por ser o alvo da atenção das irmãs. Sabia que estava resplandecente, e via o prazer das raparigas por serem a causa disso.

— Na próxima semana, disse eu. Queria acrescentar alguns toques, pendurar fotografias. Para estar mesmo bonita quando a virem pela primeira vez.

— A lua de mel foi terrivelmente romântica? — Emeline estava encostada à parede, como que num ligeiro desmaio.

— Não estamos aqui para ver a tua casa — disse Cecelia. — Mas vamos para dentro.

Julia entregou-lhes os sacos das compras e abriu a porta com a chave.

As irmãs suspiraram de prazer.

— Que amorosa! — disse Sylvie.

Estava mesmo amorosa, iluminada pelo sol da manhã. As três visitas compreendiam a preciosidade que era ter o próprio espaço. Quando se crescia numa casa pequena e cheia de gente, como elas, muito do sonho da vida adulta era viver num sítio menos apinhado. Um sítio seu, que não precisasse de ser partilhado.

Julia fez-lhes uma pequena visita guiada, e depois tombaram no sofá e no cadeirão da sala. Julia notou que Cecelia trazia algo debaixo do braço e disse:

— Que é isso?

— Oh. — Cecelia mostrou-lhe. — É a minha letra escarlate, da mãe. Quer que eu a leve para todo o lado, pelo menos durante uma semana. Prometi-lhe que o faria.

Era uma das santas emolduradas da parede da sala de jantar. Julia fitou-a, tentando relacionar a imagem com o nome. Ela apenas conhecia as santas em contexto, listadas por ordem, na parede de casa.

— Santa Clara de Assis — disse Cecelia.

Sylvie e Emeline baixaram os olhos, como se estudassem as próprias pernas e pés. A mãe ensinara-lhes lições relacionadas com cada santa, mas nunca tirara nenhuma da parede, muito menos atribuíra uma como penitência ambulante a uma das filhas.

Julia recordava-se agora desta santa. Santa Clara recusara casar-se aos 15 anos e fugira de casa. Cortara todo o cabelo e devotara a vida a Deus. Criara a Ordem das Damas Pobres, e as suas próprias irmã e mãe tinham ido viver com ela na abadia. Fora a primeira mulher da

História a escrever uma regra monástica, de acordo com a qual vivia a Ordem das Damas Pobres. Julia examinou a irmã mais nova. Cecelia tinha nascido três minutos depois de Emeline, por isso, por vezes, chamavam-lhe «Bebé». Charlie gostava de lhe cantar Frank Sinatra: *Yes sir, that's my baby. No sir, I don't mean maybe.*

— O que é que aconteceu? — Julia tinha consciência de que as suas mãos estavam a gelar e que estava assustada.

— Estou grávida. De quase cinco meses — disse Cecelia calmamente. — A mãe decidiu que estou destinada a uma vida de miséria. Mas vou ter o bebé. Não vou contar ao pai porque... — Deteve-se por um segundo. — Porque não há de vir nada de bom do facto de ele saber.

Julia abanou a cabeça em negação. Aquilo não podia estar certo.

— Estás grávida?

— Sim.

— Vais ter um bebé aos 17 anos?

— Terei 18 quando o bebé nascer.

Julia sentiu algo endurecer dentro de si. Examinou as outras irmãs; claramente, era a última a saber. Elas já tinham digerido a notícia e arranjado maneira de a aceitar. Emeline era incondicionalmente leal à sua gémea e, além disso, adorava bebés. Sylvie *estava* desapontada com Cecelia — Julia via-o nos olhos da irmã —, mas via a vida como uma história, e estaria impressionada pela forma como a irmã mais nova se elevara à posição de personagem principal na sua narrativa partilhada.

— Eu é que devo ter o primeiro bebé. — Sylvie e Emeline levantaram os olhos dos pés, surpreendidas. — Desculpem, mas isto é ridículo. É óbvio que devias dar o bebé para adoção. Para quê destruíres a tua vida por causa de um erro?

Cecelia levantou-se e, ao fazê-lo, endireitou o corpo e a gravidez tornou-se visível pela primeira vez. Há quanto tempo andava encurvada, com as roupas cuidadosamente arranjadas? Usava uma camisa lilás e o montículo duro da barriga empurrava o tecido para fora.

— Tu e a Sylvie veem-nos como crianças — disse ela. — A mãe acha que toda a gente está sempre à beira da catástrofe. Não sou nenhuma dessas coisas. Nunca quis ir para a universidade. Vou

estudar e fazer arte por minha conta, com o meu bebê. É a minha vida, é a minha escolha. Nunca vou ser um fardo para ninguém. — Um metro e sessenta, ombros para trás, rugindo a última frase.

Emeline interveio.

— A Sra. Ceccione disse que a Cecelia podia mudar-se para o quarto do Frank e que ela ajudaria com o bebê se nós cozinhassemos e fizéssemos as tarefas domésticas. Eu começo a universidade no outono, claro, mas também vou trabalhar. E tenho bastante dinheiro dos trabalhos de *babysitting* que nos ajudarão a comprar o que precisamos.

Julia ficou a olhar para elas.

— Vais mudar-te para duas portas abaixo?

— Não posso ficar em casa — disse Cecelia. — A mãe deixou isso claro. E lamento que sintas que te tirei o protagonismo, Julia. Sei o quanto gostas de ser a primeira.

Cecelia disse-o gentilmente, e embora as mãos de Julia estivessem geladas e ela estivesse zangada com aquela verdade que via diante de si — aquela trapalhada —, assentiu. Fez um esforço para se levantar e abraçar a irmã, mas o seu corpo gelado recusava mover-se.

Sylvie pigarreou e olhou para Julia.

— A mãe pediu-nos para te dizermos que não vão lá jantar esta noite. Diz que vos recebe quando o seu período de luto acabar.

— Gostava de me ir embora — disse Cecelia —, mas preciso de fazer chichi. Posso usar a tua casa de banho?

Quando saiu da sala, Julia, Sylvie e Emeline entreolharam-se. O rosto de Sylvie espelhava preocupação, e Emeline tinha uma ruga de tristeza entre as sobrancelhas.

— O pai? — perguntou Julia.

— Não fala. A mãe diz que também não fala, mas nunca está calada. O pai tem vindo para casa mais tarde do que o habitual. — Isto significava mais bêbedo do que o habitual.

— Parecem velhos — disse Emeline. — Eles não querem que a Cecelia se mude, mas a mãe disse-lhe que, se ela tomasse esta decisão e não fosse para a universidade, teria de sair.

Porquê?, pensou Julia quando a irmã mais nova voltou à sala e enquanto as irmãs saíam do apartamento. *Porquê estragar tudo? Porque é que nos fazes isto?* Julia esforçava-se tanto por fazer tudo bem — e

fizera. Agora sentia-se cheia de calor e abriu a janela. Fitou a memória de Cecelia, de pé no seu apartamento lindo, perfeito, com a sua camisa lilás. Desejou que lhe tivessem dado a notícia noutro sítio. Em qualquer sítio, menos ali. A certa altura, Julia saiu e caminhou em volta do carreiro que emoldurava o pátio. Havia um banco ao fundo, onde se sentou até precisar de voltar a pôr-se em movimento.

Quando William voltou para casa nessa noite, ela disse:

— Acho que devíamos ter um bebé.

Ele parou imediatamente, colocando as muletas à sua frente, a postos para o passo que teria dado a seguir. Parecia uma árvore apoiada em estacas. William agora só usava as muletas em casa, quando a sua perna estava exausta e dorida.

— Agora? — Engoliu audivelmente em seco. — Pensei... Precisamos de estabilizar primeiro, Julia, ainda nem *comecei* o doutoramento.

— Conseguiste o emprego de professor assistente para o outono. És maravilhoso.

Ela estava a construir algo na sua cabeça. Uma resposta à confusão, uma maneira de consertar tudo, de voltar a pôr a sua família em ordem. Julia pouparia tudo o que pudesse do pequeno salário de William e daria esse dinheiro a Cecelia, ou à Sra. Ceccione, para garantir que a irmã tinha o que precisava e estava bem. A independência que Cecelia mostrara nessa tarde era como uma bandeira cravada em terreno arenoso. Era um anúncio, um desejo da rapariga grávida. Ela não tinha a força que fingia ter, e viver na mesma rua que o maremoto de dor e censura de Rose ia atirá-la contra as rochas. Assim sendo, mais dinheiro ajudaria. E Julia engravidaria o mais depressa possível porque, como uma mulher recém-casada, a sua gravidez seria celebrada. Seria inevitavelmente aceite. Julia poria a sua barriga de grávida ao lado da de Cecelia. Rose e Charlie aceitariam ambos os netos, pois estes viriam como um conjunto. Toda a gente se recomporia e haveria amor suficiente para todos. Julia viu uma imagem banhada de sol com dois bebés sentados num cobertor; um deles seria dela, mas não tinha a certeza de qual.

— Nem sequer perguntaste como foi o meu primeiro dia — disse William. — Aconteceu alguma coisa? — Interrompeu-se e puxou as muletas para junto do corpo. — Pareces... agitada?

Julia sorriu pelo tom de voz alto dele, que indicava pergunta. Ele estava cheio de perguntas, e ela amava-o. Estava cheia de respostas. Aproximou-se e encostou-se a ele. Esticou-se e desapertou-lhe o botão de cima da camisa que lhe dera pelo aniversário. Depois, o botão abaixo desse. Passou o dedo pela macia t-shirt branca que ele vestia por baixo.

— Tens fome? — perguntou, numa voz que não era mais que um sussurro.

Ele abanou a cabeça.

Ela puxou-lhe a camisa e ele inclinou-se para ela. *Isto vai resultar*, pensou ela, distraída, enquanto os lábios dele cobriam os seus e ela o conduzia, recuando lenta e vacilantemente para o sofá.

No dia seguinte, Julia apanhou o autocarro da Northwestern para Pilsen. Não tinha vontade de ir, mas era impossível saber da notícia e não ir ter com a mãe. Julia não sabia explicar por palavras exatamente porquê, mas precisava de mostrar à mãe o respeito da sua presença.

Encontrou Rose no jardim, dobrada sobre as ervas, a suar. O calor erguia-se do solo em ondas; o verão em Chicago era castigador. Julia sabia por experiência própria que as ervas exigiam o máximo de rigor e atenção ao detalhe. Rose insistia que quem trabalhasse naquela parte do jardim usasse uma lupa e pinças. Havia pequenos insetos que precisavam de ser localizados e removidos, e uma erva daninha esguia que tinha tendência para trepar pelas ervas e estrangulá-las precisava de ser apanhada a tempo.

— Ela não está cá — disse Rose. — Se estás aqui para a ver a ela.

— Vim para te ver a ti.

Isto pareceu surpreender Rose, que parou a meio de arrancar um tufo de trepadeira jovem. Pôs as mãos nas coxas e Julia foi capaz de ver o rosto da mãe pela primeira vez. Rose parecia devastada, como se tivesse sofrido um acidente de carro. Todas as peças familiares continuavam ali, mas estavam erradas, de certa forma, partidas.

— Tinha de estabelecer um limite — disse Rose.

Julia teve dificuldade em encarar o rosto perturbado da mãe, por isso ergueu os olhos para o céu baixo e quente. Procurou na sua mente a coisa certa a dizer, palavras que fizessem a mãe sentir-se melhor.

Antes de as encontrar, Rose disse:

— Pedi apenas uma coisa às minhas filhas.

— Que fôssemos para a universidade.

Rose olhou-a com fúria.

— Não. Pedi-vos que não fizessem a mesma asneira que eu. Era pedir muito?

Julia abanou a cabeça, embora não conseguisse lembrar-se de a mãe alguma vez ter feito esse pedido específico. Rose repetira, vezes sem conta: «Têm de ir para a universidade.» Nunca lhes dissera, de facto, que não engravidassem antes de casar. Essa expectativa não foi pronunciada, mas, afinal, tinha muita importância.

— Vocês deviam fazer mais do que eu fiz — disse Rose. — Queria que se saíssem melhor. Isso — disse, num tom tão áspero como o solo de gravilha aos seus pés — era tudo o que importava na minha vida.

— Oh, mãe — disse Julia, abalada.

No calor da novidade, no dia anterior, ela não tinha pensado que Cecelia estava a repetir a história da mãe. Rose engravidara de Julia quando tinha 18 anos e era solteira, e a mãe deixara de falar com ela. Mãe e filha nunca tinham voltado a falar. As raparigas nunca tinham conhecido a avó. Charlie dizia sempre que não tinham perdido nada, porque a avó era uma mulher desagradável e amarga; mas quando o assunto da mãe vinha à baila, Rose virava sempre as costas. Nunca dizia uma palavra. Agora, Rose era a mãe que virava as costas à filha. E à neta. Rose estava a cortar um ramo da sua própria árvore familiar, o que significava que estava ao mesmo tempo a infligir e a experimentar dor.

— Falhei — disse Rose.

— Não, não falhaste. Foste uma grande mãe.

— Falhei. — Desta vez, disse-o numa voz baixa que parecia a de Emeline.

Julia nunca tinha ouvido a mãe falar naquele tom. Nem acreditava que ela fosse capaz disso. Perguntou-se se as vozes de todas as quatro raparigas viveriam dentro da mãe. A franqueza de Emeline, as diretivas claras de Julia, a excitação de Cecelia pela paleta de cores que constituía o mundo, o anseio romântico de Sylvie. Talvez Rose tivesse pura e simplesmente mascarado as vozes das filhas com o seu tom rude, o seu toque de raiva e desapontamento — mas estavam

todas ali, enterradas dentro dela.

— Olha para mim — disse Julia. — Sou casada e tenho uma licenciatura. Não teve importância teres engravidado de mim antes de casares. Isso não precisa de ter importância. — Julia nunca se incomodara com o facto de ter sido concebida antes do casamento dos pais. Não era invulgar naquele bairro, e ela sempre sentira um certo prazer por ter dado início à família. Sem ela, Charlie e Rose podiam não ter casado. Sylvie, as gémeas, aquela casa, não existiriam. Julia tinha sido o catalisador.

— Pelo menos o Charlie casou comigo — disse Rose. — A tua irmã está a fingir que o pai não existe, que não importa. Recusou-se a dizer-me o nome, para eu não ligar aos pais deles e corrigir a situação. Sabes quem ele é? — Os seus olhos refulgiram com uma esperança súbita.

— Não, não sei.

— Tretas — disse Rose, olhando para a terra.

Julia não percebia como é que empurrar outra pessoa para um erro tornava isso diferente de um erro maior, mas manteve a sua opinião para si mesma.

— A Cecelia tem-nos a todos — disse. — Tem a nossa família. Podemos dar ao bebé tudo o que precisar.

O rosto de Rose escureceu.

— O bebé não terá falta de nada — disse. — Mas a vida da Cecelia acabou.

Era o mesmo que dizer *A minha vida acabou quando engravidei de ti*. Julia, porém, não ficou ofendida — porque a mãe estava a ver tudo mal. Estava com uma disposição negra, por isso só via escuridão. Rose examinou a horta e Julia percebeu que a mãe estava a ver só o que havia de errado naquilo: os insetos, as folhas com buracos, a possível podridão, os caules frágeis.

Rose perguntou, num tom monótono:

— Como está o William?

— Está bem. Já quase não usa as muletas.

Rose assentiu com a cabeça, mas Julia sabia que ela não a tinha ouvido, não a podia ouvir. Rose tinha falhado, e por isso era uma ruína: uma estátua partida, como a Virgem Maria encostada à cerca no canto do quintal. Julia queria dizer *Não te preocupes, mãe. Vou*

engravidar. Vou garantir que os ramos da nossa árvore permanecem intactos, mas não podia dizê-lo. O seu plano era apenas isso, um plano. Ainda não era uma resposta para o desgosto da mãe. Julia pensou no bebé de Cecelia e em como, a menos que o corrigisse, essa criança chegaria da mesma forma que ela, atrás de um rasto de desdém e indignação. Atrás da separação entre uma mãe e uma filha. Pela primeira vez, sentiu o seu coração aquecer em relação ao bebé de Cecelia, sentiu os laços de sangue.

Julia deixou a casa dos pais esgotada, como se tivesse pegado numa pá e ajudado a mãe na horta. Na viagem de autocarro para casa, perguntou-se qual era o sentido da sua vida. Nunca tinha pensado nesses termos. O pai dizia que Julia era o seu «foguetão» desde que ela era pequena — «Estou ansioso por te ver voar», dizia —, e ela era aquela que resolvia problemas. Diante de si, contudo, estendia-se agora um enorme desafio, o maior até ao momento. Era um novelo de lã que entrelaçava toda a sua família, o que significava que todos os que amava estavam em causa. As irmãs, os pais, William, os bebés que ainda não tinham chegado. Julia foi invadida por uma onda de medo diante da ideia de não ser bem-sucedida, mas abafou-a. Nunca falhara em nada a que se tivesse proposto fazer, e isto não seria diferente. Não podia ser diferente.

Cecelia entrou em trabalho de parto em finais de outubro, quando Julia estava grávida de quase quatro meses. A Sra. Ceccione levou Cecelia ao hospital e as irmãs foram lá ter. Só podia estar uma pessoa na sala de partos durante o nascimento, e a enfermeira, de bata e máscara, anunciou à sala de espera que a jovem mãe pedira uma mulher chamada Julia.

Encantada, Julia vestiu uma bata hospitalar e fez o seu melhor para enfiar o cabelo dentro da touca que lhe deram. Quando entrou na sala, encontrou Cecelia a chorar.

— Quero a mãe — disse. — Quero tanto... Tu lembras-me dela.

— Bebé — disse Julia, afastando o cabelo de Cecelia da sua cara afogueada. Era o que Rose chamava às filhas em tempos de doença ou tristeza.

— Tenho tantas saudades dela. — Cecelia fitou a irmã com uma

expressão enlouquecida no olhar. — Nem imaginas. Tive de lutar contra a vontade de voltar para casa, todos os dias. É como se o bebé a quisesse ver. O meu corpo detesta estar longe dela.

— Queres que a chame? — perguntou Julia. — Ela viria. — Não tinha a certeza se era verdade, mas sabia ser o que a irmã queria que fosse verdade, e perante a angústia de Cecelia, Julia faria o seu melhor para alterar a realidade.

O corpo de Cecelia contorceu-se sob os lençóis e ela gritou. Segurou a mão de Julia e apertou com tanta força que Julia ficou sem ar. Como é que a irmã era tão forte? Julia viveu as vagas de contrações com Cecelia nos vinte minutos seguintes, sentindo a magnitude de criar e conhecer um novo humano inundá-la. Limpou o suor da testa de Cecelia com um pano e permitiu que ela lhe apertasse a mão com toda a força. Sabia que a mãe estava errada ao virar as costas a isto: à sua própria bebé, à chegada do seu primeiro neto. Julia prometeu a si mesma nunca ser tão teimosa.

— Acho que tenho vontade de fazer cocó — disse Cecelia, num sussurro sonoro.

— Isso significa que está na hora de empurrar o bebé cá para fora. — Quem falou foi a enfermeira de expressão entediada, cuja presença a um canto Julia nem notara. — Vou chamar o médico.

A criança chegou — aos berros, cor-de-rosa, encarquilhada —, tão furiosa que tanto Julia como Cecelia choraram de alívio.

— Ela está aqui — disse Cecelia, quando a bebé estava deitada sobre o seu peito. A bebé bateu o punho contra a pele da mãe. Julia viu-a inspirar rapidamente e depois soltar o ar. Este ser novinho em folha parecia concentrar toda a sua forma minúscula no ato de viver.

— Olha para ela — disse Julia.

Desejava que toda a gente que conheciam estivesse na sala com elas para ver. De facto, desejava que estivessem ali apinhados milhões de pessoas com elas — toda a humanidade —, porque a visão era extraordinária.

— Isabella Rose Padavano — disse Cecelia. — Vamos chamar-te Izzy. Bem-vinda ao mundo.

— A mãe não vai ser capaz de lhe resistir. — Julia contemplava a bebé, maravilhada. Os seus olhos perfeitos, o minúsculo nariz perfeito, a boca cor-de-rosa perfeita. — Ela é irresistível.

Mais tarde nessa noite, depois de Julia e as irmãs saírem do hospital, Charlie fez uma visita. A Sra. Ceccione ter-lhe-ia, provavelmente, dado a notícia.

Quando apareceu à porta do quarto de Cecelia, não mencionou os cinco meses anteriores, nem a raiva de Rose, nem o facto de nunca ter dado os vinte e quatro passos da sua casa até à casa da Sra. Ceccione para visitar a filha ostracizada. Charlie limitou-se a observar Cecelia e a bebé durante muito tempo. Depois, sorriu com tanto calor que foi como se um sol se levantasse dentro dele.

— Olá, linda — disse.

E, com essas palavras, Cecelia soube que tinha sido perdoada, e perdoou-o também.

Ele beijou a bochecha de Cecelia e sentou-se na cadeira ao lado da sua cama com a bebé nos braços. Izzy fitou o avô com os seus olhos negros sérios e brilhantes. Charlie olhou-a e disse:

— Ela ainda quase não ouviu palavras. Vamos iniciá-la com um encantamento, um pouco de magia?

— Sim, por favor — disse Cecelia.

Ele aninhou a bebé no seu corpo e sussurrou-lhe ao ouvido minúsculo:

— *Porque cada átomo que me pertence é como se te pertencesse.* — Deu-lhe beijos na bochecha macia. Parecia sóbrio, e deu todo o seu amor à neta, diria Cecelia mais tarde às irmãs. Depois, levantou-se e entregou cuidadosamente Izzy a Cecelia. Beijou novamente a filha. — Obrigado, querida — disse.

Charlie chegou a meio do corredor do hospital antes de cair ao chão. Uma enfermeira do outro lado da esquina reconheceu o som de um corpo humano a render-se. Chegou junto dele em menos de um minuto, mas o seu coração já tinha parado. Nenhuma das máquinas ou especialistas do hospital foi capaz de o trazer de volta.

Sylvie

OUTUBRO DE 1982 – MARÇO DE 1983

Houve uma fila à porta da casa mortuária durante as três sessões do velório. Lá dentro, Sylvie manteve-se ao lado de Rose, Julia e Emeline, dizendo «muito obrigada» sempre que um estranho lhe contava como o seu pai tinha sido maravilhoso. Uma mulher contou que estivera diariamente ao lado de Charlie na paragem de autocarro em Loomis durante anos, dado que faziam o mesmo percurso, e ele fora mais gentil com ela do que qualquer outra pessoa na sua vida. O Sr. Luis, que fornecera as flores para o casamento de Julia e agora para o velório e funeral, disse que, quando se mudara para Pilsen, Charlie o ajudara a negociar uma renda baixa para a loja.

— O meu negócio nunca teria existido sem ele — disse o Sr. Luis às mulheres Padavano. — Eu não acreditava em mim próprio, mas o Charlie, acabado de me conhecer, não sei porquê, acreditou.

Charlie parecia ter o hábito de ajudar mães jovens: várias mulheres disseram que ele tinha levado leite em pó para os seus bebés quando elas não podiam comprá-lo. A bibliotecária-chefe Elaine apareceu diante de Sylvie no segundo velório e disse-lhe, numa voz séria, que o pai tinha sido um cavalheiro amoroso e que uma vez lhe fizera um favor importante. Sylvie não sabia que o pai e a bibliotecária-chefe Elaine — que era 15 anos mais velha do que os seus pais — se conheciam ou que alguma vez tinham estado na mesma sala. Alguns homens, que deviam ser companheiros de copos,

entraram na casa mortuária em mau estado e foram olhados nervosamente pelas amigas de Rose. Colegas de trabalho da fábrica de papel chegaram envergando camisas brancas e gravatas pretas, como se fosse o seu uniforme.

— É impossível que ele tenha partido — disse um dos trabalhadores mais jovens.

Sylvie concordou. Era impossível.

Muitos convidados choraram intermitentemente, como se as suas lágrimas fossem não só por Charlie, mas também pelos seus desgostos pessoais. Um amor perdido há muito, um aborto, a dor de cabeça latejante de nunca ter dinheiro suficiente. Num cenário onde chorar era aceitável, aproveitavam a oportunidade. Seguiam um trajeto claro: primeiro, esperavam na fila que abraçava a parede mais distante; depois, paravam diante do caixão aberto; em seguida, viravam à esquerda para dar as condolências às mulheres Padavano. Nessa altura, ou saíam da sala ou iam para o centro, onde estavam as cadeiras. As mulheres Padavano nunca falaram publicamente no velório, mas, em todas as sessões, um homem diferente, de uma parte diferente da vida de Charlie, levantava-se e falava dele com voz embargada.

Sylvie nunca se aproximou do caixão. Avistara o pai quando tinham chegado à sala. Morto, Charlie parecia quieto, macilento, ausente, e ela não tinha desejo de ver de perto o seu corpo vazio. Ficou presa ao seu lugar como se estivesse trancada numa cela. Ouvia a sua voz a agradecer ou a pronunciar quaisquer outras palavras que lhe parecessem apropriadas. Via as suas mãos serem envolvidas pelas de estranhos. Quando as velhotas insistiam em beijá-la, ela oferecia-lhes a bochecha. A certa altura, William trouxe uma cadeira para a sua mulher grávida, mas Rose sentou-se em vez dela, apesar de ter passado a noite a recusar ofertas de cadeiras.

A Sra. Ceccione entrava e saía sem se aproximar das mulheres Padavano. Evitava Rose desde que Cecelia tinha ido viver para casa dela, mas era óbvio que tinha medo de ir para o inferno se não prestasse a sua homenagem ao morto. Parentes e primos que Sylvie apenas encontrara um punhado de vezes porque não sei quem detestava não sei quem, chegaram e partiram com lágrimas e fungadelas.

— Aquela mulher... — sussurrou Rose para as filhas pelo menos uma vez em cada sessão de velório, mas normalmente Sylvie nem percebia a quem é que ela se referia.

Havia uma infraestrutura de ressentimentos que tinha dado forma às famílias de Charlie e Rose, mantendo-os afastados uns dos outros. Quando as irmãs Padavano pensavam em família, imaginavam unicamente as seis pessoas que viviam debaixo do seu teto. Tias, tios, avós e primos tinham sempre sido enquadrados como inimigos ou potenciais inimigos. Sylvie via as pessoas entrarem e saírem da sala em ondas de dor teatral, quase como se sincronizadas, mas estava sobretudo consciente de quem faltava: Cecelia e a bebé.

Cecelia e Izzy tinham tido alta do hospital nessa tarde. O plano original, criado sobretudo por Julia, era que Cecelia fosse diretamente do hospital visitar Rose, servindo o bebé como uma oferta de paz entre a mãe e a filha mais nova; mas o plano deixara de fazer sentido com a morte de Charlie. Foi Sylvie a atender o telefone da cozinha quando Cecelia telefonou do hospital, chorando tanto que, a princípio, não percebeu quem era. Rose recebeu a notícia como se tivesse sido atingida por um raio elétrico. O seu corpo ficou rígido, depois amoleceu, e ela caiu desamparada no chão da sala. Sylvie ajoelhou-se ao lado dela. Emeline — com a terrível frase, *o pai morreu*, ainda nos ouvidos — correu para o hospital para estar com Cecelia. Julia ainda não sabia; estava tranquilamente sentada num autocarro, a caminho de Northwestern.

A primeira coisa que Rose disse, numa estranha voz nova, foi:

— Ela foi a última a vê-lo? Ele estava com ela?

Sylvie ficou confusa.

— A Cecelia?

— Ela — disse Rose, com essa voz estranha.

— Ele morreu no corredor — disse Sylvie.

Mas sabia que a abertura a Cecelia e à linda bebé recém-nascida tinha sido fechada. Esta morte, e a traição que Rose via nela, tinham arruinado qualquer hipótese de reunião. Sylvie ficou no chão, mas afastou-se da mãe. Charlie tentara sempre temperar o feitio de Rose, insistindo para que fosse mais suave. Era claro que também pensara que o bebé seria o remédio para isso. Sylvie desejou ter falado com ele acerca disso; ela e as irmãs deveriam tê-lo incluído no plano. Se o

tivessem feito, talvez ele não tivesse ido visitar Cecelia ao hospital. Talvez aquilo não tivesse acontecido.

Mesmo assim, disse à mãe:

— Não teve nada que ver com a Cecelia. O coração dele falhou.

— Comigo é que não teve — disse Rose. — Não teria acontecido se ele estivesse comigo.

O cadeirão favorito de Charlie estava atrás delas. O cadeirão onde ele falava em verso e tomava as suas bebidas e dizia às filhas o quanto as amava. Sylvie nunca se importara que o seu salário diminuísse ou que ele bebesse demasiado. Ele fora a sua pessoa, e tinham trocado livros a vida inteira. Notara, ainda em pequena, que Charlie nunca ia à horta, por isso ela também não ia. Esse primeiro impulso de seguir o pai, de o imitar, erguera uma barreira entre ela e Rose.

O funeral aconteceu cinco dias após a morte. Apareceram tantas pessoas em St. Procopius que não cabiam todas no interior da grande igreja. Rose usava um vestido preto e uma renda preta presa ao cabelo. Sentou-se na fila da frente com Sylvie e Julia, uma de cada lado. William estava ao lado de Julia com o fato preto do casamento. Do lado de Sylvie, Emeline torcia-se no assento a tentar ver se a gémea entrara na igreja, porque decerto Cecelia não faltaria. Sylvie cruzou o olhar com a irmã, como que perguntando: *Viste-a?* Emeline abanou a cabeça.

Suando sob o vestido e meias grossas, Sylvie lembrou-se da última vez que tinha estado sozinha com o pai, um mês antes. Depois do jantar, certa noite, Rose mandara os dois buscar uma grande encomenda ao mercado. Ela fizera as compras mais cedo; eles só tinham de trazer as coisas para casa. A encomenda não estava pronta, por isso a Sra. DiPietro deu a Charlie um pequeno copo de cerveja e eles esperaram nos degraus das traseiras da loja. Havia um pequeno jardim cheio de silvas aos seus pés, e Charlie examinou-o.

— Não chega aos calcanhares da horta da tua mãe — disse ele.

— Como é que sabes? — Sylvie levantou o cabelo por cima da cabeça, tentando apanhar algum ar no pescoço. O Sol estava a pôr-se, mas tinha sido um dia de setembro invulgarmente quente. — Nunca vais ao quintal.

Ele fez-lhe um sorrisinho.

— Presumo a grandeza que tem.

O pai parecia cansado, e Sylvie recordou ter-se perguntado se ele andaria a dormir mal. Era provável que o seu coração estivesse a começar a falhar; já estava a falhar nesse dia nos degraus, com a cerveja na mão. Talvez Charlie o tivesse pressentido, porque disse:

— Querida, eu sabia que tu faltavas a muitas aulas no liceu.

Sylvie fitou-o com surpresa.

— Sabias?

— O Butch era um bom amigo, por isso pedi-lhe para fazer vista grossa o máximo de tempo que pudesse, e que depois te desse um castigo inofensivo.

Butch McGuire era o diretor da escola secundária de Sylvie, e após um ano em que foram mais as aulas de Matemática e Física a que faltara do que aquelas a que assistira, ele disse-lhe que o seu castigo era pintar o muro atrás da escola. Cecelia tinha-a ajudado, sempre feliz por ter um pincel na mão. Emeline mimara-as com comida. Sylvie acreditara que os pais não sabiam das suas faltas e do seu castigo.

— Porquê? — perguntou ela, querendo dizer *Porque é que fizeste isso, porque é que estás a contar-mo agora?*

— Como é que passaste o tempo dessas aulas a que faltaste?

— A ler. — Sylvie abanou a mão. — As aulas eram uma perda de tempo. Quando não estou interessada numa coisa, não tenho esperança de a aprender.

Ela ficava a ler num parque perto da escola, guardando romances dentro de um tronco oco de um velho carvalho que via como um amigo. Não tinha dito às irmãs o que fazia, porque sabia que Julia iria ficar furiosa e insistir para que voltasse às aulas, e não queria que as gémeas pensassem que era um comportamento aceitável. Fora talvez essa a primeira vez que Sylvie se apercebera de que estava a trilhar um caminho diferente do de Julia. Sylvie lia romances que escondia numa árvore — uma árvore à qual revelava os seus pensamentos e preocupações —, ao passo que Julia ultrapassava todos os obstáculos académicos que eram colocados à sua frente.

Charlie assentiu com a cabeça.

— És demasiado jovem para compreender realmente que a vida é curta, mas é. Não quis impedir-te quando estavas a afastar-te de uma coisa que não importava para te aproximares de uma que sim. Eu e tu somos farinha do mesmo saco, querida. Nenhum de nós espera que a

escola ou o trabalho nos preencha. Olhamos pela janela, ou para dentro de nós mesmos, em busca de algo mais. — Examinou-a. — Sabes que és mais do que uma auxiliar de biblioteca e uma estudante universitária, não sabes? És a Sylvie Padavano. — Disse o nome dela com deleite, como se ela fosse uma exploradora ou guerreira famosa. — É por *saberes* que é possível conseguir algo mais que vês sempre quão inútil é seguir uma regra estúpida ou estar presente numa aula chata. A maioria das pessoas não percebe essa distinção, por isso faz apenas o que lhe mandam. Claro que isso deixa as pessoas entediadas e irritadas, mas estão convencidas de que é a condição humana. Tu e eu temos a sorte de ver que não tem de ser assim. — A verdade nas palavras de Charlie vibrou ao longo da coluna de Sylvie. Ele sorriu-lhe. — Estou a fazer um belo discurso, não estou? Bem, que assim seja. Nós não estamos separados do mundo pelas nossas próprias extremidades. — Charlie pousou o copo de cerveja, agora vazio, e esfregou o braço com a mão, para cima e para baixo, como exemplo de uma das suas extremidades. — Somos parte do céu e das pedras na horta da tua mãe, e daquele velhote que dorme na estação de comboios. Estamos todos interligados, e quando vês isso, vês como a vida é linda. A tua mãe e as tuas irmãs não têm essa consciência. Ainda não, pelo menos. Acreditam estar contidas dentro dos seus corpos, nos factos biográficos das suas vidas.

Sylvie sentia que o pai lhe mostrara uma parte de si próprio que ela não sabia que existia. Quando pensava naquele momento — agora, no banco da casa mortuária, e mais tarde, no decurso da sua vida —, sentia sempre uma alegria gigantesca com o facto de o pai lhe ter dito isso e de ela ter podido encantá-lo, a *ele*, ao parafrasear um dos seus poemas favoritos: *Não estamos contidos entre os nossos chapéus e as nossas botas*. E então a Sra. DiPietro saiu com os sacos, e pai e filha caminharam para casa com os braços a tocarem-se, as moléculas dançando entre eles e as estrelas acendendo-se como lâmpadas minúsculas no céu noturno.

O padre falava acerca de Charlie, tentando mostrar que o trabalho que ele tinha tido era importante, tentando fazer parecer que Charlie governava a sua casa, embora soubesse que era Rose quem tomava todas as decisões, e era doloroso para Sylvie o facto de o padre e todas as pessoas presentes no velório definirem Charlie pelos seus factos

biográficos, quando ele fora muito mais do que isso. Ele era vasto, e mais presente na dádiva de fórmula para bebê a uma jovem mãe do que em qualquer um dos dias que tivesse passado na fábrica de papel. Ele *era* os seus atos de bondade e o seu amor pelas filhas e os vinte minutos que passara com Sylvie nas traseiras da mercearia naquele fim de tarde.

Essa conversa ajudara Sylvie a ver-se de uma maneira nova. Ela procurava terceiras portas porque era como o pai. Julia procurava coligar etiquetas como «aluna de honra», «namorada» e «esposa», mas Sylvie fugia dos rótulos. Queria ser verdadeira consigo própria em cada palavra que proferia, a cada ação que praticava e a cada crença que detinha. Não havia rótulos para beijar rapazes durante noventa segundos na biblioteca, e era em parte por isso que Sylvie ficava feliz, e Julia, desconfortável. Sylvie continuaria a boicotar todas as aulas enfadonhas para ficar a ler nos parques. Não aceitaria menos do que o amor verdadeiro, apesar de as irmãs terem soltado um suspiro coletivo quando lhes contara que Ernie a tinha convidado para um encontro a sério e que ela tinha recusado. Esperaria, para sempre se necessário, por um homem que visse a totalidade da pessoa que ela era, tal como o seu pai vira. Sylvie remexeu-se no banco, sentindo os seus pensamentos correrem na sua mente. Apressados, quentes e toldados pelas lágrimas que ainda não libertara. Sabia agora — dentro do seu corpo, dos seus ossos, das suas células — que o pai tinha partido. Partira, e mais ninguém a conhecia verdadeiramente. Julia, Emeline e Cecelia, cada uma via uma Sylvie ligeiramente diferente: doce com Emeline, em resposta à doçura da irmã, brincalhona com Julia, porque gostavam de se provocar uma à outra. Era curiosa na presença de Cecelia, porque a sua irmã artista falava e pensava de maneira diferente de todas as pessoas que conhecia.

Sylvie olhou em volta, para as cabeças baixas, para as irmãs, suadas e chorosas, para o rosto pétreo da mãe, e viu que estavam todas em sarilhos. Charlie via e amava cada uma delas por aquilo que eram. Quando alguma das suas raparigas — incluindo Rose — lhe aparecia à frente, recebia-as a todas da mesma forma, gritando «Olá, linda!» A saudação era tão simpática que todas elas tinham vontade de sair da sala e voltar a entrar. Ele deleitava-se com a ambição de Julia e alcunhava-a de «foguetão». Levava Cecelia ao museu de arte

contemporânea aos sábados de manhã. Mantinha um inventário partilhado das crianças da vizinhança com Emeline, porque Charlie adorava ver o rosto da filha iluminar-se quando explicava os interesses de uma criança e as razões específicas pelas quais ele ou ela era notável. Sylvie e as irmãs tinham-se conhecido a si próprias sob o olhar do pai. E, sem esse olhar, os fios que uniam tão estreitamente a família tinham-se quebrado. O que era natural exigiria agora esforço. O que tinha sido casa para todas, era agora apenas a casa de Rose. Emeline já dormia no chão do quarto de Cecelia em casa da Sra. Ceccione, para ajudar com a bebé. Julia estava casada. Sylvie soube nesse momento que também teria de se mudar.

Voltou para a casa com Rose depois do funeral; tencionava falar com a mãe sobre a mudança que sentira, mas não queria fazê-lo neste dia. Talvez pudessem acordar uma data que não parecesse demasiado abrupta para nenhuma delas — talvez daí a um mês? Mas Rose não olhou para ela ou disse uma palavra no caminho de regresso a casa. Rose foi direita para o quarto e mudou de roupa, preparando-se para a jardinagem. A caminho do quintal, passou por Julia, voltando a cara.

— Posso fazer alguma coisa por ti, mãe? — perguntou Julia. — O que é que te apetece para o jantar?

Rose parou.

— As tuas irmãs deixaram-me — disse, com voz débil. — Toda a gente se foi embora.

— Eu estou aqui — disse Sylvie, mas a mãe não deu qualquer sinal de a ter ouvido, e Sylvie ficou a pensar se, de facto, estaria realmente ali. A sua certeza vacilou e, com esta, o seu eu. Sylvie teve a sensação de desaparecer dentro do seu vestido e meias pretas. Sob o olhar de Charlie, Sylvie era completa; agora, diante da mãe, era porosa, desvanecia.

— É melhor ires ficar com uma das tuas irmãs — disse Rose. — Quero ficar sozinha. — Abriu a porta das traseiras e saiu. Sylvie ficou quieta por um momento na casa vazia, esforçando-se por respirar, porque parecia que o tamanho dos seus pulmões tinha aumentado. A segunda filha de Rose não era suficiente, e nunca seria suficiente. Quando conseguiu controlar a respiração, voltou ao quarto para embalar os seus pertences.

Nessa noite dormiu no sofá de William e Julia. Levou a roupa em

sacos de mercearia. Sylvie ficou surpreendida por ter tão poucas coisas. O quarto que ela e Julia tinham partilhado era tão pequeno que nunca houvera espaço para mais do que as suas camas de solteiras e uma cómoda. Sylvie nunca comprava livros, devido à sua relação com a biblioteca. Deitada no sofá com a sua camisa de dormir, debaixo de um cobertor áspero, com os sacos de mercearia bem alinhados à sua vista, sentiu-se emaranhada numa rede de dor. O pai morrera e a mãe rejeitara-a. *A minha alma gémea virá salvar-me*, pensou. *Ele ver-me-á, e sentir-me-ei mais sólida*. Mas isso trouxe-lhe uma nova tristeza porque, se alguma vez encontrasse esse homem, ele nunca conheceria o seu pai. Sylvie contemplou o teto a maior parte da noite. Sentia as lágrimas bem fundas dentro dela, mas pareciam não conseguir sair. Ainda não tinha chorado.

Na manhã seguinte, na biblioteca, afixou um anúncio no enorme quadro de avisos:

*Precisa de alguém que cuide da sua casa ou dos seus animais? De alguém que regue as suas plantas quando está de férias? Trabalho em troca de uma cama.
Por favor, fale com a bibliotecária assistente Sylvie, na receção.*

Mas ninguém foi ter com ela. Nem sequer os seus rapazes, embora ela tivesse adorado ser beijada ou abraçada, ainda que por um momento. Dois deles, Ernie e Miles, tinham assistido ao velório, mas tinham evitado estabelecer contacto visual com ela. Ela não lhes contara do pai, mas alguém afixara o anúncio da morte e da missa fúnebre no boletim da biblioteca. Toda a gente que Sylvie encontrava parecia pressentir que ela estava vestida de morte, por isso passavam ao largo. Por uma ou duas vezes cheirou a roupa, para se certificar de que não emanava um cheiro horrível. Empurrava o seu carrinho através dos corredores. Fazia as suas leituras para a universidade na biblioteca quando não estava de serviço e à noite dormia no sofá de Julia e William.

— Disseste à mãe que ias ficar aqui durante algum tempo? — perguntou Julia.

Sylvie abanou a cabeça.

— Ela está aliviada por eu não estar lá.

— Mas ela está tão só — disse Julia. — Ela nunca viveu sozinha.

— Foste visitá-la esta tarde.

Julia levantou a mão para se certificar de que o seu cabelo estava bem composto.

— Acho que está na horta todo o dia, todos os dias. Mal falou enquanto estive lá. Sei que está a sofrer, mas...

Sylvie falou com certeza.

— A mãe não me quer lá.

Na tarde seguinte, pelas grandes janelas da biblioteca, Sylvie viu a mãe a passar. Rose ainda usava preto, mas abandonara o véu. Caminhava lentamente, com uma postura muito direita. Não olhou para dentro da biblioteca, apesar da elevada probabilidade de a filha estar lá. Sylvie também não correu para a rua, para lhe falar. Ficou paralisada atrás do balcão e observou Rose a percorrer toda a extensão das janelas, antes de desaparecer.

Julia ganhara o hábito de se meter no sofá com Sylvie a meio da noite. Como Julia tinha novas curvas — não estava visivelmente grávida para estranhos, mas tivera de comprar sutiãs novos — Sylvie tinha de se deitar de lado, mesmo na ponta dos almofadões. Tinha de enrolar os braços em volta de Julia para não cair. A noite vibrava em torno delas, e Sylvie sentia-se grata por estar encostada à irmã. Estavam no final de novembro, algumas semanas confusas depois da morte do pai.

— Que vamos fazer? — sussurrou Julia.

Com os olhos fechados, Sylvie podia fingir que estavam nas suas camas de solteiras, no quarto da sua infância. Afinal, mantinham conversas às escuras desde que se lembravam.

Respondeu:

— Tu vais ter um bebé. E eu estarei em breve qualificada para um salário maior, e vou arranjar uma casa para mim.

Sylvie mudara o seu foco na universidade de Literatura Inglesa para Ciências Documentais, pois sabia que a bibliotecária-chefe Elaine precisava de uma nova bibliotecária e que a contrataria se ela tivesse as qualificações necessárias. Sylvie percorria diariamente os anúncios classificados em busca de estúdios, confiando que, com o novo emprego, poderia alugar um pequenino.

— Sinto-me como a Beth — disse Julia.

Sylvie abraçou a irmã com mais força. Enquanto cresciam, só

Sylvie, Emeline e Cecelia faziam aquela declaração. Julia nunca tinha dito que era Beth. Quando Julia estava doente, fosse gripe ou uma constipação, bebia sumo de laranja e chupava pastilhas de zinco e comia saladas, a fim de se fortalecer e ultrapassar a situação. Doenças ou deceções eram simplesmente coisas que precisavam de ser ultrapassadas. Nem a brincar falava em rendição. Mas os olhos de Julia pareciam estar em pânico desde a morte de Charlie. Como Sylvie compreendia bem a irmã mais velha, sabia que Julia não estava apenas a fazer o luto, mas a recuperar do facto de ele ter morrido. Julia não planeara a morte do pai, e esse choque ameaçara toda a sua visão do mundo. A ausência do pai, afinal, não era uma coisa que se pudesse remediar.

— Haveremos de nos arranjar — disse Sylvie. — Vais engendrar um novo plano. É o que fazes sempre. É mais difícil fazê-lo quando estás grávida, só isso. Dá-te algum tempo.

— Será que eu estava errada em tentar consertar tudo? — Julia pousou a mão de Sylvie na sua barriga. Os movimentos do bebé tinham-se tornado perceptíveis nos últimos dias.

Sylvie ficou calada, porque quando o bebé se mexia a sensação era delicada e impossível de detetar, a menos que se estivesse calado. Teve o pensamento de que a pequena barriga de Julia era como um tambor, mas a percussão estava dentro do instrumento. Sylvie sentiu algo e ficou extasiada: bolhas, talvez o acenar de uma mão minúscula.

— Não — disse. — Não estavas errada.

Havia momentos de silêncio, quando uma das irmãs quase adormecia. Só por uma vez adormeceram ambas profundamente. William encontrou-as enroladas uma na outra de manhã. Regra geral, o seu repouso era intermitente. Sylvie agarrava-se à irmã em parte porque, à noite, se sentia sem âncora. Era engolida pelo céu e pelo seu cobertor e pelos sacos de papel que continham as suas roupas. No escuro, Charlie faltava e Rose olhava na direção de Sylvie com uma raiva que esta não entendia, mas fazia o seu corpo contrair-se de culpa. Sylvie sabia que Cecelia chorava a cada nova etapa no desenvolvimento de Izzy, porque perdera ambos os pais e o mundo em que era suposto que a sua pequenina crescesse. Rose, brutalmente silenciosa, a duas casas de distância de Cecelia e da sua neta, afundava-se cada vez mais numa dor teimosa. Da última vez que Julia

a tinha ido visitar, Rose mandara-a embora.

Sylvie estava quase a dormir quando a irmã disse:

— Depois do funeral, o William pediu dispensa no trabalho até ao fim do semestre. Disse ao departamento que precisava de tempo comigo porque o meu pai tinha morrido.

— Foi generoso da parte dele.

— Mas precisamos do dinheiro. Eu estava a contar com isso, e ele não me perguntou antes de falar com o orientador. Eu preferia que ele continuasse a dar aulas. Isto dá uma péssima primeira impressão. Os professores de lá vão pensar que ele é preguiçoso ou mole. — Julia disse a palavra «mole» como se fosse a crítica mais terrível em que conseguia pensar.

Sylvie ponderou acerca disso. O cunhado coxeava pelo apartamento e sorria para Sylvie para a fazer saber que não se importava que ela estivesse ali. Ela não se sentia em posição de o criticar.

— Disseste-lhe alguma coisa acerca disso? — disse ela.

— É demasiado tarde para mudar seja o que for. Fazes-me um favor? — Isto não precisava de resposta, por isso Sylvie simplesmente aguardou. — Lê este livro? Ele diz que é um trabalho em progresso. Chateei-o até finalmente me deixar lê-lo, e não faço ideia do que pensar dele. Ideia nenhuma. — Julia olhou para Sylvie com os olhos arregalados. — Tenho evitado conversas com ele porque não sei o que dizer. Tu é que és a leitora... és capaz de perceber o que ele está a tentar fazer. E se tiver potencial para ser uma ajuda? Isto é, a arranjar emprego depois do doutoramento?

Esta quantidade de pontos de interrogação era invulgar em Julia. *Estamos todas com os pontos desfeitos*, pensou Sylvie. *Por quanto mais tempo pode isto continuar?*

— Claro. Leio-o amanhã na biblioteca. Ou hoje, dependendo de que horas são.

Julia deu-lhe um beijo na bochecha.

— Muito obrigada. Obviamente, não lhe podes dizer que o leste.

Sylvie tentou ver as horas no escuro, sentindo uma bolha de pânico subir-lhe pelo peito. Que horas seriam? Estaria a madrugada próxima? Sem dormir, os dias assumiam o mesmo matiz emocional — e as perdas ruidosas — da noite.

Começou a ler na biblioteca antes de o seu turno começar e continuou durante a pausa para almoço, voltando a pegar no livro no autocarro a caminho das aulas. Julia entregara-lhe uma confusão em estado físico: cerca de duzentas páginas escritas à máquina, presas por um elástico, dentro de um saco de papel. A primeira impressão de Sylvie era a de que se tratava, de facto, de um trabalho em progresso. Alguns capítulos começavam e depois eram interrompidos a meio de um parágrafo. Havia pontos de interrogação dentro de frases, a fim de serem respondidos por William noutra altura. Havia notas de rodapé cheias de sugestões, ideias e interrogações de William acerca da direção que o material devia tomar.

Era, ao que parecia, um livro acerca da história do basquetebol, e começava em 1891, em Massachusetts, no momento em que o Dr. James Naismith inventara o jogo — usando cestos de pêssegos — a fim de manter os atletas em forma durante os invernos rigorosos, fora da época desportiva. O livro dava saltos de acordo com o que pareciam ser os caprichos de William, mas mantinha uma cronologia vaga. Mencionava a primeira liga do desporto em 1898, as treze regras do Dr. Naismith e o facto de, até 1950, todos os jogadores e treinadores nos jogos oficiais serem brancos. Quando a narrativa se interrompia, William ia a meio de explicar a batalha entre a Associação Americana de Basquetebol e a Associação Nacional de Basquetebol, nos anos 70, quando as duas ligas se digladiavam por estrelas como Dr. J e Spencer Haywood. Entrelaçadas na história havia historietas de jogos específicos: um jogo em Filadélfia, no qual Bill Russell defrontou o gigantesco Wilt Chamberlain; um jogo universitário em 1959, no qual Oscar Robertson obteve 45 pontos, 23 ressaltos e 10 assistências. O manuscrito terminava a meio do jogo cinco das finais de 1976, entre os Boston Celtics e os Phoenix Suns. O jogo teve triplo prolongamento e foi a mais longa final de sempre. A escrita de William era sólida — limpa e aceitável —, mas Sylvie deu por si pouco interessada na narrativa principal; foram as notas de rodapé e as perguntas que a fascinaram. As notas de rodapé pareciam ser uma conversa que William estava a ter consigo mesmo. Escrevera coisas como:

Porque é que estou tão interessado nas lesões do Bill Walton?

Estou a escrever só para me pôr a par até ao dia de hoje? Isso é

suficiente?

Como podia o meu pai e tantos outros homens em Boston odiar Russell? Nem suporto escrever sobre o que fizeram à sua casa.

Onde está a ciência do porquê de esses homens serem tão altos, quando os seus pais normalmente são baixos?

Não há fio condutor neste projeto.

Isto é horrível, eu sou horrível.

Por várias vezes, William escreveu: *O que é que estou a fazer? Porque é que estou a fazer isto? Quem sou eu?*

E uma vez, mais para o final de uma narrativa incompleta, uma nota: *Devia ter sido eu, não ela.*

Sylvie releu as notas de rodapé. Pareciam respostas para uma história diferente, não a do basquetebol a que estavam ligadas. O que significava *Devia ter sido eu, não ela*? A frase não podia ser associada ao basquetebol, pois não? «Ela» seria Julia?

A ansiedade embutida nas perguntas fez Sylvie estremecer. O autocarro matraqueou debaixo dela como que concordando. Charlie tinha dito a Sylvie: «Olhamos pela janela, ou para nós próprios, em busca de algo mais.» Naquelas notas de rodapé, William olhava para dentro de si próprio, mas o que se refletia de volta era apreensão e incerteza. *Quem sou eu?* William parecia não reconhecer a pessoa que via no espelho, ou talvez não visse aí ninguém. Sylvie lembrava-se da última vez que estivera diante de Rose e da sensação de estar a desaparecer. Sylvie sentia-se assim, em certa medida, desde que o pai morrera. Assustou-a pensar que era a atenção do pai o que a mantinha intacta, que a mantinha Sylvie, e sentiu uma grande empatia pelo cunhado. Ela sentia-se assim apenas há um mês, e era horrível. O tamanho do manuscrito e o esforço nas suas páginas mostravam que William estava nesse lugar há muito tempo.

Quando Sylvie acabou de ler, estava no autocarro de volta ao apartamento de Julia, depois das suas aulas da noite. Guardou o manuscrito no saco de papel e olhou pela janela, que lhe mostrava o seu reflexo vidrado. Viu o perfil do rosto de William sobrepor-se ao seu. Sylvie gostara sempre do cunhado; sentia-se confortável perto dele e partilhavam um sorriso ocasionalmente, quando Julia falava com muitos pontos de exclamação. Emeline, o barómetro dos estados de espírito de toda a gente, sempre descrevera William como sensível.

Mas William pertencera a Julia desde que Sylvie o conhecera, por isso ela nunca o considerara realmente como algo mais que o homem que a irmã escolhera. Perguntava-se agora, pela primeira vez, se Julia tinha cometido um erro. O escritor daquelas páginas estava cheio das qualidades menos apreciadas pela irmã: indecisão, dúvida, tristeza. Julia era como uma estrela de baseball que vivia na placa, rechaçando qualquer incerteza com o seu taco. A única explicação que fazia sentido era Julia não saber que isto vivia dentro do marido — ou não soubera, até ler aquelas páginas.

Sylvie sentiu uma consciência física mais pesada no banco do autocarro, as suas células vibrando como se tivessem acabado de acordar. Sentia o peso do manuscrito no colo, o vidro embaciado, o possível erro de Julia, o cansaço de ter passado semanas quase sem dormir no sofá de outra pessoa, a ausência do pai. Sylvie sentiu também algo mover-se dentro dela, mas antes de poder perceber o que era, desatou a chorar. Esforçou-se por ficar silenciosa, para não chamar as atenções para si no autocarro meio cheio, mas as lágrimas salgadas escorriam-lhe pelas bochechas e ensopavam-lhe o peito do casaco.

Quando voltou a casa era tarde, e a irmã e William já tinham ido para a cama. Sylvie escovou os dentes, enfiou a camisa de dormir pela cabeça e tombou no sofá. Sentia as perguntas de William como alfinetadas na sua pele. Reapareceram no escuro e infiltraram-se nela, exigindo respostas.

O que é que estou a fazer? Estou deitada no sofá no apartamento da minha irmã.

Porque é que estou a fazer isto? Porque o meu pai morreu, e ele era a minha casa.

Quem sou eu? Sylvie Padavano. Ouviu o seu nome na voz de Charlie, dito com orgulho, e sorriu.

Esta última pergunta, e a resposta, fizeram Sylvie perceber pela primeira vez porque é que a mãe sempre franzira o nariz a ela e não às suas irmãs. Rose reconhecia em Sylvie o que sempre a incomodara no marido. «Blherg! Whitman», dizia Rose com desgosto quando Charlie recitava as suas líricas. Não porque Rose se ralasse com Walt Whitman, mas porque culpava a poesia dentro de Charlie pela sua falta de sucesso na vida. A razão para o seu salário se manter

pequeno, a razão para ele não se chatear quando a caldeira avariava e preferir levá-la a admirar uma lua cheia, a razão para não se preocupar com o que as pessoas pensavam dele e, apesar disso, ter centenas de pessoas no seu funeral. Sylvie era estimulada pelo mesmo género de coisas que Charlie, e por isso, quando Rose olhava para a filha, não via Sylvie; via o fracasso do seu casamento e o seu fracasso pessoal em convencer Charlie a ser quem ela queria que ele fosse. Sylvie pensou em Julia, que tinha tanto de Rose dentro de si. Sabia que quaisquer vislumbres que Julia tivesse das frases hesitantes dentro de William também seriam desprezados.

Com os olhos fechados, Sylvie colocou-se na vasta expansão da incerteza do cunhado. Parecia-lhe uma das charnecas enevoadas e inquietas que ela e as irmãs tinham adorado nos romances vitorianos. Sylvie sentia-se em casa no terreno inóspito, enchendo os pulmões de ar pesado. Desde a morte de Charlie, sentia que estava a transbordar pelos extremos e a tentar desastrosamente voltar a meter-se dentro do seu corpo. As irmãs e a mãe estavam seguras, com as suas aspirações e rotinas; Sylvie *era* a sua dor e perda. William também não estava seguro, e as suas perguntas faziam companhia a Sylvie. Ela e o cunhado lutavam ambos por habitar a sua própria pele, um objetivo que pareceria absurdo a quase toda a gente.

Quando Julia apareceu, Sylvie arranhou-lhe espaço e abraçou a irmã mais velha com mais força do que era habitual.

— Estás bem? — sussurrou Julia.

Sylvie abanou a cabeça e enterrou a cara no pescoço da irmã. Sentia o bebé mexer-se dentro dela e depois de encontro à sua própria barriga lisa. Precisava deste abraço, e também estava a ganhar tempo antes de Julia lhe fazer as perguntas e Sylvie fazer o seu melhor para responder.

— O manuscrito é bom?

— Sim e não.

— Vai ajudá-lo a arranjar uma cátedra?

— Não.

— O que é que significa... o que é aquilo?

— Não sei. Nunca tinha lido nada assim.

Rose convocou uma reunião de família num sábado, quando Julia estava grávida de oito meses e Izzy tinha quatro meses.

— Uma reunião de família, incluindo a Cecelia? — tinha Julia perguntado quando visitara a mãe na sua horta. («A sua indumentária tornou-se ainda pior», dissera Julia a Sylvie nessa noite. «Usa o pijama do pai debaixo do equipamento de basebol»).

— Claro que não — respondera Rose. — Tu, o William, a Sylvie e a Emeline.

As pessoas citadas compareceram na casa às quatro da tarde do dia marcado. As três irmãs pararam nos degraus da entrada e relancearam a rua até à casa da Sra. Ceccione. Nenhuma delas mencionara esta reunião a Cecelia — não suportavam dizer-lhe que tinha sido excluída —, mas claro que ela sabia. Sylvie arranjava a Cecelia um emprego a meio tempo na biblioteca, e os seus turnos sobrepunham-se frequentemente. Emeline dormia num divã no quarto dela e Julia telefonava a Cecelia uma vez por dia para ver como ela e o bebé estavam. Cecelia, como todas elas, ouvia tudo o que as irmãs diziam e tudo o que não diziam. Esta reunião fora tão claramente omitida, esta hora apagada do seu calendário partilhado, que devia ser a única coisa de que Cecelia tinha a certeza.

Rose já estava no seu lugar à mesa da sala quando elas entraram. Parecia mais magra nas bochechas e usava um vestido de casa desbotado.

— Tenho de vender esta casa — disse ela quando todos estavam sentados à sua volta. — Já não posso suportar os custos de viver aqui. — Acenou casualmente com a mão para indicar as paredes, os quartos e a história que os rodeava. — Também não preciso deste tamanho todo.

Sylvie recostou-se na sua cadeira. Nunca lhe ocorrera que aquela casa pudesse ser vendida. Quando Rose e Charlie se tinham casado, Charlie obtivera um bom negócio na sua compra, provavelmente através de uma aposta bêbeda — embora isso nunca tivesse sido claramente afirmado —, durante um período de tensão racial em Chicago, quando muitas pessoas fugiam da cidade. Fechar aquele negócio fora provavelmente a maior realização da vida de Charlie, aos olhos de Rose.

As irmãs de Sylvie pareciam tão chocadas como ela se sentia: o

rosto de Julia ficara branco e Emeline pestanejava mais do que o normal, que era o que fazia quando estava assustada ou surpreendida.

— Pensava que a casa era tua sem encargos — disse Julia. — O pai gabava-se sempre de não ter uma hipoteca.

Rose franziu a testa.

— Tive de fazer uma há cerca de dez anos, para vos poder alimentar e vestir.

Absorveram as palavras. As santas nas paredes fitavam-nas. Havia um espaço livre onde estivera Santa Clara de Assis. Todos sabiam que a imagem emoldurada vivia agora debaixo da cama de Cecelia, mais ao fundo da rua.

— Não podes deixar a tua horta — disse Emeline. Julia, William e Sylvie assentiram com alívio. Aquela afirmação era verdadeira. Quem era Rose sem a sua horta? A existência de Rose decorrera sempre na horta, como se as suas raízes assentassem debaixo das raízes das ervas aromáticas, da alface e das beringelas.

— Dá demasiado trabalho — disse Rose. — Estou acabada. Esta casa está acabada. Vocês mudaram-se todas.

Não olhou para Sylvie ao dizê-lo, mas ela sentiu o dardo que a mãe lhe lançara retorcer-se-lhe no peito. *Disseste que querias estar sozinha*, pensou. *Fiz o que pediste*.

— Vou mudar-me para a Florida — continuou Rose. — Para um condomínio perto da praia. Conheço ali algumas senhoras e elas estão a instalar-me. Com a venda desta casa, ficarei bem.

— Florida? — Era a primeira palavra que William dizia desde que se tinham sentado. — Não pode fazer isso.

Rose fixou os olhos nele.

— As suas filhas precisam de si. — Ele respirou fundo. — Mãe. Precisamos de si.

— Estou quase a ter o bebé — disse Julia. — Tens de esperar, por favor.

O ar na sala era estranho: pesado mas prestes a mudar, como que no limiar de uma tempestade. As raparigas Padavano remexeram-se nas suas cadeiras. Todas sentiam Cecelia ao fundo da rua, agarrada à filha como se esta fosse uma boia de salvação, tentando escutar as palavras que não conseguia ouvir.

— Queria dizer-vos a todos pessoalmente — disse Rose.

Onde estás tu?, pensou Sylvie. *Já estás na Florida?* Recordou o seu vislumbre de Charlie no caixão — macilento e morto. Isto era quase pior. A mãe estava diante deles, o sangue a correr dentro do seu corpo, mas estava ausente. Partira: talvez desde o dia do funeral? Enquanto Sylvie estava sentada ao lado dela no chão, logo a seguir à notícia? Ou desejaria há anos estar noutro sítio, e agora via uma oportunidade de se libertar?

— Todas sentimos a falta do pai — disse Emeline. — Devíamos estar juntas. Trouxe fotografias da Izzy, mamã. Ela é tão linda.

Tirou as fotografias de debaixo da mesa, mas aquela simples menção pusera Rose de pé. Estava a sair da sala enquanto dizia:

— Estejam à vontade para levarem alguma comida da horta, quando saírem.

Três das quatro raparigas Padavano ficaram agarradas à mesa da sala de jantar, como se tudo estivesse a ser-lhes arrancado ao mesmo tempo.

William

NOVEMBRO DE 1982 – MARÇO DE 1983

William aderiu a uma rotina diária. Pequeno-almoço, depois compras de comida para Julia ou quaisquer outros recados necessários para a casa. Estava a tentar agradar à mulher, compensar o terreno que perdera devido ao seu cálculo errado. Partira do princípio de que Julia apreciaria que, após a morte de Charlie, ele pedisse dispensa da sua posição de professor assistente durante o resto do semestre. O departamento fora compreensivo; afinal, tinham muitos alunos de doutoramento para o substituir na sala de aula. Mas Julia ficara em pânico quando lhe contara — ela não gostava de surpresas — e ele percebeu que tinha cometido um erro. Julia dependia de mais do que do seu amor e atenção; precisava que ele ganhasse dinheiro, embora tivessem bastante em poupanças, dos presentes de casamento, para durar até ao fim do semestre. A mulher desconhecia o cheque não levantado que estava escondido na sua gaveta da cómoda; ele não tinha intenção de alguma vez o usar, mas existia para o caso de uma emergência. Julia também não precisava de William em casa para ter companhia; Sylvie tinha-se mudado para lá, e era normalmente a ela que Julia recorria quando se sentia triste. Isto fazia sentido para William, mas estava desanimado pela maneira como errara a matemática nos cálculos todos.

Depois de William ter lavado os pratos do pequeno-almoço e perguntado se havia mais alguma coisa que pudesse fazer, Julia

abanou a cabeça e segurou-lhe a porta para ele sair. Felizmente, beijou-lhe a bochecha de caminho, para lhe mostrar que o seu desapontamento era temporário. Ele dirigiu-se à biblioteca da Northwestern, onde estudava para as suas aulas noturnas. A caminho da sua sala de estudo favorita, William passava normalmente pelo idoso professor de História em cuja aula conhecera Julia. O velhote parecia não o reconhecer, mas William não levava isso a mal. Suspeitava de que aquele seria o último ano de ensino do professor. Os olhos do idoso lacrimejavam quando ele falava, e o seu nariz também escorria. William perguntava-se se o professor ainda se preocuparia com os temas que ensinava. Teria ideias novas sobre o Pacto Molotov-Ribbentrop de 1939 ou a tomada de Berlim? Ou eram apenas palavras que o velho recitava, como deixas numa peça de teatro?

William fez um intervalo no estudo à hora de almoço e foi ao pavilhão de atletismo. Sentou-se nas bancadas, com o recinto de basquetebol à sua frente, e comeu o almoço que trouxera de casa. Por vezes estava a decorrer uma aula de ginástica, com uma variedade de alunos de todas as formas e capacidades físicas a serem incentivados através de calisténicos por um professor. Por vezes alguns dos lançadores da equipa estavam ali para treino suplementar. William conhecia todos os jogadores exceto os caloiros, e uma ou duas vezes, depois de acabar a sua sandes, deixava os rapazes convencerem-no a fazer alguns lançamentos a partir do canto. Sabia que o seu joelho não lhe permitia girar nem sequer correr de um lado para o outro, por isso ficava quieto e fazia um lançamento longo após o outro enquanto os seus antigos companheiros de equipa davam vivas. Quando a bola silvava através da rede, a respiração de William abrandava para um ritmo normal, e ele podia fingir que ainda habitava uma vida reconhecível.

Com a bola de basquete nas mãos, podia esquecer-se de que o sogro morrera, que a cunhada dormia no seu sofá e de que todas as vezes que via a mulher ficava sobressaltado. Julia não tinha uma gravidez óbvia, mas já não parecia a mulher com quem se casara. As suas ancas tinham inchado dramaticamente, e as bochechas estavam frequentemente coradas. Estava linda, maravilhosa, vibrante de vida, mas numa jornada fixa da concepção ao nascimento que William tinha dificuldade em localizar em qualquer mapa. *Onde estás tu?*, queria

perguntar-lhe. *Sabes para onde vais? Tens a certeza de que este é o caminho certo?*

Embaraçava-o admitir, até para si mesmo, a verdade de que nunca pensara em ter um filho. William tinha-se apaixonado por Julia — ainda nadava num oceano de gratidão por dormir ao lado dela todas as noites e acordar com ela todas as manhãs — por isso o casamento fazia perfeito sentido. Mas criar uma nova pessoa e educá-la era uma questão completamente diferente. Dissera a Julia que estava feliz e entusiasmado com a gravidez, porque sabia que era assim que devia sentir-se, mas era incapaz de se imaginar como pai. Quando tentava imaginar-se com um bebé, a imagem era desfocada. Talvez ele devesse ter exprimido alguma hesitação quanto ao plano de Julia, mas a mulher sugerira que engravidassem e no mês seguinte, sempre que ele entrava em casa, ela parecia estar à espera dele, nua. William não era capaz nem tinha vontade de discutir os prós e os contras da parentalidade quando Julia estava despida.

Agora vivia com uma mulher grávida e uma cunhada que entrava e saía culpadamente do apartamento. Já não se sentava no sofá, porque era a cama de Sylvie. Lia os seus manuais durante as refeições e revia as suas notas, tentando memorizar todas as partes em mutação de um ano particular da história americana. Quando William acordava a meio da noite, o lado de Julia na cama estava vazio, e ele encontrava-a adormecida nos braços da irmã. Ao vê-las, William sentia uma estranha solidão. Parecia que pertenciam ali, juntas, e quando voltava para o quarto, tinha a ideia de que talvez fosse ele, e não Sylvie, o intruso.

Depois do almoço no ginásio, William voltou à biblioteca para ler acerca do Pânico de 1893. O orientador do doutoramento de William era um professor de olhos brilhantes, que usava sempre um laço e tinha dificuldade em ficar sentado e quieto, talvez por tudo o entusiasmar tanto. Durante a sua reunião inicial no primeiro mês do programa, o professor perguntara a William o que é que ele *adorava mesmo* no período da história americana em que escolhera concentrar-se. Com esta pergunta, William sentira tudo o que se movimentava dentro de si — o sangue, os pulmões, o coração — abrandar quase até à imobilidade. Ficou mortificado; nunca lhe ocorrera que devia colocar amor no seu empreendimento. Finalmente, conseguiu dizer

algo acerca das grandes mudanças que o país sofrera entre 1890 e 1969 — a Idade do Ouro, duas guerras mundiais, o movimento dos direitos civis — mas era demasiado tarde. Houve confusão nos olhos do professor, e ele parecia estar a pensar: *Que estranho, não sinto qualquer paixão histórica a emanar deste jovem.*

Na maior parte dos dias, depois de terminar o almoço, William ficava no ginásio mais tempo do que pretendia. Precisava de rever capítulos para as aulas da noite, mas atrasava a sua devolução à biblioteca. Foi numa dessas tardes que Arash o viu quando atravessava o campo e foi sentar-se ao lado dele.

— Como está o joelho? — perguntou.

— Bem. — Esta era a resposta habitual de William quando lhe perguntavam pelo joelho. Ele achava que era a resposta correta, visto que o joelho funcionava e lhe permitia deslocar-se de um sítio para o outro. Doía-lhe sempre — a dor era pior à noite — mas parecia-lhe pouco viril admiti-lo. E quem é que se importava? Ele já não precisava de um joelho livre de dor. Afinal, os professores podiam estar sentados. O seu corpo era agora mais ou menos irrelevante.

Arash examinou-o.

— Ouvi dizer que estás a fazer o teu doutoramento aqui. Parabéns.

William ficou surpreendido.

— Como soube disso?

Arash sorriu.

— Nós acompanhamos os rapazes. Eu acompanho as minhas lesões, por isso estás na minha lista. Mas gostamos de nos manter de olho em todos os jogadores. Temos coração, sabes. Não podemos enviar uma mensagem simpática de felicitações por uma conquista se não estivermos atentos.

William pensou nisto. Ele não estava preparado para gentileza, e pensou em Charlie. O funeral do sogro fora o primeiro a que William assistira. No velório ouvira histórias de como Charlie fora generoso para com as pessoas em Pilsen e no trabalho. Após um trio de homens bêbedos tentar explicar como Charlie os ajudara a apaziguar um senhorio zangado, William teve vontade de se levantar e dizer à sala que o seu sogro era um excelente condutor e que escondera essa competência, ou talvez esta tivesse sido ignorada por Rose e pelas

filhas. *Quanto mais sentira Charlie que tinha de esconder de nós?*, desejou perguntar. Ao invés, observou Rose endurecer de hora para hora e viu o pânico e a dor gravar-se no rosto bonito da sua mulher.

Depois de o caixão baixar à terra, Julia levava William a visitar Cecelia e a bebé. Esta foi colocada nos braços de William sem nenhum aviso. Ele nunca tinha segurado num bebé, mas a sua mulher e a mãe de Izzy viraram-lhe as costas casualmente, como se confiassem que ele, de alguma forma, saberia o que fazer. A bebé olhou para ele e o seu rosto tremeu; ela estava a pensar em chorar. Era inacreditavelmente pequena e estava embrulhada em cobertores, pelo que não lhe via os membros. Parecia muito quente. Teria febre? Seriam os cobertores necessários? William sentou-se numa cadeira, para que a queda da bebé fosse menor, se a deixasse cair, e depois deslizou até se sentar no chão. Julia e Cecelia riram-se dele, mas com afeto nos olhos, como que dizendo que ele estava a fazer tudo bem.

— Boa finalização! — disse Arash, com os olhos no campo. — Aquele caloiro ali, o extremo-poste? Tem sido um excelente substituto para o Kent. Bom primeiro passo.

— Quem é que me substituiu?

Arash examinou o chão.

— Há um tipo novo que faz bons ressaltos. Mas é só cotovelos, não é um tipo de QI como tu. — Arash assentiu com a cabeça, como que concordando com a sua própria avaliação. — Leste *The Breaks of the Game*?

— O quê?

— É um livro sobre jogadores inteligentes como tu, como jogam e *pensam* o jogo. Têm um filme a passar na mente, compreendem como usar o espaço. Os melhores estão sempre a jogar xadrez em campo. Devias lê-lo.

William tentou absorver as palavras de Arash; soube imediatamente que reviveria esta conversa mais tarde, quando estivesse sozinho. Estas pareciam as palavras e frases que ele aguardara. William cometeria o que lhe pareciam ínfimas falhas e desapontamentos durante cada hora da sua vida atual; desejava ser ainda um jogador de basquetebol com inteligência posicional, que fazia parte de uma equipa. Uma memória ocorreu-lhe à mente: ele estava no campo do parque aos 10 anos, vendo os rapazes que tinham

acabado de o acolher no jogo a correr para chegarem a casa a horas do jantar. *Voltem*, pensou o jovem William.

Arash deu-lhe uma palmada no ombro.

— Tenho um compromisso. Talvez te volte a ver aqui?

— Estou aqui a maior parte dos dias — disse William, e o sentimento no seu peito — seria nostalgia? — confundiu-o, enquanto o homem se afastava.

William e Julia passaram várias semanas esse mês de dezembro a repetir a mesma discussão sempre que Sylvie estava fora.

— Devíamos mudar para o outro apartamento antes de eu ficar enorme — dizia Julia. Ela e William qualificavam-se agora para um apartamento de dois quartos no alojamento para casados, porque esperavam um filho. — Quero organizar-me. Teremos de montar um berço e um mudador de fraldas, pelo menos. Tu vais voltar a ensinar no mês que vem, por isso devíamos usar este intervalo para a mudança, enquanto tens algum tempo livre. — Fez uma pausa. — Porque é que estás a olhar para mim assim?

William tentou manter uma expressão neutra.

— Assim como?

— Como se o que eu estou a dizer fosse chocante. Tens noção de que vamos ter um bebé em abril, não tens?

— Claro que sim. Estou só a dizer que estamos confortáveis neste apartamento. Sempre disseste que o adoravas. Fiquemos aqui até ao fim do ano letivo. Podemos mudar no verão.

Julia olhou-o com os olhos muito abertos, irritada.

— É demasiado pequeno, com a Sylvie a ficar connosco. Se nos mudarmos agora, ela poderá dormir no quarto do bebé. Não percebo porque é que estás a discutir comigo.

William não sabia o que dizer, como explicar que simplesmente queria adiar a mudança o máximo de tempo possível. Nada dentro dele faria sentido para a sua mulher. Pensou, imbecilmente: *Se não nos mudarmos, então o bebé não nasce, porque não tem quarto.* O apartamento maior ficava num edifício próximo, por isso não seria uma grande mudança, mas agora, com a morte de Charlie e Julia a crescer e Sylvie no seu sofá, tudo lhe parecia incerto. Precisava de

acordar na sua cama no seu atual quarto, e comer duas torradas com compota de morango, e depois ir para a biblioteca. Precisava de se sentar na sua sala de estudo favorita e espalhar os livros exatamente da maneira que lhe agradava. Precisava de fazer um intervalo no estudo para almoçar no ginásio — por vezes com Arash — e lembrar-se de como era correr no campo à sua frente com uma bola de basquete nas mãos. No fim de cada dia, depois de assistir às aulas, William voltava a casa para a mulher por quem se apaixonara apenas alguns anos antes. O ritmo daquela exata rotina dava a William uma infraestrutura, e a ideia de qualquer alteração fazia-o fitar a mulher com o olhar vazio, embora soubesse que ela estava a ser razoável e ele não.

Vários dias por semana, Arash levava a sua sopa e o seu pãozinho — o seu almoço nunca variava — e sentava-se ao lado de William nas bancadas. Arash falava-lhe como se ele fosse um colega, com uma gentileza que William apreciava.

— Estou preocupado com o Paterson — disse Arash, apontando o base lançador do segundo ano que saltava pelo campo, esperando a sua vez de encestar.

— Tem uma boa batida — disse William. — Não acha?

— Boa técnica no lançamento, sim. Mas presta atenção à forma como aterra.

William observou o miúdo magricela driblar em volta de três cones e depois lançar.

— Não vejo problema nenhum.

— Tenta abrandar a tua visão enquanto olhas. Vê-o em câmara lenta nas suas próximas três jogadas.

William não fazia ideia do que Arash queria dizer com isto, mas observou atentamente nos vinte minutos seguintes. Tentou separar as diferentes partes dos movimentos de Paterson: o ângulo do seu corpo quando corria, a rotação dos joelhos quando girava, o abandono com que saltava ao cesto. Na quarta visualização viu o tronco de Paterson torcer ao lançar, o que o fez aterrar em desequilíbrio. Tentou explicar isto a Arash, que assentiu com a cabeça.

— Correto. Acho que ele pode precisar de trabalhar no

fortalecimento dos tornozelos, deve ter aí uma debilidade nos ligamentos. A tua experiência fez-me repensar o meu trabalho, sabes. Quero saber das lesões anteriores dos jogadores. Se tiver essa informação, posso ajudá-los a fortalecer. Mas preocupa-me que me mintam se apenas lhes perguntar diretamente pelas lesões. — Fez uma careta.

— Não querem que pense que há algo de errado com eles. Não querem ser vistos como danificados e terem menos tempo de jogo.

— Exatamente — concordou Arash. — Malditos burros.

William assentiu com a cabeça e pôs uma mão no seu joelho fraco.

— Este semestre, pelo menos no próximo mês, não estarei a ensinar — disse ele. — Tenho algum tempo livre. Importava-se que eu o visse a trabalhar algumas vezes? Como se fosse a sua sombra?

Arash virou-se no seu banco para o encarar. Ocorreu a William que sabia muito pouco acerca deste homem. Era fisioterapeuta em Northwestern há mais de uma década, mas teria uma mulher? Filhos? Vivia no *campus*? De onde era? Estudar história tinha que ver com o âmbito, com compreender o terreno que rodeava o evento crítico. Nada nem ninguém existia no vácuo. Charlie no seu cadeirão, na sua casa, tinha sido apenas uma parcela desse terreno. O velório revelara a mulher na paragem de autocarro, os amigos com quem bebia, colegas amantes da poesia, homens simpáticos no seu trabalho miserável. Parentes amargos, filhas perplexas.

— Não estás a tempo inteiro na universidade?

— Consigo fazer tudo — disse William. — Não o vou estorvar — garantiu quando Arash olhou para o campo. Estremeceu, porque a sua voz parecia desesperada, mas também por perceber que estava desesperado. Algo se abria dentro dele no ginásio, enquanto observava os jogadores. Queria estar mais aqui. Precisava de estar aqui, de ter uma oportunidade de se sentir bem.

— Isso seria bom — disse Arash. — Dava-me jeito a tua ajuda.

William arrependeu-se de entregar o seu livro a Julia no momento em que lho pôs nas mãos. Se Charlie não tivesse morrido, ele nunca teria cedido aos seus pedidos constantes, mas não suportava fazê-la mais

infeliz do que já estava. Além disso, William sentia dever-lhe alguma coisa em troca da sua relutante concordância em ficarem no apartamento atual até ao fim do ano letivo.

— Ainda não está em estado legível — disse. — Não vais perceber nada. É um rascunho, um rascunho trapalhão.

— Eu compreendo. Estou tão feliz por me deixares dar-lhe uma olhadela. Obrigada.

Na manhã seguinte, William viu-a ler as páginas na mesa de cozinha amarela, mas não voltou a vê-la ler. Alguns dias mais tarde, viu o manuscrito no sofá, embrulhado no saco de papel, e estremeceu por estar ali à vista. Sentia que tinha entregado à mulher as entranhas enlameadas da sua cabeça, ou talvez a sua alma. Andava a escrever o livro há quase cinco anos, mas fizera-o aos solavancos. Não pensava realmente nele como um livro — isso era só o que Julia lhe chamava. Para William era algo em que trabalhava porque havia um silêncio dentro dele que por vezes o assustava. O basquetebol era barulhento — o jogo decorria com ritmo, com dez homens a saltar, a lançar, a defender, a cortar a todo o momento — e escrever acerca disso mascarava o silêncio interno de William. Ouvia o frémito do basquetebol no ginásio ou na página, e imaginava que era o próprio batimento do seu coração.

Costumava voltar ao seu quarto depois de um treino duro e recriar um jogo famoso por escrito. Quando escrevia acerca dos movimentos de assinatura de grandes jogadores — a *head fake* de Oscar Robertson ou o glorioso *skyhook* de Kareem Abdul-Jabbar — sentia as ondas desses movimentos no seu próprio corpo. Essas ondas eram os únicos momentos em que o silêncio bem no fundo dele se quebrava, e ele experimentava algum alívio. Mas devido à forma como William escrevia, a narrativa no livro era enrolada e seguia apenas o caminho irregular dos seus entusiasmos. Ele sabia que não faria sentido para a sua mulher, e ter as páginas fora das suas mãos fazia-o sentir que perdera parte de si próprio. Passaram-se dias sem Julia mencionar o livro, e ela parecia fazer um grande esforço para não encontrar os seus olhos. O nevoeiro que chegara com a lesão de William voltou à sua visão periférica, como uma cobertura de nuvens em redor de uma montanha. O livro era horrível; ele era horrível.

Finalmente, uma noite à hora de deitar, Julia entregou-lhe

o molho de folhas e disse:

— É bom!

Ele fechou os olhos para não ver o seu sorriso radioso e forçado.

— Não precisas de dizer isso. É só para mim. Lamento se não me permitirá arranjar emprego depois do doutoramento.

— Não precisas de um livro para isso — disse ela. — Vamos arranjar-te um emprego.

O nevoeiro mordiscava-lhe as extremidades, e sentiu-se mal pela mulher. Ela tinha de fingir achá-lo melhor do que ele era. Tinha de fingir não se preocupar por se ter atrelado a um cavalo mau. Não era a primeira vez que William via este género de sorriso tenso no rosto de Julia, e detestava colocá-la nesta posição. Uma névoa negra saturava-o.

— As notas de rodapé são muito interessantes — disse ela.
— Muito invulgares.

— Preciso de um copo de água — respondeu ele, e saiu da cama. Foi rapidamente para a sala e depois recuou, o coração acelerado, ao ver Sylvie no sofá. Tinha-se esquecido de que ela estava ali; tinha-se esquecido de tudo.

— Desculpa — disse ela. Ele também a assustara.

— A culpa foi minha — disse ele. — Entrei aqui de repente.

— Estás bem? — perguntou ela.

Havia algo na voz de Sylvie, uma espécie de conhecimento, que fez William deter-se. Imaginou a mulher e Sylvie a dormirem lado a lado no sofá. As duas irmãs eram cuidadosas e gentis uma com a outra; sempre admirara isso nelas. Uma das coisas que ele adorava mais em Julia era a forma como tratava a família. As irmãs eram tão próximas que, na realidade, a sua mulher nunca funcionava sozinha; as quatro raparigas Padavano partilhavam as suas vidas, celebrando e utilizando as forças umas das outras, cobrindo as fraquezas umas das outras. Julia era a organizadora e líder, Sylvie, a leitora e voz sensata, Emeline, a cuidadora e Cecelia, a artista.

A mulher de William já não era grande leitora. Claro — percebeu ele — que Julia deveria ter pedido a Sylvie que lesse o seu livro. Não como um ato de traição, mas como uma forma de colocar na tarefa o seu melhor eu. O amor e ambição de Julia, juntamente com a capacidade de leitura crítica que Sylvie possuía.

William ainda estava no extremo da sala mal iluminada quando este conhecimento se desenrolou dentro dele. Sentia Julia, ansiosa, atrás de si. William sempre soubera que casara não só com a sua mulher mas também com a família dela. No início do seu relacionamento, Julia levava as três irmãs ao jogo de basquetebol da universidade para deixar claro que fazia parte de um pacote, e ele aceitara-o. Julia mudara legalmente o seu apelido para o dele, mas para todos os fins e objetivos, ele juntara-se aos Padavanos. A união mais profunda neste apartamento era entre as duas irmãs que adormeciam nos braços uma da outra.

Sylvie estava agora sentada no sofá, como se fosse uma visita e não uma mulher de camisa de dormir e cabelo solto. Dirigiu a William o mesmo olhar preocupado que a sua mulher dirigia às suas costas.

William afastou-se das duas mulheres e foi para a cozinha. Precisava de estar sozinho. Precisava de controlar a respiração. Encostou-se ao frigorífico e pousou as mãos nas coxas. Arquejou como se corresse no campo, depois de uma hora de um jogo que a sua equipa estava a perder clamorosamente. Não importava quantos minutos faltassem no relógio, não havia possibilidade de vitória.

Em janeiro, quando o novo semestre começou, William voltou a ensinar, além de assistir a aulas. Julia ficou claramente aliviada por ele estar a ganhar um salário e fez uma pequena festa quando ele levou o primeiro pagamento para casa. William ficou contente por ela estar feliz, mas agora achava os seus dias tão longos e exigentes, que tinha de gerir a energia para conseguir chegar ao fim. O programa de História acreditava que era benéfico para os estudantes de doutoramento ensinarem a área em que estavam a especializar-se, por isso agora William era professor assistente de uma cadeira de licenciatura chamada História do Antigo Egito. Cada aula exigia uma imensa quantidade de preparação da sua parte, e William estava sempre cansado, mesmo quando dormia bem à noite. Desenvolveu o hábito de abanar a cabeça com força, uma vez, antes de ir a uma das aulas que frequentava, e isto tornou-se um motor interno que lhe permitia acenar, sorrir e tomar notas, enquanto o professor falava. Era

necessário um motor mais poderoso quando William era o professor assistente diante da sua própria turma. O seu batimento cardíaco acelerava, e os minutos pareciam voar pela janela aberta, com asas de ansiedade. Ele tinha de ver as horas constantemente, para se assegurar de que não estava a dar a matéria demasiado depressa. Sentia que geria mal o tempo; um professor melhor coordenar-se-ia para acabar exatamente no fim da aula, alinhando os minutos com um relógio interno que parecia faltar-lhe.

Quando chegava a casa à noite, já tarde, William tentava o seu melhor com Julia, e percebia que esta tentava o seu melhor com ele. William sabia, contudo, que a leitura do seu manuscrito danificara permanentemente a opinião de Julia a seu respeito. Para ela, o seu «livro» fora uma presença enorme ao longo de toda a sua relação: ao princípio ficara entusiasmadíssima com ele, porque via o projeto como um sinal da ambição e maturidade de William. Ao longo dos anos, usara a ideia do livro para dissimular preocupações que tinha acerca da sua falta de planos e objetivos pessoais. Julia contara com o livro para provar que ele era o homem que ela escolhera. E agora que o lera, sabia que não era. William temera este acontecimento; era como saltar de um penhasco, e ele não sabia em que estado chegaria ao chão. Perguntava-se todos os dias se devia dizer-lhe que compreendia se ela quisesse deixá-lo. Mas Julia estava grávida — agora visivelmente —, por isso estava presa. Estavam ambos presos: ele tornava-se a cada dia menos o homem com quem ela casara, enquanto a sua família crescia.

Julia falou-lhe da consulta médica que tinha tido nessa tarde e perguntou-lhe se ele queria pousar a mão na sua barriga retesada. William colocou a mão onde ela apontava, mas sabia que não tinha a expressão correta no rosto — algum do seu medo devia transparecer. Julia suspirou e virou as costas, dizendo que precisava de ir para a cama. William ficava aliviado nas noites em que chegava a casa e Julia não tentava. Apenas lhe acenava do seu lugar no sofá ao lado da irmã, mas não se levantava para lhe arranjar o jantar nem lhe perguntava acerca do seu dia.

— Não estás entusiasmado com o bebé — disse-lhe Julia uma vez, como um facto.

William precisou de um momento para se recordar do que era o

entusiasmo, e depois disse:

— Estou. — Mas sabia que a sua tentativa de soar convincente fracassara. — Desculpa.

— Por favor, para de pedir desculpa. Por vezes, William, sinto que vou ter o bebé com a Sylvie e tu és só um tipo que vive aqui.

Julia desafiou-o com os olhos. Queria uma resposta, que ele ripostasse, que a insultasse, mas ele apenas conseguiu mais uma expressão de culpa.

Uma noite, já tarde, William ia para casa depois de uma aula quando reparou, através da escuridão, numa mulher sentada num banco. Pestanejou na direção dela, sem compreender o motivo pelo qual lhe chamara a atenção, e então percebeu que era Sylvie. O coração de William acelerou no seu peito. Ele podia ter atravessado a rua ou dobrado uma esquina antes de a cunhada o ver, mas era demasiado tarde. Ela também o vira.

Andava há semanas a evitar Sylvie. Sempre que estava na mesma sala que ela, pensava: *Tu leste as minhas notas de rodapé ridículas*. Isto dava-lhe vontade de se enfiar num buraco no chão; sabia que Sylvie devia ter ficado horrorizada com o que lera. Ele não tirara o manuscrito do saco de papel desde que Julia lho devolvesse; nunca tinha estado tanto tempo sem escrever nada.

— Deixei as minhas chaves de casa na biblioteca — disse Sylvie, do seu lugar no banco.

William notou que ela parecia cansada e lembrou-se de que também tinha aulas à noite. Viu as horas; eram quase dez da noite.

— O que é que ias fazer?

Ela encolheu os ombros.

— Estava a tentar decidir. É demasiado tarde para telefonar, porque a Julia precisa de dormir, e não tinha a certeza se estavas em casa. Acho que ia ficar aqui por mais algum tempo, não está muito frio, e depois apanhar um autocarro para dormir em casa da Sra. Ceccione.

William sentou-se no banco ao lado dela.

— Bem, problema resolvido, porque eu tenho chave.

Ela sorriu.

— Também estava a admirar as estrelas.

— As estrelas? — Ao princípio ele não percebeu de que falava, mas depois inclinou a cabeça para trás. Ali estavam elas.

— As estrelas não são a tua cena?

Esta é uma conversa estranha, pensou William. Mas ele saíra da sua rotina quotidiana e sentia-se mais nervoso com Sylvie na escuridão cheia de sombras do que dentro de casa.

— Talvez não? — disse ele. — Quer dizer, não tenho nada contra elas.

Ficaram calados por alguns momentos, com as cabeças inclinadas para ver o céu.

— Sinto a falta do meu pai o tempo todo — declarou Sylvie. — Estou sempre a pensar que se vai tornar mais fácil.

William observou-a, e havia lágrimas nas suas faces. Viu lágrimas presas nas pestanas dela e ficou sem respiração. Via a sua tristeza desenhada nas linhas do seu corpo, preencher-lhe os braços e pernas e o oval do rosto. Isto abalou-o; ele nunca fora capaz de ver claramente o que outra pessoa sentia.

Sylvie fora magoada pela morte de Charlie. Julia também ficara destroçada. Charlie Padavano parecia ter sido essencial às suas filhas, como se fosse parte da sua própria construção. William também sentia falta do sogro; lembrava-se de Charlie a pedir-lhe que lhe explicasse o basquetebol. William dera por si a desenhar o campo num papel e a explicar as ações dos cinco jogadores de uma equipa, e a ver o homem mais velho assentindo com a cabeça, concentrado, ao seu lado.

— Esse tipo de perda... deve ser difícil — disse William.

— Eu não esperava — ela fez uma pausa —, que fizesse parte de tudo, a cada minuto. Não sabia que se podia perder alguém e que isso significaria perder tanta coisa mais.

William ponderou.

— Como se estivesse tudo ligado.

Ela emitiu um pequeno barulho ao lado dele, que não era um sim nem um não.

Ele moveu o seu peso de encontro às traves de madeira do banco. Tinha uma sensação estranha no corpo, como se o sangue corresse através dele a um ritmo superior ao normal. Viu um polícia descer o

passeio do outro lado da rua.

— Pareces cansado — disse Sylvie.

William virou-se para ela e deu por si a olhá-la diretamente nos olhos. Teve a estranha sensação de que ela olhava para dentro dele, para a sua verdade. Ele não sabia que isso era possível. Quando Julia olhava para William, tentava ver o homem que queria que ele fosse. Não conseguia, ou não queria, ver quem ele realmente era.

William pensou novamente em Charlie; o sogro parecera interessado em conhecê-lo. E então, fugazmente, pensou nos pais. Teriam a mãe ou o pai alguma vez olhado diretamente para ele? Não lhe parecia. Imaginou a mãe com ele ao colo quando era bebê, com a cara virada para o lado. Talvez fosse por isso que tinha tanta dificuldade em se imaginar como pai, porque os seus pais tinham vontade de sair de qualquer sala onde ele se encontrasse.

William inspirou instavelmente. Porque estava a ter aqueles pensamentos? Parecia que a atenção de Sylvie o revelara a si próprio. E as estrelas estavam tão brilhantes lá em cima. Agressivamente brilhantes.

— Tenho andado muito cansado ultimamente — ouviu-se dizer.

— Eu também.

— Tu perdeste o teu pai e a tua casa. — Ele não tinha pensado nisto antes, mas sabia, como se o ar entre eles estivesse carregado de respostas, que esta era a verdade.

— Sim — disse ela, e a sua voz vacilou.

Algo se mexeu dentro de William em resposta e ele teve medo — por uma fração de segundo — de começar a chorar. Mas não podia fazê-lo em frente da irmã da mulher; já se passara demasiado entre eles. Levantou-se e disse com voz brusca:

— Vamos para dentro.

Alguns dias mais tarde Julia disse-lhe, aborrecida, que Sylvie arranjava um sítio para viver; ia mudar-se. William sentiu o golpe de algo afiado no peito e pensou, *Isto também é culpa minha*. Algo lhe acontecera naquele banco, e desde então ele achava a sua rotina diária ainda mais difícil de enfrentar. Quase chorara em frente da cunhada, e ele nunca chorava. Pelo menos, desde que era criança, e mesmo nessa altura William tinha poucas memórias de lágrimas. O seu desmoronamento devia ter sido desagradável para Sylvie.

Compreensivelmente, a combinação de ela ler as suas notas de rodapé embaraçosas e aquele momento no banco tinha sido demasiado — demasiado o quê, ele não sabia — para Sylvie.

Um mês mais tarde, Rose anunciou que se ia mudar para a Florida, e as irmãs reuniram-se na noite seguinte em casa de William e Julia. William queria ser útil, mas não sabia como. Sentou-se no cadeirão e observou as quatro irmãs a andarem pela sala de estar. As mulheres partilhavam a mesma ruga entre as sobrancelhas e a mesma necessidade de movimento. Passavam Izzy de uma para a outra, embora a bebé esperneasse e se retorcesse nos seus braços.

— Ela está a aprender a gatinhar — disse Cecelia para se desculpar.

— Claro que está. — Julia falou como se lhe faltasse o ar. Estava tão grávida que tinha dificuldade em encher os pulmões. — A Izzy é brilhante.

Nenhuma delas sorriu porque Julia não estava a brincar e todas concordavam com ela.

— Que podemos fazer? — perguntou Emeline. — Se a mãe quer partir, não podemos impedi-la.

— Talvez ela não goste da Florida. Talvez volte — disse Sylvie.

William tinha estabelecido contacto visual com Sylvie muito brevemente quando esta chegara. Trocaram um aceno que podia ser uma abreviatura para: *Vi-te naquela noite e tu também me viste, mas estamos bem*. Desde que Sylvie se mudara que William tinha o cuidado de nunca estar sozinho com ela. Finalmente recuperara alguma energia que lhe permitia atravessar os seus dias, e não queria perdê-la. Além disso, tinha visto as emoções de Sylvie como se estas estivessem desenhadas em todo o seu corpo, e isso parecia assustadoramente íntimo, como se a tivesse visto sem roupa. William não compreendia o que tinha acontecido entre si e a cunhada no banco naquela noite, mas parecia-lhe perigoso, como uma adaga brilhante capaz de cortar a sua vida como se esta fosse feita de papel.

Examinou as outras mulheres na sala. Ninguém ali estivera alguma vez na Florida ou mesmo num avião. Rose já tinha o seu bilhete. William procurara na secção de imobiliário do jornal essa

manhã e vira que a casa estava no mercado, por um valor muito superior ao que ele julgara possível.

— Nem acredito que ela se vai embora agora — disse Julia.
— Provavelmente não assistirá ao nascimento do bebé.

Izzy foi passada de Sylvie para Julia. Julia beijou a bochecha da bebé e depois aninhou a cara no seu pescoço.

As outras três irmãs pareciam perturbadas, de olhos fixos na irmã mais velha; Julia era a sua líder, e não tinha um plano. William sentiu um ímpeto de irritação em relação a elas, por esperarem que Julia resolvesse aquilo. A sua mulher estava a ter muitos problemas de sono, e doíam-lhe sempre as costas. «Sinto que o bebé me está a empurrar de mim própria», dissera a William nessa manhã ao pequeno-almoço. Parecia desconfortável e inchada a cada minuto do dia.

— As pessoas mais velhas mudam muitas vezes para o Sul quando se reformam — disse ele, e notou que a sua voz masculina e mais grave soava estranha na sala. — É muito comum. Não é necessariamente uma má notícia... vocês apenas não a esperavam.

Houve um momento de silêncio. Ninguém cruzou o olhar com o dele. Perguntou-se se não tinha credibilidade na matéria por a sua própria árvore familiar ter murchado tão prematuramente. Ou faltar-lhe-ia credibilidade simplesmente por ser um homem no seu cadeirão, como Charlie tinha sido?

William baixou os olhos para o seu joelho fraco.

— Alguém quer comer alguma coisa? — perguntou Julia.
— Temos massa. Ou ovos?

— Tem sido um ano difícil. — Emeline parecia estar a proferir um discurso que não escrevera e em que não acreditava completamente. — Mas ficaremos bem sozinhas. Tomaremos conta umas das outras. Organizei as minhas aulas na universidade para serem à noite e poder trabalhar a tempo inteiro, e tive um aumento na creche. Em breve eu e a Cecelia poderemos mudar-nos para uma casa nossa.

— Eu estou a pintar murais nas paredes da creche — disse Cecelia. — E, se correr bem, vou fazer a mesma coisa noutras creches e talvez em escolas.

— Vocês os dois — Emeline apontou para Julia e William — estão a sair-se muito bem. A Sylvie está quase a tornar-se uma bibliotecária

oficial, a melhor da cidade.

— Temos sorte — disse Sylvie hesitantemente, como se estivesse a testar a hipótese das gémeas.

— Sobreviveremos a isto — disse Julia.

William foi à cozinha pôr água a ferver para a massa e esconder o facto de estar comovido pela forma como as irmãs se tinham reorganizado diante dele. Sentiu-se sozinho, diante do lava-loiça, com um joelho instável e um coração palpitante. Cozinhou a massa, acrescentou o molho *marinara* congelado que Julia fizera no princípio da semana, e levou a tigela para a mesa. Emeline pôs-se de pé para ir buscar pratos e talheres.

— Obrigada — disse Julia, e ele viu a gratidão nos seus olhos.

— Vou só dar uma volta — disse ele. — Volto daqui a nada.

As quatro irmãs olharam-no e a bebé deu um súbito grito feliz, que fez as mulheres sorrirem na direção dele antes de se virarem para Izzy. William saiu do apartamento bem iluminado e fechou os olhos com alívio ao dar por si sozinho no crepúsculo roxo. Pensou por um momento no seu livro, mas ficara para trás, lá dentro, e ele não queria voltar enquanto não tivessem saído todas menos Julia.

Viu as horas; haveria um jogo espontâneo a decorrer no ginásio, ou talvez um treino tardio da equipa. Atravessou o *campus* com longas passadas, inalando o ar da noite. Ocuparia o seu lugar habitual nas bancadas e examinaria passadas, saltos e aterragens de jovens, procurando futuras lesões. Todas as debilidades que conseguisse detetar no campo de basquete, podiam ser remediadas.

Julia

ABRIL 1983 – JULHO DE 1983

Julia e Rose não falaram no caminho para o aeroporto. William não queria que Julia conduzisse o carro emprestado; estava tão grávida que a sua barriga tocava no volante mesmo com o banco puxado para trás. Ele oferecera-se para as levar a O'Hare, mas Julia sabia que tinha de ser só ela e a mãe. Se Rose ia comunicar algo a Julia — alguma informação em falta para explicar a sua partida, ou algum arrependimento pela decisão — não aconteceria com William presente. Mas Rose manteve o rosto fechado enquanto estacionavam, entregavam a bagagem e caminhavam para o portão de embarque.

— Mando-te uma fotografia do bebé quando nascer — disse Julia.

Rose assentiu com a cabeça.

— Não estejas tão certa de que é um rapaz.

— Toda a gente diz isso, por causa da forma da barriga.

Julia e Rose pararam subitamente. Cecelia estava junto do portão, com Izzy apoiada na anca. Usava as suas roupas de pintura: calças de ganga e uma camisa de manga comprida manchada de tinta. Tinha o cabelo preso com um lenço amarelo que pertencera a Charlie. Tinha a expressão fechada da mãe.

— Não te deixo ir embora sem conheceres a tua primeira neta — disse Cecelia.

Os olhos de Rose escureceram. Estava pálida e dura. Julia percebia que ela estava a pensar no marido deitado no chão do

hospital.

— O meu primeiro neto está aqui. — Rose apontou para a barriga de Julia.

— Não — disseram Cecelia e Julia ao mesmo tempo. Rose deu um passo atrás. Izzy, que não tinha dormido a sesta da manhã, esfregou os olhos e fez cara feia para toda a gente.

— Vai estar tanto calor na Florida — disse Julia, tentando levar a conversa para um tema que fizesse sentido, que tivesse potencial para a paz. Contudo, quando as palavras lhe saíram da boca, soube que não tinham sentido nenhum. — Tu nunca gostaste do calor, mãe.

— Não precisas de ser tão teimosa — disse Cecelia.

Julia sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo. Sabia que haveria uma conversa importante entre ela e a mãe no aeroporto — sentira-o nos ossos —, mas não sabia que incluiria Cecelia. Sentiu uma pontada de ciúme por a irmã mais nova se ter metido novamente à frente dela. Cecelia tinha quase 19 anos e parecia mais poderosa, mais confiante na sua maternidade do que tinha sido antes. Era bonita e usava roupas que lhe ficavam bem. Julia sentia-se grande como o oceano e os pensamentos eram como peixes na sua cabeça.

— Estás a tentar matar-me também? — disse Rose para Cecelia. — Mesmo antes de eu entrar num avião para ter um momento de relaxamento pela primeira vez na minha vida?

Oh, não, pensou Julia.

— Não podes mesmo acreditar que tive algo que ver com a morte do pai. — Cecelia apontou um olhar a Rose que dizia, *Se a culpa for de alguém, é tua*.

Havia pessoas em redor delas — a petiscar, a beber café, verificando se tinham o que precisavam nos sacos de viagem —, mas Julia não saberia dizer se havia dez estranhos no terminal, ou cem. Estariam a ver e a ouvir a mãe e a irmã a esfaquear-se uma à outra no coração?

— O pai disse que nunca mais tinhas falado com a tua mãe depois de ela te rejeitar. — Cecelia abanou a cabeça, por isso Izzy também abanou a sua. — Queria despedir-me de ti e dizer-te que sempre te amei e apenas contarei à Izzy histórias boas acerca de ti. E sabes porquê? Não é por ti, mãe. Vou fazer isso por mim. Não quero ficar amarga e zangada como tu. *Quero* ter saudades tuas, porque te amo.

— Não devias falar assim — disse Rose. — Gostava de me sentar. — E foi sentar-se numa das cadeiras da zona de espera. Os tremores que percorriam o corpo de Julia pareciam passar pela cara da mãe, mas Rose não disse nada até ao anúncio do embarque.

— Tens tudo o que precisas para o voo? — perguntou Julia, e depois pensou, *Porque é que só consigo dizer coisas estúpidas?* Ela queria estar neste momento com a mãe e a irmã, mas não estava. Era uma bola de borracha barata no meio de fogo real.

Rose dirigiu a sua atenção para Cecelia.

— Eu escolho as conversas que tenho, minha jovem. Não tu. Não há virtude em ser desbocada. — Rose assentiu com a cabeça, como que concordando consigo própria, e depois caminhou lentamente até ao túnel de embarque, onde mostrou à hospedeira o seu bilhete e desapareceu de vista.

Izzy fez um barulhinho e balançou nos braços da mãe.

As duas irmãs entreolharam-se.

— Não sabia que viria aqui quando acordei esta manhã — disse Cecelia. — Apenas dei por mim a andar para o comboio.

O aeroporto vibrava em torno delas: anúncios nos altifalantes por cima das suas cabeças, o barulho de sacos a serem pousados, o murmúrio das conversas.

Julia disse:

— Podes conduzir o carro de volta para a cidade? Acho que o bebé vem aí.

— Agora? — Os olhos de Cecelia arregalaram e beijou a bochecha da irmã. Izzy inclinou-se nos braços da mãe para fazer o mesmo. Um beijo firme e outro leve como uma borboleta. — Claro que vem aí — disse Cecelia. — Vamos.

— Foste tão corajosa — disse Julia, deixando-se ser conduzida pelo corredor. A voz dela era débil aos seus próprios ouvidos, e essas seriam as últimas palavras que diria em voz alta por algum tempo. Sentia uma espécie de vasto poder a vibrar dentro de si.

Não tinham uma cadeirinha de bebé, por isso Julia foi meio sentada, meio deitada, segurando Izzy com ambas as mãos.

— Aguenta — disse Cecelia. — Simplesmente aguenta até chegarmos ao hospital. Achei uma tolice tão grande o pai ensinar-nos a conduzir, visto vivermos numa cidade e nunca termos tido carro. Ele

disse-me que era uma capacidade valiosa para a vida e que eu podia ser a motorista quando nós as quatro, um dia, assaltássemos um banco.

Julia sabia que a irmã estava a falar para desviar a sua atenção da dor, mas não era exatamente *dor* — era mais uma intensidade sufocante. De poucos em poucos minutos, era como se um elefante invisível se sentasse em cima dela — o peso esmagava-a — e depois o elefante levantava-se, e voltava a ser ela própria. Julia focava-se em segurar Izzy, que adormecera ao seu lado. Era tão bonita e perfeita no seu sono que Julia começou a chorar. *Nenhum bebé podia voltar a ser assim tão bonito*, pensou ela. *O que significa que o meu bebé não será tão adorável.*

— Ali está o rio — disse Cecelia do banco da frente. — Mais cinco minutos. Vou fazer uma pintura da Izzy e do teu bebé juntos. Pintarei uma para cada uma de nós.

Quando o elefante se levantou, Julia pensou, *A mãe está no céu neste exato momento. Nem sequer está nesta terra. Está literalmente inalcançável.*

Cecelia pareceu ler-lhe os pensamentos.

— Quem perde é a mãe, não és tu — disse. — Ela vai perder tudo, mas tu não. Vou telefonar ao William e às outras quando chegarmos ao hospital. Estaremos todos lá.

Chegaram ao hospital, Cecelia arrancou os dedos de Julia do *babygrow* de Izzy, e pessoas — estranhos sem rosto — ajudaram-na a sentar-se numa cadeira de rodas. Julia perguntou-se se seriam as mesmas pessoas do aeroporto. Ouvia o timbre da voz de Cecelia, mas as palavras não se separavam em formas distintas. Julia estava sempre a mudar o peso de um lado para o outro, retorcendo-se no assento, tentando escapar ao elefante, que agora se recusava a levantar-se.

Mais tarde dir-lhe-iam que o seu trabalho de parto fora surpreendentemente rápido para uma primeira vez e que ela chegara demasiado tarde para receber epidural. Cecelia ligou para o departamento de História da Northwestern, mas ninguém conseguiu localizar William imediatamente. Precisaram de trinta minutos até o encontrarem no ginásio da universidade e então ele correu, apesar do joelho fraco, para a esquina do *campus* da Northwestern onde era possível arranjar um táxi. Sylvie abandonou a sua secretária na

biblioteca. Emeline estava sozinha na casa em que crescera, decidida a passar cada minuto do último dia em que a casa ainda pertencia à família dentro das suas paredes. Porém, correu porta fora quando recebeu a chamada da sua gêmea.

Como foi tudo muito rápido e William ainda não tinha chegado, Cecelia ficou na sala de partos, tal como Julia ficara com ela. A capacidade de ouvir e compreender palavras foi a primeira que Julia perdeu. Em breve estava a pensar em frases sem preposições ou adjetivos. *Não, mais não, para, bebé vem.* Parecia que um muro tinha caído dentro dela, revelando que não passava de um animal. Isto foi uma surpresa para Julia, mesmo naquela situação. Rosnou e mugiu e miou enquanto o seu corpo parecia espremer-se. Os barulhos pareciam vir de dentro dela e de fora dela, e não sentia vergonha. Sentia poder. Sentia-se como uma leoa, coberta de suor, erguendo-se da cama dura em que a tinham deitado, anunciando «Faz força!» enquanto tudo aquilo de que era feita, em uníssono, guiava o bebé para fora do seu corpo.

— É uma menina! — gritou Cecelia.

O elefante evaporou-se, o esmagamento parou e Julia era outra vez ela própria. Sobretudo ela própria, pelo menos. Percebeu que era sem dúvida um mamífero e tinha a capacidade de abalar o mundo e criar um humano quando soltava o seu poder. Era uma mãe. Esta identidade estremeceu através dela, acolhida como água num leito seco de rio. Parecia-lhe tão elementar e verdadeira que Julia podia ter sido sempre uma mãe sem saber, simplesmente aguardando para ser reunida com o seu filho. Julia nunca se sentira assim. O seu cérebro era um motor resplandecente, e os seus recursos pareciam-lhe imensos. Ela *era* claridade.

Julia teve a bebé nos seus braços pelo que lhe pareceram apenas alguns segundos antes de a enfermeira a levar para a enfermaria, para ser lavada e embrulhada num cobertor. Cecelia saiu da sala para dar a notícia aos outros. Julia abanou a cabeça, com incredulidade e alegria. Nem acreditava na rapidez com que a sua mente se movia, mas talvez aquelas verdades tivessem estado sempre dentro dela e fossem acessíveis agora por ter dado à luz. Via tudo tão claramente. Passara toda a vida a tentar resolver os problemas das outras pessoas — dos pais, das irmãs, de William —, mas esse fora um empreendimento

infrutífero, via-o agora. Não conseguira manter o pai vivo nem a mãe em Chicago nem Cecelia celibatária nem tornar William ambicioso. Tinha estado apenas a aperfeiçoar as suas capacidades para agora, para o que importava, para a maternidade. Protegeria e celebraria a sua menina e deixaria todos os outros fazerem o que quisessem. Com a filha, Julia ficara completa. Percebeu, perplexa: *amo-me*. De alguma forma, isso nunca antes fora verdade.

William entrou na sala com um sorriso nervoso no rosto. Apesar de andar frustrada com o marido há semanas, dentro deste seu novo calor, Julia sentiu afeto por ele. Ela era amor. Sorriu para William e pensou: *Nunca precisei de ti. Sabias? Pensei que precisava de um marido, mas na verdade não preciso de ninguém. Podia ter feito tudo sozinha.* William inclinou o corpo longo para a abraçar e Julia enrolou os braços no seu pescoço. Disse-lhe o quanto estava entusiasmada por ele ver a menina que ela tinha feito.

Quando Julia e a bebé Alice foram para casa, para o apartamento da Northwestern, onde a luz do Sol escorria através da janela da sala, sentaram-se no cadeirão. A enfermeira do hospital ensinara Julia a amamentar e Alice aceitara rapidamente, por isso passavam os dias naquela cadeira com a amamentação e o descanso como as suas únicas atividades. A amamentação deixava tanto Julia como Alice sonolentas. Julia ficava surpreendida sempre que acordava e descobria que tinha dormido sentada, a meio do dia. O tempo movia-se como ondas através de um leito de água; horas e minutos irrompiam e depois assentavam sob o seu peso maior. Nunca sabia que dia da semana era, ao ponto de se sobressaltar sempre que William lhe dizia que ia trabalhar. Quando estava em casa, o marido trazia-lhe comida e copos de água, tratava da loiça e da roupa, e abria a porta às irmãs dela quando tocavam à campainha. Julia sentia-se drogada, com uma espécie de felicidade aturdida, com a bebé nos braços.

O poder que acabara de encontrar era como um segredo maravilhoso. Sorria de vez em quando para si própria, pensando nisto, mas permitia-se este descanso, esta recuperação, para ganhar forças. Por vezes, quando a bebé dormia, Julia deitava-se ao lado dela e sonhava acordada com o futuro. Tornar-se-ia verdadeiramente

independente. Quando a bebé fosse um pouco maior, telefonaria ao Professor Cooper a pedir-lhe trabalho. Usaria o seu cérebro brilhante e, enquanto William estivesse no doutoramento, ela ganharia dinheiro. Não haveria obstáculos financeiros, com ela em ação. Conseguia ver esta nova vida com toda a clareza. Emeline trabalhava numa creche, por isso podia deixar Alice com a sua tia amorosa quando estivesse no trabalho. Com dois rendimentos, ela e William podiam comprar uma casa muito em breve. Podiam pôr Alice numa escola privada. Esta visão era menos complicada e ansiosa que qualquer outra que Julia tivesse tido na vida porque, em vez de depender do marido, dependia da sua própria capacidade, que se revelara ilimitada.

De hora para hora, porém, a bebé atraía a atenção de Julia como se fosse um íman. Julia tinha pensado que Alice seria um rapaz, mas independentemente do género, ela esperava que se parecesse com Izzy. A recém-nascida Izzy tinha olhos negros e sérios. Alice, contudo, tinha olhos azul-mar e uma expressão amigável. Parecia ao mesmo tempo interessada e algo otimista em relação ao ambiente que a rodeava. Sylvie usou a velha máquina fotográfica de Charlie para tirar uma fotografia de Julia e Alice no cadeirão, para enviar a Rose. Julia pensara que seria difícil sorrir para esta fotografia em particular, exprimir algo que não fosse perda ou raiva. Para sua surpresa, contudo, mostrou-se radiosa. A dor da partida da mãe quase desaparecera; tudo o que restava era um vestígio muito ténue de uma nódoa negra. A explicação óbvia era que o nascimento de Alice alterara o lugar de Julia na sua família. Agora ela era a mãe. Alice era a filha. Julia perguntou-se se Rose tinha sentido estar prestes a tornar-se numa personagem secundária, em vez de protagonista, e partira para evitar esse destino.

A meio da noite, no cadeirão, Julia dava por si a falar em voz alta, não para a mãe, mas para o pai. Era dele que sentia a falta nestes momentos. No escuro, era fácil imaginar Charlie sentado no sofá, os olhos cheios de deleite sempre que Alice abanava uma mão minúscula ou fazia beicinho.

— Pai, ela é magnífica, não é? Ias adorá-la. O seu nome do meio é Padavano. Alice Padavano Waters.

Emeline vinha a maior parte dos dias no pouco tempo que tinha entre o seu turno na creche e as aulas noturnas na universidade

comunitária. Dizia, a brincar, que estava a percorrer o caminho mais longo para a licenciatura, porque só era capaz de fazer uma ou duas cadeiras de cada vez em direção ao seu curso de educação de primeira infância. Mas estava fascinada com o novo bebé, e não conseguia ficar afastada.

— Posso acarinhar a Alice — disse ela para a bochecha da recém-nascida —, e depois ir para casa à noite, para a Izzy. Tenho tanta sorte!

Julia sorriu à felicidade da irmã.

— Precisamos de te arranjar alguém com quem fazer bebés — disse ela. — Serás a melhor das mães.

— Eu sei... quem me dera poder passar à frente dessa etapa. — Emeline era tímida e ficava nervosa junto dos homens. Escondia-se atrás das irmãs em ocasiões sociais, da mesma forma que se escondia atrás delas em festas quando era pequena. «Sou muito caseira», dizia Emeline sempre que tinha de se explicar a alguém novo. A sua propensão para ficar em casa era ainda maior desde que Izzy nascera. Emeline apenas queria sair de junto de Izzy para visitar Alice.

Alice tinha três semanas quando Emeline disse, uma tarde que estavam sozinhas em casa:

— Reparei que o William não parece... bem, pegar muito na bebé. Achas que tem medo?

Alice estava a dormir, um peso sólido e delicioso no peito de Julia, por isso ela falou baixinho.

— Tens razão. Também reparei nisso. — William pegava na bebé apenas quando Julia lho pedia diretamente, por exemplo, quando ia à casa de banho ou tomava um duche. E ia logo para o berço ou para o mudador de fraldas, para deitar Alice. Nunca a aninhava nos braços ou baixava a cara para beijar a sua bochecha macia. — Não sei se tem medo. Não sei o que sente, porque não me diz.

— Talvez seja por os seus pais não serem... normais — disse Emeline. — Talvez não saiba como agir com ela.

Isto nunca ocorrera a Julia, mas ela abanou a cabeça.

— Não creio que seja isso. Ele diz sempre que está bem, que está tudo bem. — Mexeu-se na cadeira, com cuidado para não acordar a bebé. Descobriu que estava aliviada pela oportunidade de partilhar a sua frustração com a irmã. — Acho tão simpático o William lavar a

loija e a roupa, e sei que é, tecnicamente, mas é óbvio que está a fazer essas coisas porque o mantém afastado da Alice. Emmie, ele nem sequer olha para ela.

— Bem, talvez ele precise de mais tempo. A relação dos homens com os bebés não é tão natural como a nossa. Ele vai resolver isso. Como não? A Alice é encantadora — disse ela, e cobriu o pé da menina de beijos.

Domingo era o único dia em que William não tinha aulas nem trabalho, e a sua presença em casa perturbava a rotina normal de Julia e da bebé. Julia mandava o marido fazer qualquer recado de que se conseguisse lembrar e dormia uma longa sesta à tarde, mas ainda lhe parecia que sempre que erguia os olhos William estava diante dela, fazendo uma pergunta parva. Que camisa devia vestir? Devia contactar os homens da mudança para saber a que horas planeavam aparecer no dia marcado? Queria que ele falasse com o supervisor acerca do botão do elevador? Aquelas uvas pareciam-lhe boas para comer?

Julia disse, por fim:

— Não te posso dar todas as respostas do universo! Estou ocupada com a bebé e não tenho tempo para cuidar de duas crianças.

William pareceu magoado, mas pediu desculpa. Isto também a irritou. Julia mexeu-se na cadeira, por baixo do bebé, e desejou que fosse segunda-feira de manhã. Podia sentir as verdadeiras questões do seu casamento a espreitarem sob as pequenas questões de William. Estas questões eram dela: *Queres mesmo esta vida? Eu e a Alice? Queres estar aqui connosco?*

William fez menos perguntas depois disso, o que significava que falava ainda menos. Isto também irritava Julia e a forma como ele evitava a criança entristecia-a cada vez mais. Agora que uma das equações principais do seu casamento — as perguntas de William e as respostas de Julia eram como um plano — se rompera, sentiam-se embaraçados junto um do outro.

— Estou a fazer algo de errado? — perguntou ele uma noite depois de terem apagado as luzes.

— Oh, William, estás a fazer tudo bem — disse ela para a escuridão, e adormeceu.

Quando Cecelia voltou a visitá-la, Julia tentou explicar a sua

revelação durante o parto e como estava diferente agora. Disse:

— Sentiste-te como um animal?

Cecelia pensou um pouco.

— Bem, acho que não fiz esse género de barulhos que tu fizeste, nem fiquei tão feral. — Sorriu para a irmã. — Mas percebo o que queres dizer, acho eu. Se alguém tentasse fazer mal à Izzy, arrancava-lhe a cabeça.

— És mais poderosa desde que tiveste a Izzy.

— Sou? — disse Cecelia, com dúvida na voz. Izzy estava ao seu colo. A bebé conseguia agora ficar de pé sozinha alguns momentos vacilantes, mas gostava de dar pancadinhas afetuosas em Alice com grande entusiasmo, por isso Cecelia mantinha-se por perto.

— Convenci o William a prosseguir os estudos — disse Julia. — Mas eu é que o devia ter feito. Podia tirar um mestrado em psicologia organizacional ou ir para a escola de gestão. Eu podia gerir uma empresa, não achas?

Cecelia beijou a bochecha macia de Izzy.

— Acho que tens algumas hormonas poderosas no teu corpo e devias aproveitá-las enquanto duram.

Nessa noite, no escuro, Julia disse:

— Sinto a tua falta, pai. Quem me dera que pudesses ter-me visto como mãe. Isso ter-te-ia feito sorrir.

Julia e William mudaram para o apartamento maior em julho, quando Alice tinha sete semanas. O apartamento tinha dois quartos e uma cozinha nova, mas as janelas da sala davam para outros edifícios e não para o céu e um pátio tranquilo. Alice acordava menos frequentemente durante a noite, por isso Julia dormia na cama com o berço ao lado. Embora Julia quisesse mudar antes do nascimento de Alice, acabara por apreciar o momento. Era aqui que devia começar a sua nova vida. Decidira, sem falar com William, que recomeçaria a trabalhar quando Alice tivesse seis meses. Julia examinou o seu armário e atribuiu metade dele aos fatos de executiva que compraria em breve. Andava de uma divisão para outra no apartamento, pensando: *Quando estiver a ganhar dinheiro, compro um sofá novo para ali e um tapete macio para a Alice gatinhar.*

William passava longas horas fora, estudando na biblioteca, assistindo às aulas e lecionando um curso de verão. Ensinando e tendo aulas durante o verão, não tardaria a ter o seu diploma, mas parecia exausto e de olhos vidrados quando estava em casa. Agora que a bebé era um pouco maior, as irmãs de Julia visitavam-nos menos vezes. Cecelia e Emeline tinham o seu próprio apartamento — uma cave com um pátio minúsculo para a Izzy — e Sylvie tinha alugado um estúdio no último andar de um pequeno edifício perto da Biblioteca Lozano. As irmãs andavam ocupadas, e Julia já não era o seu foco.

Uma vez por semana, Julia telefonava a Rose. A chamada soava como a longa distância que cobria: por vezes havia estática, e Rose sentava-se na varanda do seu apartamento, de onde via uma tira de oceano, por isso também havia barulho do seu lado. Vento, ocasionais buzinas, talvez o mar.

— O ar é diferente aqui — disse Rose. — Mais suave. Mais salgado, também.

— A Alice quase consegue virar-se — disse Julia. — Recebeste as últimas fotografias? As que tirei no parque?

— Sim — disse Rose. — Ela parece saudável. Já te disse que eu e as senhoras fazemos turnos para cozinhar o jantar?

Julia baixou o olhar para Alice, que estava deitada no seu colo. A bebé segurava e examinava um dos seus pés. *Que maravilha*, parecia Alice pensar. *Olha para esta obra de arte*. Julia sorriu.

Ouviu a mãe dizer, *Tens de me deixar ir*.

— Que disseste? — perguntou Julia.

— Fiz *enchiladas* pela primeira vez. Até que não estavam más.

Julia abanou a cabeça para a clarear. Disse:

— Mãe, sentiste-te diferente depois de me teres? Depois de seres mãe?

— Que pergunta! Mal me lembro desse tempo, Julia. Quando tu eras da idade da Alice, já estava grávida da Sylvie, não era? Estava demasiado ocupada para pensar como me sentia.

Julia assentiu com a cabeça. O que acontecera, parecia ter-lhe acontecido apenas a ela.

— Tenho de desligar agora, mãe. Esta chamada é cara.

Quando desligou, Julia deitou Alice para a sesta. A bebé ficava sempre satisfeita com a ideia de dormir. Sempre que a deitavam no

berço, parecia focar-se na tarefa. Fechava os olhos, um sorrisinho nos lábios, e dava o seu melhor para dormir.

Julia fechou as persianas e deitou-se na sua cama. Percebeu porque era a falta do pai que sentia desde que Alice nascera. Queria explicar a Charlie como via agora o mundo, porque ele era aquele que a entenderia. O pai tinha visto o seu poder — compreendera o seu alcance — ainda antes dela. Quando Julia lhe dissera que ia casar com William, Charlie mostrara-se desapontado por uma fração de segundo. Essa reação não fizera sentido para Julia na altura, porque sabia que o pai gostava de William. Mas Charlie tinha deixado de lhe chamar o seu foguetão, e Julia percebia agora que o pai tinha desejado muito mais para ela. Tinha visto o seu potencial e queria vê-la subir, não casar e cuidar de uma casa.

— Posso fazer as duas coisas, pai — disse ela para o quarto suavizado pelo leve ressonar de bebé. — Arranjarei maneira de fazer as duas coisas.

Sylvie

FEVEREIRO DE 1983 – AGOSTO DE 1983

Houve um intervalo de três meses entre o dia em que Sylvie deixara de dormir no apartamento de Julia e William e aquele em que arranjara a sua própria casa. Mudara-se dizendo a Julia que tinha um apartamento onde ficar. Mas não era verdade. Não tinha nenhum sítio em vista. Simplesmente soubera, na noite em que se esquecera das chaves e falara com William no banco, que estava na altura de viver noutra sítio. Fora a segunda vez que Sylvie chorara depois da morte do pai; a primeira tinha sido depois de ler o manuscrito de William.

Ficara surpreendida por se ouvir falar de como sentia a falta de Charlie, e surpreendida por falar acerca de estrelas, e surpreendida por sentir também a tristeza de William ao seu lado, como que em reação à sua. Parecia-lhe ter interrompido um circuito e acabado num lugar onde via a verdadeira condição do cunhado, e ele via a dela. William reconhecera a perda que ela carregava dentro de si e dissera-lho em voz alta. Mais ninguém na vida de Sylvie identificara o torvelinho específico da sua dor; ninguém a compreendera desde que o pai morrera. Esse reconhecimento deixara-a a sentir que inspirava gigantescas lufadas de ar depois de sustar a respiração por muito tempo.

Umás horas mais tarde nessa noite, deitada no sofá da sala enquanto a irmã e William dormiam no quarto ao fundo do corredor, Sylvie decidiu que era demasiado arriscado para ela continuar a ficar

ali. Sentia-se vulnerável, os seus próprios elementos em risco, na companhia de William. Não lhe parecia culpa dele nem dela: parecia que a amálgama da sua dor em relação a Charlie, além de ler as notas de rodapé de William e mais o punhado de minutos em que estivera demasiado cansada para colocar limites no banco, lhe tinham tornado impossível agir como uma pessoa normal junto do seu cunhado. Também tinha consciência de que, quando William anunciara que deviam ir para dentro, ela quase lhe segurara o braço e dissera que não. Tinha-se sentido vista durante aqueles minutos no banco, e desejava permanecer ali com William. Sylvie sabia que não era apropriado que ela desejasse mais tempo a sós com o marido da irmã; não era tola.

Depois de se mudar, dormiu no chão e nos sofás de colegas de trabalho e várias vezes com Emeline na sua cama de solteira. Quando a bibliotecária-chefe Elaine foi de férias, deixou Sylvie como responsável, e nessas noites Sylvie dormia na sala de refeições da biblioteca. A sala tinha um sofá macio e amarelo que funcionava bem como cama, e Sylvie usava uma toalha para se lavar no lavatório da casa de banho, antes de abrir a biblioteca ao público. Muitas vezes, levava um saco de viagem para as aulas noturnas, porque ia dormir num sítio diferente da noite anterior. O vento que vinha do lago era forte nessa primavera, e ela tinha de lutar por cada passo que dava.

Este nomadismo deixava Sylvie inquieta e desconcentrada — sem casa, os seus movimentos pareciam-lhe muitas vezes aleatórios. Ela tinha vivido sempre com a família e não tinha percebido a importância do papel que acordar de manhã com os sons dos pais, ou de Julia, desempenhava no facto de se sentir ela própria. A sua família era um espelho no qual ela reconhecia o seu reflexo. Quando acordava no sofá de um colega de trabalho, sem ter a certeza de onde estava por alguns momentos, também não sabia quem era. Era visitada pelas perguntas de William: *Que estou a fazer? Porque estou a fazer isto? Quem sou eu?*

Sylvie tinha arranjado alguns truques para ter uma sensação de continuidade e manter-se composta. Onde quer que estivesse, a primeira coisa que fazia de manhã era ir à casa de banho e examinar-se ao espelho. Nunca tinha feito isto antes. Nunca fora particularmente vaidosa ou interessada na sua aparência, mas agora

precisava de recordar à rapariga diante do espelho de que era mais ou menos a mesma pessoa, dia após dia. Olhava para o estado do seu cabelo, que nunca era negociável — ela aceitava quaisquer ângulos loucos ou remoinhos que aparecessem depois de uma noite de sono — e notava os pontinhos verdes nos seus olhos castanhos. Dizia, «Bom dia, Sylvie», e depois escovava os dentes.

Começara a reler o exemplar do pai de *Folhas de Erva*. Charlie sublinhara passagens e escrevera na margem *Maravilhoso!* mais vezes do que aquelas que se podia contar. Tinham passado alguns anos desde que ela lera a coletânea do princípio ao fim, e desta vez Sylvie ficou surpreendida por conter tanta morte. Em *Canto de Mim Mesmo*, Whitman listava numerosas definições de relva, mas a favorita de Sylvie era *o lindo cabelo por cortar das sepulturas*. Sylvie pensava nisso quando visitava a campa do pai. De acordo com o poeta, a morte não era final, porque a vida estava entrelaçada nela. Sylvie e as irmãs caminhavam sobre a terra por causa do homem que tinham enterrado. Esses pensamentos, e ler as palavras de Whitman, faziam mais sentido a Sylvie do que a conversa polida da senhora sentada ao lado dela no autocarro ou o facto de parecer nunca haver dinheiro suficiente na sua carteira.

Rose partira para a Florida a meio desse período. Dar um beijo de despedida na bochecha da mãe e correr para o hospital para conhecer a bebé Alice algumas horas mais tarde, parecia correto a Sylvie — condizia com o nível de inquietação dentro dela. O seu pai partira, e agora a mãe e a casa de família tinham partido também. Sylvie tinha visto certa vez uma fotografia do rescaldo de um violento sismo, e a imagem permanecera com ela. Uma estrada tinha sido partida ao meio no sentido do comprimento, deixando o meio da terra à mostra, e pensar que havia humanos tão tolos que construíam casas e escolas e carros no cimo, fingindo que era seguro. Sylvie parecia passar os dias a carregar um saco de viagem e um livro, saltando sobre aquele abismo. Na manhã em que Rose partiu, Sylvie pôs-se em frente do espelho da casa de banho e disse: «Adeus, mãe. Bom dia, Sylvie».

A bibliotecária-chefe Elaine oficializou a promoção e o novo salário de Sylvie algumas semanas antes de ela receber os créditos exigidos do seu curso de Ciências Documentais. Sylvie tinha agora poupado dinheiro suficiente para um depósito, por isso alugou um

estúdio minúsculo ao virar da esquina da biblioteca nesse mesmo dia. Quando o agente imobiliário lhe pôs a chave na mão, Sylvie disse, «Desculpe-me por estar tão emotiva».

O agente, que trabalhava em Pilsen há décadas, encolheu os ombros.

— Há mais gente a chorar do que imagina. Ter casa própria é uma coisa importante.

Sylvie não tinha mobília, por isso, mudar-se foi simples; Julia e as gémeas tinham retirado algumas coisas da casa da sua infância antes de Rose partir, mas Sylvie não tinha casa e por isso não levava nada. Comprou um colchão para pôr no chão e deu dois dólares a um miúdo da vizinhança para a ajudar a levar uma mesa de cozinha que encontrou na rua perto do apartamento. Como Rose sempre passara a noite do lixo a vaguear na vizinhança em busca dos tesouros que outras pessoas deitavam fora, Sylvie sabia onde encontrar aquilo de que precisava. Estantes, uma caixa de pratos, uma panela e uma frigideira. Bonitas almofadas bordadas e cortinados que pareciam novos em folha. Perguntava-se o que levava pessoas a deitarem fora artigos em tão bom estado.

Após meses a tentar encolher-se nas casas de outras pessoas, Sylvie dormia esparramada no colchão. Mantinha a janela aberta para a brisa entrar. Convidou as irmãs e sobrinhas para comer ovos, que cozinhou na sua frigideira recuperada do lixo. Ouvia os barulhos do apartamento e das ruas circundantes — crianças a rir no recreio, o chiado dos travões dos autocarros, o homem que geria a bodega lá em baixo a falar espanhol enquanto bebia inúmeras chávenas de café nos degraus da loja. Sylvie começou outra vez a ler romances e a sentir o prazer entontecedor de mergulhar em novos mundos ficcionais. Estava grata por se sentir suficientemente estável para o fazer.

Ligava às irmãs do seu próprio telefone sempre que desejava ouvir as suas vozes. Contudo, tinha o cuidado de apenas ligar a Julia quando sabia que William estava no trabalho. Não confiava em si ao telefone com ele. Ainda pensava naquela meia hora no banco quando estava na cama, à noite. Memorizara a sua breve conversa e revia a cena mentalmente. Dizia a si própria que não tinha sido nada de especial. Estava simplesmente perturbada, e estava assim desde a morte de Charlie, por isso o que ela queria ou mesmo aquilo com que

lidava já não fazia sentido. Mas Sylvie não se conseguia imaginar a fazer conversa de circunstância ao telefone com William; as palavras polidas ficar-lhe-iam presas na boca. Ela queria perguntar, *Como é ser William Waters? Qual foi a tua experiência no banco, naquela noite?*

Sylvie pensava secretamente que era culpa de Julia ela ter acabado naquela estranha aflição com o cunhado; a irmã sabia das notas de rodapé, sabia que o manuscrito incluía pensamentos e questões pessoais de William, e mesmo assim pedira a Sylvie que o lesse. Se Sylvie não tivesse lido o manuscrito, nada disto teria acontecido. No dia depois de ter chorado ao lado de William, mentira à irmã mais velha pela primeira vez. Disse a Julia que o seu novo apartamento ficcional não tinha telefone e não, ela não podia visitá-la ali, porque era demasiado pequeno e desarrumado.

— Estou bem — insistira Sylvie repetidamente com Julia durante aqueles três meses, embora soubesse que a irmã percebia que ela mentia. A mentira afetava as duas sempre que Sylvie a proferia.

A cerimónia de graduação académica de Sylvie decorreu no auditório abafado da universidade comunitária numa manhã de terça-feira, em junho. Ela disse às irmãs para não irem, porque a cerimónia seria quente e aborrecida. E anticlimática, pensou, quando atirou o seu chapéu de cartão para uma lata de lixo a caminho de casa. Sylvie era agora uma licenciada, que era o que a mãe sempre tinha querido, mas a mãe já não se importava. Sylvie nem sequer contou a Rose que era oficialmente licenciada. Não queria ouvir a mãe suspirar ao ouvir a notícia. Sabia que Rose perdera a fé, e talvez o interesse, na linha de meta que estabelecera para as filhas quando eram pequenas.

Três meses depois de Sylvie se mudar para o seu estúdio, numa tarde de agosto, Ernie entrou na biblioteca e dirigiu-se ao corredor onde ela estava a arrumar literatura para jovens adultos.

Sylvie fitou-o; não o via desde o velório de Charlie. Não vira nenhum dos seus rapazes desde então. Tinha percorrido sozinha os corredores da biblioteca durante este tempo todo.

— Ora, bons olhos te vejam!

— Tenho pensado em ti — disse ele. — Tenho estado ocupado. Acabei o curso... sou oficialmente eletricitista.

— Parabéns. Eu também me licenciiei.

Sorriram um para o outro, e ela observou o seu cabelo ondulado e

a covinha no queixo. Conheciam-se desde a escola primária; ela vira-o crescer de um rapazinho magricela até um jovem corpulento. Sylvie inventariou o que existia dentro dela: outrora quisera aquele rapaz nos seus braços, mas já não tinha a certeza de o querer. Já não era a rapariga que tinha sido; essa rapariga tinha um pai e uma mãe e sonhos para o seu futuro. Agora Sylvie era uma bibliotecária esforçando-se por construir a sua própria casa. As suas fantasias tinham ficado em suspenso quando o pai morrera, as terceiras portas tinham-se trancado, e o único homem em que pensava era naquele que estava casado com a sua irmã.

Sylvie abanou a cabeça, tentando afugentar aqueles pensamentos e disse:

— Vais beijar-me ou não?

O sorriso de Ernie aumentou e cada um deles deu um passo em frente, até que os seus corpos se encontraram. As mãos dela na nuca dele, os braços dele em torno da cintura dela. Sylvie sentiu o seu corpo emitir um silencioso suspiro de alívio. Era agradável, como costumava ser. Graças a Deus. Questionou a sincronia de Ernie aparecer agora, quando a chave do seu apartamento estava no seu bolso na anca, quando ela precisava de ser distraída. Talvez fosse uma oportunidade para Sylvie recomeçar. Talvez esta versão dela namorasse com Ernie, como as irmãs queriam.

Quando se separaram e olharam em volta, procurando clientes ou a bibliotecária-chefe Elaine, Sylvie disse:

— Sabias que tenho o meu próprio apartamento?

Ele abanou a cabeça.

— Não acredito. Isso é fantástico.

Era fantástico que ela tivesse o seu próprio apartamento. A maior parte dos miúdos que tinham frequentado a escola com eles, ou ainda viviam com os pais ou, como Julia, tinham saído diretamente de casa dos pais para casarem. Sylvie apreciava ser invulgar. Cecelia, claro, era ainda mais invulgar, com o seu bebé sem pai e uma casa com Emeline. Julia era a única que seguia a linha tradicional. Olhando para Ernie, com a chave no bolso, Sylvie sentia-se esperançosa. Estava de volta à sua própria vida, nos seus próprios termos.

— Gostavas de o ver? O meu apartamento? — perguntou.

Ernie inclinou a cabeça para o lado, depois disse:

— Claro.

Gizaram um plano e quando ele saiu da biblioteca ela foi à secretária vazia no canto ao fundo e pegou no telefone. Sabia que William estava em casa a esta hora, por isso ligou às outras irmãs.

Emeline atendeu o telefone.

— Residência das irmãs Padavano.

Sylvie riu-se.

— Porque é que atendes o telefone assim?

— Não sei porquê, isto diverte a Izzy. Estás na biblioteca?

— Só precisava de dizer a alguém que o Ernie voltou. Hoje. Foi ter comigo às estantes.

— Oh, graças a Deus! — Todas as irmãs sabiam que os rapazes de Sylvie se tinham evaporado quando Charlie morrera. Tinham debatido várias vezes porque seria. — Disse porque é que andou afastado?

— Emmie, convidei-o para minha casa esta noite.

Houve um silêncio. Então, Emeline disse:

— Ena!

Sylvie conseguia ouvir a irmã a sorrir e Izzy a balbuciar algures perto do telefone.

— Serei a única de nós que ainda permanece virgem — disse Emeline. — Tens de me telefonar depois e contar-me tudo.

— Queres que lhe pergunte se tem um amigo simpático para ti?

— Credo, não! — Emeline disse isto alegremente. — Estou demasiado ocupada com as aulas e o trabalho. Mas é tão excitante, Syl! Não te esqueças de depilar as pernas. Olha para o teu corpo e tenta vê-lo como se fosses um estranho.

— Ele não é um estranho. Conheci-o toda a minha vida.

— Percebes o que quero dizer.

Sylvie baixou os olhos para as calças de ganga e os ténis. Tentou lembrar-se que cuecas vestira nessa manhã.

Emeline perguntou:

— Disseste à Julia que ele apareceu, não disseste? — Quando Sylvie não respondeu imediatamente, acrescentou: — Tens de lhe telefonar, Sylvie. Ela vai ficar magoada se não lhe disseres.

Sylvie suspirou. Pela matemática complicada que unia as irmãs, Emeline tinha razão. Eram quatro, mas dentro das quatro havia dois pares: Sylvie e Julia, e Emeline e Cecelia.

— Agora tens a tua casa — disse Emeline. Queria dizer: *Havia desculpa para seres esquisita com a Julia quando eras uma sem-abrigo a dormir ao pé de mim à noite, mas agora estás instalada e podes agir mais corretamente.*

— Raios partam isto, Emeline — disse Sylvie. Ela sabia que Emeline não gostava que ela praguejasse. — Porque é que tens de ser tão sensata?

— Sou a única que não tem vida pessoal, por isso tenho tempo para vos vigiar a todas.

— Tenho de voltar para o trabalho — disse Sylvie, e desligou. Disse a si mesma que tinha de ligar a Julia quando houvesse um tempo morto na biblioteca, mas não telefonou e, de repente, estava na hora de fechar.

Ernie chegou às 20 horas em ponto, e Sylvie suspeitou que ele tinha andado às voltas no quarteirão até ser a hora certa. Não usava o seu uniforme habitual: t-shirt branca e calças escuras com bolsos concebidos para transportar ferramentas. Vestira uma camisa e penteara-se. Estendeu uma garrafa de vinho tinto.

— Gostas de vinho? — perguntou.

Sylvie assentiu com a cabeça, embora não soubesse se seria capaz de beber. Estava tão nervosa que lhe parecia difícil engolir. Olhou em redor do apartamento minúsculo e tentou vê-lo pelos olhos dele. Pareceria gasto e triste à luz do candeeiro?

Ernie tocou-lhe na bochecha.

— Posso ir-me embora, se quiseres. Não precisamos de fazer isto, o que quer que isto seja.

— Sim, precisamos — disse ela. Esta era a sua nova vida, a *sua* vida, quer estivesse preparada para ela, quer não. — Beija-me. Isso far-me-á sentir melhor.

Beijar fê-la sentir-se melhor. Afinal, beijavam-se há anos. Não chegaram a abrir o vinho. Não tinham de se separar ao fim de noventa segundos nem pensar nos utentes ou na bibliotecária-chefe Elaine. Sylvie passou os dedos pelo cabelo de Ernie. Quando ele desabotoou a camisa dela e gentilmente desviou o soutien para lhe beijar o seio, Sylvie pensou que podia morrer de prazer.

Ele ergueu os olhos para lhe examinar o rosto e perguntou:

— Gostas disto?

Ela disse:

— Oh, sim.

Mais beijos, e então estavam a tirar as roupas um do outro. Sylvie não acreditava que o seu corpo pudesse sentir tanto. Não acreditava que algo pudesse saber tão bem. Com os olhos fechados, via cores quentes: vermelhos e laranjas. Falaram, mas Sylvie mal prestou atenção às suas próprias palavras. O seu corpo estava a responder ao corpo dele, a sua boca à boca dele.

Depois, contudo, quando estavam deitados nos braços um do outro, o pânico vibrou na nuca de Sylvie. Ouviu-se dizer, numa voz que soou demasiado alta aos seus próprios ouvidos:

— Só para tua informação, não estou à procura de um namorado.

— Está bem. — A barba rala de Ernie roçou-lhe o ombro. — Estás à procura de quê?

Sylvie imaginou William sentado no banco e fechou os olhos para afugentar a imagem.

— Não tenho a certeza.

— Então, podemos divertir-nos juntos — determinou Ernie, e voltou-a.

É permitido fazer isso?, pensou Sylvie. Isto era, sem dúvida, divertido. Ela nunca tinha estado tão perto do peito de um homem. Era tão diferente do dela. Peludo. Passou o dedo pelo tufo de pelos no centro da barriga dele. Ele passou o dedo pelo centro da dela. Teve de torcer ligeiramente o dedo para lhe caber entre os seios.

Beija-os, pensou Sylvie, e de alguma forma ele soube e beijou-os.

— Acho que não devia esperar nada normal — disse Ernie por fim —, da rapariga que me fez o canto da sereia para a beijar.

Ele parou de lhe tocar por um momento, e Sylvie quase lhe gritou que recomeçasse. O corpo dela arqueou na direção do dele.

— Eu fiz-te o canto da sereia?

Ele sorriu pela ansiedade do corpo dela e encostou a bochecha ao lado do seu seio.

— Há uns anos — disse ele para a sua pele. — Eu estava na biblioteca. Para escrever um trabalho para a Sra. Brewster. Tu saíste de um corredor de estantes e deste-me cá um olhar. Ninguém tinha

olhado para mim assim. Olhei para trás. Depois empurrei a minha cadeira e segui-te.

— E beijámo-nos. — Sylvie gostava desta história. Gostava do que ele estava a fazer ao seu corpo; gostava da rapariga que era dantes.

— Sim. Mesmo quando a minha vida era horrível — disse Ernie —, eu sabia que podia ir à biblioteca e beijar-te. — Ele recuou um pouco e fitou-a. — Embora uma vez tenha ido lá e te tenha visto a beijar outro rapaz.

Sylvie corou.

— Não te vi.

Ernie voltou a baixar o corpo forte. Ela segurou-lhe os braços.

— Fiquei zangado — disse ele. — Ao princípio. Mas não tinha esse direito, sabes? Nós não namorávamos. Mas quando me pediste para vir aqui, pensei nesse outro rapaz. Perguntei-me... pergunto-me, se ele esteve aqui antes.

— És o primeiro. — Sylvie sentiu-se subitamente triste, e a sua voz também parecia triste. Existiria alguma verdade básica humana segundo a qual, uma pessoa estando nua, não conseguia controlar o tom da voz? Como se a voz dela também estivesse nua? Disse, no tom mais neutro que conseguiu: — Não houve mais ninguém.

Mas ficou aliviada quando Ernie disse que tinha de estar no trabalho cedo na manhã seguinte e precisava de ir para casa.

— Achas que nos podemos ver amanhã à noite? — perguntou ele, e ela emitiu um som que ela própria não reconheceu como um sim ou um não.

Sylvie acenou-lhe desajeitadamente enquanto ele saía do estúdio. Sozinha na cama, tapou a cara com as mãos. Sentia uma mistura de emoções ao mesmo tempo: embaraçada, satisfeita por o sexo ser tão fantástico, desconfortável em relação a Ernie. Ele tinha dito que podiam apenas divertir-se um pouco, e ela deu por si a repetir mentalmente a palavra *diversão*. Não achava que houvesse algo de moralmente errado em ter sexo com alguém de quem gostava mas não amava, mas uma nova solidão chegara bem fundo dentro dela. Ela tinha consciência de que, se a mãe soubesse o que tinha feito, a arrastaria para St. Procopius e a deixaria ali de joelhos. Mas Rose vivia numa praia na Florida, agora, e isso também lhe parecia um castigo. Sylvie enrolou-se numa bola debaixo dos cobertores e forçou-se a

dormir.

O telefone tocou ao lado do colchão de Sylvie cedo na manhã seguinte, e ela virou-se para atender. Pestanejou para o céu através da janela: uma luz pálida riscada por nuvens cor-de-rosa. Madrugada.

— Espero que não seja demasiado cedo — disse Julia. — A Alice já acordou e sei que tu te levantas cedo.

Sylvie bocejou.

— Estás bem?

— Acho que sim. — Julia fez uma pausa. — Mas aconteceu uma coisa estranha.

O tom da irmã fez Sylvie sentar-se, e percebeu que ainda estava nua. Nunca tinha dormido nua. Pensou, *Daqui a um minuto, quando for a minha vez, direi à Julia a coisa estranha que me aconteceu a mim.*

— O quê? — perguntou.

— Ontem liguei para o Departamento de História para fazer uma pergunta ao William. Não me lembro que pergunta. A secretária do departamento, quando percebeu que eu era mulher dele, disse-me que ele não aparecia há mais de uma semana e que faltara a três das aulas que leciona. Contou-me que ouviu um professor dizer que ele pode ter um processo disciplinar. Acho que me disse porque teve pena de mim.

Sylvie embrulhou-se melhor nos cobertores. Ficara com pele de galinha ao escutar as palavras da irmã.

— Estava furiosa quando desliguei, porque pensei que ela estava enganada. Pensei que estava a fazer confusão e era irresponsável dizer à mulher de alguém um tal disparate.

— Também me parece errado — disse Sylvie.

— Sim — respondeu Julia pensativamente. — Mas a mulher estava certa e eu simplesmente não conhecia o William tão bem como pensava.

Parte do cérebro de Sylvie notou que a irmã estava a usar o passado. Recordou a nota de rodapé do livro de William: *Isto é horrível. Sou horrível.* Inclinou-se para a frente, tentando perceber o significado das palavras de Julia.

— Na noite passada perguntei ao William como tinha sido o seu dia e ele falou-me de uma aula que tinha dado, do que um dos alunos tinha dito e com quem tinha almoçado na cafeteria da universidade. Eu disse-lhe que tinha telefonado e falado com a secretária do

departamento. contei-lhe o que ela me tinha dito e ele ficou muito pálido. — Julia hesitou. — E depois deixou-me.

— Como assim, deixou-te?

— Deu-me um bilhete, um cheque e saiu.

Algo estava horrivelmente errado. Este conhecimento rebentou sobre Sylvie como uma onda na praia.

— Vou vestir-me e estarei aí o mais depressa possível — disse. — Vamos resolver tudo, Julia. Não te preocupes.

— Não há nada para resolver. — A voz da irmã estava calma. — O William mentiu pelo menos durante uma semana. E não quer continuar casado comigo.

William

AGOSTO DE 1983

William faltou à primeira aula por acaso. Era o fim do verão e estava um calor insuportável. Ele acabara a última bateria de entrevistas aos jogadores. Arash pedira-lhe que as conduzisse e ele ficara no ginásio da Northwestern um pouco mais de tempo para ver o treino. Sabia que andava demasiado ocupado com o estudo e o ensino, para não falar de um bebé em casa, para gastar tempo ali, mas parecia não conseguir evitar. Era o campo de treino de verão, e agora só conhecia metade dos jogadores da equipa; os juniores e seniores tinham sido seus companheiros de equipa, mas os caloiros e a maior parte dos do segundo ano eram estranhos.

Quando o campo de treino começara, Arash tinha pedido a William que lhe desse uma ajuda, entrevistando os jogadores recém-chegados acerca das suas lesões anteriores.

— Tu és o homem para fazer isso — disse ele. — Os miúdos mais novos ainda não sabem bem que membros do *staff* são importantes ou não.

— O meu trabalho é levá-los a abrirem-se — disse William.

— Partilha a tua história e eles fá-lo-ão.

E assim, William dera por si num pequeno escritório na parte de trás do ginásio, com um bloco de apontamentos contendo os detalhes de todos os jogadores convocados. Um a um, os estudantes iam vê-lo. Repetidamente, William contava-lhes a história do seu joelho. Os

pormenores da sua primeira lesão na escola secundária e o que lhe acontecera no ar debaixo do cesto na sua última época.

Quando acabava de falar, o jogador quase sempre perguntava: «Como está o seu joelho agora?»

Nas primeiras entrevistas, William respondia, «Bem». Mas, com a repetição, pensou, *Não é verdade, e o propósito de eu estar aqui nesta sala abafada é dizer a verdade, para que eles digam a verdade.* Depois disso, dizia uma qualquer variação de: *O joelho ainda dói, mas eu não fiz a sua reabilitação corretamente. Ainda sinto os sítios onde quebrou.* Invariavelmente, os jogadores afastavam-se um pouco dele nesse momento, como se o dano pudesse ser contagioso.

Mas dizer a verdade resultava. Os rapazes — os caloiros pareciam jovens a William — diziam-lhe o que tinha acontecido aos seus corpos quando estavam a crescer. Só um ou dois estavam incólumes e totalmente intactos — pelo menos, assim o afirmavam. *Nada, zero lesões. Nenhum acidente. Tenho tido sorte, acho.* Todos os outros tinham uma história. Dois dos rapazes tinham estado envolvidos em acidentes de carro devido a condutores embriagados, levando a um ombro partido num caso e a uma hérnia discal no outro. Um miúdo sardento de uma famosa secundária de basquetebol em Oklahoma tinha doença de Sever recorrente: uma terrível dor no calcanhar por ter crescido tanto e tão depressa enquanto jogava muito basquetebol. Os rapazes que também tinham jogado futebol tinham um historial de concussões. Um caloiro altivo que se apresentou como «Nota máxima desde o primeiro dia» rasgara um tendão da curva do joelho. Um rapaz robusto de dois metros, com uma testa proeminente, disse a William que deslocava frequentemente o ombro, mas nunca o tinha dito a um treinador ou selecionador, porque sabia como voltar a pô-lo no sítio. Um jogador de Los Angeles disse:

— Conta eu ter sido esfaqueado? Porque fui esfaqueado no fundo das costas há uns anos.

— Conta, sim — disse William, tentando esconder o seu choque.
— Claro que sim.

No final da última tarde de entrevistas, William saiu da sala quente aos tropeções. Sentia o impacto de todas as lesões de que ouvira falar. Quando aqueles jovens corriam no campo, não pareciam universitários. A sua capacidade atlética sobrenatural fazia-os parecer

sobre-humanos. Os marcadores isolados faziam bloqueios para os grandalhões que, por sua vez, faziam jogadas a partir do poste, dando assistência ao homem que estava livre. As aglomerações de jogadores eram pontuadas com gritos de prazer porque era uma sensação ótima poder jogar a este nível. Antes das entrevistas, William nunca teria adivinhado a dor dentro daqueles talentosos jovens jogadores. Lembrou-se de ver a mágoa de Sylvie. Recordou algumas das suas próprias angústias, como o estilhaçar do seu joelho e a abertura do envelope do pai. William via agora a dor como se esta fosse uma nuvem negra perseguindo cada um dos jogadores através do campo. Eles corriam mais que ela, por enquanto. William também correria mais que ela uma vez.

— Estão a contar-me todas as coisas más que aconteceram aos seus corpos — disse William a Arash. — Não só o que aconteceu em campo.

Arash assentiu com a cabeça.

— Fico contente.

— Ficas contente?

— Eles precisam de desabafar com alguém. Nós quase nunca perguntamos uns aos outros como é que nos magoámos. Saíste-te melhor do que eu esperava, William. Excelente trabalho.

William ficou surpreso. Arash raramente fazia elogios. Mas enquanto absorvia as palavras, soube que aqueles rapazes não teriam partilhado tanto, ou mesmo alguma coisa, com outra pessoa. William não sabia exatamente porque é que isso acontecia; o seu joelho partido era uma parte, mas não a razão completa.

Depois de sair do ginásio, William percorreu os caminhos tismados pelo sol do *campus*, olhando para cada estranho por que passava e perguntando-se não *se*, mas *como* tinha sido ferido e até que ponto tinha recuperado. Quando prestava bem atenção, quase conseguia ver as histórias no seu silêncio, como o rasto que segue na esteira de um barco. Pais violentos, namorados distantes, más escolhas, dívidas, sonhos de sucesso, de um género ou de outro, que temiam nunca realizar. Quando estava perto da biblioteca da universidade, avistou o idoso professor de História sentado num banco. Tinha uma postura tão abatida, que William se dirigiu a ele.

— Está bem, Professor? Posso ajudá-lo?

O velho olhou para ele e William teve um *flash* de Charlie a espreitá-lo do seu cadeirão.

— Tu és o alto.

— Sim, senhor. William Waters. Está muito calor aqui.

— Sim, é isso, William Waters. Sim, pois está.

William posicionou-se diante do velho de maneira a fazer-lhe sombra.

— Precisa de ajuda?

— Oh, bem, não precisamos todos? Porque não te sentas ao meu lado, William Waters? Um pouco de luz solar nunca fez mal a ninguém.

William sentou-se ao lado do velho. Observou os alunos — cerca de metade do número habitual, porque era o semestre de verão — a moverem-se vacilantemente através do pátio. Ouvia a respiração entrecortada do velho. O professor cheirava a limões, ou talvez a limonada. William fechou os olhos por um momento. A bebé acordava muitas vezes durante a noite para comer, e Julia e Alice voltavam a adormecer imediatamente depois disso, mas William muitas vezes não era capaz. Ouvia a respiração de Julia, mais profunda do que habitualmente, como se agora precisasse de mais ar. A única maneira de ter a certeza de que a bebé respirava era inclinar-se sobre o berço de Alice e encostar a orelha à sua boca. As suas inalações e exalações eram quase silenciosas, por isso William levantava-se e escutava, para se certificar de que ela respirava, várias vezes por noite.

Quando William voltou a abrir os olhos, o ar estava lilás e o professor desaparecera. Era o crepúsculo. Àquela luz fraca, as árvores na sua linha de visão iam-se transformando em silhuetas. William pestanejou várias vezes, tentando fazer sentido do que via. O seu corpo estava rígido. O joelho latejava. Viu as horas e inspirou tão rapidamente que tossiu. A sua aula de Revolução Científica terminara há quase uma hora. Ele era o professor assistente. Não havia mais nenhum responsável; para todos os efeitos, ele era o professor. William examinou a paisagem, procurando uma solução. A invulgaridade desta situação exigiria uma reparação igualmente invulgar. Talvez uma árvore mágica que pudesse fazer recuar o tempo para o momento em que William se sentara neste banco.

Em todos os seus anos como aluno, William apenas tivera um

professor que não aparecera para dar uma aula, e afinal o homem ficara trancado fora de casa durante uma tempestade torrencial, sem acesso à chave ou a um telefone. Tirando essa ocasião, todos os professores tinham entrado na sua sala de aula exatamente a horas, se não mais cedo. Em casos de doença ou emergência familiar, houvera sempre um aviso prévio para se chamar um substituto. Uma sala de aula universitária com um professor misteriosamente ausente era impensável. William imaginou os seus alunos, primeiro aborrecidos, depois confusos. Teriam dito à secretária do departamento, a caminho da saída do edifício, que ele não aparecera.

William sentou-se muito quieto no banco. O calor abrasador do dia desvanecera-se. A luz do sol desaparecera. Pensou nos ligamentos rasgados dos jogadores e nas suas concussões e calcanhares doridos e articulações deslocadas, e sentiu-se inamovível. Cometera um erro terrível, um que não podia apagar. Quando a escuridão o envolveu, quando teve de meter a mão diante da cara para ver os dedos, foi para casa. Ficou aliviado por Julia o saudar normalmente; isto mostrou-lhe que o departamento não telefonara à procura dele. Pensou que talvez devesse dizer-lhe o que tinha acontecido. Julia era fantástica a resolver problemas, e este provavelmente parecer-lhe-ia simples. Ouvia-a a dizer-lhe que apenas tinha de ligar para o departamento logo de manhã e pedir desculpa, e ficaria tudo bem. Mas, pensou ele, a sua mulher já não estava interessada em responder às suas perguntas. Nem perceberia porque é que ele estivera no ginásio — Julia não fazia ideia de que ele se envolvera na equipa de basquetebol. Sentia-se envergonhado por lhe dizer que adormecera num banco a meio da tarde — que espécie de homem fazia isso? Perguntou-se o que teria pensado o velho professor ao vê-lo dormir ao seu lado.

— Estás bem? — perguntou-lhe Julia, perto da hora de deitar.

— Sim — respondeu ele. — Claro.

Nessa noite, o seu sono foi ainda mais perturbado do que habitualmente. Alice berrou, e o coração matraqueou-lhe no peito. *O que é que eu faço?*, pensou, tantas vezes que nem se lembrava de que problema fugia na escuridão. Ficou-lhe só a pergunta e a sensação visceral de pânico. Quando acordou, cedo, na manhã seguinte, abriu a porta da rua para recolher os dois jornais diários — um local e um nacional — do tapete. É um novo dia, pensou. Decidiu que *contaria* a

Julia que faltara à aula. Estava exausto e não sabia que mais fazer. Imaginou a mulher antes de ele a desapontar, antes de o bebé nascer. Essa versão de Julia enrolaria os braços em torno da sua cintura e emitiria instruções claras. Com a cabeça a doer-lhe, pensou que talvez a velha Julia viesse quando ele a convocasse, sentindo nas sombras do passado que William não tinha outra esperança.

Dobrou-se para apanhar o jornal de Evanston e examinou a primeira página. Estava prestes a voltar para a cozinha quando viu, no canto inferior esquerdo da página, uma pequena fotografia do professor idoso. O texto sob a fotografia dizia que o homem tinha morrido de um ataque cardíaco fulminante por volta da hora do jantar da noite anterior, em sua casa. O professor ganhara um prestigiado prémio de História anos antes e era vastamente conhecido por um bestseller acerca da II Guerra Mundial. *Está morto?*, pensou William, e a palavra *morto* tombou para o fundo dele como uma âncora.

Com esta notícia, e o peso daquela palavra, o silêncio dentro de William expandiu-se até o preencher completamente. Há algum tempo que se esforçava por encontrar coerência, fazer sentido da sua vida, mas agora já não era possível. Sabia-o, de jornal na mão.

William levou o jornal consigo quando saiu de casa. Durante cinco dias, saiu de casa à hora habitual, com o seu almoço embalado e os seus livros e papéis académicos. Ignorou a biblioteca e apenas entrava e saía do ginásio. Observava o campo de treino por alguns momentos, ao fundo, oculto pelas sombras. Não deixava que ninguém o visse. Dava voltas ao campo e ao banco onde ele e o professor se tinham sentado. Passava por estranhos e catalogava a sua dor. Mantinha-se longe do edifício de História, mas notou, como que para documentar o seu próprio desaparecimento, o tempo em que estava a faltar à sua segunda aula, e depois à terceira. Faltou também a uma reunião com o seu orientador, e William imaginava a confusão a aprofundar-se nos olhos do professor enquanto o aguardava à hora marcada. O professor de laço adorava História tão profundamente que só podia sentir perplexidade pela falta de empenho de William.

A parte de William que sabia História — as datas, os estadistas, os momentos críticos em que o futuro estava suspenso — tinha-se-lhe tornado inacessível. A ideia de que podia estar em frente de uma sala de aula cheia e aguentar-se por uma hora era inimaginável. Quando

comprou uma sandes num carrinho de rua, a sua voz era tão baixa que teve de repetir três vezes para ser ouvido. William fechava os olhos e via as suas notas sobre as lesões dos jogadores. O desenho grosseiro de um cotovelo ou de um joelho. Tinha ficado tão surpreendido quando o caloiro com cara de bebé lhe dissera que fora esfaqueado, que desenhara uma faca.

Ia para casa todas as noites à hora habitual. Julia olhava-o com alguma curiosidade mas não fazia perguntas. William sabia, no seu íntimo, que ela não queria ouvir a sua experiência nos últimos dias. Ele não era nada como o marido cuja existência Julia planeara quando tinham casado; sentia necessidade de pedir desculpa por este facto, mas sabia que o pedido de desculpas a irritaria. Encostou um saco de ervilhas congeladas ao joelho; andar todo o dia fizera-lhe doer a articulação. Sentia-se vagamente aliviado por o departamento ainda não ter telefonado à sua mulher. Sabia que estes eram os últimos dias do seu casamento — ele não podia continuar assim ou continuar casado. Quando Julia lhe ofereceu a bochecha, ele beijou-a; tentou memorizar a sensação do peso dela na cama ao seu lado. William estava a fingir ser um marido, mas não sobrava muito dele, e o relógio chegaria ao fim. E chegou. Na sétima noite, com o seu garfo num peito de galinha, depois de dizer mentiras descaradas acerca do seu dia, percebeu que Julia sabia a verdade. Uma parte da verdade, pelo menos.

— Não compreendo. — A mulher fitou-o. — Porque é que faltaste às aulas? Onde é que estiveste?

William estava a decepcionar toda a gente: a sua mulher, o seu orientador, os seus alunos. Lembrou-se da versão mais jovem de si próprio, atraída para a História porque ensinava a causa e o efeito. Se uma pessoa faz isto, então acontece aquilo. Mas as camadas de causa e efeito dentro de William tinham funcionado mal; ele era uma máquina com defeito.

— Gostava de ter sido melhor para ti.

— Literalmente não compreendo — disse Julia, e misturada com a sua confusão havia agora raiva. Ela odiava surpresas, odiava que lhe puxassem o tapete de debaixo dos pés.

— Eu sei. — Ele não conseguia explicar, não tinha como defender o seu caso. William era falso, mentiroso, fingido. Afastou a cadeira da

mesa, foi ao quarto e tirou um saco de viagem da prateleira do armário. Pensou em pôr o seu manuscrito lá dentro, mas não o fez. Pegou numa camisola, pensando, *Posso ter frio*. Abriu a sua gaveta da cómoda e tirou a velha carteira lá do fundo. Tirou o cheque da carteira e garatujou, *Para Julia Waters* no lado em branco. Escreveu algumas frases numa folha do bloco que Julia tinha na mesa de cabeceira. Teve o cuidado de não pensar no que estava a escrever e o cuidado de não reler o texto depois de o terminar.

Entrou na sala e entregou o cheque à mulher.

— O que é isto? — disse ela, de olhos cravados na cara do marido.
— O que é que está a acontecer?

Quando William não respondeu, Julia baixou os olhos para o cheque.

— Dez mil dólares. Do teu pai? O teu pai deu-te isto?

— Deves depositá-lo — disse ele. — É para ti. — Depois entregou-lhe a folha de papel dobrada e saiu de casa. Mais tarde, ocorreu-lhe que não fora ver Alice no seu berço, não pensara nela antes de sair. Julia chamou-o, mas ele manteve uma passada constante ao descer as escadas.

O tempo funcionou de uma forma estranha para ele nessa noite. Começou a andar e acabou por dar por si numa margem do Lago Michigan. O lago tinha sido sempre uma presença — avistado entre as árvores ou das janelas de alguns edifícios do *campus* — mas William nunca lá tinha ido deliberadamente. O lago fazia-o lembrar-se de Boston, ou do oceano agitado na costa da sua cidade natal. O facto de esta enorme extensão de água ser um lago, apesar de não ter fim à vista, parecia um erro. Decerto que aquela bacia plana e aparentemente interminável merecia uma designação diferente de *lago*, o género de coisa a que se pode dar a volta em trinta minutos.

O caminho à beira do lago, contudo, servia a William esta noite. Conseguiu caminhar a direito, e quando estava demasiado cansado para continuar, havia bancos. Podia repousar os olhos na água preta. Dormiu sentado algumas vezes, batido pelo suave vento de verão. Homens bêbedos ou sem-abrigo estavam espalhados por alguns bancos, e William avistou formas escuras enroladas debaixo de algumas árvores. Alternou entre caminhar e ficar sentado neste mundo noturno. No seu último banco, antes de o Sol começar a subir no céu,

perguntou-se que distância poderia percorrer no lago antes de ficar completamente coberto de água.

Com a chegada do novo dia, o cérebro de William voltou a funcionar, como que alimentado pela luz. Mas o motor era constituído por peças de ferro-velho. Ele não sabia o que fazer. Nunca voltaria ao apartamento a que chamara casa. Julia e Alice mereciam o melhor marido e pai possível, e estavam melhor sem ele. Não podia ir para a Northwestern — ele tinha andado a fingir ser um aluno de doutoramento, e de certeza que eles o tinham percebido. Ele nem sequer devia ter sido aceite no programa; imaginou que já tinham oferecido a sua posição de professor assistente a outra pessoa. Também lhe parecia significativo que a sua falsa carreira no ensino e a sua vida com Julia tivessem expirado com o antigo professor. William conhecera Julia na aula do velhote, antes de a pele do professor se tornar translúcida e os seus olhos aguados. O professor autêntico morrera e, tal como uma onda a rebentar na praia, varrera todos os míseros esforços de William de uma vida. Era mais difícil focar a sua atenção no ginásio da universidade. Pensar em Arash e no afundamento de bolas através das redes era como pôr a mão num fogão quente. Não doloroso, exatamente, mas cauterizante, e concebido para manter William e os seus pensamentos à distância.

Teve a sensação de se ter cortado da sua própria vida, da mesma maneira que uma criança recorta uma figura de uma folha de papel em branco. William vagueava através de secções desconhecidas de Chicago sob um Sol brilhante num céu sem nuvens. Uma parte do seu cérebro continuava a trabalhar na mesma questão: Qual seria a sensação da água fria do lago a subir na sua pele? William atravessou o rio e canais, passou por fábricas barulhentas, atravessou bairros que o teriam assustado no passado porque toda a gente era pobre e estava na rua a apanhar o calor estival. Contudo, ninguém lhe disse nada nesse dia, nem mesmo acerca da sua altura. Ou estava a desaparecer ou parecia demasiado perigoso — demasiado outro — para se meterem com ele. Mais tarde, pensaria, *Ninguém quer estar perto de alguém que está tão próximo de partir.*

No centro negro da noite, viu Charlie de pé na ombreira de uma porta. O sogro encontrou os olhos de William e ofereceu-lhe o seu sorriso mais caloroso. William conseguiu ver a dor em Charlie, da

mesma maneira que a vira nos jogadores de basquetebol da universidade, da mesma maneira que a vira em Sylvie no banco. O seu fígado sobrecarregado, o seu trabalho insatisfatório, o seu coração partido: William viu isto tudo e disse, «Estou contente por vê-lo», porque estava. Quando as palavras lhe saíram da boca, Charlie tinha desaparecido. William fitou o espaço vazio que o sogro ocupara, e continuou a andar.

Julia

AGOSTO DE 1983

William saiu de casa pouco antes das 20h00. Os pratos do jantar ainda estavam em cima da mesa. Julia olhou para o cheque que ele lhe entregara. Examinou a assinatura do sogro. Nunca tinha visto a caligrafia do homem; o seu nome parecia arranhado no papel, como se tivesse sido escrito o mais depressa possível. Dez mil dólares pareciam uma quantia impossível de dinheiro para estar alojado por trás daquela caligrafia. O sogro, aparentemente, enviara o cheque ao seu marido dezasseis meses antes, e William nunca lhe dissera.

Julia teve dificuldade em compreender este facto. No outono anterior, quando estava grávida e William pedira dispensa do seu cargo de professor assistente, a sua ansiedade financeira teria acalmado completamente se soubesse daquele dinheiro extra. Ao invés, a preocupação acerca de quanto poderia dar a Cecelia e gastar em comida, além da morte do pai, tinham-se entrançado dentro dela, e sentia uma dor de cabeça constante.

Julia lavou os pratos do jantar e limpou as bancadas da cozinha. Limpou a cara e vestiu a camisa de dormir. Alice dormia no berço, com uma expressão pacífica. Julia observou as suas feições perfeitas por alguns minutos — o nariz pequenino, as bochechas rosadas, as pestanas longas — e depois sentou-se no sofá. Concluía a sua habitual rotina noturna, mesmo que aquele não fosse um serão normal. Pela primeira vez, Julia pensou na folha de papel dobrada que William lhe

dera. Depois de ele sair, ela pousara-a, ainda dobrada, na mesa da sala. Estava consciente de uma sensação de formigueiro no peito, consciente de que tinha medo de desdobrar a folha. *Não sejas tola*, pensou, e com uma confiança simulada, abriu a folha no colo. A caligrafia de William era diferente da do pai: as suas letras eram redondas e fáceis de ler. A caligrafia dele era tão familiar para Julia como a sua própria.

Não sou bom para ti nem para a Alice. Se ficasse, arruinava as vossas vidas. Tu mereces ser livre, Julia. O nosso casamento acabou. Peço desculpa por tudo.

Ela leu as frases repetidamente, como se fosse um livro que recomeçasse a ler assim que chegava à última página. Passado algum tempo parou e deitou-se no sofá. Desejou que Sylvie estivesse ao seu lado nos almofadões, para a abraçar. Julia não estava pronta para falar, mas estava sozinha de uma forma que lhe parecia perigosa. Levantou-se e verificou a tranca da porta da frente. Retirou a velha caixa de ferramentas de debaixo do lava-loiça na cozinha e pegou no martelo enferrujado que tinham usado para pendurar os quadros depois da mudança. Colocou o martelo ao lado da carta e do cheque na pequena mesa da sala, para o caso de precisar de proteção, e deitou-se. Ordenou a si própria que dormisse, mas descobriu que não conseguia fechar os olhos. Diante de qualquer ruído, pequeno que fosse, levantava-se, perguntando-se se seria a chave de William na fechadura. Estivera ele na rua alguma vez depois das dez? Não. Agora era meia-noite. Depois da meia-noite, os bares estariam fechados. Os edifícios do *campus* estavam fechados. Alice acordou e Julia amamentou-a até ela voltar a adormecer. Às três da manhã, ainda estava no sofá. Pensou: *Isto está mesmo a acontecer?*

Julia não tinha perdido aquela clareza do nascimento de Alice. Quando prestava atenção, conseguia ver tudo. Mas prestara a menor atenção possível a William desde que Alice nascera. Mantinha os olhos desviados, em parte porque Julia percebera o que, aparentemente, o marido também vira: não resultavam juntos. Ou talvez tivessem resultado, quando Julia estava determinada a consertar o mundo e as pessoas à sua volta. Ela impelira William para a carreira no ensino, impelira-o para o doutoramento, até o impelira para o casamento com ela. Mas Julia tinha parado de pressionar quando Alice nascera. E

quando parara de pressionar, algo no seu casamento parara. Ela continuara a desempenhar o seu papel de esposa, e ele continuara a desempenhar o seu papel de marido, mas havia algum tempo que não faziam mais do que manter a fachada.

— Mas eu ia ficar contigo — disse para a sala vazia. — Tinha feito um compromisso.

Magoava-a que William não pensasse da mesma maneira. Mesmo assim, pensou, era corajoso da parte dele ir-se embora. Ele sempre tivera dificuldade em tomar decisões, e esta devia ser a atitude mais corajosa da sua vida. Julia pensava ter dissimulado o seu sentido de independência depois do nascimento de Alice, mas ele conseguia ver através dela. Via que ela não precisava dele. Reparou que ela retirara as mãos com que lhe amparava as costas e que já não avançava na direção que ela escolhera.

Julia telefonou a Sylvie quando o Sol nasceu, depois tomou um duche e cuidou um pouco da sua aparência. Montaria o cenário para a sua nova vida garantindo que a mulher ao espelho estava apresentável. Sempre acreditara em vestir-se de acordo com o papel que pretendia, e não queria parecer uma vítima desgrenhada. Julia recordou o seu eu infantil rodopiando para dentro de uma sala cantando *tcharan!* Demorou-se diante do espelho e aplicou um pouco de batom e de *eyeliner*. Enrolou o cabelo num rolo apumado. Quando estava completamente vestida, deixou uma mensagem em tom profissional no atendedor de chamadas do Professor Cooper, explicando que estava disponível para trabalhar e que podia acrescentar muito valor à sua empresa. *Eu consigo fazer isto*, pensou ao desligar. *Eu consigo fazer tudo*.

Mas esta confiança, tal como um elástico, esticou até à dúvida. Teria ela uma noção precisa do que era capaz? Julia sabia que não deixaria William, mesmo quando ele a desapontava e irritava. Tinha casado com ele para o melhor e para o pior; mas também soubera que, se o seu casamento alguma vez acabasse, a decisão seria sua, não dele. William precisava dela; ela não precisava dele. Como era possível que tivesse sido ela a ser deixada para trás?

Julia esfregou a testa e forçou os seus pensamentos a irem noutra direção. Como se respondesse à pergunta de um ensaio para a escola, tentou imaginar quem seria William sem ela a empurrá-lo.

Provavelmente gosta de ser treinador de basquetebol universitário, pensou ela, e sentiu-se satisfeita consigo própria por ser tão madura e generosa com o homem que lhe mentira e abandonara a sua família. Igualmente verdade era que ela nunca teria casado com um treinador de basquetebol da escola secundária. Homens desses viviam em casas pequenas em Pilsen, como aquela em que crescera. Usavam *sweatshirts* nos dias de trabalho e mal ganhavam o suficiente para pagar a renda.

Julia queria ser casada com um professor universitário. Tinha aspirações secretas para William: que ele fosse reitor de uma universidade no final da carreira, talvez mesmo candidato a um cargo público. Essas aspirações, contudo, tinham desaparecido depois de ela ler o seu livro. Percebera então que havia algo de errado nele, lá no fundo — afinal, que género de homem datilografava numa página as palavras «Sou horrível»? —, o que significava que nunca teria sucesso. Um professor universitário, porém, ainda lhe parecia possível, e até mesmo inevitável. Julia sentara-se numa das aulas de William durante a primavera, e no final ele dissera-lhe, com simpatia, que a visão dela a sorrir como um gato de Cheshire ao fundo da sala lhe dificultara a concentração. Mas William fora notável, intervalando a matéria com piadas curtas, promovendo uma discussão interessante sobre a ética da guerra, apesar de o curso consistir em palestras. Pela primeira vez, parecia utilizar o seu tamanho fora do campo de basquetebol. A sua altura dava significado à sua presença. Estava destinado a destacar-se, por isso fazia sentido que estivesse sozinho diante da turma. *Olhem para mim*, dizia o seu corpo, e os estudantes obedeciam.

Julia teria ficado casada com o homem diante da turma. Mas o homem que acabara de se ir embora, o que escondera dez mil dólares e sabia-se lá que mais, era um estranho. Durante muito tempo, ela não soubera, não quisera saber, quem era William. Quando o marido voltava a casa depois de ter passado fora todo o dia, ela nunca lhe perguntava onde estivera — nem quem fora.

Julia precisava de ver Sylvie, porque nada na sua vida parecia real a não ser que a irmã o partilhasse. Mas Sylvie apareceu pálida e em pânico, como se o edifício estivesse a arder. Julia ficou perturbada com a angústia da irmã assim que abriu a porta. Parecia que ela tinha aparecido com um problema, em vez de vir para ajudar Julia com o seu.

Sylvie examinou as provas na mesa da sala: as cinco frases, o cheque. Perguntou:

— Antes de sair, o William explicou porque é que faltou às aulas? Que mais te disse?

— Não disse nada.

— Absolutamente nada?

— Está no bilhete, Sylvie. Não nos damos bem desde que a bebé nasceu. Na verdade, desde que engravidei. — As razões para ela e William não funcionarem eram como uma série de ruas sem saída; Julia caminhara rapidamente por uma e depois voltara para trás, para experimentar outra. — Somos como um relógio que já não dá as horas. Ele não é ambicioso. Nunca sabia o que fazer, por isso queria que eu lhe desse instruções para tudo, coisas pequenas ou grandes. Eu sou rápida e ele é lento. Eu pensava que precisava de um marido, porque é isso que nos dizem quando somos pequenas, não é? Ou talvez não nos digam, mas mostrem. Não me ocorreu que podia estar melhor sozinha. Eu andava com ele às costas, Sylvie.

Sylvie ouvia, ligeiramente dobrada pela cintura, como se estar inclinada para a frente a ajudasse a compreender.

Com a irmã diante de si, Julia sentia-se menos clara do que quando estava sozinha. Conseguia sentir os efeitos de estar acordada toda a noite; tinha os olhos secos e as mãos tremiam ligeiramente. Pôs as mãos no colo para Sylvie não ver. Garantiu:

— Eu e a Alice vamos ficar bem. Não preciso de um marido. O William... — hesitou por uma fração de segundo — teve razão em partir.

— Achas que ele está bem?

Julia pestanejou, confusa.

— Se acho que o William está bem?

— Sim. — Sylvie olhou para os papéis e para o martelo em cima da mesa. — Acho que, para ele fazer isto... faltar às aulas, escrever este bilhete... algo deve estar mesmo errado.

Julia baixou também os olhos para o bilhete e ela e Sylvie estavam a olhar para a mesma coisa.

— Não creio que o fim de um casamento seja bom para ninguém — disse. — Porque é que estás preocupada com o William? — Ouviu o tremor na sua própria voz. — Devias estar preocupada comigo.

— E estou, claro! — disse Sylvie. — Sinto-me péssima por ti. Mas, Julia... — hesitou. — É só que, para o caso de ser uma emergência, devíamos fazer alguma coisa.

— O meu marido deixou-me — disse Julia. — Não creio que isso possa ser considerado uma emergência. — Sentia-se distante de Sylvie, embora as irmãs partilhassem o mesmo sofá. Um estranho pensamento ocorreu a Julia. Seria possível que Sylvie, de alguma forma, conhecesse o homem que mentira a Julia, lhe dera um cheque e depois partira? Teria a irmã visto uma versão de William que era estranha à sua própria mulher? Abanou a cabeça: isso não fazia sentido. Julia estava cansada e não pensava com clareza.

— Mas nós somos as únicas que sabemos o que aconteceu — disse Sylvie. — Talvez seja melhor ligar ao Kent, para ele também saber.

Julia considerou a sugestão.

— O William deve estar com o Kent. Se queres fazê-lo, tudo bem. O número dele está no caderno ao lado do telefone.

Sylvie assentiu com a cabeça e cerrou os lábios.

— Queres fazer a chamada?

— Não — disse Julia. — A ideia foi tua.

Sylvie levantou-se e foi até ao cadeirão. Em cima da mesinha ao lado deste estava o telefone e a agenda. Olhou para o telefone enquanto marcava.

Julia percebeu o desconforto da irmã e pensou: *Ainda bem. Deves sentir-te desconfortável. Devias estar aqui a abraçar-me. Porque é que estás preocupada com o William?*

— Olá, Kent? Sou a Sylvie, a cunhada do William. Temos aqui uma situação, e queria que tu soubesses. — Ficou calada por um momento, depois disse: — O William desapareceu desde a noite passada. Escreveu um bilhete à Julia. — Sylvie pigarreou. — A dizer que ia acabar com o casamento. Também faltou ao trabalho... Não, ninguém sabe dele. Ele não disse para onde ia. Não tiveste notícias dele? — Houve uma pausa. — Sim, claro. Obrigada. — E Sylvie desligou. — Ele vem de carro para cá — disse para Julia. — Está preocupado.

Um ímpeto quente de raiva percorreu Julia.

— Ele não vai entrar nesta casa — declarou. — Se quiseses encontrar-te com o Kent e conversar com ele lá fora, tudo bem.

Desculpa-me por não estar preocupada com o homem que acabou de me deixar, Sylvie. E tu também não devias estar. Céus! — Pôs-se de pé. — Vou dormir uma sesta. Estive toda a noite acordada.

Sylvie fez menção de falar, mas mudou de ideias. Assentiu com a cabeça.

Julia foi para o quarto. Deitou-se na cama e observou Alice no berço. Julia detestava que agora Kent soubesse que William a tinha deixado. Pensaria que Julia era uma vítima, apesar de ela não o ser. Não saberia que ela estava a usar um vestido bonito. Não saberia que arranjara o cabelo e pusera batom e telefonara ao Professor Cooper. Podia pensar que ela não tinha sido uma boa esposa. Estava a meio destes pensamentos, quando adormeceu.

Quando Julia acordou, uma espessa luz amarela entrava pelas persianas, o que significava que era o fim da tarde. Percebeu que dormira durante horas. Alice estava acordada e brincava com os pés no seu berço. Julia pegou nela e beijou-lhe a bochecha macia.

— És mesmo a melhor bebé do mundo — disse.

O apartamento estava silencioso quando ela abriu a porta do quarto.

— Sylvie?

Não houve resposta, por isso Julia levou a bebé para a sala de estar. Reparou num papel em cima da mesa da sala e pegou-lhe.

J

O Kent organizou uma equipa de busca.

Tirei a tua chave extra do tacho do esparguete, para poder voltar a entrar.

Regresso em breve, prometo.

Uma equipa de busca? A expressão parecia desnecessariamente dramática. Julia abanou a cabeça, irritada e ainda tonta de sono. Porque é que Sylvie tinha ido com Kent? Julia não compreendia o que a irmã estava a pensar, e isto nunca tinha acontecido. Mesmo quando Sylvie faltava às aulas na secundária ou beijava rapazes na biblioteca, Julia compreendia o seu raciocínio, embora discordasse dele. Mas esta manhã, Julia contara a Sylvie que o marido a deixara, e a irmã também a deixara.

— Porque é que fizeste uma coisa destas? — disse ela para o silêncio.

Julia alimentou Alice e deitou-a num cobertor no chão da sala. Foi à cozinha, consciente de que tinha fome. Fez uma sandes com o que havia no frigorífico — atum, alface, tomate — e colocou-a num prato. Julia não comia desde o dia anterior, e devorou cada pedaço da sandes, lambendo os dedos no fim. Quando terminou a sandes, ainda tinha fome, por isso comeu uma maçã até ao caroço. Bebeu uma das cervejas de William que estava no frigorífico. Finalmente saciada, mudou a fralda a Alice e depois leu-lhe *Goodnight Moon*.

— És uma menina tão boa — arrulhou para a bebé.

Alice olhou fixamente para Julia. A sua expressão era branda, otimista. Tinha quatro meses e começara a irradiar amor para a mãe como se fosse um sol. Quando Julia entrava numa sala, todo o corpo de Alice tremia de excitação. Agora, levantava a mão para dar palmadinhas no queixo da mãe, algo que fazia por conforto enquanto ela a amamentava.

Às seis da tarde houve batidas na porta. Julia espreitou pelo óculo e depois abriu a porta a Cecelia e Emeline, que traziam Izzy num carrinho. Ambas as mulheres hesitaram à entrada do apartamento, avaliando-a.

— Pobrezinha — disse Emeline. — Deves estar tão abalada.

— Foi um dia estranho — disse Julia.

— A Sylvie não contou muito ao telefone — disse Cecelia. — Estava com pressa. Pelo que percebi, parecia muito preocupada, muito mais do que me faz sentido. Tenho a certeza de que o William está bem. Eu e a Emmie estamos muito mais preocupadas contigo.

As lágrimas chegaram aos olhos de Julia.

— Fico grata por isso — disse.

— Não sabia que as coisas estavam tão mal entre vocês. Foi por causa da atitude dele com a bebé? — Era como se esta notícia tivesse atrasado o relógio biológico de Emeline: com os olhos esbugalhados, parecia uma criança. — Como pôde o William deixar-te?

Cecelia estava a examinar o bilhete de William, que Julia lhe entregara.

— Não percebo nada disto: ele deixar-te, a Sylvie e o Kent à procura dele como se estivesse perdido. Nada disto faz sentido.

— Eu sei — disse Julia. — Isto é inesperado, tudo isto, mas não é... — Abanou a cabeça. — Posso fazer com que isto funcione. Ainda

sou nova, não sou? Tenho uma licenciatura, graças à mãe, e estamos nos anos 80, não 50. Eu e a Alice teremos um novo começo.

— Ba — disse a menina de 10 meses no carrinho, e acenou para a tia. Julia acocorou-se e encostou o nariz ao de Izzy, o que fez a bebê rir de prazer. Do outro lado da sala, Alice bateu com os pés no cobertor, excitada por ver a prima.

Julia sentiu-se melhor com as gêmeas ali. Sylvie deixara-lhe a sensação de que havia um problema além de o seu marido se ter ido embora, e isso desorientara-a. Mas agora, Julia tinha os pés no chão. Sabia que William tinha acabado o casamento ao princípio da noite, e quase 24 horas depois, Julia aceitou a situação. Tinham ambos terminado. Ela acreditava que ficaria bem sozinha, mas, para se convencer, tentou imaginar um possível dia num possível futuro. O futuro em que Julia estava a usar um magnífico fato de executiva e sentada atrás de uma moderna secretária preta. O seu cabelo estava preso num rolo, penteado com mestria. A sua competência era evidente. *Vou estar melhor do que bem*, pensou, e sentiu o rosto iluminar-se. *Vou estar fantástica*.

Viu que Cecelia e Emeline pareciam preocupadas. Elas não confiavam no seu otimismo neste momento e achavam que podia ser um sinal de aviso de um colapso iminente. Julia virou a sua atenção para o cobertor dos bebés no meio da sala. Cecelia pusera a filha ao lado de Alice, e Izzy estava a oferecer um brinquedo à bebé mais pequena. Julia recordou uma versão anterior dela própria que engravidara para colocar o seu bebé ao lado deste, num cobertor banhado pelo sol. Os dois bebés deviam ser o íman que aproximava todos os adultos, porém, na realidade, tinham feito o contrário. Os bebés tinham chegado e os adultos tinham-se dispersado. Izzy tinha dado início a algo, da mesma forma que Julia dera início a algo com o seu próprio nascimento, mas para que trajetória tinha Izzy empurrado toda a gente? Charlie morrera, Rose partira, e agora, também William. Julia não culpava a bebé, claro; sentiu um impulso de amor enquanto olhava para a criança de cabelos e olhos escuros.

— Telefonaste à mãe? — perguntou Cecelia.

Julia olhou para a irmã, que tinha uma mancha de tinta amarelo-clara na mão direita, e soube que, porque Rose abandonara Cecelia, esta pensaria sempre primeiro na mãe.

— Ainda não — disse Julia. — Ela não podia fazer nada além de se preocupar. Mas gostava que a Sylvie estivesse aqui. Está a comportar-se de uma maneira tão estranha.

— Que podemos fazer para ajudar? — Emeline estava junto da janela. Procurava Sylvie, ou talvez William, da mesma maneira que, quando era pequenina, olhava pela janela depois da escola, procurando as irmãs mais velhas. — Podemos fazer-te o jantar? Queres que durmamos aqui?

Julia abanou a cabeça. Estava grata por Emeline e Cecelia terem vindo dar-lhe apoio, da mesma maneira que ela se juntara a Rose na sua horta quando o coração da mãe estava partido. Mas as irmãs de Julia não podiam dar os passos seguintes com ela, ainda que recompor-se tivesse sempre significado ter as irmãs ao seu lado. Agora, manter-se forte significava aguentar-se sozinha, com a filha nos braços. Era uma posição solitária, ainda que lhe parecesse a correta. Era uma adulta, e uma mãe.

— Se a mãe estivesse aqui — disse Cecelia — arrastava-nos a todas para St. Procopius, para rezar.

Era verdade. As quatro raparigas tinham ido à igreja e dito rosários por Rose, não por Deus. Não tinha havido forma de o saberem quando viviam todos em 18th Place, por a igreja e a mãe estarem tão entrelaçadas. O catolicismo era bem-sucedido porque fazia os seus seguidores sentirem-se culpados e sentarem-se, por isso, todos os domingos nos bancos da igreja, mas nenhuma das raparigas Padavano pusera um pé em St. Procopius desde que a mãe se mudara. As únicas verdadeiras crenças das raparigas enquanto cresciam tinham sido as personagens ficcionais e os seus jogos umas com as outras.

Quando Julia estava no ciclo preparatório, uma rapariga acusara-a, assim como às irmãs, de serem um conventículo de bruxas. Julia não sabia o que era um conventículo, e tivera de procurar a palavra no dicionário. A definição deleitara-a, e teve esperança de que a rapariga tivesse razão. As quatro irmãs Padavano vestiram-se de bruxas para o Halloween desse ano, e Charlie, alegremente, citou-lhes Macbeth. Julia, no auge da sua juventude, com um chapéu bicudo na cabeça, soube que elas eram um conventículo de bruxas, pelo menos até certo ponto. Ela, Sylvie, Cecelia e Emeline tinham um poder partilhado, uma intensidade.

— Deviam ir — disse Julia. — Eu estou bem e as meninas precisam de ir para a cama.

As gémeas beijaram a bochecha de Julia à vez quando saíram. Encostaram os seus corpos ao dela, brevemente, antes de atravessarem a porta.

Julia voltou ao sofá. Tinha sido um dia estranho e sentia-se estranha. A partida de William fora súbita, mas explodira como um relâmpago a meio de uma tempestade. Inesperado e, contudo, natural. No brilho fugaz da eletricidade, Julia fora capaz de ver claramente, pela primeira vez, as similaridades entre o marido e o pai. Ela quisera casar com alguém que fosse o oposto de Charlie. Escolhera William por pensar que o era: sério, maduro, sóbrio, atencioso. Charlie era um sonhador — Rose costumava dizer que ele caminhava entre as nuvens. Era também regularmente despromovido no trabalho e gastava dinheiro que fazia falta a Rose pagando contas nos bares do bairro.

William não caminhava entre as nuvens, mas, tal como ao seu pai, faltava-lhe ambição e responsabilidade. Charlie tinha sido um pai amoroso, mas um peso morto enquanto marido. Não dera a Rose nada que lhe fosse útil. Talvez Charlie tivesse reconhecido essa faceta em William. Julia lembrava-se do desapontamento na cara do pai quando lhe dera a notícia do casamento. O pai sabia tanto, pensou. Ela nunca dera suficiente crédito a Charlie quando era vivo, mas sabia o suficiente para compreender que, se o pai estivesse aqui agora, havia de piscar o olho e dizer: *Vamos ver o que o meu foguetão é capaz de fazer.*

Sylvie

AGOSTO DE 1983

Sylvie atravessou a cidade com Kent e os outros jogadores de basquetebol, embora os atrasasse com as suas pernas de tamanho normal e a sua forma física de pessoa normal. Tinham todos mais de 1,80 metros, a maioria mais de 1,95, no mínimo. Caminhavam diante dela, um grupo visualmente intimidante que fazia as pessoas desviarem-se no passeio. Mais de uma vez Sylvie viu pessoas pararem para os observar. Não era só a sua altura que chamava a atenção, mas o propósito com que caminhavam. Moviam-se como a equipa que tinham sido na universidade — acompanhando a passada uns dos outros, percebendo pistas direcionais uns dos outros. Vários dos rapazes tratavam Kent por Capitão, o que ao princípio divertiu Sylvie, visto Kent já não ser o seu capitão há dois anos e eles já não formarem uma equipa. Mas também se referiam a William como seu colega de equipa, e Sylvie começou a pensar se estar numa equipa implicava um género de compromisso diferente do que ela julgara. Ela e as irmãs nunca tinham sequer praticado desporto — não era uma opção para as raparigas do seu bairro —, por isso não tinha maneira de saber. Ela admirava o entendimento implícito entre estes homens: Kent tomava as decisões e os outros seguiam as suas ordens da forma mais eficiente possível. Quando o grupo atravessava estradas, um deles abanava um braço longo, como se saudasse os carros que esperavam, enquanto continuavam a avançar a um ritmo que só eles conseguiam manter.

Sylvie estava sempre a pensar desistir, dobrar uma esquina e voltar para junto de Julia. Não fora sua intenção partir com Kent. Falara com ele em frente do prédio, sob o Sol inclemente. Planeava dar-lhe as notícias como uma tigela de maçãs podres e voltar para casa. Mas não fora capaz; seguira-o ao encontro dos amigos dele e de William, impulsionada por um sentimento forte de que, se não ajudasse, William não seria encontrado. Claro que isto não fazia sentido, mas a partir do momento em que Julia lhe telefonara, Sylvie estava assustada — assustada como se o seu corpo soubesse algo acerca desta situação que o seu cérebro ignorava.

Lembrava-se de ter sentido as emoções de William no banco naquela noite e de como ele estava cansado. Lembrava-se da pouca luz que ele continha. Lembrava-se das perguntas no seu manuscrito. Sylvie tinha conversado com William acerca da falta que sentia do pai e só mais tarde se lembrara de que ele tinha um pai e uma mãe que não queriam nada com ele. Mostrou a Kent o bilhete e o cheque porque queria que fosse ele a decidir. Talvez Sylvie estivesse enganada. Se Kent achasse que a situação era tão evidente como Julia achava — apenas um homem a deixar a sua mulher —, Sylvie forçar-se-ia a acalmar. Subiria para a cama ao lado de Julia e ali permaneceria deitada até a irmã acordar da sesta. Sylvie prepararia a Julia um jantar reconfortante e ficaria com a irmã até esta estar recomposta. Durante semanas ou meses, se necessário. Até que desaparecesse a dor de viver naquele apartamento sem o marido.

— O William pode ter querido sair do seu casamento — disse Kent, depois de examinar o que ela lhe entregara. — Aceito que ele não mo tenha dito. Mas não gosto do tom deste bilhete e o William nunca faltaria às aulas. Algo está errado. Temos de o encontrar.

Sylvie sabia que a sua preocupação com William tinha confundido Julia. Sabia que não fora correto deixar a irmã sozinha em casa. No entanto, depois das palavras de Kent, o seu medo tornou-se tão ruidoso que ela sabia que tinha de fazer algo para o aquietar, ou não seria de utilidade para ninguém. Antes de sair com Kent, Sylvie tinha voltado ao apartamento para devolver o bilhete e o cheque, e ligara a Emeline e Cecelia. Tinha-lhes pedido para fazerem companhia a Julia e desligara antes de as gémeas poderem fazer perguntas.

Sylvie apenas vira Kent uma vez, no casamento — onde fora jovial

e encantador e várias raparigas do bairro tinham ficado caídas por ele. Agora, parecia cansado e tenso, e o tipo de pessoa que não tinha tempo a perder. Sylvie corria pelas agora escuras ruas de Chicago, tentando manter-se a par deles. Os jovens olhavam por cima dos ombros e abrandavam por causa dela. Tinham coberto o vasto *campus* da Northwestern, abordado o segurança do edifício de História, inspecionado o ginásio. Esperavam no passeio enquanto o rapaz mais alto enfiava a cabeça em todos os bares e restaurantes que os alunos e docentes de Northwestern frequentavam e examinava a sala em busca de William. Percorreram os bairros limítrofes da universidade, varrendo rua após rua. Isto levou muito tempo, algumas horas, embora Sylvie não pudesse ter a certeza porque não trazia relógio. Agora iam buscar um homem chamado Arash, que todos os jogadores pareciam conhecer.

Sylvie observava Kent a ficar cada vez mais tenso. Não brincava com os outros rapazes, que ocasionalmente se riam porque, embora esta fosse uma situação séria, estavam felizes por estar juntos. A maioria dos jogadores partia do princípio de que iam encontrar William bêbedo algures, infeliz por causa do fracasso do seu casamento. *Deve estar a afogar as mágoas*, ouviu Sylvie mais de uma vez. Isto parecia-lhe improvável, visto que William bebia muito pouco, mas esperava que eles tivessem razão. Entretanto, Kent parecia envelhecer a cada minuto que passava, como se estivesse a viver uma longa vida com o seu amigo desaparecido, comprimida numa única noite. A única pessoa com quem falava regularmente era um jogador chamado Gus, cuja energia parecia inesgotável. O jovem corria à frente do grupo e depois voltava para trás e falava ao ouvido de Kent.

Um jogador chamado Washington disse a Sylvie:

— Pareces cansada. Estás bem?

Sylvie inspecionou-o nas sombras. Ela estivera à beira das lágrimas enquanto corria atrás dos homens. Usava uns ténis que, apesar de lhe parecerem confortáveis, lhe tinham feito uma bolha no calcanhar. Estava preocupada com William. Estava preocupada com a irmã. Estava preocupada, de uma forma alheada, consigo própria. Também estava comovida com o empenho dos jogadores em ajudar o seu cunhado e, perante isso, percebeu que também estava empenhada. Tinha de acompanhar esta busca até ao fim, qualquer que fosse o fim.

— Estou bem — disse, e deixou de prestar atenção ao desconforto no seu corpo. Continuou simplesmente a avançar, o mais depressa que conseguia. No rasto dos jogadores, Sylvie tinha consciência de como a sua vida física era diferente da deles. Os jogadores eram poderosos, invencíveis. Na vida normal de Sylvie, ela evitava as ruas vazias depois de escurecer e atravessava a estrada se sentisse qualquer comportamento agressivo ou preocupante de um homem. Ignorava assobios, mantinha a cabeça baixa, virava na esquina seguinte. Mesmo na biblioteca, sabia quando descair os ombros, minimizar as ancas ao andar e cruzar os braços diante do peito. Ela, e todas as mulheres, eram presas. Mas na companhia daqueles homens, Sylvie abandonara a sua preocupação habitual com a segurança física. A proximidade deles significava que os estranhos a deixavam em paz.

Cada quarteirão que cobriam parecia um puzzle, e Sylvie virava a cabeça de um lado para o outro, tentando encontrar a peça em falta: William. Quando chegaram a um extremo do *campus* da Northwestern, encontraram Arash — um homem de altura média com pálpebras pesadas e um olhar intenso. Este contou que tinha perguntado em toda a universidade e que há vários dias que ninguém via William.

— O Arash é o nosso fisioterapeuta — disse Washington a Sylvie, e ela assentiu com a cabeça. Já não questionava o facto de Washington usar o tempo presente. Nos seus corações estes homens ainda estavam juntos numa equipa de basquetebol e tinham um fisioterapeuta e provavelmente um ou dois treinadores. A sua própria equipa eram as irmãs, e ela estava longe delas. Sabia que Julia já devia estar acordada e aborrecida com ela. Sylvie sentia que parte de si estava naquele apartamento, no sofá, ao lado da irmã mais velha.

Atrás de Arash havia um grupo de jovens, que descobriu serem seniores da atual equipa de basquete da Northwestern. Também tinham sido companheiros de equipa de William, e Kent tinha sido o seu capitão, por isso estavam ali. Os olhos de Sylvie picaram e, quando levantou a mão para tocar a face, percebeu que estava a chorar. Aliviada por ninguém ter reparado, embrenhou-se mais nas sombras.

— Devíamos separar-nos — disse Kent. — O William está desaparecido há mais de 24 horas. Precisamos de cobrir mais terreno. — Dividiu o grupo em dois e mandou Arash e os jovens jogadores

numa direção. Todos os outros, incluindo Sylvie, seguiriam com ele mais para o interior da cidade.

Havia agora mais de vinte atuais e antigos jogadores de basquetebol a percorrer Chicago, inspecionando parques conhecidos pelos seus campos de basquetebol, verificando a identidade das pessoas que dormiam em bancos. A certa altura, o Sol começou a subir — um círculo cor de laranja enchendo os espaços entre edifícios. Sylvie tentou lembrar-se da última vez que tinha visto um novo dia começar. Tentou lembrar-se que dia da semana era e a que horas começava o seu turno na biblioteca. Perguntou as horas a Washington, que tinha relógio, mas estava tão cansada que os números que ele disse não faziam sentido. Sabia que não ia comparecer ao trabalho. Também sabia que a bibliotecária-chefe Elaine não ficaria satisfeita; ela tinha alguns temas favoritos, e um deles era a responsabilidade.

A certa altura, Kent ficou para trás e pôs-se a caminhar ao lado de Sylvie. Falava como um homem que estivesse a conservar a energia, e ela teve de se encostar mais a ele para o ouvir.

— O William já esteve deprimido. Tem isso dentro dele. Deixava de falar e de comer durante uma semana quando pensava que Julia estava zangada com ele ou o treinador o tinha posto no banco. Recuperava muito rapidamente, mas creio que eu era o único que ele deixava que o visse assim.

Todo o rosto de Sylvie doía com algo que parecia alívio. Era bom saber que não estava louca. Quase falou a Kent sobre as notas de rodapé no livro de William, mas em vez disso, comentou:

— Estivemos toda a noite a pé. — Esfregou os olhos, porque aquilo era uma coisa estúpida para dizer. Teve uma visão das mãos de Ernie na sua cintura e recordou-se da sensação de estar nua ao lado dele sem qualquer medo ou conhecimento de que o seu mundo estava prestes a inclinar-se no seu eixo. Parecia-lhe uma memória de outra vida. Ocorreu a Sylvie que podia ter desapontado Ernie, da mesma maneira que estava prestes a desapontar a bibliotecária-chefe Elaine. Ele provavelmente esperara à porta do seu apartamento na noite anterior, confuso por ela não voltar para casa. *Não estou em nenhum dos sítios onde devia estar*, pensou. *E não faço ideia de onde estou*.

Visitaram três bibliotecas do centro da cidade de seguida, entrando para verificar as salas de estudo. A meio da manhã, Sylvie,

Washington, Gus e Kent entraram numa loja de conveniência para comprar refrigerantes para todos. Sylvie reparou que, sob a luz da loja, as caras dos jovens pareciam estaladas de cansaço. Imaginava como ela própria pareceria, e teve o cuidado de evitar qualquer superfície refletora. Há muitas horas que ninguém falava em bebedeiras nem em bares. Agora, a sensação era de que, se encontrassem William, seria terrível, e se não encontrassem, seria o mesmo.

Quando saíram da loja, pararam no passeio, com os refrigerantes gelados a suar nas mãos. O resto dos jogadores estava a meio do quarteirão, aguardando-os. Sylvie notou a pausa; suspeitava que Kent não sabia aonde ir a seguir. O ar tinha um peso novo; o Sol subia no céu, trazendo com ele um calor denso. Um barulho alto aproximava-se deles de um dos lados — o tocar de uma sirene. Sylvie virou-se na direção do som, mas este dividiu-se ou duplicou imediatamente. Uma ambulância passou ruidosamente por eles enquanto os carros se desviavam da sua trajetória, e dois carros da polícia, com as sirenes a guinchar, dobraram uma esquina e seguiram a ambulância. O ar latejava de som. Kent, Sylvie, Washington e Gus entreolharam-se, um medo partilhado nos rostos. Sylvie sabia que estavam a ter o mesmo pensamento: *William?*

— Gus — disse Kent. — Corre!

Gus partiu a correr pelo quarteirão antes de Sylvie poder compreender o que acontecia. Ele era incrivelmente rápido. Mais tarde, diriam a Sylvie que ele era o seu base e conseguia correr os três quartos do campo em três segundos. Os restantes correram atrás de Gus, que perseguia a ambulância e os carros da polícia. Latas de refrigerante foram atiradas para o passeio, onde rodopiaram como piões. Kent também era rápido, assim como a maior parte dos rapazes; aceleraram pela avenida, de mãos erguidas para avisar o trânsito. Precisavam de cobrir terreno para não perder Gus de vista. Washington era, aparentemente, o jogador mais lento; ia atrás dos colegas. Tinha 2,13 metros e corria como uma árvore que tivesse sido arrancada da floresta. Sylvie não conseguia acompanhar Washington, mas conseguia ver as suas costas longas sinuando entre os pedestres mais à frente, o que lhe permitia manter-se conectada com o grupo.

O lago apareceu abruptamente, e a superfície brilhante fez Sylvie

pestanear. Agora estava a arquejar, e o coração latejava-lhe nas orelhas. A água parecia uma placa brilhante, estendendo-se até ao horizonte. Charlie levava as filhas ao lago em algumas tardes de domingo, quando elas eram pequenas. Ele bebia cerveja e conversava com estranhos na praia, enquanto as meninas construíam castelos de areia e tentavam ver quantas cambalhotas conseguiam dar debaixo de água. Sylvie sentiu uma pontada de dor pelo seu pai, e depois a dor aumentou. Ela tinha perdido o único outro homem da família. E se perdessem William? Tentou sentir o que o seu cunhado estava a sentir — estendendo-se além dos seus próprios limites para o fazer —, mas não sentiu nada.

Estava agora no caminho do lago, ainda a correr. A ambulância e os carros da polícia tinham parado lá à frente, mas mantinham as sirenes acesas. Sylvie estava tonta e ligeiramente nauseada. Havia pontos cinzentos na sua visão que ela sabia que não faziam parte da paisagem. Estava a correr mas a ficar para trás, na cauda deste grupo. *Por favor, que não seja o William*, pensou, ao ritmo das suas passadas. *Por favor, que não seja o William*. Deteve-se quando finalmente parou junto da ambulância. Ficou, trémula de exaustão e de nervos, à beira do caminho. Devido ao calor, a praia diante deles já estava meio cheia de famílias e pessoas a apanhar sol. Na areia, crianças tinham parado de brincar, e homens e mulheres de fatos de banho estavam de pé nas toalhas, protegendo os olhos com as mãos para verem o que acontecia no lago. *Que podia estar a acontecer no lago?*, pensou Sylvie. Kent e os outros jogadores tinham saltado para a água, onde paramédicos e alguns polícias estavam de pé à beira da água. Ela virou-se para a direção em que eles olhavam e viu um barco aproximar-se muito lentamente. Um dos paramédicos e alguns dos basquetebolistas entraram no lago. Os outros dois paramédicos esperaram à beira da água com uma maca. O barco estava bastante perto para Sylvie ver um homem deitado na coberta. Não via o suficiente para o identificar. Kent e Gus tinham água pela cintura. Com o paramédico, ergueram os braços por cima das cabeças e içaram o homem. A cabeça virou-se de lado. Era ele.

— William — sussurrou Sylvie, como se o chamasse, como se no seu estado atual ele conseguisse ouvir apenas sussurros.

William tinha os olhos fechados e estava frouxo nos braços dos

amigos. Usava uma camisa desabotoada e calças. Não tinha sapatos. Um dos seus braços pendia, tocando na água, enquanto o outro repousava sobre o peito. Mais amigos se juntaram a Kent e Gus; mais mãos apoiaram William enquanto eles se esforçavam por o tirar do lago. Kent cambaleou uma vez e Washington estava imediatamente ao seu lado, com o braço nos ombros de Kent. Depositaram William na maca, com um movimento gentil.

Um adolescente perto de Sylvie disse, para ninguém em particular:

— O tipo parece morto.

— Sylvie — gritou Kent, e foi isso que a descongelou. Correu para junto deles, sem saber que mais fazer, como ajudar, e segurou a mão gélida de William enquanto o tiravam da praia para o caminho. Quando chegaram à ambulância, um paramédico disse:

— Só pode ir uma pessoa na ambulância. — Olhou para Sylvie. — É a mulher?

Sylvie olhou para o paramédico. Sentia que não podia largar a mão de William. Os seus dedos estavam tão frios que a pele dela parecia congelada na dele, e se ela fosse a mulher, seria ela a seguir na ambulância. Então, sem olhar para Kent ou qualquer outro, Sylvie assentiu com a cabeça e subiu para a traseira do veículo.

A ambulância estava em movimento antes de Sylvie perceber que William respirava — superficialmente — e quase vomitou de alívio. Estava apertada entre a parede da ambulância e a maca a que ele fora amarrado. O paramédico inclinou-se sobre William. Levantou-lhe uma pálpebra. Premiu os dedos nos lados do pescoço. Cobriu-lhe o corpo com um cobertor. O rosto de William parecia inchado, e a sua pele tinha um tom acinzentado. Tinha uma ferida numa das maçãs do rosto. Estava muito quieto. *Demasiado quieto*, pensou Sylvie.

O hospital para onde seguiram era aquele onde Julia e Cecelia tinham dado à luz e Charlie tinha morrido. O tempo estava sempre a abrandar e depois a acelerar. O pessoal médico retirou William da ambulância. Kent estava ali; haveria de ter apanhado um táxi. Falava com o paramédico acerca de pressão sanguínea e ela lembrou-se que ele frequentava a faculdade de medicina.

— Devia telefonar à Julia — disse ela, e entrou no hospital, sem ter a certeza de que alguém a ouvira.

Enquanto o telefone tocava — ela estava na cabina mesmo à saída

da sala de espera das urgências — Sylvie pestanejou e tocou no rosto. Tinha os cabelos rígidos, provavelmente de suor seco. Sabia-lhe bem estar sentada no assento minúsculo da cabina. O seu corpo era uma coleção de dores e picadas; músculos que ela não sabia que tinha estavam confusos e perturbados pela tortura das últimas horas.

— Estou? — disse Julia.

— Sou eu. — Sylvie teve dificuldade em falar. Percebeu que não queria pôr em palavras o que tinha acontecido. Quando contasse a história à irmã, tornar-se-ia real. Teria acontecido, e o que acontecera teria consequências. Quais seriam essas consequências, ela não fazia ideia. Estava demasiado cansada e a sua imaginação tinha sido ultrapassada pela realidade.

— Onde tens estado? — perguntou Julia.

— Estou no hospital. Devias vir para aqui. Encontrámos o William. — Sylvie hesitou. — Estava no Lago Michigan. Tentou suicidar-se.

Houve uma pausa, e Julia disse:

— Não, não pode ter sido isso. Está calor, por isso deve ter ido nadar, e não é um bom nadador. Nunca aprendeu quando era miúdo.

— Estava inconsciente, Julia...

— Não, não, ele não pode ter feito isso. — Mas agora havia hesitação na voz de Julia.

— Também pensaste que o Departamento de História estava enganado em relação às faltas dele. Julia, isto é real. Isto está a acontecer.

Julia ficou calada do outro lado da linha. Sylvie sentia-se horrivelmente em todas as partes do seu corpo. Horrivelmente pela irmã, horrivelmente por William.

— Por favor — disse ela — apanha um táxi e vem para cá. Também vou ligar à Emeline, e ela pode encontrar-se aqui connosco e tomar conta da Alice.

— Ele deixou-me — disse Julia numa voz lenta. — Foi muito claro. Não me haveria de querer aí.

Sylvie fitou a parede de plástico embaciado que forrava a cabina. Estava de frente para a sala de espera e reparou num velhote sentado com a cabeça entre as mãos. Ao lado dele, uma mulher de óculos de sol, em pé, com os braços cruzados diante do peito. Mesmo que não

soubesse onde estavam, Sylvie teria percebido que aguardavam más notícias.

— Não vens? — perguntou.

— Ele tem o Kent. O Kent cuidará bem dele. — Julia pigarreou e depois disse: — Preciso de ti, Sylvie. Por favor, volta para casa.

Sylvie abriu a boca para falar. Sentia-se um conjunto de dobradiças enferrujadas: os maxilares, cada articulação do seu corpo. Disse:

— Deixa-me orientar as coisas aqui primeiro. — Pousou o auscultador e ficou de pé na cabina até um homem bater no vidro para indicar que precisava de telefonar.

Não teve dificuldade em encontrar Kent na sala de espera. Ele e os amigos ocupavam assentos no canto mais distante. Pareciam aquilo que eram: uma equipa de basquetebol que entrara num lago. Todas as outras pessoas da sala de espera pareciam ter escolhido lugares o mais longe possível da equipa.

— O médico não fala connosco — disse Kent. — Tens de ir à receção e perguntar se podes ficar com o William até a Julia chegar. Não quero que ele fique sozinho.

— Ela não vem.

Kent lançou-lhe um olhar penetrante.

— De todo?

— Agora, não vem. Depois, não sei.

Kent fechou os olhos por um segundo, depois disse:

— Está bem. O condutor da ambulância pensou que eras a mulher dele; diz a mesma coisa à senhora da receção, para te deixarem entrar. E quando falares com o médico, assegura-te de que o William não está só a ser tratado fisicamente, mas que tem uma consulta psiquiátrica.

Ela pensou, *Diz ao Kent que tens de te ir embora. Diz-lhe que a tua irmã precisa de ti.* Disse:

— Tu estás na faculdade de medicina. Não devias ir tu?

Kent abanou a cabeça.

— Só permitem familiares. Não posso fingir que sou parente dele.

Sylvie ficou com os olhos rasos de água, embora não percebesse o que sentia porque parecia sentir tudo. Assentiu com a cabeça para Kent e dirigiu-se à secretária. Disse:

— Sou a mulher do William Waters — e a enfermeira conduziu-a

por uma porta e depois por dois corredores que mostravam homens, mulheres e crianças em diferentes estados de emergência: chorando, sangrando, inconscientes. A própria Sylvie se sentia cada vez pior. As roupas arranhavam-lhe a pele. A bolha no calcanhar doía-lhe a cada passo que dava.

A enfermeira deteve-se e apontou para uma porta. Sylvie atravessou-a, sozinha. William estava deitado numa cama. Tinha os olhos fechados. Os pés estavam tapados com um cobertor, mas pendiam da cama demasiado curta. Com William estendido diante dela, Sylvie estudou a sua pele, que parecia errada. Como se ele tivesse sido insuflado e agora estivesse a voltar ao seu tamanho normal. As enfermeiras tinham-lhe despido as roupas molhadas: vestia uma bata hospitalar e tinha um tubo de soro preso no braço. Era a primeira vez que Sylvie estava sozinha com ele desde a noite no banco, seis meses antes.

— Pensei que tinhas morrido — sussurrou ela.

Havia uma janela no quarto que dava para uma frondosa árvore de folhas verdes. O bloco de partos ficava no andar acima deste e do outro lado do enorme edifício. Era onde Sylvie tinha estado antes, onde as sobrinhas tinham nascido, e onde o pai tinha morrido. Havia uma cadeira dura ao lado da cama, e ela sentou-se.

Sylvie fechou os olhos doridos. Tinha consciência de uma sensação dentro de si — uma batida, como chuva ligeira — e aos poucos percebeu que era alívio. Estava aliviada. Estava aliviada por William estar vivo, diante dela. E estava aliviada por ser a pessoa naquela cadeira, naquele quarto. Quando falara com Julia ao telefone, Sylvie estava concentrada no que *devia* acontecer — a mulher de um homem doente *devia* vir para a sua cabeceira — mas era melhor para William estar com ela. Sylvie conseguia unir os pontos que o tinham levado àquele quarto: ela soubera, de alguma forma, que aquilo não era impossível. Com os olhos fechados, Sylvie conseguia imaginar William a caminhar para o lago, sentindo-se como uma colher cheia de água que já não cabia numa colher. Já não havia gravidade a sustentá-lo, por isso ele tentara dissolver-se no gigante corpo de água. Sylvie ficou sentada ao lado dele, solta dentro da própria pele, para poder partilhar alguma da sua força com ele enquanto ele dormia.

William

AGOSTO DE 1983 – NOVEMBRO DE 1983

Caminhou pela cidade a maior parte da noite e depois voltou à margem do lago. Ainda estava escuro. Não havia ninguém à sua volta e até o ar estava imóvel quando entrou na água. Não havia pássaros a trinar, nem o barulho de trânsito atrás de si, nem vozes humanas. Parecia que o mundo tinha parado. William teve de caminhar muito tempo antes de a água ter profundidade suficiente para lhe cobrir a cabeça. Não se tinha lembrado de levar pesos; deixara de pensar horas antes. William continha apenas um anseio por água, escuridão e silêncio. Queria afundar-se, mas o seu corpo gigante estava sempre a tentar flutuar. Mesmo depois de muito tempo na água, quando já estava mais para lá do que para cá, os seus pés disparavam para o lado e ele ficava de esguelha, tão flutuante como qualquer barco, de frente para o Sol. Já não era uma pessoa com um nome e uma história; nessa altura, era uma rolha de cortiça balançando no líquido, e apenas notava a sensação macia e encarquilhada das suas mãos, o sol a aquecer-lhe a face e a água a abrir caminho para os olhos e os ouvidos. Estava a dormir, ou inconsciente, quando ouviu um rugido, vozes, e mãos a agarrá-lo. Não conseguiu abrir os olhos para ver o que estava a acontecer. Escutou — ouviu Kent chamar o seu nome —, mas só porque não tinha escolha. Quando acordou no hospital, seco, e viu Sylvie numa cadeira ao lado dele, o seu primeiro pensamento foi que tinha falhado. O facto de ter falhado significava que tinha de começar

a avançar com a sua história de vida — os seus erros —, pendurada ao ombro como uma mochila pesada. Este facto exauria-o, mas ele estava demasiado cansado para o rejeitar.

William estava num hospital diferente daquele em que acordara pela primeira vez; depois de quase uma semana de avaliação, fora mudado para uma unidade de internamento psiquiátrico na baixa de Chicago. O lago ficava a três quarteirões de distância, fora de vista. William tinha consciência da extensão de água, apesar da distância. Enquanto dormia e acordava, ainda se sentia encharcado, longe da margem e incapaz de se manter debaixo de água.

Durante os primeiros dias no hospital, ou Sylvie ou Kent estavam sempre no quarto, enquanto ele dormia, intermitentemente. Via-os, mas não tinha força suficiente para falar. Kent falava com ele, dizia-lhe que ia melhorar, que os médicos eram excelentes, e finalmente disse-lhe que tinha de voltar para a faculdade mas que regressaria dentro de alguns dias. Sylvie quase nunca dizia seja o que for; apenas ficava sentada na única cadeira do quarto, a ler o seu livro.

À medida que ele ficava mais alerta, a presença dela começou a parecer-lhe complicada. Suspeitava que Sylvie era a única pessoa além de Kent que não ficara completamente chocada com o que ele tentara fazer. Ela vira o negrume dentro dele naquela noite no banco e nas notas de rodapé do seu manuscrito. A sua mulher também tinha lido as notas, claro, mas ele sabia que a resposta primária de Julia tinha sido desânimo, por William ter em si aquele género de pensamentos. Para Julia, isto significava que ele era o homem errado para ela, não que houvesse algo de errado.

William tinha consciência de estar contente por Sylvie estar ali, embora algo na sua presença não encaixasse — a família Padavano não deveria querer ter nada que ver com ele. Sempre que Sylvie estava na sala, ele quase esperava que a porta se abrisse e Julia entrasse. Remexia-se e virava-se sob o peso desta possibilidade e tentava manter-se inconsciente o máximo de horas por dia que fosse possível.

— O sono é muito terapêutico — disse-lhe a Dra. Dembia. Era a médica responsável por ele na unidade psiquiátrica. — Trabalhou duramente durante muito tempo, William. Permita-se descansar.

Uma tarde, quando William acordou de uma sesta inquieta, Sylvie disse:

— Posso fazer-te uma pergunta?

Ele pressentiu a perturbação na voz dela. Teve de clarear a voz antes de responder.

— Sim. — E resignou-se, pois, fosse o que fosse que ela perguntasse, ele tinha de responder. Não podia mentir mais. Tal como uma peça de porcelana incapaz de suportar peso, ele já não conseguia suportar isso.

— Queres que a Julia te visite? Não sabemos bem o que fazer.

O corpo dele esvaziou-se de ar perante a força da pergunta. Conhecia a resposta, todavia. Tinha-a escrito no bilhete antes de sair de casa. Compreendia que era um *post scriptum* necessário, uma clarificação.

— Não — disse ele, a voz sem fôlego. — A Julia e a Alice devem manter-se afastadas de mim. Para sempre.

Não soube como Sylvie recebeu aquele anúncio porque não olhou para ela. Sabia que era uma coisa horrível de se dizer, mas era sincero, mais do que alguma vez fora.

— Diz-lhe que abduco da Alice — disse ele, e virou a cara para a parede. Ficou assim, com os olhos fechados, até Sylvie se ir embora.

As suas palavras tinham sido brutais, a sua rejeição da irmã e sobrinha dela fora tão definitiva, que William sabia que Sylvie nunca regressaria. A noite que se seguiu foi longa. William lembrou-se de estar no lago. Tentou avaliar o que restava na sua vida: Kent, e os seus outros amigos da equipa; os medicamentos que a Dra. Dembia lhe receitara. Era tudo o que ele tinha, e sabia que tinha sorte por ter alguma coisa. A sua antiga vida estava no fundo do lago. Ele acabara de afastar a última peça, Sylvie, e era uma perda que lhe doía. William experimentara uma grande paz ao lado dela naquela noite no banco — como se tivesse posto de lado o seu fingimento e apenas *fosse* —, e sentia alívio sempre que ela entrava neste quarto de hospital. Mas William revelara-se o género de monstro que abandonava a mulher e a filha, e isso tinha consequências.

A porta do quarto de William tinha de estar sempre aberta, mesmo à

noite, para que a enfermeira que patrulhava as alas pudesse vê-lo a qualquer momento. Não havia trancas nesta unidade, nem sequer nas casas de banho. A própria unidade tinha a segurança de uma grossa porta de metal que estava sempre trancada. Os sacos das visitas eram revistados e a porta principal era destrancada para entrarem e trancada de novo logo a seguir.

A Dra. Dembia passava meia hora com ele todas as tardes. Tinha cabelos curtos e grisalhos, mas um rosto juvenil. William não sabia se ela era velha ou nova: talvez a cor do seu cabelo fosse sinal de que era mais velha do que indicava a sua cara, ou talvez o seu cabelo tivesse embranquecido prematuramente. Ele estava aos seus cuidados há uma semana, quando ela disse:

— Consegui finalmente falar com um dos seus pais. Liguei para o seu pai no escritório.

Um acorde bem enterrado no interior de William vibrou. Quem lhe dera não ter levado as coisas tão longe que fosse preciso envolver os seus pais. Ele dera o nome do pai e da mãe à médica quando esta anotara a sua história de vida.

— Imagino que ele tenha dito que não podia ajudar — disse William.

— Ele disse que o William era um adulto, e que por isso estava por sua conta. Na verdade, desligou-me o telefone na cara. William, quero que saiba que essa não é uma resposta parental normal. É cruel e injusta. O William merece, e merecia, melhor da parte dos seus pais. Nasceu de duas pessoas feridas, e isso é parte da razão de estarmos aqui.

— Acha que ele é um idiota.

Ela sorriu.

— Bem, essa palavra não faz propriamente parte do meu vocabulário técnico. Diria que suspeito que o seu pai também sofre de depressão.

William teve dificuldade em visualizar o rosto dos pais. Via-os na estação de comboios, a acenar, mas as suas formas eram enevoadas. A ideia de o pai estar deprimido não adería à sua mente; simplesmente, escorregava. Estas sessões com esta médica, que lhe prestava atenção — prendia os olhos nos dele como anzóis —, eram esgotantes. Os outros dois médicos que o visitavam estavam distraídos; William tinha

apenas uma porção da sua atenção. Ficava mais confortável assim.

— Ele e a minha mãe não têm feito parte da minha vida — disse.
— Desde há muito tempo.

A médica inclinou a cabeça para o lado, e William pôde vê-la a considerar a veracidade desta afirmação. Ocorreu-lhe, pela primeira vez, que só porque nunca pensamos em alguém, isso não significa que a pessoa não esteja dentro de nós.

William acordou uma manhã enjoado e transpirado. Sabia que era uma reação à medicação; encontrar a combinação mais eficaz de antidepressivos e ansiolíticos era um processo de tentativa e erro. Manteve os olhos fechados por mais alguns minutos, porque sabia que seria um dia difícil e não tinha pressa de o iniciar. Quando abriu os olhos, viu Sylvie ao lado da sua cama. William pestanejou na direção dela. Estava sentada muito direita na cadeira, como se a sua postura estivesse a ser testada.

— Pensei que não voltavas — disse ele, sem saber muito bem se ela voltara mesmo ou se estava a alucinar.

Ela assentiu com a cabeça.

— Tinha mais uma pergunta — explicou. — Disseste que não querias a Julia nem a Alice. Eu posso visitar-te? Ou queres que me vá embora?

Ir-se embora?, pensou William. Tinha estado a sonhar com a sua conversa com a Dra. Dembia em relação aos pais. No sonho nadava para longe do pai e da mãe, que nadavam para longe dele. E tinha dito à mulher e à filha para se irem embora. Tantas pessoas a deixarem-se umas às outras. O sonho tinha uma atmosfera claustrofóbica, um presságio, como se estivessem todos prestes a descobrir que estavam a nadar num aquário. Estavam a tentar fugir uns dos outros e estavam condenados a falhar.

William contemplou a jovem na cadeira. Sabia que ela era real e não uma alucinação. Sabia que a queria aqui. Não sabia porquê, mas isso agora não lhe importava. William estava a tentar reaprender o que significava querer alguma coisa.

— Não te vás embora. — A sua voz era cansada, entaramelada das drogas e do sono. — Lamento ter magoado a tua irmã.

Sylvie disse:

— Magoaste-te a ti próprio, também.

Ele abanou a cabeça, rejeitando a afirmação.

— A Julia está bem?

Sylvie endireitou-se ainda mais na cadeira; parecia esticada, como se tentasse estar em mais de um sítio ao mesmo tempo.

— A Julia está perturbada — disse. — Obviamente. Mas vai ficar bem. Ela não sabe que estou aqui. É só que eu acho... — hesitou — que tu mereces ter visitas. Sei que o Kent vem cá, mas está demasiado ocupado para vir muitas vezes. Tu não mereces estar sozinho.

A frase abalou William como se tivesse levado uma pancada no peito. Ele não merecia estar sozinho? Não achava que isso fosse verdade, mas acreditava que Sylvie estava a ser sincera.

— Obrigado — disse ele.

Sylvie assentiu com a cabeça, e depois ficaram calados por alguns minutos. O silêncio era sonoro, como o som ambiente de uma máquina de ruído branco. William perguntou-se se havia algo mais que devesse dizer. Sylvie também parecia desconfortável. Parecia que tinham chegado ao fim de um guião, e agora um deles precisava de improvisar alguma fala ou sair do palco. William pensou com anseio em dormir. Talvez pudesse desaparecer deste momento para a inconsciência.

Sylvie inclinou-se para a frente e disse:

— Estava a pensar se poderias falar-me do Bill Walton.

— Bill Walton. O basquetebolista?

Ela assentiu com a cabeça.

Apesar de surpreso pelo pedido, William sabia a resposta, por isso deu-lha.

— É um grande 2.º base. Jogou por Portland e foi o melhor jogador na época e nas finais. Mas estava afligido por lesões. Partiu o pulso duas vezes. Distendeu o tornozelo. Deslocou dedos das mãos e dos pés.

— Caramba. — Sylvie parecia mais leve, aliviada por terem encontrado um tema de conversa.

— O Walton partiu um osso do pé, e tiveram de lhe fazer um aparelho especial para o pé, para tentar reduzir a dor. Deram-lhe injeções de analgésicos para ele jogar, e isso ainda lhe destruiu mais o

pé. — William nem acreditava que estava a falar tanto, mas agora que tinha começado, precisava de dar a Sylvie informação suficiente para ela de facto compreender. — O Walton é um grande jogador, talvez o melhor passador no jogo, definitivamente para um pivô. Ama o basquetebol, mas o seu corpo é terrível. Os joelhos são... impossíveis, e tem inúmeras lesões no pé. Este ano está no banco dos Clippers.

Sylvie disse:

— Parece impressionante que ele fosse capaz de jogar e ainda mais ganhar prémios de melhor jogador com esse corpo.

— E é — disse William. — É impressionante. — Mas falar tanto esgotara-o, e ele adormeceu. Quando voltou a abrir os olhos, Sylvie partira.

A Dra. Dembia disse que lhe ia dar trabalhos de casa.

— Quero que escreva todos os segredos, todas as partes da sua vida que esconde das pessoas que lhe são mais próximas.

Ele baixou os olhos para o caderno liso que ela lhe entregou. Assentiu com a cabeça e pousou o caderno. Desde que se lembrava, que tentava afastar tudo o que fosse desconfortável, para não permitir a sua proximidade. Mas afastara tanta coisa, que não sobrara nada. Sabia que, para ficar bem, precisava de considerar a sua mulher, a sua infância, e o seu fracasso em conseguir o que parecia, visto de fora, uma boa vida. Mas ainda não estava preparado. Bastava saber que o momento estava a chegar e ele não podia esconder mais. Enquanto dormia, William sonhava com água, e, acordado, caminhava pelos corredores da unidade de psiquiatria.

Kent sentava-se na cadeira no canto quando o visitava, as suas pernas compridas chegando ao meio da sala. Parecia sonolento, e por vezes fechava os olhos.

— Para de te sentir culpado — protestou ele. — Terias feito a mesma coisa por mim.

— Eu não frequento a faculdade de medicina e tenho dois empregos a meio tempo. Não devias estar aqui agora. Quantas horas dormiste na noite passada? E agora tens de conduzir de volta para Milwaukee.

— Só venho cá uma vez por semana. O meu colega está a cobrir o

meu turno hoje. Não me podes obrigar a manter-me afastado.

A afeição de Kent por William era demasiado clara e demasiado descomplicada. Brilhava sobre William como um sol. Nunca ninguém o amara assim, incondicionalmente, e esse amor, quando ele era o menos merecedor que já fora na sua vida, fazia William sentir-se a arder. Andou de um lado para o outro no quarto, tentando arrefecer com o movimento.

— Acho que tu pensas que eu ainda estou em perigo. Mas não estou. Não voltarei a fazê-lo — disse. — Prometo.

Kent examinou-o sob as pálpebras descaídas.

— Quero mais do que isso, tu sabes. Quero que te sintas melhor. Que ames a tua vida.

William riu-se, um som breve e seco. Quando fora a última vez que rira?

— Não tem piada — disse Kent.

William sentiu-se repreendido.

— Desculpa. Achei que tinha. — Pensou por um momento. — Tu amas a tua vida?

— Claro que sim, porra! — Kent exclamou-o com firmeza.

William olhou para o amigo. Kent ainda tinha o seu peso de jogador e parecia refulgir de juventude e saúde. Tinham ambos 23 anos. William sentia ter pelo menos 40 — o que era uma antiguidade. Pôs a mão sobre o joelho magoado.

— Vou dar-te uma razão para viveres — disse Kent. — Estou de olho no Michael Jordan... sabes, o miúdo da Carolina do Norte que fez aquele grande lançamento no ano passado? Parece-me bom. Talvez os Bulls possam ficar com ele quando entrar no mercado.

William assentiu com a cabeça. Pensou na conversa que tivera com Sylvie acerca de Bill Walton. Para William, era muito mais duro pensar em Michael Jordan. Kent estava empolgado com Jordan porque ele parecia o futuro do basquetebol, mas William achava impossível contemplar os dias e semanas diante de si.

— Ouve. — Kent examinou-o. — Tens a certeza de que o teu casamento acabou? Porque eu posso falar com a Julia, se quiseres. Ajudar-te a pôr água na fervura, ou o que for necessário.

— Tenho a certeza de que acabou.

— Está bem. — Kent sentou-se direito na cadeira pela primeira

vez. — Este ano vamos ver os Bulls juntos na televisão. Todos os jogos. Irás a Milwaukee, ou eu venho ter contigo.

Vem ter comigo, pensou William. Onde? Onde estarei?

William dera entrada no hospital em agosto, e era agora o final de setembro. As folhas do lado de fora da janela iam perdendo o verde-escuro do verão, agora desbotado. William apreciava este breve espaço de tempo em que as cores se desvaneciam, uma profunda inalação visual de ar antes de a nova estação chegar.

A Dra. Dembia perguntou:

— Acabou o seu trabalho de casa?

Tinha passado algum tempo desde que ela lhe perguntara pelo caderno. Ele sabia que isto era um incentivo.

Abanou a cabeça.

— Ainda não.

Quando Sylvie assomava à porta de William, ele tinha consciência de se sentir grato por vê-la. Estava a tornar-se mais consciente, em geral. O que tinha sido uma sensaborona papa de emoções dentro dele, possuía agora mais textura. Sylvie tinha recentemente trazido meias que Emeline lhe tricotara, copiadas de um livro de arte de Cecelia. Tornara-se claro que as gémeas também estavam preocupadas com William, embora não tivessem ido ao hospital. De formas diferentes, três das quatro irmãs Padavano continuavam a cuidar dele, como se pelo seu número e adjacência a Julia pudessem preencher o buraco que ele criara na própria vida. *Não estás sozinho*, era o que a atenção delas lhe dizia, e essa generosidade comovia-o.

William sabia que Julia detestaria que Sylvie o visitasse. A sua mulher teria considerado, e com razão, o bilhete que ele deixara — juntamente com a adenda que fizera a Sylvie — o fim do seu casamento. O facto de Sylvie ter decidido continuar, mesmo temporariamente, a sua relação com William era, na melhor das hipóteses, confuso, e podia beirar a deslealdade. Ele sabia que as irmãs Padavano tinham agido como uma unidade completa durante toda a sua vida. Ele vira Sylvie e Julia dormirem nos braços uma da outra no seu sofá. Era-lhe difícil acreditar que Sylvie tivesse ultrapassado essa fronteira por ele.

Sylvie pousou a mala na cadeira do canto.

— Estou curiosa acerca de Kareem Abdul-Jabbar. — disse.
— Porque é que ele mudou de nome no início da carreira?

William sorriu; os seus pensamentos ainda estavam na sua mulher afastada, e Julia nunca lhe teria colocado esta pergunta, nunca na vida. Julia não se interessava por basquetebol e estava sempre a tentar desviar William e a sua atenção do seu jogo favorito. Ela estava focada em quem William se *tornaria* depois da próxima oferta de emprego, quando tivesse um «Doutor» antes do nome. Não censurava a mulher pela sua aceitação condicional; crescera com pais que nunca o tinham aceitado, de todo.

— William? — disse Sylvie, com a cabeça inclinada para o lado.
— Estás bem? Pareces distante.

— Estou aqui — disse ele. Sabia, com a sua nova consciência, que devia dizer a Sylvie que voltasse de vez para a irmã. Devia dizer-lhe que ficaria bem sem as suas visitas. A enfermeira que patrulhava as alas e espreitava para dentro de cada quarto acabara de passar e voltaria a passar dali a quatro minutos. William sentia-se mais sólido dentro do seu corpo. Kent estaria aqui no sábado. *Devias ir*, pensou ele. Mas não conseguiu forçar-se a dizer as palavras.

Sylvie estava sentada na cadeira e William andava de um lado para o outro no quarto. Estava no hospital há mais de dois meses. Era quase Halloween e as enfermeiras tinham colado cartazes com fotos de abóboras transformadas em lanternas nas paredes da sala comum. William não conseguia abrir a sua janela, mas notava que as pessoas lá fora vestiam agora casacos ou coletes, ao circular no passeio.

— Quantos anéis ganhou o Bill Russell no total? — disse Sylvie após alguns minutos a observá-lo a ricocheteiar lentamente de uma parede para a outra.

— Onze, em doze anos — disse ele, e parou de andar. O calor, aquele desconforto que sentia quando Kent o fitava com o seu rosto demasiado franco, ateou-se dentro dele. Sylvie também lhe mostrava afeição, e embora fosse difícil, ele estava a tentar aceitá-la. Sorrira uma vez durante a última visita de Kent e o amigo dera-lhe uma palmada nas costas, deliciado. A Dra. Dembia tinha-lhe dito: «O

desconforto é apenas uma sensação, William. É correto deixar-se sentir os seus sentimentos». Afirmou: — Sei que falas de basquetebol para me fazer sentir confortável, Sylvie. É muito simpático da tua parte. — Sylvie ergueu as sobrancelhas, surpreendida. — E sei que leste o meu livro. — Sem parar para pensar, William estendeu a mão para o diário vazio na mesa de cabeceira. — Tenho trabalho de casa da médica. Talvez me possas ajudar a fazê-lo? Agradeço muito as tuas visitas. Já to devia ter dito.

— Gostaria de te ajudar — disse Sylvie, numa voz cautelosa.

— Podes escrever o que eu digo, como uma lista? Devo escrever os segredos que guardei... bem, da Julia.

Sylvie pegou no caderno. Como ele, crescera a ir à confissão na igreja. Entrar na cabina escura e ajoelhar-se no genuflexório. Confessar os seus pecados para o biombo que a separava do padre. William pensou agora nesse sacramento e sentiu-se mal por todas as crianças forçadas a dividir as suas existências quotidianas em pecados e não-pecados, para terem alguma coisa que dizer a um estranho de batina.

— O primeiro é que eu sabia que leste o meu livro — disse ele. — Nunca disse à Julia que o tinha percebido. — O manuscrito ainda estava na prateleira de cima do armário no seu apartamento, a menos que a mulher o tivesse deitado fora.

Sylvie escreveu no caderno, com a cabeça baixa.

Ele sentou-se no lado da cama, pronto para aquietar o corpo.

— Nunca quis ser professor. — Fez uma pausa para ver se havia alguma reação, depois prosseguiu. — Nunca disse à Julia que almoçava todos os dias no ginásio da Northwestern e que estava a ajudar o Arash com os jogadores de basquetebol. Ela não fazia ideia do tempo que eu passava no ginásio. Não lhe disse como me fazia infeliz o facto de ela ter lido o que eu estava a escrever. Que aquilo era mais um diário, mais para mim, do que um livro. — Baixou mais a cabeça. — Não queria ter um filho. — Fechou os olhos e mergulhou na parte mais funda de si próprio. — Não lhe disse que tive uma irmã.

Houve um arquejo.

— Tiveste uma irmã? — sussurrou Sylvie, como se as palavras fossem sagradas, demasiado importantes para serem pronunciadas em tom alto.

— Morreu quando eu era recém-nascido. De gripe, ou talvez pneumonia. Isso destruiu os meus pais. Acho que nunca foram capazes de olhar para mim sem se lembrarem dela.

— Oh, William.

Permaneceram os dois no mesmo silêncio aturdido. Permaneceram na impensável — William nunca pensava nisso — perda que precedia todas as outras perdas. Nunca falara a ninguém acerca da irmã, e algo floresceu da confissão. Quando William fechou os olhos, a menina estava diante dele. Ele dera-lhe substância ao contar a sua história. Teve a certeza de que os seus pais nunca a mencionavam porque não suportavam fazê-lo. Se apenas três pessoas recordavam a sua curta história e nunca falavam dela em voz alta, ela era eliminada da História. William estava no hospital para tentar habitar o seu próprio corpo, a sua própria história. A irmã fazia parte disto, mas também era uma pessoa por direito próprio.

— Como é que ela se chamava?

— Caroline. — Ele nunca tinha dito o nome dela em voz alta.

William sentiu a menina sorrir, radiante por ser alvo de tanta atenção. Também conseguiu sentir o vermelho e amarelo brilhantes das folhas do outro lado da janela e a emoção pesada da mulher diante dele. Nunca antes tivera este nível de consciência molecular, nunca sentira tanto num só momento. William tinha-se esquivado sempre às setas pontiagudas que as emoções lhe lançavam e era rápido a abafar sensações desconfortáveis. Era-lhe difícil acreditar que as outras pessoas conseguissem estar vivas se as tivessem com esta intensidade.

— Não podia ter contado isto a mais ninguém — justificou William. — Não sei porquê, mas tinha de te contar a ti.

Sylvie olhou para ele e ele soube que estavam ambos a recordar aquela noite no banco, sob as estrelas.

Ela disse:

— Posso fazer-te uma pergunta? — Ele assentiu com a cabeça. — No teu manuscrito, nas notas de rodapé, dizias algo como, *Devia ter sido eu, não ela*. Ela era a tua irmã?

William olhou-a.

— Não me lembro de ter escrito isso. — Como é que ainda se surpreendia com os segredos dentro dele? Mas era a verdade, ele

soubera sempre que os seus pais teriam preferido que fosse ele a morrer. — Imagino que me referia à minha irmã, sim.

Olhou o rosto franco de Sylvie, e soube que poderia contar-lhe tudo e ela não o julgaria. Ele tinha-lhe contado todas as coisas terríveis dentro de si, e ela ainda segurava na caneta, preparada e disposta a escrever mais.

— Acho que é isto — disse ele. — Talvez devas contar tudo também à Emeline e à Cecelia. Estas coisas deviam deixar de ser segredos. — William parou para respirar. — Acho que não há nada a acrescentar à lista. Não fui um bom marido para a Julia. Ela merecia muito melhor.

Sylvie tremeluzia diante dele, e foi assim que William percebeu que chorava.

Quando se preparava para sair — parecendo tão exausta como William, como se tivessem acabado de correr uma maratona juntos —, Sylvie parou na ombreira da porta.

— Disseste que não querias ser professor. Querias ser um basquetebolista profissional?

— Sim, mas não era bom o suficiente, mesmo antes da lesão.

— Isso deve ter sido uma terrível desilusão — disse Sylvie, e ele assentiu.

William sabia que tinha mais uma coisa para dizer antes de a Dra. Dembia lhe permitir que saísse do hospital. Ela estava sempre a dizer, «Só mais alguns dias», e ele compreendia que não tinha dito tudo. Não percebia porque é que precisava de dizer tudo, mas havia regras para a recuperação, e tinha de as seguir. A médica estava satisfeita com os níveis de medicação, e William já não sentia estar pendurado no para-choques de um carro que acelerava pela cidade e travava bruscamente. As mãos dele já não suavam, conseguia dormir à noite, e havia momentos de calma. Estava a aprender a diferença entre calmo e desconectado, e estava a trabalhar para que os seus dias fossem mais do primeiro e menos do último.

Arash visitou-o e lançou um olhar severo a William.

— Lembras-te de eu te ter dito que mantínhamos o registo dos nossos jogadores?

William confirmou.

— Nem toda a gente tem boas notícias para partilhar quando fazemos o acompanhamento, e tentamos ajudar como podemos. Pensas que és o primeiro a ter problemas? A equipa técnica teve uma reunião acerca de ti.

— Oh, caraças — disse William, horrorizado.

— Trouxeste valor para o nosso programa quando entrevistaste os jogadores este verão. Não posso garantir-te um lugar na equipa. Obviamente, estares aqui — Arash franziu a testa — é um obstáculo a ultrapassar. Mas a universidade precisa sempre de conselheiros residentes, e a tua médica disse que conseguias lidar com a responsabilidade, por isso vamos arranjar-te um quarto numa residência. Eles vão cobrir as tuas despesas de subsistência. Veremos o que acontece a partir daí.

William deu por si incapaz de falar. Andava preocupado acerca do lugar onde dormiria quando saísse dali. Tinha muito pouco dinheiro no banco e não tinha recursos. A única opção em que conseguira pensar fora viajar para Milwaukee e dormir no chão de Kent, mas isso também era problemático porque Kent tinha uma namorada nova, uma colega estudante de medicina. Esta, compreensivelmente, não adoraria que o namorado tivesse o antigo colega de equipa deprimido a ocupar espaço na sala.

— Tens pena de mim — disse William finalmente, e as palavras eram amargas na sua boca.

Arash abanou a cabeça com força.

— Estás deprimido, não louco. Não é insanidade estar deprimido neste mundo. É mais são do que estar feliz. Nunca confiei naqueles indivíduos sempre animados que sorriem aconteça o que acontecer. Esses é que têm um parafuso a menos, se queres saber. Além disso, não estou a oferecer-te um emprego. Estou a oferecer-te um quarto.

O cérebro de William agarrou-se a um novo refrão, depois de semanas no hospital: *Nada de tretas e nada de segredos*. Conseguia reconhecer agora as duas coisas, e quando reviu o que Arash dissera, soube que não era treta. Os treinadores seguiam os jogadores, e ele tinha acrescentado valor à equipa no passado. As horas que passara a ouvir os rapazes explicar como se tinham magoado significavam alguma coisa — para William, talvez para os rapazes, e para Arash, na

sua missão de manter os jogadores fortes e saudáveis. A recordação dessas horas na sala abafada — quando tantas outras coisas no seu cérebro estavam danificadas ou fragilizadas pela água — permanecia intacta, e era um lugar que William não se importava de revisitar. Quando pensou melhor nisto, percebeu que podia ser a única memória que tinha que não lhe causava sentimentos de remorso ou desânimo. Ele tinha sido útil.

— Obrigado — disse William.

Quando percorreu os corredores nesse dia, percebeu que já não sentia a água do lago na sua pele. O líquido frio já não lhe causava arrepios na espinha. Tinha um quarto onde dormir, o que lhe permitia acreditar, pela primeira vez, que haveria um passo seguinte.

William não ficou surpreso nessa tarde quando a Dra. Dembia disse:

— O William nunca fala da Alice.

Ele estava de pé; virou-se para olhar pela janela. Era disso que precisava de falar. Era o que ele tinha de dizer para poder partir. Era o que ele tinha de saber para começar de novo. Era o último segredo, que não podia guardar mais tempo.

— Comecei a ficar mais sombrio, isto é, tudo começou a ficar mais sombrio, antes de ela nascer — disse. — Não foi por causa dela, mas ela apareceu quando já nada fazia sentido, e eu tinha de estar sempre a apagar luzes na minha cabeça para suportar os dias. A questão era... — Deteve-se, procurando as palavras certas.

— Sim? — disse a médica.

— A Alice é uma lâmpada. Uma lâmpada brilhante, desde que nasceu. É como se refulgisse. Olhar para ela fazia-me doer os olhos, e eu tinha medo de lhe tocar.

— Tinha medo da luz dela?

— Não. Tinha medo de lhe apagar a luz. Que a minha escuridão submergisse a luz dela.

— Então, achou que tinha de se manter longe dela, para a manter segura.

— Tenho de me manter longe dela, sim.

Julia

AGOSTO DE 1983 – OUTUBRO DE 1983

Quando o telefone tocou naquela manhã quente de agosto, William tinha partido há um dia e meio. Julia estava sentada no sofá com Alice ao colo. Estava a fazer cócegas na barriga da menina. Alice gorgolejava quando se ria, e era o som mais bonito que Alice já ouvira. Fazia Julia rir-se também, todas as vezes. Levou Alice para o cobertor colorido no chão e deitou a bebé. Então, pegou no telefone ao lado do cadeirão, e tudo mudou.

Algo dentro de Julia gelou enquanto escutava as palavras de Sylvie. A notícia de que William tentara suicidar-se era tão pesada que não era capaz de a aceitar. As suas mãos esfriaram e quando desligou o telefone soprou-as como se estivesse a meio do inverno. Levou Alice de sala em sala, apesar de a bebé não ter pedido colo. Visitou cada uma das quatro janelas do apartamento; parecia procurar alguma coisa, e, contudo, não seria capaz de dizer como estava o tempo lá fora nem que horas eram.

Cecelia e Emeline foram a casa dela e Julia disse-lhes que precisava de ficar sozinha para pensar. Elas acenaram com as cabeças, as expressões, graves. Todas tinham sido abaladas pela ideia de William ter querido deixá-las, deixar tudo. A escolha dele deixava-as vulneráveis; nunca tinham considerado nada que não fosse uma morte natural, e ele apontara outra saída. O mundo parecia mais assustador na sequência do que quase acontecera.

As três mulheres ficaram à porta de Julia vários minutos.

— Como pode ele ter feito isto? — A voz de Cecelia era dura.

Emeline esfregou o braço da irmã.

— Acho que não faz sentido estar zangada com ele.

— Mas... — disse Cecelia. — Literalmente, não consigo compreender como é que ele pôde desistir disto tudo. Ia abandonar a Alice? Não há nada mais errado no universo.

Julia ouviu as gémeas falarem da mesma maneira que ouvira Sylvie ao telefone. Agora tudo era novo para ela; parecia que a sua anterior compreensão do mundo tinha desaparecido. Considerava cada frase como se estivesse a ouvir palavras pela primeira vez.

— Como posso não ter percebido que o William era tão infeliz? — disse.

A falta de ambição do marido, o não poder confiar nele, eram afinal pequenos sintomas num oceano de escuridão. Julia permanecia gelada de medo. Assustara-se a si mesma — por não ter percebido nada — e a escuridão de William aterrorizava-a. Deitara-se na cama, noite após noite, ao lado de um homem que não queria viver. Agora, quando olhava para trás, até para o passado recente, as memórias estavam envoltas em sombras. A sua própria experiência era uma mentira.

— Ele está doente. — Emeline parecia muito infeliz. — A Sylvie disse que ele provavelmente vai ter de ficar no hospital durante muito tempo.

— Mesmo assim — disse Cecelia. — Ninguém deve desistir. É tão egoísta fazer isso. Tão errado.

Julia deu por si a assentir com a cabeça a sua concordância.

Quando as gémeas partiram, Julia tomou consciência da sua própria raiva. Parecia-lhe ter sido contagiada por Cecelia, como se a emoção fosse uma gripe. Andou novamente de janela em janela, com o coração a marcar o ritmo das perguntas:

Como pôde o William ter feito algo tão embaraçoso como tentar afogar-se no Lago Michigan?

Seria a vida comigo tão insuportável que ele tinha não só de me deixar como também de se matar?

Porque é que ele não me disse como se sentia?

Apesar de Julia ter desistido de resolver os problemas das pessoas

à sua volta, ainda tinha todas as capacidades à disposição e podia ter ajudado. Podia, pelo menos, tê-lo impedido de fazer algo tão dramático, tão humilhante.

Quando Sylvie apareceu mais tarde nessa noite, Julia deixou a irmã entrar em casa, mas ficou novamente junto da porta da frente. Não suportava visitas longas. Precisava que a sua casa estivesse ocupada apenas por ela e pela sua filha.

Sylvie pediu desculpa.

— Não sei porque é que fui com o Kent — disse. — Peço muita desculpa. Devia ter ficado contigo.

Enrolou os braços em volta de Julia e esta fez o mesmo, e as duas irmãs apertaram-se por muito tempo, cada uma inclinando-se para o corpo da outra como edifícios que precisassem de suporte.

— O que é que eu faço? Tenho de *fazer* alguma coisa? — disse Julia para o cabelo da irmã.

Sylvie tinha sugerido, ao ligar do hospital, que um esgotamento mental eliminava o bilhete que William lhe escrevera e o cheque que lhe endossara. Seria verdade? Teria Julia ainda de ser a mulher, num caso de pior cenário possível, de um homem que não reconhecia?

— Não sei — disse Sylvie. — Mas vou descobrir.

Na manhã seguinte, Julia decidiu fazer uma limpeza a fundo ao apartamento. Precisava de movimento. Empurrou a mesa de café para o lado e enrolou o tapete fino da sala. Com Alice num marsúpio, arrastou o tapete até uma enorme máquina de lavar na cave do edifício e meteu-o no tambor. Quando o tapete ficou lavado, Julia recorreu a um pequeno escadote, guardado no armário da entrada, e tirou os cortinados da janela da sala de estar. Tinham usado estes cortinados também no apartamento mais pequeno de Northwestern. Eram magenta, feitos com uma trama grossa que Julia escolhera nos primeiros dias do seu casamento porque lhe parecia um tecido adulto. *Fui uma idiota*, pensou. *Uma jovem idiota*. Levou Alice e os cortinados para a cave e programou a máquina no programa mais longo.

Teve dificuldade em dormir. Quando tentava repousar, preocupava-se. Tudo lhe parecia possível depois de William ter tentado afogar-se no lago onde ela nadava quando era criança. Pensou

em cenários *se... então*. Se a hospitalização de William, de alguma forma, anulava o bilhete que ele lhe escrevera, então Julia tinha de acabar por ir ao hospital e continuar casada. Se ela e William se divorciassem — um cenário preferível —, ele continuaria a ser o pai de Alice. Continuaría a querer ter um papel na vida da sua filha. Julia teria de arranjar uma maneira de proteger Alice do que quer que tivesse enviado William para aquele lago. Se William passasse tempo com Alice, então a sua filha podia ser contagiada pela sua depressão. Julia estava sempre a voltar à ideia de que não podia ser bom para a felicidade de Alice passar tempo com alguém que via a vida como descartável. A vida era oportunidade, uma cómoda com gavetas para abrir, uma após a outra, e William tinha tentado atirar o móvel pela janela.

Pelas três da manhã, Julia subiu ao escadote para esvaziar as prateleiras de cima dos armários da cozinha. Estas prateleiras estavam cheias de presentes de casamento, artigos pouco práticos para uso regular. Uma tigela de cristal que era absurdamente pesada. Um serviço de chávenas de porcelana demasiado delicadas para usar numa casa com uma criança. Copos em miniatura que se destinavam a qualquer digestivo antiquado para depois do jantar. Brandy ou *sherry* — Julia não se lembrava qual. Encheu o lava-loiça com água e detergente e lavou cuidadosamente todas as peças quebráveis, até o sol começar a subir no céu e Alice acordar.

Julia sentia-se presa: no seu apartamento, no estranho limbo do seu casamento, na sua própria pele. Esperava que William lhe telefonasse, talvez, e lhe dissesse que a queria de volta e que agora precisava dela. Ou que Sylvie voltasse com a mesma resposta. Esperava alguma clareza sobre se tinha de ser uma esposa ou não. Quando Sylvie voltou ao apartamento, pouco mais de uma semana depois de William ter tentado suicidar-se, a irmã apresentava-se tão cansada que parecia ter envelhecido cinco anos. Tinha o cabelo preso num rabo de cavalo. A pele sob os olhos parecia escurecida.

— Senta-te — aconselhou Julia, preocupada. — Parece que vais desmaiar.

Sylvie abanou a cabeça.

— O William pediu-me que te dissesse que não quer que o visites. O alívio inundou Julia, e ela afundou-se no cadeirão.

— Também disse... — a voz de Sylvie era neutra, como um correspondente a dar as notícias — que ia abdicar da Alice.

— Abdicar dela? — Este termo não fazia sentido para Julia, e pensou que tinha ouvido mal. — Que significa isso?

— Acho que significa que já não quer ser pai dela. Serás só tu.

Julia virou lentamente a cabeça e olhou para Alice deitada no seu cobertor de bebé. Estava vestida com um *body* cor-de-rosa e batia os pés descalços no ar como se pedalasse uma bicicleta virada ao contrário. As suas bochechas redondas estavam coradas com o esforço. Julia susteve as palavras na boca: *abdicar dela*.

— Ele parecia estar a falar a sério — disse Sylvie. — Usou a expressão «para sempre».

Outras palavras, contidas dentro de Julia: *para sempre*. Pensou, *Graças a Deus*, embora não rezasse desde que o pai morrera. Mesmo assim, o alívio foi tão imenso que ela pensou de novo, *Graças a Deus*.

Sylvie encostou a mão à parede, como que para se equilibrar. Parecia ter andado a dormir tão pouco como Julia.

— Devias deitar-te no sofá do quarto da Alice. — Julia percebeu que agora não a incomodava a ideia de ter a irmã no seu espaço. Já não precisava de se esconder com Alice. Julia sentira-se livre depois de William a deixar, depois presa quando ele tentara morrer, e agora estava novamente livre. Esta liberdade era como a sensação de cair para trás numa cama fofa; era decadente, deliciosa. — Por favor, descansa um pouco, pelo menos — disse ela, satisfeita por ter uma oportunidade de se preocupar com alguém que não fosse ela. — Pareces um fantasma.

Sylvie concedeu-lhe um sorriso débil.

— Estou bem. Tenho de ir para a biblioteca. Só queria dizer-te primeiro.

— Obrigada por me dizeres.

— Queria que tudo fosse claro para ti — disse Sylvie. — Assim como estava, era demasiado confuso, demasiado por resolver, e sei que odeias isso. Queria saber se ele pretendia mesmo que o vosso casamento estivesse acabado.

Julia examinou a irmã diante dela, a que parecia ter-se revelado com o casamento de Julia, com o quase fim de William. Sylvie sofria agora diante de Julia, como se tivesse sido apanhada no campo de

gravidade da depressão de William e fosse incapaz de se libertar completamente. Parecia a Julia que Sylvie estava a sofrer em seu nome, num esforço para conceder claridade à irmã, como uma dádiva. Julia sentia-se grata por isso. Amava Sylvie por isso. Mas queria pôr um fim àquele sofrimento, antes que a irmã ficasse permanentemente mudada: permanentemente triste e cansada.

— Preciso de te ajudar — disse ela. — Vou fazer-te uns ovos, daqueles que tu gostas, antes de ires. — Pegou na mão de Sylvie e levou-a para a cozinha.

Depois de Sylvie sair para a biblioteca com um pouco mais de cor nas faces, Julia pôs Alice no seu carrinho e saiu para fazer dois recados. Deu por si a sorrir enquanto caminhava, e o seu rosto parecia estranhamente repuxado, pois passara muito tempo desde que sorrisse tão abertamente. Julia sentia-se liberta de alívio por William não querer nada com ela. Não fora ela que o danificara, e não lhe competia consertá-lo. E sobretudo, ele não queria nada com a filha. Isto era inimaginável para ela — mal conseguia tirar os olhos da bebé —, mas eliminava a sua maior preocupação. William escolhera abdicar de Alice.

Julia decidiu que falaria com um advogado assim que possível, para oficializar tudo o que William dissera antes que ele pudesse mudar de ideias. Foi ao banco e depositou o cheque que William lhe dera. Depois comprou um atendedor de chamadas para o seu apartamento, para criar algum controlo sobre a sua vida. Não queria voltar, nunca, a atender o telefone sem saber que notícias terríveis podiam estar do outro lado da linha.

Julia passava os dias a embalar o conteúdo do apartamento em caixas. Esta casa destinara-se a um futuro diferente, que já não aconteceria, e ela precisava de se mudar. Tinha imaginado ali uma família feliz: um professor bem-sucedido e uma mulher de carreira com uma filha perfeita. Mas esse futuro fora condenado sem o conhecimento de Julia. Agora sentia vergonha da sua própria tolice, enquanto ia esvaziando os armários. Era imperativa uma nova casa para que ela e Alice pudessem começar de novo.

Numa manhã do princípio de outubro, o telefone tocou quando

Julia estava a vestir uma camisola. Tinha arrefecido durante a noite. Sentia-se irracionalmente feliz com a descida da temperatura, porque isso indicava uma nova estação, o que significava um pequeno passo para o seu futuro e para longe do seu desastroso passado. Quando o atendedor se ligou, do outro lado desligaram. O telefone voltou a tocar imediatamente e depois do *bip* a voz de Rose disse:

— Julia Celeste Padavano, é melhor que atendas imediatamente. Como te atreves a pedir à tua mãe que fale...

Julia correu pelo apartamento, tropeçou numa caixa, recuperou o equilíbrio e saltou por cima de uma cadeira que ficara presa entre duas caixas. Alice observava-a do cobertor. A princípio ficou de olhos arregalados, depois riu, aparentemente pensando que a mãe estava a dar um espetáculo para a divertir.

Julia estava sem fôlego quando pegou no telefone.

— Sim, mãe, estou aqui!

— Julia? — Rose parecia desconfiada, como se temesse que a tecnologia estivesse a imitar a voz da filha.

— Sou eu.

Julia quase ouvia a mãe a assentir com a cabeça e a reinstalar-se na sua cadeira na varanda estreita.

— És mesmo tu? Julguei que a minha filha me telefonasse se o seu marido se atirasse ao lago.

Julia tinha pedido às irmãs para não contarem o sucedido a Rose e elas tinham concordado. Telefonara à mãe uma vez desde que William partira, mas mantivera a conversa breve e animada com perguntas sobre a vida de Rose na Florida. Julia queria ganhar tempo até o caos assentar, até saber como enquadrar o que acontecera, até ter força para absorver a reação da mãe. Mas uma história tão dramática não podia ser abafada durante muito tempo, e a coscuvilhice que Julia temia pusera decerto os motores em funcionamento em Pilsen, espalhando-se até à Florida.

— Bem, é evidente que tenho estado transtornada, mãe. E ocupada...

— Não tens estado ocupada, coisa nenhuma. Não me mintas, minha jovem. A Emeline conta tudo à Grace Ceccione, e a Grace disse-me que quase não saís de casa e não puseste os pés no hospital. E que atribuíste à *Sylvie* — Rose pronunciou o nome de Sylvie com a mesma

incredulidade com que teria dito *Pai Natal* — a responsabilidade de lidar com os médicos do William. Nem fui capaz de acreditar nos meus ouvidos.

— A Sylvie não é responsável. Tu não compreen...

Rose interrompeu-a.

— Recusaste-te a ir ao hospital. Que podia ela fazer, deixá-lo sozinho, quase morto? O William é órfão, tu sabes disso. Não tem mais família.

Julia relanceou Alice, deitada num cobertor no chão. A bebé agora parecia sonolenta, o que agradou a Julia. Significava que ela não estava ligada ao sistema suprarrenal da mãe. Se assim fosse, Alice estaria agora a chorar. Julia tinha vontade de chorar.

— Mãe, o William deixou-me antes de acabar no hospital. Vamos divorciar-nos. Têm sido tempos muito difíceis.

— Não uses essa palavra tão feia. Disseram-me que o William te deixou um bilhete — Rose disse *bilhete* num tom desdenhoso. — O teu marido está no hospital porque está doente, Julia. Já falaste com ele?

— Não — respondeu Julia. — Ele disse que não queria que eu o visitasse. E, mãe, não vais acreditar, mas ele já não quer que a Alice seja filha dele. Vai abdicar dos seus direitos em relação a ela.

Ela contava que a mãe ficasse horrorizada com esta declaração, mas Rose suspirou, emitindo um som exatamente igual aos suspiros das irmãs de Julia. A evocação enevoada do som e das mulheres fizeram Julia coçar a testa. A mãe e as irmãs estavam todas ligadas na sua mente e no seu coração, mas ninguém como Rose era capaz de fazer Julia tropeçar nas cordas que as uniam.

— O William não está bem — disse Rose. — Ninguém no seu juízo perfeito diria isso acerca de um filho. É uma blasfémia.

Julia queria dizer, *Tu abdicaste de uma filha. Abdicaste de Cecelia*. Mas não queria magoar a mãe, e sabia que Rose ia dizer que era completamente diferente porque Cecelia já era crescida. Quando Julia imaginava esta discussão na sua cabeça, tanto ela como a mãe perdiam, no final.

Suspirou e disse:

— O William disse aquilo a sério.

— Ele está perturbado e tu também. Escuta-me. O teu marido é um bom homem. Não bebe e não te trai. Talvez o doutoramento não

tivesse resultado, mas ele pode arranjar um emprego. Vocês têm um bebê, por amor de Deus. Tens de pensar com clareza. É uma coisa horrível, ser uma mulher divorciada. Os homens podem recuperar do fim de um casamento, mas as mulheres, não. Queres mesmo deitar a tua vida para o lixo? Só tens 23 anos.

Julia abanou a cabeça.

— Hoje em dia há mais pessoas divorciadas do que no teu tempo, mãe. Não é nada de especial.

Rose soprou para o telefone.

— Não é nada de especial! É muito especial na Igreja, isso te garanto. E somos tema de conversa entre a vizinhança — disse. — Toda a gente adora um desastre. O Padre Cole batizou-te e casou-te, imagina como vai ficar de coração partido se insistires nisso. Lembra-te de como a Sra. Callahan deixou de pentear o cabelo depois de o marido a deixar e mais ninguém a quis?

— Eu nunca serei assim — protestou Julia, ofendida.

— O William está a passar por um momento difícil, mas todos passamos. Nada que dê tanto nas vistas como tentar afogar-se no Lago Michigan, felizmente, mas todos batemos a alta velocidade numa parede, num momento ou noutro. O papel de uma mulher é estar ao lado do marido quando isso acontece. Daqui a vinte anos vão lembrar-se deste momento e vê-lo como um pequeno percalço no vosso casamento. Vão sentir-se felizes por terem ficado juntos.

Julia examinou as caixas à sua volta. Pensou na expressão destroçada no rosto de Rose na horta depois de Cecelia anunciar que estava grávida. Rose tinha esbarrado numa parede. E William também, claro. Mas Julia não. Estava saudável e íntegra, e com as suas capacidades completas. Tinha visto a mãe aguentar o seu próprio casamento, e esse caminho não era para ela. Ela era o foguetão do seu pai. Ela e Alice ficariam melhores sozinhas.

— Vou mudar-me — anunciou. — Estou à espera de notícias de trabalho do Professor Cooper, e tenho de sair deste apartamento, porque o William já não está inscrito na Northwestern.

— Tens de mudar imediatamente? Essa gente não te dá mais um mês, depois do que aconteceu?

— Não, não dão. — Não era verdade, pelo menos que Julia soubesse. Ela não sabia quando tinha de mudar. Tinha uma pilha de

correspondência para ler, e talvez alguma das cartas fosse da Northwestern, mas já tinha posto o correio, por abrir, numa caixa com a etiqueta *Julia*. Quase todas as caixas tinham a etiqueta *Julia* ou *Alice*. O marido parecia possuir apenas roupa, algumas bolas de basquete e o seu manuscrito, ainda embrulhado no saco de papel.

— Isso é ridículo — disse Rose, e Julia percebeu que ela não acreditava. — Queres que te ajude a arranjar um apartamento em Pilsen? As senhoras de quem sou amiga aqui têm ligações a agentes imobiliários em todo o lado. Vamos tratar disso. Posso fazer algumas visitas na vizinhança. Podemos pôr-te noutra casa e quando a tua cabeça estiver mais clara, reconsideras a situação com o William.

— Estás demasiado longe para me ajudar a mudar — disse Julia.
— Mas obrigada.

— Não sejas parva. E não me uses como desculpa para maus comportamentos, Julia. Foste educada melhor do que isso. Como está a minha neta?

Julia olhou para ela e sorriu, porque Alice adormecera no cobertor. No meio das pilhas de caixas; em frente da sua mãe, que usava jeans e uma *sweatshirt* velha; apesar de a sua avó berrar ao telefone para dentro da alma de Julia.

— Está perfeita — disse Julia. — Vou garantir que continua perfeita.

O Professor Cooper tinha-lhe dito que aguardava que um projeto em particular se concretizasse para saber que posições precisaria de preencher. Ligou-lhe uma tarde e deixou-lhe uma mensagem breve no atendedor. Julia sabia que ele era demasiado inteligente para não ter percebido que ela não estava a atender o telefone de todo, visto que lhe telefonava sempre logo a seguir a ele deixar uma mensagem. Mas não se importava que ele suspeitasse de que algo se passava na sua vida. Suspeitar era bom. Julia também não sabia nada acerca da vida pessoal do Professor Cooper. Agradava-lhe que a relação de ambos fosse puramente profissional.

Quando lhe devolveu a chamada, o Professor Cooper disse:

— Julia, lamento mas não vou poder usar os seus serviços para já. Provavelmente só lá para maio, para ser honesto. Lamento, pois sei

que não era o que esperava ouvir.

— Mas estamos a... — Julia procurou mentalmente a data. — 12 de outubro.

— Eu sei. Sabe, ofereceram-me um grande projeto de seis meses em Nova Iorque, por isso ficarei fora da cidade até o concluir. O meu trabalho aqui será retomado na próxima primavera, e nessa altura ficarei muito feliz por tê-la a trabalhar comigo.

Julia tentou processar esta informação. Que faria ela durante todo o inverno e primavera? Além de *babysitting* e o género de trabalhos que se fazem durante a adolescência, nunca trabalhara para ninguém além do Professor Cooper. E ele pagava-lhe o suficiente para ela pagar uma creche para Alice. Planeara colocá-la na creche de Emeline quando comesse a trabalhar, para que a bebé pudesse ser mimada pela tia e brincar com Izzy, que estava lá a maior parte dos dias.

Julia considerava-se muito sortuda por ter tido uma aula com o Professor Cooper; inscrevera-se na cadeira de psicologia organizacional por mera curiosidade, não compreendendo a natureza do assunto. Cooper era um homem reservado; parecera nervoso quando ela, uma aluna, o abordara e lhe perguntara se podia ajudar durante as férias do verão. Oferecera-se para fazer recados, ir buscar café, o que ele quisesse. E fizera um pouco dessas coisas, mas o professor parecia ter compreendido que tê-la consigo quando ia encontrar-se com os clientes fazia os clientes felizes. Julia era inteligente e tinha ideias perspicazes. «Valorizo a sua mente de principiante», dizia-lhe o Professor Cooper, e depois falava-lhe do complicado problema de *workflow* que estava a tentar resolver. Por vezes ela não compreendia o suficiente para ajudar, mas muitas vezes tinha sugestões ou ideias que o faziam avançar numa nova direção.

— Eu vou consigo — ouviu-se Julia dizer. — Posso ajudar com o projeto grande.

— Vir comigo para Nova Iorque? — O homem parecia chocado. Julia também ficou chocada com a sugestão.

— Desculpe... — O Professor Cooper hesitou. — Mas não tem um marido e uma criança?

— Levarei a bebé — disse Julia. — Deve haver boas creches em Nova Iorque. E são só seis meses.

Um plano formara-se na cabeça de Julia. Isto podia resolver, ou

pelo menos adiar, alguns dos seus problemas. Ela podia guardar a mobília e pertences num armazém e adiar a procura do apartamento até regressar de Nova Iorque. Estaria longe de William enquanto o divórcio e a sua revogação dos poderes parentais ocorresse, o que, acreditava ela, podia manter o processo num tom profissional. Se William mudasse de ideias e ela vivesse em Chicago, podia discutir com ela pessoalmente. Mas se estivesse em Nova Iorque, teria de recorrer a um telefonema ou escrever uma carta. A poeira e o drama teriam assentado em meio ano. Talvez quando voltasse pudesse viver em Pilsen, perto das irmãs. Era menos provável que as amigas de Rose a perseguissem pela rua perguntando porque é que o seu casamento terminara e o que é que ela tinha feito de errado. Seis meses ofereceria-lhe-iam um terreno muito diferente das brasas quentes que a família pisava neste momento.

— É uma proposta interessante — disse o Professor Cooper. — Hipoteticamente, eu pagar-lhe-ia o bilhete de avião, claro, mas tudo o resto... planeava contratar alguém de lá.

— Eu cubro a mudança — disse ela. — Tenho dinheiro para isso. — Quase disse, *Nunca estive em Nova Iorque e conhecer a cidade será empolgante*, mas receou que isso a fizesse parecer pouco séria em relação ao trabalho e também menos útil que um contratado local, que decerto saberia onde comer e andar de metro.

— Tenho uma regra que é não tomar decisões ao telefone — disse o Professor Cooper.

— Claro — concordou Julia. O Professor Cooper tinha muitas regras, a maioria relacionadas com boa tomada de decisões e eficiência. Comprava um fato por ano e nada mais que isso, de modo a acompanhar o estilo mas também fazer um bom uso das suas roupas. Mantinha-se elegante comendo seis grandes saladas por semana. Não importava quando as comia, ou o que comia além da salada; comer seis grandes saladas era a regra.

— Mas se acha que suporta a mudança, Julia, aceito a sua oferta. É a melhor assistente que já tive. Volto a ligar-lhe com os pormenores em breve.

Quando desligou, Julia foi inundada de uma energia nervosa que a fez executar uma dança frenética pelo meio das caixas. Sabia que devia estar assustada por ter tomado aquela insana decisão, mas não

estava. Estava excitada. Pensou em contar a Rose e sorriu; seria divertido chocar a mãe com esta notícia. Rose tinha fugido, e isso tinha consequências. Uma delas era Julia ter todo o direito de também fugir, nem que fosse por algum tempo. De facto, ocorreu a Julia — a meio da sua dança — que a mãe talvez pudesse ajudá-la a arranjar um apartamento em Nova Iorque. Rose dissera que as suas amigas de Miami tinham ligações com imobiliárias em todo o lado; decerto teriam conhecimento de um apartamento disponível em Nova Iorque. Talvez uma das idosas tivesse ali um espaço vazio que ela e Alice pudessem simplesmente ocupar.

Julia tirou um atlas encadernado de uma das caixas de William, um dos seus poucos pertences que não eram roupa. Encontrou o Estado de Nova Iorque e depois uma página aumentada da cidade de Nova Iorque. Traçou a ilha de Manhattan com o dedo. Ela tinha crescido numa cidade; as cidades grandes não podiam ser assim tão diferentes umas das outras. Contemplou as pilhas de caixas à sua volta e a bebé adormecida. Tinha depreendido qual era o próximo passo, e nem a mãe nem as irmãs podiam travá-la.

Julia adiou o momento de dar a notícia às irmãs até os pormenores estarem confirmados com o Professor Cooper e até ela e Alice terem bilhetes de avião para partirem para Nova Iorque dentro de duas semanas. Uma ou mais das suas irmãs apareciam a maior parte das noites para jantar, mas Julia não queria dizer-lhes pessoalmente. Receava que, se as irmãs ficassem chateadas diante dela, perdesse a coragem e mudasse de ideias acerca da mudança. Afinal, as irmãs nunca tinham estado assim, separadas, nunca tinham vivido a mais de vinte minutos umas das outras, nunca tinham deixado de se ver pelo menos uma vez por semana e muitas vezes todos os dias. Julia decidiu que o melhor plano era contar a uma delas pelo telefone e deixar que essa irmã contasse às outras. Esperava estar no avião antes de poderem lançar-lhe as suas emoções coletivas.

Quando contemplou a que irmã contar, pensou primeiro em Sylvie, mas esta parecia uma escolha complicada. Sylvie visitava Julia tantas vezes como as gémeas, mas era mais calada quando estava lá em casa. Ela e Julia abraçavam-se mais do que era habitual, e depois

do jantar sentavam-se lado a lado no sofá a ver televisão, com uma irmã repousando a cabeça no ombro da outra. Ocasionalmente davam as mãos, apertando os dedos uma da outra. Os seus corpos juntavam-se como que magnetizados, como se estivessem a comunicar durante um período em que as duas irmãs Padavano mais velhas pareciam hesitantes em falar. Julia nunca perguntara porque é que, nas 24 horas depois de William ter saído de casa, Sylvie parecia mais preocupada com ele do que com a sua própria irmã. Nunca pedira para ouvir a história da busca. Assumiu que Sylvie tinha deixado de ir ao hospital depois de William lhe dizer que não queria ter nada que ver com Julia e Alice, mas algo que a médica de William dissera fizera-a pensar se seria verdade.

A Dra. Dembia deixara-lhe uma mensagem no atendedor, pedindo-lhe dez minutos do seu tempo. A médica esperava que Julia pudesse fornecer alguma perspetiva sobre aquilo a que chamava o «colapso» de William. Mas Julia não sabia que ele estava deprimido, não previra aquilo; ficara chocada com tudo. Quando a médica lhe pedira informação, ela percebera que nem sequer sabia muito acerca da infância dele. William nunca tinha falado acerca disso.

Julia disse:

— Acho que o nosso casamento teria acabado de qualquer maneira.

Houve uma pausa, e depois a médica disse:

— Sei que isto deve ter sido muito perturbador para si, mesmo que o seu casamento já estivesse com problemas.

Por um momento, Julia não conseguiu falar. Tinha um nó na garganta e pensou que ia chorar. Esperava que a médica a censurasse por não conhecer o marido. Esperava que a julgasse por nunca ter ido ao hospital, apesar de ele a ter mandado ficar longe. Não esperara gentileza. E a médica diagnosticara-a corretamente: o que acontecera perturbara Julia. Tinha sido derrubada como uma torre de blocos de brincar, e mesmo quando tivera a hipótese de se recompor, sentira ter perdido parte do seu coração para sempre.

— Peço desculpa por não poder ser mais útil — disse Julia quando conseguiu confiar na sua voz.

— Obrigada pelo seu tempo, Sylvie.

Julia pestanejou.

— Sylvie?

— Oh, desculpe. Enganei-me. Julia. Agradeço sinceramente que tenha falado comigo.

Depois de desligar, Julia ficou a pensar porque é que o nome de Sylvie estaria na boca da médica. Teria a Dra. Dembia visto Sylvie recentemente? Estaria a irmã diante dela durante esta conversa? O lapso da médica podia não ter significado, mas agora Julia tinha dúvidas, e essas dúvidas distanciavam-na de Sylvie. Decidiu ligar a Emeline para lhe falar da mudança para Nova Iorque. Emeline tinha uma voz gentil e como tinha quase sempre um bebé ao colo, nunca gritava. Cecelia tendia à raiva quando era surpreendida com o que considerava más notícias. Então, numa quarta-feira da última semana de outubro, Julia ligou para a creche para falar com Emeline.

— É a altura mais ocupada do dia — começou a irmã. — Os bebés estão a ficar malucos. Posso ligar-te quando voltar para casa mais tarde?

— Preciso de te dizer que arranjei um emprego. Vou trabalhar com o Professor Cooper.

— Oh, parabéns. Isso é maravilhoso.

— Os primeiros seis meses são em Nova Iorque e depois volto a trabalhar aqui.

Houve um silêncio e Julia ouviu Emeline dizer, para fora do telefone:

— Josie, podes vir substituir-me aqui? Preciso de atender esta chamada na cozinha. — Houve uma pausa, presumivelmente enquanto Josie pegava no telefone e Emeline ia atender na cozinha. — Obrigada, Josie — disse Emeline, e a outra extensão foi desligada. — Nova Iorque?

— São apenas seis meses. É uma grande oportunidade, e eu preciso do trabalho.

— Não podes fazer isso — disse Emeline, e a sua voz parecia cortante, como a de Cecelia. Emeline era uma faca de manteiga; Cecelia, uma faca de carne. — Não podes partir agora. A meio de tudo. Isso é um erro, Julia. Não podes fugir.

— É a curto prazo. Não estou a fugir. — Isto, contudo, frustrou Julia, porque ela sabia que Emeline se referia a fugir do casamento e, no que dizia respeito a Julia, isso nem sequer era possível. William

tinha sido perfeitamente claro. O casamento acabara. Não havia nada de que fugir.

— Precisas que estejamos contigo — disse Emeline. — Podes não o perceber, mas precisas. Neste momento, precisamos umas das outras.

— Podes ir visitar-me a Nova Iorque, Emmie. Não achas que seria divertido?

— Estou desiludida — disse Emeline, e Julia percebeu que fizera mal os cálculos. Telefonara à irmã errada. Emeline era a consciência delas. Julia devia ter telefonado a Cecelia e podiam ter gritado uma com a outra. Até podia ter ligado a Sylvie e ter ouvido a notícia fazer ricochete no silêncio da irmã. Emeline estava a operar a partir de um lugar de *certo* e *errado*. Não estava a tentar vencer uma discussão. Cecelia e Sylvie teriam tentado ganhar. Julia teria sido mais capaz de encontrar uma vantagem nesses concursos.

— A Alice está a chorar — disse Julia. — Tenho de ir.

Quando desligou, soube que tinha falhado até na finalização da conversa. Bebés a chorar eram a vida de Emeline. Cinco ou seis estavam provavelmente a chorar diante dela antes de dormirem a sesta. Julia conseguia imaginar a irmã a abrir caminho de volta para as suas responsabilidades, pegando em bebés e empoleirando-os nas ancas, metendo chuchas em bocas, arrulhando amor para bebés de que não era família, simplesmente porque essa era a coisa certa a fazer.

Sylvie

AGOSTO DE 1983 – NOVEMBRO DE 1983

Durante os primeiros dez dias da hospitalização de William, as enfermeiras e médicos acreditavam que Sylvie era a mulher dele. Afinal, afirmara sê-lo no dia em que William tentara matar-se. Ela nunca mais voltara a usar essas palavras, mas nem ela nem Kent corrigiram a informação. Sendo esposa, Sylvie era informada dos cuidados clínicos prestados a William. Médicos e enfermeiras tratavam-na com respeito e mostravam-lhe os registos de William, e Sylvie contava a Kent tudo o que lhe diziam.

Porém, alguns dias depois de William ser transferido para o segundo hospital, Sylvie contou a verdade à Dra. Dembia. O objetivo nesta unidade era tratar a depressão severa de William e quando Sylvie ouvira a Dra. Dembia dizer-lhe, «Preciso que seja implacavelmente honesto», ficara completamente inundada de culpa. Sentiu-se como se tivesse sido apanhada durante a confissão em St. Procopius. Sylvie seguiu a médica para o corredor e esforçou-se por explicar como acabara naquela situação. Estava grata por a Dra. Dembia ser uma mulher; Sylvie tentou, enquanto falava, fingir que a médica de cabelos curtos e grisalhos era uma das suas irmãs.

— O William disse à minha irmã Julia que o seu casamento tinha acabado antes de se tentar matar. A Julia não quis vir ao hospital quando isto aconteceu, e os pais do William... não sei que problema houve, mas não querem nada com ele. O Kent não podia dizer que era

irmão dele, por razões óbvias, e alguém tinha de tomar decisões pelo William enquanto ele estava inconsciente. O condutor da ambulância assumiu que eu era mulher dele, e não o corrigi. E foi assim que aconteceu. — Sylvie encolheu os ombros, sentindo-se ligeiramente tonta com o conteúdo do parágrafo que lhe saía da boca.

A Dra. Dembia ergueu as sobrancelhas.

— Parece que fez o que estava certo — disse ela. — Vou mudar a sua designação para cunhada na folha de visitas. Obrigada por me ter dito.

Se as irmãs de Sylvie tivessem ouvido isto, teriam ficado surpreendidas; Sylvie também estava surpreendida. Sentia-se uma estranha para si própria. Fora mudada pela noite e dia que passara a correr pelas ruas da cidade com os amigos de William. Esse tempo fora diferente de qualquer outro conjunto de horas na vida de Sylvie — o esforço físico, a companhia, o medo, a falta de sono. Ela nunca o esqueceria; sentia-se marcada pela experiência, como se tivesse feito uma tatuagem.

Sylvie dizia a si mesma que continuava a visitar William por duas razões: primeiro, porque ele ainda não estava fisicamente bem para se encarregar do seu próprio cuidado médico e era útil haver alguém para falar com a médica. Kent não podia fazer isso porque tinha de voltar para a faculdade de medicina. E, em segundo lugar, porque Julia pedira a Sylvie que descobrisse se ela tinha de ir ao hospital, e se ainda tinha de ser uma esposa. «Preciso de fazer alguma coisa?», perguntara Julia quando Sylvie a visitara. Sylvie já tinha dececionado a irmã uma vez, deixando-a para procurar William, e não queria desapontá-la outra vez. Sylvie esperou junto da cama de William que ele ficasse suficientemente acordado para falar.

As muitas horas que William passara no lago tinham afetado a sua visão temporariamente, assim como os seus níveis de eletrólitos e a sua tiroide. Tinha dificuldade em manter-se acordado e Sylvie lia-lhe a sua coleção favorita de poemas enquanto ele dormia. Os poemas calhavam bem à sua atenção fraturada, mas também os escolhera para se sentir mais próxima do pai. Charlie estava quase sempre na mente de Sylvie enquanto se sentava ao lado do seu paciente adormecido. O pai tê-la-ia compreendido, e sabia que ele também teria compreendido a infelicidade de William. Sylvie sabia, com todo o seu coração, que se

Charlie fosse vivo, estaria também naquele quarto de hospital, capaz, como a sua filha do meio, de seguir a jornada interior do homem na cama.

Uma tarde, William acordou, e ergueu-se para uma posição sentada, e Sylvie pousou o livro. O seu corpo ficou inquieto e ela sabia que chegara a hora. Quase conseguia sentir Julia inquieta no seu apartamento do outro lado da cidade. Queria William mesmo dizer o que escrevera no bilhete? Não queria mesmo que Julia fosse sua mulher? Quando William dissera — numa voz neutra e clara — que não, não queria que Julia o visitasse, e também não queria Alice, e que abdicava delas mais completamente do que Sylvie ou Julia ou as gêmeas teriam considerado possível, Sylvie olhara para a sua cara virada para o outro lado, para o seu corpo longo na cama, o céu branco do outro lado da janela, e sentira o seu corpo prender-se e soltar-se em soluços silenciosos.

Afinal, ela também precisava dessa resposta. Sylvie era composta por pontos de interrogação e sentimentos com os quais não sabia o que fazer, como se as suas mãos estivessem cheias e ela usasse calças sem bolsos. A própria Sylvie estava a passar por alguma coisa naquele quarto de hospital. Sentia falta da irmã, mas se Julia aparecesse no hospital, não haveria um lugar para ela à cabeceira da cama de William. E se Julia e o marido voltassem a juntar-se, Sylvie sabia que não encaixaria em lado nenhum; o apartamento deles e este quarto deixariam, de alguma forma, de ter espaço para ela. Sylvie sentia que dera entrada neste hospital tanto como William, e precisava de mais tempo. Não estava doente, mas também não estava bem.

Sylvie tencionava deixar de o visitar depois disso. Cumpriria ambos os seus objetivos: William estava bem o suficiente para falar com a médica e Julia tinha recebido as notícias que desejava. Mas Sylvie descobriu que não conseguia manter-se afastada. Dizia a si mesma todas as manhãs que não o visitaria nesse dia e depois apanhava o autocarro que ia para o hospital. Sentia-se atraída, como que por uma força magnética, entre a biblioteca, o hospital e a casa da irmã mais velha. Carimbava livros, enviava mensagens aos leitores atrasados na devolução, sentava-se ao lado da cama de William e mandava vir comida com as irmãs.

O que é que eu estou a fazer?, perguntava a si mesma

repetidamente, e nunca obtinha uma boa resposta. No hospital, Sylvie passava horas sentada ao lado de alguém que tinha desejado morrer. Em boa verdade não parecia estar completamente vivo. Por vezes os seus olhos ficavam inexpressivos quando olhava para Sylvie, e ela percebia que ele tinha de se esforçar para se recordar do seu nome. Ficava sentada em silêncio, com um livro aberto no colo, desejando que o homem na cama voltasse a coser-se novamente ao tecido da vida. A Dra. Dembia falara com ela acerca da persistência da depressão, acerca da arte e da ciência de encontrar a mistura e níveis de medicação corretos. «Ele terá de tomar medicação para o resto da vida», dissera a Dra. Dembia. «Não conseguirá gerir a depressão sem ela. É espantoso que tenha chegado até aqui.»

Sylvie esforçou-se por pensar num tema seguro para falar com William enquanto ele ia ficando mais alerta. Não podia tentar conversa de circunstância; não suportava falar com ele acerca do tempo ou da má comida do hospital. A ideia de conversar com William acerca de disparates deixava-lhe a boca tão seca que ela não conseguia dizer nada. Uma vez, por desespero, fizera-lhe uma pergunta relacionada com basquetebol. Isso funcionara e tornara-se uma solução para conversas que não eram forçadas ou desconfortáveis. Sylvie recordava um jogador específico ou uma parte da história do basquetebol do seu livro, e perguntava-lhe acerca disso. Sentia uma onda de alívio por causa do alívio no rosto de William quando ele respondia. Uma luz acendia-se por trás dos seus olhos nesses momentos, o que fazia Sylvie pensar na luz-piloto de um fogão. Encontrou uma enciclopédia do basquetebol na biblioteca e tomou notas acerca de possíveis perguntas que podia fazer. Queria voltar a acender aquela luz-piloto. Perguntava-se se, caso colocasse suficientes perguntas, a luz se voltaria a ligar, completamente.

Sylvie, Cecelia e Emeline saíram de casa de Julia uma noite depois de um jantar. Julia parecia mais leve desde que soubera que William não a queria, nem a Alice. Sorrira e brincara com as irmãs, e dera opiniões sobre a comida que estavam a comer, e falara acerca de Alice e Izzy. Sylvie observava a irmã mais velha e admirava a sua leveza. Sylvie sentia-se presa dentro de si própria, como se estivesse atolada em

segredos. Sempre que abria a boca para falar durante o jantar, sentia uma confusão acerca do que era ou não livre para dizer.

Cecelia pedira um carro emprestado a um escultor que queria namorar com ela, por isso entraram no pequeno carro verde. Emeline sentou-se atrás, ao lado de uma Izzy sonolenta que estava afivelada numa cadeirinha.

— Nada de velocidades — disse Emeline, em aviso. Quando Cecelia conduzia, acelerava.

— Acho que não gosto de asas de frango — disse Cecelia. — Afinal, que galinhas têm asas tão pequenas? Parece-me suspeito.

— Adormeceu — disse Emeline, referindo-se a Izzy. A expressão da menina era séria, como se a sua mente inconsciente contemplasse problemas difíceis: como otimizar défices orçamentais numa economia moderna, talvez, ou se o livre-arbítrio era compatível com o determinismo.

Os músculos de Sylvie estavam tão tensos que ela teve dificuldade em apertar o cinto de segurança. Quando o carro acelerou depois de dobrar uma esquina, percebeu que tinha de dizer alguma coisa ou ficaria inteiramente atolada e totalmente incapaz de falar. Tossiu e disse apressadamente:

— Tenho de vos dizer uma coisa. Tenho visitado o William. De vez em quando. Visitei-o algumas vezes. Não quero dizer à Julia, mas não posso deixar de vos dizer a vocês.

Cecelia olhou para Sylvie a partir do assento do condutor. Sylvie percebeu que a irmã estava a avaliar o que ela tinha dito.

— Oh, fico contente — disse Emeline, com evidente alívio. — Sylvie virou-se para olhar por cima do ombro. — Tenho estado muito preocupada com o William — explicou Emeline. — Ele não tem família. Sei que deveríamos estar do lado da Julia, e estou, claro... — Os olhos de Emeline estavam muito abertos. — Mas o William não é um canalha. Tinha de estar numa dor tremenda para fazer o que fez. É mesmo uma situação terrível. Entristece-me tanto. Estou contente por o visitares.

— Oh, Emmie. — Sylvie sentiu os ombros relaxarem. Percebeu o quanto tinham estado tensos, carregando este segredo. — É isso que sinto.

Cecelia continuava inclinada sobre o volante.

— Que é? — perguntou, sentindo os olhos da irmã sobre ela.

— Estás zangada comigo? — perguntou Sylvie.

— Estou contente por nos teres dito — disse Cecelia. — Mas não vou visitá-lo.

Sylvie sabia que Cecelia estava zangada com William por ter tentado suicidar-se. «Qualquer uma de nós o teria ajudado, se ele tivesse pedido», dissera ela várias vezes nos dias depois do acontecimento. Ocorreu a Sylvie que a irmã não suportava a ideia de alguém que amava tentar destruir-se em segredo. Cecelia funcionava com honestidade e ausência de formalidade. Acreditava que se uma pessoa era infeliz, devia dizê-lo. Quem precisasse de ajuda, devia pedi-la. O silêncio de William ofendia Cecelia tanto quanto a sua escolha de se enfiar no lago.

— Não acho que devas visitá-lo — disse Sylvie. — A Julia detestaria se soubesse que o faço. É melhor não termos todas uma coisa para lhe esconder.

Cecelia não parecia estar a ouvir.

— A Emmie tem andado a dar-me sermões sobre o sofrimento em que o William tinha de ter estado — continuou. — Quer que eu compreenda, apesar de não me fazer sentido.

Emeline, no banco de trás, assentiu com a cabeça.

— Estou contente por não estares zangada comigo — disse Sylvie. — Não suportaria isso.

— Isso não está em cima da mesa — disse Cecelia, e Sylvie sorriu, porque sabia que a irmã era sincera. Cecelia tinha algumas coisas não-negociáveis e durante este tempo de turbulência familiar inclinar-se-ia em qualquer direção necessária para apoiar as irmãs.

Quando Cecelia deixou Sylvie em casa, Ernie estava à espera dela à porta do seu apartamento. Não o via desde a noite em que tinham dormido juntos, e só raramente pensava nele, mas fazia sentido que Ernie aparecesse agora. Sylvie começara a dizer a verdade — pelo menos uma parte dela, a algumas pessoas —, o que significava que já não podia evitar o seu antigo eu.

Quem quero ser agora?, pensou Sylvie. *Tenho uma escolha?*

— Há quanto tempo! — disse Ernie, e ela concordou. Estavam ambos claramente nervosos acerca do caminho que aquilo seguiria. Ernie disse que a porta do edifício estava avariada e que ela devia

avisar o supervisor. Sylvie disse que a porta já estava avariada há algum tempo. Ernie usava jeans e uma t-shirt de *bowling* e ela notou — como se adicionasse números numa coluna — que ele estava giro. Sylvie sorriu e ele sorriu-lhe também. Deixou que a abraçasse e lhe beijasse o pescoço.

Ela recuou, com os braços estendidos ao longo do corpo. Sentia uma vibração percorrê-la, uma espécie de sinal de aviso. Contou a Ernie o que tinha acontecido depois do seu último encontro, e este, afinal, tinha ouvido na rádio a notícia do resgate no lago.

— Nem acredito que foi o teu cunhado — disse.

— Sim — disse Sylvie. — Agora estou ocupada a ajudá-lo e à minha irmã, e não tenho mesmo tempo livre. — Fez uma pausa. *Não te quero*, pensou. *Gostava de querer. Gostava de ser uma rapariga normal, que quer dormir com o homem bonito diante dela.*

— Oh... certo — disse ele, lendo a sua expressão. Ainda nem tinham passado da entrada do prédio.

— Talvez te veja na biblioteca?

— Claro — disse Ernie, e depois foi-se embora.

Sylvie encostou-se à parede. Por ter sido clara acerca do que não queria, ficara sozinha. Já não era quem costumava ser, e ainda não era aquela em quem se estava a tornar. Estava grata ao pai por a ter preparado para este tipo de terreno árduo e solitário. Graças a ele, Sylvie sabia que podia existir fora dos limites do seu eu futuro e do seu eu passado, pelo menos durante algum tempo. Ainda que doesse. Compreendia agora, porém, a razão de o pai ter temperado a beleza brutal deste género de vida — este género de honestidade — com álcool, e porque é que ela se sentira sempre mais confortável na biblioteca com livros do que no mundo com pessoas.

Ainda estava na entrada. Queria entrar para o seu estúdio acolhedor; as paredes ásperas e as luzes fluorescentes da entrada tornavam mais fundos os arranhões de desespero dentro dela, mas o desconforto parecia-lhe necessário. Havia uma pergunta que queria fazer a si própria — uma pergunta coberta por silvas aguçadas.

O que é que tu queres?

Sylvie não teria feito esta pergunta algum tempo antes, porque teria medo da resposta, mas queria ser profunda e verdadeiramente ela própria e experienciar o mundo da forma mais profunda e

verdadeira. Tinha-se compartimentado por muito tempo, pelo menos desde a morte do pai. Era uma pessoa com Julia, uma pessoa ligeiramente mais honesta com as gémeas, e controlava os seus próprios pensamentos e sentimentos, tentando forçar-se a percorrer caminhos que achava dever percorrer. Havia apenas uma pessoa com quem Sylvie se sentia completamente ela própria: William. Era a totalidade de si mesma com ele e sentia que tinha espaço para se tornar ainda mais. Quando ele pousava os olhos nela, fazia-o sem julgamento ou expectativa e, nesse espaço, Sylvie sentia o seu potencial: para bravura, brilho, generosidade, alegria. Todas essas velas repousavam no convés do seu navio; eram dela, mas só agora as via. Não tivera consciência delas antes das muitas horas que passara com William num quarto de hospital. O amor do pai dissera-lhe, *Faz Tudo. Sê tudo*. Ela sabia, quando estava junto de William, que tinha capacidade para erguer essas velas lindas e gigantescas e *zarp*ar.

Pensou, *Quero estar com ele*, e teve de recobrar o fôlego pela enormidade deste desejo. Parecia que tinha estado a segurar um guarda-chuva para negar que chovia, e agora o guarda-chuva desaparecera e ela estava no meio de uma tempestade. Sylvie estava inundada de surpresa, vergonha e tristeza porque, claro, não *podia* estar com ele. Nem depois de ele sair do hospital, nem de qualquer forma que fosse importante.

Uma tarde, a Dra. Dembia deteve Sylvie no corredor.

— Estou a tentar compreender uma coisa, e espero que me possa ajudar. O William disse que tem falado com ele acerca de basquetebol.

Sylvie confirmou, satisfeita por a médica estar a pedir a sua ajuda.

— Ele gosta de falar disso. É... mais feliz quando está a falar de basquetebol.

— Sim — disse a médica. — Porque é que acha que o basquetebol é tão importante para ele?

— Bem, ele jogou desde miúdo. Fez parte da equipa da universidade. — Sylvie pensou acerca disto. — Já perguntou ao Kent?

— Ele disse que o basquetebol foi a primeira língua do William. Que ele driblava uma bola mais do que falava, quando era criança.

— A sua primeira língua — repetiu Sylvie. Fazia sentido. Ela

acabara a falar a primeira língua de William com ele, talvez a única língua que ele falava fluentemente. Por isso a sua luz-piloto se acendera.

— Acredito que em parte seja isso. — A médica acenou a um paciente que passava, mas não tirou os olhos de Sylvie.

— Ele disse-me uma vez que os pais não o amavam — revelou Sylvie. — Acho que quase não falavam com ele quando era pequeno. — Ouvir a frase em voz alta chocou-a um pouco. Rose e Charlie nunca paravam de falar com as filhas quando estas eram pequenas. Sylvie tentou imaginar como teria sido crescer numa casa sem afeto nem risos e imaginou um espaço frio e cheio de eco. Viu um rapazinho a driblar uma bola de basquete para criar um som repetitivo e reconfortante. Sylvie teve a sensação que tinha muitas vezes quando estava a ler um bom romance e a história encaixava de repente dentro dela, acompanhada por uma nova compreensão. — O basquetebol foi a primeira coisa na vida de William que lhe devolveu o amor — disse. — A única coisa que o amou, por muito tempo.

— Sim — disse a Dra. Dembia, com os olhos brilhantes. Ela era uma cientista, e Sylvie acabara de lhe fornecer uma importante parte da equação. — É isso. Sim.

No dia em que William lhe pediu para escrever os seus segredos, quando Sylvie deixou o quarto percebeu que tinha as mãos a tremer. O que acontecera naquele quarto era o que ela sempre achara que a igreja devia ser. O ar parecera abrir-se, e o que aconteceu entre eles pareceu-lhe sagrado.

Sylvie normalmente apanhava o autocarro mesmo em frente do hospital, mas nessa tarde percorreu a pé o caminho até à biblioteca. Queria sentir o vento na pele. Desatou a correr algumas vezes, porque o seu corpo ansiava por movimento, e ela gostava que a meio de um passo ambos os pés estivessem fora do chão por uma fração de segundo. Nessa noite, em casa de Julia, sussurrou a Emeline e a Cecelia que precisava de falar com elas. Elas compreenderam que era sem Julia, por isso quando entraram no carro do escultor, depois de uma refeição de caril e chamuças, Cecelia conduziu ao longo de alguns quarteirões e depois parou. A Sra. Ceccione estava a cuidar de

Izzy; eram só as três irmãs no carro. Sylvie e Cecelia viraram-se para poderem ver Emeline no banco de trás.

— Que é? — perguntou Emeline. — O William está bem?

Sylvie contou-lhes tudo o que William lhe tinha dito. A única coisa que omitiu foi o seu comentário acerca de não poder partilhar os seus segredos com ninguém além dela. Essa frase aquecera as entranhas de Sylvie e era só dela.

— Oh, céus — disse Emeline quando Sylvie terminou. Ficou calada por um minuto. — Isso foi tão corajoso da parte dele.

— Nem acredito que ele teve uma irmã — disse Cecelia.

As três irmãs entreolharam-se, com um pasmo partilhado. Uma irmã secreta e perdida era muito grave.

— A médica, de quem gosto verdadeiramente, disse-lhe que para ficar bem não podia continuar a guardar essas coisas dentro dele — disse Sylvie. — Deu-lhe um mantra: *Nada de tretas e nada de segredos*.

— Tenho de vos contar uma coisa. — As palavras irromperam de Emeline como que de uma torneira entupida. — Uma parte da razão de eu me sentir tão mal pelo William, é que tenho estado deprimida algumas vezes. Ao longo dos últimos anos. Até cheguei a ter esse género de pensamentos.

As janelas do carro estavam fechadas. Era uma noite ventosa de outubro; o vento chocalhava os ramos por cima das suas cabeças, dando a impressão de que as árvores estavam a bater palmas.

— Não, não chegaste. — A voz de Cecelia era dura. — Não digas isso. Não é verdade.

— Mas não teria feito nada — disse Emeline. — Juro.

— Porque é que escondeste isso de nós? — disse Sylvie. — Porque não nos disseste que te sentias triste?

Emeline virou a cara para a janela do carro.

— Tive medo de vos dizer. Mas a médica do William tem razão. Não devíamos ter segredos.

Cecelia examinou o perfil da irmã. Estava claramente surpreendida por descobrir que existiam segredos entre elas.

— Emmie, podes contar-nos tudo.

— Tenho uma paixoneta por uma pessoa. Uma grande paixoneta.

Tanto Sylvie como Cecelia levaram as mãos ao peito, que era o que Rose fazia quando lhe davam grandes notícias. Julia fazia o

mesmo.

Os olhos de Emeline agora estavam fechados. Ainda tinha a cabeça virada, como se temesse um golpe físico.

— Mas não é um homem. É a Josie, a mulher que trabalha comigo na creche.

— A Josie? — repetiu Cecelia.

— Eu tinha a certeza de que estava enganada e que aquilo que sentia apenas significava que gostava mesmo dela, porque gosto. Trabalhamos maravilhosamente juntas e ela faz-me rir. Os bebés seguem-na. Mas o meu coração bate mais depressa quando estou perto dela, e tenho tanta vontade de a beijar!

O corpo de Sylvie estava tenso de surpresa. Tentou pensar em algo para dizer.

— Eu sei — reagiu Emeline, com mágoa.

Sylvie nunca tinha conhecido pessoalmente uma lésbica. Havia uma senhora que andava de bicicleta pelo bairro com um boné de baseball na cabeça, e dizia-se que vivia com outra mulher, mas nunca tinha ido à biblioteca, por isso Sylvie nunca a tinha visto de perto. Pensava nas lésbicas como sendo um tanto duras e masculinas, e Emeline era o contrário disso. Era a mais doce e suave das irmãs.

— Oh, Emmie — disse Cecelia. — Tens a certeza?

Os olhos de Emeline encheram-se de lágrimas. Sylvie estendeu a mão para o banco de trás e tocou no joelho da irmã.

— Nós amamos-te — disse ela. — Isto é só... inesperado, nada mais.

— Não faço ideia se a Josie gosta de mim dessa maneira — disse Emeline. — Provavelmente não.

— A mãe ficaria horrorizada — disse Cecelia. Isto era definitivamente verdade; Rose era católica até ao tutano e dissera várias coisas depreciativas ou insultuosas acerca das pessoas gay diante das raparigas ao longo das suas vidas. Uma terrível doença, que parecia afligir sobretudo homossexuais masculinos, tinha sido recentemente identificada, e esta notícia repugnara e fascinara Rose em igual medida.

— Eu sei. É a primeira vez que me sinto feliz por ela se ter mudado.

O alívio nos olhos de Emeline fez as outras mulheres rirem-se.

— Pensei que, se vos contasse, me odiariam. Mas o William disse-te coisas horríveis e eu só sinto empatia por ele. — Hesitou. — Mas não poderei ter bebês — sussurrou.

Sylvie e Cecelia trocaram olhares rápidos para partilhar a sua surpresa pelo que tinham acabado de saber e a sua tristeza pela última frase. William não queria ser pai e Emeline não podia ter o que mais queria, ser mãe.

— Talvez possas adotar? — disse Sylvie. Sentiu outra pequena fissura dentro de si; outra peça de vida estava a separar as irmãs dos sonhos que outrora tinham para si e umas para as outras.

Emeline abanou a cabeça.

— Pergunto-me como se sentirá o William. Eu sinto-me melhor. — O seu rosto estava mais animado; ela sentava-se mais direita. — Agora vocês têm de me contar uma verdade da vossa vida — disse ela. — É a vossa vez. Em homenagem ao William.

Isto trouxe à memória de Sylvie o jogo de previsão do futuro que costumavam fazer. Apesar de terem acabado de sair da casa de Julia, Sylvie sentia falta da irmã, como a sensação de uma facada dolorosa no flanco. Percebeu que as irmãs também se lembravam do jogo, e havia uma ruga entre as sobrancelhas de Emeline, mostrando que ela se arrependia da forma como elaborara o pedido. Tinham ficado recentemente a saber que Julia ia deixá-las por seis meses. A partida parecera um erro a todas. «O *timing* é péssimo», dissera Cecelia. «Ela está a fugir», dissera Emeline. Mas Sylvie suspeitava de que a irmã estava a correr *para* alguma coisa. Uma nova vida. Julia queria reinventar-se, e era difícil fazê-lo na presença de pessoas que conhecia desde que era menina. Sylvie receava, contudo, que Julia tivesse sentido que ela lhe escondia um segredo, e que esse segredo tinha aberto espaço para Julia partir. Se Sylvie e Julia se tivessem mantido íntimas e honestas, a irmã mais velha não consideraria a viagem uma possibilidade. Bem no fundo de si, Sylvie acreditava ser por sua culpa que Julia ia partir em breve.

— Começo eu — disse Cecelia. — Gostava de poder fazer sexo. Só fiz uma vez.

Emeline devia saber disto, mas Sylvie ficou surpreendida. Partia do princípio de que Cecelia se tinha deitado com vários amantes numa lona de pintor, antes ou depois de um projeto. Sentia que Cecelia

vestira o traje de adulta mais facilmente do que as restantes. Movia-se com uma confiança que faltava a Sylvie e parecia não se ralar com as expetativas das outras pessoas. Quando Cecelia estava com Izzy, ambas riam muito; deleitavam-se, visivelmente, uma com a outra. Sylvie partira do princípio de que a irmã escolhera cuidadosamente homens que também a deleitassem fisicamente.

— Eu sei que faço parecer que é tudo fantástico — disse Cecelia em resposta à expressão de Sylvie. — E é muito bom, mas não é fantástico. O dono deste carro iria alegremente para a cama comigo, mas tem um bilião de anos e é ordinário. Tenho contas para pagar e os rapazes próximos da minha idade são tão imaturos que não dá para aguentar.

— Sylvie? — disse Emeline.

— Oh — disse Sylvie, e a sílaba saiu como um gemido. De repente o carro estava um forno e as janelas embaciadas. Sylvie tornara-se um segredo. Estava a mudar de maneiras que não conseguia acompanhar, muito menos explicar. Dir-lhes-ia que William não lhe saía do pensamento e que sentia a falta dele assim que saía do quarto? Que, por vezes, quando o via a dormir na cama de hospital, lhe apetecia deitar-se ao seu lado, na esperança de que ele a confundisse com a mulher e a abraçasse? Em vez disso, anunciou: — Estou a escrever uma coisa. — As expressões das irmãs abriram-se de prazer. *Claro*, Sylvie viu-as pensar. — Não — disse. — Não é o que estão a pensar. Não é um livro. Estou com problemas em adormecer, por isso quando chego a casa à noite escrevo alguma coisa sobre a nossa infância. São só cenas. Na noite passada escrevi sobre a festa de aniversário em que aquele rapaz desafiou a Julia a sustentar a respiração durante tanto tempo que ela desmaiou.

— O nosso nono aniversário — disse Cecelia. — Aquele com o bolo horrível.

— Cobertura amarelo-clara — disse Emeline. — Sylvie! Isso é maravilhoso. Estou tão feliz por estares a fazer isso.

— Não é bom. — Sylvie tentou gravar isto nelas com os olhos. Precisava que as irmãs compreendessem. — E não se trata de o tornar bom. — Ela tirara a ideia, a possibilidade, da leitura do livro de William, claro. E de Whitman, também. Sylvie pensara sempre que, se escrevesse, teria de ser perfeito. Um romance maravilhosamente

trabalhado, pronto para ser entregue ao mundo. Mas William mostrara-lhe que podia escrever por e para ela. E Whitman reescrevera, expandira, cortara e reinventara os seus poemas ao longo da vida. Ele criara, não um lindo livro, mas diferentes tentativas de excelência e beleza à medida que envelhecia e amava e reconsiderava tudo.

Sylvie achava difícil habitar-se no presente; a sua pele tornara-se desconfortavelmente retesada desde que William fora resgatado. Ela tinha consciência de estar a escrever sobre a sua infância numa tentativa de criar uma terceira porta; precisava de encostar um martelo pneumático a uma parede para descobrir uma forma de sair do aqui e do agora. Quando Sylvie dormia, estava destrozada na praia, vendo homens carregar um William morto para fora do lago. E uma dor percorria-a, porque Julia ia sair de Chicago e não fazia ideia da dor e anseio que Sylvie carregava dentro dela. Noite após noite, Sylvie sentava-se à sua minúscula secretária junto da janela, com vista sobre Pilsen, recordando e tentando recriar os tempos em que a sua família era inteira. Quando Charlie estava vivo, Rose na sua horta, as gémeas às risadinhas no seu quarto, Julia caminhando pela casa, distribuindo planos como presentes. Cada momento que Sylvie capturava na página não se podia perder.

Sylvie sentia-se exausta com o seu desejo de honestidade, mas também atraída por ele, como se a qualidade fosse um íman. Adorava poder agora ver uma versão mais completa de Emeline depois de esta ter contado às irmãs a sua verdade. Sylvie passara pela creche uma tarde porque queria conhecer Josie; queria sorrir à jovem mulher de cabelos ruivos que possuía o coração da sua irmã. Emeline estava corada e disparando faíscas de felicidade no seu local de trabalho, rodeada de bebés e com Josie por perto. Ver o ânimo de Emeline entusiasmou Sylvie, embora a irmã ainda não tivesse confessado os seus sentimentos a Josie e não soubesse se eram correspondidos.

Para Sylvie era importante que a recuperação de William se baseasse na verdade. Lembrava-se da Dra. Dembia a dizer-lhe que queria que ele fosse implacavelmente honesto. O problema era que, no seu novo estado de consciência aumentada, Sylvie detetara uma

desonestidade evidente no comportamento de William, e isso incomodou-a. Guardou silêncio porque não era da sua conta, e William estava aos cuidados da Dra. Dembia, não seus. Decerto que a médica veria o mesmo que Sylvie, e trataria disso. Mas nada parecia mudar, e Sylvie tinha a impressão de que William estava a construir a sua nova casa sobre uma fundação instável.

Uma tarde, William disse:

— Pareces rabugenta. Passa-se alguma coisa?

— Não estou rabugenta — disse Sylvie, embora pudesse sentir o seu rosto a franzir.

— Se tu o dizes — comentou ele.

— Bem... — disse ela. — Há uma coisa que me incomoda. William, claro que tu podes fazer o que quiseres, e não estou a julgar a tua escolha. A sério. — Hesitou. — Mas sei qual é o teu mantra e acho que estás a mentir a ti próprio acerca de algo importante.

Ele olhou-a, e ela percebeu que ele conseguia ver o seu medo. Via a preocupação dela por poder dizer alguma coisa que prejudicasse a sua recuperação.

— Não te preocupes — disse William. — Eu estou bem. Diz.

— É acerca da Alice.

Ele estremeceu, mas quase impercetivelmente; era a primeira vez que qualquer um deles mencionava a bebé.

— Abdicaste dela porque achas que a irias magoar, mas isso está errado — disse. — Tu não magoarias a Alice. Eu sei que não.

William ficou calado por um minuto.

— A Dra. Dembia também acha que a decisão de abdicar da custódia é uma treta. — O rosto dele parecia gasto, como se ele estivesse vivo desde sempre e tivesse visto todos os desgostos possíveis. — Mas eu discordo e não posso correr esse risco. A Alice está melhor com a Julia.

Sylvie sentiu os ombros relaxarem. William *falara* com a Dra. Dembia; pensara no assunto e tomara uma decisão ponderada. Ela continuava a achar que ele estava errado, mas a decisão não era dela e ocorreu a Sylvie que talvez a verdade fosse mais complicada para William por causa do seu passado. Agora que sabia da sua irmã perdida — a menina que tinha morrido —, fazia-lhe sentido que a sua preocupação em relação à filha fosse tão grande. Talvez as duas bebés

partilhassem um espaço dentro dele, e a coisa certa para ele fosse afastar-se. Ela conseguia ver esta possibilidade e a forma como a mágoa e a depressão se entrelaçavam dentro dele; Sylvie percebeu que podia aceitar a sua escolha mesmo sem a compreender completamente.

William inclinou-se para a frente e disse:

— Tens alguma preocupação, por menor que seja, de que a Julia não cuide muito bem da Alice?

Sylvie nem precisou de pensar.

— Não.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu sou o fator de risco — afirmou. — Foi por isso que me afastei.

Julia não quis uma despedida de grupo; disse que seria demasiado doloroso. Pediu a Sylvie que fosse lá a casa na manhã antes de ela apanhar o voo para Nova Iorque. Sylvie encontrou a irmã e Alice numa pequena clareira no meio de pilhas de caixas na sala.

— Não sou capaz de fazer isto — disse Julia, sem olhar para Sylvie. — Não consigo dizer adeus.

— Eu também não. — Sylvie dedicou a sua atenção a Alice, que estava sentada no pequeno cobertor no chão. Julia atara um laço cor-de-rosa no escasso cabelo loiro da bebé, e Alice parecia tremendamente satisfeita com este desenvolvimento. Sylvie sentiu-se ligeiramente sem fôlego. Sentia falta da irmã desde que William fora hospitalizado, e agora Julia ia partir. Parecia uma perda composta. E esta bebé linda, que sorria radiosamente para a mãe e a tia, ia desaparecer também. Sylvie amava tanto Alice, e seis meses eram tanto tempo na vida de um bebé. Da próxima vez que a visse, Alice teria um ano. Talvez já andasse. Talvez tivesse esquecido a visão das três tias que a adoravam.

— Ba — disse Alice, com deleite, e Sylvie baixou-se para lhe beijar a bochecha.

Julia vestia calças de ganga e uma t-shirt velha. Parecia excessivamente cafeinada, nervosa.

— Nunca pensei que sairia de Chicago. Mas também nunca pensei

que o pai morresse. E nunca pensei que a mãe se mudasse. — Fez uma pausa, e então disse: — Nunca pensei que visitasses o meu marido no hospital todos os dias.

Chocada, Sylvie recebeu as palavras como um murro no estômago. Estava de joelhos, para ficar perto da bebé, mas levantou-se.

— Todos os dias, não — conseguiu dizer.

Julia assentiu com a cabeça.

— Eu não tinha a certeza se tu o visitavas, sequer.

Sylvie fitou diretamente a irmã pela primeira vez. Conseguia sentir a distância que crescera entre elas ao longo dos últimos meses.

— Não precisavas de me enganar — disse. — Bastava perguntares.

— Não tinha a certeza se me dirias a verdade.

Sylvie ponderou.

— Ele não tem mais ninguém — disse. — Sinto-me mal por ele.

Julia deixou a clareira de caixas e voltou com uma pasta.

— Estes são os documentos do divórcio e da custódia — disse. — Por favor, dá-os ao William da próxima vez que o vires.

Sylvie sentiu desespero. Sentiu a irmã cortar os fios que as uniam. Seria culpa dela? Ou era Julia a vingar-se porque de outro modo não suportaria partir?

— Amo-te — disse Sylvie.

Julia afastou o cabelo do rosto. Abanou a cabeça ao mesmo tempo, como se estivesse chateada, como se esse sentimento não fosse a questão. Mas disse:

— Também te amo.

Sylvie apareceu cedo na fria manhã de novembro em que William teve alta. Sabia que Kent viria, assim como Arash. A Dra. Dembia, provavelmente, estaria acessível. Sylvie percebia que a médica se preocupava com William enquanto pessoa e sentiria a falta do seu tempo com ele. Cecelia, cujo antagonismo em relação a William se extinguiu com a revelação de que Emeline também tinha estado deprimida, ia encontrar-se com eles no novo apartamento de William na Northwestern, para avaliar se as paredes precisavam de ser pintadas. Quando Sylvie saiu do elevador no piso da unidade de

psiquiatria, deu por si a olhar em volta à procura de Julia. A irmã partira, estava a mais de mil quilómetros de distância, mas Sylvie ainda acreditava, de certa forma, que a encontraria ali, de queixo empinado, pronta para organizar o regresso do marido à sua vida.

William estava de pé junto da janela quando Sylvie entrou no seu quarto. Não tinha quase nada para embalar. Não quisera pedir a Julia nenhum dos seus pertences quando chegara ao hospital. Tinha sido categórico em relação a isso, embora precisasse de roupa e fosse tão alto que não podia usar nada que estivesse nos perdidos e achados do hospital. Ao saber disso, os amigos da equipa de basquete tinham deixado ali roupas dos seus armários. William usava um par de calças caqui, ténis gastos e uma *sweatshirt* da Northwestern. Tinha assinado os documentos do divórcio e da custódia, que Sylvie enviara ao advogado. Quando saíra de Chicago, Julia tinha tratado de que as coisas dele fossem postas numa arrecadação. No momento em que ia sair do hospital, William já não era casado e já não era pai.

— Grande dia — disse ela.

— Sylvie — disse ele. Baixou o olhar para as mãos. — Não sei como agradecer-te por tudo o que fizeste.

— Não precisas de agradecer.

— Eu fui egoísta. Devia ter-te dito que parasses de vir, mas gostava que estivesse aqui. Espero que saibas que, quando eu sair do hospital, já não tens de te preocupar comigo. Por favor, acredita nisso. Tenho a minha medicação — ele dirigiu-lhe um vestígio de sorriso — e o meu mantra. Vou tentar ajudar o Arash. — Fez uma pausa. — Toda a gente foi tão generosa comigo. Não vou desperdiçar a generosidade deles.

Estas palavras atingiram Sylvie de uma forma estranha. Parecia que William tinha conjugado frases que apontavam diretamente ao que estava no seu interior. Intelectualmente, ela conseguia perceber que ele tinha dito uma coisa simpática, algo com que ela concordava. William estava mais saudável. Estava a dizer-lhe que ela podia ir-se embora, mas ela sabia — e o conhecimento era acutilante como uma dor — que não queria, que talvez não fosse capaz. Este era o seu verdadeiro segredo, aquele que ninguém podia saber. Os olhos de Sylvie picaram, e ela sentiu um momento de preocupação, temendo chorar.

— Sabes que te procurei durante toda aquela noite com o Kent e os outros rapazes? — disse.

William pestanejou, como se houvesse luz na sala que lhe magoasse os olhos.

— Sim — respondeu. — O Kent disse-me.

Porque é que estou a pensar nisto? Porque é que estou a falar disto?

— Quando te tiraram da água, pensei que tinhas morrido — disse. Não conseguia impedir-se de o imaginar agora: os jovens altos e cansados, carregando o corpo frouxo de William. — Não sabia o que fazer. Não podia ajudar a carregar-te, mas queria fazer alguma coisa para ajudar. Por isso peguei-te na mão enquanto o Kent e o Gus te levavam para a ambulância. E na ambulância também.

William ficou calado por um momento, depois disse:

— Isso não sabia. Não me lembro da maior parte desse dia. Sylvie, lamento muito que tivesses de passar por isto. Deve ter sido muito assustador.

Deitada na sua cama, à noite, Sylvie recordava repetidamente Kent a chamar o seu nome e ela a correr pela areia. Lembrava-se dos estilhaços de pânico e dor no seu peito por William ter morrido. Lembrava-se de quando chegara perto e pegara na mão de William, fria como gelo. Ela não queria que William estivesse sozinho, mesmo que já não estivesse vivo. E, contudo, nesse momento, nunca se tinha sentido tão sozinha.

Ouviu-se dizer:

— Posso segurar outra vez a tua mão, por um segundo?

William atravessou o quarto para ficar em frente dela. Estendeu a mão, com a palma para cima. A sua pele era macia e quente, tão diferente daquele dia. Uma vaga de sentimentos percorreu Sylvie. O botão de um rádio girou dentro dela e aumentou o volume. *Amo-te*, pensou, e as palavras — agora impossíveis de negar — trouxeram-lhe ao mesmo tempo desespero e uma profunda alegria. William era o seu homem. Ele era o seu coração. Ele mudara todas as moléculas dentro dela. Sylvie sabia que o amor viria para ela com a força de um tsunami. Sonhara com isto desde que era uma menina, e o seu sonho tornara-se mesmo realidade. Mas ela não sabia que o amor seria impossível, um beco sem saída, indizível, porque ele tinha sido casado com a sua irmã.

Pensou, *Estou metida num grande sarilho*. O pensamento fê-la rir.

— Estás bem? — perguntou William.

Ela não queria que ele se preocupasse, por isso disse:

— Estou bem.

Permaneceram de mãos dadas por mais alguns segundos até que, ao ouvir um barulho no corredor, se separaram. Kent chegou, saltando de excitação, como se estivesse a apresentar-se a um jogo de *playoff*, pronto para celebrar uma vitória.

— Estás fora daqui! — disse ele, e deu um grande abraço a William. Normalmente, só era permitida uma visita de cada vez, mas como William ia ter alta, a regra tinha sido contornada.

Arash entrou, olhou para a cara de Kent, e disse:

— Vais ser sempre um grande palerma. — Mas também estava a sorrir.

William abriu a boca para falar e depois fechou-a. Abanou ligeiramente a cabeça. Kent, compreendendo que o amigo queria dizer *obrigado* ou mesmo *amo-te* mas era incapaz de proferir as palavras sem desatar a chorar, deu uma palmada nas costas de William e as quatro pessoas no quarto simplesmente sorriram umas para as outras.

Sylvie saiu do hospital com aqueles três homens uma hora mais tarde. A mão que William segurara vibrava junto ao seu corpo. O céu de novembro estava cinzento, e previa-se para essa noite a primeira neve do ano. Caminharam sob as copas de árvores despidas até ao carro de Kent, e Sylvie pensou na memória que escrevera sentada à sua pequena secretária na noite anterior. Ela não estava a escrever a história da família seguindo uma ordem particular, embora as recordações parecessem sobrepor-se umas às outras como ondas. Na noite passada dera por si a recordar a vez em que o cão feroz e nervoso da Sra. Ceccione perseguira Emeline e a obrigara a subir a uma árvore. Mesmo depois de terem afastado o cão, a menina de 8 anos recusara-se a descer. Julia, Sylvie e Cecelia ficaram debaixo da árvore uma hora, incentivando Emeline com petiscos e promessas de lhe entrançar o cabelo — ela adorava que lhe mexessem no cabelo —, sem resultado. *Não posso viver sem ti*, dissera Cecelia a certa altura, como um aviso. *Não sejas ridícula*, ripostara Julia. *Nenhuma de nós*

pode viver sem uma das outras. Rose fora avisada e gritara à filha que pusesse o rabo no chão imediatamente. Não, *obrigada*, respondera Emeline, agarrando o ramo da árvore. *Tenho uma boa vista. Não posso descer.* Crianças da vizinhança reuniram-se também em torno do tronco, querendo ver como a história terminava. Sylvie lembrou-se que ficara com o pescoço dorido por olhar para cima durante tanto tempo. Cecelia desatara a chorar, o que fizera Emeline chorar também, mas agora parecia enraizada na árvore, incapaz de abandonar o seu poleiro. As irmãs tinham dificuldade em imaginá-la a voltar para elas quando o Sol se pôs e a escuridão começou a cair. Quando Charlie chegou a casa, juntou-se à multidão em torno da árvore, ainda usando a sua camisa de manga curta e gravata. Não falou. Olhou para cima, para a filha, como um raio trator enviando amor. Emeline também não disse uma palavra, mas desceu para os seus braços.

Sylvie evitara pensar em como seria a sua vida depois de William ter alta do hospital. Manteve a cabeça baixa e apareceu no seu quarto, sabendo que era onde pertencia. Esperara, ao princípio, que a saída do hospital a devolvesse ao seu antigo eu. Mas agora sentia-se como se estivesse sentada no ramo da árvore ao lado da pequena Emeline, sem vontade de descer. Viu Ernie, com a sua covinha no queixo e expressão jovial. Os colegas de trabalho a conversar acerca de leitores esquisitos, do tempo, dos planos para o fim de semana. Mas não havia um olhar com raio trator de Charlie, porque não havia Charlie, e também não havia Julia. Ela veria William quase nunca, ou mesmo nunca, porque a crise tinha passado, e seria perigoso para ela passar tempo com ele. Podia estender a mão para a dele ou ser incapaz de calar os seus sentimentos. Sylvie encostou-se mais ao corpo pequeno de Emeline e segurou-se bem ao ramo. Não era possível voltar àquele terreno solitário e desolado, onde as irmãs, que acreditavam que morreriam se fossem separadas, se tinham separado.

William

NOVEMBRO DE 1983 – DEZEMBRO DE 1983

Depois de sair do hospital, William viveu da forma que imaginava que viviam os bêbedos quando paravam de beber: cuidadosamente e um dia de cada vez. Sentia-se alojado de novo no seu corpo, consciente de que qualquer negligência podia fazer ruir todo o edifício. Todas as manhãs saía da sua cama de solteiro, tomava quatro dos oito comprimidos que tinha de engolir diariamente e fazia o máximo de flexões que conseguia — cinco, ao princípio —, e depois os exercícios para o joelho que o cirurgião lhe recomendara anos antes e ele ignorara. William quase ficava divertido pela forma como o seu joelho estalava durante os alongamentos, emitindo queixas sonoras por lhe pedirem que funcionasse. Mas não parou, e nunca falhou um dia; tinha de realizar ações deliberadas em direção à estabilidade e à saúde.

— Quando te visitar, vamos fazer corridas juntos — disse Kent, num dos seus telefonemas. — Tens de te pôr em forma.

William assentiu para o quarto vazio. Tinha tido sorte por a *suite* da residência estar equipada com um sofá e uma cama quando chegou; aquelas paredes tinham visto uma porta giratória de adultos questionáveis ao longo dos anos: homens adultos que tinham vidas bastante pequenas para caberem no conjunto de quartos em miniatura, que estavam dispostos a lidar com emergências a meio da noite e a tirar os estudantes do edifício se houvesse fogo. «Mais um

divorciado, hein?», dissera o idoso segurança quando entregara as chaves a William, como se mantivesse um inventário das razões para os homens acabarem ali. William podia ter dito, *Hospital psiquiátrico, mais propriamente*, para o chocar, mas não o fez. Quanto menos pessoas soubessem de onde ele tinha vindo, melhor.

William disse a Kent:

— Vou correr, mas não perto do lago. — Ele sabia que provavelmente não precisava de dizer aquelas palavras, que Kent naturalmente os manteria afastados da linha costeira, mas William desejava ser claro acerca do que não queria, quando sabia o que isso era. Antes da hospitalização, estava sempre a fazer coisas que não queria, e tornara-se tão bom a abafar as suas preferências que raramente tinha consciência delas. Assim, saber que não queria correr ao longo do caminho do lago, parecia-lhe um progresso.

Tentou a mesma abordagem com Cecelia quando ela lhe trouxe uma pintura de Alice para pendurar na parede do quarto. Ela considerou o seu conjunto de pequenas salas — um quarto, uma minúscula zona de estar e uma cozinha ao longo da parede — aceitável.

— Pelo menos deram-te estantes — disse ela. — Mas fazia-lhes falta uma pintura. Vejo que a Sylvie te trouxe um lote da biblioteca.

Era verdade; todos os livros nas suas estantes estavam forrados com plástico e tinham o selo da Biblioteca Lozano na lombada. Sylvie chegara uma tarde com quantidades iguais de ficção, não-ficção e poesia; a não-ficção era toda relacionada com basquetebol — biografias de jogadores e histórias do desporto.

— Cuidado, Iz — disse Cecelia. A menina de 13 meses caminhava lentamente pelas salas, com o seu pequeno rosto muito concentrado sob os caracóis despenteados. Parecia estar a avaliar o espaço; as paredes, a mobília. Espreitou para debaixo da cama, depois foi à casa de banho inspecionar a banheira. Quando William entrara no hospital, Izzy ainda era uma bebé que era transportada para todo o lado; ele não parava de se surpreender com este ser humano minúsculo que inspecionava os seus pertences.

— A Sylvie diz que troca os livros quando for a data de entrega — disse ele. — Quer dizer, eu disse-lhe que não era preciso, mas... — Encolheu os ombros. Estava intensamente consciente do seu alívio por

ser Cecelia e não Sylvie quem estava ali agora. Ele sentia-se confortável com Cecelia. Ela era a mesma que sempre tinha sido com ele, e os seus sentimentos por ela não tinham mudado. O que não era o caso com Sylvie. Parecia-lhe que costumava ver Sylvie através de uma pequena abertura numa porta, e agora a porta fora escancarada. Ela exigia a sua atenção completa, de uma forma que o confundia, e sempre que estavam juntos ficava com os braços em pele de galinha. Sylvie aparecia em sua casa de tantos em tantos dias, e a presença dela sobressaltava-o sempre, como se tivesse recebido um choque elétrico.

Ele sabia, racionalmente, que esta mudança podia ser explicada pelo facto de Sylvie o ter acompanhado no momento mais turbulento da sua vida. Sentara-se ao lado da sua cama de hospital, falara com a psiquiatra. Recebera os seus segredos. Ele ficara confuso ao acordar no hospital e encontrar Sylvie ao seu lado, mas ela também parecia confusa, e de alguma forma eles começaram de novo a partir do mesmo ponto de aturdimento. Ela aceitara-o inquestionavelmente, mesmo quando ele estava inchado com água do lago. Isto surpreendera William, e ainda surpreendia. Ninguém na sua vida exceto, talvez, Kent, alguma vez o aceitara exatamente como ele era, e Sylvie aceitara-o quando estava tão destroçado que quase não era uma pessoa.

— A cozinha é um pouco desmazelada — disse Cecelia, franzindo a cara para o lava-loiça, minifrigorífico e placa elétrica. — Não sei bem o que podemos fazer com ela.

— Cecelia? — disse ele.

Ela olhou-o. De todas as irmãs, ela era a que o lembrava mais de Julia. Partilhava o mesmo foco cauterizante da irmã mais velha. Cecelia era mais curiosa do que Julia, contudo, e mais interessada em ir ao fundo das coisas. Ele sabia que Cecelia uma vez dissera às irmãs, «Estou-me nas tintas para o que as pessoas pensam de mim». William ficara perplexo com isso, em parte porque acreditava nela e em parte por não lhe ter ocorrido que essa era uma opção.

— Obrigado pela pintura da Alice, mas não a quero pendurar. Eu... — Hesitou. — Eu não a quero.

Cecelia não se mostrou ofendida; examinou o rosto de William da mesma maneira que Izzy examinava neste momento a maçaneta da

porta do quarto.

— É demasiado doloroso olhar para ela?

— Já não sou o pai dela.

Os olhos de Cecelia flamejaram; William estava a ser honesto com ela, e isso agradava-lhe.

— Ainda és o pai dela — disse. — Abdicaste dela por causa da tua depressão. E para agradar à Julia. Isso não quer dizer que não ames a Alice. E não quer dizer que não mereças olhar para ela.

William tinha sido criado por pais infelizes, e tinha sido infeliz desde as suas memórias mais antigas. Sabia que um pai podia ser presente e não-violento na vida de um filho e ainda assim destruir esse filho. A dor dos pais de William tinha-lhe dado forma, como um glaciar movendo-se silenciosamente através de um vale. Alice estaria melhor se o seu universo estivesse cheio da luz de Julia e nenhuma da escuridão dele.

— Não o quero fazer — disse.

Cecelia lançou-lhe um olhar avaliador.

— É interessante conhecer-te agora — disse ela —, depois de ter estado na tua vida por tanto tempo. Tomaste uma decisão corajosa. Não tenho a certeza se é a correta, mas é corajosa. É o género de decisão que a Julia tomaria.

William sorriu, porque Cecelia tinha razão. A sua ex-mulher era a orquestradora de grandes planos e de ações que modificavam vidas. Parecia irónico ele ter tomado o mesmo género de decisão na ausência dela. William quase disse a Cecelia que não se importaria de ter um retrato de Julia na parede, que essa ideia não o incomodava. O seu casamento tinha acabado. Ele despedira-se dos pais num comboio e da mulher na sala de estar. Estava grato por Julia ter deixado Chicago. Ele partira da sua vida antiga, e ela também. Mas evitava pensamentos sobre Alice, por isso, naturalmente, queria evitar a pintura de Cecelia.

— Eu pinto-te outra coisa — disse Cecelia. — Sabes que vais passar o Natal em casa da Sylvie, não sabes? Ela disse que estavas a resmungar que querias ficar sozinho, mas isso não é aceitável. De qualquer maneira, a nossa família já se tornou demasiado pequena. — Pegou na pintura de Alice que encostara à parede e meteu a mala ao ombro. — Vamos, feijãozinho — disse. Izzy apareceu vinda do *closet* e dirigiu-se a eles. *Estavas a contar os meus ténis?*, pensou William. Deu

um passo atrás, para se desviar do caminho delas, mas Izzy foi ter com ele. Caminhou direita a ele, a cabeça ao nível do seu joelho magoado, e abraçou-lhe com força a barriga da perna.

— Bom trabalho, Iz — disse Cecelia e Izzy largou-o e foi dar a mão à mãe. Depois de elas se irem embora, William ficou de pé no meio da sala até voltar a respirar normalmente. Custava-lhe ser tocado e não esperara aquilo.

William estava sentado nas bancadas do ginásio e observava os treinos. Não tinha um cargo oficial no *staff*; por enquanto, estava ali apenas para ser prestável. O programa era forte este ano, com um excelente rol de atletas. A NBA estava dominada pela rivalidade entre Magic e Bird, e os jogadores universitários sentiam-se inspirados a imitar os seus passes sem olhar. Os treinos eram ruidosos, cheios de palavrões e vivas de prazer quando um dos jogadores tentava um movimento vistoso e conseguia concretizar.

Arash dera a William um dossiê com informações que incluíam as transcrições das suas entrevistas desse verão; William documentara-as num gravador miniatura, a pedido de Arash. O jogador da equipa com o salto vertical mais alto era o que contara a William ter sido esfaqueado, e William reparou na sua expressão preocupada ao jogar. O jovem de testa alta dava por vezes palmadinhas no próprio ombro, e William perguntou-se se o deslocara recentemente e se tinha dores. Os rapazes com concussões passadas muitas vezes esquivavam-se ao contacto e ele perguntou-se se teriam medo de que os seus cérebros embatessem uma segunda vez no crânio. William observava os jogadores e as suas histórias andavam para um lado e para o outro no campo. Relia os conteúdos do dossiê à noite na cama, pois quanto mais preparado estivesse, mais hipóteses tinha de ser útil. William sentia a informação a rodopiar dentro dele. Ele acreditava — ainda que essa crença estivesse ocultada pela ansiedade — poder fornecer a esta equipa um serviço que mais ninguém podia. Talvez fosse algo pequeno, quase indetetável, mas haveria ali qualquer coisa. Ele apenas tinha de perceber o quê.

Ao reler as transcrições das suas entrevistas com os rapazes — os seus olhos estavam tão cansados que aterravam pesadamente em cada

palavra —, William foi lembrado do seu próprio manuscrito, onde as suas perguntas também apareciam em itálico. O manuscrito estava no seu roupeiro, numa caixa que ainda não fora aberta, juntamente com outros artigos do apartamento de Northwestern; William e Kent tinham esvaziado a pequena arrecadação pouco depois de ele sair do hospital. Por fora da caixa, com a caligrafia de Julia, estava escrito COISAS DO WILLIAM. Ele não estava preparado para ver o manuscrito, para considerar se queria escrever mais sobre o basquetebol. Quando William tentava recordar as suas perguntas nas notas de rodapé, apenas conseguia lembrar-se de dúvidas e ansiedades, como se estivesse a pisar gelo fino. Também lia uma nota de preocupação nas suas perguntas nas transcrições. Aí, parecia preocupado com o estado do gelo que os rapazes pisavam. William perguntara: *Já te lesionaste? Durante a secundária ou nos verões? Foi muito mau? Tiveste alguém que te ajudasse?*

Apareceu no apartamento de Sylvie no Natal, mas apenas porque pensou que uma das irmãs iria lá a casa buscá-lo se não o fizesse e não queria arruinar a celebração da irmã que fosse forçada a esperar por um autocarro para Northwestern debaixo de neve. Teria passado o Natal com Kent, mas este ia viajar para Des Moines, para conhecer a família da namorada. William compreendia que as três irmãs tentassem continuar a ser uma família para ele, e apreciava muito a sua gentileza, mas sabia que tinha de parar de passar tempo com elas.

Ele tinha uma visão clara de como devia ser a sua nova vida. Seria uma figura solitária e monacal. Afinal, essa era a forma mais segura de não magoar ninguém. Tinha as suas horas com a equipa de basquetebol, a sua amizade com Kent e um teto sobre a cabeça. A maior parte da sua nova vida ocorreria fora do campo de basquete, onde ele podia ajudar jovens jogadores a evitar o género de lesão que sofrera. Seria uma boa vida, plena de propósito e amizade. Não precisava de família, nem de cunhadas, e decerto não precisava do que quer que Sylvie se tornara para ele. Prometera a si próprio, na viagem de autocarro para Pilsen, que este seria o seu último serão com as Padavanos. Elas ficariam melhor sem ele.

Chegou com um carro dos bombeiros embrulhado para Izzy e três

camisolas de mulher idênticas que comprara em pânico na loja do *campus* da Northwestern. O apartamento de Sylvie era pequeno, especialmente com uma árvore de Natal a ocupar um dos cantos, por isso William encostou-se à parede, perto da janela aberta. Sabia-lhe bem o ar frio nas costas. Izzy marchava em círculos pelo espaço, vacilando ocasionalmente, porque nessa tarde estivera demasiado excitada para dormir a sesta. Sylvie serviu a comida de festividade preferida de Charlie: sandes de peru. As três irmãs pareciam felizes juntas, mas olhavam à vez para a porta fechada do apartamento. Ocorreu a William que elas esperavam que os membros da família em falta pudessem aparecer magicamente: Julia e Alice, Rose, e até o pai. As Padavanos nunca tinham passado um Natal assim, separadas, e as três irmãs que ainda ali estavam eram assoladas por fantasmas.

William não perguntara, mas partia do princípio de que Julia não fazia ideia de que as irmãs estavam a passar o Natal com ele. Queria pedir desculpa por lhes dar mais uma razão para mentirem à irmã mais velha, mas sabia que isso deixaria toda a gente desconfortável. Ele não devia ter vindo. Perdas e fantasmas eram a sua sombra, e a sua escuridão disseminava-se através do pequeno apartamento.

— Estás bem? — perguntou-lhe Emeline, chegando ao lado dele. Usava a camisola de riscas brancas e roxas que ele lhe dera, assim como Cecelia e Sylvie. Pareciam membros de alguma equipa não identificada da época de inverno.

Ele assentiu com a cabeça e bebeu do seu vinho.

— Vou-me embora daqui a nada. Os autocarros acabam mais cedo esta noite.

Emeline olhou-o, com os olhos arregalados, e pousou-lhe a mão no braço. Percebeu que ela estava ligeiramente tocada.

— Sabias que sou lésbica? — perguntou. — Elas contaram-te? Só agora comecei a chamar isso a mim própria.

Ele não sabia. Ponderou por um momento, depois descartou o assunto como não sendo da sua conta.

— Pareces feliz — disse ele, porque ela parecia. O rosto da rapariga era completamente franco e ele percebeu que nunca tinha visto Emeline assim. Ela carregava uma hesitação dentro de si desde que a conhecera no seu jogo de basquetebol, tinha ela 14 anos. Emeline parecera sempre ocupada a cuidar de toda a gente e a tentar

ser útil, mas mantinha-se nos bastidores, como se não fosse a sua vez de viver. William pensara que a hesitação fazia parte de Emeline — parte da sua personalidade —, mas agora desaparecera. Parecia completamente viva diante dele.

Ela encostou-se mais ao seu ouvido e disse:

— Estou apaixonada.

Algo aconteceu na cabeça de William; as palavras fizeram-lhe corar as bochechas, e ele sentiu uma nostalgia tão poderosa que por um momento pensou que ia chorar. Aquela frase — *Estou apaixonada* — enviou uma dor como uma flecha para o seu passado. Ele sabia que nunca teria podido amar Julia de uma forma profunda e verdadeira, nem ela a ele. E agora, na sua vida nova e segura, ele estava preso em terra e o amor era o mar; William escolhera a estabilidade a qualquer outro risco ou perda. Sorriu bruscamente a Emeline, pegou no casaco que estava em cima do sofá e disse o seu «adeus e Feliz Natal e obrigado» a caminho da única porta do apartamento. Sentiu um grande alívio sob a neve que caía, na paragem de autocarro iluminada pelas luzes débeis da cidade. Era aqui que ele pertencia, sozinho na semiobscuridade.

William tinha voltado à sua residência apenas há meia hora — a maior parte do edifício estava agora vazio, com apenas alguns estudantes estrangeiros e atletas empenhados a permanecer ali durante as férias —, quando ouviu uma batida na sua porta. Suspirou, sabendo que seria um estudante solitário ou talvez o idoso segurança esperando que William lhe oferecesse uma bebida. Abriu a porta, lenta e relutantemente.

Sylvie estava no corredor, com a neve a derreter nos ombros do seu casaco de inverno. Tirou o casaco ao mesmo tempo que entrava. Ainda usava a camisola às riscas.

Ele pestanejou, confuso.

— Que fazes aqui? Também apanhaste o autocarro?

Ela passou por ele e foi até ao meio da pequena sala.

— Pensas que não vejo o que estás a tentar fazer?

— Desculpa?

— Estás a tentar afastar-te, desaparecer. De mim, de nós. É como se... — mordeu o lábio por um segundo. — A Júlia partiu, e tu estás a partir também.

O relógio de parede no canto tiquetaqueava sonoramente. Era um dos artigos originais do apartamento, destinado provavelmente a recordar toda a gente que ali vivesse de que o tempo estava a passar. O suor irrompeu na nuca de William. Trabalhara arduamente, quando se juntara a Julia, para convencer a família Padavano a aceitá-lo. Lera um livro sobre canalizações para aprender a consertar um cano enferrujado debaixo do lava-loiça na cozinha deles. Passara tardes a arrancar ervas daninhas na horta de Rose. Requisitara livros de poesia na biblioteca para tentar entender as referências que Charlie fazia durante as conversas. Agora sentia-se culpado por todos esses esforços e a eficácia que tinham tido. Ele e a mulher tinham-se separado e, contudo, de alguma forma, ele ainda fazia parte da família. Uma semana antes, Cecelia telefonara-lhe quando o chão da sua casa de banho tinha inundado, e William tinha ido para lá com ferramentas. As três irmãs Padavano que ainda estavam em Chicago pareciam ignorar de livre vontade a verdade da situação: William não merecia a família que Julia se sentira compelida a deixar para trás.

Por favor, vai-te embora, pensou ele. O seu corpo e o seu cérebro queriam puxá-lo para o lugar escuro e submerso onde não tinha consciência das suas emoções, onde tudo estava entorpecido. Mas já não podia fazer isso.

— Não devias estar aqui — disse. — Há regras quanto à companhia feminina fora de horas.

— Oh, por favor — disse Sylvie.

Ele concordou silenciosamente com ela. Aquela era uma desculpa patética. Ele era patético. A verdade era que William se sentia acordado e desconfortável, e queria coisas, na presença de Sylvie. Coisas que não merecia e que criariam mais confusão. Quando tinha decidido separar-se das Padavanos, na verdade referia-se a Sylvie. Sempre que ela entrava no seu quarto de hospital, o coração dele batia mais depressa. Sabia que precisava de se afastar dela. Podia tê-lo feito muito mais facilmente se Sylvie não tivesse pedido para segurar a mão dele no seu último dia no hospital. Durante toda a sua vida, William tentara manter-se controlado. Havia o rapazinho a tossir no roupeiro, tentando não perturbar os pais. O estudante universitário instável, sempre um segundo atrasado para sorrir ou corresponder a um *high five*. O jogador de basquete, sentindo-se em casa apenas quando tinha

uma bola nas mãos. O jovem que ficara aliviado por ser escolhido por uma mulher poderosa, que lhe atribuía planos e horários e até pensamentos. Seguiu todas as instruções dela, mas finalmente as instruções tinham-no afastado tanto de si próprio que ele já não era uma pessoa.

No hospital, William permitira-se sentir empatia pela criança solitária que fora outrora e pelo jovem que perdera a esperança depois de uma lesão o forçar a sair do campo de basquetebol. William encontrara a sua voz no hospital, e a medicação fez com que, quando abria os olhos de manhã, o seu primeiro pensamento não fosse sobre como conseguiria chegar ao fim do dia. O seu propósito contínuo — e, pensava ele, também o da médica — era que ele se pusesse *suficientemente* saudável, *suficientemente* bom e *suficientemente* feliz. Mas quando Sylvie pôs a mão na sua, William experimentou uma sensação que não sabia que existia. Com a mão dela na sua, sentira-se completo. O choque e o prazer tinham reverberado dentro dele. Neste momento, ele desejava que Sylvie não estivesse no seu quarto, forçando-o a ter esta conversa, e contudo queria segurar a mão dela. Queria a sensação que acompanhava o seu toque. Queria-a terrivelmente.

— Quase não olhaste para mim nem falaste comigo esta noite, e acho que fingiste não estar em casa quando passei por cá há alguns dias — disse-lhe Sylvie.

Ele assentiu com a cabeça. Deixara as luzes apagadas e fizera silêncio quando ela batera à porta.

— Devias deixar-me sozinho — disse ele. — Devias namorar e divertir-te. Sou um homem destroçado. Tens de ir viver a tua vida.

Sylvie escutou enquanto ele falava e, ao passo que Cecelia lhe mostrara uma expressão curiosa, Sylvie mostrou-lhe uma pensativa.

— Mas isso quebra o teu mantra — disse ela. — Não podes fingir que não estás em casa se vais viver sem tretas e sem segredos.

William absorveu a ideia. Ela não estava errada. Ele estava a cometer erros, e era por isso que precisava que ela se fosse embora. Precisava de viver com tranquilidade e segurança, sozinho.

— Preferia que tivesses aberto a porta e me tivesses dito que querias que eu me fosse embora. — Sylvie inspirou asperamente e o som fez William pensar numa janela a ser aberta à força. — Não quero

que te escondas, e também não me quero esconder — disse ela.

Não te estás a esconder, pensou ele. *Vejo tanto em ti, mais do que em qualquer pessoa que já conheci*. Isto começara no banco naquela noite fria, mas ele era capaz de ver a dor dentro dela, agora. Conseguia ver que ela também estava cheia de desejo. William ainda estava perto da porta. Sylvie estava no meio da pequena sala de estar, diante do sofá vermelho. William perguntou-se por um segundo o que é que os seus pais estariam a fazer naquele momento. Imaginava-os sentados em silêncio na sua sala, um lume aceso na lareira, bebidas nas mãos. Os rostos murchos pela idade e pela tristeza.

— Não vais dizer *nada*? — disse Sylvie.

Ele observou-a, tentando exprimir com o rosto que lamentava, porque parecia incapaz de falar; sentia-se incapaz de chegar à confusão de sentimentos e linguagem dentro dele e de arrancar palavras da boca.

Ela abanou a cabeça, claramente frustrada.

— Vou dizer-te uma coisa. Uma coisa que percebi por tua causa. Quando eu era pequena, o meu sonho era encontrar um grande amor, do tipo que lemos num romance de Brontë. Ou de Tolstói.

William visualizou a cena, como se folheasse um álbum: passou da imagem dos seus pais cansados para Sylvie usando um vestido de gola alta, numa estação de comboios russa.

— Quando éramos adolescentes, as minhas irmãs queriam que eu namorasse rapazes em vez de fazer o que fazia, que era andar aos beijos com eles na biblioteca. Mas eu não tinha nenhum interesse em ser uma namorada, e não me interessava tornar-me uma esposa. Sabia que se nunca encontrasse o meu grande amor, preferia ficar solteira a contentar-me com uma relação medíocre. Não suporto fingir felicidade. — Sylvie abanou as mãos por um segundo, como se estivessem molhadas e quisesse enxugá-las. — Eis, contudo, o que percebi: sempre pensei que queria esse sonho porque era romântica e destinada a viver uma grande vida, mas isso não era verdade. Criei esse sonho porque a vida real me assustava, e esse sonho parecia tão improvável que nunca pensei que se realizasse. Nunca tinha visto pessoalmente esse tipo de amor. Os meus pais amavam-se, mas mal, e eram infelizes. E era o mesmo com todos os outros casais que conhecia no meu bairro. Tu já alguma vez viste esse tipo de amor?

William abanou a cabeça. Ele casara por medo, porque não se achava capaz de se orientar para a vida adulta. Precisava que Julia fosse uma figura parental, mais do que a sua parceira. Tinha vergonha disto, mas era a verdade.

— Não acreditava que alguma vez encontrasse um homem, sem ser o meu pai, que realmente me compreendesse. Que visse a forma como olho para o mundo, o que ler significa para mim, como me questiono acerca de tudo. Alguém que visse a melhor versão de mim, e me fizesse acreditar que eu podia ser essa pessoa. — Sylvie pestanejou na sua direção várias vezes, como que tentando sustar as lágrimas. Tinha as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo. — Eu pensava que esse género de amor era um conto de fadas. Pensava que esse tipo de homem não existia. O que me fez sentir bem por ter um sonho e, apesar disso, poder ficar em segurança com as minhas irmãs.

Sylvie lançou-lhe um longo olhar, e William soube que estava num sarilho terrível. Ele não ia virar costas — estava a pisar fogo.

— Vejo-te por inteiro — disse ele, mas a sua voz era calma.

— Eu sei que vês. Soube que era possível quando li o teu livro. E quando segurei a tua mão. — Ela deteve-se.

Ele lembrou-se de Emeline a dizer «Estou apaixonada.»

— Isto não pode acontecer, Sylvie. — William falou firmemente desta vez, do centro do fogo, para que ficasse claro. *Fui casado com a tua irmã*, pensou. Desejou que, quando conhecesse Julia Padavano no pátio da universidade, se tivesse ido embora e a tivesse deixado sozinha. Ele sabia, mesmo nessa altura, que havia algo de errado com ele; só não sabia o que era e o que fazer. A Julia de 18 anos brilhara para ele como um farol, e ele usara o seu brilho para iluminar o caminho à sua frente. — Eu posso sair de Chicago — disse, sabendo, enquanto proferia as palavras, que se deixasse as Padavanas e as instalações universitárias e Arash e a equipa de basquetebol, se quebraria em pedaços demasiado pequenos para voltarem a ser colados. — Olha — disse William, agora desesperado. — Tem de haver outros tipos. Arranja outro tipo. Continua à procura.

— Não há outro tipo — disse ela. — És tu.

— Eu não mereço isto. — Ele referia-se a tudo: a este momento, a esta mulher diante dele, à mão dela na sua, pois ela atravessara a sala e agora segurava-lhe a mão. Foi percorrido por calor.

— Bem, eu mereço — disse Sylvie. E, inclinando-se para a frente, beijou-o.

Sylvie

DEZEMBRO DE 1983 – AGOSTO DE 1984

No último dia no hospital, quando Sylvie segurara a mão de William e admitira a si mesma que o amava, tencionava manter esse conhecimento só para ela. Limitaria o contacto com ele. Trabalharia horas extra na biblioteca, arranjaria passatempos novos — exatamente o quê, não sabia — para se ocupar e, à míngua de oxigénio, os sentimentos dentro dela desapareceriam. Mas o plano não funcionara. Nada funcionara. Os sentimentos pareceram apenas expandir-se. Na biblioteca, as mãos de Sylvie tremiam enquanto arrumava livros. Descobriu que era incapaz de ler, porque se ligasse a imaginação, não entrava no mundo do romance mas num quarto habitado por William. Os olhos dela encontravam os dele e Sylvie e William diziam em silêncio um ao outro tudo o que era importante. Obrigava-se a dar grandes passeios depois do trabalho, para se cansar e conseguir dormir, mas todas as noites ia para a cama e sentia as suas costuras invisíveis esticarem ao ponto de rebentarem.

No dia de Natal, quando William examinara cada centímetro do seu apartamento exceto o ponto onde Sylvie estava, quando o seu olhar recortara cirurgicamente em torno dela até a fazer sentir-se, novamente, como um fantasma, ela perseguira-o através da neve. Estava zangada. Planeava — na medida em que planeou tudo durante a viagem de autocarro — aparecer na sua residência e fazê-lo olhar para ela. Era tudo o que tencionava fazer. Contudo, na sua presença,

vendo a sua cara doce e triste e os olhos azuis que assolavam os seus sonhos, ela queria mais. Queria paz e a capacidade de se deitar na cama sem sentir que ia explodir. Queria dizer as palavras agrilhoadas dentro de si. Queria tudo, porque conseguia sentir os muros que ambos tinham erguido para conter os seus desejos, e conseguia sentir a enorme beleza que se encontrava do outro lado desses muros.

Quando finalmente se beijaram, no meio da minúscula sala de estar de William, com a neve a cair lá fora, a pressão dentro de Sylvie desapareceu. Com o corpo leve, ela experimentou uma nova forma de alegria e significado. Pensou: *É por isto que vivemos*. Ela e William abraçaram-se e falaram: Sylvie para o peito de William e ele para o seu cabelo. Entre frases e por vezes palavras, beijavam-se. Sylvie percorreu-lhe com as mãos os ombros, o cabelo. Há tanto tempo que desejava tocá-lo que o prazer quase doía através dela, e a proximidade dos seus corpos tornava-lhe difícil concentrar-se na conversa. Ela queria tudo de uma vez. Estivera sozinha e fraturada desde que Charlie morrera. Mentia a Julia desde que saíra de casa dela e de William. A noite no banco abria William e Sylvie um ao outro, e ela tentara fugir dessa conexão, mas os seus esforços para escapar tinham-na estrangulado. Nos braços dele, foi capaz de respirar profundamente pela primeira vez em quase um ano.

Nenhum deles se preocupou com a pontuação, e nenhum deles recebeu ofender o outro. Simplesmente partilhavam os seus sentimentos que, a um certo nível, já conheciam. Sylvie contou a William como se sentira vista no banco e o vira, também, nas suas notas de rodapé, e ele disse-lhe que sentira um à-vontade com ela, uma totalidade que nunca sentira na sua vida.

— Não podemos contar a ninguém — sussurrou ela, e ele concordou. Sylvie disse a si própria que não estavam a quebrar as condições do mantra de William, porque não havia segredos entre eles. O seu amor e honestidade teriam de ficar dentro daquela sala, mas esta sala parecia enorme depois dos confinamentos do corpo de Sylvie.

Sylvie imaginou o pai a sorrir num gesto de aprovação, enquanto ela e William ultrapassavam os rótulos e se abraçavam nas sombras. Ela voltou ao alojamento dele na noite a seguir ao Natal, e quase todas as noites depois disso. Com William, Sylvie sentia-se livre para

desfraldar velas. Mostrou-lhe episódios que escrevera acerca da vida com a sua família quando ela e as irmãs eram pequenas. Falou-lhe da conversa com Charlie nas traseiras da mercearia. Deleitou-se com o facto de poder mostrar e dizer a William tudo o que lhe vinha à cabeça, sem se preocupar que ele a interpretasse mal ou a achasse estranha. Recitou-lhe as anedotas péssimas que um leitor da biblioteca — um velhote com óculos fundo de garrafa — partilhava com as bibliotecárias todas as tardes, e algumas eram tão ridículas que ela e William se riam até ficarem com lágrimas nos olhos. Sylvie era tudo com ele: tola, triste, inspirada, satisfeita em todas as células do seu corpo.

— A nossa relação, seja como for, não me parece uma relação — disse ela uma noite quando viam um jogo dos Bulls na pequena televisão em casa dele. Tinha estado sentada ao seu lado, lendo intermitentemente um romance. O jogo estava com o som baixo e a porta com a tranca dupla, para dar tempo a Sylvie de se esconder na casa de banho se alguém batesse. Dormia no quarto de William algumas noites por semana, o que implicava sair antes da alvorada, sem fazer barulho, para William não se meter em sarilhos.

— O que é que parece? — perguntou ele, sem desviar os olhos do ecrã.

— Como se todos os muros tivessem sido derrubados. Como se já não precisássemos de um teto ou de portas. São irrelevantes.

— Então, estamos no exterior. — Ele virou a cabeça e sorriu-lhe. Era o seu novo sorriso, que aparecera depois do primeiro beijo. William raramente sorria, e quando o fazia parecia um sorriso obediente, como se ele soubesse que o momento exigia um sorriso e por isso a sua cara puxasse as alavancas certas para formar um. Sylvie queria passar o resto da vida a provocar este novo sorriso. O rosto de William parecia vivo, grato e feliz. Sylvie sabia que William era feliz com ela, sabia que ele se sentia grato; ele sussurrava a sua felicidade contra a sua pele à noite.

Ele também queria que a sua relação se mantivesse secreta para sempre, que era o mesmo que dizer, até Sylvie recuperar o juízo e o abandonar. William não sentia que isto contradissesse o seu mantra; este secretismo era, na verdade, apenas uma manobra de adiamento, um momento de alegria roubada antes de eles reunirem forças para se

separarem.

— Não mereço isto — dizia ele quase todos os dias até Sylvie lhe pedir por favor que nunca mais o repetisse. Mas ele disse-o agora porque não conseguiu evitá-lo.

— Eu mereço felicidade e totalidade? — perguntou ela.

— Claro.

— Então, faz isto por mim.

— Amar-te por ti?

William levantou-se para desligar a televisão. Pendurada por cima desta estava a pintura que Cecelia ali deixara recentemente. William contara a Sylvie que Cecelia corara ao mostrar-lha. «Pinto sempre retratos», dissera ela. «Mas gosto de um desafio. Não sei bem o que é, mas há aqui algo que, tecnicamente, funciona». Sylvie achava a pintura linda. Se não soubesse que tinha sido pintada pela irmã, nunca teria adivinhado. Era parte paisagem, parte exploração da luz, e chuva. Sylvie lembrava-se de Cecelia ter dito às irmãs que queria pintar chuva como Van Gogh pintava estrelas. Havia água pesada na tela, misturada com luz suave. Foi a luz que lhe atraiu a atenção.

— Amar-te-ei, haja o que houver — disse William. — Mas não quero magoar mais ninguém. Não suportaria magoar-te, Sylvie. Eu devia ficar sozinho. O que é que a tua família vai dizer? E a Julia? — Fez uma careta ao dizer o nome dela. — Essas memórias que estás a escrever. A maior parte delas são acerca de ti e dela.

— Bem, claro. São acerca de nós as quatro.

William abanou a cabeça tristemente. Ela quase conseguia escutar o seu pensamento, *Nada de tretas nem de segredos*. Ele disse:

— Percebo o quanto sentes falta da tua irmã, quando leio o que escreves.

Sylvie ficara aborrecida, o suficiente para fechar o livro, enfiar a camisa de dormir e a escova de dentes na mala e ir-se embora. Atravessou o *campus* em direção à paragem de autocarro, e o ar frio arrefeceu-lhe as bochechas quentes. Estava irritada consigo mesma por ter reagido excessivamente ao que William dissera. Telefonar-lhe-ia quando chegasse a casa. Ele tinha razão, claro. Para ela, isto tinha que ver com Julia. William queria que se mantivessem em segredo para poderem separar-se sem mais ninguém ser atraído, ou mesmo saber da existência, da sua órbita. Sylvie queria manter o seu amor secreto por

causa da irmã mais velha. Quando tentou imaginar como seria Julia descobrir que ela e William estavam apaixonados, Sylvie teve de abanar a cabeça para eliminar as imagens do desgosto. Julia odiá-la-ia. Sylvie estava a traí-la; a única solução era ninguém saber.

Era março, e Julia e Alice estavam fora há quase cinco meses. O projeto do Professor Cooper prolongara-se e ela, sem consultar ninguém da família, decidira manter-se em Nova Iorque. «Por quanto tempo?», perguntara-lhe Cecelia ao telefone. «Veremos», respondera Julia. «Tenho saudades vossas, mas eu e a Alice estamos bem.» Sylvie ficara aliviada ao saber do adiamento. Ela e a irmã mais velha falavam ao telefone duas vezes por mês depois de Alice ir para a cama à noite; revezavam-se no estabelecimento da dispendiosa chamada de longa distância. Nem ela nem Julia mencionavam a tensão que estivera imbuída na sua despedida; ambas faziam de conta que não tinha acontecido. Julia estava sempre cansada depois de um longo dia de trabalho, mas também entusiasmada, com a cidade, com as pessoas elegantes com quem trabalhava, com as roupas que as mulheres usavam em Nova Iorque. Soava radiosa, polida pela exaltação e mais viva do que alguma vez estivera. «Fala-me de ti», dizia Julia a Sylvie quando acabava de lhe dar as novidades. «Tenho saudades tuas. Conta-me tudo». E Sylvie falava das orlas da sua vida — o trabalho, o lava-loiça a pingar no seu estúdio, a última vez que tomara conta de Izzy — mas omitia o que importava.

— Pareces feliz — dissera Julia no fim do telefonema.

— Tu também.

— Estou feliz por nós — respondeu a irmã.

Sob os ramos pesados das árvores do *campus*, Sylvie imaginava agora a irmã mais velha a abanar a cabeça. *Não podes continuar com isso para sempre*, disse a Julia imaginária. *Tens de fazer uma escolha*. A irmã mais velha de Sylvie era parte dela, de uma forma que as irmãs mais novas não eram; as duas raparigas Padavano mais velhas tinham sido entrelaçadas juntas durante a infância. Talvez por causa disso — ou talvez por Sylvie saber que não havia fronteiras, o que significava que Julia era parte dela — transportava a irmã consigo, apesar de esta ter saído de Chicago. Julia descia a rua ao lado de Sylvie, sentava-se à frente dela nas mesas dos restaurantes e estava ao seu lado diante dos espelhos das casas de banho. Sylvie sentia-se grata por esta versão da

companhia da irmã. Recentemente, algo acerca de Julia surgira numa conversa e Emeline tinha dito, «Deves sentir a falta dela». E Sylvie respondera, «Sim, mas não demasiado». E era verdade, mas de uma forma que mais ninguém podia compreender exceto, talvez, a própria Julia.

Kent foi o primeiro a descobrir. Ele e Nicole — uma rapariga cheia de vivacidade, com um sorriso que rivalizava com o do namorado — visitaram William no princípio de abril, e Kent percebeu imediatamente que algo tinha acontecido. William tentou perguntar acerca do seu noivado e admirou o anel de Nicole, que pertencera à amada avó de Kent, mas o amigo apenas o fitou e disse:

— Conta-me o que se passa. Pareces completamente diferente.

— Não pareço diferente — disse William. — Estou numa forma ligeiramente menos péssima, talvez. Agora consigo correr cinco quilómetros.

Kent abanou a cabeça.

— Talvez seja uma rapariga — sugeriu Nicole, examinando William como se ele fosse um cliente que tivesse ido à sua clínica.

Kent começou novamente a abanar a cabeça, porque isso era impossível, mas algo mudou no rosto de William ao ouvir as palavras, por isso ele parou. Observou o amigo.

— Uma rapariga? Quem? — Kent conhecia toda a gente na pequena vida de William, toda a gente envolvida no basquetebol da Northwestern, toda a gente do hospital.

William viu o amigo analisar possibilidades, e então disse, em voz baixa:

— A Sylvie.

Houve uma pausa enquanto Kent pegava nas peças que lhe tinham sido entregues e as encaixava. A cena diante do lago, a viagem de ambulância para o hospital, Sylvie sentada à cabeceira da cama de William.

— Claro! — disse, e deu um abraço a William que fez Nicole rir de prazer.

— Cuidado... não o magoes, Kent — disse ela, porque Kent pesava mais vinte quilos do que William.

Kent telefonou a Sylvie para a biblioteca e disse-lhe que viesse imediatamente. Abraçou-a também, com muita força, e ela sentiu o seu alívio no abraço.

— Isto é maravilhoso — disse ele. — Eu devia ter previsto. Estou um pouco decepcionado comigo mesmo. — Olhou para ambos. — Consigo perceber as complicações inerentes, porém.

Sylvie sentiu-se embaraçada diante de Nicole, que era linda e que ela acabava de conhecer. Perguntou-se se esta jovem a considerava uma pessoa terrível por se ter apaixonado pelo marido da irmã. Esta era a primeira vez que Sylvie considerava a opinião dos outros, e sentiu-se nua, despojada, sob o olhar de Nicole. Percebeu que William ficara quase inconsciente com a partilha da notícia. Estava sentado no sofá vermelho com uma expressão estupefacta. Sylvie apertou-lhe a mão para o recordar de que estava ali. Para o impedir de se afundar debaixo de água.

— Isto não vai continuar. Vamos separar-nos em breve — disse William. — Pela Sylvie.

Kent olhou para Sylvie e ela abanou a cabeça.

— Mas precisamos de manter isto em segredo — disse ela. Tinha estado a fazer cálculos e concluía que não fazia mal Kent e Nicole saberem. Eles não tinham contacto com as gémeas nem com Julia. Viviam em Milwaukee. O facto de saberem significava, simplesmente, que o minúsculo quarto de residência que o amor de William e Sylvie habitava se tornara um pouco maior. Sylvie achou que podia ser bom; ela e William podiam, talvez, ir jantar fora com Kent e a namorada. Um encontro a pares, como um casal normal. Ela e William podiam gerir uma expansão pequena e controlada da sua vida secreta. William poderia conversar com o seu melhor amigo.

Kent pôs-se a andar de um lado para o outro diante deles.

— Vocês amam-se?

Eles moveram as cabeças para cima e para baixo. William relutante, Sylvie arrojada.

— Maravilhoso. Isto é maravilhoso. Mas o secretismo tem de acabar. Imediatamente. Não é saudável, e a tua saúde tem prioridade máxima, William. Tu sabes como é.

Sylvie pôs as mãos sobre os olhos. Sentia-se uma criança de 3 anos à beira de uma birra, corada de irritação e embaraço. Kent dirigia a

sua atenção a William, para recordar a Sylvie que ele era a perna frágil da mesa. Para a recordar de que, se William enfraquecesse, ia tudo ao chão.

— Contaste à tua terapeuta? — Kent examinou o rosto do amigo. — Não? Isso não é bom. Tens de contar a toda a gente. É crucial. — *Crucial para o William sobreviver*, dizia a expressão de Kent. — Não podes esconder o amor — disse ele, e Sylvie, ainda tapando a cara com as mãos, perguntou-se, *Será verdade?*

Onde estava o seu amor? Podia ser escondido? Sylvie via o amor a ser emitido do rosto de William quando a olhava, como luz a infiltrar-se pelas fissuras de uma parede. O amor de Sylvie por ele fazia tanto parte dela como as suas próprias mãos, o seu rosto. Ela nunca teria escolhido amar William; nunca teria escolhido arrebatat o marido da irmã para o seu próprio coração. Contudo, não era um sentimento que ela e William dessem um ao outro; eles eram o seu amor. Sylvie sentia que, se se afastasse dele, terminaria. Já não seria Sylvie; seria uma casca do que tinha sido, avançando através de dias que não significavam nada.

Kent disse:

— Para ser claro, vocês têm de acabar ou, então, contar a toda a gente. — Olhou para Sylvie. — São as duas únicas opções.

Um nevoeiro dissipou-se dentro de Sylvie. Ela sabia que a sobrevivência de William exigia que ele vivesse a sua vida segundo os seus próprios termos. Mentir a si próprio e mentir aos outros, era tirar os pés de terreno sólido, e Sylvie não podia concordar com isso. William tinha razão, desde o primeiro beijo, em achar que aquele segredo tinha de ser temporário, e Sylvie sabia, desde o primeiro beijo, que não podia voltar a viver sem William. Ele tornara-se o oxigénio de que ela precisava para respirar. Sylvie apenas ainda não fora capaz de conciliar essas duas verdades, até agora.

Kent continuava a andar de um lado para o outro.

— Vais dizer à tua médica, William. Eu conto ao Arash. Não te preocupes. Fá-lo-ei de forma descontraída. E ele vai ficar encantado porque adora a Sylvie. Isso resolverá as coisas com as pessoas com quem passas os teus dias. Sylvie. — Kent olhou para ela, para avaliar o seu progresso. Assentiu com a cabeça, ao perceber que ela estava a acompanhar. — Tu tens de contar às outras pessoas.

Sylvie confirmou com a cabeça e disse:

— Sim, Capitão.

Contou às gémeas ao mesmo tempo. Chamou-as a sua casa numa ensolarada tarde de maio. A janela estava aberta e o ar que entrava cheirava a primavera.

Cecelia usava roupas de pintura — um par de jardineiras cor de azeitona com muitos bolsos para pincéis e trapos. Estava a trabalhar num mural em Loomis Street quase dia e noite. Pintava durante o dia, mas depois voltava a sair de casa às duas da manhã — deixando Izzy em segurança com Emeline — e trabalhava até ter sono outra vez. Esta era a primeira encomenda de um mural que ela recebera, de um conselho de artes local, em que podia pintar o que quisesse. Sylvie passava por lá todos os dias, para ver a irmã, no caminho para a biblioteca ou de volta a casa. Sabia que Cecelia não gostava de falar acerca de uma pintura enquanto estava a decorrer, por isso apenas observava. A primeira coisa que aparecera no muro fora o esboço do rosto e ombros de uma mulher. Na última semana, enquanto a mulher era preenchida, começou a parecer-lhe familiar. Parecia orgulhosa e feroz. Sylvie perguntou-se se a mulher seria a própria Cecelia, ou talvez Emeline ou Julia. Hoje sentiu um arrepio de preocupação, ao pensar que a irmã podia estar a pintá-la a ela. Cecelia podia estar a revelar no muro o verdadeiro eu de Sylvie. Se a mulher no muro fosse ela, então o seu amor e o seu desfraldar de novas velas estaria em exibição para toda a gente ver. Fora esta possibilidade que fizera Sylvie parar de procrastinar, a fizera ligar às irmãs e pedir-lhes que viessem. A ideia de ser revelada pelo pincel de Cecelia era inaceitável; tinha de ser ela a revelar-se.

— Sabíamos que vinha aí alguma coisa — disse Emeline —, porque tens andado esquisita. — Ela vinha da creche, o que significava que estava ligeiramente peganhenta, com gelatina e massa de modelar.

— Também és gay? — perguntou Cecelia com um sorriso. Sentou-se ao lado da irmã à pequena mesa da cozinha de Sylvie.

Sylvie abanou a cabeça. Pensou, *Quem me dera que fosse essa a minha notícia.*

— Querem água? Ou... — tentou pensar no que tinha nos armários. — Bolachas?

— Desembucha — disse Cecelia. — A Em tem aula esta noite e a Sra. Ceccione está a tomar conta da Iz, por isso preciso de chegar a casa cedo.

Sylvie inspirou fundo para se encorajar, como se estivesse prestes a dar um mergulho, e revelou-lhes o conteúdo do seu coração. Começou pelo momento em que pegara na mão de William à beira do lago e explicou que se sentia viva com ele, como um círculo completo, a totalidade do seu confuso ser.

— Quando damos as mãos... — disse, mas não fora capaz de terminar essa frase com William e também não era agora. Por vezes as palavras eram como pedras atiradas a uma janela, e o que ela procurava era a própria janela.

As irmãs ficaram caladas quando ela acabou de falar. Havia um ruído surdo de trânsito lá fora. Os travões de um autocarro a chiar.

— Oh, Sylvie. — Cecelia parecia cansada pela falta de sono, por manter o seu mundo de pé sozinha. Izzy descobrira a palavra *não* e acordava de manhã a gritá-la do berço.

Emeline desviou os olhos de Sylvie.

— Escolhe qualquer outro homem na terra, e ficarei feliz por ti — disse. — Outro homem qualquer.

— Eu sei — disse Sylvie. Ela não esperara que as irmãs ficassem satisfeitas, mas a sua tristeza era palpável, e comprimia-a como um cobertor pesado. — Se eu pudesse, fá-lo-ia.

Os olhos de Emeline eram suplicantes. Sylvie lembrou-se de estar sentada com Julia e Emeline à mesa de jantar de Rose, implorando à mãe que não se fosse embora. Agora era ela que tinha as notícias indesejadas. Era ela quem as irmãs queriam que recuasse.

— A Julia tem passado por tanto — disse Emeline. — Não podes ser só amiga dele?

— Podias ser só amiga da Josie?

Emeline apertou os lábios. Abanou a cabeça. Ocorreu a Sylvie que ela e Emeline tinham feito escolhas com riscos iguais. Sylvie estava ali sentada a destroçar os corações das irmãs porque não imaginava a vida sem William, e William não podia viver dentro de um segredo. Emeline tinha amordaçado a sua sexualidade — não a admitindo

sequer para si mesma — até conhecer Josie.

— Tive de lhe dizer que a amava — disse Emeline. — Mesmo que isso me matasse. E acho que podia ter matado.

Sylvie identificou-se com isto: este momento parecia de vida ou de morte. Ela estava a partir a casca, mas a partir-se também a si mesma.

— Como sabes que ele não está contigo por ter saudades da Julia? — Cecelia olhou para a irmã enquanto falava; ela queria sempre a verdade. — És parecida com ela, sabes? É doentio, Sylvie, não é? É como se te metesses na cama com o casamento dela.

Sylvie não tinha nada para responder a isto. Ao princípio pensava, quando se despia, se William ficaria dececionado por os seus seios serem mais pequenos do que os de Julia, e as suas ancas menos curvilíneas. Seria Julia melhor amante? Sylvie nunca pergantara a William se ele tinha estes pensamentos, porque não queria ouvir as respostas.

Ficou surpreendida por não se sentir defensiva em relação às irmãs; não estava inclinada a discutir. Pensou na mulher que Cecelia estava a pintar no muro de três andares a alguns quarteirões de distância e como o contorno se enchia lentamente de cor e de detalhes. Sylvie estava a encher-se, a descobrir e a mostrar as suas próprias cores. Conseguia sentir a mágoa que emanava das irmãs mais novas como calor da sua própria pele. Sylvie sabia que isto não correria bem. Sabia que Cecelia e Emeline amavam William como um irmão; conheciam-no desde que frequentavam o nono ano. Mas esta era uma notícia difícil, e elas não estavam a pensar em William. Estavam a pensar nas suas versões pessoais da ponte brilhante que existia entre as três irmãs em Chicago e Julia em Nova Iorque. Sylvie sabia que Emeline enviava a Julia pelo correio recortes de apartamentos disponíveis em Pilsen. Cecelia continuava a pintar Alice e Izzy juntas. Tirava fotografias das telas e enviava-as a Julia, perguntando-lhe de qual gostaria. Julia ainda não tinha escolhido uma.

— Mas se fizeres isto — disse Emeline e depois fez uma pausa, como se também ela estivesse prestes a submergir —, a Julia e a Alice nunca mais voltarão a casa.

O Sol afundou-se por trás de uma nuvem ou um edifício, e as três irmãs ficaram envoltas em sombras. A ponte brilhante estava a

desfazer-se em pó aos seus pés. Sylvie pensou no seu sonho de infância e como Julia se queixara de que os romances que ela citava como exemplos de grande amor eram sempre tragédias. Sylvie, na sua inocência, insistira em que a parte da tragédia era evitável. Não estava entretecida no romance. Mas estava errada.

— Eu sei — disse ela. — Lamento muito.

Emeline e Cecelia afastaram-se de Sylvie depois da notícia. Ela sabia que estavam magoadas e doridas e precisavam de tempo longe dela. Temia que precisassem disso para sempre, mas afastou esse terrível pensamento. Também ela se sentia magoada e dorida. Sylvie continuou a visitar o mural que Cecelia estava a pintar na Loomis, mas escolhia os momentos em que a irmã não estava. A mulher do muro mostrava mais de si própria a cada dia. Sylvie finalmente reconheceu-a depois de Cecelia terminar de lhe pintar os olhos. Não era uma das irmãs Padavano; era Santa Clara de Assis — a santa que Rose obrigara a filha a carregar como penitência. Mas Cecelia — pintando-a inúmeras vezes — transformara Santa Clara no seu talismã.

A mulher no muro parecia poderosa. Não parecia um aviso sobre como não viver. De facto, irradiava do muro, como um exemplo do contrário. Ao examiná-la, Sylvie lembrou-se que, quando as raparigas eram pequenas, Rose usara as santas como exemplos inspiradores de mulheres realizadas. Só começara a usá-las como sistemas de aviso e castigo depois de crescerem — quando sexo, casamento e gravidez estavam em cima da mesa. Santa Clara ocupava três andares na lateral do edifício. Ela destruíra as expectativas da sua família e da sociedade recusando-se a ser uma noiva adolescente, recusando-se a prescindir da sua vida ainda antes de esta começar. Simbolizava a coragem, e a mulher que a pintava também era, sem dúvida, corajosa. Talvez, pensou Sylvie, testando o pensamento, todas as raparigas Padavano fossem corajosas. Cecelia fizera o equivalente a fugir aos 17 anos e era uma mãe solteira, cuja arte era cada vez mais procurada. Emeline estava numa relação com Josie e não escondia o facto. A Sra. Ceccione quase tivera um ataque de coração quando Emeline e Josie deram as mãos diante dela, e Emeline pedira desculpa por a perturbar — Cecelia a cacarejar de riso na mesma sala —, mas não pedira desculpa

pelo seu amor. Julia, quando confrontada com um marido que precisava de ser salvo, desafiara séculos de misoginia que exigia que as mulheres dessem prioridade aos maridos e escolhera salvar-se a si mesma. E Sylvie pensou que talvez também ela fosse corajosa, por se permitir habitar um sonho tão extraordinário que julgara que nunca o viveria.

Sylvie acreditara que ficaria solteira, e segura, com as suas irmãs. A verdade é que o seu coração sempre lhes pertencera. As quatro irmãs tinham batido a um só coração a maior parte das suas vidas. Sylvie perguntou-se, observando o mural, se a coragem estava casada com a perda: faz-se o impensável e paga-se um preço. Julia ainda não conhecia a verdade de Sylvie, mas conhecê-la-ia em breve. Cecelia dissera que ela e Emeline lhe dariam a notícia; uma das gémeas viajaria até Nova Iorque para lhe dizer pessoalmente. Sylvie ficara aliviada ao ouvi-lo. As gémeas diriam a Julia com gentileza e tentariam protegê-la, enquanto Sylvie apenas seria capaz de causar dor.

Quando Sylvie telefonava a Julia, pensava sempre que aquela podia ser a sua última conversa. Não sabia quando é que Cecelia ou Emeline chegariam a Nova Iorque: não estava a par dos seus planos. Ouvia Julia descrever a creche de Alice e como a bebé dissera a sua primeira palavra: *mamã*. Julia contou a Sylvie que o Professor Cooper pedira a sua opinião depois de uma reunião e como valorizava as suas ideias. Sylvie fazia perguntas, para a chamada demorar mais tempo. Tentava memorizar a voz da irmã e o som do seu amor. Sylvie não teria acreditado, quando era criança, que alguma coisa pudesse alguma vez cortar a irmã mais velha da sua vida; agora, sabendo que um machado estava prestes a cair e não fazendo nada para o impedir, parecia-lhe uma tremenda tortura. *Amo-te*, pensou, através da linha telefónica. *Desculpa*.

Os conselheiros residentes eram obrigados a dormir na residência todas as noites, por isso era Sylvie que ia sempre para a Northwestern em vez de William ir a Pilsen. Ela sentia que passava a maior parte da sua vida no mundo real, suportando o silêncio das gémeas, esperando que Julia fosse informada, enquanto William podia existir numa bolha na universidade. Ela estava contente por ele estar numa bolha; apenas gostaria de ter uma para si própria. Para seu grande alívio, William

degelara após o seu terror inicial. Durante duas semanas depois de Kent ficar a saber deles, William estava sempre a pigarrear, como se não pudesse confiar na sua voz para falar. Mas os dias passavam e o céu não lhe caiu em cima como ele previra. Contou à terapeuta que amava Sylvie e a médica — que estava sempre a incentivá-lo a estabelecer conexões reais com outras pessoas — considerou a notícia, de um modo geral, positiva. Kent informou Arash, e este — como previsto — ficou encantado. Arash bateu nas costas de William durante uns bons dois minutos da primeira vez que o viu depois de falar com Kent. Cecelia e Emeline deixaram de visitar William, mas como as suas visitas nunca tinham sido regulares, ele estava mais confortável com a ideia da sua ausência do que da sua presença.

Era Sylvie quem respirava fundo quando ia para a biblioteca, que mantinha vigília com Santa Clara no passeio algumas vezes por dia e que comia ovos mexidos sozinha no seu estúdio. Vivia num silêncio que ela criara, e sentia-se mergulhar mais nele. Não se arrependia da sua escolha; por vezes, quando estava com William, a cara doía-lhe, e notava que era por não ter parado de rir durante horas. Dormia encostada à sua pele quente à noite e, quando acordava às quatro da manhã, escrevia memórias da sua infância.

Depois de três meses neste silêncio, Sylvie empurrava um carrinho de novos lançamentos para fora do depósito da biblioteca, certa tarde, quando Emeline surgiu ao seu lado. Emeline não falou, apenas envolveu Sylvie com os seus braços. Encostou a cabeça ao ombro da irmã, de modo que os caracóis de ambas ficaram em cima uns dos outros. Sylvie segurou as partes de Emeline a que podia chegar: a mão, o cimo da cabeça inclinada. As duas irmãs ficaram assim por vários minutos, no canto ao fundo da biblioteca. Quando se soltaram, parecia um novo começo. A partir de um lugar onde estavam de coração partido e aturdidas e livres.

Julia

OUTUBRO DE 1984 – SETEMBRO DE 1988

Emeline visitou Julia quando Alice tinha 18 meses e mãe e filha viviam em Nova Iorque há um ano. A mudança tinha sido intensa para Julia. Desde o momento em que ela e Alice tinham embarcado no voo para Nova Iorque — o primeiro da vida de Julia, e logo viajando sozinha com uma bebé —, cada dia tinha sido um desafio e novo em folha. Não num mau sentido, necessariamente. Novo era um alívio; Julia saíra da sua cidade natal porque precisava de algo novo e diferente. Mas Manhattan fazia jus à sua reputação a um ritmo e escala que ela não podia ter previsto. A cidade latejava de barulho e as pessoas apressavam-se por todo o lado; Julia deu por si a acelerar pelos passeios, tentando acompanhar, mesmo quando não tinha a certeza de ir na direção certa.

Começara o seu trabalho para o Professor Cooper — onde todas as pessoas e tarefas que encontrava eram desconhecidas — e tentava criar um lar temporário com a sua bebé.

— Seis meses — cantava ela para Alice, enquanto tentava adormecê-la. — Conseguimos fazer isto durante seis meses. — Estavam num apartamento temporariamente vago de uma das amigas de Rose, da Florida. Em vez de pagar renda, Julia só tinha de regar a extensa coleção de plantas da Sra. Laven. Viajava por todo o apartamento ao final do dia com um regador na mão e depois caía na cama para dormir. Julia nunca experimentara conduzir a vida sozinha,

muito menos com tantas exigências. Tivera sempre a ajuda das irmãs, da mãe ou de William. Agora carregava um carrinho numa mão e uma bebé na outra ao subir as escadas do metro. Sentia que estava sempre a suar e a esforçar-se por se mostrar apresentável ao mesmo tempo. Era responsável por tudo: a creche dispor de fraldas suficientes para Alice, pagar contas, a existência de comida de bebé e leite na cozinha, e a lavagem da roupa. Alice gerava muita roupa para lavar. Ainda assim, Julia sentia uma profunda gratidão para com Manhattan, tanto por lhe exigir toda a sua atenção como por não lhe oferecer memórias da sua antiga vida.

Teve uma curta trégua quando Rose comprou bilhetes para ela e Alice irem passar o Natal na Florida. Julia foi a primeira das filhas de Rose a viajar para Miami, e Rose exibiu a filha e a neta junto das amigas com um orgulho visível. Quando Julia se recusara a lutar pelo seu casamento, Rose exprimira a sua decepção, mas agora parecia arrebatada pela excitação da vida nova de Julia.

— A minha filha trabalha para um consultor de empresas muito importante no centro de Manhattan. O meu marido disse sempre que a Julia tinha miolos e garra. E não é linda, a sua bebé?

Julia ficou perplexa pela forma como a mãe reescrevera a história da filha mais velha e do próprio marido: Julia já não era um fracasso e a opinião de Charlie devia ser respeitada. Ainda assim, sabia-lhe bem ter a aprovação da mãe, e foi uma felicidade abrir os presentes para a bebé de oito meses junto da árvore de Natal de Rose. À tarde, ela e Rose telefonaram para casa de Sylvie, para desejar ao resto da família festas felizes. Izzy foi ao telefone e balbuciou com muita importância por alguns minutos, enquanto as mulheres que a ouviam na Florida e em Chicago riam.

Quando o projeto do Professor Cooper na empresa de comunicações foi prolongado na primavera, ele perguntou a Julia se queria voltar a Chicago.

— Adoro trabalhar consigo — disse ele. — E vou começar a aceitar mais clientes aqui, por isso ficarei mais algum tempo. Mas sei que tem família em Chicago. Compreendo perfeitamente se quiser regressar.

Julia respirou fundo ao ouvir a notícia; não era uma surpresa completa, pois ela sabia que o cliente estava fascinado com o trabalho

do Professor Cooper e o projeto não estava concluído, mas vivera dentro de um calendário de seis meses desde que se mudara. Nos dias difíceis, tinha saudades terríveis das irmãs, de estar numa cidade por onde pudesse circular sem pensar. Também queria que Alice tivesse a oportunidade de brincar com a prima e de ser mimada pelas tias.

— Posso pensar sobre o assunto? — perguntou e o Professor Cooper disse «Claro».

Caminhou os trinta quarteirões do escritório até à creche de Alice nesse fim de dia e tinha a sua resposta no final do trajeto. Em Manhattan, Julia sentia estar num caminho para cumprir o seu potencial; era a profissional de olhos bem abertos que emergira com o nascimento da filha. Quando se imaginava de novo em Chicago, essa versão dela própria ficava sobrecarregada de preocupação. Ali ela tinha sido uma esposa; ali tinha compreendido mal o marido; ali tomara más decisões. E parecia-lhe complicado voltar à mesma cidade onde estava o ex-marido. William abdicara legalmente de Alice e o apelido Waters fora retirado dos documentos oficiais de Julia e Alice mas, e se William fosse a um parque em Chicago onde estivesse a bebé, para a ver? E se Julia e Alice passassem por acaso ao seu lado na rua? E se ele mudasse de ideias?

Julia ainda não decidira como ia explicar tudo isto a Alice, quando a filha tivesse idade para compreender. Sabia que ainda tinha tempo, por isso evitava pensar seriamente no assunto. Afinal, que opções tinha para contar a Alice? *Tecnicamente tens um pai, mas ele abdicou de ti. O teu pai não te quer na vida dele. Ele estava tão doente que não podia ser pai?* Parte da complicação era que Julia não compreendia, apesar de estar grata pela decisão de William. Alice era uma bebé de um ano, de olhos brilhantes, sorriso fácil e bochechas rosadas. A visão dela fazia estranhos nos passeios transformarem-se em palhaços — faziam-lhe caretas, mostravam-lhe a língua, esforçavam-se por fazê-la rir. Julia acreditava que ela era a bebé mais maravilhosa do mundo, com Izzy num segundo lugar muito próximo. Como podia alguém não querer Alice na sua vida? A confusão incorporada nesta pergunta e na escolha de William, recordava Julia da falta de clareza do fim do seu casamento. A questão essencial, decidiu Julia, era que ela gostava de Nova Iorque e queria ficar mais tempo.

A parte agridoce dessa decisão, claro, eram as irmãs. Pelo menos uma vez por dia, Julia tinha a impressão de ver Sylvie subir para um táxi ou atravessar a rua, e havia uma mulher no prédio dela cujo riso soava como o de Cecelia. Em todos os telefonemas, Julia pedia às irmãs que a visitassem. «Não. Vem para casa», respondia Cecelia. Era a única que resistia completamente à ideia. Cecelia parecia enraizada em Chicago, com uma teimosia surpreendente em alguém tão independente noutros aspetos. Sylvie parecia aberta à ideia, embora fosse sempre vaga quanto ao momento. E Emeline preocupava-se com os detalhes: o custo da visita, o seu medo de aviões, não ter os sapatos apropriados. «As pessoas daí vão rir-se de mim», dizia. «Toda a gente em Manhattan tem tanto estilo.»

Contudo, depois de tomar a decisão de ficar na cidade, Julia acordava entusiasmada todas as manhãs. Ela e Alice iniciaram um baile ao serão todas as noites na cozinha: a bebé abanava o rabinho com grande seriedade, para fazer a sua parte. A Sra. Laven ia voltar de Miami para Manhattan, mas afinal ela era a administradora do condomínio e ajudou Julia a arrendar um agradável apartamento de dois quartos no mesmo edifício de Upper East Side. Julia adorava ter o seu próprio espaço e adorava a forma dos seus dias neste novo calendário sem fim marcado. Deixava Alice na creche, depois viajava no autocarro da baixa até à 42nd Street, onde entrava num edifício de escritórios em vidro que refletia nas suas janelas a magnificência do Grand Central Terminal; num andar elevado, sobranceiro à cidade, assistia a reuniões com o Professor Cooper.

Quando Emeline anunciou que ia enfrentar os seus medos e visitá-la em outubro, Julia ficou encantada. Mal conseguia dormir com a excitação até à chegada de Emeline. Julia não tinha tido tempo para fazer amigos em Nova Iorque, mas também não tinha ideia de como fazê-lo. As irmãs tinham sido sempre as suas melhores amigas; em Chicago, nunca tivera necessidade de mais ninguém na sua vida. Ela, Sylvie e as gémeas conheciam cada versão, cada idade e cada estado de espírito umas das outras; Julia não compreendia como se criava uma amizade íntima com uma pessoa estranha. Por vezes via uma mãe na creche de Alice cujo estilo admirava ou que parecia ter um emprego a tempo inteiro como ela, e pensava em abordá-la. Mas o golfo entre ela e a estranha total era oceânico, e Julia não fazia ideia

de como atravessá-lo. Seria possível que uma amizade começasse perguntando a alguém como se chamava? Decerto as pessoas teriam de viver juntas para se conhecerem verdadeiramente, e isso não era lógico nem prático.

Julia tirou a semana de férias para poder passar cada minuto com Emeline. As duas irmãs deram longos passeios, com Julia a conduzir Emeline pela mão ao atravessarem as ruas e avenidas, porque a irmã olhava para cima, para admirar os arranha-céus, em vez de olhar para os carros à sua volta. Passaram um dia no Metropolitan Museum of Art — um sítio que conheciam de filmes e livros — e fingiam, enquanto andavam pelas salas, estar elas próprias num filme. Ficavam acordadas até tarde, a conversar. Julia estava faminta desta proximidade, faminta de conversa natural e tola. Tinha estado solitária. Discutiram Rose — como se a mãe ainda fosse o sol que orbitavam — e como era altiva com todas elas a partir do seu poleiro na Florida. Emeline era fantástica com crianças, claro, e sentava-se no chão a brincar com Alice durante horas.

— És a melhor Alice do mundo — disse Emeline à menina. Estavam a brincar com blocos no chão, enquanto Julia as observava do cadeirão.

— Timina — disse Alice, com cuidadosa concentração. Tentava dizer *Tia Emeline*.

— Muito bem! — Emeline bateu palmas.

Alice sorriu, mostrando todos os dentes. A menina tinha bochechas rechonchudas, e o cabelo liso e dourado. Os olhos azuis eram inegavelmente os do pai.

— Ela é parecida com o William — disse Emeline. — Mas os seus olhos brilham como os do pai. E aposto que o seu cabelo vai encaracolar com o tempo. Nas fotografias, o meu cabelo era mais liso quando era pequena. E na creche vejo montes de miúdos que deixam de se parecer com um pai e começam a parecer-se com o outro.

— Espero que ela acabe por se parecer pelo menos um bocadinho comigo — disse Julia. As duas irmãs contemplaram Alice com uma adoração partilhada. — Mas, na verdade, desde que ela não tenha a *escuridão* dele — disse Julia, dando voz ao seu medo — não me importo com quem se parece.

Emeline pestanejou, surpresa, mas disse:

— Claro. Tens razão.

Julia penteava o cabelo de Emeline para trás de manhã, ambas olhando-se ao espelho e vendo os seus rostos semelhantes. *Preciso de ti*, pensou Julia, sabendo que *ti* significava mais do que apenas esta irmã, mas a necessidade era tão forte que ela não podia ser esquisita. Não podia deixar Emeline partir sem saber quando e como voltaria a vê-la. No final do primeiro dia de Emeline em Nova Iorque, Julia lançara uma campanha para convencer a irmã e Josie a mudarem para a cidade. Transplantar a irmã para ali seria a solução perfeita. Havia creches em Manhattan que dariam tudo para ter mulheres com a experiência de trabalho de Emeline e Josie, e ali ninguém se importava que alguém fosse gay. Julia descobrira, depois de mudar para Nova Iorque, que o Professor Cooper vivia com outro homem há trinta anos. Donny era amoroso; usava fatos extremamente bem confeccionados e ajudara Julia a escolher tapetes — o mercado dos tapetes revelara-se muito caro e complicado — para o seu apartamento.

— Não me imagino a viver num sítio que não seja Chicago — disse Emeline quando Julia abordou o assunto. Mas admirava tanto a cidade, era tão feliz com Alice nos braços, que Julia acreditava que dentro de poucos meses seria capaz de a convencer. Planeava falar com a Sra. Laven sobre a possibilidade de a irmã alugar um apartamento no edifício. Julia imaginava Alice a correr de um apartamento para o outro, sentindo-se em casa em mais do que um espaço. E a perspectiva de partilhar a excitação dos seus dias de trabalho com Emeline todas as noites, enquanto bebia um copo de vinho, fazia Julia estremecer de prazer. Parecia ter estado a inalar ar através de uma palhinha desde que partira de Chicago, e subitamente era capaz de engolir grandes golfadas de oxigénio. Na presença de Emeline ria-se pelas razões mais insignificantes e adorava ver que Alice atirava a cabecinha para trás e ria também. Julia pensou, *Estou melhor com as minhas irmãs*.

— Como está a Sylvie? — perguntou. Era o último dia de Emeline na cidade. Alice estava ao fundo do patamar com a Sra. Laven, por isso as duas irmãs podiam passar algumas horas sozinhas. Estavam a tomar café na cozinha. Emeline contara-lhe tudo acerca da arte de Cecelia e do músico de jazz italiano com quem namorava. Soubera da

história de como Izzy, agora com 2 anos, descobrira recentemente um tubo de cola forte no estúdio de Cecelia e criara um arranha-céus colando todas as latas de vegetais e feijão que encontrara na cozinha. Mas Emeline quase não falara de Sylvie.

— Tu foste a única que não ficou incomodada por eu amar a Josie — disse Emeline. — A Sylvie e a Cecelia tentaram dissimular, mas a verdade é que ao princípio ficaram chocadas. Quero dizer, eu compreendo. Também fiquei chocada. E esperava que a mãe perdesse a cabeça, o que aconteceu. Mas tu apenas parecias feliz por mim.

— Estou feliz por ti. Gostava que tivesses trazido a Josie, para a conhecer.

— Eu não queria amar a Josie — disse Emeline. Baixou os olhos para a chávena de café. — Foi-me difícil aceitar o facto de que não escolhemos quem amamos, porque quem amamos muda tudo.

Tinham falado muito sobre Josie durante a visita de Emeline, porque as duas tinham decidido ir morar juntas e Rose fizera uma birra a longa distância. Julia virou-se para admirar a irmã e sentiu uma torrente de afeto por ela.

Emeline disse:

— Concordas que não podemos escolher quem amamos?

— Acho que sim. Porquê?

— Quero que saibas que ao princípio fiquei chateada com isto, e acho que ainda estou. Mas... — Emeline fechou os olhos. — A Sylvie e o William estão apaixonados.

Julia abanou a cabeça, em descrença e negação. Sentou-se na cadeira mais próxima, para o caso de a frase de Emeline fazer ricochete sobre ela.

— A Cecelia ficou danada com a Sylvie. Eu também. As coisas tinham ficado pacíficas depois de tu partires. Toda a gente estava bem. Tu estavas longe, mas ias voltar. Mas agora compreendo. Como podia não compreender? Julia, eles não tiveram escolha.

O choque da revelação clareou um espaço dentro de Julia, e ela lembrou-se como, de alguma forma, Sylvie soubera que William precisava de ser procurado e resgatado. Lembrou-se da despedida tensa de ambas. Os telefonemas entre as irmãs, desde que Julia se mudara, estavam cheios de factos e logísticas, como se partilhassem as suas agendas semanais uma com a outra. Sylvie, em particular, nunca

falara acerca dos seus sentimentos ou do que estava a questionar ou a pensar, embora fosse apenas disso que as versões mais novas de Sylvie e Julia falassem quando estavam deitadas lado a lado nas suas camas gémeas à noite. Julia devia ter percebido que algo se passava; ou talvez soubesse, mas tivesse desviado o olhar, não permitindo que esses pensamentos viessem à superfície. Sabia que tinha feito a mesma coisa com a depressão de William. Fora Sylvie a dizer a Julia que o seu marido tinha tentado matar-se e, mais tarde, que ele não a queria ver e já não queria ser marido nem pai. Só agora Julia percebia como era estranho que tivesse sido Sylvie a dar-lhe todas essas notícias. Devia ter sido William a dizer-lho, nem que fosse por telefone. Mas a sua voz chegara-lhe através de Sylvie. Sempre que Julia examinava o seu rosto ao espelho, pensava: *a Sylvie também tem sardas aqui, mas são mais leves. O cabelo da Sylvie é mais obediente do que o meu.* Julia pensava na irmã tão naturalmente como pensava em si própria: Sylvie era parte de Julia. E William deitara-se ao lado de Julia à noite. Era o único homem com quem ela estivera nua. As duas pessoas de quem Julia fora mais próxima tinham-se escolhido uma à outra.

Julia levantou-se e foi até ao lava-loiça. O seu peito contraiu-se, num movimento descomunal, como se tentasse desentupir um cano, e inalou demasiado ar. Emitiu um arquejo sonoro. Emeline esfregou-lhe as costas, como as irmãs sempre haviam esfregado as costas umas às outras quando não estavam bem.

— Eles amam-se? — perguntou Julia, quando conseguiu falar. A palavra *amam* magoou-lhe a garganta ao sair.

Emeline encostou a bochecha à omoplata de Julia. Fez que sim com a cabeça e Julia sentiu o movimento na pele. Julia imaginou Sylvie de pé, atrás do balcão da biblioteca, e pensou, *Como pudeste fazer isto? Eu nunca to faria.*

— Lamento, Julia — sussurrou Emeline.

— Estou tão contente por ter decidido mudar para cá — disse ela. — Foi a coisa mais inteligente que já fiz.

Julia percebeu, com as mãos apoiadas na bancada da cozinha, que Emeline viera a Nova Iorque para lhe dar esta notícia. Sylvie não estava em casa quando Julia lhe telefonara nas últimas semanas e ela partira do princípio que a irmã estava simplesmente fora, ocupada. Mas Sylvie não tinha atendido o telefone porque sabia que Emeline ia

a caminho dali. E Emeline nunca se mudaria para Nova Iorque; essa possibilidade estivera inteiramente na imaginação de Julia. Tinha sido uma idiota e mal conseguiu olhar para a irmã mais nova nas horas que faltavam para o seu voo de regresso a Chicago.

Todas as manhãs das semanas que se seguiram, quando Julia ia ao quarto de Alice e a tirava do berço, a menina dizia: «Timina?» numa voz esperançosa, mas Julia abanava a cabeça. Detestava desapontar a filha, e estava zangada consigo mesma por ter sido tola mais uma vez. Esquecera-se de que o seu melhor eu era independente e ambicioso. Durante a visita de Emeline, Julia começara a colocar a sua felicidade nas mãos de outra pessoa, o que era um remanescente do seu eu de Chicago. Julia já não queria ser essa pessoa. Em Chicago fazia parte da cadeia de bonecos recortados em papel, com as mãos dadas, que eram as irmãs Padavano; nunca tinham funcionado de forma independente, e se uma tinha um problema, todas tinham um problema. O facto de Sylvie ter feito algo de horrível e ter enviado a irmã mais doce, Emeline, participar os danos a Julia, era um exemplo de como Julia já não se permitiria viver. Ela, sozinha, faria Alice feliz, e nunca a desapontaria.

À noite, depois de a bebé adormecer, Julia ficava na cama e fitava a parede. Sentia-se oca. Lembrava-se de Sylvie beijar rapazes na biblioteca e descartar a ideia de um namorado, por estar à espera do seu grande amor. Julia achava o sonho querido, mas impraticável e que, a certa altura, Sylvie perceberia que as relações eram uma questão de compromisso. Como é que o grande amor de Sylvie acabara por ser o marido da irmã? Isso não parecia romântico nem obra do destino. Parecia uma escolha brutal. Sylvie escolhera trair a irmã e, aparentemente, as gémeas achavam isso aceitável. Emeline comprara um bilhete de avião e viajara até à Costa Leste para lhe dar a notícia, como se fosse um mexerico normal.

Numa dessas noites, perturbada, telefonou a Rose.

— Que pensas disto tudo? — perguntou. — Como é que a Sylvie foi capaz... — Percebeu que não conseguia terminar a frase.

— É inacreditável — disse Rose. — Uma das minhas filhas é lésbica, a outra é divorciada e nem sei o que chamar à Sylvie. Oh, e esqueci-me da filha que foi mãe adolescente, fora do casamento. — Deu uma gargalhada áspera. — Graças a Deus que saí de Pilsen

quando saí! A quantidade de coscuvilhice que corre na vizinhança acerca da nossa família é obscena.

— Mas estás bem com isto? — perguntou Julia. Queria dizer, *O que a Sylvie e o William fizeram foi cruel. Estou a sofrer. Ajuda-me, mãe.*

— Não, não estou bem com isso, mas o que importa o que eu penso? — Rose suspirou. — Sei que te sentes uma vítima, Julia, mas a verdade é que atiraste a tua irmã para os braços do William por nunca teres ido ao hospital e depois saíres de Chicago. E agora a Sylvie pôste fora de Chicago ao namorar com ele. — Fez um som de desdém. — A Sylvie apaixonar-se por ele é ridículo, obviamente. Nem consigo falar disso às minhas amigas mais próximas aqui, é material para telenovelas! Duas das minhas filhas escolherem o mesmo homem. E não se pode dizer que o William seja um Kennedy, ou... o Cary Grant, por amor de Deus!

Eu sou a vítima, pensou Julia. *As minhas irmãs desistiram de mim e também da Alice. Para sempre.* Sylvie e William tinham entrelaçado as suas vidas, e agora Julia tinha de se manter afastada, tanto do ex-marido como da sua irmã mais próxima. Quando conseguia dormir, tinha um pesadelo recorrente em que uma Alice de 8 ou 9 anos perguntava se podia conhecer o pai, e esse encontro acabava por acontecer. No sonho, Sylvie estava ao lado de William na entrada de uma casa linda, e a pequena Alice corria para os braços abertos de Sylvie. A cena era tão vívida que parecia uma memória, e Julia tinha vontade de vomitar. A imagem era uma versão perversa da vida de que ela tinha fugido, com Sylvie a ocupar o lugar de Julia. *Por favor*, dizia Alice no sonho, *posso ir viver com o meu pai e a tia Sylvie? Eles são uma família normal, com um pai e uma mãe. Quero estar com eles.*

Julia ouviu-se dizer:

— Vou dizer à Alice que o William morreu.

— O quê? — Rose quase se engasgou com as palavras. — De que raio estás a falar?

— É a única coisa que faz sentido. Ele não quer ter nada que ver com ela, e não lhe quero dizer isso. Vai pensar que há algo de errado com ela, e obviamente não há. Ela é perfeita. E ele morreu, no que me diz respeito. Nunca voltaremos para Chicago. Desta forma, fica tudo mais limpo. — Era uma ideia que já ocorrera a Julia, mas na altura parecera-lhe demasiado radical. Naquele momento não. Fazia sentido.

Ela e Alice estariam seguras em Manhattan, sozinhas na sua minúscula família. Mais ninguém poderia magoá-las.

— O William e a Sylvie vão provavelmente separar-se. A Sylvie é como o teu pai, o que significa que lhe falta capacidade de concretização. Devias apenas viver a tua vida em Nova Iorque por mais algum tempo, e veremos onde as cartas caem.

Julia sabia que a mãe era incapaz de aceitar que William tivesse revogado os seus privilégios parentais. O cérebro dela não concebia um pai que desistisse de um bebé. «Nunca tal coisa ouvi», dissera Rose e, para ela, a ideia acabara aí.

— Não o direi à Alice agora, como é óbvio — disse Julia. — Ainda nem fez 2 anos.

— Ótimo — disse Rose, com alívio na voz. — Acalmarás com o tempo. Tudo acalmará. Amo-te, Julia.

Foi assim que Julia soube que a mãe tinha pena dela. Era muito raro pronunciar estas palavras.

— Também te amo — disse ela, e desligaram.

Durante as semanas seguintes, Julia mudou a sua abordagem ao emprego. Estava tão grata ao Professor Cooper por lhe permitir juntar-se a ele em Nova Iorque, que se dedicara simplesmente a ser-lhe prestável. Processava os dados que ele coligia em entrevistas aos *stakeholders* e tomava notas durante as longas reuniões em que novos processos de negócios eram debatidos. Também servia cafés e passava muito tempo junto à fotocopiadora. Julia fizera todos os possíveis para assegurar que o Professor Cooper não se arrependia de a contratar.

Agora, porém, Julia voltava a lembrar-se do futuro com que sonhara, em que estava atrás de uma secretária de diretora, usando saltos *stiletto* e um fato caro. Não sabia se esse sonho era alcançável, mas podia ser. Sylvie namorar com William tinha sido impossível e, contudo, acontecera. Claramente, a vida era mais mutável do que Julia pensara.

Julia queria ser promovida. Queria ganhar mais dinheiro e tornar a sua vida e a de Alice o mais estável — e intocável — possível. Um mês depois de Emeline partir, o Professor Cooper pediu a Julia que participasse numa reunião e tomasse notas. Ela assim fez, mas também interrompeu a reunião para apresentar algumas ideias. Julia desfrutou de ver as cabeças dos homens — eram sempre homens nessas reuniões

— virarem-se com surpresa, porque as suas ideias eram inteligentes. Seis meses mais tarde, Julia perguntou ao Professor Cooper se podia assumir a reunião inicial com um novo cliente, mais pequeno, e ele concordou. Ela preparou-se durante semanas — aprendendo tudo acerca da empresa de eletrónica que procurava uma fusão com uma concorrente, duplicando assim o seu próprio *staff* — e apresentou um plano tão elegante para reestruturar as empresas combinadas que o cliente pediu-lhe que se encarregasse de todo o processo. Quando esse pedido aconteceu, o Professor Cooper brindou a Julia com champanhe.

— Estou tão orgulhoso de si — disse ele, e Julia teve de pedir licença para ir chorar à casa de banho. Eram lágrimas felizes, e sentia que Charlie também estava orgulhoso dela, onde quer que estivesse. *Meu foguetão*, dizia ele, com admiração na voz.

Julia tomou consciência pela primeira vez de que os homens lhe faziam sinais. Simplesmente, antes não o notara. Havia um homem de barba, bem-parecido, que ia sempre ao lado dela no elevador do escritório de manhã. Ela elogiou os seus botões de punho. Ele convidou-a para uma bebida. Enquanto se vestia para o encontro — pondo perfume e uma sombra de olhos mais escura do que usaria para o escritório, escolhendo um vestido que mostrava as suas curvas — Julia riu alto, porque sentia que tinha acabado de se lembrar de que possuía um corpo físico pela primeira vez desde que Alice nascera. Quando passou as mãos sobre as ancas, todo o seu corpo vibrou, como que excitado por um futuro melhor.

Disse ao homem de barba a mesma coisa que diria a todos os homens com quem sairia: que não procurava um namorado ou marido, e que nunca levaria nenhum a sua casa. Só queria divertir-se um pouco. Ela e o homem de barba tomaram *Martinis* num bar num terraço sob um crepúsculo rosado e depois trocaram beijos na rua, encostados a um marco do correio. Tiveram um segundo encontro no fim de semana seguinte; ele levou-a a um jogo dos Yankees e fizeram sexo no chão da cozinha dele, porque não conseguiram chegar ao quarto. Foi divertido, e Julia sentiu que tinha otimizado a sua vida: tinha um ótimo emprego, uma filha perfeita e uma vida sexual de acordo com as suas próprias condições. Dois anos depois da visita de Emeline, o Professor Cooper anunciou que Julia ficaria responsável

pela sucursal em Nova Iorque da sua empresa de consultoria. Ele e Donny viajariam entre Chicago e Nova Iorque, mas Julia dirigiria o escritório ali.

Julia deu a boa notícia à mãe e às gémeas em postais. Começara a colecionar postais mostrando várias cenas de Nova Iorque para se corresponder com a família. Preferia-os de longe aos telefonemas. Havia apenas um pequeno espaço para escrever, por isso ela incluía uma ou duas coisas importantes da vida dela e de Alice, despedia-se com xoxoxo, e enviava o postal. Rose odiava os postais e afirmava que apenas um psicopata comunicaria com a própria mãe dessa maneira. Para apaziguar Rose, Julia enviava-lhe, além dos postais, algumas fotografias de Alice de poucas em poucas semanas. Cecelia e Emeline enviavam postais de Chicago na volta do correio, como se estivessem a inscrever a sua cidade numa competição de postais, e Cecelia e Julia ocasionalmente trocavam fotografias de Izzy e Alice. Julia e Sylvie nunca se corresponderam de nenhuma forma.

Se Julia estivesse com a filha quando avistava um postal colorido na caixa de correio cinzenta da entrada do prédio, nunca deixava que Alice o visse. Enfiava o postal na mala e depois de o ler metia-o num caixote de lixo na rua. Também deitava fora as fotografias da sobrinha. Julia lia a maior parte dos postais sozinha num passeio movimentado, com autocarros e táxis a passarem por ela. Foi assim que ficou a saber que Emeline, Josie e Cecelia se tinham mudado para uma casa juntas. Foi assim que descobriu que Sylvie e William se tinham casado, numa pequena cerimónia, na sala dos fundos da Biblioteca Lozano.

William

OUTUBRO DE 1984 – SETEMBRO DE 1988

Quando Emeline voltou de Nova Iorque, exausta e pálida, William foi cuidadoso, não apenas consigo mesmo, mas também com Sylvie e as gémeas. Ele sabia que vivia no centro de uma verdade dura. Kent tinha razão: William não poderia viver de outra forma. Durante os meses de clandestinidade, quando ele e Sylvie limitavam o amor de ambos ao seu pequeno quarto, a mente de William ficara confusa e precisara de guiar os seus pensamentos para ultrapassar os dias. Não fora semelhante aos últimos dias do seu casamento porque Sylvie o amolecia de felicidade e, no minúsculo quarto da residência, partilhavam tudo um com o outro. Mas a fricção entre a vida dentro daquele quarto e o exterior fazia-o sentir-se como uma agulha de giradiscos a ser arrastada sobre a superfície do vinil.

O psiquiatra de William — um porto-riquenho careca que gostava de lhe explicar porque é que o futebol era um desporto melhor do que o basquete — terminava todas as sessões dizendo: «Tem de sair e exercitar-se, tem de tomar a sua medicação, e tem de cuidar de outras pessoas». *Nada de tretas nem de segredos* ficava por dizer. Era um dado adquirido na base da vida de William. Ele perguntava-se muitas vezes, no caminho para casa, se as pessoas saudáveis usavam mantras para organizar as suas vidas. Sempre que William sentia as entranhas entorpecidas ou se não tinha falado por várias horas, voltava à lista do psiquiatra e cumpria uma das instruções.

Corria milhas à volta da pista da Northwestern, reabilitava o joelho e tomava a medicação. Estava agora oficialmente no *staff* como o treinador assistente mais júnior da Northwestern e focava-se em cuidar dos jogadores lesionados. William desenvolveu um bem-sucedido exercício de reabilitação para um miúdo com problemas recorrentes no tornozelo, e a gratidão do estudante — que temia que a sua carreira de jogador tivesse acabado — fez William sentir-se pleno e útil como nunca antes se sentira. O impacto de ajudar parecia ser cumulativo; quantos mais miúdos ajudava, mais sólido se sentia dentro do seu peito. Contactou as gémeas quando Emeline voltou de Nova Iorque. Tinha-se mantido totalmente afastado delas desde que Sylvie revelara às irmãs mais novas o seu amor por ele. As gémeas tinham precisado de distância de Sylvie por algum tempo, e ele compreendia que quisessem distância também dele. Mas agora sabia que Sylvie não seria capaz de suportar a sua nova vida sem Julia se ele, Emeline e Cecelia não se entendessem.

— Não estamos zangadas contigo, William — disse Emeline quando ele pediu às gémeas que se encontrassem com ele para tomar o pequeno-almoço. Não contara a Sylvie que o iria fazer; ela teria querido ir ao pequeno-almoço para proteger os sentimentos de toda a gente, e ele queria a oportunidade, por uma vez, de cuidar dela.

Olhou para Cecelia, que estava a cortar uma panqueca para Izzy na sua cadeira alta.

— É verdade — disse Cecelia. — Não fizeste nada disto de propósito. Agora percebo isso. E... — Fez uma pausa. — Nunca tinha visto a Sylvie assim. Estou sempre a pintá-la, para captar o momento.

— Não é que ela esteja feliz — disse Emeline —, porque sei que está de coração partido por causa da Julia. Mas está linda. É completamente a Sylvie.

Apesar de William contar com algum nível de ressentimento, explícito ou implícito, por parte das gémeas, o facto é que elas pareciam estar a ilibá-lo na totalidade. Abanou a cabeça, confuso, mas recordou-se das noites em que saíra do seu quarto e vira Julia e Sylvie a dormir, abraçadas, no sofá. E de como Emeline saíra de casa *com* Cecelia, apesar de não estar grávida nem em sarilhos, e dormira no chão da Sra. Ceccione. Embora William fosse um ator principal neste drama, como quer que olhasse para ele — o fim do seu casamento, a

sua hospitalização, a sua relação com Sylvie —, as quatro irmãs geriam o seu coração entre si. Ele fora sempre irrelevante, de uma forma que costumava entristecê-lo mas que agora lhe parecia libertadora. Era livre para viver a sua própria vida como o seu verdadeiro e imperfeito eu, e Sylvie e as gémeas aceitavam-no. William sentiu uma pontada de culpa em relação à ex-mulher; ele desistira de Julia e Alice, e no final acabara rodeado pelas mulheres que Julia mais amava. Não parecia justo, mas ele tentaria não pensar nisso. Tentaria seguir as ordens do médico e cuidar das pessoas à sua volta.

— Se sentes que precisas de nos compensar de alguma forma — disse Cecelia —, podes ser o nosso faz-tudo sem salário. Há muito trabalho a fazer. — Cecelia acabara de comprar uma casa decrépita em Pilsen por muito pouco dinheiro, a um comerciante de arte que admirava o seu trabalho. Cecelia, Emeline, Josie e Izzy viveriam ali juntas, assim que a casa estivesse habitável.

— Será uma honra — disse ele, tentando parecer ligeiro, mas foi sincero. Sentia-se tremendamente sortudo por ter emergido daquele remoinho com Sylvie na sua cama todas as noites e com Emeline e Cecelia dispostas a conservá-lo nas suas vidas. William recordava-se de ver Charlie de pé na ombreira de uma porta, na noite em que caminhara até ao lago. Pensou que o sogro teria orgulho nas gémeas por manterem os seus corações abertos. Teria gostado que Cecelia estivesse a trabalhar na sua arte e que Emeline se tivesse permitido amar quem amava. William não sabia o que Charlie pensaria dele e de Sylvie — visto que o seu amor tinha impacto na filha mais velha, provavelmente não ficaria muito entusiasmado —, mas Charlie desejara que as suas filhas vivessem completa e profundamente, e Sylvie estava a fazê-lo.

Durante quatro meses, William dedicou as suas noites de semana e os fins de semana a substituir o isolamento no segundo piso da nova casa de Cecelia, colocando azulejos novos na cozinha e substituindo a banheira e a retrete. A casa ficava muito perto de onde as raparigas Padavano tinham crescido, e tinha uma estrutura similar à da casa de 18th Place. Sylvie ia sempre com ele para casa de Cecelia e pintava paredes com as irmãs ou tomava conta de Izzy enquanto esvaziavam caixas. William gostava de ouvir o tagarelar das mulheres e as

gargalhadas murmuradas enquanto firmava mosaicos e desenroscava porcas velhas de canos enferrujados. Izzy aparecia por vezes à porta da divisão onde William estava ocupado e entregava-lhe ferramentas ao acaso. Acabava com uma pilha de chaves de fendas, martelos e alicates de corte aos pés e quando a menina se ia embora voltava a guardar tudo na caixa de ferramentas.

Nas noites em que não era necessário em casa de Cecelia, William encontrava-se com Sylvie na biblioteca e jantavam juntos. Havia um restaurante mexicano de que gostavam particularmente, onde partilhavam uma *margarita* e comiam *tacos*. Durante o seu período secreto, falavam com cautela. Discutiam livros, basquetebol e as memórias que Sylvie estava a escrever. Outros tópicos permitidos era o que tinham feito durante o dia, com quem tinham falado e algo engraçado que fora dito. Evitavam falar do passado e de algo para além do dia presente. Em finais de outono, quando já estavam juntos há onze meses e Julia sabia a verdade, permitiram-se imaginar um futuro em comum. Sorriam timidamente um ao outro durante essas conversas. William ainda acreditava que não merecia Sylvie, que não merecia a forma como ela o amava, em cada estado de espírito e em cada pensamento, mas ela sorria-lhe do outro lado da mesa e ele descobria que, no brilho dela, os seus planos iam ficando mais concretos, mais claros.

Admitiu que queria ser fisioterapeuta. Queria uma compreensão mais profunda das motivações dos atletas da equipa da Northwestern. Porque eram as articulações de alguns miúdos mais resilientes do que as dos outros? Como é que as lesões podiam ser evitadas? William notara que, quando os jogadores falhavam lançamentos, tinham reações diferentes. Alguns ficavam desanimados e tinham medo de voltar a lançar. Outros ficavam zangados e entravam num frenesi de marcar pontos. Alguns — os raros — eram os peixinhos dourados sem memória que o treinador incentivava todos a serem: faziam um lançamento e esqueciam-no, depois falhavam um e esqueciam-no também. Viviam no momento. William queria compreender todos os fios que constituíam os humanos atléticos no ginásio da Northwestern para poder ajudá-los, não apenas a manterem-se no campo, mas a prosperarem.

Arash ajudou William a candidatar-se a um programa de pós-

graduação em psicologia do desporto na Northwestern. O mestrado de dois anos permitiria a William manter o seu emprego na equipa e ter aulas à noite; também pôde assistir a algumas aulas de pós-graduação de psicologia, e como William trabalhava para a universidade, o programa era praticamente grátis. William agradecia repetidamente a Arash a sua ajuda, até o homem mais velho se chatear e o mandar parar. Mas a ideia de se comprometer com outro programa de pós-graduação, depois de ter falhado tão clamorosamente da primeira vez, deixava William tão ansioso que ele sabia que não teria sido capaz de o fazer sozinho. Um sábado de manhã, quando estavam a rever a sua candidatura final, Arash disse:

— Para de pensar em quem eras quando estavas a viver a vida errada, William. Foste feito para a vida que vives agora. Tens um dom para ver o que há de errado com estes rapazes. Além disso, não podes falhar quando estás a fazer o que adoras. — William ficou em silêncio, ponderando. — Não compreendes? — continuou Arash, exasperado. William começou a responder, mas o homem mais velho interrompeu-o. — Na verdade, não importa se compreendes. É a verdade.

Durante um dos seus jantares, Sylvie disse:

— Quero que vivamos juntos. — Ela andava a escapulir-se para dentro e para fora da residência de William há quase um ano, pondo o despertador para as cinco da manhã, para nenhum dos alunos saber que estivera ali.

William assentiu com a cabeça e permitiu-se, pela primeira vez, imaginar essa possibilidade. O prazer de chegar a casa e encontrar Sylvie todas as noites, de partilhar um frigorífico, um roupeiro e uma cama. A paz de estar profundamente confortável em sua casa, com ela. Não conseguia pensar em nada mais maravilhoso. William informou a universidade de que não seria conselheiro residente no semestre seguinte e mesmo antes do Natal mudou-se da sua *suite* na residência para o estúdio de Sylvie.

Quando estava a guardar as suas camisas no pequeno roupeiro dela, ele e Sylvie não paravam de sorrir um para o outro, enlevados. Era a primeira vez que William vivia fora do *campus* da universidade desde que chegara a Chicago, e agradava-lhe fazer de Pilsen o seu novo bairro. Escolheu um café favorito, um barbeiro, uma farmácia onde aviar a sua receita mensal do psiquiatra. Parecia-lhe um luxo

dormir ao lado de Sylvie toda a noite, sem despertador, sem nada a esconder. William fazia o jantar, ensinando-se a cozinhar com o recurso a livros, da mesma forma que se ensinara canalização e carpintaria. À noite, quando não tinha aulas, estudava enquanto Sylvie lia ao seu lado. Virava-se do seu livro para a olhar, sem se importar se ela reparava, sem se importar se ela levantava os olhos das páginas. Por vezes puxava-a para os seus braços, ou ela subia para o colo dele, e entrelaçavam os membros, tiravam as roupas um do outro, todos os movimentos suaves, gentis, reverentes.

Quando Kent e Nicole iam a Chicago, os dois casais saíam para comer, muitas vezes no restaurante mexicano. Nicole tinha seis irmãos e irmãs, por isso ela e Sylvie partilhavam histórias sobre crescer em famílias caóticas cheias de amor. Kent e Nicole adoravam horrorizar a bibliotecária e o treinador assistente com coisas perturbadoras que viam nos seus turnos no hospital; um homem a entrar ao pé-coxinho na Urgência, transportando num balde a sua perna decepada; dois miúdos universitários que tinham unido os seus corpos com supercola; um dinossauro de brinquedo alojado numa parte da anatomia de um homem onde não pertencia. Sylvie recitava os títulos dos livros mais requisitados na biblioteca porque Kent estava interessado na forma como essa lista se transformava, ou não, ao longo do tempo. Discutiam os planos sempre alterados do casamento de Nicole e Kent. Numa visita, o evento realizar-se-ia num barco no rio, noutra seria em Detroit, no pequeno pátio dos pais de Kent, ou num salão de baile cheio de janelas num arranha-céus de Chicago.

— Talvez fuçamos para Paris — disse Nicole uma noite, e Kent beijou-lhe a bochecha. O casal, claramente, divertia-se a elaborar planos, mas adiavam a concretização enquanto tentavam juntar dinheiro. Estavam ambos a estudar medicina com recurso a uma miríade de empréstimos.

— E vocês? — perguntou Kent. — Vocês vão casar-se. — Pronunciou as palavras como uma afirmação, não uma pergunta.

William e Sylvie não tinham falado sobre casamento. William aguardou para ver se o assunto o assustava, mas nada mudou dentro dele. Estava sentado ao lado de Sylvie no banco, os lados das coxas a tocarem-se.

— Nunca me interessei por casamentos, e sinto que já somos

casados — disse Sylvie. — Ou mais do que casados, se é que tal coisa existe. E... — hesitou — não me parece correto fazê-lo.

William assentiu. Sabia que Sylvie estava a pensar em Julia; pensava muitas vezes. Escrevia acerca da irmã a meio da noite; havia um holofote sobre Julia em cada memória que ela punha na página. Sylvie gostava tanto da irmã mais velha como sempre gostara, e se pudesse poupar Julia a mais dor, fá-lo-ia.

Kent examinou-os do outro lado da mesa. Tinha ido buscar William ao ginásio da Northwestern antes do jantar, e os dois amigos tinham feito alguns lançamentos ao cesto em nome dos velhos tempos. Tinham mostrado a Nicole a lavandaria na subcave onde tinham trabalhado juntos durante a universidade. Sareka já partira para casa depois do seu turno, pelo que Nicole não pôde conhecê-la. Quando o tempo estava bom, por vezes William almoçava com Sareka num banco do pátio. Ela falava-lhe dos seus três filhos e ele contava-lhe tudo o que lhe sucedera. Ela ouvia atentamente, a cabeça inclinada para ele. Tal como Cecelia, era evidente que Sareka ficava agradecida por conhecê-lo depois deste tempo todo. William sentiu novamente pena do seu eu mais jovem, porque tinha sentido falta de amizades verdadeiras como esta. Lembrava-se de como costumava tentar escapar o mais depressa possível a qualquer conversa para Sareka não poder perceber que ele mal se aguentava. Agora, contava-lhe sobre todas as formas em que se sentira destroçado, e ela falava-lhe do desemprego do marido e de como o filho do meio tinha a mais linda voz que ela já ouvira.

— Estás a tentar esconder o teu amor, não o tornando oficial? — Kent dirigia-se a Sylvie. Ainda era o vigilante automeado da saúde mental de William.

Ela deu um gole na *margarita*.

— Acho que não. Só não precisamos dessa etiqueta e desse certificado. E não quero fazer mais nada que possa magoar alguém.

— Não me interpretes mal — disse Nicole. — Mas sinto que te esqueces de que o William e a Julia já tinham rompido quando vocês se juntaram, por isso, em boa verdade, não fizeste nada de errado. Escolheste a honestidade, o que foi corajoso, em vez da tristeza e da infelicidade. — Fez uma pausa e dirigiu-lhes o seu olhar clínico. — Vocês são adoráveis, pela forma como se iluminam um ao outro.

Aposto que nunca discutem. Eu e o Kent estamos sempre a discutir. — Sorriu ao dizer isto. — Nós somos exuberantes, mas vocês são sempre gentis um com o outro.

Isto não ocorrera a William, mas era verdade que ele e Sylvie nunca tinham discutido, nem chegado perto disso. Todas as manhãs tomavam o pequeno-almoço juntos: torradas e ovos que Sylvie preparava. Iam ambos trabalhar e sentiam-se gratos por se verem ao fim do dia. Por vezes dançavam lentamente na cozinha, ouvindo uma canção na rádio. Nas noites de deixar o lixo na rua, Sylvie mostrava a William todos os tesouros que as pessoas deixavam nas bermas do passeio. Ele adorava o quanto ela ficava entusiasmada ao encontrar uma torradeira novinha em folha ou um par de ténis do tamanho de Izzy. Por que diabo haveriam de brigar? Sobre quem levava o lixo à rua? Ou quanto dinheiro um deles gastara na mercearia?

— Vocês deviam casar-se — disse Kent. — Tudo aquilo por que passaram até chegar aqui... merece ser celebrado.

— Faremos o que a Sylvie quiser — disse William.

— Que tal isto? — disse Sylvie com um sorriso. — Casamos a seguir a vocês.

— Cuidado — disse William. Olhou para o amigo, que já abrira um grande sorriso. — O Kent é competitivo. Irá ao juiz de paz amanhã de manhã, porque verá isso como uma vitória.

Na maior parte dos domingos, Sylvie lia e William estudava para as aulas. Por vezes estudava com Emeline, a quem ainda faltava um ano da faculdade. «Quero concluir o curso», dizia ela quando estava exausta por trabalhar o dia todo e assistir a aulas à noite. «É importante para a creche, mas sei que estou a fazer isto apenas pela mãe, apesar de ela já não falar comigo.» As irmãs abraçavam-na com força em resposta, porque compreendiam completamente e sabiam que não havia palavras que pudessem ajudar. Quando Emeline finalmente se licenciasse, fariam um bolo de chocolate com três camadas — o favorito dela — e cobri-la-iam de confettis.

Nos fins de tarde de domingo William e Sylvie iam dar um passeio. Fosse qual fosse o caminho que tomassem, faziam questão de passar pelos murais de Cecelia. Pilsen era conhecida pelos murais

coloridos desde os anos 60 mas, nos últimos anos, uma comissão artística local decidira limpar os murais antigos e contratar mais artistas para criar murais novos. Praticamente todos os cantos exibiam uma ilustração de três andares de Martin Luther King, Jr., Frida Kahlo ou uma citação da Bíblia. Sempre que Cecelia terminava um novo mural, Sylvie e William assistiam à inauguração, que normalmente consistia num grupo de pessoas de pé no passeio e um lençol a ser atirado do cimo do edifício para o chão. No dia seguinte, haveria fotografias do mural no jornal local. Quando Cecelia tinha permissão para pintar o que quisesse, pintava rostos de mulheres. As mulheres pintadas — algumas enfiadas no canto da parede, outras espalhando-se pelos três andares — tinham uma aparência ardente e linda. Sylvie ria-se em todas as inaugurações porque William dizia sempre a mesma coisa: «É parecida contigo e com as tuas irmãs.» Sylvie inclinava a cabeça para trás, para examinar o rosto da mulher. «Não podem ser todas parecidas connosco, William. Não somos nada parecidas com esta santa do século xv». William encolhia os ombros, porque discordava. Ele via as quatro irmãs Padavano a fitarem-no do alto de numerosas paredes no bairro e lembrava-se delas a aparecerem no seu jogo de basquetebol, dirigindo-lhe o seu olhar coletivo.

William começou a tentar compreender como podia ser mais eficaz no trabalho. A sua compreensão da psicologia dos atletas era agora mais bem informada, e ele conseguia diagnosticar lesões e vulnerabilidades com exatidão. Desenvolveu um programa em que entrevistava os jogadores da Northwestern três vezes por época — no princípio, no meio e no fim. Criou uma lista de perguntas para perceber a história das suas lesões e se eram confiantes ou atrapalhados. Queria perceber onde é que o gelo era mais fraco debaixo dos seus pés, para os impedir de cair através dele. Partilhava a informação que reunia com os treinadores, e todos trabalhavam para satisfazer as necessidades de cada estudante neste momento particular da sua vida. Fortaleciam os pontos fracos do jogador fisicamente, e tentavam também fortalecê-lo mentalmente.

— Eu sabia como ajudar os jogadores depois de eles se licenciarem — disse Arash quando terminaram a primeira época do

programa —, acompanhando-os e oferecendo-lhes ajuda se pudesse. Mas tu construístes-nos uma infraestrutura de gentileza.

Os resultados tinham sido positivos e quase imediatos. Após vários anos com maus resultados, a Northwestern subira para o meio da tabela da sua conferência — o que fora considerado por todos um grande passo em frente —, e William pôde deitar-se ao lado de Sylvie à noite inundado de gratidão pela sua vida.

— Quero construir mais infraestruturas de gentileza — disse Arash a William, e algumas semanas mais tarde começou uma clínica de basquetebol gratuita em Throop Park, perto da Biblioteca Lozano. O homem mais velho recrutou William e dois treinadores assistentes da Northwestern para o ajudarem. Treinadores das escolas secundárias de bairros carenciados de Chicago enviavam-lhes os seus melhores e mais esforçados jogadores para treino avançado. Arash colecionava provérbios e fazia os miúdos repetirem frases como: *A oportunidade só bateu quando construí a porta*. Arash e William procuravam maus hábitos — má forma nos lançamentos, aterragens instáveis — que podiam levar a lesões. Davam exercícios aos adolescentes para lhes fortalecer os tornozelos e mandavam-nos fazer quinze minutos de ioga antes de se deitarem.

Por vezes, vendo aqueles miúdos correrem no campo, famintos da bola e famintos de elogios por parte de Arash, William recordava-se de si naquela idade. Estaria no ginásio da sua escola católica, impossivelmente magro e alto, correndo no campo, sem esperar elogios de ninguém. Sem esperar que os pais assistissem ao jogo, sem esperar que lhe passassem a bola, mas profundamente aliviado quando esta encontrava o caminho para as suas mãos. Sylvie perguntara-lhe uma vez, com a voz mais gentil: «Queres reconsiderar a tua decisão em relação à Alice?» William abanara a cabeça. Sabia que alguma da dor que sentia no seu corpo ao observar aqueles rapazes nesta idade vulnerável só era suportável por ele não ser pai. Preocupava-se com Sylvie com cada célula do seu corpo; a ideia de ver alguém que amava sair da infância para a idade adulta era aterrorizadora. Ele mal sobrevivera à entrada na maioridade.

Julia estava fora quase há cinco anos quando o espaço de eventos que

Kent e Nicole tinham alugado para o seu casamento sofreu uma inundação alguns dias antes da cerimónia, e Emeline e Cecelia ofereceram o seu espaçoso pátio. O casal esperara tanto tempo para casar que toda a gente queria que o seu grande dia fosse especial. As Padavanos, os antigos colegas de equipa de Kent e William e os familiares de Kent e Nicole apareceram de calças de ganga e t-shirts para embelezar o pátio em pouco tempo. William, Gus e Washington construíram uma treliça seguindo instruções de um livro da biblioteca, e Izzy e Sylvie enfeitaram a estrutura com flores. Cecelia pintou pequeninas malas de médico nas cadeiras dobráveis e deu mais uma demão de tinta nas traseiras da sua casa. Quando o casamento começou, toda a gente estava exausta, mas quando Kent chorou de felicidade sob a treliça, todos os presentes choraram também.

Mais tarde, na cama, Sylvie disse:

— Lembrei-me de algo durante a cerimónia. Algo que nunca te disse.

William já estava a olhar para ela; tinham acabado de fazer amor e estavam deitados de frente um para o outro. Passava da meia-noite e estavam ambos um pouco embriagados. Sylvie e William quase nunca ficavam acordados até tão tarde, e raramente bebiam o bastante para ficarem inebriados. Viviam cuidadosamente, porque o sono era uma cavilha de segurança para a saúde de William e o excesso de álcool diminuía o efeito dos medicamentos. Tanto ele como Sylvie se sentiam um pouco marotos agora, como crianças que tivessem desobedecido às ordens dos pais.

— No dia em que te levámos para as urgências, disse ao condutor da ambulância e a um enfermeiro que era tua mulher. Toda a gente no hospital pensou que éramos casados, na verdade, por todo o tempo que estiveste inconsciente.

— Foste minha mulher por dez dias — disse William, apreciando a ideia.

— O que me agrada mais nisso... é que era verdade — disse Sylvie. — Eu queria ser tua mulher. Só não podia admiti-lo para mim própria. Disse que era tua mulher por uma razão logística, para que os médicos falassem comigo, mas era verdade.

A ideia de que de alguma forma, profunda e invisível, tinham estado casados ainda antes de se beijarem, deliciou ambos, e William

aconchegou-a mais a si na escuridão.

Casaram oficialmente um mês mais tarde, na sala dos fundos da Biblioteca Lozano. Sylvie queria realizar a cerimónia ali, e William simplesmente concordou. Sabia que ela se sentia segura e completa na biblioteca. Era um sítio que lhe pertencia apenas a ela, separado das irmãs. William comprou um anel de prata para Sylvie e um fato novo para a ocasião. Sylvie usou um simples vestido de cocktail cinzento e soltou o cabelo, porque sabia que William gostava mais dele assim. A bibliotecária-chefe Elaine, doente e numa cadeira de rodas, assistiu ao casamento, e os outros convidados eram Emeline, Josie, Izzy, Cecelia, Kent e Nicole. Arash celebrou a cerimónia. William sentia o seu coração bater durante a breve cerimónia, e descobriu que não conseguia parar de sorrir.

A seguir, toda a gente menos a bibliotecária-chefe Elaine foi jantar ao mexicano. Houve uma confusão com a reserva quando chegaram e, por algum tempo, havia uma cadeira a mais na mesa. William sabia que cada uma das irmãs Padavano imaginava Julia sentada na cadeira vazia e uma vaga de dor perpassou nos seus rostos. Mas a cadeira foi levada pelo empregado e Kent contou uma anedota que pôs toda a gente a rir. Perto do fim da refeição, Cecelia levantou-se e brindou:

— Ao amor.

Toda a gente de um lado e outro da mesa sentiu as palavras — a beleza e o preço do amor.

Alice

OUTUBRO DE 1988 – MARÇO DE 1995

Quando Alice tinha 5 anos, Julia disse:

— Acho que já tens idade para saber a verdade. O teu pai morreu num acidente de carro no ano passado.

Para o resto da sua vida, Alice lembrar-se-ia deste momento, até ao mais ínfimo pormenor. Estavam sentadas na mesa de cozinha quadrada no seu apartamento na East 86th Street. O cabelo de Alice estava entrançado, porque a mãe dizia que ela não o mantinha bem penteado quando estava solto. Usava a sua saia favorita, de bombazina cor de mostarda e estava a comer cereais. Julia comprava *Cheerios* porque eram saudáveis, mas Alice adicionava sempre uma colher de sopa de açúcar à sua tigela.

Alice pousou a colher e disse:

— Oh. — Sentiu um formigueiro nas mãos, por isso enfiou-as debaixo das pernas. Reparou que a mãe não parecia triste. — A avó Rose sabe?

A mãe ergueu as sobrancelhas. Usava um fato — este era lilás, com uma pequena corrente dourada ao longo do bolso do peito — e a sua maquilhagem de segunda a sexta. A mãe de Alice era muito bonita; toda a gente o dizia. A Sra. Laven, que era amiga da sua avó e vivia ao fundo do patamar, chamava-lhe *Bela* como se esse fosse o seu nome. Alice também sabia que a mãe era cética acerca da sua própria beleza. O cabelo de Julia incomodava-a constantemente; sempre que

passava por um espelho, tentava penteá-lo com as mãos. «Tens tanta sorte por não teres estes caracóis, Alice», dizia ela, pelo menos três vezes por semana. O cabelo de Alice era comprido, liso e claro, não era bem loiro nem castanho. Ela achava o seu cabelo desinteressante comparado com o da mãe, que se movia de um lado para o outro como se tivesse os seus próprios planos para o dia. Julia usava o cabelo preso no cimo da cabeça para não a embaraçar.

— Claro que a avó Rose sabe. — Julia deu um gole no seu café. Ela não tomava pequeno-almoço, mas bebia três cafés antes do almoço. — Mas não lhe fales disso ao telefone. Ela não quer falar do assunto, e sabes como ela é quando se chateia.

Alice assentiu com a cabeça, embora isto a confundisse. Ela não imaginava a avó Rose a ficar chateada, pelo menos de uma maneira assustadora ou que fosse preciso evitar. Alice e a mãe visitavam a avó Rose uma vez por ano na sua casa, num condomínio na Florida. A avó subia a voz e levantava os braços no ar quando estava a contar histórias sobre adultos que Alice não conhecia, mas parecia desfrutar disso. Ficar excitada era parte do dia da avó Rose, como escovar os dentes ou sentar-se na sua varanda. Alice sempre achara reconfortante a agitação da avó. Fazia-a sentir-se segura, porque se alguém alguma vez fosse mau para ela, a avó Rose dava cabo dele.

Alice apercebeu-se de que a mãe a observava atentamente, por isso endireitou-se na cadeira.

— Sei que nunca conhecestes o teu pai — disse Julia. — Mas não queria esconder-te isto. Mas isto não nos afeta, pois não? Foste sempre só tu e eu, bebé. Não precisamos de mais ninguém.

Alice assentiu novamente com a cabeça. Todas as noites quando a mãe a aconchegava, a última coisa que Julia dizia antes de apagar a luz era: «Sou eu e tu para sempre, bebé.»

Depois de acabar de comer os seus cereais Alice caminhou com a mãe até à esquina, até à escola, e a mãe seguiu para o trabalho. A notícia andou às voltas na cabeça de Alice todo o dia. Parecia-lhe importante, embora ela não soubesse dizer porquê. De certa forma, era como se a mãe lhe tivesse dado um pai e lho tivesse tirado na mesma frase. Antes disso, Alice tinha uma noção vaga de ter um pai, mas ele quase nunca era mencionado. A mãe dissera a Alice uma vez que ele não desejava uma família, e era tudo o que ela soubera até

agora. Talvez Alice tivesse estado inconscientemente à espera de notícias do pai todo este tempo. Era como se uma pergunta dentro dela tivesse sido respondida. Aos 5 anos, ela não albergava muitas perguntas, pelo que este se tornou um grande dia.

No recreio da escola, disse à sua melhor amiga, Carrie:

— O meu pai morreu.

A amiga abriu a boca de surpresa. Carrie fazia muitas vezes esta cara, porque se surpreendia muito. Alice manteria um registo, enquanto ela e Carrie cresciam, dos eventos da vida que não surpreendiam a amiga, porque era uma lista muito menor.

— Não sabia que tinhas um pai — disse Carrie.

— Ele vivia em Chicago.

— Chicago. — Carrie repetiu o nome como se fosse também uma surpresa. — Não sabia. Nunca o conheceste?

— Só quando era bebé.

— Precisas de um abraço?

Alice fez que sim e ela e Carrie abraçaram-se até a campainha tocar e entrarem na fila para a sua sala do jardim de infância.

Depois disso, Alice adquiriu um interesse por pais. Perguntava-se o que é que os distinguia das mães, e se uma criança precisava mesmo de um. Havia sobretudo mães e amas a levar e a ir buscar os meninos à escola, mas de vez em quando havia um pai e Alice estudava-o atentamente. Alguns vestiam-se como os pais da televisão, com fatos apurados, com pastas debaixo do braço. Por vezes um pai pegava no filho e andava com ele à roda, e Alice nunca tinha visto uma mãe fazer isso. Julia decerto nunca brincava às lutas com ela como Alice vira um pai brincar às lutas com o seu filho uma tarde no parque infantil. O pai de Carrie era o único que Alice conhecia pessoalmente, embora ele quase nunca se lembrasse do nome dela. Chamava a todas as crianças, exceto à própria filha, miúdo ou miúda. Usava óculos grossos e camisas de flanela e geralmente parecia não reparar nas meninas quando elas estavam em sua casa, como se fossem demasiado pequenas para entrar no seu campo de visão. Era ele que fazia o pequeno-almoço — punha uma expressão extremamente séria quando virava as panquecas — e era responsável também por levar o lixo para a rua, mas, tanto quanto Alice sabia, eram as suas únicas funções específicas.

Alice não sentia, pessoalmente, necessidade de um pai; a vida dela era pacífica e feliz. Julia ia ao quarto de Alice todas as manhãs e acordava-a sussurrando, «Bom dia, bebé», e à noite faziam o jantar juntas enquanto viam *Jeopardy!* na pequena televisão da cozinha. A tarefa de Alice era fazer a salada, de pé num banco da cozinha. Julia descalçava os sapatos de salto alto, tirava o casaco do fato e os brincos antes de entrar na cozinha, e esta versão mais suave da mãe — com todos os botões e pontas aguçadas removidos — fazia Alice agir como a versão mais palerma de si própria. As perguntas do concurso eram geralmente demasiado difíceis para Alice compreender, mas ela dizia um disparate qualquer com uma voz tão confiante que Julia se dobrava a rir. As sextas-feiras eram geralmente *girls' nights* e mãe e filha passavam a semana a discutir que filme iam alugar na *Blockbuster* da esquina. Viam o filme vestidas com roupões fofos enquanto pintavam as unhas. Se Julia tivesse um encontro no sábado à noite, a Sra. Laven e Alice encomendavam comida chinesa e jogavam *Cobras e Escadas*, que era o seu jogo de tabuleiro favorito. Na maioria dos domingos, Julia e Alice davam um passeio em Central Park e compravam *pretzels* gigantes ao seu vendedor favorito, um nigeriano chamado Bou, que sabia que Julia gostava de mostarda extra no seu. Todos os dias da sua semana tinham uma cadência e rotina regulares, e Alice gostava de todos.

Uma sexta-feira, no terceiro ano, a professora de Alice, uma mulher idosa chamada Sra. Salisbury — que franzia o rosto aos alunos todo o dia, como se fosse uma parte integrante da sua pedagogia — mandou Alice ficar na sala depois do último toque. A Professora Salisbury saiu da sala e voltou depois com a mãe de Alice. Julia, com o seu elegante fato de executiva e saltos altos, parecia deslocada e desconfortável entre o mar de pequenas carteiras. Ela e a Professora Salisbury constituíam um improvável par de adultos. A Professora Salisbury tinha uma grande cabeça com caracóis grisalhos que arranjava uma vez por semana no salão de cabeleireiro. Pareciam ondas que nunca iriam rebentar; podia-se ver pelo meio delas e não se mexiam.

A professora disse:

— Sra. Padavano, tenho a certeza de que está a perguntar-se porque a chamei aqui.

— Menina Padavano, se não se importa — disse Julia. — Senhora, não.

Alice inclinou a cabeça, perguntando-se se a mãe ia elaborar. Ouvira Julia descrever-se recentemente como *divorciada*, mas apenas porque uma mãe abelhuda tornara impossível esquivar-se à pergunta. A mãe, claramente, não gostava de dizer a palavra. Normalmente dizia que era mãe solteira. «Digo isso», dissera ela a Alice, «porque a parte mais importante da minha vida é ser a tua mãe».

— Menina Padavano, pergunto-me se tinha conhecimento do relatório que a Alice apresentou hoje à classe?

— Não... tento dar-lhe independência para o seu trabalho — respondeu Julia. — Ela pede-me ajuda quando precisa.

Alice estava sentada na sua pequena carteira. Arranhava com os pés o linóleo do chão.

— Não falei com a minha mãe sobre o relatório. Trabalhei na biblioteca depois da escola.

— Foi o que pensei — disse a professora, secamente. — Menina Padavano, ensino nesta escola há mais de trinta anos e nunca vi uma criança fazer uma apresentação assim. Os alunos podem escolher o assunto que quiserem, isso ajuda-os a sentirem-se investidos no seu trabalho, e depois têm de fazer alguma pesquisa básica e falar à turma sobre o tema. A sua filha fez uma apresentação sobre acidentes de automóvel. Falou-nos de todas as celebridades que morreram em acidentes de carro, incluindo detalhes sobre Jayne Mansfield, que ficou decapitada num...

— Oh, céus — murmurou Julia.

— A Alice apresentou-nos estatísticas das pessoas que morrem em acidentes de carro todos os anos. Transmitiu a ideia de que basta uma pessoa pôr os pés dentro de um carro para estar em risco mortal. E terminou mostrando-nos fotografias de carros acidentados.

Julia olhou para a filha com os olhos muito abertos.

— Várias crianças da turma começaram a chorar, menina Padavano. Posso garantir-lhe que receberei muitos telefonemas de pais arreliados neste fim de semana.

— Peço muita desculpa — disse Julia. — Vou falar com a Alice.

— Não permitirei que volte a falar à turma sem me apresentar primeiro as suas ideias.

— Claro que não. E eu garantirei que nada disto volta a acontecer.

Julia levou Alice pela mão e saíram da sala. No passeio à porta da escola, parou.

— Mas que diabo? — O rosto de Julia estava pálido. — Porque fizeste uma coisa destas?

Alice encolheu os ombros, embora a mãe lhe tivesse ensinado que um encolher de ombros não era uma resposta aceitável a uma pergunta. «Quero que me expliques com palavras», dizia-lhe desde que era pequena.

— Espera... — disse Julia. — É por isso que te tens recusado a apanhar táxis no último ano? Porque tens medo de carros?

— Desculpa teres tido de sair mais cedo — disse Alice. Ela normalmente ficava na escola até mais tarde, numa atividade extracurricular ou a ler na biblioteca. Dependendo do dia, vinha uma ama ou Julia buscá-la à escola. — Desculpa ter feito um disparate. — Ela não gostava de incomodar a mãe; Alice orgulhava-se de não causar dificuldades a Julia. Tinha boas notas e normalmente era ela que assinava a sua própria permissão para visitas de estudo, para Julia ter menos uma coisa que fazer. Alice sentia que a escola era o seu trabalho, e estava desapontada consigo mesma por ter feito asneira.

A expressão de Julia mudou, como se lhe tivesse ocorrido uma ideia.

— É por causa do que... É por causa do teu pai?

Alice voltou a encolher os ombros, mas desta vez de uma forma cansada.

— Ele ainda estaria vivo se não tivesse tido aquele acidente.

Após um momento, Julia disse:

— Estou a perceber.

— Eu não pensei que os meninos fossem chorar, mãe. Pensei que iam achar interessante e queria que eles soubessem que os carros são muito perigosos.

— Parece que conseguiste, meu amor.

Nessa noite, não tiveram a sua habitual *girls' night*, porque Julia tinha dor de cabeça e precisou de se deitar sozinha. Alice comeu pipocas com manteiga extra e usou o comando para mudar de canal.

Deitou-se sozinha, porque a porta da mãe estava fechada e pensou que Julia podia estar a dormir.

Contudo, meia hora depois, a mãe de Alice abriu a porta do seu quarto.

— Estás acordada? — sussurrou da entrada. Julia estava de camisa de dormir e com o cabelo solto.

— Sim — disse Alice. — Preciso sempre de, pelo menos, dezanove minutos para adormecer. — Mantinha um registo, apenas por curiosidade. Tinha de pensar todos os pensamentos da sua cabeça antes de o corpo lhe permitir dormir.

— Preciso de saber... Tens estado bem? — perguntou Julia. — Estás triste por causa dos acidentes de carro? Ou... — fez uma pausa — de outra coisa qualquer? Preciso que me digas se estás triste.

A voz da mãe parecia tão ansiosa que Alice pensou, *Será que deveria estar triste?* Considerou a pergunta.

— Não — respondeu, depois de fazer um inventário interno. — Não me sinto triste.

— Excelente — disse a mãe, com a sua voz normal. — Isso é excelente. Agora dorme, está bem? Adoro-te, meu amor. — A porta fechou-se e Julia desapareceu.

No ciclo preparatório, Alice teve um surto de crescimento imparável. Parecia que ela e o seu corpo seguiam o mesmo caminho e então, num dia ao acaso, o corpo partira a toda a velocidade numa direção diferente e Alice ficara a perguntar-se o que é que estava a acontecer. Estava sempre com fome e Julia precisava de ter um fornecimento de caixas de barrinhas de granola para a aguentar entre refeições. O estômago de Alice resmungava tão ruidosamente nas aulas que os miúdos à sua volta se riam e ela ficava mortificada. Tinha dores acutilantes nas coxas e ao fundo das costas, que o pediatra diagnosticou como dores de crescimento normais, mas Alice, incrédula, pensava, *Como pode isto ser normal?* A única coisa que lhe aliviava o desconforto era deitar-se no chão com as pernas levantadas, encostadas a uma parede, e esta era a posição em que passava a maior parte do tempo em casa depois de voltar da escola. Para seu horror, apareceram-lhe riscas vermelho-vivas nas costas e nos braços — que o

médico disse que se desvaneceriam até desaparecerem totalmente.

A meio do sexto ano, Alice ultrapassara a altura da mãe: 1,62 metros. Alice sentiu uma espécie nova de tristeza quando isso aconteceu. O seu corpo galopava para longe da infância e para longe da mãe. Rapidamente, Alice era três centímetros mais alta que a mãe, depois oito. Percebeu que podia alcançar as coisas que estavam na última prateleira da cozinha. Baixava os olhos para o cimo da cabeça da mãe e compreendia, pela primeira vez, que esta era apenas uma mulher. Julia não era mais especial nem mais forte do que ninguém e, claramente, já não poderia salvar Alice se ela precisasse de ser salva. Se a casa estivesse a arder, Alice teria de pegar na mãe e fugir, não o contrário. Esta realidade fez Alice entrar em pânico, e pela primeira vez na sua vida teve problemas de sono. Não sabia o que fazer.

Alice tinha noção de que a sua altura crescente também desconcertava a mãe. Julia mostrava-se muitas vezes sobressaltada quando Alice se levantava de uma cadeira ou entrava numa divisão. Partilhavam um olhar que dizia, *O que é que se está a passar?* O equilíbrio entre elas fora perturbado; agora Julia tinha de levantar os olhos para a sua filha do sexto ano quando falava com ela, e Alice baixava os olhos para a mãe e pensava, *Será que posso confiar em ti?*

Foi nesta época que Alice transferiu as suas investigações do exterior da sua casa para dentro desta. Com esta nova consciência de que a mãe tinha falhas — porque toda a gente as tinha —, Alice precisava de perceber quais eram os problemas específicos de Julia, para poder compensá-los quando fosse necessário. Ocorreu-lhe que era por isso que uma criança precisava de dois pais e de irmãos. Irmãos e irmãs eram úteis porque podiam falar uns com os outros para verificar se uma má disposição ou reação excessiva dos pais era ou não culpa deles. E numa casa com dois pais, se as fragilidades de um se revelassem, a criança podia recorrer ao outro. Era um sistema de apoio, que não existia em casa de Alice. Se acontecesse alguma coisa a Julia, Alice estaria por sua conta. Exigiu que a mãe fizesse um *check-up* e sugeriu que comessem jantares saudáveis para o coração, um comentário que fez Julia rir-se, até perceber que a filha não estava a brincar.

Aproveitando a ida de Julia ao supermercado, certo dia Alice vasculhou o roupeiro e gavetas da mãe. Não se sentia culpada por esta

atividade. Na sua mente, era uma investigação importante, com consequências de vida ou morte. Se Julia tivesse um problema secreto, Alice precisava de o conhecer. Remexeu os artigos que esperava encontrar: roupas, bijutaria, maquilhagem e produtos de beleza. Alice encontrou uma coisa interessante durante a sua busca na mesa de cabeceira de Julia: um envelope com algumas fotografias.

As fotografias tinham todas pelo menos 15 anos, e eram de Julia e das irmãs. Havia uma das quatro irmãs com os braços nos ombros umas das outras; Julia e Sylvie pareciam estar no fim da adolescência. Alice conseguia identificar as diferentes irmãs porque nas suas visitas à Florida examinava os álbuns de fotografias da avó, tentando memorizar os conteúdos. Não havia espaço entre as irmãs nesta fotografia; estavam todas encostadas, como se estivessem tão confortáveis com os corpos umas das outras como com os seus. A cabeça de Sylvie repousava no ombro de Julia, e Emeline e Cecelia dirigiam sorrisos idênticos à câmara. As irmãs pareciam extremamente parecidas, como se fossem quatro versões diferentes da mesma pessoa. Alice nunca vira a mãe tão feliz.

Havia também uma fotografia de Sylvie sentada num sofá com um bebé no colo — Alice perguntou-se se o bebé seria ela. Mas talvez Sylvie tivesse o seu próprio bebé; Alice não sabia. E a última fotografia devia ser de uma festa — talvez trinta pessoas estavam viradas para a câmara. O avô Charlie estava na foto, de braços estendidos, o rosto sorridente para as filhas. Rose devia ter mexido a cabeça, porque tinha o rosto ligeiramente desfocado. Havia uma Julia mais nova na fotografia, de calças de ganga e cabelos soltos. As irmãs estavam tão perto que ela conseguia estender o braço e tocar-lhes. Alguém devia ter dito uma piada, porque as pessoas na foto pareciam sobressaltadas e a meio do riso. Alice examinou a fotografia, procurando um homem que se parecesse com ela; nunca tinha visto uma fotografia do pai, mas sabia que tinha a cor de cabelo e os olhos azuis dele. Contudo, todas as pessoas na fotografia pareciam Padavanos.

Depois de voltar a guardar as fotografias no envelope e na gaveta, Alice permaneceu perto da cama da mãe. A descoberta das fotografias tinha, de certa forma, confirmado a sua ideia de que havia algo que precisava de descobrir ou, neste caso, recordar. Ela raramente pensava

no facto de ter tias que viviam noutra cidade. A avó Rose contara-lhe histórias acerca das quatro filhas quando eram jovens, acerca do avô Charlie e da sua casa em 18th Place, mas a mãe comportava-se como se a sua vida tivesse começado quando ela e Alice se mudaram para Nova Iorque. Porque é que as únicas fotografias dos seus tempos antigos estavam escondidas, e não penduradas nas paredes? Se tivesse mais família na sua vida, Alice estaria mais segura. Esta prova táctil de que tinha família mas não tinha ligação com eles fez a confusão do pânico crescer dentro dela, e teve de fazer força nas pernas para impedir que lhe doessem.

Nessa noite, enquanto ela e a mãe estavam a fazer o jantar, Alice perguntou:

— Porque é que não falas com as tuas irmãs?

Julia já tinha retirado todos os ingredientes para um rolo de carne, mas abriu o frigorífico e espreitou lá para dentro. Houve alguns momentos de silêncio, e Alice soube, pela primeira vez, no seu corpo alto, que a mãe estava a manter aquele silêncio com ela intencionalmente. Era de propósito para fazer Alice parar de colocar aquele género de perguntas. Alice apercebia-se daquelas bolsas de silêncio pesado disseminadas pela sua infância sempre que abordava tópicos que a mãe não queria discutir. O pai de Alice e a sua morte, a infância de Julia e as suas irmãs.

— Falo com a Emeline e a Cecelia por vezes, mas vivemos em cidades diferentes — disse Julia. — E temos vidas ocupadas. Quando temos irmãos, somos mais próximos quando somos jovens, porque vivemos na mesma casa. Mas, ao crescer, seguimos caminhos separados.

No passado, Alice obedeceria às pistas da mãe e mudaria de assunto. Mas agora precisava de saber o que havia por detrás do silêncio. Fora por isso que vasculhara as gavetas da mãe, para o caso de haver ali um conhecimento que ela precisasse de ter para cuidar de si mesma.

— As outras três: a Sylvie, a Emeline e a Cecelia, ainda são próximas?

Julia olhou-a, o seu rosto sem expressão.

— Não sei. Vivem na mesma cidade, por isso é possível. — Fez uma pausa e acrescentou: — Sou uma adulta autossuficiente, Alice.

Isto é raro para uma mulher, e orgulho-me de o ser. E se te educar como deve ser, tu também não precisarás de mais ninguém.

Alice imaginou a mãe numa pequena ilha deserta e ela própria noutra ilha, a uma distância em que podiam acenar uma à outra.

— Porque é que me estás a fazer essas perguntas agora? — disse Julia.

Alice queria dizer, *Porque acho estranho que as únicas fotografias de família que temos estejam num envelope numa gaveta, e acho estranho que a única família que vemos seja a avó Rose e passemos o Natal sozinhas ou ao fundo do corredor com a Sra. Laven e a família dela. E porque tu tens irmãs e eu gostava de ter uma irmã com quem partilhar o quarto e com quem falar à noite no escuro.*

— Temos uma vida maravilhosa — disse Julia. — Não temos?

— Sim — respondeu Alice, porque claramente a mãe esperava uma resposta, e porque era verdade. *Para já, pensou. Mas, e se alguma coisa correr mal?*

Da vez seguinte que Julia saiu do apartamento para tratar de assuntos, Alice telefonou à avó Rose e perguntou:

— A minha mãe zangou-se com as irmãs?

Sabia que a pergunta surpreenderia a avó, mas também achava que havia boas hipóteses de Rose responder. Vestígios da vida da mãe anterior a Nova Iorque estavam presentes em todo o apartamento da avó Rose: quatro fotografias emolduradas das filhas de Rose penduradas por cima do sofá, e retratos de santas da sua casa em Chicago — a que a mãe revirava sempre os olhos — estavam na cozinha por cima da mesa. E Rose era faladora; na sua companhia não havia bolsas de silêncio.

— Claro que a Julia se zangou com elas. Todas as irmãs se zangam, sabes? Faz parte de ser uma família.

— Eu e a minha mãe nunca nos zangamos — disse Alice. — E tu e eu também nunca nos zangámos uma com a outra.

— Bem — disse Rose. — Isso é verdade. Talvez cada geração seja melhor do que a anterior. Mas o que aconteceu entre a tua mãe e as irmãs é assunto delas; achas que me contam alguma coisa? Sou a mãe delas.

— Só me parece estranho nunca ter falado com nenhuma das minhas tias. Sei que a Emeline nos visitou, mas era muito pequena

para me lembrar. A minha amiga Carrie vê constantemente os tios e as tias. Eu sinto que... — Alice hesitou. — Que me falta alguma coisa. A minha mãe nunca fala de nada que não queira.

— Essa é uma grande verdade — disse Rose. — E eu não me vou meter em sarilhos contando-te alguma coisa sem a aprovação dela.

— Não sei o apelido do meu pai. Podes dizer-me isso?

— Pergunta à tua mãe — disse Rose, e desligou.

Alice tentou obter informações acerca da mãe junto da Sra. Laven, mas a idosa ficou indignada por ela lhe perguntar.

— A tua mãe é bela e brilhante, e mata-se a trabalhar para gerir o seu negócio — respondeu-lhe a senhora. — Tu és, sem dúvida, a rapariga mais sortuda do mundo.

Alice suspirou e mudou de assunto. Sabia que a mãe oferecera um estágio ao sobrinho problemático da Sra. Laven um verão, e dava à velhota uma mala cara de uma loja elegante todos os Natais; era claro que, se este era o último caminho a que Alice tinha acesso, estava bloqueado. Considerou, como último recurso, escrever uma carta a uma das suas tias, mas não sabia as suas moradas nem o que dizer. *Olá, sou sua sobrinha. Como vai?* Sabia que era possível que a mãe tivesse razão, que as irmãs se afastassem quando chegavam à idade adulta e já não tivessem uma casa em comum. Como podia Alice saber? Talvez já mal pensassem umas nas outras.

Parou de fazer perguntas à mãe. Parecia não valer a pena, e a prática agitava Julia, algo que Alice não podia arriscar. O stress podia contribuir para a tensão alta, que podia levar a um ataque cardíaco ou a um AVC, e a saúde de Julia tinha de ser uma prioridade. Alice disse a si mesma: *Se eu parar de fazer perguntas, paro de crescer.* Desde o início do seu surto de crescimento que fazia este género de apostas consigo mesma. Se deixar de roer as unhas, paro de crescer. Se deixar de comer doces. Se levantar a mão na aula quando o professor quer. Nenhuma destas negociações resultara, contudo, e esta também não. Alice calou-se em relação ao passado da mãe, mas continuou a crescer.

Sylvie

SETEMBRO DE 1989 – DEZEMBRO DE 2003

Cecelia adotara o mantra de William para a parentalidade: Nada de tretas e nada de segredos. Se Izzy fizesse uma pergunta, fosse o que fosse, Cecelia respondia honestamente. Sylvie e Emeline estavam por acaso na cozinha de Cecelia uma noite quando Izzy, com 6 anos, perguntou de onde vinham os bebês.

Sylvie comia com as irmãs alguns dias por semana, quando William ficava em Northwestern para treinos tardios. Estavam juntos há quase seis anos e tinham casado no ano anterior. Recentemente tinham-se mudado para um apartamento de dois quartos que não ficava longe da casa das gêmeas, e William começaria em breve a trabalhar para os Chicago Bulls. O franchise criara uma nova posição para ele, com responsabilidades tanto no desenvolvimento dos jogadores como enquanto fisioterapeuta. Os Bulls estavam inchados de otimismo e ansiosos por expandir o seu *staff*. Ainda não tinham vencido um campeonato, mas com Michael Jordan no rol, o troféu parecia inevitável. A descrição de emprego de William estipulava que não viajaria com a equipa; ficaria em Chicago, usaria o seu programa especializado para chegar a áreas em que os jovens jogadores precisassem de ajuda. William provavelmente teria escolhido ficar na Northwestern por lealdade para com Arash e a universidade, apesar da lisonjeadora oferta dos Bulls, mas Arash ia reformar-se e o treinador responsável ia mudar de emprego, por isso Sylvie convencera-o de que

também devia mudar-se. «Temos de continuar a crescer», disse ela, «ou não vivemos». Ele sorriu-lhe, porque ela evitara usar o verbo «morrer». Sabia que Sylvie estava empenhada em mantê-lo afastado de, sequer, pensar nessa palavra.

— Um bebé é feito quando um homem e uma mulher têm sexo — disse Cecelia.

Izzy assentiu com a cabeça, e os seus caracóis negros balançaram em redor do rosto atento.

— E o que é sexo?

Emeline e Sylvie coraram furiosamente enquanto Cecelia desenhava várias posições sexuais num bloco de desenho. Izzy prestou grande atenção, e depois disse:

— Como é que a tia Emmie e a tia Josie fazem isso?

— Oh, meu Deus — disse Emeline, e saiu da cozinha enquanto Cecelia fazia desenhos para ilustrar também isso. Sylvie ria-se no canto sem conseguir parar. De repente teve saudades de Alice, uma sensação que lhe chegava sempre inesperadamente, como que ao dobrar uma esquina. Tinha a sensação de que Alice pertencia àquela cozinha e àquele momento, àquela cena ridícula. Devia estar aqui, sentada ao lado da prima. Sylvie transportava Julia consigo, mas ansiava pela bebé que deixara a família com a mãe.

Esta era uma das mágoas inesperadas que se seguiram à perda de Julia. No seu íntimo Sylvie sabia que a irmã prosperava em Nova Iorque. Julia parecera-lhe excitada e viva quando Sylvie falava com ela durante o seu primeiro ano na cidade, quando estava a construir o seu novo eu e a sua nova vida. Julia era o foguetão que o seu pai sabia que ela seria, e não tinha nada a obstaculizá-la. Mas Sylvie apenas conhecera Alice quando ela era bebé; estava na invulgar posição de amar sem a conhecer, e era incapaz de eliminar a sensação de que o lugar da menina era com o resto deles em Pilsen. Sylvie imaginava Alice a jogar xadrez com Izzy na biblioteca, com as duas cabeças, uma loura, outra morena, inclinadas uma para a outra. E revia, como que em *loop*, uma cena em que descia uma rua com Alice pela mão. Afinal, a criança era metade William e metade Julia, o que a punha no coração de Sylvie.

Mas Sylvie quebrara o coração de Julia, o que significava que não tinha direito a Alice. E William não só abdicara da filha legalmente

como, de alguma forma, conseguira removê-la do seu pensamento. Esta remoção parecia de natureza quase cirúrgica; Sylvie observava-o cuidadosamente e não via qualquer sinal de que ele, sequer, considerasse a existência da filha. Havia pinturas de Alice em casa de Cecelia, e Sylvie via William desviar os olhos de todas elas enquanto percorria os corredores, um percurso de obstáculos tão entranhado que ele nem tinha noção de estar a realizá-lo. Quando se juntava a Sylvie para jantar em casa das gémeas, falava com Izzy acerca da História que esta aprendia na escola. Contudo, parecia ter esquecido a sua própria história, e o facto de Alice ter entrado no mundo na sequência de Izzy. Esquecera que outrora tinham existido duas meninas no seu universo, e não apenas uma. Sylvie nunca mencionava Alice se William pudesse escutá-la. Quanto mais viajavam para longe da tentativa de suicídio do marido, mais grata ela se sentia com a sua estabilidade e o seu óbvio contentamento. Ela tinha-o visto lançar raízes na sua vida, observara-o a preencher as lacunas dentro de si com amor e trabalho significativo. Sylvie aceitava a escolha de William de se manter afastado da filha; aceitava tudo nele, todos os dias, e ele fazia o mesmo por ela.

Em 1993, quando Izzy tinha 10 anos, Emeline e Josie compraram a casa ao lado da de Cecelia. Josie, uma mulher calorosa, de cabelos ruivos, com uma licenciatura em gestão, era sábia com o dinheiro. Negociara a compra da creche onde ela e Emeline se tinham conhecido; pouco depois, comprara outra creche local. As gémeas decidiram partilhar as duas casas; afinal, tinham vivido juntas toda a vida. Derrubaram a cerca que as separava, e a família passou o verão a renovar e a limpar a casa nova. Sylvie, após alguns anos com um horário regular, desfrutou da novidade e da forma como a família se voltara a juntar, e trabalhava com elas nos tempos livres.

Sylvie era agora a bibliotecária-chefe na Biblioteca Lozano, por isso podia definir o seu próprio horário. Surpreendera-se um pouco ao descobrir que gostava de gerir a biblioteca; a tomada de decisões que a posição implicava era gratificante, e ela gostava de ser a pessoa com a palavra final, fossem os assuntos importantes ou não. Sylvie conhecia agora não só os leitores regulares mas, no caso de muitos

deles, também os seus pais e filhos. Frank Ceccione, que crescera duas portas abaixo dos Padavanos, lia o jornal numa mesa junto das janelas da frente todos os dias. Lutara contra a adicção durante a maior parte da sua vida adulta e ela achava que era reconfortante para ambos saudarem-se todas as manhãs. Para deleite de Sylvie, Izzy amava a biblioteca quase tanto como ela e ia muitas vezes para lá depois da escola. Nada fazia Sylvie mais feliz do que ver a sobrinha jogar xadrez ou ler a uma das mesas enquanto ela trabalhava atrás do balcão.

Izzy e Sylvie passaram as primeiras semanas de verão a pintar as paredes de um dos quartos de azul-escuro.

— Vou dormir aqui quando a minha mãe tiver um namorado — disse ela a Sylvie.

— Parece-me bem — respondeu Sylvie. — Gostava de ter tido o meu próprio quarto, onde pudesse ler, quando era pequena.

— Conta-me histórias desse tempo. — Izzy dizia estas palavras desde que aprendera a falar. Adorava ouvir falar sobre a infância da mãe e das irmãs.

Izzy já conhecia a maior parte das histórias devido à política da sua mãe de não lhe esconder nada. Mas durante as noites quentes de verão que passaram a pintar o quarto da cor do céu da meia-noite, Sylvie contou-lhe as histórias por ordem cronológica. Estava no cimo do escadote, a pintar junto da sanca do teto e tentava recordar-se do máximo possível de pormenores. Começou pela infância, que naturalmente incluía a história que, por alguma razão, era a que mais deliciava Izzy, a altura em que a horta de Rose era sistematicamente destruída por um misterioso animal que nunca ninguém viu. O animal estragava a comida, cortava os tomates ao meio e roía as folhas e caules de tudo o que havia na horta. Furiosa, Rose atribuiu turnos aos membros da família, durante os quais tinham de se sentar numa cadeira dobrável no meio dos frutos, legumes e ervas e vigiar 24 horas por dia. Rose e Charlie dividiam o turno da noite, embora Rose acabasse quase sempre por assumir a responsabilidade, porque Charlie distraía-se. Conversava com um vizinho por cima da cerca ou adormecia na cadeira. As raparigas desciam para o pequeno-almoço de manhã e viam a mãe pela janela das traseiras: o cabelo selvagem, um taco de basebol na mão, fitando intensamente a terra à sua volta. «Que vais fazer quando apanhares o animal?», perguntara Sylvie, e

Rose respondera calmamente, «Mato-o». O animal, sensatamente, nunca apareceu — os Padavanos nunca souberam se era um roedor, um pássaro ou um fantasma — mas a destruição da horta parou sob a sua vigilância. Finalmente, Rose declarou-se triunfante e voltou a dormir na cama.

Após algum tempo, a narrativa de Sylvie chegou à gravidez de Cecelia, depois à de Julia, e depois à morte de Charlie. Contou-lhe que Rose abdicara de Izzy e da sua mãe, que o tio William fora hospitalizado e casara com duas das suas tias, e que Izzy tinha uma prima da sua idade que nunca conheceria. Emeline entrava e saía do quarto enquanto as histórias eram contadas, levando candeeiros ou livros, e abanava a cabeça com o que parecia maravilhamento. «Céus», dizia baixinho. Algumas vezes chamava Josie para ouvir.

— Sei que já te contei algumas destas — disse-lhe. — Mas a Sylvie é a melhor contadora de histórias do mundo.

— Adorava ter conhecido o Charlie — disse Josie uma vez, depois de ouvir por algum tempo. — Parece maravilhoso.

As histórias e os seus protagonistas pareciam dignos de nota, pensou Sylvie, quando contadas em voz alta. Ela e as gémeas poucas vezes tinham falado do que acontecera. Tinham-no vivido, afinal, e a perda de Julia silenciara-as. Mas o fascínio de Josie pelas histórias e o claro divertimento de Izzy perante o que via como uma telenovela em que ela própria desempenhava um pequeno papel, lavou a mancha da dor que marcara esses tempos. Quando Sylvie contava a história da família em voz alta, apenas ouvia amor.

Várias vezes, Izzy abanava a cabeça e dizia:

— Os adultos são idiotas. O meu objetivo é crescer e não ser uma idiota.

— Excelente objetivo — respondia Sylvie, pensando que seria fantástico se Izzy fizesse o seu caminho pela vida sem desgostos. Seria possível? Depois ocorreu-lhe algo e disse: — Iz, a verdade é que tenho andado a escrever estas histórias. Há anos. Estão um bocado desorganizadas, mas talvez gostasses de as ler?

Izzy fitou-a. A menina tinha a sua própria versão dos caracóis Padavano — os seus, mais escuros e apertados. O seu rosto era redondo e sério. Apesar de todas as perguntas sobre a família da mãe, não mostrara interesse em saber nada do pai biológico. Quando lhe

perguntavam, Izzy dizia que já tinha adultos suficientes a criá-la, muito obrigada, e além disso, se a mãe não queria esse homem na sua vida, ela também não queria.

— Estás a brincar? — respondeu Izzy. — Esse era o meu sonho!

Sylvie riu-se, apanhada de surpresa pelo entusiasmo da criança. Escrevera cerca de trezentas páginas; na tarde seguinte, mandou encaderná-las na loja de fotocópias e deu o manuscrito à sobrinha. Izzy leu-o e entregou-o a Cecelia e Emeline.

— É muito bom. Podias publicá-lo, sabes? — disse Cecelia, mas quando Sylvie disse que o escrevia apenas para si e para a família, Cecelia concordou. Ela própria, muitas vezes, pintava peças que não tinha intenção de vender, por isso fazia-lhe sentido. Josie leu o manuscrito mais de uma vez; enquanto filha única estava agora tão interessada na história da família Padavano quanto Izzy.

Trabalhando na casa decrépita, nesse verão, com histórias preenchendo todos os cantos e recantos, as irmãs deram por si a recordar mais da história da família. Partilharam memórias enquanto organizavam armários ou arrumavam tachos e panelas na cozinha. Por vezes, quando Sylvie, Emeline ou Cecelia recontavam uma história ao jantar, Izzy ou Josie acrescentavam pormenores ou diálogos, como se também tivessem estado lá.

Certa noite, estavam a comer pizza no chão da sala quando Emeline disse:

— Ouvir de novo todas estas histórias fez-me, de certa forma, recordar. Sei que a maior parte te aconteceu a ti e à Julia — abanou a cabeça para as irmãs —, mas lembro-me de como me senti em cada ocasião.

Sylvie e Cecelia sorriram, para a incentivar a continuar. Emeline raramente falava de si; focava a sua atenção nas pessoas que a rodeavam. Levava bebês da creche para casa a maior parte das tardes, e as crianças esperavam ao seu colo que os pais as fossem buscar. Permanecia muito caseira, mais feliz quando estava no sofá com Josie à noite. A maior dimensão do «superduplex» — era assim que Izzy chamava às duas casas — fazia perfeito sentido para Emeline; a casa tinha agora mais quartos, mais espaço e as pessoas que amava.

— O que é que sentiste? — perguntou Izzy a Emeline. Ela e William estavam a jogar xadrez no sofá, entre dentadas de pizza.

William era o único adulto da família que jogava o seu jogo favorito com ela. Izzy tinha muito mau perder, mas esforçava-se por se controlar com o tio, e ele gostava do desafio do xadrez. Determinar uma estratégia que envolvia duas equipas e uma campanha por espaço lembrava-lhe o basquetebol.

— Fez-me lembrar de como desejava tanto ser mãe — disse Emeline. — Como isso era tudo o que sempre quis.

William hesitou e começou a levantar-se para sair da sala; Sylvie sabia que ele achava que a conversa estava a ficar demasiado pessoal. Tinha sempre o cuidado de dar espaço às irmãs e, se elas quisessem, permitia-lhes ter segredos para ele.

Mas Emeline abanou a cabeça e ele voltou a sentar-se.

— Eu e a Josie conversámos sobre isto tudo na noite passada. — O seu rosto estava iluminado. — E vamos inscrever-nos como família de acolhimento de recém-nascidos. Há muita falta disso, e muitos bebés que precisam de amor.

Josie apertou o ombro de Emeline.

— Na prática — disse —, cuidaremos, por dois ou três meses, de bebés nascidos de mães toxicodependentes ou adolescentes, e depois a agência devolve-os à mãe biológica ou encontra-lhes uma família permanente. Os estudos demonstram... — agora Josie brilhava, porque adorava estudos — que se um recém-nascido for pegado ao colo sempre que chora e lhe sorrirem durante os primeiros três meses de vida, a sua possibilidade de saúde e felicidade a longo prazo aumenta cerca de 50%.

— Fantástico — disse Sylvie.

— Emmie, que ideia maravilhosa. — Cecelia sorriu para a irmã e Josie. — Claro que devem fazer isso! Temos de arranjar um daqueles baloços de bebé que a Izzy adorava quando era pequenina.

— Hum — disse Izzy, com uma expressão triste. — Ouvi dizer que os recém-nascidos choram muito.

— Prometo nunca te pedir que tomes conta deles — disse Emeline. — E o bebé vai dormir connosco, por isso não ouvirás nada à noite.

— Nesse caso, têm a minha aprovação.

A candidatura a família de acolhimento foi rápida. As duas mulheres recearam ser recusadas — por vezes recebiam olhares no

supermercado, e uma família retirara o filho da sua creche por serem gays —, mas o sistema de acolhimento estava tão sobrecarregado que até agradecia candidatas com referências tão boas e tanta experiência no cuidado de crianças. No final do verão, Emeline caminhava pela sua casa totalmente renovada transportando um bebê num marsupial.

Sylvie pensaria sempre nesse verão como aquele em que a sua família se tinha aceitado completamente. O superduplex, com as suas casas partilhadas e estrutura invulgar, espelhava a estrutura invulgar das Padavanos, ou o que restava delas. Sylvie, as irmãs e William tinham construído as suas vidas à sua medida, de acordo com o tamanho e espaço que ocupavam. O espaço de lazer partilhava um pátio e um jardim com uma mistura de legumes e flores. Cecelia usava o sótão da casa de Emeline e Josie como estúdio secundário, porque lhe agradava a luz daquele espaço. Emeline construiu um armário de secagem em casa de Cecelia, que ambas as casas usavam para secar ervas e flores do jardim. Ambas as casas tinham baloiços de bebê e biberons, assim como berços. William guardava a sua caixa de ferramentas na lavandaria de Emeline, e ele e Sylvie tinham chaves de ambas as casas. Os utensílios de cozinha e pratos das gêmeas estavam misturados, por comerem juntas no exterior e se revezarem na lavagem. Izzy tinha um quarto em cada casa, e andava de uma para outra conforme lhe apetecia. Se estivesse a meio de um bom livro, ficava em casa de Emeline, porque o seu quarto ali tinha melhor luz de cabeceira. Quando Cecelia estava entre namorados, dormia em casa da mãe.

Com a ajuda de William, Izzy criou uma oficina num dos quartos livres e construiu um sistema de altifalantes que permitia às duas casas lado a lado comunicarem sem usar um telefone. Ao princípio, tanto Cecelia como Emeline acharam que era ridículo, mas não tardaram a usar a invenção diariamente. *Emmie, onde é que puseste o meu pincel favorito? Josie, estás em casa? Fazes-me uma sandes, por favor? Izzy, o que é que estás para aí a fazer que faz tanto barulho?*

Quando Kent terminou o seu internato, mudou-se com Nicole para Chicago e arranjou emprego nos Bulls, como médico. Os dois casais

encontravam-se no restaurante mexicano para jantar pelo menos uma vez por mês e, ocasionalmente, Gus e Washington e as suas mulheres juntavam-se a eles. Esta era a única vida social que Sylvie e William faziam, além de visitar as gêmeas. Mas quando Kent e Nicole se encontraram com dificuldades em engravidar, Nicole deixou de ter vontade de sair e os jantares tornaram-se menos frequentes. William e Sylvie ficaram tristes pelos amigos, mas não se importaram de passar mais noites em casa. Sentiam-se ambos desconfortáveis junto de estranhos. Quando uma pessoa recentemente conhecida perguntava a Sylvie ou a William como se tinham conhecido, eles eram vagos, porque a verdade era demasiado provocadora para ser contada. Sylvie tinha lido algures que, quanto mais vezes uma história era contada, menos exata se tornava. Os humanos tendiam ao exagero; afastavam-se das partes das narrativas que achavam aborrecidas e mantinham as partes excitantes. Os pormenores e as cronologias mudavam ao longo de anos de repetição. Sylvie pensou em como ela e William raramente contavam a sua história e ficou satisfeita; não sendo partilhada, a sua história de amor permanecia intacta.

— Tu e o William são tão bons um para o outro — disse Emeline uma tarde quando estavam a tratar de assuntos na rua. — Eu sinto que estou sempre a impingir um bebé à Josie ou a pedir-lhe que apanhe as meias do chão.

Sylvie sorriu.

— Bem, nós não temos bebés e não vivemos numa estação de comboios como vocês.

— É verdade. — Emeline suspirou, apesar de ambas saberem que ela adorava viver num sítio cheio de bebés aos berros e crianças que ficavam ali depois da creche, e latas meio-cheias de tinta e uma criança capaz de entrar numa sala com um vibrador e perguntar, *O que é isto?*

Sylvie também sabia que a irmã tinha razão — ela e William eram mais simpáticos um para o outro do que a maioria dos casais. Ela via William engolir comprimidos antes do almoço e de se deitar e via os seus olhos procurarem os dela numa sala quando começava a sentir-se assoberbado. Dava por si a estender a mão para ele no mesmo momento em que ele lhe estendia a sua. William preparava todas as manhãs o almoço que ela levava para o trabalho, e ela assegurava-se

de que a sua vida se mantinha tranquila, porque era o melhor para ele. Ele sussurrava: «Sou tão sortudo» a maior parte das noites antes de se deitarem e ela sabia que também era. Sylvie quase falhara esta vida com este homem, e por quase a ter falhado, apreciava os seus momentos juntos enquanto estes se acumulavam.

Alice

SETEMBRO DE 1997 – FEVEREIRO DE 2002

Quando começou o 9.º ano, Alice media 1,85 metros. Isto chocava toda a gente que entrava em contacto com ela. Os treinadores de voleibol e basquetebol do colégio seguiam-na pelos corredores, tentando convencê-la a juntar-se às equipas, apesar de ela explicar que era demasiado descoordenada para o desporto. A sua altura trouxe o pai de volta ao cenário. Toda a gente, desde a Sra. Laven até ao carteiro e ao diretor parecia compelida a dizer uma qualquer versão de: *Caramba, o teu pai devia ser mesmo alto, não?*

Julia e Alice agora não tinham quase qualquer parecença. Quando Alice era pequena, havia algo na forma dos seus olhos que a ligava à mãe, mas até isso parecia ter desaparecido. O seu gosto diferente para roupas também não ajudava. Julia usava fatos de saia e casaco com blusas de seda durante a semana e calças pretas justas e uma espécie de top solto aos fins de semana. Alice, por sua vez, tinha uma coleção de ténis e usava calças de fato de treino de cores diferentes. Era-lhe difícil arranjar roupa e sapatos que lhe servissem, devido à magreza e à altura. Os ténis, contudo, eram unissexo, o que lhe dava mais opções. A mãe examinara-a, confusa, uma manhã, e dissera: «Não pareces nada feminina.» Alice rira-se e dissera: «Estamos em 1997, mãe. Não preciso de parecer feminina.»

Alice tirava algum prazer do facto de, aparentemente, ser parecida com o pai. Fazia-a sentir que tinha dois pais, apesar de um ter

morrido. O pai caminhava com ela — ou, pelo menos, os seus genes — e isso fazia-a sentir-se mais forte. Ela precisava da força. No início da secundária já era tão alta que encurvar os ombros — algo em que se tornara especialista no ciclo — deixara de ser uma tática eficaz para parecer «normal». Já não havia maneira de contorcer o corpo para se parecer com as raparigas baixinhas da sua escola. Carrie parara de crescer com um metro e meio, o que atraía ainda mais a atenção para a altura de Alice, visto as duas raparigas estarem sempre juntas. Quando Alice abraçava a mãe ou Carrie tinha de dobrar os joelhos de uma maneira que a fazia sentir-se sempre desconfortável. Caminhava mais depressa do que toda a gente porque as suas passadas eram muito largas. Doía-lhe frequentemente o pescoço ao fim do dia porque tinha de baixar a cabeça quando falava com as pessoas. Os miúdos com quem crescera chamavam-lhe regularmente *Girafa* ou *Gigante*. Uma professora de Matemática, claramente pretendendo ser simpática, disse-lhe: «Deves usar sempre sapatos sem salto, querida, para os rapazes ficarem mais confortáveis.» Os homens na rua esticavam-se ao máximo da sua altura e inchavam o peito quando passavam por Alice, como se a altura dela, de alguma forma, pusesse em causa a virilidade deles.

Alice decidiu, quando começou o 9.º ano, que ia deixar de perder tempo a sentir vergonha da sua aparência. Quer se sentisse embaraçada ou confiante, o resultado era o mesmo: era muito alta e as pessoas iam falar disso e troçar dela. Não conseguia misturar-se; a sua altura mantinha-a, muito literalmente, separada de toda a gente. Isto significava que Alice se sentia sozinha, mas como não tinha alternativa, decidiu aceitar a sua realidade. Percorria os corredores da escola com os ombros levantados e obrigava-se a sorrir quando algum miúdo baixote dizia que a escola precisava de mandar levantar os tetos. Mais para provar a si própria que o podia fazer do que por qualquer outra razão, Alice usou saltos altos no seu primeiro baile na escola secundária.

— És muito corajosa — sussurrou Carrie enquanto caminhavam para o ginásio, mas Alice abanou a cabeça.

— Não é coragem — disse. — Toda a gente olha para mim, sejam quais forem os sapatos que eu calce.

Contudo, ficou chocada quando o capitão da equipa de

basquetebol a convidou para dançar. Ele era tímido e gaguejava, mas olhava-a diretamente nos olhos enquanto dançavam, e isso era excitante. Quando a convidou para sair mais tarde nessa semana, ela ficou novamente chocada. A surpresa, contudo, abriu um espaço dentro de Alice, e ela ouviu uma vozinha — seria dela ou da mãe? — sussurrar *não*. Ela tinha-se afastado dos outros miúdos da sua idade, e assim se manteria. Sentia-se mais segura dessa forma.

— Não, obrigada — disse Alice, com a voz mais simpática que conseguiu, e foi-se embora.

Sentiu o alívio inundá-la. O rapaz alto fizera-lhe uma pergunta que ela nunca considerara antes, e a verdade saiu da sua boca. Ela queria ser como a mãe: independente. Alice não contou a ninguém, nem sequer a Carrie, mas no fim do dia toda a gente sabia que ela tinha rejeitado um finalista popular.

Foi estranho, mas nos dias que se seguiram as caras de outros miúdos viravam-se para ela como flores. A maior parte deles eram tímidos ou socialmente desastrados. Olhavam na direção de Alice por trás das suas franjas ou por cima de um livro escolar. Organizavam as suas idas aos cacifos para coincidirem com as dela. Seguiam-na nos corredores. Achavam que Alice era corajosa, e isso fazia-os sentirem-se corajosos. Queriam sentir-se melhor consigo próprios, e percebiam que isso era possível na companhia de Alice. *Não sou corajosa*, queria ela dizer-lhes, porque aqueles miúdos eram regularmente insultados como ela — apelidados de gordos, estúpidos ou feios — e ela não queria enganá-los. Mas não conseguia encontrar uma maneira de se explicar, por isso mantinha-se calada e mantinha a companhia deles.

— Que raio se passa? — perguntou Carrie, de olhos arregalados. Passara todo o ciclo preparatório a repreender rapazes e raparigas por provocarem Alice devido à sua altura, e tinha começado a secundária determinada a fazer o mesmo.

Alice encolheu os ombros. Tinha uma sensação de qual era a verdade — ela recusara sentir-se envergonhada, e isso dava aos seus colegas de turma permissão para fazer o mesmo — mas era incapaz de pôr isto em palavras. Mas mais ninguém a convidou para sair, e isso era um alívio.

Provavelmente por fazer mais vida fora de casa, Alice aceitava agora facilmente os silêncios da mãe acerca do passado e a falta de

fotografias nas paredes. A pequenez de uma família de duas pessoas já não lhe parecia profundamente precária. Alice e Julia ainda faziam o jantar juntas a maior parte das noites e viam filmes com os seus roupões fofos à sexta-feira, se Alice não estivesse a dormir em casa de Carrie. Ela e a mãe faziam-se rir uma à outra imitando vozes tolas e competindo para responder primeiro às perguntas de *Jeopardy!*. Mas Alice também sentia alguma satisfação por o seu próprio corpo — com a sua altura ridícula e desengonçada e o seu cabelo louro — serem, de certa forma, a materialização do passado que a mãe se recusava a mencionar. Alice ainda não conhecia os detalhes, nem mesmo os traços gerais, da vida da mãe em Chicago, mas já não tinha a sensação de *precisar* da informação. Estava a crescer para dentro de si própria, e tinha idade suficiente para confiar que, se precisasse de se salvar, teria força para isso.

No final da escola secundária, Alice já tinha aprendido a melhor forma de gerir a sua vida. Sentia-se menos como um animal de jardim zoológico a percorrer os corredores. Dormia em casa de Carrie a maior parte dos fins de semana e a meio da noite as duas amigas citavam as deixas dos seus filmes favoritos, ouviam discos e cantavam, acompanhando-os, e falavam do que lhes dava na gana. Alice visitava a avó na Florida uma vez por ano, sem Julia, porque a mãe e a avó já não se davam bem. Alice tinha agora perfeita noção de que a mãe cortara as irmãs, a cidade natal, e em grande medida a própria mãe da sua vida, por isso tinha o cuidado de não pisar fora dos limites que a mãe desenhara em volta delas. Alice amava a mãe e, apesar de não pensar que podia perder Julia, estes dados apontavam em sentido contrário. Ainda assim, Alice não podia deixar de notar a expressão que por vezes perpassava no rosto de Julia quando a filha entrava na sala ou se levantava. Havia uma palpitação na sua mãe nesses momentos, uma abertura a outra vida, e apesar de Alice não ter permissão para entrar aí, ficava satisfeita por ser quem, de vez em quando, batia à porta.

Julia levou Alice de carro à Universidade de Boston no início do seu primeiro ano. Falou com a filha enquanto conduzia. Alice achava que conhecia todos os estados de espírito da mãe, mas hoje, Julia como

que faiscava, por vezes parecendo excitação, por vezes parecendo um sinal de aviso de um motor que precisava de arranjo.

— Quero que te divirtas na universidade — disse.

— Claro — respondeu Alice. Tinha as mãos a suar, o que lhe acontecia quando estava nervosa, e enxugou-as nos calções.

— Não te divertiste o suficiente na escola secundária. Quero que sejas feliz. — Julia olhou a filha de relance, para perceber se ela estava a levar esta conversa a sério.

— Diverti-me — venceu Alice.

E era verdade. Tinha-se divertido ficando acordada até tarde a ouvir música no quarto da Carrie e a ver filmes com a mãe. Começara a beber café no 11.º ano, e ao enrolar as mãos em torno da chávena quente todas as manhãs era percorrida por um arrepio — isso estava dentro da categoria de «diversão», não estava? Uma das suas preocupações acerca da universidade era que o café no refeitório não soubesse tão bem como o que fazia em casa. Tinha, na verdade, muitas preocupações acerca da universidade. Não lhe agradava a ideia de estar apinhada dentro de uma residência com um monte de miúdos da idade dela. Os miúdos dessa idade eram barulhentos e desarrumados, e Alice nunca estaria sozinha. Felizmente Carrie ia frequentar a Emerson, que também era em Boston; dava um grande alívio a Alice saber que a amiga estaria perto.

— Oh, estes condutores — disse Julia. Viajavam de Nova Iorque para Boston pela Interestadual 95, uma autoestrada gigante que subia a Costa Leste. Motociclistas, camiões enormes e carros dançavam em torno uns dos outros, procurando espaço. Retomou o discurso: — Devias namorar, ir a festas, ficar acordada toda a noite, coisas desse género.

— Foi isso que fizeste na universidade? — perguntou Alice.

Julia pareceu ponderar no assunto.

— A minha situação era diferente. Eu tinha de viver em casa dos meus pais por razões financeiras, por isso não fazia realmente parte da vida do *campus*. Mas tu podes fazer tudo o que quiseres, querida. Fumar erva, até. Ou, como é que os miúdos lhe chamam agora, curtir?

— Credo, mãe.

A Sra. Laven deixara de lhe chamar *minha pequenina* — assim que Alice a ultrapassara em altura — e passara a chamar-lhe *minha alma*

velha. Alice não se importava; sentia-se até um tanto orgulhosa da alcunha, porque sugeria que ela era madura. Era uma razão para não ter interesse em namorar. Era diferente, antiga por dentro, e dava-se melhor sozinha. A ideia de namoriscar, beijar, ter sexo, enchia-a de horror. A alma antiga de Alice também ajudava a explicar o terror no seu peito em relação aos próximos quatro anos.

Suspirou. Sabia que a mãe ficava assustada quando pensava que Alice podia estar triste, por isso Julia estava sempre a tentar empurrar a filha para a felicidade. Alice ensinara-se a si mesma a sorrir quando entrava numa sala onde estava a mãe. Sabia que o seu sorriso relaxaria Julia imediatamente. Mas era um trabalho cansativo e Alice disse, a sua voz mais perto das lágrimas do que gostaria:

— Vou dar o meu melhor, OK, mãe?

A eletricidade dentro de Julia extinguiu-se, e ela assentiu com a cabeça. Ficaram ambas caladas durante o resto da viagem. Quando chegaram ao *campus* da Universidade de Boston, a mãe ajudou-a a levar as coisas para o quarto na residência do segundo andar. Tinham chegado antes da colega de quarto de Alice — uma rapariga chamada Gloria, do Louisiana — por isso Alice escolheu o beliche de baixo e a secretária mais perto da janela. Alice deixou a mãe dar-lhe um abraço de despedida, mas não conseguiu corresponder porque, se o fizesse, receava que algo dentro de si se quebrasse e desatasse a chorar. Alice nunca chorava — outra perda de controlo que ela evitava — e não se podia dar ao luxo de começar agora.

Achou o primeiro mês de universidade stressante. Os seus receios de ser incomodada pela falta de solidão concretizaram-se. Gostava da colega de quarto, que tinha uma gargalhada linda e sonora, mas Gloria só falava de coscuvilhices: «Viste como o rapaz de boné de basebol flirta com aquela rapariga loira?», ou «Aqueles dois claramente odeiam-se de morte». Alice acenava uma vaga concordância, mas parecia-lhe demasiado cedo para mexericos, como ir de férias e comprar uma casa no primeiro dia. Pensava: *Mas nós não conhecemos nenhuma dessas pessoas. Eu não te conheço. Somos todos estranhos.*

Devido à sua altura, não conseguia confundir-se com o cenário.

Atravessava o *campus* a caminho das aulas e sentia as pessoas a observá-la. As raparigas pareciam chocadas quando a viam, mas raramente diziam alguma coisa. Algumas adotavam uma expressão de piedade, a materialização da palavra *coitadinha*. Sabia que estavam a fazer preces de agradecimento pela sua pequenez, pelo facto de serem femininas e poderem esconder-se quando fosse necessário. Os rapazes perguntavam-lhe se estava na equipa de basquete ou de voleibol. Quando ela dizia que não estava em nenhuma, ficavam chocados. «O teu pai é o Larry Bird?», perguntou-lhe um rapaz. Ela pensou que ele estava a brincar, depois percebeu que não. Alguns rapazes apenas conseguiam aceitar a sua altura se ela fosse uma atleta séria ou, aparentemente, parente de um. De outro modo, o seu tamanho incomodava-os, como um envelope que não coubesse em nenhum marco do correio. Ainda assim, havia outros jovens — as versões ligeiramente mais velhas dos rapazes da secundária que percorriam os corredores com ela — que sorriam ao ver Alice.

— Boa! — disse-lhe um rapaz chamado Rhoan quando foram apresentados num evento de orientação. — Força nisso! — O sorriso dele era tão contagioso que ela não conseguiu impedir-se de lhe corresponder. Ficaram amigos. Certa noite em que estava pedrado, ele tentou explicar-lhe a sua reação inicial.

— Tu eras, tipo, gigante, e parecias orgulhosa de cada centímetro teu. És uma guerreira, Alice.

— Na verdade, não sou — disse ela. — As pessoas confundem a minha altura com bravura. Já acontece há algum tempo.

Rhoan pareceu ponderar.

— Está bem — disse ele. — Faz sentido. Se calhar, o que estou a ver em ti é o potencial para te tornares uma guerreira.

Alice sorriu.

— Isso não vai acontecer — disse. — Mas obrigada.

Carrie visitou-a num sábado à tarde em outubro, e depois de passearem no vasto *campus* da Universidade de Boston, ela, Alice, Rhoan e Gloria foram para o quarto de Alice e Gloria. Deixaram a porta do quarto aberta, por isso conseguiam ver os estudantes a passar. Algures no corredor tocava James Taylor, e a sua voz melancólica revolteava no ar.

— Gosto de ti — disse Gloria a Carrie, a certa altura. — Fico

contente por a minha rapariga ter uma amiga fixe. A Alice é tão tímida que estava a ficar preocupada. Estou sempre a tentar emparelhá-la com diferentes homens altos do *campus*. Ela é linda, e recebe muitos olhares.

— Oh, por favor. — Alice revirou os olhos.

— Também gosto de ti. — Carrie estava de pernas cruzadas num pufe no canto, sorrindo sob o seu cabelo curto. — A Alice floresce lentamente, é só isso. Ela vai chegar lá, mas está a fazer o caminho mais longo. — Carrie lançou a Alice um olhar de aviso: *Vou ser honesta*. — Agora que está longe da mãe, espero que comece a viver mais.

— Eh — disse Alice, surpreendida.

— Então, é esse o problema? — disse Gloria. — Já conheci a minha dose de mães controladoras, disso não há dúvida. Coitada!

— A Alice está a sair-se muito bem — disse Rhoan. Ele era animador por natureza; assistia às corridas de atletismo da universidade só para aplaudir os corredores mais lentos. — Tu e eu podemos procurar homens juntos — disse-lhe. — Ou eu posso procurar e tu fazes-me companhia. O que for melhor para ti, querida.

Uma parte de Alice ficou enternecida pela gentileza de Rhoan e pela atenção destes amigos, novos e antigos. Contudo, uma outra parte dela ficou desconfortável. Esta tarde estava a ser exatamente o que ela temia que a universidade fosse. Demasiado tempo livre, demasiadas horas sem ter o que fazer com os colegas, inventando dramas em vidas perfeitamente boas.

— Para que fique claro — disse ela —, a forma como eu vivo não tem nada que ver com a minha mãe. Amo-a.

Carrie encontrou os olhos azuis de Alice.

— Não disse nada que significasse que não a amavas.

Alice franziu a testa, para mostrar que estava farta de falar daquilo. Carrie sabia que Alice era sensível quando se tratava da mãe, por isso normalmente guardava os seus pensamentos para si própria. Mas Carrie dissera uma vez à amiga, durante a secundária, que não usasse Julia como modelo. «Gosto muito da tua mãe», dissera, «mas alguém que se veste e penteia o cabelo tão cuidadosamente como a tua mãe faz todos os dias, é infeliz por dentro. Está a tentar esconder todas as suas confusões, e quero melhor do que isso para ti».

Uma terça-feira à tarde a meio de fevereiro, Alice voltou ao quarto depois de uma aula e encontrou a mãe de pé junto da sua secretária. Julia usava um fato e o seu cabelo tinha um elegante rolo em camadas.

Alice parou à entrada. A mãe não tinha voltado ao *campus* desde que a deixara ali no início do ano escolar — era Alice que viajava para casa nas férias e nos fins de semana prolongados — e Julia nunca aparecia em lado nenhum sem planear e sem anunciar.

— Mãe? — disse ela. — Que fazes aqui?

Julia não olhou para a filha. Em vez disso, inclinou-se para a parede.

— Estas imagens — disse, com voz tensa. — De onde são?

Alice sentiu algo a afundar-se dentro de si. Entrou no quarto, fechou a porta e despiu o casaco de inverno. A parede por cima da sua secretária estava coberta de fotografias dos murais de Cecelia Padavano. Rhoan era um aspirante a arquivista de arte, e ajudara Alice a coligir as imagens de várias revistas artísticas. Tinham precisado de encomendar algumas, enviando por correio um cheque de alguns dólares a um obscuro jornal artístico de Chicago que parecia cobrir a maior parte do trabalho de Cecelia. Rhoan tinha aumentado algumas das imagens mais pequenas com equipamento que tinham no departamento de arte. Era um projeto em progresso; Alice aguardava de momento a chegada de uma revista com a ilustração de um mural que Cecelia pintara para uma escola da cidade.

— São da tua irmã — disse Alice. Há anos que não levantava o assunto da família de Julia. Enquanto estava na escola secundária, tanto ela como a mãe se tinham comportado como se não tivessem mais família. Alice visitava Rose na Florida, mas quando voltava mal falava da viagem à sua mãe. Julia tinha fechado a porta entre elas tantas vezes que Alice a trancara.

Fora Rose quem uma vez mencionara, quando a neta estava de visita, que a sua tia Cecelia era uma artista. Alice tentara descobrir as pinturas da tia durante o secundário, mas não fazia ideia de onde procurar. O trabalho de Cecelia não estava em museus nem em livros de história de arte. Alice também sabia que, enquanto vivesse em casa, tudo o que descobrisse tinha de ser escondido da mãe. Decidiu que voltaria a procurar na universidade, quando os seus pertences e

passatempos estivessem fora do alcance da mãe. A promessa de procurar a arte de Cecelia e poder exibi-la fora uma das cenouras que Alice usara para se convencer a si mesma a ansiar por ter uma vida universitária, e tivera efeito: a parede por cima da sua secretária era a sua vista favorita. Enquanto Gloria ia a festas, Alice ficava no seu quarto, a ler ou apenas a olhar para a parede diante dela. Quanto mais imagens conseguia adicionar, mais satisfeita se sentia.

— Tornou-se tão boa — murmurou Julia. Agora estava debruçada sobre a secretária, para se aproximar o mais possível das imagens.

— Reparaste? — Alice podia sentir o coração a bater-lhe no peito. — Tu e eu estamos nos murais.

Julia lançou um olhar à filha que era difícil de interpretar — continha medo e incredulidade — e voltou a atenção para as imagens.

A maioria dos murais, logo, a maior parte da parede de Alice, eram retratos de mulheres. Havia close-ups, pintados com cores vivas em paredes de tijolo. Havia o rosto de uma mulher em particular que aparecia em alguns edifícios e na parte de baixo de um viaduto. Na maioria das pinturas, os seus olhos estavam abertos; numa parede, estavam fechados. Havia algo de antigo no seu rosto — parecia ser de outro tempo. Os murais não eram retratos individuais; havia uma imagem que Rhoan ampliara de um grupo de crianças, talvez umas vinte. A legenda dizia que o mural se encontrava num parque de Chicago. As crianças sorriam; parecia que alguém acabara de lhes dar boas notícias. Na última fila estava uma menina branca com cabelo louro-acastanhado que era inegavelmente Alice, por volta dos 10 anos.

— Enviei à Cecelia fotografias tuas de quando eras pequena — disse Julia, novamente numa voz abafada, como se não estivesse a falar para as pessoas na sala.

— Esta és tu — disse Alice, e apontou. A imagem mostrava uma parede que fora pintada de azul-vivo, sobreposta pelo contorno do rosto de uma mulher. Caracóis ferozes inundavam o espaço em volta dela. Tinha o queixo empinado. Este retrato era diferente dos outros — mais vago. Era inquestionavelmente Julia, mas só os que a conheciam intimamente saberiam.

O quarto estava silencioso; Gloria estava num laboratório de Biologia, onde ficaria até à hora do jantar. Julia estava pálida, e Alice sabia que, se tocasse na mão da mãe, esta estaria suada.

— Senta-te, se achas que vais desmaiar — disse.

— Não vou desmaiar.

— Apenas gosto da arte dela — justificou-se Alice. — Não a contactei, nem nada disso. Não tens de te preocupar.

Julia desviou os olhos da parede para a filha. O seu batom era garrido, contrastando com a palidez do seu rosto. Parecia prestes a falar, mas não falou. Em vez disso, assentiu com a cabeça.

Mãe e filha caminharam silenciosamente ao frio até um restaurante italiano próximo. Depois de se sentarem, com a azáfama do restaurante à sua volta, Julia começou a reviver. Pareceu lembrar-se de quem era e porque estava ali.

— Aceitei um cliente em Boston — disse. — Encontrei-me com eles hoje. Claro... — sorriu à filha —, a minha decisão foi incentivada pelo facto de isso me dar uma razão para vir a Boston e ver-te. Estou muito sozinha em Nova Iorque.

Alice também tinha saudades da mãe. Mas sentia-se sozinha neste momento, à mesa com ela. Sabia que a mãe ia perguntar-lhe em seguida se já se decidira por uma especialização — não decidira —, se tinha um namorado — não tinha — e se estava a divertir-se. Mas também sabia que uma parte dela e uma parte de Julia ainda estavam de pé, lado a lado, diante da parede coberta de pinturas, olhando as suas próprias caras, pintadas por uma mulher noutra cidade, da outra vida de Julia.

Alice lembrou-se do tempo no ciclo preparatório em que ultrapassara a altura da mãe e percebera que Julia não era a heroína perfeita, que a sua mãe era uma mulher humana, o que significava ter falhas e um passado, o que parecia combinar com o seu cabelo selvagem. Alice passara a vida a ver a mãe tentar domar, tanto o seu cabelo como o seu passado, embrulhando-os, tentando impor o seu controlo sobre eles todos os dias da sua vida. Desejando estar de volta ao seu quarto, sozinha diante de uma parede de pinturas, Alice pensou: *Ela fez o mesmo comigo.*

Sylvie

SETEMBRO DE 2008

Sylvie saiu mais cedo da biblioteca. Disse à bibliotecária assistente que tinha dores de cabeça. Foi para casa pelo seu caminho habitual, passando pelos murais de Cecelia. Pilsen parecia particularmente colorida nesse fim de tarde de setembro, e a Sylvie agradava estar rodeada pela arte da irmã. Sempre que visitava as casas das gêmeas, percorria os corredores para ver se alguns retratos tinham sido adicionados ou removidos. Tinha a certeza de ver sempre as mulheres da sua vida: as irmãs, as sobrinhas, a mãe e ela própria. Parte do desejo de Sylvie de ir para casa mais cedo hoje era contemplar a obra de arte de Cecelia pendurada na sua própria sala de estar: a paisagem que Cecelia pintara para William pouco depois de ele sair do hospital.

Sylvie abriu a porta do apartamento silencioso e entrou. William só voltaria a casa dali a algumas horas. Sentiu os ombros distenderem-se. O espaço era pacífico e desenhado exatamente de acordo com o gosto deles. Raramente recebiam pessoas; os grandes jantares coletivos aconteciam no superduplex e Kent era um gastrônomo, por isso sugeria sempre que se encontrassem nos restaurantes que queria experimentar. O apartamento era o sítio onde ela e William não tinham de abafar o seu amor nem prestar atenção a mais ninguém. Gostavam de estar na mesma divisão da casa, por isso Sylvie lia ao lado de William enquanto ele via jogos de basquetebol com o som desligado. Quando Sylvie cozinhava, preparava refeições que sabia

que iam deliciar o marido: qualquer espécie de massa, qualquer tipo de guisado. Quando William cozinhava, a receita incluía geralmente grão-de-bico, porque era o favorito de Sylvie.

Apoiou-se nas costas do sofá e examinou a pintura de vento, chuva e luz. A paisagem sempre lhe parecera de esperança, e Sylvie precisava de alguma. Tinha ido ao médico na semana anterior, por causa de uma estranha e recorrente dor de cabeça. Sylvie conseguia ver a dor quando chegava: era lilás e emanava, em círculos concêntricos, de um sítio perto da sua têmpora direita. Sylvie desenhara a dor de cabeça para o médico num papel e ele mandara-a a um especialista. Este fizera testes. Sylvie deitara-se numa máquina de Ressonância Magnética, estranhamente orgulhosa da sua capacidade de ficar perfeitamente quieta, porque isso agradava ao técnico. Sylvie não falara das suas dores de cabeça a William nem às gêmeas, e também não lhes dissera que ia ao médico. Partia do princípio de que as dores de cabeça não eram nada, ou talvez um sintoma de perimenopausa. Afinal, tinha 47 anos.

O especialista, um homem que falava rapidamente — presumivelmente por ser tão solicitado e ter tão pouco tempo — disse-lhe que tinha um tumor no cérebro. Sylvie assentiu com a cabeça em resposta, para ser educada. Ele falou da localização e do tamanho do tumor. Usou a palavra *terminal*. Sylvie assentiu novamente, ouviu mais um pouco e depois saiu do consultório. O edifício era perto da Northwestern e ela decidiu ir a pé para casa. Não prestou qualquer atenção à direção; sabia que, tal como um pombo-correio, o seu corpo se conduziria a Pilsen.

Ao caminhar, Sylvie descobriu que não estava surpreendida com o diagnóstico. Assentou tão rapidamente dentro dela que percebeu que, a um certo nível, já devia saber o que aí vinha. Quando o especialista usara a palavra *incurável*, ela pensou, *Claro. Faz sentido*. Sempre que alguma coisa corria mal em casa quando era pequena — faltava a luz, a máquina de lavar provocava uma inundação, o frigorífico avariava — as primeiras palavras da mãe eram, «Estamos a ser castigados». Sylvie estava a ser castigada pela escolha que fizera vinte e cinco anos antes. Embora tivesse deixado de se considerar católica depois do funeral do pai, reconhecia nos ossos a justiça retributiva da religião. Ficou surpreendida, porém, ao perceber que inconscientemente

mantivera esse sistema de crenças. Pensava que tinha evoluído além da culpa imbuída no catolicismo e na sua infância, além do conceito de olho por olho. Mas, aparentemente, aceitara essa estrutura de retaliação, talvez nos bancos da igreja de St. Procopius quando era criança. Sylvie traía a irmã, por isso o seu corpo traía-a.

Também é possível que apenas estejas em choque, pensou Sylvie agora. A pintura diante dela estava a tornar-se menos potente; a luz, a esperança na tela, desvanecia-se. Sylvie sabia disto porque observara a pintura durante demasiado tempo; o seu significado tinha-se perdido, da mesma maneira que o significado de uma palavra se perdia quando a repetíamos cinquenta vezes. Sabia que a esperança ainda estava na pintura; ela é que já não conseguia vê-la.

Sylvie ainda não tinha dito a William, mas ia contar-lhe esta noite. Desejava que o marido pudesse permanecer ignorante disto; desejava poder simplesmente ficar doente e morrer sem ele ver. Sabia que, quando William olhava para ela, via a rapariga de 20 e poucos anos por quem se apaixonara. Parecia possível, e contudo impossível, que se desvanecesse enquanto estivesse inteira sob o olhar dele. *É isso que desejo?*, pensou Sylvie, mas depois deteve-se porque *desejo* era um caminho perigoso. Tinha de ficar com o que *era*.

Sylvie não estava preocupada consigo própria. Encontrava-se agora na posição invulgar de saber como a sua própria história ia terminar — morreria por causa de um grupo de células aberrante no seu cérebro —, mas estava extremamente preocupada com o marido, sobre como e se ele viveria depois de ela partir. William era muito mais saudável e muito mais forte do que quando era jovem, mas ela sabia que ambos acreditavam que a sua fundação sólida assentara em três estacas: os antidepressivos, a avaliação diária da sua saúde mental e o seu amor. Com um terço desta equação removido, poderia ele desmoronar? Se isso acontecesse, Sylvie já não estaria ali para o salvar. Desde que saíra do consultório do especialista que ruminava acerca de William, perguntando-se se existiria algo que lhe permitisse ficar bem. Ao mesmo tempo, o resto de Sylvie, a sua mente e o seu corpo, tinham-se virado numa direção surpreendente: Julia. O diagnóstico trouxera-lhe uma nostalgia física pela irmã mais velha, uma nostalgia tão forte que Sylvie se sentia sem ar. Tinha saudades do timbre da voz de Julia a elaborar um plano. Faltava-lhe o encaixe

perfeito do seu abraço e o cheiro da irmã. Faltava-lhe estar deitada no seu quarto de infância, no escuro, ouvindo Julia organizar as vidas de todas. Esta nostalgia envolvia agora todo o corpo de Sylvie, enquanto tentava encontrar a luz na pintura. Perguntou-se se o tumor seria um castigo por magoar a irmã e se fora até criado pela separação entre ambas. Talvez o corpo de Sylvie tivesse acabado por ser incapaz de suportar a distância entre Chicago e Nova Iorque.

Nessa noite, na cozinha do seu apartamento, Sylvie contou a William o que o médico tinha dito. Queria fechar os olhos para não ver a notícia fraturar o seu rosto amado e gasto, mas obrigou-se a ver. Precisava de o segurar se ele caísse.

— Tens a certeza? — perguntou ele.

— Sim.

— De que é que precisas? O que é que eu posso fazer? — Ela não disse nada, mas a nostalgia ainda estava presente, e William via-a toda. Amava-a toda. Disse: — Precisas da Julia. — O nome dela soava estranho na boca dele. Nunca falavam dela, ultimamente.

Sylvie abanou a cabeça.

— É impossível. Eu nunca lhe pediria nada.

William examinou a mulher com os olhos vidrados de choque e tristeza. Ele não acreditava em palavras como *impossível*, por tudo o que passara. Acreditava em tentar ajudar; era o que fazia no trabalho — ajudava jovens atletas a manterem-se saudáveis e íntegros — e acreditava no seu casamento com Sylvie. Ela viu-o tentar perceber o que podia fazer com os recursos de que dispunha, enquanto o Sol se afundava no céu atrás dele.

William

SETEMBRO DE 2008

Quando William chegou ao treino dos Bulls, cumprimentou com um aceno o segurança do pavilhão e depois o miúdo atrás do balcão. Tinha consciência de que a respiração era superficial no seu peito; estava sem fôlego pelo que Sylvie lhe dissera na noite anterior. Sentia a notícia apenas no corpo, a mover-se para dentro e para fora dos seus pulmões. Ele precisava de vir a este sítio antes de se permitir absorvê-la completamente. William dirigiu-se às quadras; o ar troava com batidas de bolas no chão. William contornou o espaço cavernoso e entrou na sala de exames, onde sabia que encontraria Kent. E ele ali estava, a dar palmadinhas no joelho de um novato.

O novato avistou William primeiro e fez a expressão que a maioria dos jogadores adotava quando estavam a coxear, magoados ou lesionados de alguma forma. Não era invulgar um jogador lesionado avistar William e tentar fugir dele, como um caranguejo.

— Não é nada de importante, Will — garantiu o rapaz. — O Kent está confiante de que estarei pronto para o próximo jogo. Não é, doutor?

William acenou com a mão.

— Observei-te durante o aquecimento de ontem. Vais ficar bem. Tens boas rodas.

O novato voltou a tombar na mesa de exame, visivelmente aliviado. Kent riu por cima do rolo de fita adesiva nas suas mãos e o

movimento abanou-lhe as rastas.

— Você vê coisas — afirmou o miúdo, ainda deitado. — Toda a gente sabe disso. Já todos ouvimos falar de lesões que previu. É famoso por ser... — Fez uma pausa, procurando as palavras certas. — Clarividente, talvez. Ou lá o que chamam a um bruxo masculino.

William encostou-se à mesa de exame, subitamente cansado.

— Um feiticeiro.

— Não — disse o miúdo na direção do teto. — Não é isso. Mas consegue ver quando eles não estão bem.

William não tinha mais sorrisos dentro de si, mas se tivesse, teria usado um agora. O novato tinha razão; o seu trabalho era ver quando um jogador não estava bem.

— A maior parte das vezes, o que o William vê pode ser remediado — disse Kent. Colou uma última tira de adesivo no joelho e examinou o seu trabalho. — Vocês, cobardes, deviam implorar-lhe que vos observasse, em vez de se esconderem dele como crianças. Podes ir.

— Tenho boas rodas — disse o novato. — Estou satisfeito com isso. — Saltou da mesa com a perna saudável, pegou nos ténis e saiu da sala.

Kent endireitou-se. O médico parecia mais um jogador de futebol do que o extremo-poste que tinha sido. Devido a uma combinação de levantamento de pesos e um entusiasmo pela comida, alargara consideravelmente desde a universidade. Ele e Nicole tinham-se divorciado um ano antes e só recentemente Kent começara a recuperar a sua energia propulsora e gargalhada sonora. Muitas vezes atalhava pelo pavilhão ao sair ou entrar do edifício, tentando roubar a bola a um jogador, embora tivesse quase 50 anos e os seus pacientes fossem atletas de elite no auge da carreira. Os jogadores fugiam de William, mas queriam estar perto de Kent.

Mas foi um Kent sisudo que estudou o amigo por trás dos seus óculos de armações pretas. Inclinou ligeiramente a cabeça, um sinal para William falar.

— A Sylvie mostrou-te a ressonância magnética?

Os ombros de Kent descaíram.

— Ela disse-te.

William fechou os olhos por um momento. Imaginou Sylvie a entregar a sua ficha médica a Kent; ele era a pessoa em que ambos

pensavam em caso de emergência. Sylvie podia ter pensado: *Talvez o Kent possa salvar-me.*

— Calculei que ela tivesse falado contigo primeiro, para ver o que pensavas.

— Ela foi vista pelo melhor especialista da Northwestern. Fiz alguns telefonemas, falei com ele. Houve uma segunda opinião. O diagnóstico está correto.

O ar na sala parecia escuro, mas talvez fosse William que escurecia.

— Ela disse que recusou a maior parte do tratamento. Que tem uns seis meses.

Kent fez um aceno esforçado, como se tivesse de lutar contra o ar para se mexer.

— Calculei que o fizesse.

— O que é que achas?

— Eu faria o mesmo, na situação dela. É uma escolha corajosa. O tratamento é quase tão mau como o que ela tem.

William notou o movimento no braço de Kent e disse:

— Não quero um abraço.

— Eu sei.

William consultou o relógio, embora não lhe importasse saber que horas eram. Já tinha o que precisava dali. Confirmação. A notícia de Sylvie era real, porque Kent o dissera. Encaminhou-se para a porta.

— Tenho algumas coisas para tratar — disse. — Talvez volte esta tarde, talvez não.

— Vou acompanhar-te nisto. — Kent correu para se pôr ao lado dele. — Não te vou deixar sozinho. Os teus medicamentos são bons. Será difícil, mas vais aguentar.

— Tenho de pensar — disse William, mas nessa altura já tinha aberto a porta da rua e estava sozinho no passeio. Sentia o amigo atrás de si, desejando segui-lo, mas contendo-se.

William caminhou em direção a Pilsen. Doía-lhe a pele. Doía-lhe o cabelo. O joelho, que já raramente o incomodava, doía-lhe. Tivera esperança de que Kent dissesse que Sylvie tinha compreendido mal o médico e havia uma cura de que ela ainda não sabia. Fez o caminho por memória muscular até Throop Park. Era onde Arash ainda realizava a sua clínica seminal, por isso William conhecia cada

centímetro do pavilhão ao ar livre. Encontrou uma bola de basquete velha debaixo de um banco e começou a driblar. O som de uma bola a bater no chão acalmava-o; desemaranhava as suas batidas cardíacas e permitia-lhe pensar melhor. Ele notara uma mudança em Sylvie — uma ligeira hesitação nos movimentos — alguns meses antes. Um abrandamento infinitesimal dos seus músculos, articulações e tendões. William tinha pensado, *Afinal, estamos a meio das nossas vidas*. Ele nunca teria atingido este ponto, o meio, sem ela.

Atirou a bola ao cimento. A sua mulher olhara para ele com o seu rosto lindo e completamente franco na noite anterior. Ela era a sua cidade, o seu céu. Dera-lhe uma vida, duas décadas e meia antes. Ele não a merecia; durante os primeiros anos do seu relacionamento, dizia a si mesmo, *Devias ir-te embora. Devias romper com ela*. Mas não suportara fazê-lo. Soubera sempre que a fratura que ocorrera na família Padavano era culpa dele. O silêncio que se seguira entre Sylvie e Julia, era culpa dele. Julia mudar para Nova Iorque e ficar lá, era culpa dele. Sylvie discordava, mas ela era demasiado generosa, e ele sabia que ela se convencera de que essa era a verdade porque o amava. William deixara a mentira continuar durante tanto tempo porque amava a sua vida com Sylvie; amava-a e era tão feliz quanto lhe era possível ser. Não quisera que nada mudasse. Tinha sido um cobarde.

Mas já não, pensou. William ia perder tudo o que era importante para ele. Mas primeiro podia fazer todos os possíveis para que Sylvie se sentisse amada e inteira.

Olhara para o rosto da mulher na noite anterior e soubera o que tinha de fazer. Só havia uma resposta. Quando já driblara o suficiente para ficar a suar e todo o seu corpo estava quente, tirou o telefone do bolso e ligou à sua primeira mulher.

Julia

SETEMBRO DE 2008

Julia estava à sua secretária, aguardando para receber uma apresentação da sua assistente e pensando em Alice. Sabia, intelectualmente, que a filha tinha crescido e tinha a sua própria vida — tinha 25 anos e, enfim, já nem vivia com a mãe —, mas os padrões do cérebro de Julia tinham sido instalados anos antes, e ela estava programada para se preocupar com a filha pelo menos uma vez por hora. Talvez *preocupação* não fosse a palavra correta: Julia habitualmente ia revirando a filha na cabeça como se ela fosse um Cubo de Rubik que não conseguia resolver. Conhecia a filha como ninguém, mas havia uma parte de Alice que estava trancada e Julia temia que a culpa fosse sua. A vida da filha era demasiado simples, demasiado despojada, para alguém a meio da casa dos 20. Alice nunca ficava fora de casa até tarde nem se embebedava demasiado. Nunca chorava por nenhum homem, ou por coisa nenhuma, tanto quanto Julia sabia. Mais preocupante para a mente de Julia era o facto de Alice nunca ter tido um namorado. Julia tinha demasiado medo de lhe perguntar diretamente, mas achava que havia fortes hipóteses de a filha ser virgem. Esta ausência na vida da filha — de amor, de toque, de relacionamento — deixava Julia em pânico. Porque é que a sua linda filha recusava a intimidade? Ela sabia que a altura de Alice devia intimidar alguns homens, mas não todos; Julia só ia para a cama com homens que concordavam com as suas condições e, embora

tivesse desistido de namoros há alguns anos, nunca tivera dificuldades em arranjar um homem agradável. Este espaço em branco na vida da filha era provavelmente deliberado, e Julia queria compreender porquê, mas Alice era habilidosa a esquivar-se das conversas acerca da sua vida pessoal. Uma vez, quando Julia ignorara os sinais de aviso de Alice e a pressionara demasiado, a filha dissera: «Porque é que eu tenho de viver como tu achas que devo? Nunca precisaste de um homem, e eu também não preciso.»

Na universidade, Alice adiara a escolha de uma especialização porque achava a maioria dos assuntos igualmente interessantes. Isto confundia Julia; a filha era inteligente mas não se focava numa possível carreira.

— E um doutoramento? — sugerira Julia. — Tu és boa a ciências, ficaria feliz por te pagar a faculdade de medicina.

Alice abanou a cabeça, com um olhar distraído, e disse:

— Não, obrigada.

Depois da universidade, Alice trabalhava como revisora freelance para algumas editoras, um trabalho que a obrigava a examinar frases a pente fino durante dez horas por dia e mal lhe rendia o suficiente para viver. Enquanto crescia, Alice nunca fora uma leitora ávida — preferia televisão —, mas agora fazia Julia recordar-se de Sylvie, com a sua atenção sempre presa num livro. Contudo, Sylvie amara verdadeiramente ler; não era evidente o que é que colava os olhos de Alice às páginas. *O que é que tu vais realmente fazer?*, perguntava-se Julia. *O que é que vais realmente ser?* Porque esta versão controlada e *Teflon* da filha não podia ser o produto final, pois não? Julia ralava-se — sempre se ralara — que Alice estivesse deprimida, mas a filha parecia demasiado sólida e equilibrada para que esse fosse o caso. E quando Julia lhe perguntava se estava bem, Alice respondia sempre que sim.

Quando a luz do telefone de Julia piscou, ficou grata por ter algo a distraí-la dos seus pensamentos. Pegou no auscultador e disse, no tom profissional que dominava há muito:

— Julia Padavano.

— Olá, Julia. — Houve uma pausa. — É o William.

O som da voz dele chegou acompanhado por um eco. Julia fechara o seu passado como se fosse um cano de água, e o estalido da

válvula a abrir era sonoro. Repetiu o nome dele, porque não conseguiu pensar em mais nada para dizer.

— William?

Ela nunca pensava nele porque, que razões teria para isso? O trabalho dela era pensar em Alice, como tal, imaginou a jovem alta dobrada sobre um manuscrito, em busca de erros. Ao mesmo tempo, teve uma memória em que ela própria estava de pé, no apartamento da Northwestern, com os seios inchados de leite. Julia sentiu-se corar, como se o ar quente daquela sala de estar tivesse atravessado o tempo e a distância para ir ao encontro dela.

Pigarreou.

— Porque é que me estás a telefonar?

— É a Sylvie — disse ele.

Sylvie, pensou ela. Julia olhou em volta, mas ninguém a observava. Ninguém no escritório parecia ter percebido que o passado de Julia acabara de chegar através de uma linha telefónica, arrancando-lhe o coração do peito.

— A Sylvie está a morrer, Julia. Ela está bem agora, mas tem menos de um ano.

Julia pairou sobre o que William dissera. Não podia aproximar-se muito, porque as palavras eram brasas quentes. Sentiu uma enorme vontade de dizer, *Adoro o meu trabalho, sou uma das melhores do mundo na minha área. Ganhei 300 mil dólares no ano passado*. Queria que ele soubesse que era bem-sucedida e por isso demasiado ocupada ou talvez mesmo demasiado importante para este género de notícias. Mas não conseguiu dizê-lo. Teve vontade de pousar gentilmente o telefone, como uma criança que tivesse entrado na extensão de outra pessoa.

— Não — disse.

— A única coisa que ela quer és tu, Julia. Ela precisa de ti.

Julia baixou os olhos. Usava um fato azul-acinzentado. Tinha uma pequena malha nas meias, que impedira que avançasse com verniz transparente. Tentou compreender; parecia que William lhe pedia que falasse numa língua que ela não usava há muito tempo.

— Foi a Sylvie que pediu que me telefonasses?

Ele ficou calado, e Julia lembrou-se que era assim que William falava: com relutância e hesitação, sempre inseguro de ter as palavras certas. Julia partira do princípio de que William e Sylvie ainda

estavam casados, mas apenas porque lhe parecia que a notícia do seu divórcio teria chegado até ela. Julia nunca pensava sobre a vida em Chicago, passada ou presente.

Finalmente, William disse:

— Não. A Sylvie não sabe que estou a fazer isto.

— Tenho a agenda cheia — disse Julia. — Sou dona do meu próprio negócio. Não tenho tempo para ir a lado nenhum. — Levantou a mão e abanou-a. Do outro lado da parede de vidro, a sua jovem assistente saltou da cadeira, com um bloco e uma caneta na mão, e dirigiu-se a ela. Julia não tinha nada para lhe dizer, claro. Ia dispensá-la, tal como ia dispensar William. Eram ambos becos sem saída, paredes brancas. Mas entrara em pânico e pusera a jovem em movimento.

— Julia? — disse William. Ela aguardou, e os anos vibraram entre eles através da linha telefónica. — Nunca vi duas pessoas amarem-se como tu e a Sylvie. — Ele pigarreou. — Pensei que talvez fosse só pela maneira como fui criado, por não ter sido exposto a esse género de coisas, mas não era isso. Nunca vi nada como tu e a tua irmã.

Algo dentro de Julia começou a desmoronar, como aquelas imagens horríveis de glaciares a perderem secções gigantescas para o oceano gelado lá em baixo. Ele tinha dito que Sylvie estava a morrer. A sua *irmã*, que fora tão familiar para Julia como o seu próprio corpo. A sua irmã, que não era sua irmã há mais de duas décadas. Julia tossiu, e dentro dessa tosse estava um som estranho, como se as suas vísceras tivessem começado a chorar, sem que as lágrimas chegassem à superfície. O seu ecossistema estava a mudar debaixo da pele.

— Por favor, vem para casa — disse William.

Julia sabia controlar a voz. Há décadas que manipulava resultados com homens, em conselhos de administração e em encontros românticos. Era especialista em definir um objetivo e guiar as coisas nessa direção. Quando a sua voz saiu confiante e clara, ela ficou satisfeita.

Disse:

— Lamento, William, mas não posso fazer isso.

Quando desligou, Julia notou que tinha as mãos a tremer. *Não há problema*, pensou. *Consigo lidar com isto*. Levantou-se e concentrou-se em caminhar graciosamente até à casa de banho. Escolheu dois

empregados ao acaso aos quais sorrir enquanto atravessava o escritório. Na casa de banho molhou a cara com água fria e pensou: *Atém-te à tua agenda, Padavano. O que é que tens de fazer a seguir? Não penses em mais nada.* Afinal, não era da sua conta que Sylvie estivesse doente. O telefonema não mudara nada na sua vida atual. A irmã já não fazia parte do seu mundo.

Quando saiu da casa de banho iniciou uma conversa com um dos seus empregados mais inteligentes — um graduado da MIT que, Julia sabia, achava que ela não merecia a posição de sua chefe — acerca de um projeto em que estavam a trabalhar. Mas Julia teve dificuldade em prestar atenção à voz do jovem. A sua atenção chegava e partia — atenção, atenção, nada — como se fosse um batimento cardíaco. Desculpou-se dizendo que tinha uma chamada importante a fazer e afastou-se. Quando voltou à sua secretária, percebeu que estava descalça. Olhou para os sapatos de salto alto, arrumados debaixo da secretária. Devia tê-los tirado enquanto falava com William, mas não se lembrava de o fazer. Será que o graduado do MIT tinha reparado que ela estava descalça no meio do escritório? Julia tinha uma regra pessoal acerca de não andar descalça no trabalho, mesmo quando trabalhava até tarde, e agora quebrara-a.

Abriu e fechou gavetas da secretária, com se estivesse à procura de alguma coisa, porque precisava de alguns momentos de vazio para se recompor. Quando o telemóvel tocou, Julia olhou para o ecrã, viu que era Alice e sentiu um soluço de medo. Teria a filha pressentido que ela acabara de falar com o pai? O facto de William e Alice poderem telefonar-lhe, um a seguir ao outro, deveria ser impossível. William estava morto, Chicago estava morta. Sylvie estava... Julia não conseguiu terminar este pensamento.

— Olá, querida — disse, e dedicou todo o esforço e atenção ao uso da sua voz normal.

— Estamos combinadas para esta noite? — perguntou Alice. — Se não, não faz mal. Tenho um projeto novo, por isso posso trabalhar.

Mãe e filha viam um filme ou um programa de televisão juntas uma vez por semana. Alice ia ao apartamento de Julia depois do trabalho, encomendavam o jantar e sentavam-se de pernas cruzadas no sofá como sempre tinham feito desde que Alice era pequenina. Julia sabia que a experiência era confortável para as duas, embora

Julia também se sentisse desconfortável por saber que a filha devia estar lá fora a viver a vida e não em casa com a mãe, como se ainda tivesse 10 anos.

— Estou muito ocupada. Outra noite seria melhor — disse Julia. Teve a sensação de que a agenda de hoje estava a escapar-lhe, como um prato a cair de uma mesa. Ainda estava descalça, uma parte dela resistindo a voltar a calçar os sapatos de salto alto. Então, porque a Julia normal, a que ela tinha sido antes de William telefonar, continuaria a conversa, perguntou: — Qual é o novo projeto?

— Oh, estou a rever um romance. Disse ao Naveen que não gosto de fazer romances, que prefiro ensaio, mas ele disse que a ficção era boa para mim.

— É sobre o quê?

— É uma versão moderna de *Mulherzinhas*. Leste-o, quando eras pequena?

— *Mulherzinhas*? — O corpo de Julia parecia cheio de uma areia húmida e áspera. Conseguiu emitir um ruído de assentimento. Lembrava-se de estar deitada ao lado de Sylvie no escuro, no seu pequeno quarto em 18th Place. Adormecera ao som da voz da irmã inúmeras vezes. Nas suas camas, estavam sempre a voltar à mesma discussão: qual delas era mais adequada para ser Jo March.

«Eu tenho a coragem e determinação da Jo», dizia Julia.

«Mas eu vou ser escritora», dizia Sylvie. «Sou a que poderia contar as nossas histórias.»

— A Jo dirige uma empresa de publicações feministas em Nova Iorque — contou Alice. — A Meg ainda casa por amor e Laurie é uma mulher pela qual estão todas apaixonadas.

Julia disse:

— A Beth morre na mesma?

— A Beth morre — disse Alice. — É muito triste.

E, dessa forma, as duas meninas nas suas camas em 18th Place foram silenciadas. A criança dentro de Julia ficou de olhos muito abertos no escuro, sabendo que *era* Jo, porque Sylvie era Beth.

Sylvie

OUTUBRO DE 2008

Sylvie pegou num livro e pousou-o noutro sítio. Encostou três carros de livros à parede lateral, para os adolescentes arrumarem no dia seguinte. Analisou a prateleira de cima de um carrinho — estava cheia de novos lançamentos. As capas garridas e brilhantes dos livros novos punham sempre Sylvie um pouco triste. Os autores e editores esperavam que os seus livros tomassem o mundo de assalto, e esse quase nunca era o caso. Sylvie trabalhava nesta biblioteca desde os 13 anos, e vira centenas de milhares de livros entrarem e saírem das prateleiras.

Ela pensava que testemunhar este infundável carrossel de livros fora o que acabara por a levar a adiar a publicação do seu. O que estava a escrever era demasiado precioso para ser colocado no mercado comercial. Além disso, a publicação exigia o fim de uma história e ela não estava concluída. Tinha continuado a escrever e a rever durante anos depois de ter imprimido o livro para Izzy, incluindo algumas memórias que as gémeas tinham partilhado com ela. Sylvie interessara-se pela forma como diferentes histórias e diferentes períodos de tempo exigiam um ritmo diferente. Escrever sobre a gravidez de Cecelia, e também a de Julia, e a fúria de Rose, fizera-a sentir como se escrevesse o seu caminho na direção de um tornado. As memórias de infância, contudo, eram diferentes, como nuvens fofas no mesmo céu azul. Não se tocavam umas às outras:

havia a vez em que o Padre Cole repreendera Sylvie diante da congregação inteira por ler um romance durante a missa; a vez em que Cecelia trancara a família fora de casa durante uma hora enquanto terminava uma pintura; a vez em que o seu carro alugado avariara à beira da estrada e Rose lhes ensinara uma canção da sua infância para passarem o tempo. Mas durante o princípio da vida adulta das irmãs Padavano, os eventos sobrepunham-se uns aos outros. Só ao escrever acerca deles é que Sylvie compreendeu verdadeiramente que, no mesmo dia em que a sua amada Izzy entrara neste mundo, Charlie partira. E no dia em que Alice nascera, Rose partira de Chicago.

Sylvie não podia deixar de se perguntar o que a sua própria morte traria. Que golpe duplo seria desferido por ela? Ninguém da família estava grávida; as irmãs eram demasiado velhas e Izzy nem pensava na maternidade, apesar de ter um bom namorado que gostava de a ver jogar xadrez e geria as contas do seu negócio de explicações. Cecelia provocara Izzy dizendo que ele era mais um assistente do que um namorado. «Serve para mim», respondera Izzy, encolhendo os ombros. «O sexo é fantástico.» Talvez Alice esteja grávida, pensou Sylvie, depois abanou a cabeça, autorrecriminando-se. Não sabia nada da vida de Alice; não era nada da sua conta e não podia ter nada que ver com a vida ou morte dela.

Desde o diagnóstico, Sylvie voltara a *Folhas de Erva*. Queria absorver a perspetiva otimista de Whitman acerca da morte; queria partilhar a mente aberta do poeta sobre o que vinha a seguir. Sempre que sentia um arrepio de medo, Sylvie repetia para si mesma a frase: *E morrer é diferente do que todos supunham, e mais feliz*. Ouvia estas palavras na voz de Charlie, o que a colocava novamente na horta por trás da mercearia. O pai estava perto da morte nesse dia, e agora era a vez de Sylvie. Charlie dissera à filha aquilo em que talvez precisasse de acreditar: que tudo era lindo, o que significava que a sua vida, embora desapontasse Rose, embora estivesse quase acabada, tinha beleza. Era verdade: tinha, tudo tinha. Desde o seu diagnóstico, Sylvie via beleza em todo o lado: numa prateleira de livros bem arrumada, no sorriso que Emeline oferecia ao bebé nos seus braços, nas linhas familiares do rosto de William. Sylvie dava por si a olhar as faixas de luz no chão da biblioteca, maravilhando-se com a sua beleza.

Não pensava na doença a não ser quando tinha uma daquelas dores de cabeça peculiares que a tinham levado ao médico da primeira vez. Continuava a desenhar a dor de cabeça e os seus círculos concêntricos, quase como se mantivesse um diário. A dor de cabeça era tão pessoal, tão única, que Sylvie queria documentá-la. Se ela tivesse pedido, William teria olhado para o desenho e tê-la-ia ouvido explicar como por vezes até ouvia uma música ténue dentro da dor, mas isso teria sido cruel. Sylvie queria ajudar William, não aumentar o seu sofrimento. Perguntava-se todos os dias como podia garantir que William viveria — mais do que isso, quisesse viver — depois de ela partir.

Quando se encontrara com Kent num café, longe de Pilsen e das instalações dos Bulls, para lhe mostrar o relatório e a ressonância magnética, tinha-lhe dito: «Talvez precisas de salvar o William outra vez, depois de eu partir. De uma forma ou de outra. Peço desculpa por isso.»

Kent, mais pesado em todos os sentidos desde o seu divórcio, disse: «Não te preocupes, Sylvie. Eu consigo lidar com isso.»

Ela desejou que William ainda estivesse a trabalhar no seu manuscrito, porque achou que escrever podia ajudá-lo a compor a sua vida. Mas ele deixara de escrever cerca de seis meses depois do início da sua relação. «Já não preciso disto», dissera-lhe, e Sylvie compreendera. Nessa altura, William trabalhava para a equipa da Northwestern, e substituíra o silêncio dentro dele por amor e amizade, a sua medicação e o troar diário de bolas de basquete a bater no chão do pavilhão. A escrita de William nunca tinha sido um livro, afinal. Tinha sido uma luta dentro de si próprio. Cada frase que escrevia acerca do desporto que amava era um fósforo aceso contra a sua escuridão interna.

Uma colega chamou-a e Sylvie virou-se. O marido atravessava a alcatifa da biblioteca na direção dela. William sorriu à mulher, mas era um sorriso fabricado, do género que fizera no dia em que ela o conhecera, muitos anos antes. Voltara a precisar de alavancas e roldanas para fazer a sua cara ficar como ele queria. Ela conseguia senti-lo a pensar: *Mostra à Sylvie que estás bem, para ela não se preocupar.*

Ela sabia que não podia dar-se ao luxo de se preocupar agora. Ele

tinha vindo buscá-la para irem contar a Emeline e Cecelia acerca do seu diagnóstico. Sylvie tinha dito a William que ele não precisava de a acompanhar, mas ele insistira. O rosto do marido estava determinado desde que ela lhe dissera que estava doente, duas semanas antes. Algo dentro de William se tinha virado numa nova direção, e ele estava decidido a garantir que as suas palavras e ações se alinhavam com esta nova rota. Sylvie sabia que essa rota tinha que ver com ela, mas não sabia em que consistia. Estava recém-consciente de um ralo — como numa banheira — bem dentro dela, através do qual a sua energia estava a escapar. Já não podia tentar compreender tudo. Tinha de se desapegar disto. Perguntou-se se morrer seria simplesmente um exercício de desapego de uma coisa após a outra.

Percorreram de mãos dadas os poucos quarteirões até ao superduplex. Era meados de outubro e as folhas estavam a mudar de cor. *Que árvore!*, pensou Sylvie, quando passaram por um velho carvalho. Apontou para um cardeal no tejadilho de um carro. O dia estava enevoadado, mas havia um triângulo azul no canto esquerdo do céu. William e Sylvie não conversaram: não era preciso.

Cecelia e Emeline receberam-nos à porta da casa desta última, com os rostos enrugados de preocupação. Sylvie pedira-lhes que estivessem em casa, porque tinha algo para falar com elas. Os quatro ficaram na cozinha — Josie estava no trabalho e Izzy não estava ali — enquanto Sylvie dizia o que tinha para dizer. Lembrou-se da última vez que reunira as irmãs mais novas para lhes dizer algo que elas não queriam ouvir; o golpe desse dia fora que elas tinham todas de abdicar de Julia, como se largassem um balão. Sylvie ainda estava grata a Emeline e Cecelia por a terem perdoado, e sentia-se péssima por estar prestes a partir-lhes novamente o coração. Foi um alívio Izzy, por acaso, não estar ali; a jovem tinha agora o seu próprio estúdio, mas ainda flutuava entre um quarto e outro, como fizera toda a sua vida. Teria sido demasiado falar também com Izzy. Sylvie precisava de fazer isto lentamente, a um ritmo que pudesse suportar. Sabia que também teria de dizer a Rose, mas ainda não tinha forças para suportar a reação da mãe. Dentro de alguns meses, quando se sentisse mais doente, telefonaria à mãe ou pediria a uma das irmãs que o fizesse.

Quando Sylvie conseguiu dizer as palavras, as gémeas tiveram reações diferentes do que ela esperava. Cecelia chorou, enquanto

Emeline ficou zangada.

— Nem pensar — disse ela levantando a voz. — Nem pensar. Isso não está certo!

William olhou para Emeline.

— Nada nesta situação está certo — disse ele.

— Confirmaram tudo com o Kent? — perguntou Cecelia.

Sylvie fez que sim com a cabeça.

Era notável o quão profundamente todos confiavam em Kent. Ele era especialista em medicina desportiva — nem sequer era de clínica geral, e muito menos um oncologista — mas todos lhe telefonavam quando tinham febre alta ou enviavam-lhe fotografias de um corte nas costas da mão para saber a sua opinião sobre a necessidade de pontos. Ser médico era uma identidade inabalável e Sylvie e a sua família, e todos os muitos amigos de Kent, lhe mostravam feridas e sintomas com uma expressão que dizia, *Consegues curar-me?*

Emeline pôs-se a andar de um lado para o outro na cozinha. Cecelia limpou as lágrimas das bochechas, que logo foram substituídas por mais.

— Devia ser eu — disse Emeline numa voz dura.

Sylvie e Cecelia fitaram-na.

— Porquê? — perguntou Cecelia.

— De todas nós, eu é que devo ser a Beth, não tu. Sempre soube que seria a primeira a morrer. — O tom da sua voz baixou. — Eu e a Beth temos a mesma personalidade — disse. — Eu sou a sossegada, a caseira.

Sylvie fitou a irmã com fascínio. Emeline tinha, aparentemente, escrito uma narrativa para a sua própria vida, e Sylvie acabara de passar uma borracha sobre o final. Emeline devia acreditar que seria este o caso desde que eram meninas. Ela fora sempre maternal e protetora com as irmãs, e isso significava tomar as suas dores para si mesma. Se houvesse uma bala, Emeline queria saltar para diante dela. Tinha planeado fazê-lo e detestava que pudesse haver qualquer outro resultado.

— Oh, Emmie — disse Sylvie. — Lamento.

William disse, num tom hesitante:

— A Beth não é uma personagem de ficção?

— Isto é horrível — disse Cecelia.

— É insuportável — disse Emeline.

Um grande cansaço percorreu Sylvie, como se o seu sangue se tivesse tornado mais pesado. Pensou, *Sentimo-nos assim quando a Julia se mudou. Mas habituámo-nos à sua ausência, o que significa que vocês também se habituarão à minha.*

Mais tarde, nessa mesma noite, Sylvie sentou-se na cama com um livro aberto no colo. Estava demasiado ensonada para ler, mas a proximidade do livro era reconfortante. A conversa com as irmãs exigira-lhe mais forças do que as que possuía, e estava aliviada por ter acabado. William estava deitado ao lado dela; metera-se na cama sem um livro. Se não tinha a concentração nem o desejo de ler, não ia fingir. Isto era algo que Sylvie sempre tinha admirado no marido. Ela andava sempre com um livro — para ler, sim, mas também como um escudo conveniente para defletir a atenção das outras pessoas. Colocava um livro diante da cara e pensava, ou simplesmente escondia-se. William, porém, pegava num livro apenas quando queria ler o seu conteúdo.

— Tu e as tuas irmãs têm tantos pontos de referência, uma história tão densa — disse William.

Sylvie examinou-lhe o rosto. Viu ali algo novo, uma sugestão de que ele estava a considerar um momento muito antigo da sua própria história. Um ponto de referência de si próprio.

Perguntou-lhe:

— Estás a pensar na tua irmã?

William fez o seu sorriso mais breve.

— Como é que percebeste? Não pensava nela há... — Fez uma pausa. — Há muito tempo.

Sylvie pensou, *Simplemente, sabia.* Tinha consciência de que começara recentemente a pensar em vez de falar em voz alta, como se os dois fossem a mesma coisa. Como se ambos carregassem o mesmo peso e atravessassem a mesma distância.

William, contudo, pareceu ouvi-la; assentiu com a cabeça.

— Estava a recordar-me de quando andava no liceu e parti a perna. É a única altura em que me lembro de pensar na Caroline quando era pequeno. Não podia jogar basquetebol e queria morrer,

como ela. Mas acho que... acho que queria morrer em parte porque queria estar com ela. Não gostava de viver na minha casa sem ela. Isso nunca me ocorreu tão explicitamente em palavras, mas sentia falta dela. — Fez uma pausa. — De certa forma, tenho saudades dela, apesar de nunca a ter conhecido. Não é estranho?

Sylvie pôs a mão sobre a dele. Tinham ambos visto a dor em carne viva nos rostos das irmãs dela naquela noite, no momento em que Emeline e Cecelia tinham sido obrigadas a considerar a vida sem Sylvie. Parecia-lhe plausível que se uma das quatro irmãs Padavano tivesse morrido quando era bebê, as outras três teriam sentido a falta dela — e faltar-lhes-ia uma parte de si próprias — para o resto das suas vidas.

— Faz sentido para mim — disse ela, e apertou-lhe a mão com mais força. Lembrou-se de quando lhe segurara a mão gelada na ambulância, décadas antes. Queria segurá-la agora, apertá-la tanto que nada pudesse separá-los.

William

OUTUBRO DE 2008

Passaram três semanas desde o telefonema de William para Julia, e depois quatro. Outubro aproximava-se do fim. Seria possível que ela não viesse? Julia era a pessoa mais teimosa e determinada que William alguma vez conhecera, e decerto a sua ex-mulher não ia aparecer em Chicago só por ele lho ter pedido. Ainda assim, William acordava todas as manhãs a pensar, *Hoje pode ser o dia*. Não contara a ninguém — nem sequer a Kent — sobre o telefonema que tinha feito. Quando Sylvie chegava a casa, vinda da biblioteca, todas as noites, William examinava o rosto da mulher para ver se algo acontecera. Sylvie obrigara Cecelia e Emeline a jurarem que não contariam a Julia nem a Rose da sua doença, por isso, tanto quanto ela sabia, todos os caminhos em direção à sua irmã mais velha estavam bloqueados. Todas as noites Sylvie parecia igual, porém: um pouco cansada e feliz por vê-lo. Parte de William ficava aliviada, apesar da sua crença de que Sylvie precisava de Julia. A ideia da sua mulher, que também podia significar a sua filha, nesta cidade e vida, era impossível de aceitar na mente dele. Ele não tentava, mas a possibilidade — que ele criara — permanecia na sua visão periférica, como se Julia e Alice estivessem no extremo mais distante do horizonte.

Se chegara tão longe era porque quase nunca pensava em Alice. Fechara com êxito essa parte da sua história. Não se permitira uma filha, por isso, na sua mente, não tinha uma. Esta convicção não

surgira sem esforço. Havia pinturas de Alice que ele tinha de evitar em casa de Cecelia, e Izzy atravessara uma fase, quando tinha cerca de 10 anos, em que tentava fazê-lo falar da filha. Ele sempre gostara de Izzy; ela não tinha paciência para conversas de circunstância e ele não tinha jeito para elas. Mas houvera uma fase na sua infância em que a menina era dolorosamente direta, e todos os adultos em torno dela tinham sido magoados de uma maneira ou outra. «Comes sempre mais do que precisas», dissera ela certa vez a Josie, e a mulher corara até à raiz dos cabelos, com uma fatia de tarte de mousse de chocolate na mão.

— Porque não vais a Nova Iorque ver a Alice? — perguntara-lhe Izzy. — Não tens curiosidade em saber como é? E se ela não estiver bem por tu não estares na vida dela?

William forçara-se a ficar calmo e responder. Se Izzy fosse um adulto, ele teria saído da sala.

— Tu passas bem sem o teu pai — disse ele.

Izzy pareceu ponderar.

— Sim. Mas tenho-te a ti e a toda a minha família. Quem é que a Alice tem?

— Tem a mãe. — Isto, para William, tinha sido sempre o essencial.

Todos os outros — Kent, Sylvie, as gémeas — compreendiam que, se tivessem alguma coisa a dizer acerca de Julia ou Alice, deviam dizê-la sem que ele ouvisse. Esta nova situação, aguardar que uma bomba que William montara explodisse, ou não, era esgotante. William comparecia aos seus dias de trabalho — via jogadores jogarem, almoçava com Kent, jantava com Sylvie — e esperava. Já não tentava estar confortável. Estava implicado num projeto a longo prazo de erradicação de tretas e segredos da sua vida e a cuidar de Sylvie de todas as formas em que conseguia pensar.

Uma manhã, depois de Sylvie ter saído para a biblioteca, William abriu o roupeiro do quarto e tirou uma caixa de cartão de tamanho médio com um único item lá dentro. Tirou a fotografia emoldurada de Caroline da caixa e olhou-a pela primeira vez desde que esta chegara no correio após a morte dos seus pais, dois anos antes. Na noite em que Sylvie revelara às irmãs o seu diagnóstico, a irmã de William chegara-lhe à mente como um convidado surpresa. A vida parecia

repleta de pequenas surpresas desde que Sylvie adoecera. Emeline a gritar por causa de uma personagem de um romance infantil. William a telefonar à sua primeira mulher. A irmã a ocupar um novo lugar no seu coração. E, uma vez aparecida, Caroline ficou. A menina ruiva, de tão longe no seu passado, acompanhava-o nos seus dias. Ele queria ver-lhe o rosto.

Aparentemente, a mãe de William morrera primeiro, de doença do fígado. O pai tinha tido um ataque cardíaco fulminante à secretária do seu escritório alguns meses depois. Tinham deixado os seus bens à sua paróquia católica. O advogado ligara a William para lhe dar a notícia e pedir-lhe que fosse a Boston tirar as coisas da casa e decidir o que fazer com os artigos pessoais. «Que género de artigos?», perguntara William, verdadeiramente incapaz de perceber de que se tratava. «Álbuns de fotografias», respondera o advogado. «Porcelanas, joias...» William contratara um serviço para embalar as coisas e vender ou dar tudo o que havia na casa, com exceção da fotografia emoldurada da menina ruiva que estava na mesinha da sala dos pais. Esta fora-lhe remetida, e embora Sylvie — que ficou tão deliciada por ver a fotografia como podia ter ficado ao conhecer a irmã de William — quisesse pendurá-la na parede, William guardara-a no roupeiro.

Passou o polegar levemente pelo rosto da irmã. Lembrava-se de ter falado a Sylvie sobre Caroline quando estava no hospital, mas depois voltara a selá-la dentro de si. Soubera sempre que os pais teriam preferido que ele morresse em vez da irmã. Era claro, na casa em que ele crescera, que a perda da menina era a maior dor imaginável. Perder Caroline arruinara os pais de William, e viver com aquelas duas pessoas destroçadas fizera William ter também um pouco de medo da irmã. Percebia agora, com a fotografia nas mãos, que se afastara da irmã e da filha para se proteger dessa devastação específica. Assegurara-se de não poder perder uma menina. Claro, a ironia era que, para se assegurar disso, as cortara da sua vida.

As mãos de William encheram-se de suor à medida que sentia as verdades encaixarem dentro dele. A mãe e o pai tinham-se fechado sob o peso da sua imensa dor; tinham escolhido manter a aparência de viver uma vida, o que era muito diferente de a viver. William pensou que podia ter feito a mesma escolha depois de sair do hospital, se não fosse Sylvie. Teria percorrido os dias como minutos num relógio, tudo

trancado dentro dele, se Sylvie não tivesse insistido em que ele se permitisse amá-la. Mas os pais não tinham tido ninguém que os salvasse, e não podiam olhar para o filho sem se lembrarem da perda da filha. Tinham virado as costas a William, e ele compreendia agora que fizera o mesmo a Caroline e Alice. Na verdade, ele não era melhor do que a mãe e o pai. Os três tinham perdido tempo e amor com pessoas que mereciam ambos. Quando William pensou em si mesmo como um rapazinho solitário a driblar uma bola de basquete no parque, acreditou, talvez pela primeira vez, que teria merecido a atenção dos pais. E, nesse momento, perdoou-os.

A irmã sorriu-lhe de dentro da moldura, ignorante do seu próprio poder. Parecia entusiasmada e pronta para se divertir. Como teria sido a vida de William se ela tivesse vivido? Se ele tivesse crescido com uma irmã mais velha, numa família não silenciada pela perda?

Com os pais mortos, esta fotografia era a única prova da existência de Caroline, e ele era o único que sabia que ela tinha vivido. William saiu do apartamento com a fotografia emoldurada. Atravessou o ziguezague de quarteirões que o levavam ao superduplex. Abanava a cabeça, divertido, sempre que se referia às duas casas pelo nome que Izzy lhes dera anos antes. Na altura achara ridículo, mas a alcunha pegara. Bateu à porta da casa de Cecelia, sabendo que ela podia estar na casa ao lado ou no cimo de um escadote algures na cidade, a pintar. Não a tinha visto, nem a Emeline, desde que Sylvie lhes dera a notícia.

Ficou aliviado quando Cecelia abriu a porta. Vestia calças de ganga e amarrara os cabelos com o lenço amarelo que usava sempre que trabalhava. Apesar de pálida, ainda se parecia com Cecelia. William percebeu que andara preocupado, depois de ver a fúria da habitualmente plácida Emeline e o choro da habitualmente forte Cecelia, que a perspectiva de perderem Sylvie as tivesse deixado irreconhecíveis. Ele nunca ouvira Emeline levantar a voz, até esse dia. Claro, Cecelia podia estar completamente mudada sob a pele — William estava — mas o seu rosto familiar ainda era um alívio. William amava as irmãs mais novas da mulher; esta consciência fora crescendo nele ao longo dos anos. As gémeas tinham-no aceitado depois de as ações dele terem separado a família. Este ato de generosidade — Cecelia e Emeline não tinham nada a ganhar com ele,

pessoalmente — ainda lhe parecia extraordinário.

— William — disse Cecelia, com surpresa na voz. — Que se passa? É a Sylvie...?

— Ela está bem — respondeu ele. — Não estou aqui por causa dela. — Estendeu-lhe a fotografia emoldurada. — Gostava que a pintasses. À Caroline. — Pigarreou. A sua respiração era novamente entrecortada; sentia os pulmões cheios. — Por favor — disse.

— É a tua irmã — disse ela, num tom de fascínio, e examinou a imagem. — William, é linda.

William achou que ia chorar se permanecesse ali, diante de Cecelia. Queria deixar a sua linda irmã com ela, para ser replicada e talvez pintada numa tela enorme. Dessa forma, ela continuaria a existir, à parte dele. William prestara um mau serviço a Caroline ao sequestrá-la dentro de si. De certa forma, temera que, se lhe abrisse os olhos e o coração, ela o magoasse como magoara os pais. Mas isso tinha sido um absurdo. A menina na fotografia merecia muito melhor.

— Fá-lo-ás? — perguntou.

— Claro. — Cecelia segurou a moldura com ambas as mãos, como se receasse deixá-la cair.

William assentiu com a cabeça — não conseguia falar — e começou a afastar-se.

— Obrigada por me pedires — gritou ela atrás dele.

Nessa tarde era a clínica semanal de Arash. William tinha faltado algumas semanas depois de saber a notícia de Sylvie, mas estava na altura de voltar. A um quarteirão de distância, já distinguia Kent, Arash e vários miúdos no campo. Izzy também lá estava, a conversar com uma jovem jogadora. Dera explicações a vários daqueles miúdos na secundária. Arash estava a aproveitar a sua reforma para ajudar jogadores jovens, tanto nesta clínica como diretamente com várias equipas de escolas secundárias públicas. «Se ajudarmos um miúdo...», dissera ele quando fundara a clínica, para convencer William e os outros a juntarem-se a ele. Todos tinham concordado, compreendendo que ajudar um miúdo podia ter múltiplos significados.

— William! — saudou Arash.

Kent acenou-lhe do meio do campo, claramente satisfeito por vê-

lo. Bolas de basquete estavam a ser dribladas no cimento duro e William tentou focar-se no som. Não havia redes nos aros do parque, mas William conseguia imaginar o restolhar da bola a cada cesto feito. Só quando se aproximou mais é que percebeu que havia ali mais pessoas do que era habitual. Havia os adultos esperados, e os miúdos, claro, já a fazer lançamentos e a aquecer no extremo do campo. Mas Washington também estava ali, e Gus. Ambos tinham empregos no mundo real — era assim que ele e Kent chamavam a qualquer emprego fora do basquetebol. Washington era um estatístico que trabalhava para a câmara municipal, e Gus era professor de Inglês numa escola secundária. Nunca tinham estado na clínica.

— Olá a todos — disse William, num tom cauteloso.

— Estamos tão contentes por estares aqui — disse Arash, e os homens à sua volta, Kent, Washington, Gus, acenaram ao mesmo tempo, como que para demonstrar a sua sinceridade. Izzy ignorou William e continuou a conversar com a jovem jogadora. William sentiu uma nota de gratidão em relação à sobrinha. Ela já sabia da tia, claro, mas não o abordaria em público.

Foi para as bancadas, para se sentar. Sabia que não ia dar uma lição aos adolescentes, hoje. Estava ali simplesmente como uma das colunas que suportavam o esforço. Ele era o menos jovial dos adultos envolvidos, por isso a sua presença mantinha os miúdos bem comportados.

Washington e Gus sentaram-se um de cada lado dele.

— É bom ver-te, amigo — disse Washington. — Que tal estão os Bulls este ano?

— Estou empolgado para ver o *Pooh* — disse Gus. *Pooh* era a alcunha do número um no processo de seleção, Derrick Rose. — Pode mesmo ser o nosso próximo Jordan. — Era algo pelo qual as pessoas de Chicago ansiavam desde que Michael Jordan deixara os Bulls, nove anos antes. Cada caloiro que entrava no franchise tinha um peso impossível aos ombros.

William relanceou cada um dos homens:

— Presumo que estejam aqui porque o Kent vos contou acerca da Sylvie.

Os rostos deles ficaram sombrios. Nem o encararam; dedicaram-se a observar os miúdos a correr para trás e para diante no campo.

Washington disse:

— O Kent é inteligente. Sabe que vais ser simpático connosco e deixar-nos estar contigo.

Se William tivesse energia para isso, teria sorrído ao artifício do amigo. O raciocínio estava correto. Kent fazia tão profundamente parte da vida de William que este não precisava de estar atento aos seus sentimentos. Mas depois de os outros amigos de William terem passado 24 horas das suas vidas a percorrer a cidade em busca dele e o terem resgatado, sempre sentira que estava em dívida para com eles. Assim que saíra do hospital, insistira em fazer-lhes favores. Ajudara Washington a mudar de casa duas vezes, e fizera uma preleção à equipa de Gus na secundária todas as épocas. Dois outros companheiros de equipa da Northwestern tinham precisado de operações ao apêndice no período de um ano, e ambos tinham ligado a William para os levar ao hospital. William estava programado para não ter nada além de gratidão pelos dois gigantes que o ladeavam.

— Não precisas de dizer nada, William — disse Gus. — Vamos só ficar aqui sentados a ver o jogo dos miúdos. Estaremos aqui também na próxima semana. No entanto, se quiseses dizer alguma coisa, força.

— Raios — disse William, e olhou de esguelha através do parque, como se procurasse uma saída, sabendo que não havia nenhuma.

— Isso mesmo — disse Washington, e deu-lhe uma palmadinha no joelho.

Sylvie

OUTUBRO DE 2008

Dez dias depois de dar a notícia a Emeline e a Cecelia, Sylvie saiu da biblioteca durante o intervalo do almoço, para comprar um gelado de cone. Era o seu novo hábito. Costumava acreditar firmemente que gelados e *donuts* eram só para crianças, porém, depois de eliminar todas as regras e a culpa em relação à comida, percebeu, para sua surpresa, que eram duas das coisas que mais gostava de comer. Agora ia à pastelaria cara, de cheiro delicioso, todas as manhãs, para comer um *donut*, e comprava um gelado de cone ao almoço. Era uma caminhada de três quarteirões da loja de gelados até à biblioteca, quarteirões que lhe eram tão familiares que funcionavam como memórias mais do que como passeios, ruas e lojas. Estava sentada com Cecelia naquela berma do passeio quando descobriu que a irmã mais nova estava grávida de Izzy. A lavandaria na esquina era antigamente o talho onde Rose fazia a sua troca: a variedade de abóbora grega que cultivava na sua horta em troca de carne. Sylvie passou pelo seu primeiro apartamento e inclinou a cabeça para olhar pelas janelas. Adorava o apartamento, fora ali que pela primeira vez se despira para um homem. Esta memória divertia-a, porque, mesmo em frente, do outro lado da rua, havia uma paragem de autocarro com o anúncio do negócio de eletricitista de Ernie. Incluía uma fotografia do próprio, agora mais pesado, com um bigode, sorrindo para a câmara. Sabia que Ernie vivia perto, com a mulher e quatro filhos. A passagem do tempo

e os pormenores que transformavam alguns momentos em memórias inesquecíveis e outros em mar rarefeito, viajavam com Sylvie — a atmosfera rodopiante da sua própria vida — enquanto caminhava.

Quando entrou na biblioteca, viu Emeline de costas para ela junto da receção, e pensou, *Oh, céus*. Sylvie estava cansada, e falar com a irmã seria uma tarefa muito difícil, neste momento. Sylvie encheu-se de coragem e avançou na direção de Emeline. Não via a irmã mais nova desde que lhe dera a notícia — apenas tinham trocado mensagens e falado ao telefone — e esperava que Emeline tivesse tido bastante tempo para recuperar o seu equilíbrio normal. Contudo, ao aproximar-se, uma estranha sensação inundou-a. Emeline não usava tops de seda como aquele, e o cabelo também não era bem assim.

A mulher virou-se, e uma carga estática preencheu todo o corpo de Sylvie.

Era Julia.

As irmãs fitaram-se. Sylvie sentiu-se vacilar ligeiramente sobre os pés. Imaginava a irmã há tanto tempo que parecia que o seu próprio reflexo saíra de um espelho.

— És mesmo tu? — disse ela.

Julia, aos 48 anos, tinha um ar majestoso. A sua melena — similar à de Sylvie mas mais densa e, portanto, com mais altura — emoldurava-lhe o rosto. Estava vestida elegantemente; Sylvie estava vestida para a biblioteca, usava ténis *Converse* e um casaco de malha. Na última vez que tinha estado na mesma sala que Julia — se é que estava realmente na mesma sala que ela neste momento —, a irmã usava calças de ganga e uma camisola velha. Estavam rodeadas das caixas da mudança, um bebé aos seus pés, enquanto Julia dizia à irmã que sabia que ela estava a esconder-lhe segredos. Julia entregara-lhe os seus papéis do divórcio e Sylvie não voltara a vê-la.

— Creio que sou eu — disse Julia, como se não tivesse a certeza.

— Não pensei voltar a ver-te — disse Sylvie. — As gémeas contaram-te? — Elas tinham prometido não contar, mas deviam ter mudado de ideias. *Deve ter sido a Emeline*, pensou Sylvie.

Julia abanou a cabeça.

— Foi o William.

— O William? — repetiu Sylvie, incrédula. Mas a sua voz era débil, e não foi capaz de ouvir uma resposta. A estática dentro dela

tornara-se barulhenta. Quando era pequena, Sylvie observava, com assombro, as suas amigas, abaladas por um dia mau na escola ou uma desconsideração de um rapaz pelo qual tinham um fraquinho, desatarem a chorar assim que viam a mãe. A mãe era o espaço seguro delas e, com ela, sentiam cada parcela ínfima dos seus sentimentos. Julia fora sempre essa pessoa para Sylvie. Rose era demasiado volátil, e parecia ter um motivo para implicar com Sylvie, mesmo quando esta era demasiado pequena para que isso fizesse sentido. Por causa disso, Sylvie passava sempre pela mãe e ia direita para o quarto, onde se atirava para os braços de Julia. Encharcara o uniforme escolar de Julia com lágrimas, desabafara com ela, fora abraçada por ela, demasiadas vezes para as contar. Se alguma vez estava confusa em relação ao que sentia, a presença da irmã mais velha fornecia-lhe clareza.

Sylvie tinha estado bem, racional, calma, até àquele instante. Mas agora compreendia, pela primeira vez, que estava a morrer. Estava a perder tudo o que amava. Toda a gente que amava. E a irmã estava aqui — o que era, só por si, impossível — e, por causa disso, Sylvie sentia tudo.

Fechou os olhos e ouviu uma voz de homem:

— Não és a Julia Padavano?

— Sim? — disse Julia num tom que deixava bem claro que não fazia a menor ideia de quem ele era.

— Bem me parecia. Vivi na mesma rua que a tua família. A tua irmã Cecelia dormiu no meu quarto quando estava grávida e eu estava no centro de recuperação.

— Oh — disse Julia.

Sylvie abriu os olhos para ver a irmã recordar o adolescente Frank Ceccione, que costumava andar pelo bairro aos sábados à tarde com o seu equipamento de baseball, forte e bonito, e como Rose usara o equipamento descartado por Frank na horta, depois de ele sair da equipa.

— Que surpresa — disse Julia.

— Tu andavas sempre por aí com ar de quem sabia o que fazia — disse Frank. — Como uma abelha que sabe onde está o mel. E tinhas aquele namorado alto.

Oh, meu Deus, pensou Sylvie. *O namorado alto*. Esperava que Julia não se fosse embora por ele ter dito aquilo, tendo acabado de chegar.

Para sua surpresa, Julia sorriu ao homem de aspeto envelhecido. Sylvie sentiu a sua própria cara sorrir em resposta. Reparou pela primeira vez que a irmã parecia cansada. Tinha olheiras negras.

— Qual é a piada? — disse Frank, semicerrando os olhos.

— Nada — garantiu Sylvie. — Absolutamente nada. — Disse para Julia, em voz baixa: — Podemos ir a qualquer sítio para conversar?

— O bar favorito do pai — disse Julia.

As duas mulheres não falaram enquanto percorriam os passeios. Nenhuma delas conseguia acreditar que estavam juntas. Sylvie perguntava-se o que é que este terreno estaria a fazer ao íntimo da irmã, depois de mais de vinte anos fora. Perguntou-se como é que William tinha tido coragem de ir contra os seus desejos e fazer um telefonema que não era bom para ele. Passaram pela florista do Sr. Luis, onde a montra estava tão apinhada de rosas que o velhote não podia ter visto, muito menos reconhecido, as duas irmãs.

O ar estava denso com o cheiro a flores.

Sylvie tinha um mapa interior dos murais de Cecelia no bairro e avistou um pelo canto do olho, numa rua lateral. Ao seu lado, Julia tinha os olhos vidrados, parecia esgotada e não reparou nele. A pintura era de Santa Clara de Assis. Sylvie tinha visto o mural tantas vezes — quase todos os dias, desde que Cecelia o pintara —, que sentia que a mulher era real. Mais real do que a irmã ao seu lado, que parecia ter-se materializado do nada, que parecia ter saído dos seus sonhos. A santa era como uma velha amiga, e Sylvie sentiu a urgência de sussurrar para Santa Clara: *Olha quem está aqui!* Mas não o fez; continuou a andar, perguntando-se se este momento podia ser verdade, enquanto a mulher gigantesca olhava fixamente para elas, como quando estava na sala de jantar da sua infância.

Julia

OUTUBRO DE 2008

Julia sentia-se instável no passeio ao lado da irmã; tinha a estranha sensação de fazer parte de tudo o que via. Em Nova Iorque, caminhava pelos passeios; aqui, era disseminada, como pólen, através do cimento. A loja de ferragens; o pequeno supermercado sujo; a florista do Sr. Luis. O recorte familiar dos edifícios contra o céu. Senhoras idosas, parecidas com a sua mãe, empurrando carrinhos de compras pelo passeio. Lembrou-se da menina e da jovem que tinha sido quando vivia em Pilsen; tinha tanta pressa em ter êxito, ao que ela achava que correspondia ter um marido ambicioso e uma casa própria, de imediato. Correria para a idade adulta, porque sempre quisera estar ao comando. Julia lembrava-se do seu prazer de menina, de alinhar as irmãs atrás dela por altura, para que a seguissem pela casa.

Julia reparou num dos murais de Cecelia, pela visão periférica. Era uma pintura da santa de Cecelia; Julia vira-a pela primeira vez na parede do quarto de Alice. A mulher gigantesca olhava na direção de Julia, e ela apressou o passo. Não queria que espreitassem para a sua alma. Ela não sabia o que estava ali. Sentia-se perturbada em todos os sentidos. Conduziu Sylvie para o bar irlandês, que não tinha mudado, à exceção do empregado, que parecia impossivelmente jovem. Os empregados que tinham servido Charlie tinham-se reformado ou morrido. Julia pediu um uísque e Sylvie uma *Diet Coke*, e sentaram-se

num reservado.

— Não posso beber álcool com os medicamentos — disse Sylvie em tom de justificação. Parecia mais velha, mas ainda parecia Sylvie. O espaçamento das sardas, o vestígio de verde nos seus olhos castanhos. Julia sentia rochedos moverem-se dentro dela. Olhar para Sylvie era como olhar para um espelho, mas não para si própria. Esta era a outra parte dela, a parte que estivera escondida por 25 anos.

— Não planeava vir cá — disse Julia. — Disse ao William que não vinha.

— Pensei que me odiavas — disse Sylvie. — Eu nunca te teria incomodado. Sinto que devo pedir desculpa por o William te ter telefonado.

— Não — disse Julia. — Devias pedir desculpa por ter casado com ele.

Sylvie gelou por um segundo, depois disse:

— Tens razão. Peço muita desculpa. Não tive outra escolha.

Julia deu um grande gole na sua bebida, que era a favorita de Charlie. Não era grande bebedora; quando bebia, normalmente escolhia vinho branco. O uísque sabia como cores: vermelho e laranja e dourado e branco. Ela fizera escolhas na sua vida. Acreditava em escolhas, se é que acreditava em alguma coisa. Estabelecer um objetivo, e depois trabalhar arduamente para o concretizar. Não aceitara que Sylvie não tivesse tido outra escolha quando Emeline lho dissera décadas antes, e não o aceitava agora. Mas também não estava zangada com isso. Não sabia o que estava.

Depois do telefonema de William, Julia não conseguia dormir. Apenas dormitava um par de horas por noite. Dava direções erradas aos taxistas duas vezes a caminho do trabalho. Tinha também a estranha sensação, desde o minuto em que desligara o telefone a William, que a sua sombra tinha vontade própria; por vezes apanhava-a a afastar-se dela, como se tentasse fugir. Após uma semana de insónia, sentia-se como uma pintura de Picasso — os seus olhos não combinavam e os ombros tinham alturas diferentes. Fazia os possíveis por agir como ela própria, mas estava tão cansada que se esquecia de como era. Esquecia-se de como agir e meteu baixa no trabalho. Trocava mensagens com Alice, mas não falava com ela ao telefone, porque perdera a fé na sua voz.

— Não me apetecia ir para o trabalho hoje de manhã — disse Julia. — Por isso meti-me num táxi e fui para o aeroporto. Só tenho a minha mala. Pensei, às três da manhã, que se te visse, como o William queria, podia voltar a sentir-me normal. — Sylvie assentiu com a cabeça, como se isto fizesse sentido. — É só um voo de duas horas — disse Julia. — E, por favor, não ajas como se o que eu estou a dizer fosse razoável. Eu sei que não é.

— Oh, por favor — disse Sylvie, e por um segundo Julia viu a Sylvie que conhecia, a irmã que não tinha medo de falar com ela, que não estava envolta em culpa. — O que é que é razoável? Estou a morrer, por amor de Deus.

Ocorreu a Julia que talvez se sentisse péssima porque Sylvie se sentia péssima. Seria possível que ela estivesse a desmoronar em Nova Iorque porque a irmã estava a morrer em Chicago? Que houvesse fios invisíveis que as conectassem, que elas não pudessem ver e, portanto, não pudessem cortar? Julia sentia-se tão confusa e fatigada e fora do seu corpo neste momento que, quando perguntou «Como te sentes?», foi como se o perguntasse a si mesma.

Sylvie abriu as mãos e olhou-as.

— Achava que me sentia bastante bem, até te ver. Tenho dores de cabeça, por vezes. — Inclinou-se para a frente. — Julia. Estás mesmo aqui? Talvez eu esteja a alucinar por causa dos medicamentos. Imaginei-te comigo durante anos, mas isto parece muito mais real.

O bar tinha um zumbido baixo — era o meio da tarde de um dia de semana, e as pessoas que ali estavam eram bebedoras profissionais. Ninguém armava confusão ou barulho. Eram sobretudo homens idosos, alguns dos quais deviam ter conhecido Charlie. Toda a gente parecia cansada. O ato de viver tinha-os esgotado. Eles não sabiam que Sylvie, que era de meia-idade, mas parecia mais nova, não teria a oportunidade de se cansar de nada.

— Preferia que estivesse a alucinar — disse Julia. — O facto de eu estar aqui não faz sentido.

Sylvie olhou em redor, como se avaliasse o que podia ser real e o que não.

— Adoro esta alucinação. Há muito tempo que não me acontecia nada tão maravilhoso.

Julia suspirou.

— Tornar-se-á real quando disseres ao William e às gémeas que me viste.

— Isso é verdade. — Sylvie pareceu ponderar no assunto. — Mas normalmente não lhes falo dos meus sonhos e visões. Vou guardar isto para mim, por algum tempo. Vais dizer à Alice que vieste cá?

— Credo, não!

Sylvie não fazia ideia da mentira que Julia contara, e Julia não tinha vontade de explicar. Lembrou-se, com a irmã à sua frente, que parte da sua razão para «matar» William fora o medo de que Alice a deixasse para viver em Chicago, porque Alice amaria Sylvie mais do que a sua própria mãe. Tinha sido uma preocupação ridícula; Julia sabia-o agora. Mas a Julia mais nova sentira que isso era possível, porque *ela* amara sempre Sylvie mais do que a qualquer outra pessoa. Amava-a agora, do outro lado da mesa de madeira. Ela fechara uma porta a Sylvie há muito tempo, e pusera-lhe uma tranca tripla, e isso funcionara até ao telefonema de William. Agora, com a irmã na mesma sala, Julia tinha consciência da tremenda falta que ela lhe tinha feito.

Isto não era uma alucinação, pensou Julia, mas, por outro lado, ninguém na sua vida sabia que estava em Chicago. Não estava na sua agenda, o que significava que neste momento podia existir como uma lapa no exterior da sua própria vida. Estava aqui e, contudo, não estava aqui, num estado de incerteza quântica.

— Olha — disse ela. — Fico contente por te sentires mal pelo que aconteceu. Mas provavelmente fizeste-me um favor por visitares o William no hospital. Perguntava-me porque é que a médica dele não quis de mim mais do que um simples telefonema, mas isso foi porque tu estavas ali. Se o tivesses deixado sozinho como eu queria que fizesses, acabaria por ter de o ajudar. A mãe ter-me-ia obrigado. Ou alguém precisaria de assinar um documento qualquer. Mas tu chegaste-te à frente, e isso permitiu que eu ficasse livre. Estou grata por isso.

Sylvie olhou para ela, e Julia viu os anos de separação no seu rosto. Julia já não conseguia ler Sylvie na perfeição. Não sabia no que a irmã estava a pensar naquele momento. Julia lembrou-se de como se sentia frenética da última vez que vira Sylvie. O marido tinha-a deixado, tentara matar-se, deixara-a outra vez, e Julia aceitara um

emprego num sítio bem longe das irmãs e de casa. Essa coleção de semanas tinha-lhe puxado a vida de debaixo dos pés, como se fosse um tapete. Julia dedicara-se a nunca mais perder o controlo das circunstâncias daquela forma, e não perdera, até recentemente.

— Fala-me de Nova Iorque — pediu Sylvie. — Fala-me da Alice.

— A Alice — disse ela, e fez uma pausa.

A irmã sorria-lhe agora do outro lado da mesa. Julia lembrava-se de Sylvie com a bebé Alice nos braços. Havia uma fotografia das duas, na gaveta da mesa de cabeceira de Julia. Via agora, no rosto de Sylvie, uma verdade que ignorara. Sylvie amara Alice com todo o seu coração. De alguma forma, não ocorrera a Julia que tinha separado as duas quando saiu de Chicago. Preocupara-se com a possibilidade de Alice amar Sylvie, mas apenas como um risco futuro, não como algo que já tivesse acontecido. Mas Sylvie estava iluminada e ansiosa por ouvir notícias da bebé a quem sussurrava *Amo-te* sempre que a via.

— Está ótima — disse Julia. — Bem, talvez não ótima, mas bem. Licenciou-se *cum laude* na universidade, o que foi fantástico. Tem um emprego decente como revisora. Vejamos... É uma atleta. Corre no Prospect Park todas as manhãs. — Julia sentiu o olhar confuso de Sylvie e lembrou-se de estar deitada ao lado da irmã no escuro, no quarto onde nunca diziam uma à outra algo que não fosse a verdade. Podiam retorcer as palavras para outras pessoas, mas não uma para a outra. Julia prosseguiu: — Mas receio ter feito asneira. — Contou à irmã como o sorriso da filha era cauteloso, como o seu comportamento despreocupado era cuidadosamente elaborado, o quanto a vida de Alice era monótona. Contou-lhe algo que Rose dissera recentemente: que Alice vivia como um gato que se recusava a sair da sua caixa de cartão.

Sylvie sorriu ao ouvir isto.

— Ela ainda é uma bebé — disse. — Lembras-te de como éramos jovens quando tínhamos 25 anos? Se houver alguma coisa errada, tens tempo para a corrigir.

Corrigir, pensou Julia. Poderia corrigi-lo? Na companhia da irmã, sentia-se bastante forte para considerar esta possibilidade. Tinha uma ideia do que seria necessário. Julia teria de saltar de um penhasco, sem saber se sobreviveria à queda.

— Não nos tocámos — disse Sylvie. — Tu e eu. Não nos

abraçámos. O que faz sentido se isto não for real. Os fantasmas não se abraçam, porque passariam através um do outro. Os fantasmas apenas desfrutam da companhia uns dos outros.

Julia sorriu pela fantasia da irmã. Sylvie era parte dela, e na sua separação, Julia tinha sentido falta deste género de pensamentos. Sylvie era a parte dela que saía das páginas de um romance, que beijava rapazes durante noventa segundos para se divertir, que falava de terceiras portas e de fantasmas com a mesma naturalidade com que fazia uma lista de mercearia. Talvez ela e a irmã fossem fantasmas, ou alucinações, ou talvez isso não importasse. Julia tinha consciência de que se sentia melhor — mais feliz, mais relaxada — do que sentira em muito tempo. Ela devia estar numa cidade diferente. Estava com Sylvie, que extirpara da sua vida um quarto de século antes. Julia sentiu um impulso de alegria subir através dela como bolhas para a superfície de um copo. Estava livre do seu eu real por algum tempo, e quando Julia partiu para o aeroporto algumas horas depois, ela e Sylvie sabiam ambas — embora nenhuma dissesse as palavras em voz alta — que Julia voltaria. Tinham encontrado uma lacuna na lei, o que lhes permitia estarem juntas sem ninguém saber, o que significava que esse tempo não tinha significado, o que significava tudo.

Alice

NOVEMBRO DE 2008

Alice estava à espera da mãe no restaurante grego de que Julia gostava. Ela não se importava que a mãe estivesse atrasada. Durante as horas de trabalho, Alice vivia na sua cabeça e em qualquer manuscrito que estivesse a editar — questionando os detalhes de cada linha —, por isso, depois de algumas horas, as conversas, com as suas pausas embaraçosas, perguntas e mudanças de tema, eram um desafio. Gostava do seu trabalho pelo silêncio e pelos detalhes. Era capaz de pegar num livro e confirmar, alterar e verificar se cada um dos factos e cronologias estavam corretos. Quando terminava um manuscrito, sabia — e o seu patrão ficava grato por isso — que estava tão correto quanto era humanamente possível.

O empregado estava sempre a voltar a encher o copo de água de Alice, e ela bebia porque lhe parecia a coisa certa a fazer depois de ele ter tido o trabalho.

— Não quero ser mal-educado — disse o empregado, quando voltou com o jarro de água. — Mas joga pela Liberty?

— Não. Trabalho em edição — disse Alice.

O empregado corou.

— Peço desculpa. É que pensei...

— Não faz mal. — Quando estava bem-disposta, Alice divertia-se com o facto de a sua altura incomodar as pessoas. Esta expunha imediatamente os homens (normalmente eram homens) com alguma

insegurança. Se um tipo fosse um idiota acerca da altura dela, era um idiota. Ela não achava que este empregado fosse necessariamente um idiota, mas não abonava muito a seu favor não conseguir imaginar mais do que uma opção de carreira para uma mulher alta. Ou não conseguir ficar calado.

Alice sentiu a energia da mãe entrar na sala e cheirou o seu perfume. Olhou para a porta.

— Olá, mãe — disse.

Uma lufada de ar fresco atingiu a nuca de Alice; era o princípio de novembro e a cidade de Nova Iorque estava a ponderar o inverno. Alice não via a mãe há algumas semanas, o que era invulgar. Julia tinha estado ocupada no trabalho.

— Estás a usar demasiado perfume. — Alice franziu o nariz.

— Estou? — Julia sentou-se à frente dela e olhou imediatamente para a ementa, embora pedisse sempre a mesma coisa: uma salada grega e um copo de vinho branco. — Devo-me ter esquecido e pus mais uma vez antes de sair do escritório.

Alice examinou a mãe e percebeu que também retocara o batom. Normalmente Julia livrava-se da sua aparência de escritório antes de ver a filha; hoje parecia tê-la aumentado. Tinha o cabelo preso num rolo, como habitualmente, mas um caracol escapara-lhe de um dos lados. Alice fitava o caracol indomado quando a mãe disse:

— Tenho uma série de coisas para te contar.

— Uma série? — Alice sorriu. Partiu do princípio que seria acerca de um novo cliente, a contratação de mais empregados ou talvez uma obra de arte que Julia tinha comprado. A mãe por vezes mostrava as suas transações a Alice porque as achava excitantes, sem reparar que a filha nunca tinha interesse nenhum na sua acumulação de riqueza ou prestígio profissional. Quando Alice recebera o seu primeiro trabalho de revisão, Rose dissera: «Sei que escolheste esse género de trabalho para enlouquecer a tua mãe. E vai resultar». Rose referia-se ao género de trabalho com salário baixos, sem escada empresarial para subir e nenhuma forma de *vencer*. Alice tinha-se rido. «Tens um bocadinho de razão, avó», dissera. Mas também gostava do seu trabalho e da falta de política envolvida. O mercado acionista tivera uma crise no princípio do outono, e Alice pensou que as escadas empresariais que a mãe valorizava tanto eram feitas de madeira podre. Todos os seus

amigos estavam com problemas financeiros, apesar dos seus cursos universitários. Carrie trabalhava num bar, tinha publicado seis poemas em jornais literários e estava a trabalhar numa coletânea. Rhoan vivia num T0 com os três irmãos e ganhava o salário mínimo num estágio numa biblioteca de arte, apesar de ter um mestrado.

— A minha irmã Sylvie está a morrer — disse Julia.

A atenção de Alice voltou repentinamente ao presente.

— A morrer? — Lembrou-se das fotografias que tinha encontrado na mesa de cabeceira da mãe anos antes. As quatro irmãs com cabelos encaracolados. — Lamento — disse. — A Sylvie é a mais próxima de ti em idade, não é?

— Quando eu estava grávida de ti, por vezes dormia com a Sylvie, num sofá. Partilhávamos um quarto, quando éramos crianças. Éramos muito próximas.

Alice tentou imaginar a mãe, menina, partilhando o quarto com outra menina.

Julia tinha falado mais acerca da sua infância em noventa segundos do que em toda a vida da filha. Alice sentiu uma incerteza dentro de si própria, como se estivessem a empurrar mobília para um quarto vazio.

Disse:

— Vais voltar a Chicago para a ver?

Julia fez uma expressão estranha, como se estivesse a combater lágrimas, ou talvez um sorriso.

— Não — respondeu. Ajeitou levemente o cabelo e disse: — A Sylvie é casada com o teu pai.

A Sylvie é casada com o teu pai. Alice reviu esta frase na sua cabeça, mas havia demasiados erros para uma revisora resolver. A estrutura vergava sob o seu próprio peso. Tentou uma mudança de tempo verbal.

— A Sylvie *era* casada com o meu pai?

Julia abanou a cabeça.

O interior de Alice ecoou, como uma caverna.

— Não estás a fazer sentido, mãe.

— Foi o teu pai quem me ligou a dizer que a Sylvie está doente.

— Mas o meu pai morreu.

— Disse-te isso porque ele abdicou dos direitos parentais quando

tu eras bebé. Tinha problemas de saúde mental, e acho que não se sentia capaz de ser pai. Mas eu não queria que te sentisses rejeitada, ou que a culpa era tua, porque não era.

— Espera.

Julia esperou.

Alice queria clareza; queria ter a certeza de que compreendia a mecânica do que estava a ser dito.

— Estás a dizer que o meu pai abdicou de mim, e por causa disso disseste-me que ele estava morto?

Havia uma veia visível na têmpora de Julia.

— Pareceu-me mais simples dizer-te isso. De certa forma, parecia verdade. Ele chama-se William Waters e vive em Chicago.

Alice abanou a cabeça. Conseguia ouvir o coração a bater nos ouvidos, como se os seus órgãos estivessem em movimento dentro do corpo. Não tinha a certeza do que a mãe dissera ou mesmo se dissera alguma coisa. Alice sorriu por reflexo ao empregado que passava, e sentiu uma seta cravar-se-lhe no corpo. Sentia falta de *alguma coisa*. Sentia falta — desesperadamente — de tudo o que tinha querido quando era pequena. Precisava de uma cópia de segurança da mãe, que estava a dizer coisas loucas enquanto usava demasiado perfume e demasiada maquilhagem. Precisava de uma irmã à qual revirar os olhos. Precisava que alguém lhe dissesse, *Não lhe dês ouvidos. Ela perdeu a cabeça. Tu estás bem. Nada disto é verdade.*

— Com licença — disse Alice, não para a mãe mas para a toalha de mesa e para o empregado, se ele estivesse a ouvir. Empurrou a cadeira e atravessou o restaurante com pernas hesitantes, até sair. Ficou de pé, sob o ar escuro. A Broadway ficava à sua frente, num murmúrio constante de táxis e autocarros. As janelas dos edifícios estavam iluminadas de amarelo contra o céu noturno. Os batimentos cardíacos de Alice ainda eram registados nos seus ouvidos.

Alice tirou o telefone da mochila, passou rapidamente os contactos e premiu o botão de chamada. O telefone tocou três vezes e Rose disse:

— Estou?

— Avó.

— Alice! — Rose parecia contente. Alice normalmente ligava à avó algumas vezes por mês, porque sabia que Rose estava sozinha.

— A minha mãe acabou de me dizer que o meu pai está vivo.
Houve um silêncio chocado através do telefone.

— Santo Deus — disse Rose, por fim.

— É verdade?

— Bem — disse Rose. — Não tenho propriamente falado com ele, mas sim, penso que é verdade. Se não fosse, eu saberia. — Fez uma pausa. — Por que diabo te contou isso agora?

— A Sylvie está doente — disse Alice, como se entregasse uma carta a outra pessoa. Desejou estar em casa, no apartamento que partilhava com Carrie, e onde havia uma parede forrada com os murais de Cecelia. Desejou estar diante dessas imagens, olhando uma mulher forte após a outra, em vez de estar na rua, enquanto a avó fazia barulhinhos para o telefone e a mãe estava algures atrás de si, como uma bola de destruição humana, que fora lançada contra Alice.

Alice deixara de fazer perguntas acerca de Chicago e do passado quando era criança, por respeito à mãe. Aceitara que o lugar e as pessoas que a mãe desejara ocultar nunca fariam parte da sua vida. Quando se tornara fácil pesquisar na Internet, no fim da adolescência de Alice, ela pensou em procurar as irmãs da mãe mas — tirando encontrar o trabalho artístico de Cecelia — desistira da ideia quase imediatamente. Sabia que a mãe não queria que o fizesse e, visto ela já não precisar de mais família para se sentir segura, não procurou a informação.

Mas Alice tinha sido uma idiota. Sempre soubera que a mãe estava a esconder alguma coisa; por essa razão vasculhara as gavetas de Julia quando andava no ciclo. Contudo, presumira que era um segredo de Julia e não tinha nada que ver com ela. O trabalho de Alice era verificar factos. Sabia como procurar provas e confirmar fontes. Mas Julia oferecera à jovem Alice muito poucos factos, e não havia fontes para os confirmar. O que Julia disse ficou por verificar e Alice compreendia-o agora. Podia ver a fraqueza do que lhe tinham dado, e a sua própria fraqueza ao aceitá-lo como verdade.

Talvez outras pessoas pudessem tê-la ajudado a perceber isto — Rose, Carrie, Rhonan —, mas a jovem Alice tornara-se tão alta que nunca ninguém pensara em ajudá-la, e ela orgulhava-se de nunca pedir ajuda. Toda a gente — homens e mulheres — corria em auxílio de Carrie, mesmo que ela estivesse perfeitamente bem, porque era gira

e tinha um metro e meio. Mas partia-se do princípio de que Alice nunca precisava de ajuda. Ela podia, afinal, chegar às prateleiras mais altas e carregar a sua bagagem sem problema nenhum. Quando alguém tentava ajudá-la, ela suspeitava de segundas intenções.

— Ainda estás aí? — perguntou Rose. O som intensificou-se na rua, vindo do nada — um tornado de barulho. Incontáveis decibéis ao mesmo tempo. Duas ambulâncias passaram por Alice, seguindo em direções opostas. Taxistas buzonavam. O ar vibrava de som e Alice e Rose tiveram de esperar para poderem falar. *A cidade está a falar connosco*, teria dito Carrie se estivesse ali. Rose disse: — A tua mãe e as tuas tias fizeram uma grande trapalhada ao longo dos anos. Não vale a pena negá-lo.

— Porque não me disseste a verdade, avó?

Rose emitiu um som de censura.

— Achas que não disse à tua mãe que era louca por te mentir? Não me falou alguns anos por causa disso. Começou a enviar-me aqueles malditos postais.

— Não — disse Alice. Ela tivera algumas aulas de economia doméstica na secundária, que eram sobretudo aprender a coser. Alice tinha sido terrível nisso, e a professora inclinava-se sobre a carteira, cheirando a canela, e cortava os seus pontos com uma tesoura. Neste momento, Alice sentia que alguém — a mãe, supunha — estava a cortar pontos dentro dela. — Não foi isso que te perguntei. Se não me querias dizer enquanto eu vivia com a mãe, acho que compreendo. Mas tenho 25 anos. Podias ter-me contado a história verdadeira quando te visitei no último outono. Podias ter-me dito em qualquer altura.

Alice conseguia ouvir a avó a mexer-se na cadeira da cozinha, transformando-se numa nuvem de tempestade.

— Acho que não é comigo que devias estar zangada — disse Rose. — O próprio William podia ter-te dito, não achas? É o teu pai e, se ele tivesse aparecido, não teria importado o que a tua mãe te dissesse.

Alice pensou nisto.

— É verdade — disse. — Preciso de conhecer a cronologia.

— A cronologia? O que é isso?

Alice abanou a cabeça. Ouviu a porta do restaurante abrir e fechar atrás de si e sentiu de novo a energia da mãe perto dela. Encolheu

involuntariamente os ombros, como que para se proteger. Não ia explicar cronologias à avó, que quando a cronologia de uma história não estava clara, nada fazia sentido. Alice quase gritou, porque agora a mãe estava mesmo a seu lado. A pequena tesoura estava a cortar, a cortar, dentro dela.

— Que raio se passa com esta família? — disse Alice.

— É uma boa pergunta — respondeu Rose.

Julia agarrava-se à sua mala como se fosse uma boia de salvação. Havia uma falta de firmeza no seu rosto. Alice encarou-a e pensou: *Eu podia estar zangada contigo. Podia gritar contigo. Mas não o farei. Educaste-me para tomar conta de mim própria, e é isso que farei.*

William

NOVEMBRO DE 2008

Cecelia enviou uma mensagem com um endereço a William e disse-lhe para ir lá. É só a primeira, dizia a mensagem. Haverá mais dela. Mas quero que a vejas.

Ele saiu do trabalho alguns minutos mais cedo e percorreu vários bairros. Passara a primeira semana de novembro e ele estava feliz pelas temperaturas baixas e pela oportunidade de andar a toda a velocidade. Acabou em North Lawndale, uma parte de Chicago que a Câmara Municipal tinha não só negligenciado, mas também tratado mal por uma centena de anos. William olhou para as casas decrepitas e lembrou-se de ter caminhado naquela área na noite antes da sua tentativa de suicídio. Nessa altura não fazia ideia de onde estava — ainda só conhecia a área perto da Northwestern — e tinha visto Charlie. William sorriu à memória do sogro a aparecer-lhe na ombreira de uma porta. Em vida, Charlie fora considerado um fracasso, mas quase trinta anos após a sua morte, o amor das filhas por ele era tão profundo que podia ser considerado a pessoa mais bem-sucedida que William já conhecera. As pessoas ainda abordavam Sylvie na biblioteca, depois deste tempo todo, para lhe falar de uma coisa generosa que o pai fizera por elas. Sylvie, Cecelia e Emeline tinham contado a Izzy tantas histórias acerca do avô que ela podia, provavelmente, vencer um concurso de *trivial* acerca do empregado da fábrica de papel que morrera perto da idade que William tinha agora.

Todas as memórias que Sylvie escrevera acerca da sua família se focavam no pai ou na irmã mais velha, como as duas pedras angulares do seu ser.

O endereço era, afinal, de um parque infantil. Havia um velho campo de basquetebol, um conjunto de baloiços e uma estrutura para trepar em muito mau estado. Alguns adolescentes estavam a jogar três para três. Um deles avistou William e chamou-o.

— Ei, Treinador! Que está a fazer aqui?

William acenou-lhe — o rapaz participava na clínica de Arash — e encolheu os ombros. O parque retangular não estava cheio, por causa da hora e da altura do ano, mas os miúdos andavam por ali em pequenos grupos e várias raparigas estavam empoleiradas na estrutura para trepar como se fosse o seu ninho. Quando William chegou ao centro do espaço, descreveu um círculo, sem saber muito bem o que esperava ver, até que viu. Um mural gigante tinha sido pintado na parede do fundo. William avançou nessa direção e sentou-se num banco que lhe proporcionava uma boa vista. Examinou o canto inferior e viu o floreado *CP* com que Cecelia assinava o seu trabalho. Um punhado de rapazes correu em volta do banco de William, rindo às gargalhadas e depois disparou em diferentes direções.

No mural estavam representados cerca de vinte miúdos juntos, como que para uma fotografia escolar. As crianças sorriam vivamente em uníssono, sugerindo que o fotógrafo acabara de dizer uma piada. William passou os olhos pela fila superior de miúdos; era um hábito, porque em miúdo ele ficava sempre na última fila para as fotografias. Na ponta desta fila estava uma menina branca, de cabelos castanho-alourados, com um sorriso tímido. William deixou de respirar por um momento. O rosto da menina era exatamente igual ao seu quando tinha 10 anos. Não podia ser ninguém senão a sua filha. Era Alice. Continuou a mover os olhos, como uma máquina de escrever a cuspir palavras, incapaz de absorver o que acabara de ver. William examinou a fila do meio, uma criança sorridente ao lado de outra. Estes meninos pareciam versões mais jovens dos rapazes na clínica de Arash, e podiam ser, porque muitos dos jogadores viviam neste bairro. Na ponta da última fila estava uma menina ruiva — mais viva que todas as outras crianças, provavelmente porque tinha sido recentemente pintada na parede. Cecelia tivera o cuidado de a misturar e atualizara

algumas linhas no resto do mural, para Caroline não se destacar. Mesmo assim, com o seu cabelo vermelho e sorriso excitado, parecia a mais viva, a mais disposta a saltar da parede e correr para os baloiços.

William ficou sentado no banco por muito tempo. Teve um ímpeto de raiva em relação a Cecelia por o levar a ver a sua filha, mas a raiva partiu conforme chegou. Obrigou-se a olhar para Alice e Caroline. Obrigou-se a olhar sem estremecer, sem medo de extinguir-lhe a luz e a beleza com o seu olhar. Era a primeira vez na sua vida que dedicava a sua atenção total à filha. Os pais davam forma aos filhos, ele sabia isso melhor do que ninguém, e percebia agora que devia ter dado forma a Alice com a sua ausência, com o seu silêncio, embora tivesse tentado, exatamente por esses meios, salvá-la. Esta compreensão era um golpe pessoal, e ele disse, em voz alta, «Desculpa». As suas premissas estavam erradas, e ele perguntou-se em relação a que outras coisas se equivocara.

William já sabia que visitaria novamente esta parede, muitas vezes. Partira do princípio de que Cecelia pintaria Caroline sozinha, porque normalmente fazia retratos individuais, mas estava grato por ela ter juntado a sua irmã perdida e a sua filha perdida. As duas raparigas existiriam enquanto aquela parede perdurasse, no mesmo bairro por onde William vagueara quando estava no ponto mais baixo da sua vida. O facto de ter visto Charlie neste bairro também não lhe parecia uma coincidência. Sylvie escrevera sobre Emeline ter trepado a uma árvore quando era miúda e ter-se recusado a descer até o pai lhe apontar o seu raio trator de amor. Charlie teria escolhido esta área da cidade para assombrar, para poder continuar a amar a sua família. Teria passado os seus dias infindáveis neste parque, admirando a arte da filha, lendo poesia às duas meninas e iluminando-as com o seu afeto.

William abanou a cabeça, surpreendido por acreditar que as crianças podiam fazer companhia uma à outra numa pintura, e que um homem morto circulasse por Chicago. Quando era mais jovem, acreditara em muito pouco e, sem que ele se tivesse dado conta, isso tinha mudado. William também costumava preocupar-se com aquilo que merecia e não merecia, mas ninguém em redor dele parecia pensar nesses termos, e afinal ele também já não. Enviou uma mensagem à cunhada, Obrigado, e ela respondeu-lhe <3. William

franziu a testa para o telefone, confuso, antes de perceber que Cecelia lhe enviara um coração.

Sylvie

NOVEMBRO DE 2008

Sylvie e Julia caminhavam no passeio, passando diante de um restaurante decrépito e uma *taqueria*.

Esta era a segunda visita de Julia, que ocorria apenas dez dias depois da primeira.

Ela suspirou e disse:

— Fiz uma coisa.

Sylvie notou que a irmã ainda parecia cansada, mas também mais calma, como se um nó se tivesse desfeito sob a sua pele.

— Boa — disse.

— Claro — disse Julia secamente. — Muito boa. Fiz algo para tentar remediar a situação com a Alice. Mas, para o fazer, tive de remexer em porcarias, e agora ela está zangada comigo. Talvez demasiado zangada para alguma vez me perdoar.

— Ela sabe que a amas — disse Sylvie.

— Mais do que tudo.

— Então, provavelmente, vai correr bem.

Julia fez uma expressão azeda.

— Sempre odiei a palavra *provavelmente*. — Olhou para cima, como se verificasse os sinais da rua, depois disse: — Tinha tudo sob controlo quando a Alice era pequena. A sério. Tudo. Era lindo. Mas não estava preparada para que a Alice crescesse. Não sei porquê.

Sylvie parou de andar. Do outro lado da rua ficava um antigo

cinema que frequentavam em pequenas, onde tinham visto *Willy Wonka e a Fábrica de Chocolates*, *Guerra das Estrelas* e os filmes de Buster Keaton que o pai adorava.

— Ei, vamos ver um filme — disse ela.

Julia pestanejou ao ver os títulos no toldo.

— Há anos que não vejo um filme no cinema — disse. — Nunca tenho tempo.

Apesar de nenhuma delas ter ouvido falar do filme que estava prestes a começar, compraram dois bilhetes. Compraram baldes gigantes de pipocas com dose extra de manteiga e dois refrigerantes enormes. Quando se sentaram nas poltronas fofas, Sylvie olhou para baixo e perguntou-se a que saberiam as pipocas. A comida e a bebida começavam a alterar os seus perfis de sabor na boca dela. Um *donut* podia ter um sabor amargo, embora estivesse encharcado em açúcar. O seu café matinal parecera-lhe adoçado com xarope de ácer, embora ela não tivesse adicionado nenhum adoçante. Sylvie colocou uma pipoca na boca, hesitantemente, e ficou aliviada por lhe saber ao mesmo que soubera toda a vida. Salgada e crocante. Era por ela estar com Julia, concluiu, neste tempo fora das vidas reais de ambas. Recentemente, as dores de cabeça tinham-se tornado mais frequentes e intensas, mas não tinha tido nenhuma com Julia ao seu lado; fazia-lhe sentido que, com a irmã, também pudesse por um momento ter papilas gustativas normais.

Sylvie sabia que devia revelar a William que voltara a encontrar Julia, e fá-lo-ia, em breve. Contudo, aquelas visitas de Julia recordavam-na das semanas em que o seu amor com William estava confinado ao quarto da residência dele, antes de Kent descobrir. Nessa altura, Sylvie e William tinham assegurado um ao outro que o que faziam não era tanto um segredo como um adiamento — alguns preciosos momentos roubados —, antes de a vida real, com as suas inerentes complicações, intervir. Durante essas semanas privadas, ela e William tinham respirado ar denso com cada molécula do seu amor e da sua alegria por se terem encontrado. Sylvie sentia agora todas estas emoções, esta alquimia mágica, com a irmã. Afinal, Sylvie vivera dois grandes amores na sua vida: primeiro as irmãs, depois William. Sylvie sentia algo de significativo a acontecer dentro dela: estava a tentar conjugar quem fora na primeira metade da sua vida com quem se

tornara. Estava a unir a sua vida e o seu coração, e queria manter tudo diante dela: uma totalidade maravilhosa.

Na próxima semana, pensou Sylvie. *Conto-lhe na próxima semana*. Ela sabia que este atraso e as suas razões eram, tecnicamente, tretas e segredos nos termos do mantra do marido, mas disse a si mesma que o mantra era para os vivos. Ela estava a morrer, o que significava que podia estar sentada ao lado de Julia agora e dormir nos braços de William naquela noite.

O filme, afinal, era sobre uma corrida de carros e destinava-se claramente a adolescentes. Sylvie ria-se sempre que um carro estava prestes a capotar, enquanto as pessoas à sua volta gritavam. Percebeu que podia responder a qualquer estímulo da maneira que quisesse. Se algo triste acontecesse, não tinha de chorar. No meio de uma cena apoteótica envolvendo uma pilha de dez carros, estendeu a mão para a de Julia. Não se tinham tocado até agora. Ambas tinham tido o cuidado de não o fazer, porque lhes parecia um parâmetro que as mantinha neste limiar onde se podiam ver uma à outra sem que isso contasse. Eram os rails na estranha pista de bowling onde estavam a jogar. Mas Sylvie estava a ficar sem tempo e já não se interessava por parâmetros nem regras — mesmo os que ela própria estabelecera.

Julia ficou tensa por uma fração de segundo e depois relaxou. Não retirou a mão e na escuridão do cinema as duas irmãs não tinham idade. Tinham 10 anos, e 13, e 40 e muitos. Julia estava absolutamente confiante de poder desenhar o seu próprio destino, e Sylvie abria-se a livros e aos rapazes que iam à biblioteca. Havia tantos momentos, empilhados em cima uns dos outros, e o longo período em que tinham estado de costas voltadas, para o melhor e para o pior.

Sylvie pensou, *Vale a pena morrer por isto*.

Um condutor de queixo firme e desconcertantes olhos azuis descreveu um oito perfeito para evitar um acidente. Os adolescentes no cinema aplaudiram, Sylvie sorriu e Julia apertou-lhe a mão. Sylvie pensou no romance que começara a ler havia pouco — um clássico que adiara durante anos, mas agora já não tinha tempo para adiar nada —, em que a personagem principal adormecia enquanto lia e ao acordar, com o cérebro ainda enevoado, pensava ser aquilo que estava a ler: um cavalo, ou a rivalidade entre dois reis, ou um chalé. Sylvie

gostou desta ideia, e desde que lera aquela linha tinha estado a reinventar-se. Era o cabelo selvagem de Julia e era o lago de onde o seu marido fora outrora retirado e, acontecesse o que acontecesse a seguir, era amor.

Depois do diagnóstico, Sylvie tinha começado a acompanhar Cecelia e Emeline nas suas viagens quinzenais ao grande armazém onde compravam as enormes quantidades de papel higiénico, papel de cozinha, sacos com fecho, leite em pó para bebé e água mineral necessários no superduplex. Cecelia agora tinha um carro, um sedan amarelo-limão, por isso já não precisavam de pedir um carro emprestado a um vizinho. Sylvie não precisava de nada do armazém, claro; ela e William não precisavam de quantidades tremendas de nada para a sua casa de duas pessoas. Mas gostava de ir com as irmãs; trazia-lhe à memória a sua juventude, quando as três voltavam de carro da casa de Julia e conversavam. Gostava de olhar pela janela e ver a sua cidade passar, apressada. Levava um livro e lia-o no carro enquanto as gémeas faziam as compras, e na viagem de regresso partilhava o banco de trás com os produtos de papel. Não sentia culpa por não contar às irmãs que tinha visto Julia. Elas teriam bastante tempo com a irmã mais velha depois de Sylvie partir. Também não achava que elas ficassem chateadas por serem deixadas de fora — pelo menos, não muito. Compreenderiam do que Sylvie precisava e ficariam felizes com a sua sorte em poder reconciliar o seu coração.

No caminho da loja para casa, Cecelia passava sempre pelo parque onde estavam pintados os retratos de Alice e Caroline. As irmãs não saíam do carro; o sedan abrandava e elas viam as obras de arte pela janela. Sylvie adorava o mural, adorava que William tivesse pedido a Cecelia que desse existência à irmã numa pintura. No caminho de volta a Pilsen, num fim de tarde, Sylvie quase pediu a Cecelia que não fosse por esse caminho, porque sentia uma dor de cabeça a chegar e queria ir para casa. Mas não disse nada, e Cecelia avançou para North Lawndale, abrandando o carro no sítio habitual. Sylvie virou-se para olhar pela janela e inspirou profundamente, porque William estava no parque. O seu marido alto, de cabelos claros, estava sentado num banco diante do mural. Só a parte de trás da cabeça e os ombros

estavam visíveis, mas era inquestionavelmente ele.

— Aquele é...? — disse Emeline. Sylvie assentiu com a cabeça; Cecelia também o reconheceu e o carro parou. As três irmãs observaram William a absorver Caroline e Alice. Sentava-se ereto, no banco, e a curva ligeira dos seus ombros disse a Sylvie que ele estava calmo.

Quando a felicidade atingia Sylvie hoje em dia, invadia-lhe o corpo todo e ela sentia-se corada de prazer agora por estar com as irmãs, diante desta vista. Ela não queria que William a visse e dentro de um minuto ou dois pediria a Cecelia para se irem embora. Mas a pontada de preocupação que existia no coração de Sylvie desde que descobrira que estava doente, começou pela primeira vez a abrandar. Ela ia deixar William, mas ele tinha este parque, este banco, esta pintura, e o facto de estar aqui significava que já não desviava os olhos dos bebés de quem se afastara. Estava a contemplar as duas raparigas, o que significava que portas há muito fechadas dentro dele podiam estar a abrir, o que significava que William podia ficar bem sem a mulher. Estava a ganhar terreno, não apenas a perdê-lo.

Alice

NOVEMBRO DE 2008

Nos dias de trabalho, o telefone de Alice vibrava no seu bolso de poucas em poucas horas. Eram mensagens da mãe. Recebera pelo menos vinte mensagens de texto depois do jantar no restaurante grego. As mensagens, fosse qual fosse o seu teor, provocavam um cansaço em Alice. Mas gostava que se acumulassem no seu telefone, como uma espécie de documentação do processo de enlouquecimento da mãe. Ao princípio, eram desculpas ou explicações incoerentes.

Desculpa, mas tinha as minhas razões.

Podemos encontrar-nos só alguns minutos para conversarmos?

Amo-te amo-te amo-te.

Pensei que não te dizer era o melhor para nós as duas.

Tive medo de que quisesses ir viver com o teu pai se soubesses que estava vivo. Convenci-me de que, se fosses a Chicago para o ver, escolherias viver com ele e a Sylvie. Eles podiam dar-te uma família normal, com uma mãe e um pai. Sei que isto parece louco, mas eu estava um pouco louca na altura.

Deves ter perguntas, a que posso tentar responder. Tenho saudades da tua voz.

Alice tinha perguntas, mas não ia pedir respostas à mãe nem à avó. A mãe manipulara-a através dos silêncios toda a sua vida.

Conversas desviadas, perguntas defletidas. Deixara Alice adivinhar e elaborar estratégias sem nenhum dos factos necessários. Ambas lhe tinham mentido — Rose talvez por omissão — e não eram fontes fidedignas.

Quando Alice deixara a mãe no restaurante grego, nessa noite percorrera todo o caminho de Upper West Side para o apartamento em Brooklyn que partilhava com Carrie. Era um andar de um quarto, com um sofá-cama na sala. O arranjo oficial era que as duas mulheres alternavam as semanas no quarto. Havia alguma flexibilidade quando Carrie dormia no apartamento de um namorado, ou se uma delas estivesse demasiado cansada para abrir o sofá, caso em que dormiam ambas na cama de casal. Quando Alice entrou, Carrie já estava de pijama, a escrever num diário no sofá; era a sua semana ali. Parecia a versão crescida da menina de quem a pequena Alice se tornara amiga no jardim infantil: pequenina, grandes olhos azuis e cabelo curto castanho. Alice, da forma como esticara e crescera ao longo dos anos, já não se parecia com o seu eu do jardim infantil.

Carrie mirou Alice da cabeça aos pés e disse:

— Claramente, aconteceu algo muito importante. — Levantou-se e, como se se preparasse para ferver água e ir buscar toalhas, perguntou: — De que é que precisas?

Alice ficou junto da porta até acabar de contar tudo a Carrie. Depois atirou a mochila e o casaco para o chão, descalçou os botins e enrolou-se no divã. Abraçou os joelhos junto do peito e Carrie esfregou-lhe as costas.

— Tens um pai — disse Carrie com assombro na voz.

— Mais ou menos. Ele não é meu pai legalmente. Não me quis. — O cabelo de Alice tapava-lhe a cara, e falou para uma cortina de cor clara.

— Só a tua mãe conseguiria manter um segredo desses durante vinte e cinco anos. — Carrie contava detalhes íntimos da sua vida a estranhos minutos depois de os conhecer e sempre achara desconcertante a compostura de Julia. Uma vez, quando eram adolescentes e Carrie estava a dormir no apartamento delas, perguntara a Julia quando é que tinha perdido a virgindade. Alice e Carrie tinham visto algo acontecer dentro de Julia que fez o seu rosto tornar-se de um tom claro de roxo, e depois tinha dito que precisava

de fazer um telefonema de trabalho — às nove da noite de uma sexta-feira — e saíra da sala.

— Ela podia ter guardado o segredo para sempre. — Alice olhou para Carrie. — Acho que estava a tentar magoar-me com ele. Ela parecia... não sei, um bocado excitada.

— Com o efeito que podia ter em ti? — perguntou Carrie.

Alice assentiu com a cabeça. As lágrimas que queriam cair pressionavam-lhe o interior dos olhos.

— Não percebo porque é que a forma como eu escolho viver a minha vida, que não prejudica ninguém, a incomoda tanto.

— Oh, Alice — disse Carrie.

— Gosto de ter uma vida simples. — Alice estava a sentir todos os fios soltos dentro dela; a tesoura cortara cada um deles. — Não gosto de... sentir demasiado.

— Eu sei. — Carrie ficou calada por um minuto, depois disse: — Tenho tentado ficar calada acerca de ti e da tua mãe desde sempre. Tu sabes isso.

Alice confirmou, já resignada com o que aí vinha.

— Força — incentivou. — Diz o que quiseres.

Carrie fez uma expressão grave; aceitou esta permissão e esta oportunidade com seriedade.

— Muito bem, eis o que eu penso que aconteceu. Do meu ponto de vista, tu selaste-te a ti própria, provavelmente logo depois de a tua mãe te dizer que o teu pai tinha morrido. As únicas pessoas que amavas antes dessa notícia — antes dessa mentira, afinal — são as únicas pessoas que ainda amas com todo o teu coração. As únicas pessoas que te permitiste amar. Eu, a tua mãe e a tua avó. Sinto que, quando éramos miúdas, algumas vezes quase te abriste. Lembras-te de teres tido um fraquinho por aquele rapaz de cabelo espetado quando estávamos no ciclo? Mas depois, fechaste-te completamente. Tens o melhor dos corações, e não o usas. A tua mãe é responsável por isso. É como se ela te tivesse educado para seres um militar de elite, ou algo assim, com um conjunto de capacidades completamente invulgar. A Julia ainda é mais responsável do que eu pensava, visto que te mentiu com todos os dentes toda a tua vida. Obviamente, agora está a perceber isso e está a tentar emendar os seus erros.

— Eu não preciso de ser emendada. — Alice sentiu a sua teimosia,

como uma prega na alcatifa, mas não se importou. — Quem me dera que ela não me tivesse contado.

Carrie inclinou-se e beijou a bochecha de Alice. Parecia mais brilhante, como uma lanterna limpa, depois de ter permissão para fazer o discurso que reprimia há anos.

— Mas a Julia contou-te, e isto também é excitante, sabes? O teu pai está vivo e podes ir conhecê-lo e perguntar-lhe porque fez o que fez. Afinal, tu tens todos os seus genes. Podes ir conhecer esse homem alto.

— Tenho de perceber a cronologia antes de pensar nisso — disse Alice. — Tenho de descobrir o que aconteceu em Chicago. Eu não sei nada, Carrie.

Carrie olhou-a. Sabia como Alice funcionava. As duas amigas eram opostas em muitos aspetos, mas ambas viviam de forma deliberada, não toleravam parvalhões e apoiavam-se sempre uma à outra.

— Como posso ajudar? — perguntou.

— Podes sentar-te comigo e pesquisá-lo no *Google* — respondeu Alice. — E dar-me tempo para processar isto tudo. Não há pressa.

As duas jovens ficaram a pé até às quatro da manhã, no sofá-cama. Era difícil trabalhar, porque havia um barulho vibrante nos ouvidos de Alice, ela tinha dificuldade em ler as frases no ecrã do computador e as imagens eram avassaladoras. O seu pai era o fisioterapeuta principal dos Chicago Bulls, por isso havia imensas fotos dele online. Havia algumas em que conversava com jogadores de basquetebol, presumivelmente acerca de lesões. Também estava em fotografias do *staff*, com trinta outros homens vestindo polos idênticos. Havia apenas uma fotografia mais antiga, da Northwestern University. Era um instantâneo da equipa de basquetebol da universidade, e ele estava de pé na ponta de uma fila, vestindo a camisola da equipa, mas umas calças normais, e usava canadianas.

— Está tão giro nesta foto — disse Carrie. Nas fotografias mais recentes surgia não só mais velho, mas também gasto, como uma pedra na praia. Ela olhou mais de perto. — É de 1982. Então, um ano antes de tu nasceres.

Alice assentiu com a cabeça. Sentia-se ligeiramente bêbeda, apesar de não ter bebido nada exceto grandes quantidades de água no restaurante. Tanto ela como Carrie finalmente adormeceram e, como

no dia seguinte era sábado e os despertadores não tocaram, só acordaram já a manhã ia avançada. Alice tinha uma dor de cabeça, mas também se sentia aliviada, como se lhe tivessem tirado um fardo de cima. Só quando estava a tomar o pequeno-almoço lhe ocorreu que abafara as suas perguntas e evitara procurar respostas toda a sua vida, em deferência para com a mãe. Já não tinha de fazer isso. Podia perguntar a toda a gente tudo o que quisesse. Isto fê-la abrir um sorriso tão grande que o sentiu nas bochechas, e Carrie ergueu os olhos da tigela de cereais e sorriu-lhe de volta.

Alice perguntou-se o que é que aquilo podia significar. Quais eram as suas perguntas? O que é que queria saber? O que é que queria dizer? Nunca tinha considerado aquelas possibilidades; parecia-lhe ter andado a usar palas que agora lhe tinham sido retiradas. O horizonte era interminável, em todas as direções.

Bateram à porta. Era Rhoan.

— A Carrie contou-me tudo. — Sentou-se à mesa da cozinha, como se se juntasse a uma reunião que já tinha começado. — Alice... isto faz muito mais sentido. Sempre senti que estavas à espera de alguma coisa, como se tivesses o ouvido encostado ao chão e não te quisesse mexer, para não a perder. Pensei que estavas à espera de um tipo, mas isto é muito mais fixe.

— Exatamente — disse Carrie.

— Vou pôr a uso o meu quase doutoramento. Sou um investigador de primeira categoria, vocês sabem. Vamos ajudar-te a encontrar cada pedacinho de informação que exista acerca destas pessoas.

Alice começou a objetar, mas Rhoan abanou a sua grande mão.

— Nem imaginas como ficamos felizes por ter a oportunidade de te ajudar! Nunca nos deixas ajudar-te. Dizes sempre que estás bem. Não tens qualquer *drama queen* dentro de ti, Alice Padavano, mas isto é um verdadeiro *drama*.

— Não gosto de dramas — disse Alice para o seu prato.

— Nós sabemos. Mas ter uma oportunidade de ajudar deixa-me tão feliz que estou capaz de chorar.

— Eu estou a chorar — disse Carrie, e estava.

— Eu sei que isto é difícil — disse Rhoan. — Mas deixa-nos cuidar de ti, está bem?

Alice tapou a cara com as mãos e riu-se. Com todos os fios

cortados dentro de si, não tinha maneira de resistir. Sentia o amor dos amigos a atravessar-lhe a pele, a entrar-lhe no corpo, e também chorou.

— Esta mesa — disse ela, quando algo lhe ocorreu. — Esta era a nossa mesa da cozinha quando eu era pequena. Eu tinha 5 anos e estávamos sentadas a esta mesa quando a minha mãe me disse que o meu pai estava morto.

— Caramba — disse Carrie.

— Há história em todo o lado — disse Rhoan. — Gosto disso à brava.

Ele trabalhava numa biblioteca de investigação, e uma semana mais tarde entregou-lhe um dossiê de fotografias e dados biográficos sobre William Waters e as outras três irmãs Padavano. Encontrara fotografias melhores e menos desfocadas do pai dela, e a semelhança de Alice com ele era notável. Magra, alta, a mesma cor de cabelo, os mesmos olhos. Havia uma notícia de jornal sobre o casamento de William e Julia. Na peça, Julia era descrita como uma futura dona de casa e William estava na universidade para se tornar professor de História. A fotografia era um close-up do dia do casamento: Julia estava linda, com um resplandecente vestido branco. William usava um fato elegante e o seu sorriso parecia obediente ao lado do de Julia, que era radioso. Alice examinou a fotografia, surpreendida por a sua mãe parecer tão feliz; não havia vestígios da infelicidade, qualquer que fosse, que a levava a sair do casamento e de Chicago dezasseis meses depois.

Havia informação sobre o curso universitário de William, o seu único ano no programa de graduação em História, um mestrado concluído em psicologia do desporto e a história da sua vida profissional. As notas falavam de duas hospitalizações, uma para uma cirurgia ao joelho durante a universidade, e outra em 1983 — quando Alice era bebé —, num hospital psiquiátrico. A sua doença mental fora provavelmente a causa do divórcio dos pais e de o seu pai ter abdicado dela. Ela e a mãe tinham chegado a Nova Iorque mais ou menos na altura em que William Waters estava no hospital.

Enquanto folheava o dossiê, a mãe enviou-lhe uma mensagem:

Podes dizer-me o que significa em literatura quando uma pessoa perde a sua sombra? Tenho uma ideia de Peter Pan a roubar a sombra à Wendy...

Mostrou a mensagem a Carrie.

— As coisas estão, definitivamente, a ficar interessantes na cabeça da tua mãe — disse Carrie. — Vais responder-lhe?

— Não. Vê só isto: tenho uma prima que é menos de um ano mais velha do que eu. Isabella. A Cecelia teve uma filha. É parecida com todas as Padavanos, menos comigo.

Estavam à mesa da cozinha. Tinham acabado de comer esparguete, uma das poucas refeições que Alice conseguia preparar que sabia bem. Era uma das comidas que preferia cozinhar; a de Carrie era uma salada onde deitava tudo o que encontrava, com resultados variáveis.

— Acabaste de editar aquele romance triste?

— O das *Mulherzinhas*? Sim.

— Então, está na hora de ir a Chicago — disse Carrie. — Podes tirar uns dias de férias. E tens toda a informação que existe nessa pasta.

— Pode haver mais — disse Alice. Sentia o corpo pesado, como se estivesse enraizado na cadeira. Procurou uma distração na sala, mas não lhe surgiu nenhuma. A única coisa que via era mobília em segunda mão e um lava-loiça cheio de pratos que precisavam de ser lavados. — Carrie, ele não me quer conhecer. Nunca quis ter nada que ver comigo. — A amiga fitou-a com os seus olhos grandes. — Não chores — avisou Alice.

— Não choro. Escuta. Ele tomou essa decisão há muito tempo, quando estava numa situação emocional horrível. Pode sentir-se completamente diferente agora. Pode ter passado os últimos vinte e cinco anos arrependido de ter abdicado de ti. Ou a Julia pode estar a mentir-te acerca de alguma parte dessa história. Caramba, a Julia pode ter pagado ao teu pai para ele se manter afastado. O Rhoan não vai encontrar esse género de respostas em jornais antigos. Tens de ir lá e perguntar-lhe.

Ir lá, pensou Alice. Tinha viajado muito pouco na sua vida. Conhecia bem a viagem de quatro horas para Boston. E visitara Rose na Florida. Mas recusara a opção de estudar no estrangeiro e nunca compreendera porque é que as pessoas saíam de Nova Iorque. Esta era a sua casa e, decerto, nenhum sítio podia competir com isso.

— És uma adulta — disse Carrie. — Tens 25 anos. Não *precisas* de

um pai. Só tens de o conhecer e perguntar-lhe como é, para poderes avançar com a tua vida.

Alice escutava a amiga e tentava absorver as suas palavras, mas as ideias de ir a Chicago conhecer o pai e avançar com a sua vida eram contraditórias. Ela estava na sua vida agora; o simples facto de entrar naquele avião ia detonar a jovem mulher segura, prudente e calma que construía desde criança.

William

NOVEMBRO DE 2008

Havia algumas coisas que William sabia sem precisar que lhas dissessem. Sabia que Kent tinha telefonado ao seu psiquiatra, para garantir que os seus medicamentos eram seguros, e que o psiquiatra o escrutinaria durante as suas sessões com um novo nível de preocupação. William sentia também a preocupação de Kent, uma presença que tinha existido em diferentes níveis desde que os dois homens se conheciam. Quando Nicole saíra da casa onde tinha vivido com Kent, durante o divórcio, William dormira no quarto de hóspedes algumas noites, para Kent não passar de casado a completamente sozinho. Ficara grato pela oportunidade de ajudar o amigo durante esse período. Quando Kent pedira desculpa pela sua tristeza, William dissera-lhe que era um alívio dirigir alguma da preocupação para ele, depois de tantos anos a senti-la apontada a si. No final do processo, apesar de Kent ter recuperado algum entusiasmo e amor pela vida, o médico gigante ainda estava em mau estado, e William também sentia isso. Detestava que o amigo tivesse de retomar o seu dever de vigilante sobre a sua própria depressão.

William também sabia que era ele a razão de Julia se manter afastada de Chicago. Com ele na vida de Sylvie, Julia não seria demovida, embora Sylvie merecesse a devoção da sua irmã mais velha. E, finalmente, sabia que Sylvie perdera peso nas últimas semanas. Ela não tinha dito nada, mas estava mais magra, e tinha

sempre frio.

Preparava o jantar todas as noites, tentando satisfazer o apetite minguante de Sylvie. Assava grão-de-bico com sal extra para acompanhar as suas refeições, porque sabia que ela o comeria. Açambarcava gelado de chocolate e menta no congelador e saía logo de manhã para comprar *donuts* frescos. Sylvie sorria quando ele lhe oferecia uma barra de granola ou empurrava a tigela do grão na direção dela. Via o que ele estava a fazer; afinal, sempre vira.

Durante o jantar, uma noite, ela disse:

— Desculpa. Sei que ultimamente não falo muito.

— Não faz mal — disse ele. — Estás cansada.

— É mais do que isso... — Fez uma pausa, como se procurasse as palavras. — É tudo tão rico dentro de mim agora... que me prende a atenção. Sabes aquela frase do Mark Twain, em que ele diz que a única razão para a existência do tempo é não acontecer tudo ao mesmo tempo? Sinto que tudo o que já aconteceu na minha vida está a acontecer dentro de mim. Já nunca estou entediada. Penso acerca de tudo e de toda a gente. Estou contigo agora, e tu também estás comigo aqui — apontou para a cabeça. — O meu pai também está aqui. Eu e ele estamos nas traseiras da mercearia.

William assentiu com a cabeça, mais para mostrar que estava a ouvir do que compreendia. Sabia que, provavelmente, não poderia compreender.

— Isso é agradável?

Ela pensou e depois confirmou.

— É agradável.

Foram diretamente para a cama depois de William pôr a loiça do jantar na máquina. Sylvie precisava de dormir muito, por isso já não passavam uma ou duas horas no sofá, a ler e a ver basquetebol. Depois de fazerem amor nessa noite, dormiram nus, pela primeira vez desde que eram novos. Estavam a dismantelar os seus hábitos e rotinas e era como tirar os tacos do chão e encontrar alegria por baixo.

Antes de adormecerem, Sylvie disse:

— Oh, queria contar-te uma coisa. — Soergueu-se, apoiada no cotovelo. — Estou orgulhosa de mim. — A surpresa na voz dela, e o comentário inesperado, fizeram-no rir. Ela sorriu. — A verdade é que não esperava estar. Quando nos juntámos, pensei que me odiaria um

bocadinho para sempre. Porque se eu fosse uma boa pessoa, ter-me-ia mantido afastada de ti. Teria ficado infeliz. Mas quando fiz esta escolha... — Sylvie fez uma pausa, e William percebeu que o fazia cada vez mais frequentemente. Parecia ser-lhe mais difícil atingir as palavras, como se fossem fruta nos ramos mais altos de uma árvore. — É difícil explicar, mas o nosso amor era tão profundo e vasto que me fez amar tudo e todos ao alcance da minha vista. O que me incluía. — Abriu mais o sorriso. — Sei que parece uma tolice, mas estou orgulhosa de mim. Acho que é por ter vivido uma vida corajosa.

William assentiu com a cabeça, incapaz de falar por um segundo.

— Tens motivos para te sentires orgulhosa — disse.

Ela fechou os olhos, ainda com o sorriso no rosto. Adormeceu rapidamente e William ficou acordado por muito tempo no escuro do quarto. Escutou a respiração da mulher. Estaria orgulhoso de si mesmo? Nunca tinha pensado nisto. Talvez se tivesse sentido assim um punhado de vezes, por momentos fugazes. Quando ajudava verdadeiramente um jogador em dificuldades; quando detetava um problema que mais ninguém tinha visto e encontrava uma solução. Procurou dentro de si próprio e percebeu, com surpresa, que estava orgulhoso por ter ligado a Julia.

Lembrou-se da primeira vez que beijara Sylvie no seu quarto, e como o amor deles tinha permanecido nesse quarto durante os primeiros meses juntos. De certa forma, William nunca deixara de conter o amor deles, segurando-o nas mãos em concha. Sentira-se mais seguro assim. Sabia que não podia perder o amor de Sylvie se soubesse onde ele estava. A sua mulher tinha sido corajosa — fora ela que perdera Julia e magoara as gémeas — mas William nunca arriscara nada. Tinha sido um eterno cobarde, com medo do que podia perder.

Contudo, quando Sylvie adoecera, a pior coisa que podia acontecer, acontecera. Ele tivera de se abrir para a proteger. William procurara ajuda junto da primeira mulher, e o simples facto de fazer esse pedido — através do quarto de século que os separava —, tornara-o vulnerável, não apenas a Julia, mas a um ajuste de contas com o homem destruído que fora durante o tempo que tinham passado juntos. Sempre assumira que a abertura era sinónimo de perigo e que se não segurasse com força a nova vida que construía, esta desmoronaria. Mas com as barreiras em baixo, descobrira que a

vida se tornara maior. Uma fotografia escondida transformara-se em mural. Alice e Caroline estavam ao alcance da mão uma da outra. O seu sogro encontrara uma maneira de mostrar o seu afeto através da distância e do tempo. E o amor de Sylvie, assim que William o largara das mãos, mostrara-se exponencial no seu poder. Expandira-se para preencher todo o espaço em redor dele, que era a sua vida inteira.

Alice

NOVEMBRO DE 2008

O voo mais barato para Chicago partia às 6 horas, por isso Rhoan pediu o carro emprestado ao irmão e ele e Carrie levaram Alice ao aeroporto. Ela sabia que, se não a levassem, sozinha não faria a viagem. Sentia-se estranha, com os membros pesados, depois de duas semanas sem falar com a mãe, sabendo que tinha um pai. Precisava das mãos dos amigos nas suas costas. Carrie oferecera-se para ir a Chicago com ela, mas Alice sabia que tinha de o fazer sozinha.

Impediu-os de lhe darem um abraço de despedida.

— Estou de volta amanhã.

— Podes sempre mudar o bilhete e ficar mais tempo — disse Carrie.

— Quero que vás lá e mostres a essas pessoas o que estiveram a perder — incentivou Rhoan. — Eles são a tua família. Não tenhas medo de lhes ralar, se necessário. Mas também não tenhas medo de sorrir.

Alice atravessou o aeroporto com a sua mochila cinzenta. Seguiu as instruções dos assistentes de bordo ao entrar no avião e fechou os olhos durante toda a viagem. Não suportaria que alguém falasse com ela, nem para lhe oferecer uma bebida. Alice apertou os braços do assento e teve consciência de cada balanço do avião, cada pequena perturbação do ar e do espaço que ocupava.

No O'Hare, um aeroporto labiríntico e gigantesco com tetos de

vidro como uma catedral, Alice esperou na fila dos táxis e deu ao motorista a morada das instalações de treino dos Bulls, na baixa de Chicago. Tentou prestar atenção à cidade enquanto o carro atravessava o rio e penetrava num aglomerado de edifícios altos. Comboios em pontes matraqueavam por cima do carro. Parecia não haver tantas pessoas nos passeios como em Nova Iorque. Ela esperava ver murais, talvez até de Cecelia, mas nesta parte da cidade as paredes estavam vazias.

Alice pensou, *Foi aqui que a minha mãe cresceu. É aqui que vou conhecer o meu pai.* Sentia-se sozinha, quase como uma sensação física: a sua pele formigava como se não tivesse sido tocada em dias. Percebeu que mal conseguia lembrar-se do som da voz da mãe e isto causou-lhe pânico. Estar aqui fazia Alice sentir que tinha, de alguma forma importante e permanente, deixado Julia para trás. Enviou uma mensagem à mãe pela primeira vez desde a noite no restaurante grego:

Uma sombra representa tanto o bloqueio da luz como a outra metade de uma pessoa. Quando uma personagem perde a sua sombra, perdeu uma parte de si própria e tem de procurar para a recuperar.

O táxi parou. Alice pagou e saiu do carro. Sabia que não podia ficar quieta nem permitir-se pensar. Abriu a porta de vidro diante de si e entrou num grande átrio. Ouvia o bater de bolas de basquete à distância e havia alguns homens extremamente altos sentados nos sofás ao canto, com os joelhos levantados. Um homem mais velho, com um apito pendurado ao pescoço, passou por ela, e media mais de 2,10 metros. Alice teve a estranha compreensão de se encontrar num sítio onde as pessoas não teriam qualquer interesse na sua altura; este edifício estava povoado por gigantes.

Aproximou-se da receção. Um jovem levantou os olhos do computador. Pestanejou para ela e disse:

— Em que posso... — Fez uma pausa. — A senhora é tão parecida com um dos nossos fisioterapeutas.

— William Waters? — disse Alice.

Ele assentiu com a cabeça.

— Até arrepia.

— Posso falar com ele, por favor?

— Acho que ainda não chegou. Mas já não deve tardar. Quer sentar-se e esperar?

Ela fez que sim com a cabeça e atravessou o átrio para junto dos sofás. Percebeu, ao sentar-se, que a mobília era invulgarmente alta, concebida para seres humanos com excesso de altura. Alice esforçou-se o mais possível por parecer calma e relaxada e não parecer sobressaltada de cada vez que a porta da frente se abria. Ao fim de quinze minutos, enviou uma mensagem a Carrie:

Quanto tempo espero?

A resposta veio:

Muito tempo.

Após trinta minutos, o jovem da receção foi ter com ela e disse:

— Peço desculpa por estar a demorar tanto. O William normalmente chega a horas. Deixei-lhe uma mensagem no telemóvel, dizendo que estava aqui. De certeza que não tarda.

Alice acenou em agradecimento e, enquanto ele se afastava, imaginou a forma como a teria descrito no voice-mail. Teria dito, *Está aqui uma mulher alta muito parecida consigo?* Ou, *A Filha que nunca quis, apareceu?*

Passada uma hora o estômago dela começou a rugir. Era quase hora de almoço e ela acordara muito antes da madrugada, demasiado nervosa para comer. Viu os olhares de piedade que as pessoas que trabalhavam ali lhe lançavam. Pensou, *Sou uma idiota. Claro que ele sabe que estou aqui e é por isso que não vem. Todos têm pena de mim.*

Enviou uma mensagem a Carrie:

Daqui a dez minutos vou-me embora.

A amiga respondeu imediatamente:

Podes sair desse edifício, mas não podes sair de Chicago. Comprometeste-te a ficar aí 24 horas. O teu bilhete é para amanhã. Telefona a uma das tuas tias. Vê alguém.

Alice refletiu nisto. Acima de tudo, tinha vontade de voltar para o aeroporto. Voltar à sua vida segura e confortável. Fora corajosa em vir

aqui e não tinha resultado. Mas o que Carrie dissera, acerca de Alice se selar depois de perder o pai aos 5 anos, tivera efeito. Ela tinha estado debaixo das asas da mãe; bebera o controlo da mãe com o seu copo matinal de sumo de laranja quando era criança. Tinha 25 anos e nunca se tinha apaixonado, nunca tinha tido sexo. Tinha sido beijada uma vez, por um rapaz bêbedo numa festa da universidade, mas nunca beijara. Gostava da sua vida segura, mas percebia que talvez precisasse de abrir algumas janelas, nem que fosse para mostrar a si própria que conseguia.

— Desculpe, menina. — O jovem estava outra vez diante dela. — Tentei também contactar o Kent, colega do William, porque estão muitas vezes juntos, mas também vai para o voice-mail. Detesto vê-la aí à espera. Que tal deixar-me o seu telemóvel, que eu contacto-a quando o William chegar?

Alice escreveu o seu número de telemóvel no bloco que o homem lhe deu e agradeceu-lhe. Saiu do edifício de cabeça levantada, como se não estivesse embaraçada, como se soubesse o que ia fazer a seguir. E afinal sabia, assim que chegou ao ar fresco do passeio. Podia telefonar à tia Cecelia, cujo trabalho artístico forrava o seu quarto e os seus sonhos. Alice tinha o número dela — tinha os números de todos, aliás — devido à pesquisa de Rhovan.

Enquanto ouvia o telefone tocar, pensou, *Se ninguém atender, volto para o aeroporto.*

Quando uma voz feminina disse «Estou?», o coração de Alice afundou.

— Fala Cecelia Padavano? — perguntou.

— Não... é a Izzy. Está a ligar do hospital? Posso ficar com o recado? Sou filha dela.

— O quê? — disse Alice. — Não, não estou a ligar do hospital. Eu... uh... o meu nome é Alice. Padavano. Acho que és minha prima?

O silêncio imperou de ambos os lados da linha telefónica. Alice mergulhou nesse silêncio como no lado mais fundo de uma piscina, não fazendo ideia de quando ou se chegaria ao fundo.

— Santo Deus — disse Izzy, finalmente. — Alice! Onde estás? Estás em Chicago?

Alice assentiu com a cabeça, e depois percebeu que tinha de falar.

— Sim.

— Vem para aqui imediatamente — disse Izzy. — Precisamos de ti. Vem para casa.

Julia

NOVEMBRO DE 2008

Julia estava no escritório quando recebeu o telefonema. Passava das 18h00 e a maior parte dos seus funcionários já tinha saído; estes tinham-se apercebido, nos últimos meses, que a atenção total que Julia dedicava ao trabalho tinha vacilado. Aproveitavam-se dos seus lapsos com horas de almoço mais longas e dias de trabalho mais curtos. *Já reparei*, queria Julia dizer-lhes, mas não sabia o que dizer a seguir, por isso ficava calada. Ela própria continuava a fazer gazeta, normalmente para passar o dia sozinha no seu apartamento. Já não esperava que as suas ações ou pensamentos fizessem completo sentido. Olhava todos os dias por cima do ombro, perguntando-se se a Julia real se ia colocar a par dela, com o seu rosto sombrio de desapontamento. *Essa* Julia trabalhara tão arduamente para este género particular de sucesso, e *esta* Julia perguntava-se se isso tinha valido a pena.

Quando o telefone tocou, viu que era um número de Chicago. Não era o telemóvel de Sylvie, mas era possível que a irmã estivesse a telefonar da biblioteca ou de casa. Nunca o tinha feito; Julia mandara uma mensagem a Sylvie quando estava a caminho do aeroporto para a sua segunda visita, e essa fora a única comunicação quando não estavam juntas. Mas Julia atendeu o telefone com uma sensação de leveza, uma sensação de que estava prestes a ser a única versão de si mesma que podia suportar atualmente — a Julia que ela era com

Sylvie — e que ouviria a voz da irmã.

— Estou — disse.

— É a Cecelia — disse a voz, e Julia ficou confusa por um momento, porque Cecelia soava como Sylvie e, claro, era sua irmã, mas ela não falava com nenhuma das gémeas há muito tempo.

— Oh — disse Julia incapaz de esconder a surpresa na voz. — Olá. Como es...

Cecelia interrompeu-a.

— Preciso de te dizer uma coisa — disse. — A Sylvie estava doente. Tinha um tumor no cérebro.

— Eu sei. — A garganta de Julia apertou em redor das palavras.

— Como é que sabes? Ela contou-te?

— Porque é que estás a falar assim? — Julia não queria dizer *no passado*. Cecelia disse-lhe que Sylvie morrera subitamente nessa manhã. Enquanto William tinha dado um salto rápido à rua ela fora até à cozinha e caíra. Ao voltar, ele encontrara-a no chão.

— Perguntei-lhe qual era a expressão dela — disse Cecelia. — Precisava de saber se ela parecia assustada. Ele disse que ela estava deitada de lado e parecia ter adormecido.

Julia tinha consciência de segurar o telefone junto da orelha. Tinha de se concentrar para agarrar o auscultador. A conversa que mantivera, nesta mesma secretária, com William, parecia fazer em cima desta de uma forma claustrofóbica. *A Sylvie está doente. A Sylvie está morta.*

— Foi demasiado rápido — disse Cecelia, como se tivesse ouvido os pensamentos da irmã. — Devíamos ter mais tempo. Eu ia ligar-te quando ela ficasse mesmo doente e fazer-te vir para casa. Ia fazer o mesmo com a mãe. — Fez uma pausa. — Liguei à mãe para lhe dizer, mesmo antes de ligar para ti.

— A mãe — disse Julia, como se nomeasse uma tempestade que se aproximava. Rose voltaria para Chicago agora. A morte de Sylvie desalojá-la-ia da Florida; todos seriam desalojados de tudo o que conheciam.

Cecelia suspirou.

— A Emmie diz que eu preciso de continuar a fazer perguntas para conseguir lidar com isto, e provavelmente tem razão, mas eu falei também com o médico no hospital, e ele diz que o tumor se encostou

a algo no seu cérebro, ele disse o nome, mas não me lembro como lhe chamou, o que significa que terá morrido numa questão de segundos. Não se terá apercebido do que estava a acontecer.

Julia obrigou-se a dizer:

— Isso é bom.

Pensou na última vez que vira Sylvie, uma semana antes. Tinham visto um filme de mãos dadas. Era a primeira vez que se tocavam e a energia que vinha do contacto, com todos os anos e *eus* que se encontravam entre elas, com todo o amor, trouxera lágrimas aos olhos de Julia. Quase parecera demasiado, segurar a mão da irmã ao mesmo tempo que não falava com a filha, numa tarde em que não estava onde devia estar e contudo, de alguma forma, estava exatamente onde pertencia. Saberia Sylvie que lhe restavam apenas alguns dias? Fora por isso que segurara a mão de Julia e depois a abraçara no momento de regressar ao aeroporto? Julia ainda sentia o abraço, a pressão do corpo da irmã de encontro ao seu.

— Graças a Deus que a Alice está aqui — disse Cecelia. — Nem acredito no *timing*, mas é uma dádiva tão grande tê-la connosco.

— A Alice? — perguntou Julia como se tivesse ouvido mal. — A Alice está em Chicago?

— Chegou esta tarde. Julia, ela e a Izzy adoraram-se imediatamente. Foi quase incrível, como se se lembrassem de ser bebés juntas. — Cecelia parou e depois disse: — Estás a ouvir-me?

— Estou a ouvir-te.

— Tens de vir para casa imediatamente, para junto de nós.

Julia apanhou um táxi para o seu apartamento e enfiou algumas peças de roupa num saco pequeno. A última coisa que guardou foi o embrulho que Sylvie lhe dera no fim da visita. Julia tencionava ir diretamente para o O'Hare depois do filme, mas Sylvie pedira-lhe para ir primeiro à biblioteca para lhe dar uma coisa. «Dás-me da próxima vez», tinha dito Julia. Sylvie pareceu considerar a ideia, mas abanou a cabeça e disse, «Devo dar-to agora». Julia meteu o embrulho no fundo do saco e voltou ao aeroporto. A viagem para LaGuardia era familiar e soubera-lhe a liberdade das duas vezes que viajara para lá durante o último mês. Julia libertara-se da sua história e identidade e fluíra para o lado da irmã. Sentira, de cada vez, que se dirigia a si própria. No ar entre Nova Iorque e Chicago, agora, Julia sabia que todas as suas três

irmãs eram partes dela. Tinham crescido juntas e durante muito tempo tinham batido com um coração. Reunida com Sylvie, Julia sentira-se mais viva, mais completa.

Durante a sua vida em Nova Iorque achava que se tinha tornado o foguetão do pai, mas essa identidade parecera-lhe mais verdadeira quando estava sentada diante de Sylvie num bar de Chicago, pensando de que forma podia ajudar a filha. Sob o olhar da irmã, Julia sentira-se como da primeira vez que chegara a Nova Iorque: efervescente de possibilidade, os painéis que a mantinham unida abanando de excitação e medo. Agora parecia claro que construía um foguetão em Nova Iorque, polira e dera brilho ao veículo, mas mantivera-o no solo. Para ser o foguetão, tinha de estar com as irmãs, e tinha de libertar a filha.

Julia aceitou uma bebida da assistente de bordo e tentou imaginar Alice na sua cidade natal. A ideia era desconcertante, como se um puzzle tivesse sido presenteado com mais uma peça depois de ter sido completado, e não houvesse sítio para a encaixar. A imagem de Alice pairou por cima do mapa de Chicago na mente de Julia, não por a filha estar no sítio errado, mas por Julia ter removido o seu bebé desse cenário há muito tempo, selando todas as entradas e saídas. Sentiu um alívio intenso, contudo, por Alice saber a verdade acerca do pai. Sylvie teria aprovado a honestidade de Julia, apesar de ter chegado tarde. A ideia da aprovação da irmã cravou um anzol no coração de Julia, e ela teve de fechar os olhos por causa da dor. Todas as suas escolhas, a partir de agora, seriam desconhecidas de Sylvie.

Quando o avião aterrou em O'Hare passava das 23h00, e Julia decidiu dormir no aeroporto do hotel. Sabia que as gémeas estavam à espera dela, mas tinha uma necessidade quase física de se manter fora da cidade e do seu passado e da morte de Sylvie, apenas por mais algumas horas. Enviou uma mensagem a Cecelia dizendo que estaria em sua casa na manhã seguinte e adormeceu com os braços enrolados em volta do corpo. Nos seus sonhos, tentava apanhar Sylvie, que estava alguns passos à sua frente nas ruas de Pilsen. De manhã, bebeu um café enorme na viagem de táxi para Chicago. Sylvie falara-lhe da casa dupla das gémeas. Parecia agora que Sylvie tentara prepará-la para o tempo em que ela vir a casa já não seria um segredo. Voltara a familiarizar Julia com Pilsen — mostrara-lhe os murais de Cecelia,

falara-lhe de Izzy, e explicara-lhe como Sylvie, as gémeas e a sobrinha transitavam pelos dias umas das outras de tal forma que fora preciso deitar abaixo cercas e partilhar casas. Sylvie preparara Julia para quando ela já ali não estivesse, mas os outros todos estivessem.

As gémeas, Julia sabia-o, tinham sentimentos complicados em relação a ela. Tinham-se debatido, ao longo destes anos todos, com os limites que Julia impusera às suas comunicações. Cecelia e Emeline tinham começado por ser extremamente empáticas com ela quando Sylvie e William se tinham apaixonado. No entanto, era óbvio que esperavam e desejavam que Julia amolecesse a sua posição ao longo do tempo, e ela nunca o fizera. *Eu e a Emeline não fizemos nada de errado*, escrevera Cecelia uma vez num postal. *Deixa-nos ver a Alice. Deixa-nos ver-te. Podíamos ir de férias para algum sítio, fazer uma viagem juntas, fazer alguma coisa que não tenha nada que ver com Chicago nem Nova Iorque*. Julia tinha lido aquele postal de pé, na esquina de uma rua, a avenida ao lado dela estranhamente sossegada numa cidade sempre tão barulhenta. Lembrava-se de ter começado a considerar essa ideia, essa abertura, e de depois ter abanado negativamente a cabeça. Sentia-se incapaz de suportar qualquer solução de compromisso. Fechara a válvula para o seu passado — para o seu coração, na verdade — e uma válvula meio-aberta era uma válvula avariada.

Hoje Julia veria também William, pela primeira vez desde que ele lhe entregara um bilhete e um cheque e saíra do apartamento de ambos. Isso acontecera no que lhe parecia outra vida, quando Julia era uma pessoa diferente. Quando pensou em William, descobriu que não se lembrava do seu telefonema de alguns meses antes nem do fim do seu casamento. Lembrava-se dele a sair do ginásio depois do treino de basquetebol, jovem, saudável e bonito. Lembrava-se de o puxar pelas lapelas do seu casaco no frio, pedindo-lhe que a beijasse. Lembrava-se da juventude deles e de como ambos desconheciam quem eram e o que realmente queriam.

Quando bateu à porta de casa de Emeline, tinha as mãos a tremer, porque sabia que Sylvie não estaria do outro lado desta porta. No velório do pai, um jovem trabalhador da fábrica de papel tinha dito, «É impossível que ele tenha partido». E esse homem tinha razão — tinha sido uma perda impossível. Sylvie também era uma perda

impossível. Mas talvez o que parecesse impossível fosse deixar essa pessoa para trás. Quando o nosso amor por uma pessoa é tão profundo que é parte de quem somos, então, a ausência da pessoa torna-se parte do nosso ADN, dos nossos ossos, da nossa pele. As mortes de Charlie e Sylvie faziam agora parte da topografia de Julia; as perdas corriam como um rio dentro dela. Tinha sido uma idiota por se manter afastada tanto tempo, por prescindir de tempo com a irmã. Julia tinha vivido o princípio e exatamente o fim da vida de Sylvie, e isso não era suficiente.

A porta abriu-se, revelando Emeline e Cecelia. As suas irmãs mais novas, que estavam agora a meio dos 40, com rugas finas junto dos olhos. Julia ficou sem fôlego perante a visão delas. Tentara fazer o seu melhor, mas nos últimos vinte e cinco anos tinha-o feito sozinha e, claro — percebia-o agora —, isso nunca teria resultado. Quando dissera a Emeline que ia sair de Chicago, a irmã respondera: *Precisas que estejamos contigo. Podes não o perceber, mas precisas. Precisamos umas das outras.*

Ouviu-se dizer, como se fosse uma saudação:

— Lamento.

— Oh, querida — disse Emeline.

Julia abraçou ambas as mulheres ao mesmo tempo, enterrando a cara no cabelo delas. As irmãs seguraram-se umas às outras, respirando para dentro desta estrutura de três pessoas, tentando encontrar um novo género de estabilidade, ainda que fosse só por um momento.

William

NOVEMBRO DE 2008

William não protestou quando Kent fez questão de o acompanhar a casa quando deixaram o hospital. Nada que ele lhe dissesse faria com que o amigo o deixasse sozinho, William sabia-o bem. No hospital, enquanto William estava sentado numa cadeira na sala à espera do médico, para este lhe dizer, não se Sylvie podia ser salva, porque não podia, mas o que acontecera, Emeline tinha-lhe dado mão. Ninguém, tirando a mulher, lhe dava a mão há muito tempo, e este gesto da cunhada foi uma das formas que o fez ter a certeza de que Sylvie partira realmente. Cecelia passara a maior parte do dia de pé, tentando obter informações de qualquer enfermeira ou médico que cometesse o erro de olhar na sua direção. Kent também andava de um lado para o outro na sala. Ao lado de William, Emeline chorava de uma forma que não tinha dramatismo nem embaraço. As suas faces brilhavam de lágrimas sob as luzes fluorescentes.

Ela disse:

— Queria fazer-te comer alguma coisa, mas sei que não queres.

— Não quero.

Nessa noite, girar a chave na porta do apartamento doeu. Esta abriu-se e revelou o cenário da sua felicidade. William atravessara esta porta onze horas antes com uma caixa de *donuts* na mão, e sorria para si mesmo porque, apesar de ter estado fora menos de meia hora, estava ansioso por ver Sylvie. Agora, Kent estava ao seu lado, e

William não se aproximou da cozinha. Também não iria para o quarto. Disse a Kent que ia dormir vestido, no sofá, e o amigo assentiu com a cabeça. Kent trouxe-lhe um copo de água e deu-lhe um comprimido.

— Isto far-te-á dormir — disse, e William engoliu-o.

Na manhã seguinte acordou, aturdido, e deslizou os pés para o chão. Sentou-se, um movimento que lhe exigiu toda a energia que tinha. Olhou na direção da paisagem que Cecelia pintara, mas não conseguiu absorvê-la. Inalou e exalou ar que lhe sabia horivelmente. Não queria habitar um dia sem Sylvie e, contudo, aqui estava ele.

Kent disse:

— Onde estão os teus comprimidos? — e William explicou-lhe. Tomou a medicação diária que Kent lhe pôs na mão. — Há coisas que têm de ser decididas — continuou Kent. — Acerca do funeral. Vamos às casas das gémeas. — Hesitou. — Na noite passada, tinha algumas mensagens do trabalho. Estás a ouvir-me? — O tom de Kent era gentil. William olhou para ele. — Parece que a Alice esteve nas instalações ontem. Para te ver.

— A Alice? — disse William.

— Chegou aqui quando estávamos no hospital. Passou esta noite em casa da Cecelia. William, não sei se isto é bom ou mau.

William assentiu com a cabeça porque Kent estava a ser honesto. O médico raramente exprimia incerteza.

— Eu não a conheço — disse William, e visualizou a imagem da filha do mural. Uma menina de 10 anos com um sorriso tímido. — Não sei absolutamente nada acerca dela. — Era como se estivesse a explicar que Alice era um teste para o qual não tinha estudado e nunca tivera acesso aos apontamentos ou livros necessários para começar a preparar-se.

Mas também pensou: *A Sylvie queria a Alice*. William sabia que Sylvie adorava Alice quando era bebé. Passara a vida adulta com saudades de Julia e da sobrinha. Agora, Alice chegara, e a pessoa que a queria não estava ali. William estremeceu.

— Não importa — disse, e pôs-se de pé.

— Eu acho que importa — disse Kent. Olhou para o telefone e disse, com um vestígio de divertimento. — A Emeline diz que a Alice tem 1,85 metros. Já não é um bebé que possas deixar cair e magoar, William. É uma mulher adulta.

William imaginou uma gigantesca lâmpada brilhante e teve de pestanejar por causa da luz. Estava numa escuridão enevoadas. Contudo, algo nele não virou as costas à luz. Estava farto de fugir.

A caminho do superduplex, pararam num café, onde Gus e Washington se lhes juntaram. Deram palmadas nas costas de William mas não disseram nada além de *olá*. Quando estavam perto da casa das gémeas, Arash saltou de um táxi. Estava um dia morno de novembro; todos os homens usavam blusões, mas com os fechos abertos. William não tinha noção da temperatura ou do céu claro por cima deles. Reconheceu a presença dos amigos com um aceno. Kent, claramente, convocara aqueles homens para William poder fazer parte de uma equipa num dia em que já não fazia parte de um casamento. Sylvie teria adorado o facto de Kent o fazer, pensou William, enquanto os homens davam grandes passadas, juntos, no passeio.

Kent abriu a porta da casa de Cecelia e entraram. Apenas Cecelia estava ali, e como os sentidos de William estavam mais atentos a todas as maquinações executadas em prol dele, percebeu que isso também era intencional. Esta era uma breve passagem e um momento para ele recuperar a respiração. Cecelia disse-lhes que Rose estava num avião para Chicago e chegaria nessa tarde. Alice e Julia estavam na casa ao lado, com Emeline, Josie e Izzy.

William assentiu com a cabeça porque não podia dizer, *Não, obrigado*, e ir-se embora. Sylvie não havia de querer que o fizesse. Seguiu os amigos e Cecelia pela porta das traseiras, atravessou o quintal e entrou na casa de Emeline. O ar lá dentro cheirava a café e pó de talco. Estavam no corredor, rodeados pelos retratos de Cecelia, quando a campainha da porta tocou, por isso todas as mulheres estavam em movimento quando os homens entraram no *open space* que era sala e cozinha. Um bebé chorava e um adolescente estava à porta, com um saco de papel gigante com a palavra *Bagels* escrita de lado e Emeline procurava dinheiro na mala. Por um canto do olho, William registou uma jovem mulher loura, muito alta e, do outro lado da sala, a sua ex-mulher. Deu por si a dirigir-se a Julia, talvez por saber o que lhe dizer e porque ela desempenhava um papel pequeno na sua perturbação. Disse:

— Podemos falar?

Apesar de parecer sobressaltada, ela assentiu, e foram para a área

da cozinha. Era estranho estar tão perto de Julia. Não a via há vinte e cinco anos e, embora parecesse familiar, Julia já não se parecia com a sua memória da mulher com quem casara. Seria possível que o rosto dela tivesse mudado? Não endurecido, mas solidificado. Ele conhecera-a na suavidade da juventude. Os seus caracóis ainda eram os mais ferozes de todas as irmãs, mas já não eram selvagens, mesmo estando soltos. William tinha consciência de que olhava para ela, em parte, por ainda não ter coragem de olhar para a filha. Sylvie deixara todos os quartos da sua vida, e Alice estava aqui, e a proximidade dos corpos era quase insuportável.

— Porque não vieste? — perguntou. — Eu disse-te que ela precisava de ti.

— Vim — respondeu Julia. — Vi-a duas vezes.

Ele tentou registar isto. Sylvie tinha visto Julia? Sentiu uma pressão no peito, como se estivesse a ser placado pelo alívio. Sentou-se na cadeira de cozinha mais próxima. A pressão estava também atrás dos olhos.

Ele não previra isto, mas não previra nada. Sabia que a mulher estava a morrer, mas não esperava que morresse.

— Queres água? — perguntou Julia.

Ele encontrou um copo de água na mão. Tinha noção, agora, de que toda a gente olhava para ele. Esta não era uma conversa privada. Toda a gente na sala, talvez à exceção de Alice, estava destroçada e sem ar, de tanta dor. Eram incapazes de fingir que conversavam uns com os outros. Apenas podiam ouvir e esperar que ele ficasse bem, porque, se isso fosse possível, tudo era.

— Ela queria manter as nossas visitas em segredo — disse Julia. — Tenho a certeza de que acabaria por te dizer, mas o facto de nos vermos sem ninguém saber parecia entusiasmá-la. Fomos ver um filme juntas, ainda há pouco tempo. Eu passei algumas horas na cidade, em cada uma das vezes. A Emeline e a Cecelia também só souberam hoje de manhã.

Há muito tempo, William escrevera no seu manuscrito: *Devia ter sido eu, não ela*. Nessa altura, pensava na irmã, mas teria morrido de bom grado no dia anterior, ou neste minuto, se pudesse salvar Sylvie. Foi inundado por uma nostalgia sufocante. Se ele *tivesse* morrido, talvez Sylvie ainda estivesse aqui. Ou talvez ele pudesse estar com ela,

onde quer que ela estivesse. William queria pôr novamente as mãos em concha e segurar com força o seu amor pela mulher, segurar com força o amor dela por ele.

Mas isso não era possível. Era demasiado tarde. Ele abrira as mãos semanas antes e deixara fugir tudo. As três irmãs da mulher tinham-se aproximado dele com as testas franzidas de preocupação e os caracóis indomados. William sabia que Sylvie tinha passado tempo com Julia. As duas irmãs tinham-se reconciliado; tinham-se amado não apenas no passado, mas também nos últimos dias de Sylvie. Tinham reparado o que fora quebrado entre ambas, o que significava que a sua mulher tinha encontrado a totalidade. Sylvie obtivera aquilo de que precisava, e isso tornou-lhe possível respirar, mais uma vez.

Alice

NOVEMBRO DE 2008

Alice sentia-se uma astronauta em casa das tias, como se tivesse de usar um fato hermético e capacete por não conseguir respirar a atmosfera nativa, e tinha de prestar atenção quando andava, para não cair. A sua vida normal e segura tinha-lhe sido arrancada e não fazia ideia de como agir, pensar ou sentir. As tias passavam o tempo a puxá-la para abraços. Emeline e Cecelia pareciam iguais e diferentes da mãe ao mesmo tempo. Emeline beijava a bochecha de Alice da mesma forma que Julia, e a voz de Cecelia soava exatamente como a da mãe. Izzy estava tão excitada com a chegada de Alice que era claro que tinha estado toda a sua vida à espera da prima. Izzy falava muito, e Alice perguntou-se se, na sua perturbação por causa da tia, Izzy estava a falar mais do que o habitual para tentar sufocar a sua tristeza. Contou a Alice histórias de família e tagarelou acerca do futuro como se Alice fosse fazer parte dele. As tias também falavam como se a sua presença fosse inevitável, como se ela tivesse saído para fazer um recado e se tivesse atrasado imenso, mas tivesse, por fim, voltado a casa.

Alice tinha passado a noite no mesmo quarto que Izzy, cada uma delas numa cama de solteiro. «Não devemos ficar sozinhas, depois do que aconteceu», dissera-lhe Izzy. *O que é que aconteceu?*, queria Alice dizer, porque gostaria de o ouvir em forma de lista, de uma maneira que pudesse tentar compreender. Ela tinha chegado a Chicago para

conhecer o pai e, no mesmo dia, a mulher dele tinha morrido. Agora, a sua mãe e a sua avó vinham a caminho e ela estava rodeada por pessoas devastadas que acabara de conhecer. Alice dormira com a prima em camas lado a lado, num mundo onde duas casas lado a lado eram partilhadas por todos os moradores, a maioria dos quais eram parentes dela. Havia um bebé minúsculo a viver em casa de Emeline — outra situação misteriosa, porque, ao que parecia, o bebé estava ali temporariamente. O bebé desatava a gritar de quando em quando, e Alice desejava que fosse apropriado fazer o mesmo. Só conseguia estar sozinha na casa de banho. Sempre que entrava numa sala, as pessoas ficavam obviamente deleitadas por vê-la, mesmo que a tivessem visto minutos antes.

Alice acordou muito cedo nessa manhã, antes de todos os outros, e caminhou pelos corredores. Queria ver as pinturas de Cecelia, que estavam em todo o lado. Para onde quer que se virasse, retratos de mulheres com quinze centímetros de altura enchiam os espaços do chão ao teto. Havia uma pintura de Julia adolescente diante da qual Alice se deteve alguns minutos. Era-lhe difícil acreditar na ideia daquela mãe tão jovem e aberta como aparecia na tela. Havia a mulher antiga, de aspeto feroz, que Alice tinha visto em ilustrações da pintura de Cecelia e que também aparecia nas laterais de edifícios em Chicago. Izzy explicara-lhe que era Santa Clara de Assis, uma santa importante para as irmãs Padavano. «Parece uma mulher implacável, não é?», dissera Izzy.

Cecelia tinha pintado Rose quando era jovem e bonita, com o cabelo preto afastado do rosto. Uma bisavó severa, que aparentemente ninguém conhecera tirando Rose, estava também na parede; Cecelia pintara-a a partir de uma fotografia que Rose tinha dos pais. As paredes estavam decoradas com a linha matriarcal da família Padavano, além da santa que aparentemente marcava quer a sua força quer as suas tolices. Havia uma pintura de uma menina ruiva; Izzy explicara a Alice que era a irmã de William, que morrera quando era muito pequena. *Outra tia*, pensou Alice, porque ter uma tia morta com 3 anos fazia tanto sentido como tudo o resto. Apenas um homem aparecia na parede: Charlie, o avô que era claramente amado por todos, e o único membro da família de quem tanto Rose como Julia lhe tinham contado histórias quando era pequena. No retrato, Charlie

estava sentado num cadeirão, com o rosto iluminado por um sorriso. Havia retratos de Alice e Izzy bebês e pinturas individuais das várias fases do crescimento das duas meninas. Alice ficou comovida por se encontrar, em idades diferentes, em quase todas as paredes. Tinha estado dentro daquelas casas antes de saber que existiam. Talvez isto explicasse a familiaridade com que a prima e as tias a tinham recebido. Pareciam *conhecê-la*, ainda que apenas por ser uma delas, de uma maneira que a própria Alice não estava certa de se conhecer.

Quando Julia chegou, Alice deu-lhe um abraço de saudação, mas as duas mantiveram a distância depois disso. Alice não estava preparada e sentiu-se grata por Julia perceber que não devia forçá-la a falar. Fosse como fosse, havia tantas outras pessoas que queriam a sua atenção que nenhuma das mulheres tinha um minuto em que não estivesse a pestanejar na direção de uma emotiva irmã, tia, sobrinha ou prima, tentando encontrar as palavras certas numa situação desorientadora. *Além disso*, pensou Alice dirigindo-se à mãe, *vim aqui por causa dele, não de ti. Tu deste-me perguntas, eu preciso de respostas.*

Alice estava sempre a relançar a porta da frente, sabendo que o pai chegaria em breve. Queria estar preparada, o mais composta possível. Esperava poder transmitir uma impressão de independência ou mesmo indiferença através do seu corpo, *Nunca precisei de ti, e menos ainda agora.* Mas o pai entrou pela porta das traseiras ao mesmo tempo que a campainha da frente tocou, e o bebê que estava ao colo de Josie desatou a chorar. O ar pareceu evaporar-se da sala, e Alice não conseguia respirar. Havia um barulho insistente na sua cabeça. *Não olhes para mim*, pensou, e felizmente ele não olhou, por isso ela teve uma oportunidade de o observar. William Waters estava acompanhado por alguns homens gigantes, todos com expressões graves. O pai não parecia ostensivamente mau ou alguém que não gostasse de crianças e por isso tivesse facilmente abandonado a sua. A sua expressão era de tristeza desarmada. Tinha a cara e os olhos de Alice. Era verdade, como Alice suspeitava há muito, que quando ela se olhava ao espelho, o pai devolvia-lhe o olhar.

Viu o pai dirigir-se à mãe. William estava agora a falar com Julia, a cinco metros de distância. O homem que abdicara dela e a mulher que fora toda a família de Alice até 24 horas antes.

Na noite anterior, já tarde, na sua cama ao lado da prima, Alice

perguntara: «Sabes porque é que o William não quis ser meu pai?». Izzy tinha ficado calada por um minuto, depois respondera: «Acho que tinha medo de te fazer mal, por causa da sua depressão.»

Izzy veio colocar-se ao lado de Alice.

— Estás bem? — sussurrou.

Alice fez uma espécie de careta à prima, porque não queria mentir. Não sabia se estava bem. Não sabia nada. Alice trancara-se muitos anos antes. Nunca tinha dito a um rapaz que gostava dele, nem conduzira um carro em excesso de velocidade, nem se embebedara a ponto de perder a noção das palavras que lhe saíam da boca, mas agora aparecia num mural algures em Chicago e em retratos nas paredes desta casa, e via-se no homem do outro lado da sala. Existia fora do seu próprio corpo — estava espalhada por este chão — mas de alguma forma isso tornava-a menos vulnerável. Estava pintada nesta família, espelhada no rosto do pai. Era mais abundante do que acreditara ser possível.

William sentou-se, e os outros homens e mulheres na sala avançaram imediatamente, como se fossem uma estrutura externa concebida para impedir o seu pai de colapsar. Homens como torres inclinavam-se para ele, transmitindo-lhe a sua própria força grandiosa. Alice, no mesmo momento, deu um passo atrás. *Toda a gente aqui o ama*, pensou, fascinada. *Amam-no tanto*. Percebeu que esperava que o pai tivesse uma vida menor do que a dela. Afinal, abdicara dela. Isso parecia uma retirada, uma recusa em viver. Mas alguém que virava as costas às pessoas não inspirava este género de reação. Ela nunca estivera numa sala com tanto amor e mágoa, com tanta emoção.

Alice recuou até se encostar a uma parede e olhou pela janela para a rua de Pilsen. A perturbação do pai era pessoal, e ela não o conhecia como as outras pessoas ali presentes. Não queria olhar, estupefacta, como se estivesse a ver um acidente numa autoestrada. Tinha também a estranha sensação de que era um contrapeso para este homem que se parecia tanto com ela. Estavam ambos sem cor, altos e magros, taciturnos de alguma forma elementar. Alice sentia que, se avançasse e fixasse os olhos nele, William Waters não conseguiria levantar-se da cadeira. Ela atolá-lo-ia aí, com as energias dos dois a misturarem-se até ele ficar demasiado pesado para se mexer. Ela tinha de se manter à distância, do seu lado do balancé que

os conectava, para lhe dar uma oportunidade. A certa altura, William levantou-se e saiu da sala. Ainda com o blusão vestido, dirigiu-se à porta das traseiras.

Alice sentiu estar a esgotar-se apenas por se estar a encostar àquela parede. Tinha consciência do coração a bater-lhe no peito, como se tivesse subido uma colina a correr. *Que está a acontecer-me?*, pensou.

Um homem de rastas e óculos avançou para Alice.

— Sou o melhor amigo do teu pai — disse. — Chamo-me Kent. É um prazer conhecer-te, Alice.

Ela apertou-lhe a mão. Qualquer informação que recebesse, era nova. O pai tinha um melhor amigo, a sua própria versão de Carrie.

— Andei contigo ao colo quando eras pequena — disse ele, e depois abanou a cabeça, como que para a limpar. — Deves sentir que entraste num remoinho.

Alice imaginou um bebé nos braços daquele homem enorme. Acabara por compreender que tinha tido ali uma vida quando era bebé, que por um curto período, antes de ter memória, fizera parte deste mundo. Estas pessoas lembravam-se dela, apesar de ela não se lembrar deles. «A Sylvie amava-te muito», dissera-lhe Emeline. «Teria ficado muito feliz por estares em casa.»

— Quando uma pessoa velha morre — continuou Kent —, mesmo que essa pessoa seja maravilhosa, está de alguma forma preparada, assim como aqueles que a amam. São como velhas árvores cujas raízes se soltaram no chão. Caem gentilmente. Mas quando alguém como a tua tia Sylvie morre, antes do seu tempo, as suas raízes são arrancadas e o solo é esventrado. Toda a gente nas proximidades está em perigo de ser derrubado.

Alice pensou nisto. O mundo dela tinha sido sempre tão pequeno, constituído por muito menos pessoas do que as que se encontravam agora nesta sala. Tinha sido Alice e a mãe, as suas raízes entrançadas lançadas bem fundo na terra. Quando olhava para as tias à sua volta, contudo, e para a mãe, que mantinha à distância, e a sua prima de cabelos escuros, que de alguma forma Alice amara imediatamente quando ela lhe abrira a porta, sabia que algo estava a acontecer às suas próprias raízes. Estava a acontecer algo debaixo do chão que ela pisava.

— O teu pai precisa de um pouco mais de tempo — disse Kent. — Por favor, não o deixes.

A última frase surpreendeu-a. Afinal, William é que a tinha deixado. Seria sequer possível que ela deixasse uma pessoa que nunca tinha conhecido, que declarara legalmente, quando ela ainda era bebé, que não queria ter nada que ver com ela? Mas o homem grande diante de Alice dava a impressão de que o *seu* terreno tinha desmoronado. Parecia cansado e bondoso, e por isso ela disse, «Não deixarei», sem saber com que estrutura temporal estava a concordar ou o que significava não o deixar.

O longo dia parecia não ser limitado pelos movimentos regulares de um relógio. As horas inchavam como bolhas, flutuando através das salas cheias de gente. Primeiro serviram-se *bagels*, mais tarde pizzas e bolachas. Ocasionalmente surgia uma discussão sobre planos para o funeral, mas William ainda estava lá fora e ninguém queria incomodá-lo, por isso não se podiam tomar decisões finais.

— A Sylvie não ia querer um velório e funeral católicos — disse Cecelia, e ambas as irmãs concordaram.

Rose chegou a meio da tarde, usando um vestido preto, dramática na sua tristeza. Na noite anterior, Izzy listara para Alice as batalhas que a avó escolhera um quarto de século antes.

— Deixou de falar com a minha mãe quando ela engravidou de mim, nunca reconheceu que eu existo e está zangada com a tia Emeline por ser gay. — Sylvie contava pelos dedos. — Ficou danada com a Sylvie por casar com o teu pai. Acho que também ficou zangada com a tua mãe durante algum tempo por se ter divorciado, mas depois passou-lhe.

Mesmo antes de Rose chegar, Cecelia disse:

— A mãe vai fingir que fomos uma família feliz este tempo todo, e acho que devíamos alinhar.

Cecelia tinha razão. Rose entrou pela casa e abraçou cada uma das filhas como se a tivesse visto na semana anterior. Quando Izzy avançou, avó e neta fitaram-se, um momento que evocou séculos de mulheres aguerridas da sua linhagem. Depois Izzy disse: «Fez uma longa viagem. Tem fome?», e Rose sorriu com um alívio óbvio.

Aceitou uma bolacha que Izzy lhe deu e disse que era uma das bolachas mais deliciosas que tinha comido em anos. Rose elogiou a cor de cabelo de Josie e disse a Emeline que o bebé que ela acolhia nesse momento tinha feições bonitas. Vestiu o casaco para ir lá fora falar com William por alguns minutos e depois sentou-se à mesa da cozinha, como que reclamando o seu trono. Perguntou-se em voz alta como podia ter sobrevivido à sua própria filha.

Os amigos de William faziam turnos para andar com ele às voltas pelo quintal; por vezes Alice avistava o seu ombro, o seu cabelo claro, quando passavam por uma janela. Quando o céu começou a piscar em direção ao crepúsculo, chegou uma sandes gigantesca, com pacotes de batatas fritas. Izzy e Alice foram mandadas à loja da esquina para comprar mais pratos de papel. Havia café a borbulhar na cozinha e uma mesa com bebidas alcoólicas para quem quisesse.

— A tua mãe já não está zangada com a Rose? — perguntou Alice a Izzy, quando se dirigiam à loja.

— Diz que a perdoou logo depois de ela a pôr fora de casa, quando tinha 17 anos — respondeu Izzy. — A minha mãe disse que a perdoava porque queria continuar a amá-la. A tia Emmie diz que é a coisa mais impressionante que a minha mãe já fez. Tu perdoarás o teu pai?

Alice ficou outra vez sobressaltada. Perdoar William Waters não lhe ocorrera; apenas se pergantara se podia perdoar a mãe. Sentia-se emocionalmente em pausa em relação ao pai, como se estivesse a ver um filme e à espera de mais informação antes de decidir qual das personagens era a má da fita. Encolheu os ombros para Izzy, embora isso não fosse uma resposta.

Quando as jovens estavam a entrar em casa, ouviram Rose falar com Julia algures atrás da porta, fora de vista. Ambas pararam para escutar.

— Pergunto-me se isso não vos fez bem a todas — disse Rose —, que eu tirasse o pé do pedal durante uns anos. Fui para a Florida e vocês cresceram bem. Construíram as vossas próprias vidas. A Josie é uma boa senhora. Não vejo sentido naquele bebé que têm emprestado, mas é um passatempo inofensivo, creio. E a Izzy lembra-me de mim mesma: é fantástica. — Rose mal parou para respirar, como que aliviada por falar depois de anos de silêncio. — Reparaste na horta da

Emeline e da Cecelia? Não está mal de todo, embora claramente elas não percebam nada de vegetais de inverno. Estão a desperdiçar espaço, e aquelas batatas parecem-me duvidosas, mas tenho de ver melhor amanhã de manhã para ter a certeza.

Alice não conseguia ver a reação da mãe, mas imaginava Julia a revirar os olhos. No entanto, a mãe não disse nada crítico nem indelicado. Cecelia definira o tom e, neste dia, todos os que tinham estado perdidos — incluindo, obviamente, Julia e Alice —, seriam aceites como eram.

— A Rose é fantástica — sussurrou Izzy, e sorriu. — Tudo isto é fantástico.

— É? — disse Alice, com dúvida na voz, e a prima riu-se.

— Fizeste uma piada! — disse Izzy com deleite. — Desde que chegaste que pareces petrificada. — As jovens entraram, por fim, em casa e fecharam a porta. Julia dirigiu-se a elas e fez algo que Alice tinha visto fazer algumas vezes desde que chegara. Puxou Izzy para um abraço e deu um beijo na bochecha da sobrinha. Julia tivera saudades deste bebé, enquanto todos os outros tinham sentido falta do bebé Alice. Parecia a Alice que a mãe era capaz de se conter em relação à filha, em parte, por ter outra rapariga sobre quem lançar o seu amor.

As três irmãs estavam perto delas — Emeline embalando o bebé; Cecelia com círculos debaixo dos olhos e uma pilha de guardanapos de papel na mão; Julia parecendo desconfortável, com as mãos agora vazias ao lado do corpo.

— É verdade — disse Rose — que não haverá um funeral em St. Procopius?

Emeline respondeu com voz doce.

— Não era isso que a Sylvie queria, mãe.

Rose observou a filha a balançar gentilmente sobre os pés para acalmar o bebé. Todos viram a mulher idosa esconder a sua reprovação, esforçando-se por não dizer nada. Alice sentia-se outra vez uma astronauta, com todas aquelas mulheres tão próximas. Tias, avó, mãe, prima. Estava cheia de estática e tinha dificuldade em respirar.

— Pelo menos a Sylvie agora está com o Charlie — disse Rose.

As três filhas que lhe restavam olharam na direção dela, na

direção desta verdade possível. Por um momento pareciam todas rapariguinhas, e Alice viu a esperança nos seus rostos. Estavam a imaginar a irmã com o pai. Ocorreu a Alice que saíra de casa para ver o pai, e Sylvie saíra da sua casa — da sua vida — o que lhe abria a possibilidade de reunião com o seu. Este paralelo era demasiado para Alice refletir sobre ele, mas sentia, como uma sensação física, a presença de William no quintal.

— Sabem o que o pai diria quando visse a Sylvie — disse Julia em voz baixa.

Emeline e Izzy acenaram, e Cecelia disse:

— Olá, linda.

Após um jantar com a sanduíche cortada em fatias, batatas fritas e vinho, Julia pousou a mão no braço de Alice. Já não estava zangada com a mãe. Já não tinha espaço dentro de si para a zanga. Além disso, se se sentira como uma astronauta em casa das tias, reconhecia que a mãe se sentia na mesma. Cada uma delas tinha estado atormentada através dos quartos destas duas casas, porque o que quer que Julia tivesse tirado a Alice durante estes anos todos, também tirara a si mesma. Mãe e filha tinham chegado aqui vindas do mesmo sítio, e estavam presas por um apertado fio de amor.

Para Alice, parte da estranheza desta nova família de Chicago era que elas viviam um género de amor que parecia volumoso; exigia que falassem umas por cima das outras e que vivessem em cima umas das outras, e era uma força que parecia incluir tanto pessoas presentes como ausentes, vivas e mortas. Era notável para Alice que as paredes das casas das tias estivessem cobertas com retratos das mesmas mulheres que caminhavam nos seus corredores.

— Da última vez que vi a Sylvie — disse Julia —, ela pediu-me para te dar algo depois de ela partir. Eu achei que ela ainda tinha tempo e tentei não aceitar, mas... — Abanou ligeiramente a cabeça. — Vamos para ali, para fora do caminho.

As duas mulheres atravessaram a cozinha. Era difícil estar fora do caminho. Ao longo da tarde, tinham chegado mais pessoas. O namorado de Izzy — um jovem robusto e sardento — andava pela casa, a fazer o que as tias lhe pediam. Um homem grisalho chamado

Frank, que disse ter crescido na mesma rua que as irmãs Padavano, estava sentado no cadeirão ao canto. Bibliotecários que tinham trabalhado durante anos com Sylvie reuniram-se junto da bancada do café na cozinha, e tinham chegado também mais homens gigantescos, em tão grandes números que parecia que William, aos 48 anos, era membro de várias equipas de basquetebol. Alguns dos homens eram jovens e musculosos, outros eram jogadores de meia-idade, de ombros inclinados. Kent parecia conhecê-los a todos e andava pela sala abraçando os homens que iam chegando. Era um grupo eclético, e quando foram servidos mais pratos de comida, Izzy gritou a notícia do centro da sala, para chamar a atenção de toda a gente.

Julia viu a filha a observar a multidão e disse:

— É uma grande tolice, mas eu pensei que a vida aqui tinha parado quando parti. Pensei que, se voltasse, estaria tudo igual. Mas não está. É muito maior.

— E barulhento, também — disse Alice, porque era. Ela notou, enquanto as horas passavam, que havia um vestígio de alívio na tristeza coletiva por causa de Sylvie. As pessoas que a amavam estavam contentes por ela não ter sofrido mais; estavam gratas por ter morrido sem dor e por terem sido poupadas ao seu definitivo e ruinoso declínio. Os homens e mulheres presentes riam ocasionalmente, felizes por terem amado Sylvie e felizes simplesmente por se terem juntado. A única pessoa cuja dor parecia demasiado grande para o alívio era William. Ele entrou em casa uma ou duas vezes, mas manteve-se sempre longe da filha e voltou ao quintal poucos minutos depois. Talvez precisasse de ar livre, pensou Alice. Os amigos continuavam a passar tempo com ele lá fora, ao pé da horta ou junto da cerca do fundo. Havia um banco perto de uma pequena fonte, e ocasionalmente William repousava ali com a cabeça nas mãos.

Julia estendeu-lhe um embrulho atado com cordel. Era retangular e parecia sólido.

— É um livro que a Sylvie escreveu sobre a nossa família. Não o li, mas ela diz que é sobre a nossa infância, e o teu avô, e tudo o que aconteceu desde que ele morreu. Disse que andava a trabalhar nele há anos e estava uma grande trapalhada. — Baixou os olhos para o embrulho que segurava. — A Sylvie queria que eu te dissesse que agora é teu e podes fazer o que quiseres com ele. Editar o que existe,

publicar ou deitar fora. Disse que não se importava, mas queria que fosse teu.

Alice pegou no embrulho. O peso familiar do manuscrito nas suas mãos era agradável; sentia-se ligeiramente tonta pela perspectiva desta dádiva.

— A Sylvie sabia que sou revisora?

— Eu disse-lhe. Conte-lhe tudo acerca de ti. Ela queria saber tudo.

Alice assentiu com a cabeça. Não conseguia imaginar um presente mais perfeito; estas páginas dar-lhe-iam todas as histórias e pessoas que lhe faltavam. A sua própria história estava neste documento. E, como um bónus, Sylvie dera à sobrinha uma desculpa para se esconder do mundo afetuoso e barulhento em que entrara, ou pelo menos fazer alguns intervalos dele. Alice tinha decidido — não sabia bem quando tomara esta decisão, algures durante a comoção nas últimas 24 horas — demorar-se em Chicago. Por quanto tempo, não sabia. Emeline e Cecelia tinham-lhe dito que esperavam que ela ficasse para sempre e escolhesse um quarto em qualquer das casas. Alice nunca tirara férias do trabalho, mas oferecer-se-ia umas agora. Ia arranjar um quarto tranquilo para ler.

Izzy começara a contar a Alice acerca da infância das irmãs Padavano, e havia algo de mítico e épico nas histórias que agora segurava nas mãos. A ideia de que esta era uma narrativa em que Alice se encontraria a si própria no final era estranhamente excitante. A união e separação dos seus pais; o seu próprio nascimento. E que faria Alice nas páginas que ainda não tinham sido escritas? Onde viveria? Quem e o que amaria?

Julia olhou para a sala apinhada e depois para a filha.

— Nem acredito que vou dizer isto... — fez uma pausa — mas devias ir falar com o teu pai.

Alice tinha ficado repetidamente sobressaltada desde que chegara, mas isto não a surpreendeu. Parecia-lhe que era o que esperava ouvir. Alice sempre gostara de manter as coisas pequenas para poder, se necessário, pegar no que importava e ir para terreno mais alto. Mas não havia maneira de pegar em tudo o que encontrara em Chicago — desde aquela refeição no restaurante grego, na verdade — e transportá-lo nos braços. As Padavanos tinham-lhe mostrado um

género superior de amor. Era vasto; parecia ser tudo. E agora ela sentia, através da mesma conexão misteriosa que anteriormente lhe dissera que precisava de distância, que o homem calado no pátio seria capaz de a suportar. William Waters estava pronto e, surpreendentemente, ela também.

Pousou o manuscrito na mesa ao seu lado e abraçou a mãe. Julia apertou Alice com força, da mesma forma que a apertara quando Alice era pequenina e queria mostrar-lhe o quanto a amava. Alice sorriu e encostou a cabeça ao cimo da de Julia, misturando o seu cabelo liso com os caracóis da mãe. Izzy dissera algo acerca de perdão, e nesse momento Alice sentia-se inundada dele. Perdoou-se a si própria por se ter fechado, perdoou os pais pelas escolhas arrojadas que tinham feito para a proteger. Perdoou cada erro sobre o qual leria no manuscrito que acabara de receber. Mais cedo, nessa tarde, quando Emeline a vira observar as lágrimas dramáticas de Rose, sussurrara ao ouvido da sobrinha: «Dor é amor.» Agora Alice pensou: *Perdão também*. Mãe e filha ficaram abraçadas no corredor silencioso, numa casa retumbante de vida. Quando se separaram, Alice disse:

— Tenho medo.

— Eu também — disse Julia, mas tirou um casaco da cadeira mais próxima e deu-o à filha. Alice vestiu-o e encaminhou-se lentamente para o exterior.

William

NOVEMBRO DE 2008

William dava voltas ao quintal. Estava febril de dor e andar pela relva parecia-lhe a melhor forma de a expelir, como se fosse suor, através dos poros. Os primeiros sintomas da dor não tinham semelhança com a sua experiência da depressão. A depressão significava desconexão, fechar-se, um silêncio perigoso. Agora, os sentimentos de William chicoteavam-no por dentro como uma mangueira a agitar-se. Precisava de controlar essa mangueira o mais depressa possível, porque Alice estava aqui. Fora suficientemente corajosa para o procurar, e ele tinha de se recompor o bastante para ela sentir que não tinha cometido um erro. Qualquer erro, todos os erros, eram dele.

O seu coração batia com as palavras: *A Alice está aqui.*

Na esteira da partida de Sylvie, Alice chegara a Chicago. Claro que sim. Sylvie costumava usar a expressão *golpe duplo* para se referir à forma como Charlie tinha morrido no dia em que Izzy nascera, e Sylvie, claramente, usara a sua magia para, de alguma forma, trazer a filha a William no dia em que o seu coração se partira. A mulher estava a tentar salvá-lo, mais uma vez.

O Sol acabara de deixar o céu quando William se sentiu calmo o suficiente, preparado o suficiente. Encaminhou-se para casa, mas parou subitamente, porque Alice aparecera à ombreira da porta.

— Ia à tua procura.

— Oh — disse ela. O seu rosto era curioso, pálido, ansioso. — Ias?

William assentiu com a cabeça. Sentia o ar fresco nas palmas das mãos e na nuca. Quando conhecera as irmãs Padavano, tinha reparado nas suas semelhanças: o cabelo, os olhos castanhos, os gestos partilhados. As quatro irmãs pareciam versões diferentes da mesma pessoa. Eram partes de um todo. A jovem que estava diante dele não era nada parecida com elas; era parecida com ele. Uma versão ligeiramente diferente dos seus próprios olhos fitava-o. William nunca se reconhecera no rosto de alguém. Era como encontrar resposta a uma pergunta que não sabia que tinha.

— O que é que ias dizer? — perguntou Alice.

William quase sorriu, porque a resposta era muito simples.

— Olá? — disse ele. — Ia dizer olá.

O rosto dela relaxou e o ar entre ambos também. Nenhum deles pressentia um ataque, pelo menos para já. A aparência de Alice era mais reservada do que a de Julia; estava contida, por trás da cara e dos olhos. William lembrava-se dela em bebé, como ela tinha uma expressão amigável, até otimista, enquanto observava o mundo em seu redor. Apercebia-se de quanto tempo tinha perdido, o abismo entre o então e o agora. Seria a vida construída por chegadas e partidas? Ele tinha casado na família Padavano e depois deixara o seu casamento e a paternidade para trás; Sylvie entrara no quarto de hospital de William e no seu coração, e agora partira. No mesmo dia, a versão adulta de Alice chegara à sua vida.

Ela disse:

— Achava que tinhas morrido, até algumas semanas atrás.

— A tua mãe disse-te isso? — William assentiu com a cabeça, porque lhe parecia correto. Ele tinha morrido, ou amortecido, no que dizia respeito a esta jovem. Mas agora estava vivo, e isso doía. — Preciso de te dizer muitas coisas — disse ele. — Devo explicar-te a escolha que fiz há muito tempo.

— Não precisas de o fazer. Pelo menos, agora — disse Alice. — Lamento pela morte da tua mulher. Não precisamos de falar de tudo hoje.

Olharam-se, e William disse:

— Temos tempo. — Queria que ela soubesse que não ia fugir. Ele aceitara a filha quando estava sentado no banco do parque, embora isso, na verdade, significasse ter-se finalmente aceitado a si próprio.

Alice era a pessoa que mais queria salvar de si mesmo. Ela era uma criança, e ele tinha sido magoado em criança, e essa angústia parecia ter tentáculos que estavam fora do seu controlo. William teria feito tudo para proteger a filha: quando ela era recém-nascida, passava as noites inclinado sobre o berço, escutando para se certificar de que ela respirava; abdicara dos seus direitos parentais, tentara afogar-se num lago. Era por Alice ser tão preciosa que ele acreditava que tinha de se manter afastado. Agora, um diante do outro, a única coisa que restava era o facto de ela ser preciosa.

Talvez tenha dito «Vamos sentar-nos no banco», talvez não o tenha dito em voz alta. Sentia-se vacilar sobre os pés. Conduziu-a até lá e depois sentaram-se no banco de pedra, de costas para a casa. Toda a vida de William retumbava dentro dele, e sabia que Sylvie diria que estava tudo relacionado com o amor — este fora negado, ele acreditara não o merecer, depois permitira-lhe que entrasse. Percebeu, sobressaltado, que amava a rapariga sentada ao seu lado. Amava-a desde o dia em que ela tinha nascido. William sentiu uma onda de calor viajar através de si.

— Não olhes agora — disse-lhe —, mas quantas pessoas pensas que estão a observar-nos?

Alice riu-se, e o som ecoou no ar noturno. Ela não se ria como ele, como Julia, como mais ninguém. Tinha uma gargalhada maravilhosa.

— Sem dúvida, a minha mãe — disse. — Deve ter a cara encostada a uma janela.

— A Emeline e a Cecelia estão a olhar para nós. E a Izzy. O Kent, de certeza. — William imaginou-os, os retratos das pessoas que os amavam, emoldurados pelas janelas das traseiras da casa. Conseguia sentir o seu interesse e preocupação. Também sentia a esperança. A vida tinha-os surpreendido a todos — como se o mar tivesse subido dramaticamente, colocando os seus barcos a grande altura — a meio de um momento de tristeza. Se isto podia acontecer, se William e Alice podiam sentar-se lado a lado e conversar sob o céu noturno, então, em verdade, tudo podia acontecer. Julia podia partilhar novamente a vida com as irmãs; Rose podia abandonar os seus ressentimentos e avançar com leveza; Kent podia encontrar um novo amor.

— Quando fui para a universidade — disse Alice —, demorei

muito tempo até deixar de sentir que vivia com estranhos.

Fez uma pausa, e William esperou. Percebeu que se sentia bem a esperar, sentado no banco de pedra fria, com as estrelas começando a brilhar lá em cima, com aquilo a que Whitman chamava *o lindo cabelo por cortar das sepulturas* a enrolar-se debaixo dos seus pés. Conseguia sentir o prazer da mulher, de qualquer janela que Sylvie estivesse a espreitar, e o de Charlie também. *Vou deixar-vos orgulhosos*, pensou. *Prometo*.

Alice abanou a cabeça e o seu cabelo louro agitou-se-lhe em redor do rosto.

— Quando cheguei, ontem, toda a gente se comportou como se me conhecesse. — Olhou-o. — Sei que não te conheço, mas sinto-me como se conhecesse. Mas é estranho... porque também sinto que não sei exatamente quem sou.

Ouviram-se risos a irromper na casa de Emeline. As pessoas lá dentro estavam a ficar bêbedas, a fazer brindes, a dizer umas às outras como Sylvie tinha sido maravilhosa. Uma irmã Padavano de cada vez afastava-se das janelas para partilhar uma história da sua infância; não conseguiriam evitá-lo. Diriam a toda a gente que Sylvie quase chumbara a várias disciplinas da secundária porque ficava a ler no parque em vez de assistir às aulas, que a entediavam. Os presentes riram-se quando souberam que a responsável pela biblioteca Lozano costumava curtir com rapazes ao acaso nos corredores, quando era adolescente. Uma das irmãs descreveu como, quando Sylvie era pequena, andava pela casa a murmurar — lançando feitiços, afirmavam as irmãs —, enquanto decorava páginas de poesia para deliciar o pai.

William ansiava por ouvir estas histórias repetirem-se nos dias seguintes. Sabia que a mulher não seria esquecida nem posta de lado. As irmãs Padavano falavam de Charlie como se ele ainda fizesse parte das suas vidas, ainda fosse parte delas próprias, e por causa disso, ele era. Havia um mural de Sylvie na lateral de um edifício próximo da biblioteca e pinturas emolduradas dela por toda a casa das gémeas. À distância, devido à sua altura e postura, Cecelia parecia-se com Sylvie; Emeline partilhava os olhos pensativos da irmã mais velha, e Julia, de alguma forma, *continha* Sylvie — como duas roseiras, as mais velhas das irmãs Padavano tinham-se entrelaçado em redor e dentro uma da

outra quando eram novas.

William disse:

— Durante muito tempo, a Sylvie conheceu-me melhor do que eu próprio me conhecia. Por vezes penso — foi a sua vez de ele fazer uma pausa — que precisamos de mais um par de olhos. Precisamos das pessoas à nossa volta.

Alice virou o rosto para cima, como que para estudar o céu noturno, como se precisasse de um local de observação diferente para compreender o que estava dentro dela. William escrevera uma série de interrogações nas notas de rodapé do seu manuscrito, muito tempo antes. *O que é que estou a fazer? Porque é que estou a fazer isto? Quem sou eu?* Podia sentir essas perguntas bem fundo dentro da filha neste momento. Ela não estava destroçada, como ele estivera. Julia cuidara disso. Mas Alice estava a dar passos hesitantes para um novo terreno, perguntando-se se o gelo aguentaria o seu peso.

— Sei que consegues fazê-lo sozinha — disse ele —, mas, se mo permitires, gostaria de ajudar.

Agradecimentos

Helen Ellis, Hannah Tinti e eu sentámo-nos, por casualidade, ao lado umas das outras no workshop de Dani Shapiro na Universidade de Nova Iorque em 1995. Apesar das nossas enormes diferenças, reconhecemos algo umas nas outras e, quando a aula terminou, a Helen sugeriu que continuássemos a encontrar-nos. Estas duas mulheres ainda são as minhas primeiras leitoras, e ouço as suas vozes na minha cabeça quando escrevo. Sou a escritora que sou, e este livro é o que é, graças a elas.

Sinto-me ao mesmo tempo orgulhosa e encantada por ser representada por Julie Barer e The Book Group e por ser publicada por Whitney Frick e The Dial Press. Susan Kamil estava presente para *Dear Edward*, e sinto que ainda permanece connosco. Agradeço muito a Rose Fox, Clio Seraphim e Nicole Cunningham por lerem os primeiros rascunhos deste romance e oferecerem sugestões perspicazes. Loren Noveck e Kathy Lord foram revisoras incisivas e cuidadosas, e têm a minha gratidão. Agradeço à equipa na The Dial Press/Random House, especialmente Andy Ward, Avidesh Bashirrad, Maria Braeckel, Carrie Neill, Debbie Aroff, Madison Dettlinger e Donna Cheng. Tenho muita sorte por ter Caspian Dennis, Jenny Meyer e Michelle Weiner como defensores do meu trabalho, e estou grata por ser publicada no Reino Unido por Isabel Wall e a Viking Penguin.

Quando era adolescente, dormia tantas vezes em casa da minha amiga Leah como na minha, e os seus pais, Louis e Cecilia, eram como segundos pais para mim. Havia muitas razões para eu adorar estar lá,

mas uma delas era o desfile constante das muitas irmãs da Ceil (Toni, Celeste, Rosemary, Caroline e Christine), que entravam e saíam da casa como se fosse a sua. As irmãs eram todas baixinhas, a maioria com cabelos encaracolados, e os seus rostos eram todos tão parecidos a ponto de parecerem diferentes versões de um todo. Inspiraram as minhas irmãs Padavano, e agradeço-lhes por terem sido sempre simpáticas para a menina tímida que estava normalmente ao lado da Leah.

O meu tio Ed enviava-me postais da sua cidade, Chicago, quando eu era pequena, e a saudação era sempre a mesma: «Olá, linda.» Sei que o meu tio não sabia exatamente como é que eu era — raramente o vi —, mas era por isso que adorava a saudação. Sentia que ele acreditava que eu era linda por *dentro*, e como (sendo eu uma criança introvertida e virada para os livros) o meu interior era a minha parte mais importante, isso agradava-me. O título deste romance, e o facto de se passar no bairro de Pilsen, em Chicago, são por causa do meu tio. Na infância, terras mágicas crescem dentro de nós, e o bairro coberto de murais do meu tio foi uma das minhas.

Bibliotecários e livreiros são as melhores pessoas. Os bibliotecários Kolter Campbell e Catie Huggins da McCormick Special Collections and Archives na biblioteca da Northwestern University responderam a várias das minhas perguntas sobre aulas e programas na Northwestern University nos anos 1980, e agradeço o seu auxílio. Katharine Solheim, da Pilsen Community Books ajudou-me a determinar em que rua a família Padavano podia ter vivido, e os seus conhecimentos sobre Pilsen foram inestimáveis. A maravilhosa Biblioteca Lozano fica no centro de Pilsen, tal como no meu romance. A biblioteca verdadeira abriu as portas em 1989; tomei liberdades ficcionais e a minha versão existe alguns anos antes dessa data. Espero, no entanto, ter honrado a biblioteca e a profunda importância de todas as bibliotecas públicas para a nossa sociedade.

Estou grata à minha amiga JJ Lonsinger Rutherford por responder a perguntas sobre como é crescer sendo uma rapariga muito alta. A JJ é aguerrida e divertida e um grande incentivo a que se cresça o mais alto que se conseguir. Também quero agradecer a Dominic Vendell por generosamente responder às minhas questões logísticas acerca de um doutoramento em História. Kevin Konty contou-me, há muitos

anos, que a mãe dele acolhia bebês recém-nascidos quando ele era adolescente, e isso foi tão interessante para mim que estou espantada por a ideia não ter surgido num dos meus romances até agora.

Li numerosos livros sobre a história do basquetebol para escrever este romance e ouvi demasiados podcasts de basquetebol para os enumerar. Nada me faz mais feliz do que sentar-me no sofá com o meu marido e os dois filhos para ver um jogo da Golden State Warriors game. Gostaria de agradecer a Steph Curry pela alegria com que joga, a Klay Thompson pela sua *vibe* singular, a Draymond Green por ser Draymond Green com tão admirável intensidade e a Gary Payton II por saltar pelo campo como uma vara pula-pula humana.

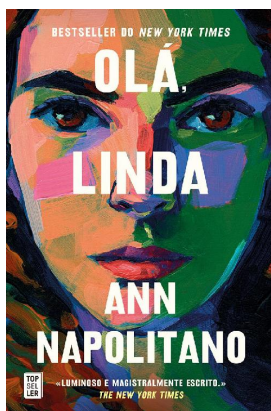
O incrivelmente atarefado Fabrice Gautier — o «osteopata voador para jogadores da NBA com dores ou lesões» — teve a gentileza de me deixar entrevistá-lo sobre a sua abordagem para proteger e fortalecer os corpos dos atletas de elite, e o tempo que me dispensou foi incrivelmente útil.

Os meus bebês são agora mais altos do que eu, e quero agradecer ao Malachy e ao Hendrix por me fazerem rir, me darem abraços e serem a minha melhor claque. Sou grata por ser mãe deles.

Dan Wilde é o meu leitor final, e torna sempre o meu trabalho melhor. Adoro o seu cérebro, que é tão diferente do meu, e o seu coração, que é enorme.

Sobre este livro

**Poderá o amor curar uma pessoa ferida?
Uma história comovente sobre como é possível
amar alguém,
não *apesar* de quem a pessoa é, mas *por causa*
disso mesmo.**



William Waters cresceu numa casa silenciada pela tragédia, na qual os seus pais mal conseguiam olhar para ele, muito menos amá-lo; mas quando conhece a vivaz e ambiciosa Julia Padavano, é como se o seu mundo se iluminasse. E com Julia vem a sua família, pois ela e as três irmãs são inseparáveis: Sylvie, a sonhadora, é feliz com o nariz enfiado nos livros; Cecelia é um espírito livre, apaixonado pelas artes; Emeline cuida pacientemente de todos eles. Com os Padavanos, William experimenta um novo sentimento: *ter um lar*, pois cada momento naquela casa é repleto de caos amoroso.

É então que a escuridão do passado de William vem à tona, colocando em risco não apenas os planos cuidadosamente pensados por Julia para o futuro de ambos, mas também a inexorável devoção das irmãs umas pelas outras. O resultado é uma desavença familiar catastrófica que muda irremediavelmente as suas vidas.

Será a inabalável lealdade que outrora os ligava forte o suficiente para voltar a reuni-los quando é mais importante?

«Um livro comovedor que nos faz querer o melhor para as personagens e seus destinos. Ann Napolitano narra os altos e baixos da vida com uma precisão dolorosa e obriga-nos a contemplar a complexa tapeçaria do amor familiar que, apesar da dor e da perda, pode voltar a unir-nos.»

The Washington Post

Sobre Ann Napolitano

Ann Napolitano. Possui um MFA pela New York University. Foi editora associada da revista literária *One Story* entre 2014-2020, e ensinou escrita de ficção no programa MFA da Brooklyn College, na New York University's School of Continuing and Professional Studies e no Gotham Writers' Workshop.

Em 2019, foi nomeada para o Prémio Literário Simpson/Joyce Carol Oates.

É autora de *Dear Edward*, bestseller imediato do *New York Times*, transformado em série pela Apple TV e escolhido como um dos melhores romances de 2020 pelo *Washington Post*, *i*, Amazon, *Real Simple*, *Fast Company*, *Parade*, *Woman's World*, entre outros. Está publicado em 26 países.

Olá, Linda já vendeu os direitos de tradução para 21 países, foi a 100.^a escolha do Oprah's Book Club, foi leitura de verão de 2023 de Barack Obama, tem estado no top de vendas do *New York Times* e da Amazon desde o lançamento, foi escolhido como o melhor romance do ano da Amazon e um dos lançamentos mais antecipados do ano pela *Elle*, Goodreads, *She Reads*, *Today*, *Lit Hub*, *Library Journal*, *Sunset*, entre outros.